DESAFIANDO O RIO-MAR

Descendo o Amazonas

Tomo II

HIRAM REIS E SILVA

O soberbo e robusto memorial, de mais de quase 1.000 páginas [Amazonas I e Amazonas II], não trata apenas da descrição do notável percurso.

Ele contém fidedignos documentos, descrições geográficas, trabalhos históricos, estratégicos [como o relativo à "estratégia da resistência", com vistas à defesa e guarda da Amazônia], militares, sociológicos, antropológicos, políticos, etc., a par de seleta literatura em prosa e verso.

Tudo é fruto da cultura poliédrica do autor, de sua aguda sensibilidade e de seus vastos e aprofundados estudos, saberes, leituras, pesquisas e experiências em ambiente de selva.

O atraente documentário apresenta farto conteúdo de douta erudição científica. Além do mais, as belezas e lições nele entesouradas são escritas em estilo escorreito, leve e agradável, tudo muito bem ilustrado, sob dimensão e vestidura modernas e embasado em vasta e sapiente bibliografia.

(Coronel Manoel Soriano Neto)

Prefácio

Pelo Coronel Manoel Soriano Neto (*)

A presente obra apresenta um riquíssimo relatório da 3ª fase do "*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Amazonas*". Ela traz a lume um portentoso Estudo acerca de mais um audacioso feito do autor, Coronel Hiram Reis e Silva, que arrostou, a remadas, em um frágil caiaque, o trecho do "*Rio-Mar*", de Manaus [AM] a Santarém [PA], de 23.12.2010 a 22.01.2011. A epopeia foi dedicada ao 2° Grupamento de Engenharia de Construção, sediado em Manaus, nos 40 anos de sua criação, e ao seu ínclito Patrono, General de Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos, o "*Paladino da Integração Amazônica*".

O Coronel Hiram que nos prodigaliza com mais um valioso, pedagógico e patriótico livro é um brilhante oficial de Engenharia do Exército, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre e com larga vivência na Amazônia, onde realizou o Curso de Guerra na Selva. Mercê de seus superlativos méritos, é Presidente da Sociedade de Amigos da Amazônia e do Instituto dos Docentes do Magistério Militar; Vice-Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, RS; Sócio do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e Colaborador Emérito da Liga da Defesa Nacional.

Outrossim, ele vem desenvolvendo um invulgar apostolado cívico em prol da região amazônica, contabilizando nessa faina benemérita, livros, artigos, plaquetas, monografias, além de ser um consagrado palestrante de temas amazônicos, com mais de 300 palestras proferidas, em especial para o público estudantil!

E ainda mais: o valoroso Coronel vem ampliando os seus inexcedíveis conhecimentos acadêmicos sobre a maior floresta tropical úmida do planeta, com uma prática fantástica, ao pervagar a imensa região, na descida de seus principais Rios – em um singelo caiaque o maior número possível de dados, e acabou por ter em mãos um acervo bibliográfico relevante, não só para a historiografia regional, como a nacional. Mas, escrupuloso, o pesquisador não ficou satisfeito apenas com o patrimônio arrecadado. Foi ver com os próprios olhos, a realidade local. Destarte, como Orellana e Pedro Teixeira, por força de suas façanhas náuticas, o Coronel Hiram consagrou o seu ilustre nome, galharda e indubitavelmente, em nossa História, "*ad perpetuam rei memoriam*" ([1]).

O soberbo e robusto memorial, de mais de 1.000 páginas [Amazonas I e Amazonas II], não trata apenas da descrição do notável percurso. Ele contém fidedignos documentos, descrições geográficas, trabalhos históricos, estratégicos [como o relativo à "*estratégia da resistência*", com vistas à defesa e guarda da Amazônia], militares, sociológicos, antropológicos, políticos, etc., a par de seleta literatura em prosa e verso. Tudo é fruto da cultura poliédrica do autor, de sua aguda sensibilidade e de seus vastos e aprofundados estudos, saberes, leituras, pesquisas e experiências em ambiente de selva.

O atraente documentário apresenta farto conteúdo de douta erudição científica. Além do mais, as belezas e lições nele entesouradas são escritas em estilo escorreito, leve e agradável, tudo muito bem ilustrado, sob dimensão e vestidura modernas e embasado em vasta e sapiente bibliografia.

---

[1] Ad perpetuam rei memoriam: para eterna lembrança do feito. (Hiram Reis)

E que o bom lavor deste referencial Estudo, verdadeiro breviário de civismo e de veneração telúrica à região que é a nossa prioridade de número primo, da fecunda produção "*guttenberguiana*" do reconhecido escritor, intelectual, historiador e pensador militar, Coronel Hiram Reis e Silva, sirva de luzeiro àqueles que amam, de fato, a Terra em que nasceram, na inspiração do poeta-soldado Luiz Vaz de Camões:

"*Não me mandas contar estranha História.*
Mas mandas-me louvar dos meus a glória".

(∗) Manoel Soriano Neto: oficial da Turma de 1963, da AMAN. Foi Chefe do Centro de Documentação do Exército; instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, de 1983-86; Comandante do 16° Batalhão de Infantaria Motorizado – Batalhão Itapiru – Natal – RN, 1989-90. É membro do Conselho de História do Exército Brasileiro e da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil. Bacharel em Direito, membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (Resende – RJ), sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, dos Institutos Histórico e Geográficos do Distrito Federal e do Rio Grande do Norte e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Canoar
(Celso Braga)

Canoei, remando livre
Nas águas da minha infância,
Seguindo a trilha de espumas
Do rebojo da distância.

Busquei cidades perdidas
Nas brumas do encantamento,
Vendo na pá do meu remo
Rendilhas do firmamento.

Vi tanta coisa bonita
Nos tons de cada paisagem
Formando imagens e versos
Em redondilhas selvagens.

Hoje vejo que a canoa
– águas onde naveguei –
É um barco cheio de luz
De sonhos que já sonhei.

Mensagens

Cel Eng Antônio Carlos Kern

Prezado Amigo

Após fazer a complementação da leitura da resenha, fiquei extremamente impressionado pela sua jornada. Não somente pela jornada de navegação em si, mas pela sua determinação, convicção, coragem e demonstração de grande conhecimento do assunto.

Sensibilizaram-me muito alguns trechos onde ficam muito bem expostas as qualidades do amigo que sempre apreciei. Fico um pouco envergonhado de ter mergulhado em meus problemas e não ter acompanhado o desenrolar das etapas deste seu projeto. Depois gostaria de acompanhar a repercussão e desdobramentos deste grandioso projeto.

Este seu livro me chega em um momento muito especial de reflexão, com certeza o devorarei por inteiro. Também fico à procura de novos rumos e objetivos. Talvez não tão grandiosos...

Ao longo de alguns anos, acabei concluindo que nem sempre o OBJETIVO é o mais importante, mas sim os processos e etapas que percorremos para tentar alcançá-lo. Dependendo de como conduzirmos isso, os objetivos poderão extrapolar aquilo que planejamos.

Neste aspecto, você está de parabéns! O legado deixado é bem maior que os objetivos que talvez você tenha se proposto. Este seu projeto mostrou a síntese da pessoa que você é.

Que o G∴A∴D∴U∴ o contemple com merecidos anseios.

Ir∴ Osny Araújo

Caro e fraterno Ir∴

Estarei aqui em Manaus, nesta bela e calorenta Cidade no coração da Amazônia, de Pé, e a Ordem à disposição do poderoso construtor social. De início, posso afirmar que farei tudo o que estiver ao meu alcance pelo Ir∴ e lamento, na vida profissional as poucas oportunidades que tenho para visitar a minha querida Cidade, ainda que viva viajando, mas isso não impede alguns contatos, certamente, até porque tenho parentes por lá. No mais, gostaria de agradecer o acesso ao meu modesto Blog, anunciando ao Ir∴, para dentro de mais ou menos 10 dias, entrar na rede o meu site amazonianarede.com.br, que terá muito interesse em cobrir essa aventura do Ir∴ pelos Rios da Amazônia. Um T∴F∴A∴ com as bênçãos do G∴A∴D∴U∴ para que tudo fique verdadeiramente J∴ e P∴

Amigo José Carlos Prado Peres

Caro Cel Hiram, quero parabenizá-lo pela coragem de enfrentar a natureza e de encarar a vida, tão sóbrio, altivo, humilde e solidário, do alto do amor familiar, da alcova familiar extravasa sua jornada em realização e testemunho. Não o conheço, mas admiro, pois homens se fazem de atitudes e as suas são nobres. Quer a vida vê-lo em provas, que as galga e sobrepassa com a galhardia dos heróis anônimos que fazem o cotidiano desta terra varonil. A Hylœa testemunha e glorifica sua luta e sua entrega nesta dimensão e nas outras. Que o G∴A∴D∴U∴ o poupe e proteja de todas as intempéries que a jornada da vida nos reserva. Minha admiração e gratidão por ouvir seus testemunhos.

Um abraço fraterno

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

A. M. Gonçalves Tocantins (1890)

DICCIONARIO
BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO
PELO DOUTOR
Augusto Victorino Alves Sacramento Blake
Natural da Bahia
PRIMEIRO VOLUME
RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1883

Gonçalves Tocantins, segundo o "*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*" de Sacramento Blake:

É natural de Cametá, Província do Pará; engenheiro civil pela Universidade de Liége, de onde regressando à Pátria, aqui foi empregado pelo Governo Provincial. Dedica-se atualmente ao magistério, quer como Lente da escola normal, quer como Diretor do Colégio "Marquês de Santa Cruz", de Belém. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico e escreveu:

- *Exploração do Rio Tapajós: relatório [escrito com J. H. Correia de Miranda] – vem anexo ao relatório da Província pelo Doutor Abel Graça, Pará, 1872.*

- *Relíquias de uma grande tribo extinta na Ilha do Pacoval – vem na Revista do Instituto Histórico, Tomo 39, 2ª parte, 1876 – é datada esta obra de 1872 e lhe serviu para a sua admissão no Instituto.*

- *Estudos sobre a tribo Mundurucu: memória lida perante o mesmo Instituto Histórico e Geográfico – na dita Revista, Tomo 40, páginas 74 a 161. O autor apresenta um quadro comparativo com treze vozes, vindo a portuguesa em primeiro lugar e o Mundurucu em último, afim de facilitar a confrontação do dialeto desta língua com o das três principais línguas americanas: Quíchua, Aymará e Tupy.*

Dizem os doutores Caetano Filgueiras, Moreira de Azevedo e Ribeiro de Almeida em seu parecer, como membros da comissão de admissão de sócio, que Gonçalves Tocantins escrevera e publicara algumas:

– *Memórias geográficas, concernentes ao vale do Amazonas, não conheço, senão o que fica mencionado.* (BLAKE, Sacramento, 1883)

A República, n° 156

Belém, PA – Sexta-feira, 29.08.1890

Ourem

Ao que parece, o Sr. Governador do Estado vai nomear o Engenheiro Antônio Manoel Gonçalves Tocantins para ir em Comissão explorar o Rio Trombetas e afluentes, visto a Intendência Municipal de Óbidos encarecer essa exploração no sentido de se tornar conhecidas as condições de navegabilidade e produtos naturais desse Rio. O mesmo engenheiro, durante o tempo de sua comissão perceberá por dia, como gratificação 15$000, sem prejuízo de seus vencimentos como Lente jubilado de matemática do Liceu paraense. (A REPÚBLICA, n° 156)

A República, n° 182

Belém, PA – Quarta-feira, 01.10.1890

Exploração do Trombetas

Pela carta que abaixo publicamos dirigida ao Sr. Dr. Governador do Estado pelo engenheiro da Comissão encarregada de explorar as savanas do Trombetas, verão os nossos dignos leitores, que aquela Comissão tem se munido de todos os elementos indispensáveis para um êxito feliz e seguro:

Óbidos, 24 de setembro de 1890.

Tanto que aqui cheguei procurei o Sr. Vicente Augusto de Figueiredo, em quem tenho encontrado um homem dedicado ao serviço de seu torrão natal e especialmente à ideia de exploração do Trombetas, cujas grandes riquezas naturais ele conhece.

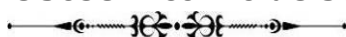
Segundo vossa recomendação e meu pedido ele tratou, desde logo, de reunir o pessoal próprio para esses árduos trabalhos das cachoeiras, preparar uma pequena ambulância e o mais necessário para passarmos pouco mais ou menos dois meses nesses desertos, onde não se encontrará o menor recurso. Talvez mesmo nem encontre os negros do antigo Mocambo, nem os índios selvagens que vagam pelos campos. Entretanto farei diligências para encontrar o Tuxaua Paru, que me dizem ter influência entre índios que vão comerciar com os habitantes da Guiana Holandesa.

O Sr. Figueiredo e outros criteriosos cidadãos de Óbidos afirmam que será mais fácil trazer o gado do Rio Branco à Óbidos do que levá-lo à Manaus, quando estiver estabelecida comunicação regular entre os campos e o Baixo Trombetas. Sobre este assunto ainda não posso formar opinião. Entre os homens que me acompanham vai o irmão do Padre Nicolino, o mesmo que acompanhou aquele ousado explorador até às mais sombrias solidões das florestas, onde o viu fulminado por morte prematura. Assistiu-lhe os últimos momentos, deu sepultura a seu cadáver, e, três anos depois, com enormes trabalhos e sacrifícios, foi exumar-lhe os ossos, e veio sepultá-los em Uruá-tapera, na capela que o mesmo Padre Nicolino havia fundado. Esse homem dedicado me acompanha sem exigir remuneração alguma.

O Sr. Figueiredo, Presidente da Intendência Municipal, tem sido incansável em providenciar para que nada nos falte, nem meio de subsistência e de segurança, nem medicamentos, restringindo-se todavia ao estrito necessário. Continuarei a dar-vos notícias novas todas as vezes que me for possível. O vosso patrício e amigo, A. M. Gonçalves Tocantins. (A REPÚBLICA, N° 182)

A República, n° 192

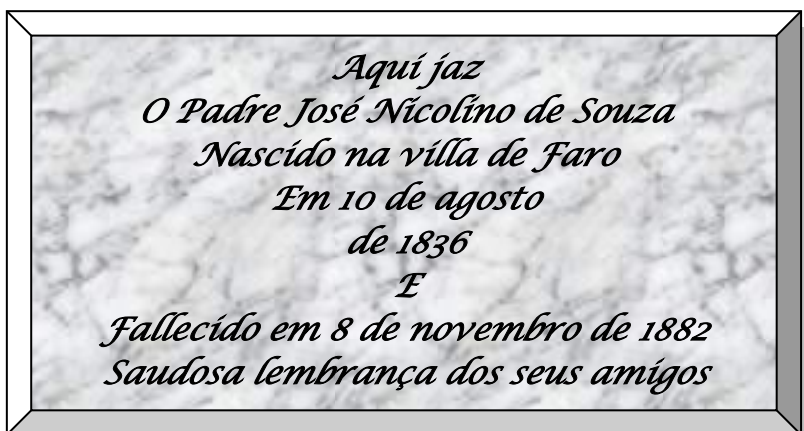
Belém, PA – Domingo, 12.10.1890

Os Últimos Dias do Padre José Nicolino de Souza

Ontem, 28 de setembro de 1890, embarcamos em Óbidos, o cidadão Vicente Augusto de Figueiredo, prestimoso Presidente da Intendência Municipal, e eu, e seguimos no vapor "*Oyapoc*" para Uruá-Tapéra. Viemos verificar se estavam prontas as canoas que havíamos encomendado para minha viagem de exploração no Rio Trombetas e seus afluentes, assim como o pessoal que me deve acompanhar. A imponente beleza do Trombetas inspira o sentimento de profunda admiração ao viajante que, como eu, pela primeira vez por ele penetra. Não foi menor nem menos agradável a surpresa que me causou Uruá-Tapéra, com suas casas bem construídas ao longo da praia de finíssimas áreas, e outras bordando o caminho que sobe em suave declive até o cume da colina que de longe se avista coroada por uma modesta Ermida pintada de branco. Quem conhece essas tantas vilas e cidades do Estado, que contam séculos de existência, entretanto definham em deplorável decadência e ruína, exulta de prazer à vista desta florescente povoação, que a pouco mais de 12 anos, surgiu à margem do Trombetas pelo influxo do gênio criador do Padre Nicolino, como uma flor que brota no deserto. Foi com efeito este sacerdote paraense o primeiro que, encantado da pitoresca situação do lugar, veio de terçado em punho desbravá-lo em dezembro de 1877 ([2]).

[2] Na verdade o Padre Nicolino iniciou sua Primeira Viagem no dia 25.11.1876, e adentrou no Rio Cuminá no dia seguinte. (Hiram Reis)

Com ele, a seu convite, vieram depois os seus amigos, lavradores, comerciantes e pescadores, e o ajudaram no trabalho, dedicaram-se à cultura da terra, edificaram excelentes prédios, estabeleceram casas comerciais, fundaram a povoação e a elevaram ao grau de prosperidade em que se acha.

Desembarcando subi à colina e entrei na Ermida, que fica bem fronteira à Foz do Nhamundá, à cujas margens teve seu berço o Padre Nicolino. Em frente ao altar-mor, uma pedra rasa com 89 centímetros de comprimento sobre 69 de largura, cobre os ossos do fundador da Ermida e da povoação do Uruá-Tapéra. Contém apenas a seguinte inscrição:

Aqui jaz
O Padre José Nicolino de Souza
Nascido na villa de Faro
Em 10 de agosto
de 1836
E
Fallecido em 8 de novembro de 1882
Saudosa lembrança dos seus amigos

Não diz o epitáfio onde faleceu. Seus conterrâneos, porém, não devem ignorar nem esquecer, que a morte surpreendeu e fulminou o. Santo Missionário na mais sombria profundeza dos desertos da Guiana Brasileira. Nenhum Missionário antes dele, no País ou em terras estranhas, sacrificou a vida pela Pátria ou pela, religião mais nobremente. Foi o Apóstolo da Guiana Brasileira. Seu nome se tem tornado legendário em todo o Baixo Amazonas, e todos lhe consagram um culto íntimo de amor e de saudade.

O Sr. Benedito Pereira de Souza Fragata, irmão muito amigo e muito dedicado do Padre Nicolino, o acompanhou em algumas de suas excursões nos desertos do vale do Trombetas. O Sr. Fragata assistiu a morte do ousado explorador e, três anos depois, voltou aos desertos, e trouxe para Uruá-Tapéra os ossos do seu irmão.

E descreveu-me o quadro tocante e os pormenores da agonia, no meio das Florestas virgens, daquele varão para sempre ilustre.

> O mano Padre, disse-me o Sr. Fragata, queria a toda força ir *às malocas dos índios Pianacotó e outros, que estão muito longe, nas cabeceiras do Trombetas.*
>
> *Já duas vezes, haviam ido em procura deles. Passava pelos matos meses e meses, e depois voltava à Óbidos ou à Uruá-Tapéra para fazer as festas da Igreja. Preparou-se para fazer a Terceira Viagem.*
>
> *Quando foi despedir-se do Sr. Ignácio da Gama, que estava muito doente, este lhe disse: "Padre Nicolino, você é meu amigo. Demore por alguns dias a sua partida, para assistir a minha morte e ao meu enterro. Depois você vai para as Cachoeiras e eu vou para outra Vida, porque este mundo não é nosso".*
>
> *Assim fez o mano Padre. Demorou a sua viagem. Assistiu à morte e acompanhou o enterro do Sr. Ignácio Gama, e depois seguimos para as Cachoeiras.*
>
> *Fomos pelo Trombetas acima até à Boca do Cuminá. Entramos por este Rio. Passamos, muitas Cachoeiras. Chegamos à Boca do Sumaúma e entramos por ele 4 horas.*
>
> *Encostamos à margem e construímos uma barraca. Deixamos nossa bagagem, e fizemos voltar a canoa para o Trombetas e seguimos nossa viagem por terra.*

O Sr. Fragata fez-me graciosamente presente daquelas pequenas bússolas, que aceitei reconhecido e guardo como memória do Santo varão, que ousara embrenhar-se no meio das florestas, confiado em tão frágeis instrumentos. A canoa que que vieram, perguntei, era a "*Desengano do Cuminá*", de que tantas vezes fala o Padre Nicolino, no Roteiro de suas primeiras viagens?

Não, essa ficou logo quebrada no meio das cachoeiras.

O Sr. Fragata continuou:

Seguimos pela mata, abrindo uma ligeira, picada, para voltarmos por ela. Andamos, andamos, já não me lembro quantos dias. Encontramos muitos Igarapés e Serras, Montanhas e Lagos.

Encontramos muitos jabotis, matamos veados, caititus, pacas, cutias, macacos de todas as espécies, mutuns, jacamins, jacus, papagaios. Sempre tivemos caça com abundância.

Onças e cobras não encontraram?

Encontramos apenas uma que matamos, porque estava muito teimosa para nossa banda. Matamos também uma cobra preta de três palmos de comprimento, a única que encontramos. Por ali não se encontra cobras porque há grandes bandos de porcos do mato que as devoram.

Às 16h00, de 7 de novembro de 1882, acampamos junto de um Igarapé de fundo de areia branca e água clara e fresca. Tomamos banho. O Padre foi tomá-lo mais longe.

Passou pelos ramos das árvores, por cima de nossas cabeças um bando de macacos quatis, fazendo barulho. Malditos macacos. Matamos três para nosso jantar. O Padre jantou um jacu que matamos em caminho.

Levantamos nossas barracas. Suspendemos nossas redes, uns debaixo das barracas, outros entre as árvores. Juntamos lenha e acendemos fogueira. Depois do jantar, o Padre tomou chá e nós café.

Quantos eram os companheiro do Padre? Perguntei.

Éramos eu, o nosso sobrinho Francisco Figueiredo, o piloto Raimundo Brandão, Francisco dos Santos e Manoel Bahiano, 6 homens. Vinham também cinco meninos, discípulos do Padre, que muitas vezes, à tarde, ou à noite cantavam a ladainha e outros cânticos da Igreja, de que nós todos muito gostávamos de ouvir, porque eram muito bonitos.

O mano Padre, o Francisco nosso sobrinho e eu, armávamos sempre nossas redes perto uma das outras, e conversávamos até alta hora da noite.

O Padre nos disse: "Com mais três ou quatro dias estamos nas Aldeias dos Pianacotó. Com mais um ou dois estamos nos campos".

No dia seguinte, às 06h00, quando os raios do Sol começaram a penetrar no meio das matas, o Padre levantou a cabeça e me disse: "Mano, estou mal. Sinto forte dor no estômago e picadas no ventre". Pediu uns glóbulos homeopáticos de acônito e tomou-os. Entretanto o mal foi se agravando. Tomou ainda alguns medicamentos por ele próprio receitados. Às 15h00, o vômito tornou-se negro. Então o Padre exclamou: "Oh! Minha mãe! Minha mãe!"

Às 17h00, sobreveio-lhe violento acesso de vômito negro, após o qual. o Padre inclinou a cabeça e expirou. Quando os meninos viram o Padre morto ficaram espantados e choraram muito. Nós, os homens, também choramos.

Antes desse dia o Padre Nicolino não esteve doente? Perguntei.

Não, Nunca esteve. Eu é que sofria de febres intermitentes. Quando me dava ataque no caminho, fazíamos alto. Quando passava continuávamos nossa jornada. Por isso, o mano Padre e eu andávamos constantemente ao lado um do outro.

Estava para anoitecer. Preparamos uma cama com palha e ramos de árvores. Sobre ela estendemos uma rede, depois uma coberta de baêta ([3]) e depois um lençol. Deitamos sobre a cama o cadáver do Padre. À cabeceira colocamos um pequeno crucifixo, que ele trazia constantemente sobre o peito. À cada lado do crucifixo acendemos uma vela de cera, que substituíamos por outras, quando estavam consumidas durante toda a noite. A fogueira estava acesa e nós fizemos guarda ao cadáver do Padre.

Quando amanheceu abrimos uma cova perto do Igarapé. As raízes cortamos com machado, e a terra cavamos com a ponta de paus aguçados.

Lavamos o cadáver com água do Igarapé e notamos que estava ele todo coberto de manchas negras. Vestimo-lo com calças de linho pardo, camisa branca e meia.

Estendemos no fundo da cova um lençol, deitamos sobre ele o cadáver e o cobrimos, com outro lençol. Cobrimo-lo com terra e colocamos à cabeceira uma cruz de madeira.

Três dias ficamos ainda acampados neste lugar. De manhã e à tarde nos reuníamos junto à sepultura e rezávamos. No quarto dia de manhã resolvemo-nos a regressar para Uruá-Tapéra. Os meninos começaram de novo a chorar, e vieram caminhando, voltando a vista para traz à cada passo.

---

[3] Baêta: pano de lã felpudo. (Hiram Reis)

Com escrupulosa fidelidade escrevi esta narrativa que me fez o Sr. Fragata, irmão, amigo, companheiro inseparável e o mais íntimo confidente do Padre Nicolino. Quanto mais conheço a vida deste sacerdote, mais o admiro. Os bens que possuiu em vida e deixou em sua morte foram os seguintes:

- *As duas pequenas bússolas, de que já falei;*
- *Uma tosca e velha carteira de cedro, sobre a qual escrevo estas linhas e algumas cadeiras;*
- *Livros muitos, que o Sr. Fragata generosamente me tem oferecido.*

Durante o tempo que residiu no Uruá-Tapéra morou em casa do seu dedicado amigo José Joaquim de Figueiredo, na qual ele apenas ocupava um quarto de 5 metros de comprimento sobre 4 de largo.

De dia transformava o quarto em sala de escola primária, onde ensinava gratuitamente seus sobrinhos e alguns outros meninos da povoação.

Na viagem de exploração que dentro de 4 ou 5 dias vou empreender no Rio Cuminá, procurando, se for possível, chegar até suas fontes, vou com o roteiro do Padre Nicolino em mão. Foi de o primeiro que penetrou por esses desertos, e deixou seu nome gravado em uma pedra à beira dos campos, em frente das Cordilheiras de Tumucumaque, além das quais estão os holandeses de Suriname.

Aos míseros escravos que em grande número fundaram um Mocambo, no meio das cachoeiras do Trombetas, ia ele levar palavras de consolação e pregar o Evangelho.

Foi o apóstolo das Guianas.

Uruá-Tapéra, 29 de setembro de 1890.

A. Gonçalves Tocantins. (A REPÚBLICA, N° 192)

A República, n° 256

Belém, PA – Terça-feira, 30.12.1890

Exploração dos Campos do Trombetas

O Dr. Governador tem recebido notícias diretas da importante Comissão de Exploração dos Campos do Trombetas de que foi encarregado o distinto engenheiro paraense Dr. Antônio Manoel Gonçalves Tocantins. Em carta datada de Óbidos de 27 deste mês, escreve-lhe aquele engenheiro:

> *Acabo de chegar do Alto Cuminá, e apenas tenho o tempo necessário de dirigir-vos estas curtas linhas pelo vapor que vai sair, reservando-me para dar-vos pela primeira oportunidade mais desenvolvidas notícias desta Expedição. Após longa e trabalhosa viagem conseguimos enfim penetrar nos campos, que procurávamos. Todos os homens que me acompanharam regressaram comigo, posto que alguns doentes. Os principais cidadãos de Óbidos manifestaram viva satisfação pelo resultado da Exploração. Os campos são imensamente grandes de extraordinária beleza. Neles encontrará a Indústria Pastoril muitos elementos de desenvolvimento e prosperidade e fonte inesgotável de incalculáveis riquezas*. (A REPÚBLICA, N° 256)

RELATORIO

COM QUE O

Capitão-Tenente Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes

PASSOU A ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DO PARÁ

ao

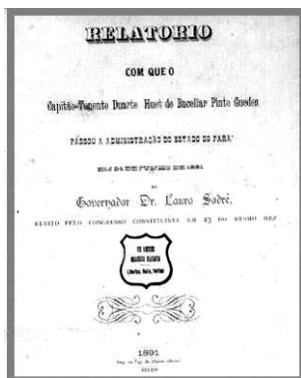
Governador Dr. Lauro Sodré,

1891

Imagem 01 – Relatório dos Presidentes, 1891

Relatório dos Presidentes dos Estados

Belém, PA – 1891

Exploração do Rio Trombetas e seus Afluentes

Um dos bons serviços prestados pelo muito digno ex-Governador deste Estado, Dr. Justo Chermont foi sem dúvida o da Exploração do Rio Trombetas e seus afluentes, da qual foi incumbido o Engenheiro Antônio Manoel Gonçalves Tocantins, já vantajosamente conhecido por trabalhos de igual natureza em outros Rios do Estado. No relatório que apresentou ao meu antecessor e que em seguida transcrevo, encontrareis minuciosas informações sobre o importante Rio Trombetas e seus afluentes.

Sr. Governador do Estado do Pará. Quando vos dignastes encarregar-me de explorar o Rio Trombetas e seus afluentes, recomendastes-me que fixasse especialmente minha atenção sobre a calamidade que pesava sobre a indústria pastoril na Comarca de Óbidos e em outras do Baixo Amazonas, e que, de acordo com os fazendeiros, estudasse os meios de evitar ou ao menos de atenuar no futuro tão consideráveis prejuízos. Com efeito, tendo a enchente do Amazonas o ano passado, subido acima do nível a que geralmente atinge nos anos anteriores, os campos de criação situados à margem daquele grande Rio, dos seus afluentes e dos Lagos que com ele comunicam ficaram inundados. À medida que as águas invadiam e cobriam os terrenos mais baixos, o gado ia-se acumulando nas partes mais elevadas, que nem sempre eram próprias para pastagens, e que eram insuficientes para contê-lo.

O gado miúdo foi logo perdido, e o graúdo foi devastado por violenta peste que sobreveio, e deixou muitas fazendas quase aniquiladas e outras com prejuízo de mais de 50 %. Também me havíeis dito, Sr. Governador, que quando percorrestes o Baixo Amazonas, o ano passado, alguns cidadãos de Óbidos vos falaram com insistência, de uns campos que se dizia existirem nas cabeceiras do Trombetas, os quais talvez se prestassem para criação de gado vacum e cavalar.

Desde então compreendi que a descoberta e exploração desses campos eram o principal objeto da minha Comissão, e tratei de fazer os preparativos para a Expedição que empreendi até as cabeceiras do Cuminá, principal afluente do Trombetas.

Situação da Indústria Pastoril no Baixo Amazonas

Sai de Belém no vapor "*Esperança*", a dez de setembro do ano passado e dirigi-me à cidade de Óbidos.

Como não há estatística relativa à criação de gado vacum e cavalar na Comarca de Óbidos, nem me era possível percorrer todas as fazendas para estudar o assunto por própria observação, procurei os principais fazendeiros e pedi-lhes informações acerca da situação da indústria pastoril nestas regiões.

As informações que obtive me levam à convicção de que a criação de gado vacum e cavalar no Baixo Amazonas não se pode desenvolver além de certos limites. Estes limites são fatalmente fixados pela insuficiência de campos naturais que, por sua elevação, estejam ao abrigo das inundações produzidas pelas enchentes de todos os anos.

Além destas enchentes anuais, que devastam principalmente o gado miúdo, acresce que, por ocasião das grandes enchentes do Amazonas, muitos criadores veem em poucos meses arruinadas as suas fazendas, que lhes haviam custado longos anos de trabalho.

Corre a tradição de que a inundação de 1819 foi grande e devastou totalmente as fazendas. O pouco gado que sobreviveu foi posteriormente aumentado até chegar ao máximo que as campinas comportam e aí ficou estacionado. A grande cheia de 1859 veio então, por sua vez, e também reduziu a quase total aniquilamento.

De novo começaram os criadores a povoar e montar as suas fazendas com insanos trabalhos e ascrifícios e o gado aumentou até chegar ao máximo fatal. então sobreveio a cheia do ano passado, 1890, e com ela uma mortífera peste. A rês que, ferida pela peste, caia morta, entrava imediatamente em estado de putrefação, que nem o couro era possível aproveitar.

A devastação do gado tem sido grande, imensos os prejuízos dos fazendeiros, que estão agora a braços com sérias dificuldades.

Note-se que entre estas principais inundações ocorrem frequentes vezes outras, que não são tão grandes, mas que, todavia, causam nos gados consideráveis mortandades. Tais foram as de 1860, 1861 e outras muitas.

Os fazendeiros estão, com razão, apreensivos e receiam que este ano também lhes seja funesto. Poucas fazendas no Baixo Amazonas terão capacidade para criar mais de duas mil reses, porque a área dos campos altos, onde possam refugiar-se durante

4 ou 5 meses da maior elevação das cheias anuais, é insuficiente. Entretanto, os pastos são das melhores qualidades. A produção é grande, mas o gado miúdo morre muito.

A diferença entre o número dos bezerros assinalados cada ano e o dos que chegam a ser ferrados, é considerável. Há anos que esta diferença chega a 50% em algumas fazendas. Apesar de tantas causas de destruição, a produção é tão grande, que o número de rezes dobra de cinco em cinco anos.

Se a indústria pastoril não tivesse estas perturbações em seu natural desenvolvimento, constituiria hoje uma fortuna imensamente grande. Supondo que, no princípio do século atual, as fazendas que então existiam na Comarca de Óbidos, todas reunidas, não contivessem mais de mil rezes de produção, a que cifra teria atingido até o ano passado, tendo dobrado de cinco em cinco anos?

Teria atingido a cifra de 262.144.000 cabeças. Adicionando-se a produção das outras Comarcas do Baixo Amazonas, chegar-se-ia a uma cifra muito elevada, que constituiria, certamente, na maior riqueza do Estado do Pará.

Campos das Guianas

As duas principais causas que perturbam o natural desenvolvimento da produção no Baixo Amazonas, isto é, a insuficiência de campos apropriados e as inundações, não se dão nos campos do Trombetas, aos quais cabe melhor a denominação de "*Campos das Guianas*", porque o planalto em que estão situados, apoiado sobre o flanco Meridional das Cordilheiras, se estende por todo o vasto território das Guianas Brasileiras.

São Campos Gerais, e estão em tal altitude que as inundações do Amazonas jamais poderão atingi-los. Grande número de colinas se ergue em todas as direções pelo meio dos campos, como ondas de um mar revolto. Sobre as colinas se encontram seixos, pedras ferruginosas, conglomerados. As baixadas estão cobertas da mais espessa camada de terra vegetal e pastos mais frescos e mais abundantes.

O Rio Cuminá, que nasce perto das cordilheiras, atravessa os campos de Norte a Sul e recebe de um lado e outro afluentes de abundantes águas. No ponto em que sai dos campos para penetrar nas matas virgens, que se estendem até a margem do Amazonas, tem 250 metros de largura e sua profundidade varia de 1 a 3 metros.

Na parte que atravessa os campos contém alguns bancos de pedras, mas presta-se para navegação de certa importância, e se fossem destruídas essas pequenas cachoeiras, poderia ser navegado por pequenos barcos à vapor, navegação que se poderia estender na parte do Rio que penetra pelas matas até a Foz do Urucuriana, numa extensão considerável.

As grandes cachoeiras do curso médio do Cuminá, que começam da Foz do Urucuriana, para baixo, até a "*Cachoeira do Tronco*", represam as águas do curso superior e dos afluentes que atravessam os campos. Daí resulta que em todas as estações do ano, os campos contém uma longa distribuição de águas abundantes e puras. Nestas regiões as chuvas costumam ser copiosas. Muitos milhares de miritizeiros e açaizeiros se atendem em longas filas por uma e outra margem dos afluentes do Cuminá. Em algumas baixadas estas palmeiras se agrupam e formam extensas ilhas.

Apesar da baixa Latitude média destes campos, que não vai acima de 2° de Latitude Norte, algumas

circunstâncias locais concorrem para tornar a temperatura branda e o clima mais temperado. Tais são a altitude do planalto, a constante viração do Norte ou de Leste, os Ribeiros e Rios que atravessam os campos, a qualidade do solo sempre coberto de verde relva e a chuva na estação própria.

Quanto a qualidade de pasto, mandei-o examinar por homens competentes. Desse exame minucioso resultou que os fazendeiros de Óbidos estão hoje convictos da excelência dessas pastagens para o gado vacum, cavalar e lanígero ([4]).

Tais são os campos das cabeceiras do Trombetas. Mas estes Campos Gerais não estão circunscritos ao território de Óbidos. No Estado do Pará, eles vão desde as cabeceiras do Nhamundá, nossas fronteiras com o Estado do Amazonas, até as cabeceiras do Oiapoque e Araguari, compreendendo a Comarca de Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Mazagão e Macapá. Estou convicto, Sr. Governador, que, nestes excelentes e vastos campos, a indústria pastoril, tão útil ao Estado e tão nobre, pode tomar grande desenvolvimento e elevar-se a alto grau de prosperidade.

Trajeto de Óbidos aos Campos

Os fazendeiros de Óbidos manifestam desejos de criar gado vacum e cavalar nos campos das Guianas, onde estejam ao abrigo das inundações do Amazonas, que tão fatais lhes tem sido. Entre os principais fazendeiros citarei o Sr. Vicente Augusto de Figueiredo, que se prepara para fundar nos mesmos campos uma fazenda com mil cabeças de gado de criação, logo que esteja aberta uma estrada, por onde o mesmo gado possa transportar.

[4] Vacum, cavalar e lanígero: bovino, equino e ovino. (Hiram Reis)

É de esperar que este exemplo seja logo seguido por outros fazendeiros, e que em breve tempo a indústria pastoril aí se desenvolva em escala sempre crescente. Seria, pois, de incontestável vantagem a abertura de uma estrada que ponha em comunicação a cidade de Óbidos com os Campos das Guianas. O trajeto do gado se faria em dez dias. A estrada teria de atravessar larga zona de matas virgens, muito ricas em produtos naturais, tais como a Castanha do Pará [Bertholletia Excelsa] em grande abundância, cumaru, breu, salsa, copaíba, e extraordinária quantidade e variedade de madeiras de construção. É quanto me ocorre dizer-vos, Sr. Governador, em cumprimento da Comissão de que vos dignastes encarregar-me.

Saúde e Fraternidade.

Óbidos, 20 de janeiro de 1891.

Antônio Manoel Gonçalves Tocantins.

Estrada do Alto Curuá

Por iniciativa própria e a expensas suas, levou à efeito, a Intendência de Alenquer, a abertura de uma estrada que partindo daquela cidade vai ao Alto Rio Curuá, na distância de cinquenta e sete quilômetros. Contava a Intendência, prolongar a estrada até os Campos Gerais das Guianas, não somente no interesse da lavoura e da indústria extrativa como também da indústria pastoril, por oferecerem os "*Campos Gerais*", abrigo seguro contra as enchentes do Amazonas, mas, faltando-lhe os meios e recursos indispensáveis, teve de suspender os trabalhos, adiando a realização de tão importante cometimento, como vereis do seguinte ofício, em que, dando conta do fato, solicita um auxílio pecuniário para levar a efeito o projetado prolongamento.

Paço do Conselho da Intendência Municipal da cidade de Alenquer, 30 de abril de 1891.

Sr. Governador.

É com a mais viva satisfação que tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que no dia 16 do corrente aqui chegou a Comissão, que a Intendência auxiliada por vários cidadãos, organizara para abrir a grande estrada que, partindo desta cidade, fosse ter ao Alto Curuá e Campos Gerais salvando as cabeceiras daquele Rio. A estrada, que foi solenemente começada a 21 de janeiro, alcançou a margem do Curuá a 2 do corrente, medindo até esse ponto 57 quilômetros.

Dirigiu esse importantíssimo serviço o habilíssimo agrimensor Sr. Lourenço Ferreira Valente do Couto, a cujo zelo e patriotismo muito deve o feliz resultado da exploração. Chegado à margem do Curuá ainda o distinto agrimensor fez ligeiras explorações marginando o Rio, vendo-se forçado a voltar porque faleceram os meios pecuniários com que fizesse face as despesas que iam-se tornando mais pesadas à proporção que a estrada se prolongava. No ponto onde terminou o serviço começa-se a notar a aproximação dos Campos Gerais, esse "El Dorado" para o qual voltam-se todas as vistas, pois que de sua exploração depende a sorte dos criadores do Baixo Amazonas.

A estrada percorre um terreno, cuja riqueza natural assombra os mais indiferentes pelo futuro que a providência nos tem reservado. Desde os portos da cidade até a margem do Curuá estende-se um vastíssimo cumaruzal, apenas interceptado aqui e ali por extensos castanhais, copaíbais e andirobais, sem mencionar-se madeiras reais como o jacarandá, a macaúba, o pau-ferro, a maçaranduba e outras.

O terreno cortado pela estrada é de uma pasmosa fertilidade, adaptado inteiramente a fundação de Colônias, principalmente entre os quilômetros 17 à 23, isto é, entre os Igarapés Santa Maria e Santo Antônio.

A despesa com a abertura da estrada importou em cerca de 2:000$000, preço baratíssimo, concorrendo para isso o serviço gratuito de muitos cidadãos, notadamente o do referido agrimensor.

Não podendo a Intendência dispor de mais de 600$000 réis para esse serviço, terminou-se ele com um déficit, que a subscrição popular não pode cobrir.

Falecendo-nos, como disse acima, os recursos para solver o pequeno déficit e continuar a exploração, em nome deste Município, que é o primeiro que por iniciativa própria abalançou-se em tão arrojado empreendimento, rogo-vos, Sr. Governador, queirais vir em nosso auxílio, prestando-nos os recursos necessários para serrar os compromissos do déficit e continuar um serviço de incalculáveis vantagens não somente para este Município, mas também para o Estado, ligando assim, vosso nome ao futuro desta região, fadada por Deus aos mais brilhantes destinos.

Aceitai, Sr. Governador, as expressões de minha estima e alta consideração à vossa pessoa. – Saúde e fraternidade. – Ao Ilustre Sr. Capitão Tenente Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes, M. D. Governador do Estado. – O Presidente da Intendência, Fulgêncio Firmino Simões.

Para não aumentar os encargos do Tesouro, deixei de atender o pedido da Intendência. (TOCANTINS, Gonçalves)

Revista da Sociedade de Geografia, 1° Boletim – Tomo VII

Rio de Janeiro, RJ – 1891

Importantes informações prestadas pelo Sr. engenheiro A. M. Gonçalves Tocantins ao Sr. Governador do Estado do Pará, Dr. Justo Leite Chermont, o por este transmitidas à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Óbidos, 3 de janeiro de 1891.

Amigo e Sr. Dr. Justo Leite Chermont. De volta da Expedição que, por vossa ordem, empreendi ao Alto Cuminá, apresso-me em dar-vos estas notícias enquanto ponho em ordem minhas notas para apresentar-vos- o meu relatório. [...]

Afirmam-me o Sr. Presidente da Intendência Municipal e outros conceituados cidadãos de Óbidos, que, nos tempos passados, nem se falava desses campos, nem se suspeitava de sua existência.

Quando, porém, o Padre Nicolino fazia seus estudos teológicos no seminário de Aix, em França, o velho Padre jesuíta que dirigia esse estabelecimento lhe mostrou um manuscrito redigido em latim pelos missionários da Companhia, o qual continha o itinerário de uma Expedição feita desde o Orenoco até o Prata.

Nesse manuscrito encontrou o Padre Nicolino notas preciosas relativas àquelas regiões, especialmente a notícia da existência de vastos campos ao Sul das Cordilheiras de Tumucumaque.

Regressando ao Pará, e nomeado Vigário de Óbidos em 1875, procurou os pretos dos mocambos do Trombetas e os índios selvagens que andam errantes pelo vale daquele grande Rio, e interrogou-os acerca daquelas regiões. Os mais velhos lhe afirmaram que tais campos existiam, e que por aí viviam tribos de índios mansos e quase brancos.

Então o Padre Nicolino, nascido às margens do Nhamundá, vale do Trombetas, sentindo correr em suas veias larga dose de sangue aborígene, cedendo ao impulso do ardente amor, que consagrava ao seu berço natal e à religião de que era digno ministro, protestou ([5]) descobrir esses campos e chamar as tribos selvagens ao seio da civilização.

Em 1876, empreendeu a primeira Expedição. Saindo do Baixo-Trombetas a 25 de novembro desse ano, avistou os campos a 25 do janeiro do ano seguinte. Não encontrou nenhum gentio, que com tanto afã procurava, e teve de regressar sem demora, porque faltaram-lhe os recursos.

Saiu de Óbidos em 11 de outubro do mesmo ano de 1877, e empreendeu segunda viagem, grande parte da qual foi feita por terra através das florestas. Foi longe, mas teve de recuar antes de chegar aos Campos, passando com sua gente horríveis privações e fome.

Em 1882, empreendeu terceira Expedição e penetrou pelas florestas com incrível audácia. Já não faltava muito para encontrar o aldeamento dos gentios e alcançar os encantados Campos, quando violento ataque de febres e vômitos negros em poucos minutos lhe arrebatam a vida. Com a morte do Padre Nicolino a ideia destas explorações foi caindo em esquecimento.

---

[5] Protestou: assegurou, jurou. (Hiram Reis)

Mas, sobreveio a grande cheia do Amazonas o ano passado, que devastou as fazendas de criação de gado na Comarca de Óbidos e em todo o Baixo-Amazonas. Então o distinto Sr. Presidente da Intendência Municipal de Óbidos e outros importantes fazendeiros lançaram suas vistas para esses imensos e ricos campos, que estão realmente nas condições, não somente de salvar de total ruína a indústria pastoril, mas ainda de elevá-la a alto grau de prosperidade.

Não dispondo a Intendência Municipal de Óbidos de recursos suficientes para empreender tal exploração, recorreu ao Governo do Estado, e vós dignastes-vos encarregar-me desta Comissão, fazendo-me sentir quanto vos afligia a calamidade que pesava sobre a indústria pastoril do Baixo-Amazonas. Chegando a Óbidos, encontrei da parte dos principais cidadãos o mais lisonjeiro acolhimento, e o Sr. Vicente Augusto de Figueiredo, Presidente da Intendência Municipal, tem feito tudo quanto é possível para facilitar-me o desempenho de minha Comissão.

Saí de Óbidos a 6 de outubro do ano passado, segui pelo Amazonas até à Foz do Trombetas e por este até à Foz do Cuminá. Subi pelo Cuminá transpondo muitos quilômetros de formidáveis cachoeiras que tornam este Rio totalmente inavegável. No meio de nossa viagem, ficamos reduzidos a uma só canoa tendo ficado outra quebrada em uma das mais perigosas cachoeiras. Parte da gente teve de caminhar pela floresta, até que construímos uma ubá da casca da árvore de tapari. Chegamos à Foz do Urucuriana, afluente do Cuminá. Pensava o prático que com dois dias de viagem por este Rio alcançaríamos os Campos. Entramos por ele, fugindo das cachoeiras do Cuminá. Mas dez dias levamos perdidos no Urucuriana, tortuoso e sombrio, cortando a machado grossos madeiros que a cada passo atravessávamos de uma a outra margem.

As febres começaram a atacar-nos com mais intensidade. Afinal, desenganados, tivemos de descer toda a extensão que havíamos subido, e seguimos de novo pelo Cuminá acima.

Encontramos à margem esquerda deste Rio um aldeamento de selvagens. Tanto que nos avistaram, correram, só ouvimos choro de crianças, gritos de alarma e latidos de cães. Dois selvagens, que mais adiante encontramos em uma ubá de casca de árvore, também fugiram. Debalde procuramos chamá-los à fala. Deixei-lhes presentes. Quando regressamos, verificamos que haviam recolhido os presentes, mas fugiram ainda, apesar dos esforços que fizemos, não nos foi possível falar-lhes.

Possuem alguma ferramenta, proveniente da colônia holandesa de Suriname, que lhes fica muito mais próximo do que a cidade de Óbidos. Enfim, alcançamos os Campos que com tanto afã procurávamos.

No cimo de uma belíssima colina de 400 metros de altura, que se ergue no meio dos campos, à margem do Cuminá, despida de árvores, mas coberta de verde alcatifa de abundante e fina relva, a 28 de novembro ao amanhecer, tive a satisfação ver içada a bandeira do Clube Republicano do Pará, ao lado da qual também tremulava a bandeira brasileira.

Do alto desta colina, com um óculo de alcance, avista-se muito ao longe, ao Norte, longa cadeia de elevadas montanhas que correm no rumo de Este-Oeste. Quando a neblina da manhã se ia dissipando, destacaram-se no horizonte as curvas fantásticas e caprichosas destas cordilheiras, que são certamente as de Tumucumaque e outras que se prolongam nas fronteiras do Brasil com as Guianas estrangeiras.

Do lado do Sul, a larga zona de matas virgens, que com rudes trabalhos acabávamos de atravessar

desde a margem do Amazonas. Florestas de rica fauna e de flora tão opulenta, que é impossível havê-las mais opulentas em outra qualquer parte do mundo. Do lado de Leste, não se avistam os limites dos imensos campos, que provavelmente se estendem até as cabeceiras do Oiapoque, Amapá, Araguari e Aporema.

Do lado do Oeste, também vão a perder de vista e certamente se estendem além dos campos do Rio Branco, até à fronteira Ocidental do Estado do Amazonas.

No meio desta área imensamente grande, erguem-se centenárias e milhares de colinas todas cobertas de verdejantes relvas.

Por entre as colinas correm muitos riachos de água cristalina, cujas margens são orladas por extensas filas de muritizeiros e açaizeiros, que se contam aos milheiros.

O Cuminá com largura de duzentos e cinquenta metros, bastante fundo e com poucas e pequenas cachoeiras, correndo de Norte a Sul, atravessa perpendicularmente os campos recebendo de um e outro lado afluentes de abundantes e frescas águas.

O curso superior do Cuminá e seus afluentes, represados pelas cachoeiras do curso médio, constitui uma vantagem imensa e presta-se não somente para bebedouro do gado, como também para navegação de certa importância.

Estendem-se estes magníficos campos em planalto muito elevado. Esta grande altura acima do nível do mar, os constantes ventos do Norte que muito abrandam a temperatura e outras condições locais, influem poderosamente para tornar o clima temperado e muito saudável.

Em conclusão, repetirei o que vos disse em minha última carta, doutor: a indústria pastoril, que não pode prosperar no Baixo-Amazonas, por causa das grandes enchentes, encontrará nestes maravilhosos campos uma fonte inesgotável de incalculáveis riquezas. Com :todo respeito, tenho a honra de subscrever-me amigo e obrigado.

M. Gonçalves Tocantins. (RSGRJ, 1891)

Amazônia é Brasil

(Melvino de Jesus)

Em plena selva, Brasil ao vivo, vive uma gente
Gente que é nossa, lida na roça, gente valente
Vence a corrente – vence – do Rio bravo
E faz da selva mundo vazio, cheio de amor.

Na tarde quente, quase sem vento, faz tacacá ([6])
Apanha ingá, pesca piau, colhe o cubiu ([7])
Tira do Rio – tira jeju ([8]), tambaqui
Se a fome chega
Tem mapati ([9]), licor de açaí.

Não teme o frio, o rugir das feras – a jararaca
Extrai seringa, derruba a mata,
Vence a cascata
Mata serpente – mata
Repele a fera
Vive a quimera
Da selva, um Deus.

---

[6] Tacacá: iguaria da região amazônica que é preparada com um caldo fino de cor amarelada chamado tucupi, sobre o qual se coloca goma de mandioca, camarão seco e jambu (Acmella oleracea). (Hiram Reis)

[7] Cubiu (Solanum sessiliflorum): fruto bastante nutritivo de sabor e aroma agradáveis. Na Amazônia, o cubiu é usado pelas populações tradicionais como alimento, medicamento e cosmético. (Hiram Reis)

[8] Jeju (Hoplerythrinus unitaeniatus): do tupi ieiú, peixe caracinídeo, espécie de traíra. (Hiram Reis)

[9] Mapati (Pourouma cecropiaefolia): também conhecida como "*Embaúba de vinho*", os frutos maduros são muito apreciados pelo homem e pela fauna. (Hiram Reis)

REVISTA

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

TOMO VII Anno de 1891 1º BOLETIM

REDACTOR

Dr. Antonio de Paula Freitas

Exploração do rio Trombetas

Importantes informações prestadas pelo Sr. engenheiro A. M. Gonçalves Tocantins ao Sr. Governador do Estado do Pará, Dr. Justo Leite Chermont, e por este transmittidas á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

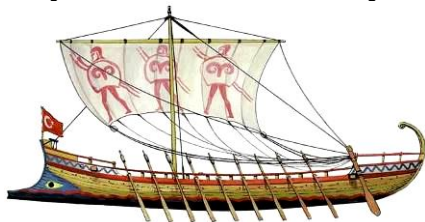
Obidos, 3 de Janeiro de 1891.

Amigo e Sr. Dr. Justo Leite Chermont. — De volta da expedição que, por vossa ordem, emprehendi ao Alto Cuminã, apresso-me em dar-vos estas noticias emquanto ponho em ordem minhas notas para apresentar-vos o meu relatorio.

O principal fim desta expedição foi verificar por mim proprio da existencia e qualidade de uns famosos campos de creação, que se dizia existirem ao sul das cordilheiras que correm entre o territorio brazileiro e o das Guyanas Ingleza, Hollandeza e Franceza.

Me affirmam o Sr. presidente da intendencia municipal e outros conceituados cidadãos de Obidos, que, nos tempos passados, nem se fallava desses campos, nem se suspeitava de sua existencia.

Imagem 02 – RSGRJ, Tomo VII, 1891, 1° Boletim

Dai-me uma Alma Transposta de Argonauta – I
(Fernando Pessoa)

Azul, ou verde, ou roxo, quando o Sol
O doura falsamente de vermelho,
O Mar é áspero [?], casual [?] ou mole,
É uma vez abismo e outra espelho.
Evoco porque sinto velho
O que em mim quereria mais que o Mar
Já que nada ali há por desvendar.

Os grandes capitães e os marinheiros
Com que fizeram a navegação,
Jazem longínquos, lúgubres parceiros
Do nosso esquecimento e ingratidão.

Só o Mar, às vezes, quando são
Grandes as ondas e é deveras Mar
Parece incertamente recordar.

Mas sonho… O Mar é água, é água nua,
Serva do obscuro ímpeto distante
Que, como a poesia, vem da lua
Que uma vez o abate outra o levanta.
Mas, por mais que descante
Sobre a ignorância natural do Mar,
Pressinto-o, vazante, a murmurar.

Quem sabe o que é a alma? Quem conhece
Que alma há nas coisas que parecem mortas.
Quanto em terra ou em nada nunca esquece.
Quem sabe se no espaço vácuo há portas?
Ó sonho que me exortas
A meditar assim a voz do Mar,
Ensina-me a saber-te meditar. [...]

Lourenço F. Valente do Couto (1894)

Folha do Norte

Os Campos Geraes da Guyana Brasileira

Publicando o diario da viagem que fiz, no anno passado, como auxiliar da commissão de exploração da Guyana Brasileira, em demanda dos Campos Geraes, move-me somente o desejo de tornar conhecida do publico essa vasta e uberrima região, que se estende da margem esquerda do Amazonas até ás nossas fronteiras com as Guyanas limitrophes.

Sem pretenções de especie alguma, sem exagero, e antepondo a verdade a toda e qualquer circumstancia, direi apenas o que vi, o que passámos todos os que tomámos parte nessa arriscadissima expedição.

Se, no correr da descripção que pretendo fazer, qualquer allusão offender alheias susceptibilidades, desde já declaro não ser esse o meu intuito ao escrever estas despretenciosas linhas. [...]

JOÃO SALLES.

(A seguir).

O Major Lourenço Ferreira Valente do Couto, nos idos de 1895, empreendeu uma nova exploração à "*Guiana Brasileira*", a fim de estabelecer uma ligação de Óbidos com os "*Campos Gerais*". O único relatório desta exploração foi elaborado por João Salles, um dos auxiliares da Comissão, que publicou, no jornal Folha do Norte, de 06 a 14 de março de 1896, o diário da Expedição. Esta exploração ultrapassou os limites alcançados por Gonçalves Tocantins, chegando a avistar ao longe as Serras do Tumucumaque. João Salles, relata que os Campos Gerais *"correm de Este para Oeste. Todo ondulado, apresenta um soberbo panorama. Colinas, serras, morros, vales, baixas esplêndidas, onde a pastagem se apresenta com todo o viço*".

Folha do Norte, n° 66

Belém do Pará, PA – Sexta-feira, 06.03.1896

Os Campos Gerais da Guiana Brasileira

Publicando o diário da viagem que fiz, no ano passado, como auxiliar da Comissão de Exploração da Guiana Brasileira, em demanda dos Campos Gerais, move-me somente o desejo de tornar conhecida do público essa vasta e ubérrima ([10]) região, que se estende da margem esquerda do Amazonas até às nossas fronteiras com as Guianas limítrofes. Sem pretensões de espécie alguma, sem exagero, e antepondo a verdade a toda e qualquer circunstância, direi apenas o que vi, o que passamos todos os que tomamos parte nessa arriscadíssima Expedição. Se, no correr da descrição que pretendo fazer, qualquer, alusão ofender alheias suscetibilidades, desde já declaro não ser esse o meu intuito ao escrever estas despretensiosas linhas.

Convidado para fazer parte desta Comissão, como auxiliar, pelo meu ilustrado amigo, o Dr. Henrique Américo Santa Rosa, Diretor da Repartição de Obras Públicas, Terras e Colonização, deste Estado; aceitei o lugar, sabendo de antemão os perigos que iria encontrar nesses centros desconhecidos. Mais do que o interesse por um insignificante vencimento, impelia-me o desejo de, como paraense, concorrer com os meus fracos serviços para mais esse melhoramento, qual era o de ligar a cidade de Óbidos aos Campos Gerais, por meio de uma estrada.

[10] Ubérrima: fecunda. (Hiram Reis)

Tendo simplesmente por móvel o bem servir à minha Pátria, jamais ambicionei qualquer parcela de glória que, porventura, pudesse competir-me. Organizada a Comissão, nesta capital, tendo como chefe o inteligente e destemido agrimensor, Sr. Major Lourenço Ferreira Valente do Couto, comigo e o Sr. Mário César Augusto Ribeiro, auxiliares, seguiu para a Cidade de Óbidos, ponto de onde devíamos partir.

No dia **25**.10.1894, saímos daquela cidade, a bordo da lancha "*Niquita*" de propriedade do Sr. Antônio Bentes. Éramos cinco companheiros: o chefe da Comissão, nós auxiliares, o Capitão Tito Valente do Couto, irmão do chefe e o Sr. Arthur Valente, distintos "*touristes*", que nos acompanhavam. Nesse mesmo dia chegamos à fazenda do Sr. Bentes, dono da lancha que nos transportava, e aí ficamos até ao dia seguinte.

No dia **26**, pelas 07h00, zarpamos para a Vila do Oriximiná [Uruá-Tapera], que fica situada à margem esquerda do Rio Trombetas, numa belíssima posição, onde devíamos encontrar preparadas as canoas com a competente tripulação, para subirmos o Rio Cuminá ou Erapecuru, sítio por que íamos procurar os Campos Gerais. Nada encontrando preparado, tivemos de aí ficar o resto do dia e a noite.

Compradas as canoas e arranjado algum pessoal, seguimos para o Cuminá, na manhã de **27**. Subindo este Rio, fomos pernoitar na casa do Sr. José de Figueiredo, no Lago do Janauacá.

Na manhã de **28**, seguimos pelo Cuminá, aportando em diversas barracas, afim de arranjar trabalhadores, o que em parte conseguimos. Pelas 17h00, chegamos à casa de Taurino de Sant'Anna, um dos guias que procurávamos e que prometeu acompanhar-nos. Aí dormimos.

Faltando ainda pessoal e guias que soubessem trabalhar em cachoeiras, resolveu o chefe tornar a descer na lancha, até Uruá-Tapéra, a fim de arranjá-los, o que efetivamente fez, no dia **29**, pela manhã, deixando-nos em casa de Taurino, com ordem de marcharmos para a primeira cachoeira.

No dia **30**, nada pudemos fazer. No dia **31**, continuamos inativos, por ser preciso distrair o pessoal em procura de alimento, pois, fiados na grande fartura de peixe e caça que nos diziam haver, nada levávamos desse artigo!

Ao amanhecer, do dia **1°** de **novembro** seguimos para a primeira cachoeira, não a alcançando, por termos encontrado, um pouco abaixo, um excelente abrigo, onde resolvemos estacionar até chegada do chefe, e mesmo porque o lugar se mostrava apropriado para o preparo das nossas canoas. Este abrigo consiste numa verdadeira fortaleza, constituída por uma só pedra, onde se podem acomodar muitas pessoas e mercadorias. (FDN, N° 66)

Folha do Norte, n° 67

Belém do Pará, PA – Sábado, 07.03.1896

Tendo mais ou menos de 100 a 200 metros de comprimento e 25 a 30 de altura, forma uma extensa galeria debruçada sobre o Rio.

É lenda entre os antigos moradores do lugar que fora aí o abrigo da grande cobra Cuminá, a qual, depois de tremenda luta, que durou 15 dias, com outra cobra grande do Rio Trombetas, foi por esta vencida e morta!

Desde então ficou a descoberto d'água a galeria de que falo, dando assim confortável agasalho aos viajantes, que passam por aquele sítio. Dão-lhe o nome de "*barracão de pedra*".

Nesse mesmo lugar, vimos raiar o dia **02**.11.1894. Nada havendo para comer-se, mandei o pessoal caçar e pescar e o resultado foi colherem-se dois mutuns. A chegada destas aves causou-nos verdadeira satisfação, pois nesse dia não tínhamos almoçado. Cumprida a exigência do estômago, deitamo-nos, sem nos preocupar que para o dia imediato nada havia.

No dia **3,** amanhecemos, como na igreja, segundo o ditado popular, sem nada para comer. Mandei novamente caçar. Os caçadores trouxeram-nos apenas um pequeno jaboti; que devoramos. E assim passamos os dias **4** e **5**. Neste último chegou o chefe com reforço de gente e uma manta de pirarucu. Se a chegada do chefe, por um lado, nos alegrou, por outro entristeceu-nos, por terem de deixar-nos os nossos dois companheiros Tito e Arthur Valente, afim de regressarem para Óbidos. Bons companheiros, alegres e inteligentes, foi com verdadeiro pesar que os vimos retirarem-se, deixando-nos saudosos das suas amáveis companhias.

Tudo preparado, embarcamos no dia **6**, em quatro canoas, assim denominadas: "*República*", em que seguia o chefe, "*Aquidaban*", em que ia o Sr. Mário Ribeiro, "*Lucy*", dirigida por mim e "*Belém*", dirigida pelo Sr. Innocêncio Figueiredo, tabelião de Uruá-Tapéra, que nos acompanhava. O nosso carregamento compunha-se de farinha, café, açúcar, arroz e mais algumas miudezas. O armamento compunha-se de rifles, 1.300 balas, 4 sacas de chumbo, 1 barril de pólvora e duas espingardas de caça, pertencentes a dois trabalhadores, as quais mais tarde foram

compradas pelo Chefe, para a Comissão. Também levávamos 4 sacas de sal. Depois de uma hora de viagem, chegamos à "*Cachoeira do Tronco*", onde acampamos, por termos de esperar dois companheiros, que nos faltavam.

No dia **7**, depois da chegada dos companheiros esperados, transportou-se toda a bagagem por terra, até um poção além da cachoeira. Terminado este serviço, deu-se começo ao penoso trabalho de passar as canoas por sobre aquela enorme massa d'água e pedras! É preciso que se tenha visto de perto, como eu vi, o que é uma cachoeira, para poder avaliar quanta coragem é necessária para, à força de braços, passar-se uma canoa, por menor que ela seja!

Lutando contra a força d'água, que se despenha do alto, com fragor medonho, levando, quebrando e destruindo tudo que encontra na sua vertiginosa passagem, firmando-se nas pedras lisas e escorregadias, ocasiões há em que, falseando o pé, o que acontece muitas vezes, lá desaparece o pobre canoeiro e aí vai aos trambolhões, ferindo-se todo, até que pode agarrar-se a alguma pedra para sair da correnteza. Andando 100 a 200 metros por dia, neste penoso trabalhar, chegamos no dia 10 a uma ilhota, onde passamos a noite. Desta ilhota ouvia-se o ronco da grande cachoeira do Inferno.

Pelas 10h00, de **11**, após o almoço de alguns peixes apanhados durante a noite, seguimos viagem, chegando 2 horas depois à dita cachoeira. Se bem que seja uma das maiores do Cuminá, é todavia a Melhor de transpor-se, pois logo no começo mete-se a canoa pela mata, para descê-la mais adiante, de onde se segue, passando-se pequenos bancos e correntezas, até encontrar Rio liso. Pelos dias que gastamos nestes trabalhos, se verá o que ele é, pois tendo chegado a 11 só o passámos em **14**.

No dia **15**, achando-nos todos extenuados pelos rudes labores dos dias antecedentes, andamos pouco.

No dia **16**, passamos outra cachoeira, denominada "*Cajual*", e assim andamos todo o dia **17**, em que chegamos à "*Cachoeira da Serpente*". Nesta Cachoeira, não obstante os esforços empregados, não pudemos alcançar a margem do Rio, pelo que tivemos de dormir sobre as pedras. Em seguida acha-se a "*Cachoeira do Varadourozinho*", que passamos, empregando o mesmo processo usado na "*Cachoeira do Inferno*". Gastamos aí os dias **18**, **19** e **20**. Nesta Cachoeira acham-se gravados, em muitas pedras, diversos sinais, figuras grotescas, que parecem datar de muitos anos, mas que, entretanto, se leem perfeitamente. Atribuem aos jesuítas a autoria de tais garatujas.

Nos dias **21** e **22**, passamos a bonita "*Cachoeira do Retiro*" e a do "*Prato*", assim chamada pela forma que apresenta.

Ao amanhecer do dia **23**, quando ainda me achava na rede, fui vítima de uma pancada causada pela queda de uma vara, que se achava por cima da minha rede, a qual, caindo-me sobre o olho esquerdo, magoou-me bastante, produzindo-me nesse órgão forte contusão. Achávamo-nos então no tronco da grande "*Cachoeira do Pirarara*". Esta cachoeira é uma das, maiores em extensão e difícil de transporse com muita bagagem como a que levávamos. Além de ser extensa, é cheia de enormes pedras, que dificultam o caminho. Calculei aproximadamente em 2000 metros a sua extensão.

Trabalhou-se nesta cachoeira durante os dias **23**, **24** e **25**, o tempo preciso para conseguir passá-la. Havendo neste último dia demorado o caçador, que desde manhã se achava no mato, fiquei o esperando, enquanto os demais seguiam viagem, Rio acima.

Não aparecendo-o caçador até às 18h00, e não me sendo possível esperá-lo mais, segui para a frente, encontrando o chefe acampado a uma légua de distância, mais ou menos. Ciente do fato, expediu, nessa mesma ocasião, uma canoa com 8 homens à sua procura. (FDN, N° 67)

Folha do Norte, n° 68

Belém do Pará, PA – Domingo, 08.03.1896

Ao amanhecer do dia **26**, seguiu-se para a "*Cachoeira do Severino*", onde chegamos 2 horas depois da partida. Aí ficámos, para consertar as canoas, que já se achavam em péssimo estado. Pelas 14h00, chegaram os homens que foram em busca do caçador, trazendo-o, o que alegrou todos, pois, apesar de ser homem, rude e simples, era de todos estimado.

No dia **27**, procedeu-se ao conserto das canoas.

Ao amanhecer do dia **28**, seguimos, passando a "*Cachoeira do Severino*" e um banco denominado "*Torre*", nome este originado pela disposição das pedras, que apresentam a aparência de uma torre, de 40 m de altura. Transposto este banco, caminhamos um pouco e entramos na "*Cachoeira do Armazém*", assim chamada por ter uma galeria de pedra, linde se podem acomodar muitas pessoas e objetos. Nesta cachoeira matamos uma grande sucuriju, que media 20 palmos de comprido e 3 de roda. Puxada para terra verificou-se ser fêmea, por ter 23 cobrinhas no seu interior. Seguimos, chegando à "*Cachoeira da Pedra Branca*", pelas 16h00. Esta Cachoeira apresenta um aspecto magnífico; as pedras brancas que se

avistam são de uma consistência notável. Lindíssimo é o panorama que ali se disfruta. Feita passagem das canoas, acampamos, por ser muito tarde.

No dia **29**, começamos cedo o trabalho, chegando, pelas 09h00, à "*Cachoeira do Taurino*". Esta cachoeira, não obstante ser uma das grandes, é contudo muito fácil de transpor-se. Às 14h00, passou-se a última canoa e seguimos viagem em rio liso, numa extensão de 2 léguas, mais ou menos e acampamos.

Na manhã de **30**, seguimos a jornada, encontrando, pelas 10 horas, um cardume de lontras que, com gritos interessantes, investiram sobre as nossas canoas, admiradas talvez da presença de objetos tais, para elas completamente desconhecidos. Como era de esperar foram recebidas a tiros de rifles. Espantadas, retiraram-se um pouco, para novamente investirem. Depois de inutilmente atirarmos sobre elas, retiraram-se, deixando-nos pasmos perante a originalidade do ataque. Pelas 16h00, chegamos à "*Cachoeira da Lage*", que facilmente passamos, indo acampar numa magnífica praia. Amanheceu esplêndido o primeiro dia do último mês de 94 ([11]). Espessa camada de nevoeiro, que cobria então o Rio Cuminá, na parte em que nos achávamos, obrigou-me recorrer à capa de viagem. Cedo principiamos a nossa já enfadonha e trabalhosa viagem. Digo enfadonha, por, que, no Rio Cuminá, nada há de agradável, pedra e pedras por toda parte. Da grande fartura que nos anunciavam, só havíamos encontrado o necessário para não morrermos de fome. Uma tempestade medonha terminou o **1° de dezembro**, que alvorecera tão belo. Procuramos abrigo numa ilhota, onde passamos a noite. Neste lugar, ao chegarmos, apareceu-nos um jacaré, o qual viera à praia ver o rumor, que vinha quebrar a monotonia

[11] 01.12.1894. (Hiram Reis)

desses lugares. Depois de inúmeros tiros de rifles, conseguimos matá-lo. O trabalho feito neste dia fora enorme, pois que havíamos transposto duas cachoeiras, a "*Sereia*" e a "*Tapiu*" e diversas corredeiras.

No dia **2**, seguimos viagem, passando ao meio dia a "*Cachoeira do Sal*" e chegando à "*Cachoeira do Caju*", pelas 14h00, onde acampamos.

No dia **3**, passamos a "*Cachoeira do Caju*" e vários bancos e correntezas, indo pernoitar na ilha da Escama.

No dia **4**, pelas 10h00, encontramos duas antas, mãe e filho, a brincar dentro d'água. Indiferentes a tudo que não fosse o seu inocente prazer, não as perturbou a aproximação das canoas, que lhes trazia a morte e o desamparo, a morte para a pobre mãe, que em doce folguedo exercitava o filho querido, e o, desamparo para o desgraçado bichinho que, sem forças para sustentar a luta pela vida, aí ficava fatalmente condenado a servir de pasto às aves de rapina, que por ali abundam. Pelas 17h00, deste dia estacionamos numa ilha. Nela passamos a noite.

No dia **5**, caminhámos até às 17h00, passando muitos bancos e correntezas. Paramos numa extensa praia, onde ficamos. (FDN, N° 68)

Folha do Norte, n° 69

Belém do Pará, PA – Segunda-feira, 09.03.1896

No dia **6**, pelas 08h00, chegamos à "*Cachoeira da Paciência*". Nome apropriado, pois só com grande soma de paciência e esforço se consegue vencê-la.

Das cachoeiras que tínhamos passado, é a maior e mais perigosa. Atravessando de lado a lado o Rio, neste ponto apertado entre duas serras, tem mais ou menos 35 m de altura sobre o nível do Rio da parte de baixo, formando diversos porões onde se despenham as águas revoltas com uma fúria medonha. O processo empregado aí, para a passagem das canoas, é o seguinte: presas as canoas de popa à proa por fortes cabos, são içadas a força de talha, por cima das pedras, até ganhar o Rio liso da parte de cima. Mas quanto esforço, coragem e paciência não se tornam precisos, para se conseguir este resultado!

No dia **7**, devido talvez ao Sol abrasador e à má disposição do corpo e do espírito, amanheci com muita febre, que se prolongou até o dia **11**. Neste meio tempo passávamos as "*Cachoeiras do Jacaré e do Resplendor*" tão grandes como a "*Cachoeira da Paciência*".

No dia **12**, chegamos e passamos a "*Cachoeira Grande*", indo acampar numa ilha próxima do Rio Urucuryana. Deste lugar voltaram para Óbidos os trabalhadores Basílio e Simão e o guia Taurino de Sant'Anna, cujos serviços nos foram tão relevantes. Também voltou deste porto, para Uruá-Tapéra, o nosso apreciável companheiro Innocêncio José de Figueiredo. A retirada deste distinto moço deixou-nos penalizados, pois muito o apreciávamos, pelas suas belíssimas qualidades. Consigno aqui minha eterna gratidão, pela amizade que sempre me dispensou, durante o tempo que juntos passamos.

No dia **13**, saíamos do Rio Urucuryana, onde viéramos pousar depois da retirada dos nossos companheiros. Andamos até às 16h00. Acampamos na margem do Rio, num pitoresco lugar em que passamos a noite. O estado sanitário da Comissão não era

muito satisfatório, sobrevindo quase diariamente casos de febres, que eram debeladas pelo quinino.

No dia **14**, passamos, às 13h00, o Igarapé Murapy, tendo transposto antes uma pequena cachoeira desse nome. Neste dia encontramos muitos acampamentos e vestígios de índios.

Na manhã de **15**, seguimos viagem, até às 19h00. Chegamos a uma ilha e aí acampamos. Flutuando sobre as águas encontramos uma anta morta e já em estado de putrefação, o que nos fez desconfiar da proximidade dos índios. Sobre a praia encontramos uma grande sucuriju, que matamos.

Ao amanhecer do dia **16**, dirigiu-se o chefe para uma capoeira, que nos ficava em frente, acompanhado por 4 homens, a fim de ver se encontrava vestígios recentes de índios, visto ser essa capoeira uma antiga maloca dos mesmos, segundo informações que nos foram dadas pelo nosso guia Manoel Guilherme do Espírito Santo, que já ali havia passado com o Dr. Tocantins.

Chegados à mata verificaram a existência de um, pequeno caminho e por ele seguiram, até uns 200m, mais ou menos, onde ouviram risadas e murmúrios de conversa. Aproximando-se, verificaram ser uma maloca dos índios que, descuidosos, foram por eles surpreendidos. As mulheres, que se achavam em casa, gritaram e correram, embrenhando-se na mata, três homens, porém, armados das suas flechas esperaram impávidos a aproximação dos visitantes. Explicando o nosso intérprete que não havia intenção de ofendê-los, mas sim de com eles travar amistosas relações, prontamente se contiveram, chamando os companheiros. Voltando o chefe para o acampamento, vieram até o porto, onde ficaram com três companheiros nossos, à espera dos presentes que o chefe lhes prometera.

De volta com os presentes, todos nós o acompanhamos, curiosos de ver essa pobre gente, perdida nos sertões, como animais bravios. Seria um ato de elevado patriotismo do nosso Governo o tratar-se seriamente da catequese desses pobres selvagens esparsos nas nossas florestas. Os índios por nós encontrados pertencem à grande e poderosa tribo "*Pianacotó*". Bem conformados e vigorosos, são em geral simpáticos. Usam apenas uma tanga de tecido de algodão, muito bem trabalhado, pulseiras de talo de bananeira nos braços e pernas, e uma franja, também de algodão, abaixo do joelho, e brincos nas orelhas. O armamento compõe-se apenas do arco e flecha. Cultivam a mandioca, fazendo grandes roçados. Possuem machados, que recebem da Guiana Holandesa, por intermédio de outros índios das fronteiras denominados Pianacotó. Também nos mostraram uma pequena faca, deixada sobre as pedras do Rio pelo Dr. Tocantins, com quem não quiseram entrar em relações. (FDN, N° 69)

Folha do Norte, n° 70

Belém do Pará, PA – Terça-feira, 10.03.1896

Entregues os presentes, voltamos para o nosso acampamento. Na tarde desse mesmo dia, dirigimo-nos para a maloca, por um estreito caminho. Fomos bem recebidos pelo Tuchaua, que fez muitos presentes ao chefe e a diversos companheiros nossos, a quem deram farinha, beiju-açu, fio e outras bugigangas. Por nossa parte ainda lhes demos terçados, machados, fósforos e várias coisas mais, que muito apreciaram, mostrando-se de tudo bastante admirados, tal é o estado de ignorância em que estão da vida civilizada.

Na manhã de **17**, seguimos a nossa viagem, na esperança de alcançar os campos, que, segundo as informações colhidas, não deviam distar muito. Passamos neste dia duas fortes corredeiras, chegando pelas 18h00 a outra, que não passamos, em virtude da hora adiantada. Pernoitamos numa ilha.

Na manhã de **18**, passamos a corredeira e chegamos ao Igarapé Santo Antônio, que corta uma extensa e bonita zona de campos, onde estacionamos.

No dia **19**, percorremos parte destes campos, que à primeira vista supomos serem os Campos Gerais. Aí fizemos uma barraca, em que agasalhamos as nossas bagagens.

Seguimos, na manhã de **20**, Rio acima, levando somente 5 alqueires de farinha e uma saca de sal, a fim de ganharmos o ponto de onde voltara o ilustre engenheiro Dr. Tocantins.

No dia **21**, pelas 10h00, chegamos ao Morro de onde o Dr. Tocantins julgou apreciar os Campos Gerais. De acordo com todos os companheiros; resolvemos batizar este Morro com o nome do ilustre engenheiro que primeiro o pisou. Desta colina, que fica na margem esquerda do Rio Cuminá, subindo-o e de onde, como dissemos, regressara aquele engenheiro, crente de que tinha chegado aos Campos Gerais, em vista da bela perspectiva que se apresentava ao seu olhar extasiado, saímos, pelas 14h00, para conhecer alguma coisa mais do que essa parte explorada por outros. Neste dia passamos muitas corredeiras.

No dia **22**, andamos até às 16h00, hora a que chegamos a uma cachoeira, tendo de um lado uma magnífica ilha com praias de finíssima areia branca. Acampamos. Em homenagem ao distinto engenheiro, Dr. Henrique Américo Santa Rosa, foi esta cachoeira e ilha denominada "*Santa Rosa*".

No dia **23**, passamos pequenas corredeiras e duas cachoeiras, do "*Pato*", por encontrarmos ali um bando de patos, e do "*Padre Nicolino*", em homenagem ao valente explorador Padre José Nicolino de Souza, que, depois de mil sacrifícios, morreu nestes centros, vítima das febres, sem ver conseguido o seu "*desideratum*". Homem de coragem e possuído do verdadeiro amor pátrio, fez a expensas suas diversas excursões nesse Rio, com o fim de ligar os Campos Gerais a um ponto onde se pudesse fundar uma povoação. A morte veio surpreendê-lo, quando lhe pareciam quase realizados os seus planos.

No dia **24**, continuamos cedo a nossa viagem, emcontrando, pelas 11h00, três antas dentro d'água. Atacadas de improviso, matei duas, fugindo uma. Às 17h00 acampamos.

Na manhã de **25**, dia do Natal, extenuados de fadiga e ansiosos por chegar aos verdadeiros, Campos Gerais, pois que estávamos convencidos de, que os campos que tinham ficado para traz não eram aqueles que procurávamos, seguimos cedo, passando uma cachoeira, que se denominou "*do Natal*". Ao meio dia, mais ou menos, entramos em plenos Campos Gerais! Saltamos e subimos à mais alta colina, levando na frente a bandeira brasileira; tivemos o prazer de ver ao longe a majestosa Serra do Tumucumaque, limite Norte do nosso Estado. Daí pudemos precisar perfeitamente a posição dos campos, que correm de Este para Oeste. Todo ondulado, apresenta um soberbo panorama. Colinas, serras, morros, vales, baixas esplêndidas, onde a pastagem se apresenta com todo o viço, eis o que são os Campos Gerais. Extasiado perante a mais rica paisagem que tenho visto, considerei-me bem pago dos enormes trabalhos que passara. Tendo-se acabado o nosso sal e farinha, resolveu o chefe voltar, por ser impossível seguir a viagem até à cordilheira, o que

fizemos todos bastante contrariados. Consolava-nos, porém, a certeza de que tínhamos descoberto os almejados Campos Gerais! (FDN, N° 70)

Folha do Norte, n° 71

Belém do Pará, PA – Quarta-feira, 11.03.1896

Depois de muito contemplar a maravilhosa beleza dos campos, resolvemos regressar, vindo pousar abaixo da "*Cachoeira do Padre Nicolino*", pelas 19h00.

No dia **27**, encontrámos novamente duas antas, mãe e filho. Morta a mãe e agarrado o filho, prosseguimos a nossa viagem, até que, pelo meio dia, encontramos uma bonita onça Uruyauára que, indiferente à nossa aproximação, passeava na praia. Descarga cerrada de tiros de rifles atroou os ares; e ela, calma e arrogante, continuou a fitar-nos, desafiando-nos. Ninguém se entendia, todos queriam atirar, de forma que só depois de muitos tiros conseguimos matá-la, cabendo a honra do certeiro tiro ao nosso companheiro Mario Ribeiro. Foi uma festa! Daí seguimos, chegando pela tarde ao nosso acampamento, no Igarapé Santo Antônio, onde havíamos deixado as nossas bagagens.

No dia **28**, depois de preparadas as nossas bagagens, que se compunham de 17 alqueires de farinha, 1 saca de sal e uns restos de açúcar, café e bolacha, roupa e utensílios de trabalho, iniciamos a nossa viagem pelos campos, procurando a direção de Óbidos. Pelas 19h00, acampamos numa ilha, onde dormimos.

No dia **30**, seguimos cedo, contornando diversas colinas cobertas de excelentes pastagens, indo acampar noutra ilha, onde passamos a noite. No dia

último do ano continuamos a andar por Campo, até à tarde, em que chegamos noutra ilha, onde encontramos muitos mutuns, jacamins e macacos, alguns dos quais foram mortos.

Primeiro de janeiro de 1895. Sendo preciso atravessar uma grande ilha, deu-se começo à abertura da picada, logo ao amanhecer, encontrando-se aí um bando enorme de porcos bravios, dos quais matamos três. Pela tarde acampamos no meio da mata.

No dia **2**, trabalhou-se todo o dia em mata, mudando-se o nosso acampamento, por se ter encontrado água na frente.

No dia **3**, continuamos a abertura da picada até à tarde, acampando ainda na mata.

No dia **4**, foi o nosso caçador vítima de horrível queda, espetando-se numa ponta de pau. Foi preciso conduzi-lo em rede. Muita caça encontramos nesta faixa de terreno.

No dia **5**, continuamos a atravessar a mata, encontrando-se algumas campinaranas.

No dia **10**, andamos ainda em mata, cortando grandes campinaranas.

No dia **11**, saímos ao campo e andamos por ele todo o dia, acampando numa ilha, onde encontrámos um Igarapé.

De **12** a **21** continuamos a caminhar em belíssimos campos, cheios de morros e colinas, onde, ao lado da cré ([12]), brilhava o cristal de rocha ferido pelo Sol. A abundância do quartzo e do calcáreo nesta região constitui uma das suas grandes riquezas.

---

[12] Cré: variedade de calcário. (Hiram Reis)

No dia **22**, com os corações fechados perante o lúgubre aspecto da imensa e silenciosa floresta que se apresentava na nossa frente e onde mal penetravam os raios do Sol, abandonamos os campos, que se estendem para Nordeste e Sudoeste, e embrenhamo-nos na mata, já quase desprovidos de recursos. O pessoal, bastante maltratado pela fadiga, procurava às escondidas aliviar a carga, deitando fora farinha e balas de rifles, estragando assim os últimos recursos de que dispúnhamos. De nada valiam as nossas ponderações.

No dia **23**, seguimos, abrindo picada balizada, até encontrar um grande Igarapé, que desconfiamos ser a cabeceira do Rio Urucuryana, Rio que tínhamos forçosamente de atravessar. E assim seguimos até a tarde do dia **27**, sempre por mata. Riquíssima é a mata que atravessamos acapu, maçaranduba, jarana, pau de casca preciosa, cedro, mata-matá, copaíba, piquiá, palhares extensos, encontram-se em grande quantidade. Toda cortada de Igarapés, oferece vastos recursos para fundação de colônias agrícolas. Muito pouca caça encontramos nesses dias, de sorte que sofremos alguma fome. O nosso trabalho foi rude e penoso. O pessoal achava-se bastante fatigado. O rancho, muito reduzido, dava apenas para um mês, isto mesmo com grande economia. Pelas 17h00 chegamos a um extenso Igarapé, que ainda supomos ser o Urucuryana. Aí acampamos.

No dia **28** ganhamos a margem oposta e seguimos pela mata todo o dia, voltando para acampar no ponto primitivo, por não termos, encontrado água à frente.

No dia **29**, levantou-se o acampamento e seguiu-se, cortando muitos bamburrais ([13]) e serras.

---

[13] Bamburral: terra úmida onde cresce muito pasto. (Hiram Reis)

De **30** de Janeiro a **5** de **Fevereiro** caminhamos em terreno acidentado. Do Urucuryana até este ponto passamos muito mal. Fome e sede sofremos, pois o que se conseguia arranjar não dava para alimentar-nos, de maneira que já nos achávamos imensamente fracos. A tudo isto vinha, de vez em quando, juntar-se uma impertinente febre, que mais nos enfraquecia. (FDN, N° 71)

Folha do Norte, n° 72

Belém do Pará, PA – Sexta-feira, 12.03.1896

No dia **8**, encontramos um Igarapé. Mudamos para ali o nosso acampamento. Neste momento a nossa situação não era decerto invejável. Completamente isolados em centros desconhecidos, com rancho apenas para alguns dias, muita falta de caça e completa ignorância da altura em que nos achávamos, tal era a nossa situação! O nosso pessoal, extenuado de fadigas e insuficiente alimentação, só com muito sacrifício caminhava, para não ficar. Nestas condições andamos, até o dia em que chegamos à margem de um grande Igarapé, que julgamos ser o Rio Ariramba, não só pela altura como pela sua largura.

Aí resolveu o chefe que a linha o marginasse, águas abaixo, até onde se pudesse reconhecê-lo bem, a fim de procurar-se um meio de ir buscar recursos. Restavam-nos dois sacos com farinha e muito pouco café e açúcar e talvez dois quilos de sal.

No dia **13**, continuamos a nossa jornada, marginando o Igarapé.

No dia **14**, resolveu o chefe mandar preparar duas cascas de jutaí, para mandar buscar socorros.

Efetivamente, no dia **17**, partiram 7 homens, indo encarregado da Expedição o nosso velho companheiro Benedicto de Sousa Fragata. Depois da saída dos companheiros, continuamos o nosso penoso serviço de romper bamburrais, subir e descer serras, até o dia **24**. O rancho acabou-se. O desânimo começou a lavrar entre o pessoal que nos acompanhava. Dois inconscientes despediram-se do serviço, sendo preciso levá-los com prudência, para não consentir que se fossem deixar morrer voluntariamente nesses centros. Obrigados a afastar-nos do Igarapé, passamos uma noite sem água, o que nos maltratou bastante.

No dia **25**, fomos surpreendidos pela volta da Expedição que tinha ido buscar recursos! Impossibilitados de continuar o caminho, pela dificuldade de navegarem no Igarapé, cuja passagem era embargada por grandes araçazais, doentes, esfomeados e quase mortos de fadiga, apareceram-nos completamente esmorecidos. Este fato veio tornar mais lastimável a nossa situação, já quase intolerável. Tendo-se inutilizado a nossa espingarda de caça e acabado as balas de rifles; sem farinha, sal, café, açúcar e tabaco, com fome e sem ao menos saber onde nos achávamos, pois já desconfiávamos não ser o Ariramba o Rio cuja margem seguíamos, rodeados de perigos por todos os lados, eis a que se achava reduzida a valente Expedição que, em 23 de outubro de 1894, zarpara do porto da cidade de Óbidos, numa lancha toda embandeirada, dando vivas à Pátria e ao futuro engrandecimento do Pará.

Não esperando socorro de parte alguma, e com os olhos fitos na Pátria distante e o pensamento na família abandonada, reunimos todas as forças que nos restavam e continuamos o nosso serviço, até o dia **1°** de março. Neste dia resolveu o chefe mandar por terra buscar socorro, visto o Igarapé não dar

franca navegação. Foram escolhidos três homens dos mais destemidos para essa Expedição. Aproveitando esta ocasião despediram-se do serviço mais 7 homens, ficando-nos somente 6 trabalhadores, entre os quais dois gravemente enfermos. Fracos e cobardes, não hesitaram aqueles em abandonar-nos em circunstâncias tão críticas. Para esta viagem foram escolhidos Guilherme do Espírito Santo, Benedicto Fragata e Raymundo Machado, os quais se ofereceram voluntariamente. Depois da partida da Expedição, continuaram os restantes a trabalhar, até o dia em que nos faltaram completamente as forças. Até este ponto tínhamos atrás de nós cento e trinta e tantos quilômetros de picada balizada. Não havendo já forças para trabalhar, resolvemos abandonar o serviço, para tentar a nossa salvação. Deu-se começo à tiragem de uma casca que nos transportasse, visto o Igarapé achar-se mais desembaraçado. Após penosíssimo trabalho, conseguimos arranjar três cascas, nas quais embarcamos. Nesta ocasião nenhum de nós gozava saúde, devido, não só ao nosso estado moral, como também à alimentação, constituída por frutas agrestes.

No dia **17**, depois de mil sacrifícios, começamos a navegar bem, enveredando, às 16h00, por um Rio de 100 m, de largura, pelo qual seguimos águas abaixo, até o dia **21**, em que encontramos uma grande Cachoeira. Já tínhamos então passado muitas corredeiras. Aí, tendo eu entrado por um Paraná e o chefe seguido outro caminho, tivemos de dormir separados, reunindo-nos no dia seguinte.

Os dias **22**, **23**, **24** e **25** foram tristemente assinalados. No primeiro faleceu um dos nossos trabalhadores, sepultando-se no dia 23. Parece que esta morte foi o prólogo de outras catástrofes, que sucederam sem interrupção nos dias seguintes. No dia 23, seguimos depois do enterro do nosso inditoso

camarada, encontrando uma grande cachoeira. Navegando em frágeis cascas de pau, mal tiradas e sem nenhuma segurança, era preciso muita coragem e pouco amor à vida para saltar cachoeiras, máxime ([14]) estando o Rio cheio, devido ao rigoroso inverno. Nesta cachoeira, depois de uma luta enorme, naufragamos, indo tudo de encontro às pedras. Dispondo de alguma presença de espírito, ante o grande perigo conseguimos salvar alguma coisa. Ficamos reduzidos quase que à roupa do corpo, uma faca e um terçado, perdendo-se seis rifles. Calculamos o prejuízo desta alagação em perto de um conto de réis, afora as diversas amostras e preciosidades que trazíamos. Felizmente, devido a destreza do proeiro Carvalho e do piloto Soares, logramos salvar duas cascas, em que seguimos até outra cachoeira, onde tornamos a naufragar, perdendo-se somente uma rede. A tudo isto acrescia ainda a ignorância do lugar onde nos achávamos e a absoluta falta de víveres. (FDN, N° 72)

Folha do Norte, n° 73

Belém do Pará, PA – Sábado, 13.03.1896

Nos dias **26** e **27**, navegamos em zona encachoeirada, chegando no dia **28**, pela manhã, a uma enorme cachoeira, onde tivemos de parar, afim de procurar meios de passagem.

Das cachoeiras passadas era esta a maior. Tem, seguramente, 35 m de altura sobre o nível do Rio da parte de baixo, ocupando uma extensão de mais de 1 quilômetro. O Rio aperta até à largura de 5 m, tendo muros íngremes, de pedra, de lado a lado. A nossa situação ia-se tornando mais difícil de dia para

[14] Máxime: principalmente. (Hiram Reis)

dia. Para anzóis lançamos mão dos arames dos baús e das varetas dos rifles, os quais as piranhas se encarregaram de destruir, sem deles tirarmos proveito.

No dia **29**, começou-se a passagem das cascas, conseguindo-se apenas passar duas, muito estragadas e com muito perigo. Não admitindo todo o pessoal nas duas cascas, parte seguiu por terra.

Abaixo desta grande cachoeira, a uns 500 m, mais ou menos, encontramos uma outra enormíssima, impossível de passar-se em cascas, pelo que resolvemos abandoná-la, continuando a viagem por terra, o que começamos a fazer no dia **30**, percorrendo 4 quilômetros e indo acampar na margem do Rio. A noite deste dia foi terrível. Um aguaceiro medonho desabou sobre nós, desde as 18h00, prolongando-se até o amanhecer.

No dia **31**, perdidas todas as esperanças de socorro, visto nenhum sinal nos anunciar a aproximação dos homens que, no dia **1°** do mês, tínhamos expedido em busca de recursos, não obstante as ordens terminantes que haviam levado para não se afastarem do Rio, esfomeados e maltratados pela ruim caminhada entre ananizais terríveis, que nos dilaceravam as carnes, sem roupa e doentes, continuamos lentamente a nossa viagem, mais já por descargo da consciência do que esperando salvar-nos.

De **1°** a **3** de **abril**, nenhuma alteração tivemos na nossa miserável situação, a não ser o lampejo de uma vaga esperança, motivada por dois estampidos, que nos pareceram tiros de peça, no rumo de Sul. Se bem que fosse um fraco indício, isto trouxe-nos alguma animação. Qualquer sinal indicativo da passagem ou aproximação de seres humanos, alegrava-nos, confortando os mais fracos. Três dias consecutivos ouvimos, pela manhã e à tarde, estampidos se-

melhantes a tiros de peça, sempre no mesmo rumo, de sorte que ficamos convencidos de que eram realmente tiros de peça dados na Fortaleza de Óbidos. Mais tarde, quando saímos, verificamos não serem exatas as nossas desconfianças. Animados por tão fagueiras esperanças, continuamos a nossa caminhada, até o dia **14**, em que, com grande sacrifício, conseguimos tirar duas cascas. Não admitindo as duas cascas todo o pessoal, foi resolvido que seguisse por terra o auxiliar Mário Ribeiro, acompanhado de três homens, com ordem expressa de não abandonar a margem do Rio, seguindo os restantes nas duas cascas. Depois de duas horas de viagem, naufragamos na pancada de uma enorme cachoeira, num lugar perigosíssimo, de onde apenas pudemos salvar uma casca e alguns papeis. Quase todos cortados e contundidos, demos graças à Deus, por termos saído com vida de tão arriscado passo! Dias de verdadeira agonia foram aqueles. Parece que tudo se conspirava contra nós!

No dia **17**, amanheceu doente um companheiro nosso, pelo que não pudemos caminhar. Aí nesse lugar apanhamos 6 piranhas, que foram devoradas, desde a escama até à última espinha.

No dia **18**, caminhamos muito, acampando na confluência do Rio, com um Igarapé grande, nas proximidades de uma serra. Pela meia-noite, mais ou menos, deste dia, noite borrascosa, acordo e, lançando a mão fora da rede em que dormia, sinto em vez da terra sólida, que horas antes tínhamos debaixo de nós, um verdadeiro Rio, onde a correnteza fazia estremecer pela base as seculares e frondosas árvores, em que se achava apoiado o nosso velho e quase imprestável toldo. Dado o sinal de alarme, tratamos de suspender as redes [os que ainda as tinham], o nosso baú de papeis e pequena bagagem que nos restava!

Tudo foi inútil! Cada vez a água crescia mais, produzindo a violência com que descia um fragor medonho! Então compreendemos o perigo da nossa situação. Fugir era impossível! Rodeados d'água por todos os lados, sem uma luz ao menos para nos guiar, ameaçados dos jacarés e sucurijus, resolvemos trepar nas árvores, até que o dia aparecesse. E assim fizemos, até que o dia, aparecendo no horizonte, veio mostrar-nos a imensidade do perigo em que nos achávamos.

A água havia crescido mais de três braças ([15]) de altura, achando-se o nosso toldo quase inteiramente submergido. Reanimados pelo doce calor do Sol, que nos veio aquecer os membros tolhidos pelo frio, começamos a pescar, em primeiro lugar a nossa casca, que felizmente achava-se bem amarrada e depois as nossas redes e alguns objetos pesados, que a água não pudera arrastar na sua fúria destruidora.

Pela tarde deste dia ([16]), seguimos viagem, indo acampar próximo a uma grande cachoeira. Aí apanhamos dois cachos de bacaba e tiramos alguns bichos de caroço ([17]), para comer. Não sendo possível transpor-se esta cachoeira, por água, abandonamos pela terceira vez, a nossa casca, que tanto trabalho nos havia custado, e seguimos viagem por terra, atravessando grandes bamburrais.

A nossa alimentação era constituída por frutas agrestes e alguns bichos de caroços. E assim caminhamos até o dia **30**, em que não nos foi possível marchar, por ter o chefe adoecido, com muita febre, que felizmente passou logo. (FDN, N° 73)

---

[15] Três braças: 5,5 m. (Hiram Reis)
[16] Deste dia: 19.01.1985. (Hiram Reis)
[17] Bichos de caroço: tapurus. (Hiram Reis)

Folha do Norte, n° 74

Belém do Pará, PA – Domingo, 14.03.1896

Com uma catadura ([18]) medonha entrou o mês de **maio**. Tremenda chuva e enxurrada inundou o nosso acampamento, de maneira que muito cedo tivemos de nadar grande extensão, para ganhar terra firme. Receosos de nova inundação, procuramos terreno alto para acampar no dia seguinte. Inútil foi a nossa precaução. Pela manhã, muito cedo, estávamos ilhados, sendo preciso correr, nadando em algumas partes, para apanhar terreno alto. Sendo necessário a todo o transe arranjar cascas que nos transportassem e mesmo para garantia das nossas vidas, seriamente ameaçadas, começamos a procurar pau que a isso se prestasse, o que dificilmente encontramos. A situação sanitária era péssima, devido naturalmente ao nosso estado. Felizmente conservávamos ainda um resto de bi sulfato de quinino.

Somente no dia **14** ([19]), conseguimos preparar duas cascas, quase imprestáveis. Neste lugar, onde fomos forçados a estacionar, apertados pela fome, comeram os rapazes uma pequena cobra, que por felicidade deles e infelicidade dela passava próximo. Neste lugar o Rio, largo e completamente limpo, fazia crer não ter mais cachoeiras, o que importava para nós a salvação.

Infelizmente no dia **17**, pelas 15h00, uma formidável cachoeira, de mais de um quilômetro de extensão, embargou-nos a passagem. Desesperados, fartos de

---

[18] Catadura: aparência. (Hiram Reis)

[19] 14.05.1895. (Hiram Reis)

sofrer, jogamos as frágeis cascas sobre aquelas revoltas águas, resolvidos a passar, ou morrer. Deus, porém, que tinha os olhos fitos sobre esse punhado de infelizes, não permitiu, que ali perecêssemos. As cascas foram encalhadas sobre uma laje enorme, justamente no meio da cachoeira. Descoroçoados, resolvemos dormir ali. Neste lugar, da margem esquerda do Rio, estende-se um magnífico campo, coberto de pastagens e erva de chumbo ([20]).

No dia **18**, tratamos de proceder à passagem das cascas, o que com grande trabalho conseguimos, carregando-as por terra, até abaixo da cachoeira. Estávamos fazendo provisões de alguns bichos de caroço, para o nosso magro almoço, quando uma descarga de tiros de rifles veio quebrar o profundo silêncio que nos envolvia. "*In continenti*" gritamos e uma segunda descarga confirmou que alguém subia o Rio. Meia hora depois abraçávamos os nossos bravos companheiros Manoel Guilherme do Espírito Santo e Benedicto Fragata, que há três meses nos haviam deixado, a fim de ir buscar recursos. Descrever a satisfação que neste momento se apoderou de nós, ao ver estes intrépidos guias, trazendo-nos a alimentação e a alegria, é impossível. Só quem alguma vez tenha sofrido o amargor de ver perdida toda a esperança de salvação poderá sentir e avaliar o que sentimos. Soubemos então que o Rio pelo qual desviámos era o célebre Rio Curuá, temido até dos próprios mocambeiros. Achando-se o nosso organismo desabituado à alimentação e ao sal, sofremos muito nos primeiros dias. A pouco e pouco fomo-nos habituando à vida civilizada.

Ainda passamos algumas cachoeiras, chegando, no dia **21**, à povoação do Pacoval, onde encontramos o Sr. Capitão Blanc, que por sua vez se dispunha a

[20] Erva de chumbo: Cassytha americana. (Hiram Reis)

subir o Rio em nossa procura de ordem do Exm° Governador do Estado, Sr. Lauro Sodré. Tanto a sua Exª, como ao meu digno amigo Dr. Henrique Américo Santa Rosa, apresento os meus protestos de gratidão. Acompanhados pelo Sr. Capitão Blanc e por toda a população, seguimos para uma casa ligeiramente preparada para nos receber. Ali ficamos, a fim de assistir a uma ladainha, promessa feita pelos moradores do lugar, em ação de graças pelo nosso regresso.

Pela manhã do dia imediato ([21]) despedimo-nos dessa boa gente, seguindo para a Freguesia do Curuá, acompanhados pelo Sr. Capitão Blanc, que nos prodigalizou carinhos de irmão e todo o tratamento que o nosso estado melindroso exigia. Aos seus cuidados devemos em parte a nossa rápida convalescença. Lastimo que circunstâncias imprevistas fizessem com que não fossem justamente apreciados os valiosos e inolvidáveis serviços por ele prestados, na difícil emergência em que se encontrou. Pela minha parte hipoteco-lhe os meus agradecimentos. Ao Sr. Capitão Tito Valente do Couto, a cujo esforço, dedicação e amizade muito devo, a expressão sincera do meu reconhecimento.

No dia **23**, chegamos à freguesia do Curuá, onde fomos cavalheirosamente recebidos, especialmente pelos distintos cavalheiros Bentes e professor público. Infelizmente o nosso bravo companheiro Benedicto de Souza Fragata, que já encontramos doente, piorou, sendo recolhido em casa do professor, onde foi muito bem tratado, até o seu falecimento, que teve lugar pelas 08h00 do dia seguinte. Pela tarde desse dia procedeu-se ao seu enterramento, sendo o caixão coberto com a bandeira brasileira.

[21] No dia imediato: **22**.05.1885. (Hiram Reis)

No dia imediato ([22]), seguimos para a cidade de Óbidos, onde chegamos, no dia **25** de maio, pelas 17h00. Eis aqui a descrição fiel da exploração dos Campos Gerais, com a relação exata dos transes dolorosos por que passamos. A ela liga-se a descrição do que sofreu o meu valente companheiro Mário Ribeiro, no itinerário que, desviando-se de nós, preferiu seguir, indo por terra do Curuá ao Craval, com uma coragem inaudita, que para sua glória deu lugar à sua descoberta dos novos campos à cabeceira do Ariramba, os quais, pela sua situação próxima de Óbidos, mais valor iam ter para a indústria pastoril do que aqueles que juntos havíamos percorrido. A outrem, porém, competirá essa descrição. O que deixo exposto bastará para julgar-se o quanto, em favor deste Estado, que todos estremecemos, soube sofrer a Comissão da Guiana Brasileira.

Pará, 4 de março de 1896.

João Salles (FDN, N° 74)

O Pará, n° 167

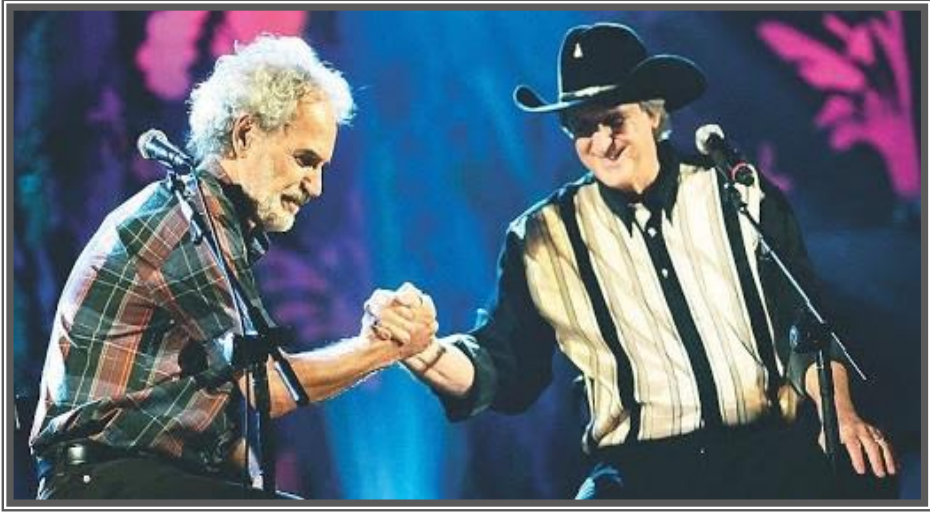
Belém do Pará, PA – Domingo, 19.06.1898

Crônica Parlamentar - Senado

[...] O Sr. O' d'Almeida pede a palavra e apresenta o seguinte requerimento: Quais os trabalhos efetuados pela extinta Comissão dos Campos Gerais; qual o relatório apresentado pelo Chefe da Exploração; se este já prestou contas das importâncias que recebeu e a quanto montaram as despesas feitas. [...] (OP, N° 167)

---

[22] No dia imediato: **24**.05.1985. (Hiram Reis)

Amizade Sincera
(Renato Teixeira)

Amizade sincera é um santo remédio
É um abrigo seguro
É natural da amizade
O abraço, o aperto de mão, o sorriso
Por isso se for preciso
Conte comigo, amigo disponha
Lembre-se sempre que mesmo modesta
Minha casa será sempre sua
Amigo.

Os verdadeiros amigos
Do peito, de fé
Os melhores amigos
Não trazem dentro da boca
Palavras fingidas ou falsas histórias
Sabem entender o silêncio
E manter a presença mesmo quando ausentes
Por isso mesmo apesar de tão raro
Não há nada melhor do que um grande amigo.

Voyage au Cuminá (1900)

Marie Octavie Coudreau

Voyage Au Cuminá

20 Avril 1900 – 07 Septembre 1900

OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 68 VIGNETTES ET DE 1 CARTE DU RIO CUMINÁ

PARIS

A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR
B. RUE DE FLEURUS, 9

1901

"Tradução Livre de Hiram Reis e Silva"

CAPÍTULO I

Partida do Pará – Tristeza na Partida – A Baía de Marajó – O que se tem para Fazer a Bordo – Alguns bons Momentos – Padre Tobias – Os Sacerdotes Andarilhos – Chegada em Oriximiná – Preparação – Sepultura de Charles – Partida de Oriximiná – Benedito e Calisto – Boca do Cuminá – Partida para a Sepultura de Henri Coudreau – Na sua Sepultura – Retorno – Doença de Martinho – Má sorte

20.04.1900 – Deixo o Pará ([23]), com a intenção de explorar o Rio Cuminá, o afluente mais importante da margem esquerda do Rio Trombetas. Mantenho sempre a mesma tripulação, o que me deixa absolutamente tranquila, considerando que não tenho de me preocupar com nada, meus bons marinheiros estão bastante acostumados às minhas viagens. Quando chego a bordo, está tudo pronto. Não posso deixar de fazer referência à única pessoa que teve a consideração de vir se despedir de mim, o único que antes de cada viagem, sempre teve a consideração de vir apertar a mão de meu falecido marido. Como seu amigo faleceu, ele achou que a viúva ficaria desamparada e, no momento da partida, fez-me todo o tipo de recomendações, concluindo:

– *Você vai se sentir muito solitária, os primeiros dias vão ser muito difíceis, conte com a sua coragem para não esmorecer.*

Obrigada, caro Sr. Girard ([24]), obrigada por suas amáveis palavras. Não vou permitir-me desanimar jamais, mas deixe-me ficar com a minha dor: é o pouco que me resta dele ([25]).

---

[23] Pará: Belém. (Hiram Reis)

[24] José Girard: fotógrafo e pintor cearense de paternidade francesa, especializado na produção de retratos e paisagens urbanas. (Hiram Reis) (Hiram Reis)

[25] Dele: Henri Anatole Coudreaux – vitimado pela malária em 10.11.1899 quando realizava o reconhecimento do Rio Trombetas. (Hiram Reis)

O. COUDREAU

VOYAGE

AU CUMINÁ

20 Avril 1900 — 7 Septembre 1900

PARIS

A. LAHURE, IMPRIMEUR-ÉDITEUR

9, RUE DE FLEURUS, 9

1901

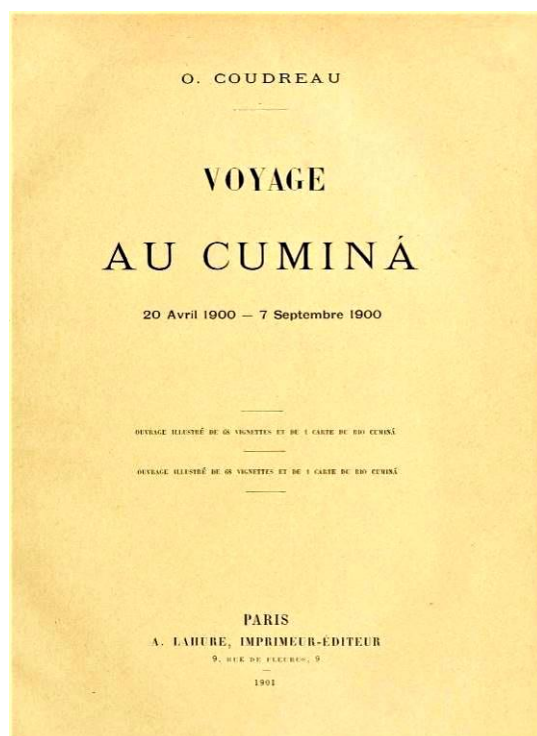



Imagem 03 – Voyage au Cuminá (O. Coudreau)

Eu realmente ansiava por essa viagem e agora que estou aqui, no meio deste vasto Rio das Amazonas, sinto-me solitária, desolada, quase desesperada. Tenho uma necessidade imensa de me entregar à meditação, um desejo de ensimesmar-me numa tentativa de ver as coisas mais claramente, de não me distrair com a movimentação dos passageiros, as lembranças tomam conta de meu ser no meio da multidão. Oh! Minhas esperanças e minhas ilusões, onde estão vocês? A vida parecia tão cheia de promessas, e se tornou, de repente, tão miserável e dolorosa, por que mentir?

Navegamos sobre as águas amareladas do Estuário do Rio Pará. Nosso pequeno vapor é fortemente sacudido pelas ondas; o que é normal nestas paragens, e, não raras vezes, algumas cargas caem ao mar.

As ofertas involuntárias são imediatamente tragadas pelas águas barrentas do Rio e nenhum tripulante se comove com essa perda. Quando o proprietário dos referidos volumes surge, respondem-lhe rudemente:

– *Seus bens! Eles estão na Baía de Marajó!*

Seria muito fácil superar esta inconveniência em relação à segurança da carga. Deveriam ser tomados cuidados especiais no carregamento visando impedir o deslocamento dos objetos embarcados. Mas não, não é o usual. Em todos os países, o costume é o grande mal de todas as coisas.

O que se tem para fazer a bordo? Ler, mas nem sempre se consegue ler. Observar as pessoas? A tripulação e os passageiros são quase sempre os mêsmos. Uma figura simpática chamou-me a atenção. Preciso saber quem é que despertou minha atenção. Descobri o nome dele: Padre Tobias.

O Padre Tobias é um velho muito formoso, muito agradável, com um sorriso encantador cheio de bondade e olhos muito travessos. Seus olhos traem sua natureza, eles não deixam nada escapar-lhe a bordo, eles retratam o âmago de suas reflexões mais íntimas. Eu gostaria de conversar com ele, mas não fomos apresentados, então...

Os bons momentos a bordo, infelizmente muito curtos, são aqueles dos almoços e jantares. Oh! Não posso acreditar nas coisas de que sou incapaz de fazer.

Não é pelo prazer de comer alguma "*carne seca*" muito dura, ou não ter na minha frente alguém que saiba o que são colheres e garfos, ou mesmo de ver senhores de jaqueta ou casaco cortar com seu próprio garfo, na travessa colocada no centro da mesa, o pedaço de carne que lhes pareça mais apetitoso.

Eu aguardo a hora das refeições, todas essas coisas delicadas não me seduzem, não me deleitam. Se aprecio estes momentos do almoço e jantar, é porque nunca vou para a mesa coletiva, meu cozinheiro me serve, fico só, longe de todo barulho, como uma exilada, posso, então, pensar e sonhar à vontade, já que isto se torna completamente impossível durante o dia.

– *Madame, no almoço, falamos apenas de você.*

Disse-me o Padre Tobias depois de retornar da mesa coletiva. Apresentamo-nos e ficamos conversando. Eu estaria realmente perdida se eu não tivesse conhecido este excelente homem. Os olhos maliciosos não conseguiam esconder seu coração bondoso e sensível. Tivemos excelentes bate-papos e apreciei, por demais, sua sabedoria. Ele desembarcou em Santarém, para onde veio, pela uma última vez, visitar seus paroquianos. Deve retornar imediatamente ao Pará e tomar o próximo vapor para a França; uma doença forçou-o a procurar tratamento na terra natal. Depois de sua partida, eu sinto-me ainda mais solitária.

Durante a noite, uma luz intensa iluminou toda a Baía que, logo em seguida, foi substituída, por uma densa escuridão. Mas aconteceu algo completamente diferente, acabamos de deixar um Padre em Santarém e no mesmo dia, em Alenquer, embarcou outro, e, algumas horas depois, mais um em Óbidos. Estariam todos os Clérigos da Amazônia em fuga?

Isto seria um problema. Pobres mulheres velhas! Quem as vai confessar agora? Um dos Sacerdotes embarcados era francês e o outro italiano. Ambos muito gordos e corados, falavam alto e rudemente e a tudo controlavam. Pregar a doutrina Cristã é louvável, mas cultivar a humildade e mansidão inefável do Cristo seria muito mais importante.

Estou apavorada e quero recolher-me no meu cantinho, eu realmente gostaria de me refugiar na minha cabine, mas é tão quente!

26.04.1900 – Chegamos, à 01h00, a Oriximiná. O Comandante propôs-me gentilmente esperar a luz do dia para que eu pudesse desembarcar com mais segurança. Agradeci-lhe a atenção, e, depois da alvorada, fui diretamente até a casa de Carlos Maria Teixeira ([26]) que sempre me tratou com muito respeito. É hora de afastar este torpor que tenta tomar conta de mim cada vez mais, uma vida nova começa.

Encontrei meus dois barcos que precisam de uma boa calafetagem. De manhã, todo mundo estava trabalhando, alguns tinham ido para a floresta cortar troncos para as estivas e ripas para as grades ([27]). Chico e Esteves calafetaram os barcos. João fez, desfez e refez cada pacote, a fim de colocar o máximo de provisões em um menor espaço possível: o barco é pequeno e a viagem vai ser longa.

Eu não precisava me preocupar, sei que o trabalho vai ser feito, como de costume. Volta e meia, eu incentivava meus trabalhadores com uma palavra de estímulo. Esta parada em Oriximiná é, para mim, muito triste.

---

[26] Carlos Maria Teixeira: em 1877, o Padre Nicolino aportou na margem esquerda do Rio Trombetas, à frente da Foz do Rio Nhamundá. No pequeno povoado, encontrou o comerciante Carlos Maria Teixeira, de origem portuguesa, natural da cidade do Porto, que havia chegado à região nos idos de 1872. Henri Coudreau, por sua vez, na sua "*Voyage au Trombetas*" (agosto a novembro de 1899) conhecera o português Carlos Maria Teixeira, proprietário do vapor "*Oriximiná*". Coudreau assim se refere a Teixeira "*Este último (barco a vapor Oriximiná) pertence a um Português, Carlos Maria Teixeira, já estabelecido desde longa data em Oriximiná, de uma educação perfeita e excelente coração*". (Hiram Reis)

[27] Grades: colocadas como piso do barco. (Hiram Reis)

Estou na mesma casa, e durmo no mesmo quarto em que estávamos os dois ([28]) na Viagem ao Trombetas ("*Voyage au Trombetas*"). Eu refletia sobre minha vida, minha alma sentia as amarguras da solidão. Estou aqui para cumprir um trabalho que servirá para mudar o curso de meus sombrios pensamentos. Charles Marquois, que participou conosco de metade da "*Viagem ao Trombetas*", lá morreu no mês de novembro último. Visito seu túmulo, limpei o local onde seus restos mortais foram enterrados e coloquei no lugar uma cruz de madeira na qual gravei seu nome. De acordo com as informações que recolhemos em Oriximiná, sobre o Cuminá, parece que teremos de escalar saltos de vários metros de altura: decidi, então, comprar uma montaria ([29]). A "*Andorinha*" e o "*Bem-te-vi*" têm um peso considerável e, embora para a carga e navegação sejam excelentes barcos, seria impossível arrastá-los por terra ([30]) ou à sirga ([31]) pelos saltos considerando de que disponho de uma pequena tripulação para isso. Minha montaria recebeu o nome de "*Joaninha*".

30.04.1900 – Deixo Oriximiná. Com o acréscimo da "*Joaninha*" à flotilha, precisei contratar mais dois homens. Um provavelmente teria sido suficiente, mas, tendo em vista os riscos, minha tripulação acredita que dois podem vencê-los mais facilmente. Estes dois homens são o velho Benedito e um jovem chamado Calisto. Infelizmente Benedito não rema muito porque é idoso e Calisto rema menos ainda [ambos são negros]. Parece que no mocambo ([32]) Sant'ana, acharei um excelente guia. (COUDREAU)

---

[28] Dois: ela e o falecido marido Henri A. Coudreau. (Hiram Reis)

[29] Montaria: pequeno barco. (Hiram Reis)

[30] Arrastá-los por terra: usando as estivas que são conjuntos de troncos roliços que revestem determinado trecho do terreno, formando uma esteira por onde se arrastam as embarcações. (Hiram Reis)

[31] Sirga: ou espia – rebocar o barco com cordas pela água. (Hiram Reis)

[32] Mocambo: quilombo. (Hiram Reis)

Hiram Reis: Diversos autores, desde o primeiro quartil do século XIX, fazem menção à existência de "*mocambos*" (quilombos) nos Rios do Baixo Amazonas, e, em especial, no Trombetas, Curuá e Cuminá dentre outros. As cachoeiras do Rio Trombetas e de seus afluentes serviam de barreiras naturais, dificultando a progressão das expedições punitivas. Os escravos fugidos, das fazendas de cacau e gado do Amazonas e do Pará (principalmente de Santarém, Óbidos e Belém), refugiavam-se nestes "*ermos sem fim*" constituindo os chamados "*mocambos*" governados por autoridades despóticas tão ou mais cruéis do que seus antigos patrões. Relata-nos João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior:

> *Ali perto de Óbidos, nas matas da beira do Trombetas, moravam centenas de escravos fugidos. Todos os escravos das senzalas do Pará e do Amazonas, escapando ao açoite dos senhores, iam para os "mocambos" do Trombetas. [...] Imitando as designações das autoridades do Pará, eles elegiam governadores, delegados e subdelegados, que mandavam nos mocambos como tiranos, conservando, para não apagar a lembrança das senzalas, o tronco e o cipó-de-boi, que serviam de castigo aos insubordinados e recalcitrantes.* (JÚNIOR)

Reporta-nos, Aureliano Cândido Tavares Bastos:

> *Os "mocambos" do Trombetas são diversos; dizem que todos contêm, com os criminosos e desertores foragidos, mais de 2.000 almas. [...] Os "mocambos" atraem os escravos; nomearam-me uma senhora que viu em pouco fugirem para ali 100 dos que possuía; outros proprietários há que contam 20 e 30 perdidos desse modo. Os negros cultivam a mandioca e o tabaco [o que eles vendem é considerado como o melhor]; colhem a castanha, a salsaparrilha, etc. Às vezes descem em canoas e vêm ao próprio porto de Óbidos, à noite, comerciar às escondidas; com os regatões que sobem o Trombetas, eles o fazem habitualmente. Diz-se que também permutam com os holandeses da Guiana os*

seus produtos por outros, e principalmente pelos instrumentos de ferro e armas. Os "mocambos" têm sido perseguidos periodicamente, mas nunca destruídos. Eu acredito que eles hão de prosperar e aumentar. O terreno contestado do Amapá, a Leste, na fronteira com as possessões francesas, para onde também se refugiam escravos e desertores, e estes "mocambos" do Trombetas são, a meu ver, dois sérios impedimentos para a introdução de mais braços escravos no Amazonas. (BASTOS)

Narra-nos Gastão Luís Cruls:

O Baixo Cuminá é um Dédalo desnorteante, semeado de Lagos e Ilhas, e a cada momento esguelhamos por um Canal. Num desses lances, acontece vir de descida uma canoinha. Mal os seus tripulantes nos veem, recolhem-se rápidos a uma das margens, cuja ramaria os acoita. Denuncia-os, porém, o vermelho vivo de um vestido. São, sem dúvida, pretos dos que habitam por aqui, remanescentes dos antigos mocambos e, até hoje, ainda desconfiados e temerosos. [...]

Daqui por diante, em uma e outra margem, deparam-se palhoças humildes, onde habitam os pretos a que já aludimos, mocambeiros como ainda são conhecidos hoje, pois que se prendem àqueles escravos que, fugindo à crueldade de seus senhores, vinham procurar asilo na espessidão ([33]) das selvas. Os quilombos que por aqui existiram e, segundo consta, ficavam acima da Cachoeira do Cajual e do Rio Penecura, eram filiados aos nascidos, em 1840, no Trombetas, com os quais se comunicavam por terra. Aliás, quase todos os Rios da Amazônia tiveram desses refúgios de escravos e até no alto Içá. Crevaux foi surpresar a choça de uma preta velha. Parece que tanto no Trombetas como no Cuminá, os mocambeiros, temendo o gentio, nunca se localizaram muito acima das primeiras cachoeiras. Contudo, diz-se que eles acabaram por manter relações com os selvagens e há quem adiante que, por meio das tribos Ariquena, Charuma e Tunayana, através dos

[33] Espessidão: vastidão. (Hiram Reis)

Tirió, da Guiana, e passando pelos Pianacotó ([34]), eles chegaram a estabelecer contato com os seus irmãos, os negros da mata [bush-negroes] de Suriname, também escapos ao cativeiro. (CRULS)

COUDREAU: E aqui estou eu navegando no Rio Trombetas, que me foi tão funesto. Tristes lembranças me assaltam. Para distrair-me, resolvi refazer o levantamento [do Trombetas] de Oriximiná até a Foz do Cuminá. Trabalho mecanicamente levantando os rumos, medindo os ângulos e registrando-os. Conheço, por demais, este trecho do Rio, permito-me, então, rememorar minhas dolorosas lembranças. Eu acho, tenho quase certeza, de que no Cuminá vou conseguir recuperar todo o meu ânimo. Minha tripulação é uma máquina perfeitamente sincronizada.

Chegamos à hora do almoço exatamente no mesmo local onde paramos na viagem anterior. A mesa é posta sob a mesma árvore, a decoração é a mesma, os marinheiros são os mesmos, sou incapaz de conter minha emoção. Eu me afasto imediatamente da mesa e acendo um cigarro. Mas na hora de acampar, é muito pior. Aqui estamos na mesma casa, do mesmo caboclo, com as mesmas figuras, as mesmas crianças geófagas ([35]), os cães também sempre magros, a recepção igualmente ruim; a minha rede foi atada nos mesmos suportes. Felizmente não sou supersticiosa, caso contrário, iria considerar, estas coincidências singulares, como um mau presságio. Conversamos muito, desde cedo, e, então, resolvemos reconhecer o Furo do Arumã. Este Furo é estreito e de pouca profundidade, de 3 a 4 m de largura, geralmente com profundidades que não ultrapassam os 0,25 m.

---

[34] Pianacotó: atualmente Tirió. (Hiram Reis)

[35] Geófagas: comedoras de terra. (Hiram Reis)

No verão, o Furo seca completamente. É com grande tristeza que verifiquei que meu grande barco não conseguia passar. Chegamos à Boca do Cuminá, às 09h30, e fomos até a casa de Bernardo. Desde minha última passagem, Bernardo faleceu; deixando, sua companheira de 22 anos, totalmente desamparada. Ela ignora e, mesmo que soubesse, não teria condições de ter acesso aos direitos previstos na legislação que poderiam ampará-la.

Parto na "*Joaninha*" para visitar o túmulo de meu marido. Há três homens na grande canoa e comida: Chico, Martinho e o velho Benedito, os outros vêm comigo e remam forte para que à noite cheguemos ao Amaral. A casa está de luto, seu filho, um jovem alto, um homem adulto, morreu. Sou muito bem recebida por Amaral e suas duas filhas, duas lindas meninas, mostrando, mais uma vez, que a miscigenação de brancos e índios produz belos resultados.

Na manhã seguinte, Amaral não me deixou sair antes de ordenhar as vacas para que eu tomasse leite absolutamente fresco. Continuamos, todos os dias, enfrentando um calor sufocante, abafado; estamos em uma verdadeira fornalha.

03.05.1900 – Às 13h00, chegamos ao lugar onde repousa aquele por quem vou guardar eterno luto. Não há uma folha de grama, não existe nenhuma planta sobre o modesto túmulo que está mais limpo do que o deixei há seis meses. Estou olhando para a cruz de madeira onde o seu nome ([36]) foi gravado a faca em um dos braços. A terra nua, a região deserta, é difícil de acreditar que tudo o que mais amo está aqui!

[36] Henri Anatole Coudreaux (✵ França – Sonnac, 1859 / ✞ Brasil – Amazonas, 1899). (Hiram Reis)

Eu queria poder chorar; as lágrimas são o orvalho da alma ([37]) que tudo curam, elas proporcionam certo alívio neste momento; mas guardo comigo muita revolta e dor e, acima de tudo, uma enorme raiva em relação ao meu destino. Lanço um último olhar sobre esta colina, onde deixo parte do meu coração e parte de minha alma e sigo para a Foz do Cuminá onde o dever me chama.

05.05.1900 – Depois de uma marcha forçada, estamos de volta à casa do Bernardo, onde uma desagradável surpresa me aguardava. Desde minha partida, Martinho piorara, ele só bebera um pouco de água que vomitou em seguida. Ontem à noite, quando ele estava com as extremidades frias e respirava com dificuldade, Chico e o velho Benedito, auxiliados pela viúva de Bernardo, fizeram-lhe uma cama no chão com cobertores. A viúva de Bernardo exclamou:

– *É assim que estava Bernardo quando agonizava.*

O velho Benedito lamentou:

– *Nós três sozinhos, não conseguiremos colocá-lo no chão, não somos fortes o suficiente.*

Chico começou a preparar as velas, mesmo antes de o infeliz Martinho se convencer de que seu último dia chegara e ele perguntava a cada instante:

---

[37] "*Les larmes, cette rosée de l'âme*": terá Madame Marie Octavie Coudreau lido "*A Lágrima*" do livro "*Ecos da Alma: Poesias Coligidas pelo Poeta Macambúzio*" de Batista Caetano de Almeida Nogueira, editado nos idos de 1856?

A Lágrima
(Macambúzio)

Se a triste despedida te demora
Um mudo soluçar
Entre límpidas gotas que emudecem
O teu seio, oh! Ai ela não mente!
O orvalho da alma, a lágrima
Não brota senão quando ardor gerou-a. (Hiram Reis)

– *Camarada, a Madame vem?*

Quando nosso barco estava à vista, Chico disse:

– *Martinho, lá está a Madame.*

E o pobre garoto exclamou:

– *Ah! Agora eu não vou mais morrer.*

Ai de mim! Como podem ter tanta confiança em mim que não fui capaz de salvar a quem eu mais amava neste mundo? Faço Martinho tomar comprimidos de Bromidrato de quinino ([38]) para fazê-lo parar de vomitar e o remédio funcionou. Passei a noite ao lado dele, dei-lhe de comer um caldo de galinha. Na manhã seguinte, depois de um dia descansando e bem cuidado estava em condições de partir.

Mandei Benedito pescar e Chico e Esteves caçar, na esperança de ter algo diferente para o jantar. Eles não pescaram nem caçaram nada, claro que não é culpa deles. A região, disseram-me, não é de terra firme é um pântano onde, por vezes, afundavam até o joelho, precisando mover-se cuidadosamente. Adiante há um Lago e mais adiante há outro pântano, sendo que nenhum deles avistou qualquer vestígio de animais selvagens. Não me admiro de sua má sorte, o oposto é que teria me causado surpresa. A vazante torna estes Rios hostis a qualquer viajante. A água está envenenada por Timbó ([39]) ou Assacu ([40]) e o ar está envenenado por emanações pestilentas, os animais selvagens fugiram para longe dessa região onde as pessoas são inimigas da natureza.

---

[38] Quinino (Cinchona): Quando transformada em pó, juntando-se uma quantidade equivalente ao peso de duas moedas de prata, e oferecida ao paciente como bebida, ela cura a febre. (Padre Jesuíta António de la Calancha, 1633 – Crônica de Santo Agostinho)

[39] Timbó (rotenona): a água contaminada pode causar diarréias e irritações nos olhos. (Hiram Reis)

[40] Assacu: Hura crepitans. (Hiram Reis)

Imagem 04 – Cachoeira Tronco

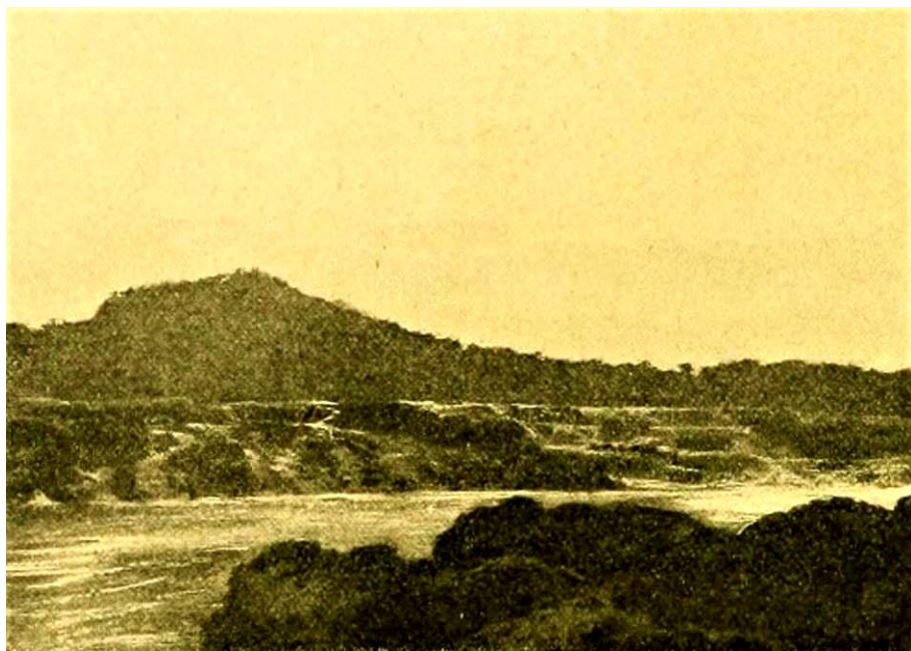



Imagem 05 – Cachoeira Jandia

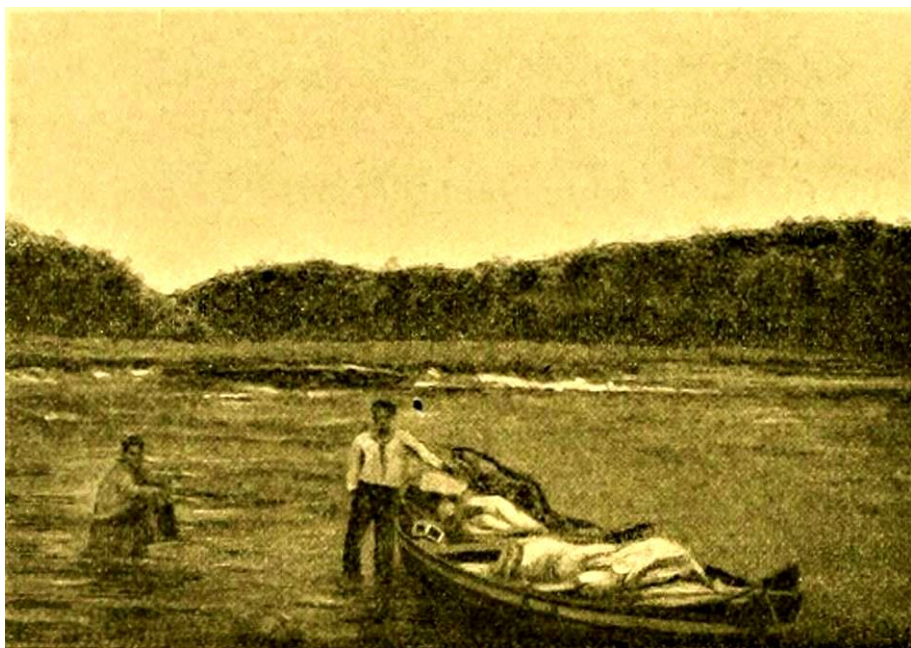



Imagem 06 – Cachoeira Jandia

Imagem 07 – Barracão de Pedra

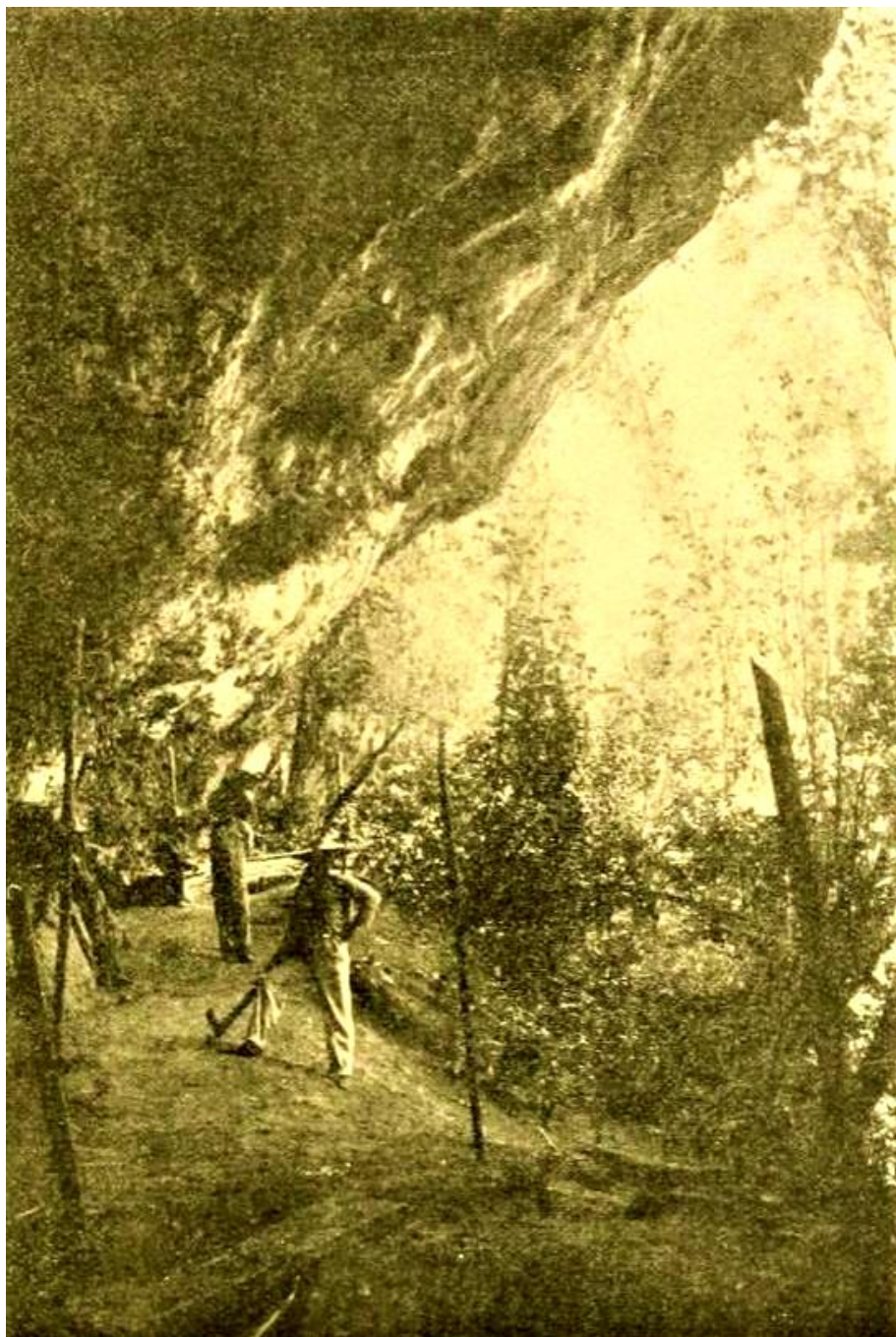



Imagem 08 – Barracão de Pedra

CAPÍTULO II

No Cuminá – Nova Forma de Fazer Geografia – Boca do Cuminá-mirim – Furo do Jaruacá – Galinhas e seus Proprietários – O Campo de Manoel Garça – Primeiro Acampamento na Floresta – Martinho é um Mestre no Barco – Em Sant'ana – Madame Sant'ana – Um Guia – Guilhermo, o Sobrinho – Benedito e Calisto Retornam a Oriximiná – Uma Noite em Sant'ana – Adeus da Família de Guilhermo a Guilhermo – Minha Cruel Reputação – Barracão de Pedras – A Cachoeira – A Doença de João – Guilhermo Falador – Visita Interessante – Dois Alertas à Noite – João Sempre Doente

07.05.1900 (Segunda-feira) – Os preparativos foram concluídos muito cedo. Um lugar foi reservado para Martinho sob o toldo, protegido do Sol e preparei-lhe um excelente caldo. Se Deus quiser, ele vai melhorar.

O Cuminá, na sua confluência com o Trombetas, tem cerca de um quilômetro de largura que logo em seguida passa para 500 m e continua assim ao longo da Ilha Moçambique. Seguimos pela margem esquerda da Ilha.

– *É mais curto.*

Disse Benedito,

– *Por Moçambique, do que pela Terra Preta.*

Eu não entendo sua explicação. Aqui o Rio muda de nome para cada Ilha e o Canal da margem direita não tem o mesmo nome do Canal da margem esquerda. Estou no Rio Moçambique – margem esquerda, mas do outro lado da Ilha, à margem direita o nome do Rio é Terra Preta. Um pouco mais acima, chegamos a outra grande Ilha; que de um lado é o Rio Jaruacá e do outro o Rio Arapecuru.

– *Mas tudo isso é Cuminá Benedito.*

– *Não, senhora. Não é o Cuminá.*

– *Estamos, meu amigo, no Cuminá. Então, para cima das Cachoeiras, como você chamaria o Rio?*

– *Cachoeiras são cachoeiras, o Rio não tem nome.*

– *Ah! Muito bem. Mas como os meus antecessores chamaram este Rio de Cuminá, eu o chamarei pelo mesmo nome. Benedito, você está no Rio Cuminá.*

– *Sim, senhora, eu estou no Cuminá. – Estamos no Rio Moçambique [sussurrou para um companheiro].*

Deixe-o falar, vou continuar chamando-o de Rio Cuminá, não acho que Benedito seja um perito em geografia. As duas margens são baixas e pantanosas, algumas elevações aparecem aqui e acolá. Na margem esquerda, a cerca de 06 km da Boca, duas grandes aberturas permitem que se observem, no horizonte distante, colinas que, à distância, se assemelham a uma nuvem de luz azul-acinzentada. Proponho-me a mapear a Boca do Furo Cuminá-mirim.

A montante da Ilha Moçambique, o Rio flui em um só Canal, um Canal profundo que mantém uma largura de 500 m. Na margem direita da Foz do Furo Jaruacá, encontra-se uma Boca que se abre para um Lago do mesmo nome. O Lago Jaruacá é alimentado pelo Rio Acapu. No Alto Acapu, perto das fontes, moram índios Pauxis. Deixando o Furo Jaruacá, navego pela margem esquerda do Canal, um Canal estreito e de pouca corrente. Paramos para o almoço, há uma barraca na margem esquerda do Rio. Eu não gosto, geralmente, de acampar junto aos ribeirinhos, costumo ficar longe de suas casas porque, normalmente, o dono da casa, rico ou pobre, fica sempre mendigando alguma coisa que se você der certamente lhe fará falta futuramente.

Fui forçada a abrir uma exceção à minha regra de conduta, eu havia visto um bando de galinhas e queria comprar uma delas para o Martinho, que, no seu atual estado de saúde, não estava em condições de comer carne seca. Ai de mim! Minha vontade não foi satisfeita. A dona da casa não quis vender nenhuma, e explicou-me que cada uma dessas galinhas tem donos diferentes. Uma é de sua filha mais velha, a outra do filho mais novo, a outra de sua avó, uma quarta de sua tia, etc. Sempre é a mesma coisa; quando não querem vender declaram que apenas as criam e não são seus proprietários. Talvez, mais adiante eu encontre pessoas mais prestativas! Na margem direita, encontrei uma casa e no seu entorno uma grande clareira, onde as ervas daninhas cresciam. É o que Manoel Garça pretensiosamente chama de "*Meu Campo*". Talvez nunca lhe tenha ocorrido que deveria, desde o início, ará-lo e semeá-lo com boas plantas?

Aportamos na margem direita, a montante da Boca do Furo Jaruacá. Hoje vamos dormir um pouco mais cedo. O local do acampamento é limpo e as barracas são armadas em menos de meia hora; vamos descansar depois de um árduo dia de trabalho sob o Sol do Equador. Este é o meu primeiro acampamento na floresta, desde a morte de meu marido, e meus tripulantes estão, como eu mesmo, muito emocionados ao olhar para o lugar vazio onde eles geralmente penduravam a rede do Doutor. Parece-me que, a cada momento, ele vai surgir. Durmo ansiosa, acordei diversas vezes, e, em todas elas, divisava seu querido rosto surgindo das sombras. A ilusão era tão forte que, mesmo de olhos abertos, eu acreditava poder vê-lo.

08.05.1900 (Terça-feira) – Levantei às 05h30, depois de passar uma noite insone, e, imediatamente, dei o comando de partida. Martinho continua

sob o toldo e está melhor. Oh! Muito melhor, julgando pelo barulho que ele faz. Ele repreende, comanda e chama seus camaradas:

– *Você deve dar-me de beber, ajeitar o travesseiro, colocar um cobertor, ajeitar o mosquiteiro, etc.*

Esses negros são incríveis! Todos iguais. Ainda bem que me aprendi como comandá-los, há sempre uma nova peculiaridade a observar. Se os tratamos amavelmente – tornam-se arrogantes, com certa rudeza – tornam-se servis.

Na margem direita, uma pequena Boca de 30 m é a entrada do Furo Cuminá-mirim que, a jusante na sua saída no Cuminá-grande, mede mais de 01 km de largura.

Finalmente, chegamos à barraca do famoso Joaquim Sant'ana, o mais antigo dos mocambeiros do Cuminá, Joaquim Sant'ana é ativo, Joaquim Sant'ana sabe fazer tudo, Joaquim Sant'ana que guiou Padre Nicolino em suas viagens, Joaquim Sant'ana que orientou a expedição do Dr. Tocantins, Joaquim Sant'ana que estava disposto a ajudar o Manoel Valente do Couto em sua jornada [1868], Joaquim Sant'ana sem a orientação do qual uma viagem pelo Cuminá se torna quase impossível, é ao Joaquim Sant'ana a quem você precisa indagar e que lhe dirá se você deve ou não prosseguir, Joaquim Sant'ana que comandou o massacre aos índios Pianacotó ([41]) do Igarapé Poana. Joaquim Sant'ana odeia, sobretudo, os brancos mas que não lhes fará nenhum mal, pelo menos ostensivamente, porque tem medo. Este extraordinário Joaquim Sant'ana não está em casa, foi abrir uma trilha para Damiano no Cuminá-mirim. Na sua barraca encontrei a esposa e um de seus sobrinhos.

---

[41] Pianocoto: Tirió. (Hiram Reis)

Imagem 09 – Guia Guilhermo

Outro contratempo, Joaquim Sant'ana havia dito, em Oriximiná, que possuía, no Cuminá, algumas cabeças de gado, e eu, agora, pretendia comprar-lhe um boi. Há um campo na frente de sua casa, mas não vimos nele um único animal de chifres; apenas galinhas e cerca de quatro ou cinco negrinhos que rolavam na lama, da mesma forma como fazem os suínos em nossas campanhas. As galinhas, também, não estavam à venda [...].

Madame Sant'ana ficaria bem na Confraria dos 100 kg, com cabeça e voz masculina, mãos e pés monstruosamente desenvolvidos, ela faria sucesso na Feira Livre de Neuilly ([42]) numa competição desastrosa com Marselha. Enfim, essa "*graciosa*" Madame Sant'ana colocou-nos à disposição o seu sobrinho, chamado Guilhermo, que afirma conhecer o Rio como o próprio Joaquim Sant'ana.

---

[42] Neuilly: às margens do Sena. (Hiram Reis)

Ficamos aguardando o Guilhermo desde o meio-dia e ele chegou, tranquilamente, às 19h00. Eu precisava dele e, por isso, tive de esperar. Ele possui uma autossuficiência incomparável. É um mulato escuro de cabelo encaracolado que declara ter 54 anos.

Faltam-lhe os dentes superiores de um lado e os do maxilar inferior são tortos. Acho que é indiferente se a boca dele é ou não enviesada, o que realmente importa é o que sai dela, e são apenas elogios, malícias e especialmente mentiras. O homem não me agradou, mas o que fazer? Ele é o único disponível. Tenho de usá-lo. Na qualidade de guia "*quase*" oficial, faz-me excessivas exigências. Ele faz questão de salientar que foi o guia de Manoel Valente do Couto e que este tinha assinado um documento prometendo-lhe 3.000$000 pelos seus serviços; ele não me pediu para assinar nenhum papel mas exigiu metade de seus honorários com antecedência. Assim o fiz, Guilhermo foi para casa ultimar seus preparativos, amanhã de manhã seguiremos viagem.

É a partir daqui que Benedito e Calisto devem deixar-nos e retornar a Oriximiná. Lamentam deixarnos, um, porque o rum é bom, e o outro porque tinha banha nos nossos víveres. O velho Benedito bebe rum como se fosse água, mas Calisto, embora goste do rum, adora ainda mais a banha da qual ele ingere colheres de sopa cheias, quando pensa que não está sendo observado. É por isso que três caixas de banha de 5 libras inglesas cada ([43]), desapareceram em seis dias de viagem.

Dormimos na Casa de Joaquim Sant'ana. Que noite passei! As crianças choravam e, para ficarem quietas, eram espancadas constantemente, eu ouvia as violentas bofetadas desferidas nas pobres crianças.

[43] 5 libras inglesas cada: 2,27 kg. (Hiram Reis)

Em um canto, uma galinha e seus pintinhos, pouco tempo mais tarde, outra galinha com sua ninhada; cinco cães de uma magreza alarmante perambularam por toda a noite e roçavam na minha rede; coçando suas pulgas à minha volta – é quase uma maloca indígena.

Da casa de Sant'ana até a de Guilhermo são apenas 03 km de distância, por isso, chegamos lá muito cedo. Guilhermo já estava pronto, e poderíamos ter partido imediatamente, não fossem as despedidas. Toda a família, vizinhos e amigos estavam lá presentes; eles eram, ao todo, umas vinte pessoas. A cena de despedida é curiosa e ameaçava eternizar-se. Devemos nos apressar, caso contrário, eu sou capaz de zombar de todas essas pessoas tão grotescas; cada um deles abraça Guilhermo com ternura e sussurra algo no seu ouvido.

– *Embarcar, embarcar!*

Ao ouvir estas palavras, a velha Maria, mãe do Guilhermo, se aproximou de mim e disse:

– *Madame, não vá matar, meu filho.*

A razão de sua preocupação é que minha reputação tinha chegado até aqui. Poucos sabem, porém, o que realmente aconteceu. O que fiz foi mandar surrar um negro que tinha sido insolente no Rio Trombetas, e, por isso, julgam-me capaz de matar um homem, sem motivo, por prazer.

– *Não, não tenha medo, minha brava mulher, eu não matarei o seu filho, eu vou me limitar apenas, se ele não se me obedecer, a dar-lhe umas chibatadas de corda.*

A pobre velha alegrou-se.

– *A corda! Ora isso não vai matá-lo, ele sabe; já levou tantas surras.*

Finalmente, partimos. O Rio muda seu aspecto; torna-se alegre, tem uma largura média de 700 m, com colinas de ambos os lados.

Nessas colinas, as castanheiras abundam: as castanhas não faltam, faltam trabalhadores. Algumas barracas na margem esquerda, no topo dos taludes, barracas muito pequenas, semelhantes a celeiros. A margem direita é pantanosa nas proximidades das colinas. À Margem esquerda, dois Lagos piscosos, ao que parece: o Lago Tucunaré e o Lago Tucunarezinho.

O Barracão de Pedras é uma rocha de cerca de 15 m de altura, formando uma imensa caverna de cuja frente se tem magnífica vista. Periodicamente, esta caverna se torna um verdadeiro quartel, local preferido dos mocambeiros do Cuminá. Nessa caverna, eles vêm para o pagode ([44]) ou seja, dançar e embriagar-se enquanto tiver algo para beber e comer. O pagode geralmente dura nove dias, às vezes mais. Nele mesclam-se o sagrado e o profano, louvam o Santo do dia, em cuja honra a festa é realizada. O Santo permanece no seu nicho, testemunha muda da orgia. Desses pagodes, as meninas e as mulheres mais jovens levarão consigo um incomodo que persistirá por nove meses ([45]).

A montante do Barracão Pedras, o Rio se estreita, as colinas marginais são um pouco mais elevadas do que as de jusante, a correnteza começa a se fazer sentir; estamos trabalhando muito, chegamos, antes do anoitecer, à Cachoeira do Tronco sob chuva intensa. Aqui, na Cachoeira do Tronco, vou deixar grande parte dos gêneros e a canoa grande "*Bem-te-vi*".

[44] Pagode: folguedo. (Hiram Reis)
[45] Nove meses: gravidez. (Hiram Reis)

Vamos fazer um acampamento maior do que o habitual, a barraca que vai permanecer montada é armada com mais apreço, fazemos um pequeno varal para colocar os víveres evitando que os mesmos fiquem sujeitos à voracidade dos cupins e das saúvas. João teve febre alta desde ontem à noite, ele relatou que, depois de tomar banho, começou, tão logo saiu d'água, a sentir calafrios. Espero que não seja nada. Vou aguardar um ou dois dias, a febre certamente não resistirá ao quinino. Gostaria de deixá-lo aqui, mas para passar pelas cachoeiras tenho mais confiança nele; que é o melhor piloto da minha canoa. Trabalha comigo há mais de quatro anos e considero seu trabalho mais que satisfatório. Guilhermo aproveita que não tem nada para fazer para cumprir seu papel de guia. Ele é muito falante, faz um relato das explorações de meus dois antecessores. Escuto com atenção e ele demonstra sua astisfação com um sorriso de contentamento. Ao comcluir sua narração, ele espera que eu o elogie e como permaneço em silêncio, ele fica desconcertado. É que ao ouvi-lo caluniar meus antecessores, que eram brasileiros e paraenses como ele, concluí que na qualidade de estrangeira, devia esperar futuramente piores calúnias ainda sobre mim.

Achando-nos acampados ao pé de Cachoeira, vieram visitar-nos, às 09h00, vários homens e mulheres mocambeiros. Eles agiam como se estivessem em casa, pedindo comida, depois café, tabaco, rum, sabão. Tudo para eles era bom, pediram colheres velhas e caixas vazias, que preferiam que estivessem cheias e depois se afastaram um pouco e, me olhando de soslaio, sussurravam. Acho que a intenção deles é a de roubar-nos à noite. Eles são 11 e nós somos 05, já que não podemos contar com o Marinho nem o João que estão acamados. Vamos aguardar para ver o que acontece. Chamo minha tripulação e digo-lhes:

– *Meus filhos, mantenham seus rifles carregados e ao alcance da mão, mas durmam tranquilos que esta noite que eu ficarei de guarda.*

Eles entenderam e começaram a olhar os mocambeiros com desconfiança. Depois que os enfermos e todos os gêneros foram acomodados na minha barraca deitei-me na rede e aguardei. Durante a primeira hora, nada aconteceu, o acampamento permanecia em absoluto silêncio e todos pareciam dormir profundamente. Achei que tinha me enganado com os mocambeiros, quando ouvi um ruído, quase imperceptível, próximo ao depósito de víveres. Aproximei-me e, ao ver um vulto movendo-se, engatilhei a Winchester ([46]). Ao ouvir o som da arma, o vulto fugiu gritando. Era o Guilhermo que pressentira a morte.

– *O que você estava fazendo lá, Guilhermo?*

– *Madame, estava tentando achar o remédio que a senhora colocou no dente da tia Figéna, a dor de dente dela voltou.*

– *Você sabe que ninguém pode abrir a caixa de remédios! Não quero ver nenhum de meus marinheiros envenenados.*

Guilhermo foi deitar-se na sua rede, enquanto eu decidi fazer uma caminhada na praia. Avistei duas pessoas caminhando na minha direção. Reconheci o irmão de Guilhermo, o Raimundo e sua esposa. Apaguei meu cigarro, eu me escondi atrás de um arbusto e fiquei observando-os. A mulher começou pegando tudo que podia: colheres, pratos, tigelas, etc. Raimundo vigiava de olho no acampamento. Eles estavam tão concentrados que eu me aproximei deles sem que me pressentissem.

[46] Winchester: arma fabricada pela Winchester Repeating Arms Company, em Connecticut, EUA. (Hiram Reis)

– *O que vocês estão fazendo aqui?*

Eles levaram um susto e fugiram. Passados estes dois incidentes, o resto da noite foi tranquila. No dia seguinte, bem cedo, livrei-me de todos esperando que não voltassem a me visitar. João não está passando bem. Embora a febre tenha sido controlada ele apresenta agora uma forte disenteria. Administro-lhe bismuto e ele melhora logo em seguida. Eu não sei mais o que fazer com ele. Após oito dias de tratamento, apesar de não ter mais disenteria ou febre, ele está tão fraco, que não é capaz de cuidar de si mesmo.

Decidi partir deixando Antônio para cuidar do Martinho, que está sempre doente, e do João. Esta viagem começa sob maus presságios: Martinho e João doentes, população hostil, um guia de suspeito. Todos esses tristes agouros não seriam suficientes para desanimar os mais audaciosos? Mas bah! Vamos adiante. A força de vontade do ser humano é mais forte que o destino opressor.

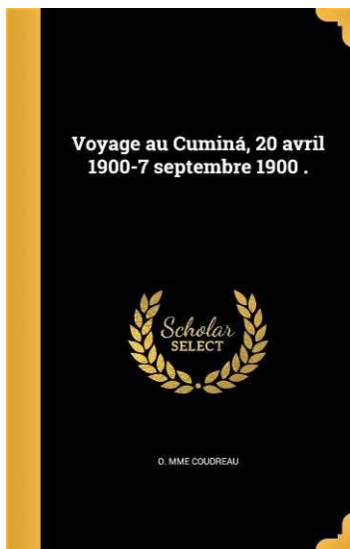
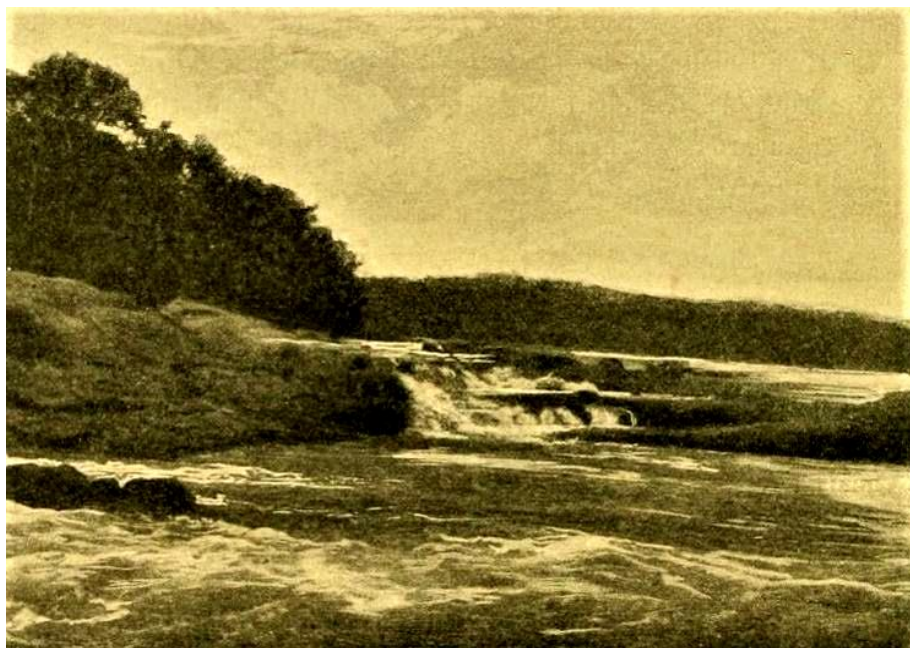



Imagem 10 – Cachoeira do Patinho

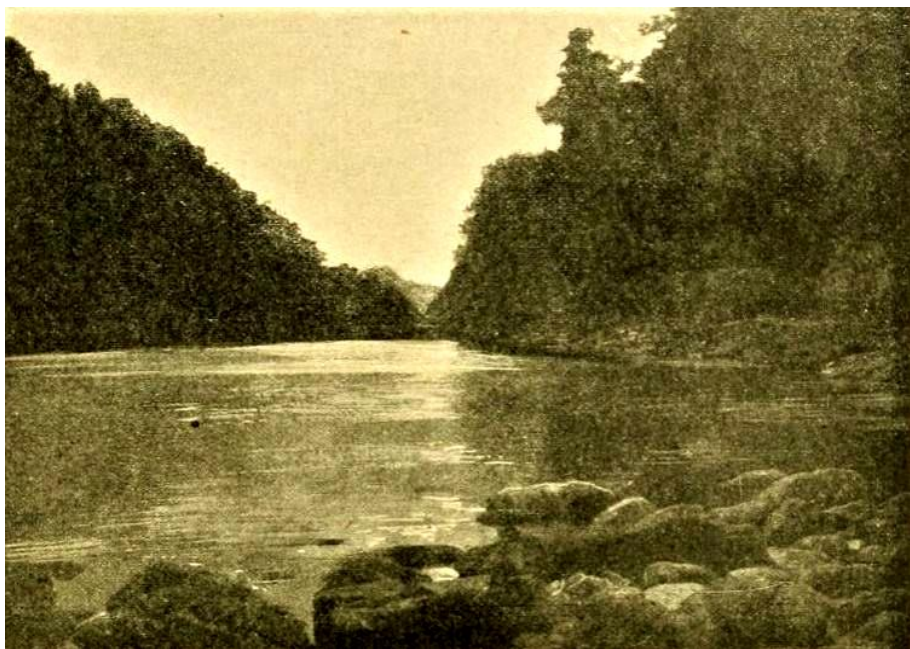



Imagem 11 – Cachoeira do Inferno e vista da Pindobal

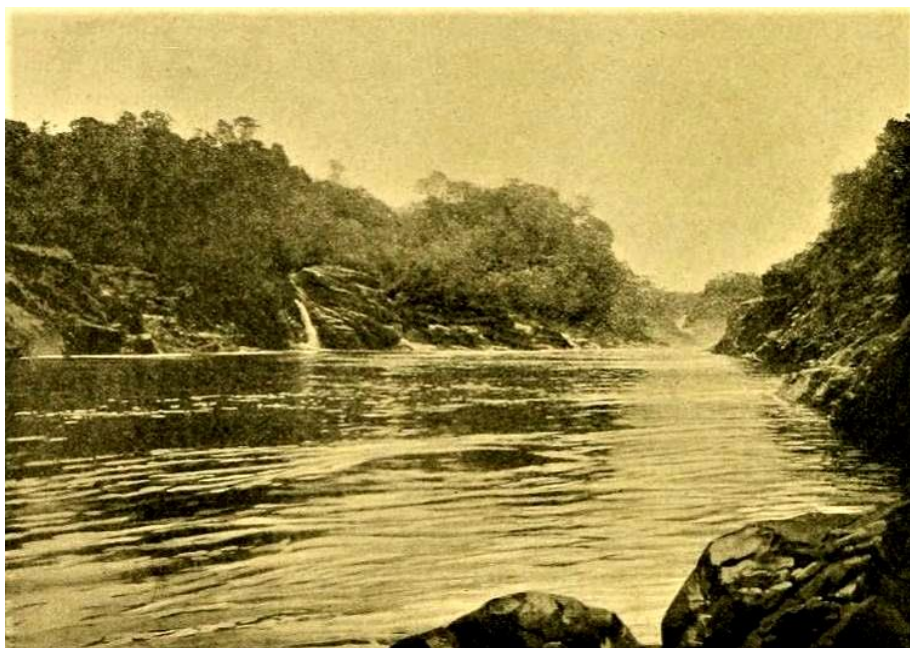



Imagem 12 – Canal do Inferno

Imagem 13 – Joaninha no Pedral

Imagem 14 – Joaninha na Estiva

CAPÍTULO III

Cachoeira do Tronco – Cachoeira da Laje Grande – Cachoeira do Jandiá – Cachoeira do Caldeirão – Cachoeira do Patinho – Trabalho de Marinheiro e Trabalho do Explorador – Cachoeira do Martinho – Cachoeira do Pindobal – Emoção – Cachoeira do Inferno – Caminho por Terra – Raimundo, Irmão de Guilhermo – A Cobra do Raimundo – O Mudo – Horas de Tédio – Rio Grande – Guilhermo Doente – Cachoeira do Cajual – Petróglifos – Natureza Hostil – Furo do Pindobal – Taperas Macaco e Urucurí – Rio Penecura – Taperas Formigal, Javari, Livramento e S Antônio – Igarapé Água Fria – Cachoeira do Mel – Cachoeira do S Nicolau – Pinturas Rupestres – Cachoeira do Beliscão – Cachoeira do Varadourozinho – Cachoeira do Retiro – Cachoeira do Prato – Cachoeira da Pirarara – Guilhermo Mordido – Cachoeira da Torre – Cachoeira da Casinha de Pedras – Cachoeira do Breu Branco – Cachoeira da Tracuá – Cachoeira do Severino – Cachoeira do Armazém – Rampa da Cachoeira – Cacto – Cachoeira do Torino

17.05.1900 (Quinta-feira) – Meu barquinho "*Joaninha*" ficou carregado desde ontem; está tudo pronto, tripulação e alimentos. Eu levo o que é preciso para um mês e meio, mas espero estar de volta a este lugar no máximo em um mês. Guilhermo é o piloto. Vão comigo três homens Esteves, Chico e José. Eles são fortes e corajosos, o barco é leve e por isso devemos progredir com rapidez.

Cachoeira Tronco – Cinco Travessões ([47]). O Canal do 1° Travessão não está muito seco, buscamos um caminho próximo à margem esquerda onde passamos com dificuldade. No 2° Travessão, temos de descarregar a canoa e arrastá-la completamente

[47] Travessões: quedas d'água. (Hiram Reis)

vazia por um pequeno Canal à margem direita. Os outros três Travessões também secaram, forçando-nos a procurar caminho, tanto por uma margem como pela outra, e apesar do empenho da tripulação não encontramos nenhum Canal. Estes 5 Travessões juntos têm um desnível de uns 03 m. Ao longo das margens, pequenas colinas de 80 a 100 m, alternam suas cores entre um verde metálico e o azul de acordo com a distância. Estas colinas têm uma bela gama de cores onde o olhar cansado repousa depois ter sido castigado pelos intensos reflexos das águas claras e saltitantes das cachoeiras.

Cachoeira da Laje Grande – Ultrapassamos seis Travessões muito fortes, onde nossa embarcação só conseguiu passar vazia. A descarga é feita em uma laje nas proximidades da Ilha Grande. Este passo tem cerca de 04 km que é percorrido pelos tripulantes com o Sol escaldante na cabeça e pedras quentes sob os pés. Admiro meus marinheiros considerando que cada um fez o percurso diversas vezes sem se queixar. À noite, acampamos em frente à Cachoeira. Apesar de um dia de trabalho intenso, percorremos uma pequena distância.

18.05.1900 – Amanhece, de repente um som nada harmonioso nos arranca das redes, olhamos em volta e, por fim, avistamos um bando de uns cinquenta porcos ([48]) que invadira o acampamento. Esteves mata dois. Disse-lhe que era o suficiente para desgosto dos meus homens que gostariam de abater toda a vara. Não podemos desperdiçar sal e não atendo a seus apelos. Ficamos até meio-dia limpando, abrindo, cortando e salgando os dois porcos. Depois do almoço, partimos. Passamos as fortes correntezas da Ilha do Milho e nos lançamos à Cachoeira do Jandiá.

---

[48] Porcos (Tayassu pecari): queixadas. (Hiram Reis).

Cachoeira do Jandiá – Duas fortes correntezas e, em seguida, um pouco a montante da barragem grandes pedras redondas que pareciam ter sido simplesmente colocadas sobre a pedreira. Nem mesmo na época das cheias a força da torrente as consegue arrastar. A água passa por entre as rochas, debaixo delas ou por onde quer seja. Procuramos fazer o mesmo para encontrar nossa rota. A canoa é arrastada sobre as pedras e pela terra durante metade do tempo. Chegamos quase à noite à Ilha do Inglês e fomos imediatamente dormir.

19.05.1900 – Hoje será um dia difícil, quero chegar à famosa Cachoeira do Inferno e Guilhermo e disse-me que é longe demais.

Cachoeira do Caldeirão – Um Travessão longitudinal, mas antes de lá chegar há enormes redemoinhos em forma de funil. Esses vórtices ameaçam, a cada momento, engolir nossa "*Joaninha*". Passamos por um Canal estreito, à margem esquerda, entre enormes rochedos.

Cachoeira do Patinho – Dois desnivelamentos de cerca de 73 cm cada. O Canal é na margem direita. Não podemos passar carregados, temos de descarregar o barco. Esta é uma tarefa muito especial – ser Barqueiro nas Cachoeiras. Caminhar nas praias de areias quentes, saltando de pedra em pedra; pedras estas, cujas pontas aguçadas, muitas vezes, cortam os pés dos homens que carregam de 40 a 50 kg nas costas ou na cabeça. O barco descarregado é colocado imediatamente no meio da Cachoeira enquanto outros o rebocam usando um grande cabo ([49]).Todos estão felizes e mesmo enfrentando todas estas dificuldades não ficam mal humorados.

---

[49] Rebocam usando um grande cabo: sirga. (Hiram Reis)

Se o trabalho dos marinheiros é cansativo, o do Explorador é igualmente extenuante. Enfrentando uma enorme laje de 600 a 700 m de comprimento, por vezes, de vários quilômetros, verdadeiro pavimento sem um arbusto, sem grama, nada, um piso colossal aquecido o dia todo pelo Sol do Equador. As pedras atingem altas temperaturas que abrasam meus sapatos de borracha e fazem bolhas nos meus pés. Chegando a montante do Pedral, coloquei rapidamente minhas pernas na água. A montante da Cachoeira do Patinho há uma Ilha grande com terreno elevado. Tomamos o Canal da margem esquerda da Ilha e chegamos à Cachoeira do Martinho.

Cachoeira do Martinho – Dois Travessões, não muito fortes, porém secos. A água corre sobre um leito de pedras e perdemos mais tempo para ultrapassar esta pequena Cachoeira que se tivéssemos descarregado o barco e atravessado o pequeno Salto na costa da Ilha. Entramos em um Canal estreito cercado de enormes paredões por onde escoa toda a água do Rio. Na margem esquerda Guilhermo mostra a entrada de um caminho onde navegam os barcos na época das cheias. A correnteza, agora, é tão violenta que é impossível chegar até a Cachoeira do Inferno.

Cachoeira do Pindobal – Nela encontramos a saída de um Furo do mesmo nome. Possui dois Travessões. Foi preciso realizar outro descarregamento. Quando os homens estavam transportando, pelo Pedral acima, a carga da canoa, ouvimos dois tiros. Respondemos imediatamente e ficamos apreensivos. Como tínhamos deixado dois pacientes doentes no acampamento depósito da Cachoeira Tronco, acreditamos que certamente poderia ter acontecido alguma desgraça e que algum deles pudesse ter morrido e os outros tivessem vindo nos buscar. Meus homens rebocaram apressadamente a canoa Cachoeira acima e ela acabou ficando cheia d’água.

Os sacos onde estavam acondicionadas nossas roupas e redes molharam, mas que importa. Temos de nos apressar. Finalmente, vi José Antônio. Muito emocionada, perguntei a ele o que tinha acontecido. Muito calmamente, ele respondeu que nada de anormal tinha ocorrido, e que ele tinha vindo com Raimundo, o irmão mudo de Guilhermo, e filho da velha Figéna, para nos ajudar a levar o barco até Cachoeira do Inferno.

Cachoeira do Inferno – À nossa frente, a cerca de 1.400 m de distância, em um Canal estreito, uma angustura ([50]) entre dois ciclópicos e enegrecidos paredões de cerca de 30 metros de altura, a água do Rio precipita-se com grande ruído, agitando-se, saltando, colidindo de pedra em pedra. Vemos apenas uma espuma branca da cor da neve na qual o Sol reflete uma luminosidade invulgar e de matizes de extraordinária beleza.

O quadro é esplêndido, os olhos não podem deixar de se encantar. Corro para pegar minha câmera fotográfica e alegro-me com o efeito majestoso que se apresenta a meus olhos. Infelizmente o meu entusiasmo de fotógrafa de repente serenou. O prazer de reproduzir a Cachoeira do Inferno foi cerceado, a Cachoeira mantém seus admiradores a uma distância muito grande, a força da correnteza não permite que nos aproximemos mais e resolvo abandonar este lugar. Meus marinheiros levam a canoa Salto acima e, em seguida, eles escalam uma enorme parede por mais de 02 km. Depois, eles arrastam nossa pequena embarcação, pela mata, em um caminho estreito e previamente preparado ([51]): toras foram colocadas por todo o caminho para o barco deslizar mais facilmente. Apesar disso, a "*Joaninha*" protesta.

---

[50] Angustura: garganta. (Hiram Reis)
[51] Previamente preparado: estiva. (Hiram Reis)

Os barcos não foram feitos para serem arrastados via terrestre, à sombra de grandes árvores na floresta virgem; uma madeira do casco do barco está quebrada e sua proa aberta. É, portanto, necessário reparar a "*Joaninha*". Raimundo disse que é mestre carpinteiro e se ofereceu para colocar o barco em perfeitas condições de uso em pouco tempo. Guilhermo me assegura que seu irmão é um hábil carpinteiro, o melhor. Decidi, então, confiar-lhe o trabalho. Hoje à noite, Raimundo e seu ajudante pouco fizeram, mas amanhã eles trabalharão.

20.05.1900 – Choveu a maior parte da noite, em contrapartida, fomos acariciados por uma aragem de infinita suavidade. A tonalidade azul-celeste é mais fortemente acentuada do que o habitual, o céu equatoriano é substituído por um azul leitoso com nuvens claras cujos contornos são dourados pelos raios solares. É quase um céu de zonas temperadas. Enviei o meu famoso guia Guilhermo ao acampamento de baixo, com a finalidade de trazer o que precisávamos. Fiz muito mal em ouvi-lo. Não sei se o seu irmão poderá trabalhar. Ontem ele estava bêbado e hoje mais ainda. Como ele foi capaz de ficar bêbado? Os garrafões de cachaça estão na minha barraca, perto de minha rede, e ninguém está autorizado a entrar lá. Perguntei quem lhe deu de beber e ele respondeu que ninguém.

– *Mas se quiser dar-me um copo de rum, ficarei feliz.*

Ele é muito petulante. Fiquei sabendo por José, meu cozinheiro, que quando fui lavar as mãos no Rio, Raimundo aproveitou-se de minha curta ausência para roubar um garrafão de rum que tem uma capacidade média de um litro e meio. Raimundo é um ladrão mentiroso e filho de mocambeiros. Quando ele me disse que só poderia trabalhar com as ferramentas adequadas e que tinha de ir buscá-las, senti um prazer enorme de vê-lo pelas costas.

Guillermo retornou, às 14h00, dizendo que Raimundo chegou ao acampamento de baixo passando muito mal. Guillermo afirma que ele foi picado por uma cobra, enquanto trabalhava no reparo do barco. Disse a ele que isso não era verdade, que seu irmão estava intoxicado com rum que me roubara e que ele não estava ferido quando partiu; que se tivesse sido picado por uma cobra eu já lhe teria aplicado uma injeção de cloreto de ouro e permanganato.

Guilhermo disse-me que, na chegada de seu irmão ao acampamento, Raimundo chorara, gritara, jogara-se ao chão e, segurando a mão ferida, dissera:

– *Ninguém fala comigo e a Madame nem olha para mim.*

E pede para todos cuspirem nele.

– *Eu não sou o único provavelmente a procurar este remédio ([53]) tão singular quanto estranho.*

[...] O mais divertido, o mais interessante, eu diria, é que o mudo ajudou o mentiroso a mentir. Gesticulando, ele mostrou que a cobra se lançou no ar para vir mordendo Raimundo e que eu o tinha dispensado sem pagá-lo. Um mudo que mente é uma vergonha. Mas também é um filho de mocambeiro: "*bon chien chasse de race*" ([54]).

21.05.1900 – Minha tripulação cortou uma árvore para conseguir a madeira necessária para reparar o barco. Chico e Esteves trabalham tão rápido quanto possível. Os momentos mais irritantes das expedições são aqueles em que somos impedidos de prosseguir. Essas interrupções forçadas trazem consigo uma enorme tristeza.

---

[53] Remédio: rum. (Hiram Reis)

[54] "*Bon chien chasse de race*": expressão idiomática que significa: "*os filhos herdam as qualidades de seus pais*" ou melhor "*tal pai, tal filho*". (Hiram Reis)

Qualquer interrupção indesejada nas nossas atividades produz em nós um efeito fisiológico similar ao de um órgão do corpo humano que para de funcionar. Ainda mais quando de um lado nosso horizonte é limitado por rochas negras e assustadoramente íngremes e do outro uma floresta virgem com sua vegetação exuberante que nos sufoca impedindo a passagem da menor brisa, a parada forçada é quase uma morte antecipada.

Se a alma está triste e o cérebro assombrado por pensamentos obscuros, uma grande angústia invade todo nosso ser, não podemos governar nossos pensamentos, nadar contra a corrente e tudo que existe é apenas desalento. Uma miragem terrível apresenta-nos as coisas com uma aparência sombria convencendo-nos de que só existem problemas, amarguras e decepções cruéis. [...]

Chegamos a desejar a morte com convicção, ela passa a ser o único bálsamo para esse sofrimento horrível. Quem sabe, talvez, se o desprezo pela vida e esse apego à morte não seja um dos pilares da sabedoria? Voltemos ao trabalho, ao ponto de partida, e esses pensamentos tristes serão varridos em um piscar de olhos, a miragem desaparece e a vida renasce.

22.05.1900 – O barco está quase pronto para prosseguir. Vamos partir depois do almoço. Ainda temos de passar por sete saltos pequenos de 0,75 m a 02 m para, finalmente, chegar à Cachoeira do Inferno. Temos sorte de descarregar a canoa apenas três vezes. Ao longo do último Salto da Cachoeira do Inferno, o Rio alarga-se abruptamente, por quase 01 km. O efeito é mágico; saindo destes Canais estreitos e sombrios, estamos felizes de respirar tanto ar e de ver tanta luz. Grandes Ilhas estão dispersas no meio do Rio agora amplo.

Poderíamos ter feito uma boa viagem, caso Guilhermo não tivesse afirmado ter sido atacado pela febre, obrigando-nos a acampar na Ilha do Molongo. Impressionante, Guilhermo e sua febre. Seus gemidos enterneceriam os corações dos mais ingênuos. Para sua desgraça, não acredito na sua doença. A febre dele nada mais é do que preguiça. Ele acredita ser muito importante e tem tentado conduzir a exploração de acordo com seus próprios interesses. Eu me aproximo dele, na sua rede, e faço esta pequena preleção que, certamente, lhe servirá de quinino ([55]).

– *Guilhermo, vejo que você está muito doente; você não pode mais viajar conosco. Amanhã de manhã vou deixá-lo na margem esquerda com o seu saco, sua rede e um facão. De lá você vai para casa, você não está muito longe dos seus e um homem como você não vai se perder na floresta.*

Ele respondeu:

– *Mas, minha senhora, eu não estou muito doente, eu só tenho uma pequena febre, amanhã provavelmente vou estar melhor.*

Eu sabia que ele não precisava de quinino e que esta "*sugestão*" seria suficiente.

23.05.1900 – Hoje, Guilhermo foi o primeiro a se levantar. Ele ajudou José a fazer café e ouvi-o dizer ao seu companheiro:

– *Sr. José, os brancos não têm coração.*

Passamos o Travessão do Molongo, o Canal fica à margem esquerda, chegamos muito cedo para ultrapassar a Cachoeira do Cajual.

Cachoeira do Cajual – Quatro Travessões muito fortes. Nós descarregamos a "*Joaninha*" e tomamos um caminho já aberto na margem esquerda.

---

[55] Quinino: remédio para febre. (Hiram Reis)

Esta trilha tem cerca de 01 km segundo o meu pedômetro. O Canal também se encontra na margem esquerda; na margem direita existem pequenas Ilhas, muitas pedras e pouca água. Existem muitas castanhas na margem esquerda. Nunca ninguém veio até aqui para colher castanha. Eu entendo, porque se já não se tem mãos suficientes para colhê-las cachoeiras abaixo, não teria sentido tentar chegar até aqui para fazê-lo, isso seria muito cansativo e dispendioso.

Às 13h00, estamos diante de enormes pedras cobertas de desenhos aborígenes. Não sei se esta pictografia rudimentar poderá, um dia, nos dizer algo. Mas vou observar e documentar atentamente todas as pedras com os desenhos que encontrar no Rio. Talvez elas possam contribuir, mais tarde, "*para verificar os remotos relacionamentos entre grupos humanos muito antigos*". Esta pictografia é aquém, oh! muito aquém das bonitas inscrições de Palauqué, mas, finalmente, demonstra que anteriormente habitavam índios nessa região agora deserta. Este é o único vestígio remanescente que permanece intacto porque a floresta invadiu tudo, a bela floresta virgem, plena de um odor úmido de vegetais em decomposição, cheiro que o vento traz-nos com uma persistência insolente. Aqui toda a natureza é hostil ao viajante cansado: a fauna, a flora, os elementos em geral.

Na margem esquerda, duas Ilhas: Ilha das Pombas e a Ilha do Tatu. São duas pequenas Ilhas de vegetação rasteira, pedras e areia. É de se notar que os mocambeiros em fuga não deram nenhum nome a estas pequeninas Ilhas, onde eles acamparam temporariamente e de onde não poderiam ser surpreendidos de jusante ou de montante. À margem direita, a entrada do Furo Pindobal está com muito pouca água.

A similaridade entre o Rio Trombetas e o Rio Cuminá é impressionante. No Trombetas, um enorme Salto, o Jacicuri, aqui um Salto muito alto, o do Inferno; no Trombetas, o Furo do Damiano de jusante para montante do Jacicuri, Furo seco e impraticável, aqui no Cuminá, o Furo do Pindobal de jusante para montante do Inferno. Assim como o Furo do Damiano, é tão seco que não é navegável. A mesma elevação geológica deve ter produzido essas duas Cachoeiras que são muito semelhantes em dois Rios tão próximos.

A montante, à margem esquerda, encontra-se a Boca do Igarapé Samaúma. É a partir deste Igarapé que o P. Nicolino entrou na mata virgem para fazer uma trilha desde a sua Foz até a Boca do Igarapé dos Roucouyene onde esperava encontrar índios e os Campos Gerais, com base nas informações falsas que os mocambeiros tinham-lhe dado. A montante do Igarapé Samaúma, à margem esquerda também, encontramos a primeira Tapera dos mocambeiros, totalmente tomada pela floresta tropical, de propriedade da velha Figéna e conhecida como Tapera do Macaco. O nome viria de um macaco que um caçador teria matado neste lugar ou porque a velha Figéna tem um rosto simiesco? Estamos bem de macacos: Tapera do Macaco, Igarapé do Macaco, Serra do Macaco, Ilha do Macaco onde acampamos e não avistamos um macaco sequer.

24.05.1900 – Uma garoa fina, forma uma espessa e fria nuvem que nos enregela, é preciso esperar um pouco, seria impossível orientar-nos neste espesso nevoeiro. O bom Sol do Equador dissipa-o, porém, em um instante. O leito do Rio é de areia e as belas praias em seguida aparecem. Guilhermo disse que depois de ficarem passando de uma margem a outra, acabaram descobrindo um único e estreito Canal que dava passagem a, no máximo, uma montaria e que nestas praias desovam os tracajás.

Infelizmente ainda não é época de nidificação. Na margem direita, está a Tapera do Urucuri, propriedade de Lautério, padrasto do meu guia. No mesmo lado, um pouco acima, está a Foz do Rio Penecura, onde existiriam índios Poana. Quase em sua Boca, o Penecura recebe o Igarapé de Santa Luzia que nasce nas montanhas do mesmo nome e que se encontra a cerca de 10 km para o interior. Da montanha de Santa Luzia até o Penecura, o terreno é plano e sem acidentes.

É esta a montanha em que Lautério ([57]) conduziu o Padre Nicolino para lhe mostrar índios que nunca viveram nesta região. Ele guiou o crédulo Padre, puro demais para suspeitar da aleivosia de seu guia, numa longa jornada no Penecura, viagem durante a qual o P. Nicolino chegou a passar fome ([58]) e não teve a oportunidade de avistar esses índios famosos que os mocambeiros afirmavam contatar diariamente. Guilhermo se incomodava muito com fato de eu conhecer a história do Cuminá, e tratar com incredulidade o monte de mentiras que ele me contava.

Vamos passar quatro Taperas. São elas: na margem esquerda, Formigal, Javari [pertencente a Joaquim Sant'ana e sua esposa], Livramento [pertencente ao velho Taró]; na margem direita, S. Antônio [pertencente a Coleta, irmã de Figéna]. Deve notar-se que todas estas Taperas estão estrategicamente situadas de modo a evitar surpresas. A visão se estende muito a montante e a jusante, tornando impossível uma aproximação de barco sem que se note. À margem direita, avistei as duas Bocas do Igarapé Água Fria, um Igarapé muito grande. Guilhermo retornou depois de dez dias com Horácio que tinha vindo ao Cuminá para garimpar ouro.

---

[57] Lautério: dezembro de 1876. (Hiram Reis)
[58] Passar fome: 11.12.1876. (Hiram Reis)

Guilhermo não viu índios, ou encontrou quaisquer vestígios de sua passagem por estes lugares, mas ele continua afirmando que os mesmos habitam as nascentes do Igarapé. Dou de ombros. Hoje foi o melhor dia da jornada desde que iniciamos a expedição. A razão disso é simples – o Rio é fundo, progredimos sempre usando varas ([59]). Chegamos às 18h00 à Ilha do Mel, era quase noite. O Sol do Equador me proporciona bonitas travessuras. Meu nariz, rosto e braços apresentam uma magnífica coloração avermelhada. Se fosse vaidosa ficaria consternada com este pequeno detalhe, mas quem pensaria em ser faceira aqui?

25.05.1900 – Cachoeira do Mel – um grande alargamento do Rio, uma grande Ilha, outras menores, pedras, água por toda parte, sem um único Canal praticável. Descarregamos o barco no meio do Rio, a carga foi depositada na última Ilha da Cachoeira a montante. Estes dois quilômetros foram feitos passando de uma pedra à outra, às vezes com água até os tornozelos e outras até a cintura. Oito Travessões do Mel são lentamente percorridos; antes do almoço, chegamos à Cachoeira de S. Nicolau.

Cachoeira de S. Nicolau – Um grande Pedral na margem direita do Rio desvia a água e força-a através de um estreito Canal à margem esquerda. Há um só desnivelamento de 75 cm, mas a corrente é tão rápida que precisamos arrastar a canoa pelo Pedral. Na Cachoeira de S. Nicolau, conto quatorze pedras com pinturas rupestres. Fotografo os desenhos, estudo cada um deles, como se somente minha força de vontade fosse capaz de fazer com que estes enigmas indecifráveis explicassem-se por si mesmos. Mas esse não era meu objetivo.

---

[59] Usando varas: os marinheiros, de pé, à popa, empunham varas compridas e apoiando uma das pontas no fundo do Rio ou nos barrancos, impulsionam a embarcação com a força de seus braços. (Hiram Reis)

Aconteceu, então, um pequeno acidente, eu tinha colocado o capuz preto na cabeça, para fotografar, avançava e recuava procurando o melhor ângulo, esquecendo completamente que estava sobre uma pequena elevação e acabei desequilibrando e caindo de uma altura de 1,50 m. A máquina fotográfica caiu ao meu lado e o vidro fosco trincou. Após um minucioso exame notei, satisfeita, que meus braços, pernas e cabeça não tinham sofrido lesões. Somente a coluna reclamou um pouco, oh! Muito pouco. [...]

Cachoeira do Beliscão – Entre o Pedral e a praia de mesmo nome, dois Travessões que passamos à corda ([60]) sem descarregar a canoa.

Cachoeira do Varadourozinho – É uma das mais cansativas de se transpor de todo o Cuminá. Passamos por todos os catorze Travessões encontrando Saltos em todos. Usamos um caminho por terra, um varadouro, na margem direita. Nosso guia não disse onde era o Canal e somente depois de realizada a transposição é que informou que o Canal ficava à margem esquerda. Passamos a "*Joaninha*" vazia sobre as rochas pontudas. Minha tripulação está realizando um trabalho de titãs. A todo instante, são obrigados a carregar o barco nos ombros. Apenas três executam este trabalho, Guilhermo é mesmo um enxerido, fala muito, dando palpites a toda hora e não ajuda nem um pouco

No almoço, José não conseguiu comer, ele está cuspindo sangue, resultado do enorme esforço que teve de fazer levantando a proa do barco, enquanto os outros dois parceiros empurravam a embarcação para frente. Durante o jantar, o Esteves movia, com dificuldade, a perna direita que tinha sido prensada entre uma pedra e a canoa. Chico, por sua vez, não

---

[60] À corda: sirga. (Hiram Reis)

conseguia fazer mais nada de tão cansado e foi para a cama sem jantar. Um mau sinal tendo em vista que o meu Chiquinho sempre teve um excelente apetite. Guilhermo, é claro, não está cansado – homem impertinente!

27.05.1900 – Estamos a montante da Cachoeira de Varadourozinho que nos custou dois dias de trabalho e cinco descargas. À margem esquerda, o Igarapé do Retiro e o caminho do Inglês. Um inglês esteve aqui há cerca de seis meses à procura de ouro e construiu esta trilha que vai até a Cachoeira do Retiro. Pode-se andar, ao que parece, por três dias na trilha que segue pela margem direita do Igarapé do Retiro. O inglês, depois de ter sido acometido pela febre, desapareceu.

Cachoeira do Retiro – A Cachoeira do Retiro possui Canais estreitos com seis saltos, onde penetramos. Guilhermo teve a triste ideia de escolher o Pedral mais longo para transportar as bagagens Cachoeira acima: esta é a única forma, disse ele.

Esta longa caminhada sob Sol escaldante e pedras quentes, está esgotando enormemente meus marinheiros. Interrompo a manobra que vai deixar meus pobres marinheiros doentes novamente e determino a abertura de um varadouro na margem, pela vegetação rasteira, como sempre temos feito. Guilhermo não gosta de estivas, preferia que levássemos a canoa e as cargas pelas pedras e dormíssemos em pequenas Ilhas como faziam seus mestres mocambeiros, na fuga para cá. Eles evitavam as estivas para não deixar vestígios e acampavam em pequenas Ilhas de onde podiam avistar qualquer aproximação indesejada evitando possíveis surpresas. Como eu não sou uma fugitiva, e não tenho a necessidade nem o costume de esconder-me, esta maneira de viajar não me é necessária.

Parte de nossa carga está a montante e a outra a jusante da Cachoeira; o forte aguaceiro que caiu atrasou-nos e fomos surpreendidos pela noite. Estamos no meio da Cachoeira do Retiro, sem comida, sem redes e sem roupas de muda!

Como somos todos fumantes, usamos os fósforos para fazer um bom fogo, para secar as roupas; depois de secas, nos cobrimos com elas e nos deitamos sobre as pedras para dormir. Deitei-me bem próxima do fogo, meu colchão era uma grande pedra plana e uma pequena pedra serviu-me de travesseiro. No dia seguinte, eu estava moída e meus membros enrijecidos. As pedras não se parecem nenhum pouco com um colchão de penas para repousar.

28.05.1900 – Chegamos, na hora do almoço, a montante da Cachoeira do Retiro. 24 horas sem comer e executando um trabalho extenuante deixou-nos completamente esgotados.

Cachoeira do Prato – À margem direita, um Salto de 1,50 m. Na margem esquerda, vários Travessões. Nenhum Canal. Em alguns lugares, a água flui sob as pedras: foi preciso descarregar totalmente o barco. Acampamos em uma pequena Ilha a jusante da perigosa Cachoeira da Pirarara.

29.05.1900 – Cachoeira da Pirarara – é um vasto campo de pedras: pedras e mais pedras, ainda assim, em seguida, temos três pequenos Canais estreitos pelos quais a água flui impetuosamente. Guilhermo novamente sugere arrastar o barco sobre um grande Pedral. Fico com raiva e decido procurar um Canal com o Esteves e, só depois, autorizo a descarga da canoa. Guilhermo certamente conhece o caminho; ele é pago para isso, mas o faz sem consciência.

Às vezes, acho que, por alguma sinistra razão ou qualquer outro interesse escuso, ele tenta nos prejudicar, cansando desnecessariamente minha equipe. Ontem à noite, durante uma pescaria, ele encontrou uma maneira de ser mordido, no pé, por uma traíra e, por isso, hoje, não pode pôr os pés na água e, como melhor lhe convém, só fica olhando seus camaradas trabalharem. Um bom Canal nos encheria de alegria e diminuiria a fadiga da minha tripulação. Infelizmente não há nenhum nesta Cachoeira onde mais uma vez contamos com o infortúnio. O menos pior é o da margem esquerda, onde nós vamos descarregar.

Passamos sete Travessões antes do almoço e às 18h00 chegamos à Ilha das Galinhas onde termina a Cachoeira da Pirarara. Eu não sei por que se considera que essa Cachoeira termina aí: o Pedral e os mesmos Travessões continuam sem interrupção até a montante da Casinha de Pedras.

Paramos na Ilha das Galinhas e, embora sejam apenas 15h00, o nosso barco precisa de uma nova calafetagem, as pedras da Cachoeiras removeram ou deslocaram parte do breu e da estopa. Contemplo desolada a paisagem que se estende diante de mim tanto a jusante como a montante: são apenas pedras separadas umas das outras por depressões e fico imaginando como esses vastos espaços cobertos de água estagnada sob o Sol tropical, não nos deixaram ainda a todos doentes e à morte.

30.05.1900 – Guilhermo acorda gemendo – seu pé machucado dói; além disso, noite passada, uma piranha o mordeu na mão direita, tudo conspira contra nós, ele é incapaz de executar o serviço mais leve. Chico calafetou o barco, estamos prontos logo cedo e partimos para outras Cachoeiras que vão nos obrigar, certamente, a realizar novas calafetações.

Cachoeira da Torre – É formada por uma série de pequenos Travessões e rápidos ([61]) à medida que avançamos à sirga sem descarga; o Canal é na margem direita. O nome Torre vem de uma pilha de enormes pedras, aglomerados idênticos a tantos outros que temos encontrado e que não se assemelham, absolutamente, a uma torre.

Cachoeira Casinha das Pedras – Ganha o nome graças a uma grande pedra suspensa e apoiada por três menores: é um pequeno abrigo. Quatro pequenos Canais e três Travessões, a descarga da canoa é feita na margem direita e passada através do segundo Canal da margem esquerda. Encontrei uma pedra, com pinturas rupestres, próxima à Casinha de Pedras. Chegamos para o almoço na Ponta do Breu Branco. Vou com o Guilhermo e dois marinheiros procurar breu e tivemos a sorte de encontrar imediatamente muito mais do que precisávamos. As árvores da cera ([62]) vivem aqui em família, conto 10 pés no meu entorno e Guilhermo me disse que, se fôssemos mais para dentro da mata, iríamos encontrar mais. Enchi dois baldes, o suficiente para calafetar nossa brava canoa. A "*Joaninha*" fica perfumada com o cheiro doce e agradável desta cera vegetal.

Cachoeira do Breu Branco ([63]) – Tem dois Travessões que passamos à sirga sem dificuldade. A grande Ilha do Tracuá fica no meio do Rio e é transversal a ele. Temos, pelo lado direito, 04 km de Rio livre desde a Cachoeira do Breu Branco até a Cachoeira da Tracuá.

---

[61] Rápidos: trechos do Rio em que há forte correnteza. (Hiram Reis)

[62] Cera: breu. (Hiram Reis)

[63] Breu ou Almecegueira (Protium heptaphyllum): árvore da família das burseráceas encontrada na região amazônica e no Cerrado. Produz um óleo-resina perfumado amplamente utilizado na perfumaria e produtos de higiene, conhecido também como breu-branco-verdadeiro. (Hiram Reis)

Cachoeira da Tracuá – Tem três Canais. O da esquerda é muito seco, o do centro é perigoso; o que nos resta é o da margem direita, que tem pouca água, passamos por cinco Travessões seguros que compõem a Cachoeira. Na margem direita, três pequenas Ilhas no meio de um Pedral sem solo, os saranzais ([64]), os araçás ([65]) e os genipas ([66]), são muito belos. A luz solar e umidade são a causa desta pujança. Acima da Cachoeira, o Rio torna-se livre, a água tranquila não tem correnteza, é com prazer que os meus marinheiros remam nestas águas calmas que contrastam com as terríveis Cataratas que acabamos de passar. Não precisamos nos preocupar em achar o melhor Canal, avançamos facilmente na cadência silente dos remos. Nada tenho a fazer senão olhar para o céu sempre carregado de nuvens pesadas, suportar um clima escaldante e úmido, que traz vida exuberante à magnífica vegetação; ironicamente, ao contrário, ao explorador não é permitida nenhuma ilusão, nenhuma miragem. No meio de toda essa pujança, nenhum vegetal (**?**) que possa lhe servir de alimento. É lindo, mas inútil. A verdade é que tudo isso só não é mais lindo devido à sua total inutilidade.

31.05.1900 – O prazer de viajar por águas calmas teve uma duração muito limitada. Depois de dormir em um ponto a montante de uma pequena Ilha no sentido Leste-Oeste, às 07h00 partimos para a Cachoeira do Severino. Era inútil procurar um caminho melhor porque só existe um Canal estreito, com pouca água. A maior parte da água do Rio corre a montante sob enormes pedras que brotam com um enorme rugido a jusante, fazendo um rebuliço que ameaça, a cada momento, engolir nossa "*Joaninha*". Os dois desnivelamentos desta garganta nos obrigam

---

[64] Saranzais: Sapium haematospermum. (Hiram Reis)
[65] Araçás: Psidium cattleianum. (Hiram Reis)
[66] Genipas: jenipapeiro (Genipa americana). (Hiram Reis)

a desembarcar. A montante, o Rio é novamente calmo, as águas correm suavemente entre as praias de areia branca. O Rio alarga-se e torna-se mais raso: sobre as margens de pequenas colinas abundam as castanheiras.

Cachoeira do Armazém – Uma rocha oca formando uma pequena caverna onde cinco ou seis pessoas poderiam comodamente se sentar, mas não conseguiriam ficar de pé. Esta é a chamada rocha do "*Armazém*" batizada pelos mocambeiros. Para almoçar, nós nos sentamos no "*Armazém*" onde desfrutamos de um agradável frescor, deliciosa sensação especialmente desejada para quem não está acostumado a tal sibaritismo ([67]). Passamos quatro Travessões à margem direita. O primeiro é muito forte. Meus marinheiros são apenas três a trabalhar, e ficam extenuados. Guilhermo permaneceu na Cachoeira do Armazém; ele disse que não pode tomar Sol, as duas mordidas lhe deram febre. É extraordinária a febre de Guilhermo, uma febre inimiga de qualquer trabalho mas, que não lhe diminui o apetite.

Cachoeira da Rampa – Uma soberba rampa levemente inclinada, à margem esquerda. Acima da rampa, um cactos gigantesco ([68]), pés enormes de croás ([69]), planta cujas fibras são usadas para tecer uma corda de uma bela cor branca, abacaxi selvagem ([70]); todas, essas plantas dão um efeito bonito e, em geral, proporcionam a ilusão de um belo jardim florido. Mas certifique-se de admirá-las de longe, essas belas plantas não são nada sociáveis, estão

[67] Sibarita: natural de Síbaris, antiga cidade grega às margens do Golfo de Taranto, cujos habitantes se entregavam aos prazeres mundanos. (Hiram Reis)
[68] Cactos gigantesco: Mandacaru (Cereus jamacaru). (Hiram Reis)
[69] Croás: Gravatá (Bromelia pinguin). (Hiram Reis)
[70] Abacaxi selvagem: ananás (Ananas comosus). (Hiram Reis)

cobertas de rígidos espinhos; se você tiver a temeridade de tocar em uma delas, pagará caro por sua ousadia. Eu queria tirar uma foto do Mandacaru e precisava de homem próximo à planta para se ter uma ideia do seu tamanho. Pedi a Esteves para ficar perto do cactos e ele voltou literalmente cheio de espinhos imperceptíveis e, à noite, suas mãos e pés estavam muito inchados. Nós não podemos partir, ainda, para a margem esquerda, onde o Canal é muito bom, a rampa contínua do leito do Rio e suas pedras são tão escorregadias que é impossível ficar de pé e rebocar o barco à sirga. À margem direita, atravessamos quatro Travessões com a canoa vazia.

Paramos na **Ilha da Pedra Preta**. Este nome vem de uma enorme pedra de granito preto, medindo 25 m de comprimento por 12 m de largura e 09 m de altura. O bloco gigante está situado a montante da Ilha. São 16h00 e já está escuro, as nuvens baixas e negras da tempestade avançam rapidamente sobre nós. Não tivemos nem tempo de montar a barraca. Sentada em uma pedra vestindo minha capa de chuva e meu guarda-chuva, pacientemente espero a chuva parar. Há dias em que uma tristeza infinda toma conta de meu ser, eles são desencadeados principalmente por estes dias de plúmbeas nuvens, cor de luto, que estão mais de acordo com o meu espírito do que os dias ensolarados e alegres. Estes tristes dias fazem-me recordar as horas mais doridas da minha existência trazendo-me um profundo desgosto de viver.

01.06.1900 – Esta manhã, quando acordei, o dia que se inicia parece ser mais difícil ainda do que o anterior, o tédio, meu companheiro inseparável, me envolve mais e mais. Preciso, imediatamente, caminhar, tomar direções, inscrever ângulos, vencer as Cachoeiras. Meu trabalho é apoiado pela sagrada "*Missão Autoatribuída*" que cumpro inabalavelmente.

Cachoeira do Torino – É muito forte. Enfrentamos fortes correntes na margem esquerda; em seguida, no meio da Cachoeira, atravessamos por um Canal estreito e avistamos outro na margem direita. Os Travessões a montante da margem esquerda são muito fortes, o nosso barco não iria resistir à impetuosidade da corrente. Temos toda a manhã para superar seis Travessões da Catarata; juntos eles formam um desnivelamento de mais de 08 m. Com a Cachoeira Torino concluímos a primeira fase das heroias Cachoeiras. Nos próximos 145 km a montante, até a Cachoeira da Paciência, vamos enfrentar apenas pequenas Cataratas que provavelmente conseguiremos vencer sem descarregar o barco. Meus homens cansarão menos e o rendimento será maior.

Imagem 15 – Pedras do Sernambi

Imagem 16 – Serra Caruamba Desde o Furo Pindobal

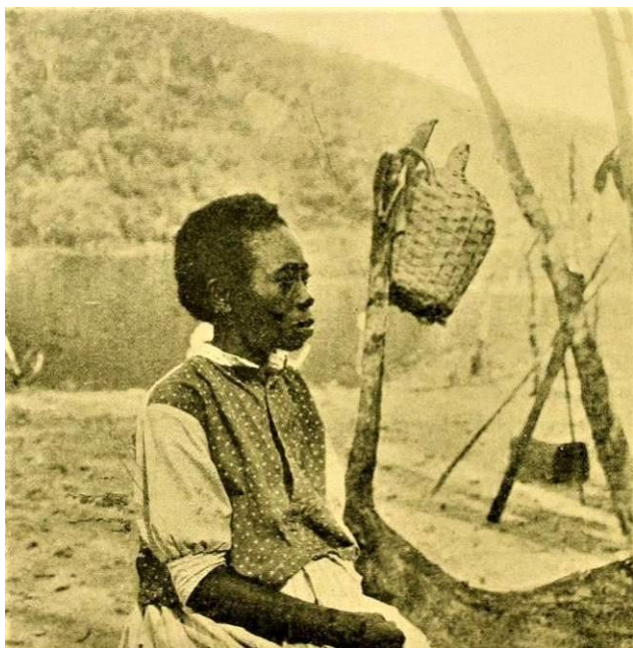



Imagem 17 – Mocambeira Figéna

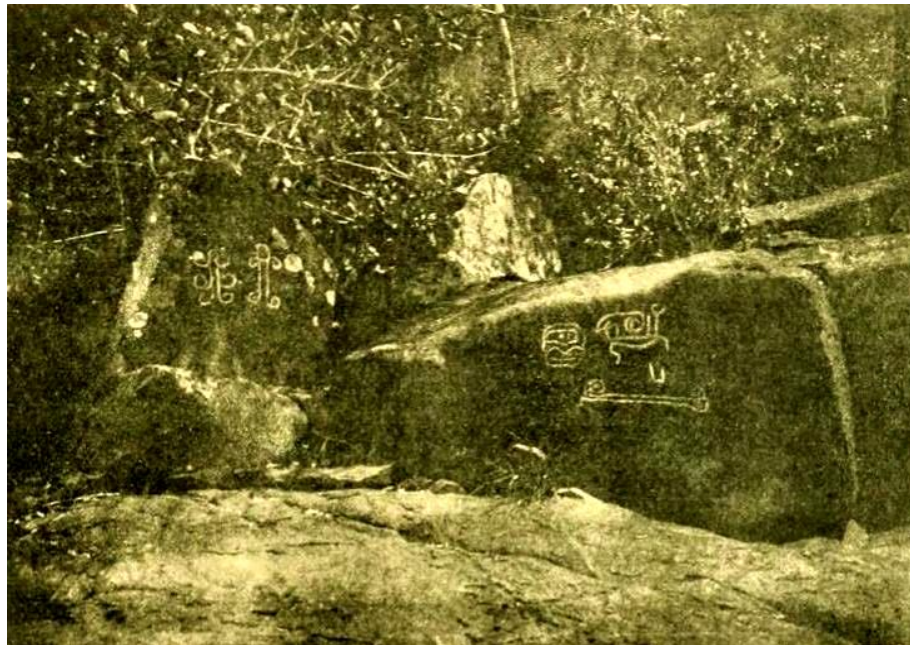



Imagem 18 – P. Rupestres – Cachoeira de S. Nicolau

Imagem 19 – Cachoeira do Varadourosinho

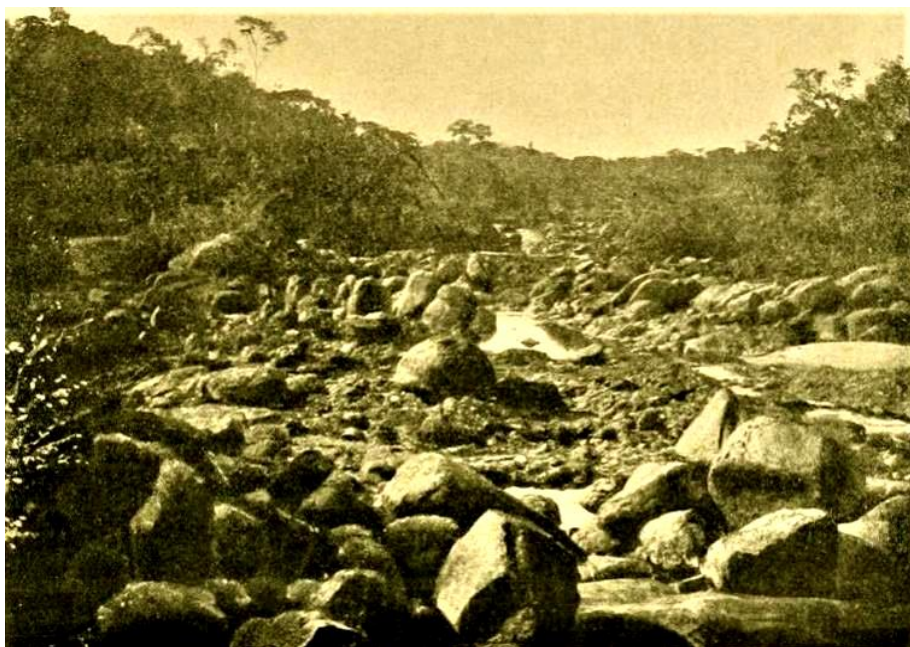



Imagem 20 – Canal da Cachoeira do Varadourosinho

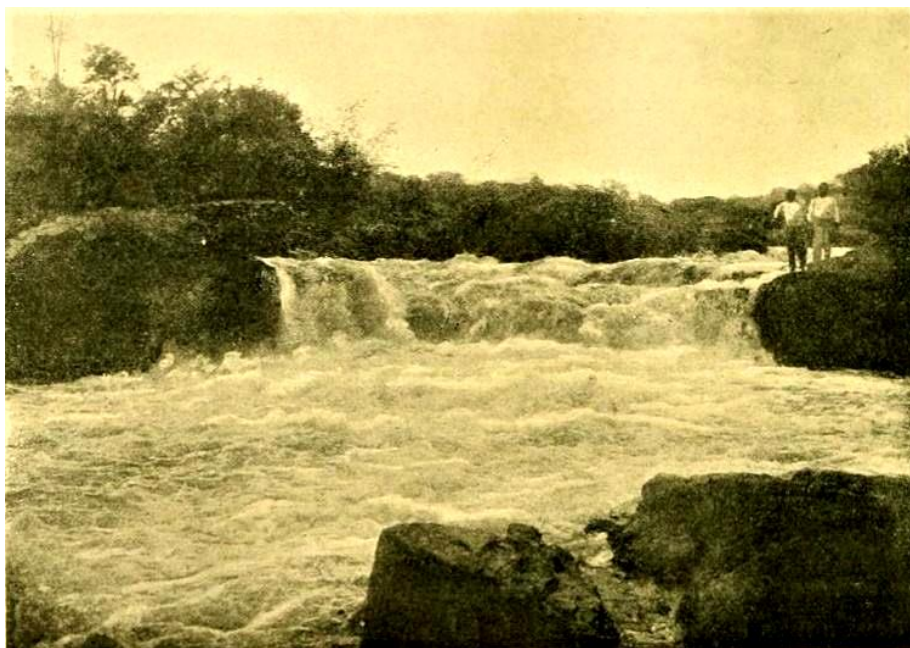



Imagem 21 – Cachoeira do Varadourosinho

Imagem 22 – Cachoeira do Retiro

Imagem 23 – Canal Central da Cachoeira do Retiro

CAPÍTULO IV

A Montante da Torino – Um Jacaré – Tapera do Nazaré – Igarapé do Remédio – Ilha e Serra do Tarumã – Tapera de Santa'Ana – Margens em Formação – Tapir: Esperança e Desapontamento – Ponto de Caça – As Balatas – Marinheiro Entediado – Cachoeira do Tapir – Cachoeira do Táxi – Cachoeira do Cajual – Atividades de Explorador – Os Índios de Guilhermo – Uma Anta Ferida – O Corretivo de José – Cachoeira da Poana – Carne de Anta – A Floresta Virgem – Trilha dos Índios Pianacotó – Tapera de S José – A Febre – Tristeza do Isolamento – Método Estúpido de se Curar a Febre

Não é fácil tornar interessante a leitura de um Diário de Viagem quando a viagem é por um país desabitado onde as mesmas paisagens se repetem infinitamente e, especialmente, quando a principal característica da história a relatar se prende à exatidão os fatos e aos acidentes naturais. Além disso, um explorador não é pago para elaborar frases bonitas. Ele tem a missão de conhecer o país que visita e traçar o caminho que o colonizador deve, em seguida, percorrer, se instalar e cultivar. A história que eu estou fazendo desta viagem ao Cuminá visa apresentar uma série de fatos, técnicas, listagens, sem muito cuidado com o estilo. Devo andar, caminhar sempre, o tempo é crucial para mim.

A montante da Catarata do Torino, o Rio tem pouca profundidade; vamos procurando nosso caminho entre as praias ou pedras ziguezagueando de uma margem a outra. Um jacaré, muito sociável, chegou bem perto de nossa canoa. Dei-lhe um tiro na cabeça e ele foi levado pela corrente de barriga para cima: que é como boiam os jacarés mortos. À margem esquerda, o Igarapé da Praia Branca, à sua Foz, uma praia alta de areia branca.

À margem direita, a Tapera de Nazaré, de propriedade do Sant'ana. A vegetação secundária se apresenta quase da mesma altura da primária, permitindo-nos inferir que já existiu uma clareira neste lugar. Esta Tapera está na Boca do Igarapé do Remédio, um Igarapé muito grande onde os mocambeiros colhem salsaparrilha. Da Ilha de Tarumã, na margem oposta a Serra do mesmo nome, até Tapera Sant'ana, o Rio está obstruído por pedras e a navegação torna-se difícil. Na Tapera de Sant'ana, na margem esquerda, o entorno é formado por capoeira ([71]), vegetação menor do que a floresta que a cerca. Sant'ana é mais velha do que Nazaré.

Andamos até a noite, tendo em vista que as margens do Rio, ainda em formação, são compostas de lodo e detritos vegetais, margens cuja consistência não nos permite andar sem afundar na lama nauseabunda. Finalmente encontramos um trilha de tapir ([72]), nela a terra pisada ([73]) é bastante dura. Aproveitamos a oportunidade para acampar na floresta a cinquenta metros da margem. Se a anta tiver a feliz ideia de usar a trilha para beber água durante a noite ou de manhã cedo, ela nos fará muito feliz, há muito tempo que não comemos carne. Cada um de nós adormece com a alegre expectativa de ser o primeiro a avistar e matar a anta.

02.06.1900 – A anta não apareceu. Choveu a maior parte da noite e, como a lona da barraca foi montada no final do dia e não tinha sido devidamente esticada, estávamos todos molhados. Passar a noite molhada não é nada agradável e, no dia seguinte, acor-

---

[71] Capoeira: vegetação secundária formada por gramíneas e pequenos arbustos esparsos. Termo oriundo do Tupi que denomina o mato que nasceu em substituição ao desmatamento. Tupi: "*ka'a*" – mato e "*uera*" – no passado, portanto, que era mato no passado. (Hiram Reis)

[72] Tapir: anta (Tapirus terrestres). (Hiram Reis)

[73] Pisada: batida. (Hiram Reis)

damos extenuados e mal-humorados. Meus marinheiros observavam a margem com toda a atenção e não avistavam qualquer caça. Eles chamam os macacos, imitam à perfeição o canto do jacamim ([74]) e o guincho da anta, mas nada aparece, não tivemos sucesso. Vimos um ninho de jacarés, uma família de cinco lontras, uma mamãe capivara cuidando de seus dois pequenos filhotes; todos estes animais, permitiam que nos aproximássemos muito deles, não semtiam medo, eles pareciam saber que não os considerávamos comestíveis ([75]), o seu instinto lhes faz entender que eles não têm nada a temer.

Na Ilha da Barreira Branca, vemos gipso ([76]) na ponta de montante. Depois da Ilha da Saúva, encontramos, em ambas as margens, uma grande quantidade destas belas árvores conhecidas nas Guianas como Balatas ([77]). Existem três variedades de Balatas: Balata Vermelha ou Balata da Montanha, Balata Indiana e a Balata Branca ou Guta-percha. A Balata dá um fruto pequeno do tamanho de uma ameixa, de um sabor muito agradável.

Quando um marinheiro acorda irritado, a viagem padece muito com isso. Ele rema pouco ou mal, o seu rosto fica tenso, torna-se resmungão, discute com os companheiros, nada está bom; reclama que a correnteza é muito rápida ou a jornada diária é muito longa. Se você tem de passar uma Cachoeira, tenha cuidado; ele poderá lançar o barco na correnteza ou nos redemoinhos para provocar um naufrágio, ou ainda jogar o barco sobre as pedras: esta é a maneira que encontra para acalmar seu mau humor.

---

[74] Jacamim: Psophia leucoptera. (Hiram Reis)

[75] Comestíveis: **?**. A Expedição dispensa, estranhamente, a saborosa carne de jacarés e capivaras. (Hiram Reis)

[76] Gipso: rocha sedimentária formada de sulfato hidratado de cálcio cristalizado. (Hiram Reis)

[77] Balatas: Maparajuba (Manilkara bidentata). (Hiram Reis)

Nestes momentos, meu caráter violento opera milagres. Meu marido sofreu com equipes compostas exclusivamente de negros. Sua natureza delicada, seu espírito elevado, sua filantropia exagerada não se deram bem com a brutalidade, por vezes necessária, que deve ser empregada com estes tipos. Hoje foi José que teve a necessidade de ser repreendido. Espero que doravante ele se lembre de minha advertência. Vencemos, com varas, uma Cachoeirinha e dois rápidos.

Estirão do Tapiu – Na direção Norte, ao longo de 06 km, o Rio tem pouca profundidade, uma grande praia à margem direita e duas pequenas à margem esquerda. Sempre Balatas em ambas as margens. Elas existem aqui em tal abundância que, apesar da longa distância para se chegar a estes lugares, sua exploração seria lucrativa.

Cachoeira do Tapiu – Quatro Travessões de força média, o Canal à margem direita é bom, vamos à sirga.

A montante até a Cachoeira do Táxi, o Rio está seco. A água é insuficiente até mesmo para o nosso pequeno barco, que muitas vezes toca o fundo. O leito do Rio é forrado de pedras pequenas e redondas semelhantes às que chamamos de seixos de Rio e são usados para pavimentar os corredores de nossos jardins.

03.06.1900 – A jusante da Cachoeira do Táxi, o Chico teve a chance de pescar dois grandes surubins ([78]), que são muito bem-vindos, porque temos pescado muito pouco peixe e não temos achado qualquer caça.

---

[78] Surubins: Pseudoplatystoma fasciatum. (Hiram Reis)

Cachoeira do Táxi – Quatro Travessões. Os três primeiros são passados a vara. O último, a montante, é um pouco mais difícil, obrigando-nos a passar a "*Joaninha*" à sirga.

Outra Cachoeira sem nome. À margem esquerda, tem cinco pequenas corredeiras com pedras enormes, muitas Ilhas pequenas e muito pouca água. Progredimos rapidamente. O grande Canal é à margem direita e tem apenas um Travessão.

Cachoeira do Cajual – O caminho é à margem esquerda, aproximamo-nos de uma rampa coroada por um belo cajueiro que, infelizmente, não tem nenhum fruto nesta época. Esta é a árvore que dá nome à Cachoeira. Encontramos três Travessões que passamos à sirga. Desde as Cataratas do Torino, as Cachoeiras deixaram de ser perigosas e fortes. Se permanecer assim, acredito que farei uma jornada bastante agradável embora, para se considerar, realmente, um verdadeiro explorador, é preciso enfrentar redemoinhos em forma de funil, correntes fortes e Canais perigosos.

Nossa vida seria banal e monótona, nossa profissão maçante e os dias se sucederiam sem imprevistos, se começássemos cada novo dia fazendo exatamente o que fizemos no dia anterior. Antes de partir, você pode sonhar, imaginar a grandeza e a beleza de tudo o que pode realizar, a realidade, porém, rapidamente dissipa estas ilusões. A vida é simples aqui, sempre a mesma. Estamos sempre envolvidos pela mesma vegetação luxuriante, o mesmo céu incandescente, os mesmos incidentes, o mesmo Sol ensandecido e poderoso que coloca em pânico nossos vasos sanguíneos, nervos e ideias. Felizmente, acho que há um dever evidente, um perigo inesperado a evitar, uma nova dificuldade a superar, a desviar nossa atenção e a nos excitar.

Como são felizes os exploradores que encaram aventuras extraordinárias, que superam os elementos e lutam contra perigos difíceis de resolver. Eu, porém, vago, tristemente, sob a luz branca e crua do Sol equatorial, não tendo mais a curiosidade das primeiras viagens onde a estranheza das formas das plantas gigantes me encantavam.

A única coisa que me aconteceu, e que é extraordinária, é que vivendo neste estado selvagem numa terra deserta, minha alma já se identificou tanto com o meio, que já não sou mais capaz de me encantar com a beleza da natureza que me cerca, esta mesma natureza que faria a alegria de tantos outros civilizados.

Ilha Moquém – Fica um pouco mais adiante. Ela tem, a montante, uma grande praia. Quando Guilhermo acompanhou o Dr. Tocantins, ouviram nesta praia um alarido de índios. Guilhermo é sempre incrível. Ele me garante que esse ruído foi feito por índios Roucouyen ([79]), e que esses índios moram na margem esquerda da Ilha e que, se nos aproximarmos da margem vamos ser flechados por esses índios brabos. A evidência, acrescenta-o, que esses índios estão lá, é que um pouco mais acima há um Igarapé com o nome deles. Nem ele, nem qualquer mocambeiro jamais viram um Roucouyen. Mas não importa, segundo ele, é absolutamente certo que os Roucouyen estão lá.

Eu disse a ele que os Roucouyen não estão de fato nessa margem, mas muito longe, habitando o Alto Paru e seus afluentes, que são índios honestos e muito mais civilizados do que jamais foram os mocambeiros. Parece que Guilhermo não entendeu o que eu disse.

[79] Roucouyen: Uaianas ou Wayanas. (Hiram Reis)

À noite, Esteves mata um pato: foi uma sorte. Teremos jantar hoje à noite. Acampamos em um ponto a jusante de uma grande Ilha. Justamente quando estávamos aportando, ouvimos os assovios de uma anta do outro lado do Rio, resolvemos procurá-la logo depois de descarregar a canoa. Três homens iriam caçar este paquiderme ([80]) interessante.

Esteves deu-lhe um tiro a curta distância, mas nossa caça fugiu, mesmo baleada, pela floresta. Como já era noite na floresta, tornou-se impossível persegui-la e os caçadores voltaram ao acampamento.

Nós descansamos perto de duas cabanas indígenas, construídas no verão passado. É muito curioso ver o efeito causado por estas cabanas em meus marinheiros. Eles, preocupados, lubrificaram e carregaram suas Winchester.

Chico, contumaz tagarela, está quieto; Guilhermo com os olhos arregalados; Esteves evita dormir perto de minha barraca que fica ao lado da fogueira. José, para criar coragem, bebe mais rum do que deveria e começa a discutir com seus camaradas. De minha rede, eu peço que faça silêncio e ele responde:

– É sempre comigo que a Madame se zanga, nunca com os outros.

– José, se eu fico com raiva, é porque você merece. Amanhã de manhã, depois de ter recuperado a sua sobriedade, vamos conversar.

Ele vai para a rede, instalada em um local afastado, ele sabe que eu nunca faltei com minha palavra e, apesar da embriaguez, ele fica se perguntando o que vai acontecer no dia seguinte.

---

[80] Paquiderme: ordem, atualmente obsoleta, de mamíferos que possuem o couro espesso. (Hiram Reis)

04.06.1900 – Os três caçadores voltaram a buscar pistas do tapir. O pobre animal estava dentro d'água, próxima à margem, onde entrara para, talvez, acalmar a febre causada pela lesão. Ela foi rapidamente capturada, morta e esfolada. Os caçadores voltaram ao acampamento para cortar a carne em pedaços e salgá-la. Ao meio-dia, partimos; levando a carne de anta e deixando os ossos para os abutres ([81]).

Enquanto os outros estavam tratando da caça, José ficou comigo. Ele ficou nervoso quando me viu pegar um facão e ir para a floresta cortar uma trepadeira forte, ele entendeu, imediatamente, a finalidade desta embira. Na verdade, eu apliquei-lhe um corretivo que vai ficar, para sempre, gravado na sua memória. Pouco depois, eu já tinha me arrependido de ter sido tão dura com ele, e perguntei-lhe:

- Será que realmente doeu? – Mas não é culpa sua? Você não mereceu esse corretivo?
- Não, ele disse, sorrindo. Madame não me machucou. A mãe sempre bate no seu filho com amor.

Continuo espantada. Aqui está um homem que é capaz de receber trinta e oito chibatadas e ainda dizer que lhe fiz um bem. Eu entenderia se ele não tivesse me agradecido. Estamos em uma região de grandes Ilhas, de margem a margem o Rio tem mais de 02 km. O leito do Rio é de areia, e com profundidades que variam de 25 cm a 01 metro.

Entramos em um rápido onde tentamos passar à vara mas, como as varas escorregavam nas pedras, fomos obrigados a servir-nos da corda ([82]).

---

[81] Abutres: urubu-de-cabeça-preta (Coragyps atratus) e Urubu-de-cabeça-vermelha (Cathartes aura). (Hiram Reis)

[82] Corda: sirga. (Hiram Reis)

Ilha do Garrafão – Aqui está a famosa Ilha onde o ocorreu o massacre dos índios Pianacotó ([83]) da Poana pelos mocambeiros, e um pouco acima na margem direita, está a Boca do Igarapé Poana, onde atualmente moram esses índios Pianacotó.

Cachoeira da Poana – Atravessamos dois rápidos à sirga. O leito do Rio está cheio de pequenas Ilhas e rochas. A montante da grande Ilha da Poana, avistamos um acampamento indígena que deve ter menos de um mês já que as folhas que cobrem as cabanas ainda estão verdes.

05.06.1900 – Saímos muito cedo para recuperar o tempo perdido com a anta. Cinco minutos após a partida, fomos obrigados a interromper a navegação em virtude do espesso nevoeiro que se formou e que não permitia sequer enxergar as pedras em que o nosso barco esbarrava a cada instante. O nevoeiro que cobre todo o Rio provocou uma queda da temperatura e peço para providenciarem uma cobertura. Os marinheiros rapidamente aproveitam a oportunidade para me pedir uma dose extra de rum. Finalmente, o Sol aparece e lança seus raios de fogo dissipando a névoa e nos deixando vislumbrar o grande e eterno sorriso do céu azul.

Para o almoço, eu tenho um naco de tapir ([84]) assado nas brasas. Preciso repetir, muitas vezes para mim mesma, que é uma excelente carne para me convencer totalmente. Certamente, a anta tem uma carne muito saborosa, mas... há sempre um mas, esta boa carne, excelente mesmo, muito saborosa, é de difícil digestão para um estômago que não está habituado a ela. Se o seu estômago, para o seu infortúnio, suporta a ingestão, você percebe, com

[83] Pianacotó: Tirió. (Hiram Reis)
[84] Tapir: anta (Tapirus terrestris). (Hiram Reis)

horror, mais tarde, que a carne tem uma grande propriedade purgativa. Todos sentimos seu efeito, mas o Esteves, em especial, ficou numa situação lastimável. Às 14h00, sou obrigada a fazer uma distribuição geral de subnitrato de bismuto.

Último Pontal do Castanhal – É aqui que vemos as últimas castanheiras a montante. Mais tarde, após a junção de dois Braços, o do Rio Paru e do Rio o Murapi, não existem mais castanheiras. Somente balatas de ambos os lados.

Os vestígios de nativos são cada vez mais numerosos. Na Foz de cada Igarapé, existe um acampamento.

Começamos a ver alguns morros isolados aqui e ali; desde a Cachoeira do Cajual, as margens eram baixas e o interior parecia abrigar uma planície.

Eu quero chegar à Cachoeira da Paciência hoje, dobrei a ração de rum e progredimos muito bem. O Rio vira para Leste e mantemos esta nova direção até o Igarapé dos Roucouyen; a montante das principais cachoeiras entramos em uma região de águas mortas, sem correnteza e sem rápidos.

As águas são calmas e tranquilas, a paisagem é bela: as montanhas distantes apresentam cores variadas, nas árvores gigantes, observo graciosas orquídeas; mas, como quase tudo daqui, isto só pode ser admirado à distância.

Se em vez de navegarmos no meio do Rio, nos aproximarmos da costa e olharmos para vegetação rasteira, notamos que é desordenada, confusa, suja, feia e malcheirosa. Se alguém adentra à floresta, o quadro é ainda pior: os espinhos rasgam-lhe as roupas, as trepadeiras travam-lhe a marcha, é

forçado a inclinar-se chegando quase a rastejar ou ainda ao escalar troncos escorregadios que podem, as vezes, não suportar seu peso levando-o ao chão, onde poderá afundar na lama e nos restos de plantas em decomposição.

Além disso, os seres desses lugares pantanosos atacam com raiva o explorador imprudente: eles são os carapanãs ([85]) e os piuns ([86]) que sugam o seu sangue, as formigas que mordem furiosamente rasgando-lhe a pele e os carrapatos e os micuins que estabelecem domicílio sobre ele. Quando deixa esta bela floresta para trás, ela já não lhe parece tão exuberante e o viajante se encontra em um estado lastimável.

À Margem direita, encontramos a entrada da trilha dos índios Pianacotó ([87]). Esta trilha vai até uma região a montante das grandes Cachoeiras que nós não poderíamos enfrentar e retornar em menos de 6 dias. À margem esquerda, a Tapera do Sr. José. Ela foi abandonada há tanto tempo que é impossível encontrar qualquer vestígio dela. Um pouco a montante, encontramos uma Ilha com belas praias, paramos nela para repousar. Chegou a hora, já não consigo fazer mais nada. Há momentos de suprema desesperança: aqueles que antecedem os acessos da febre.

Estamos no seu império, ela exerce aqui seu tirânico poder, hoje vou pagar-lhe o tributo. Sozinha na minha barraca sofro o horror da solidão.

---

[85] Carapanãs: mosquitos dos gêneros Anopheles ou Aedes. (Hiram Reis)

[86] Pium: Conhecido na região amazônica como pium, e em outras regiões como borrachudo, é o transmissor da "*Cegueira dos Rios*". Uma doença parasitária, denominada "*oncocercose*", causada pelo verme "*Onchocerca volvulus*", que se aloja no sistema linfático humano após a picada do pium. Caso o verme se instale no globo ocular, a cegueira no indivíduo infectado é inevitável já que o verme vai destruindo os tecidos gradativamente. (Hiram Reis)

[87] Pianacotó: Tirió. (Hiram Reis)

Deitada e, apesar de estar usando um grosso cobertor, tremo com os mais violentos calafrios desta febre maldita. Isolada na escuridão da noite, sou abalada por pesadelos que me fazem imaginar ao redor uma legião de seres fantásticos que me olham e zombam de mim. A febre aumenta, é noite, é o abismo. Oh! Como seria bom estar em casa, cercada por minha família! Água! Água! Alguém me traga um pouco de água.

Meus marinheiros estão na outra extremidade da praia, fora do alcance da minha voz. Eles riem, se divertem, ah! Se eu pudesse ir até o Rio, mas o Rio está longe e minhas pernas estão fracas.

Eu vejo meus homens deslocarem-se de um lado para outro da casa. A casa é vermelha, os homens são negros e brilhantes, a noite é escura e meu ser despedaçado mergulha no vazio. Ah! Se eu tivesse um pouco de água! Meu sono é pesado como a morte.

Embora alquebrada pelo violento ataque de febre, no dia seguinte volto ao trabalho. O frescor da manhã e o esplendor carmesim do Sol nascente me fazem esquecer o cansaço. Sinto, porém, como se os raios solares e seus reflexos na água convirjam diretamente para a minha cabeça. Eu mal posso ficar de pé, e mesmo assim preciso trabalhar. Preciso usar o Método Estúpido ([88]) muito utilizado pelos meus marinheiros – tomar um banho de Rio para refrescar o corpo e as ideias.

– *A água assusta a febre, eles dizem, e se não morrer... é que Deus está nos protegendo.*

---

[88] Na França, 20% da população francesa toma um banho a cada dois dias e 3,5% se lava apenas uma vez por semana. Em contrapartida, 11,5% dos homens e mulheres do país afirmaram tomar banhos vários vezes ao dia. (Instituto de Pesquisas francês – BVA) (Hiram Reis)

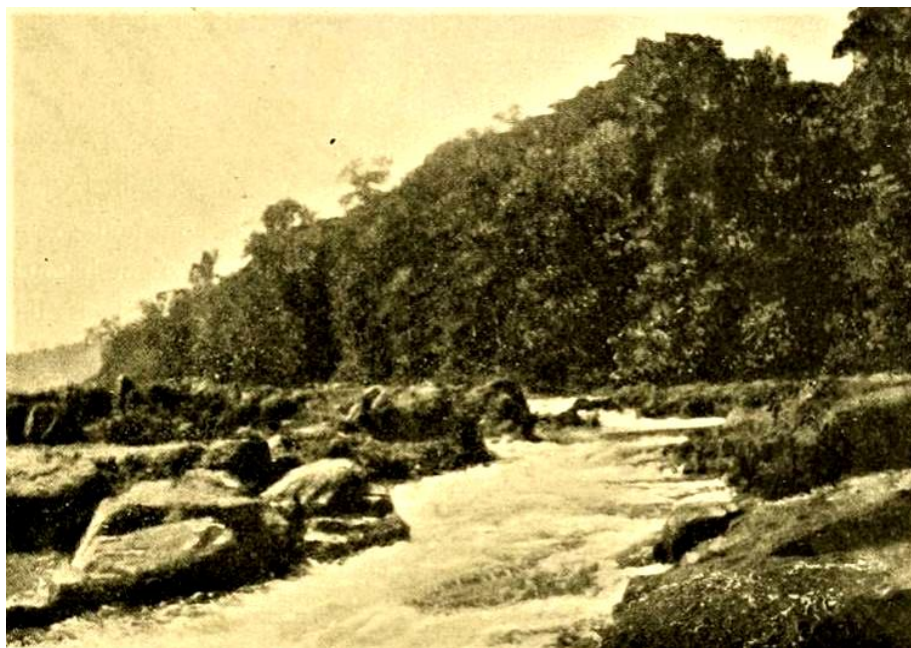



Imagem 24 – Margem Esquerda da Cachoeira do Retiro

Imagem 25 – Margem Direita da Cachoeira do Retiro

Imagem 26 – Canal Central da Cachoeira da Pirara

Imagem 27 – Canal Central da Cachoeira da Pirara

Imagem 28 – Cachoeira da Pirara, Margem direita

CAPÍTULO V

Cachoeira da Paciência – Travessões Teimosos – Fome – Um Cigarro – Cachoeira do Jacaré – Abacaxi – Falso Alarme – Cachoeira Resplendor – Ilha Montanhosa – Fadiga – Esteves e Guilhermo – Tormenta – Solidão – Beija-flores – Cachoeira Grande – As Sucurijus – Os Medos dos Meus Marinheiros – O Melhor Caminho – Sapateira à Força – Abundância e Escassez – Estômagos Marinheiros – Jaguar – Igarapé de Roucouyen – Alegria da Minha Tropa – Fim da Trilha dos índios Pianacotó – Cabanas Indígenas com Provisões – Fotografias – Guilhermo Desmoraliza Minha Tropa – Confluência de Paru e Murapi

06.06.1900 – A natureza não é nem triste nem alegre, mas a consideramos desta ou daquela forma, dependendo de nosso estado de espírito. Hoje, eu vejo tudo de maneira muito sombria e, evidentemente, isto não é surpreendente depois da minha febre na noite passada.

Cachoeira da Paciência – Dois Canais estreitos separados por uma Ilha rochosa, a Ilha dos Maguaris. Duas enormes barragens de rochas cortam o Rio em toda a sua largura, mais uma vez precisamos arrastar o barco pela colina e carregar o material por um caminho que fizemos, desde jusante até o meio da Cachoeira. O Canal, à margem direita, é impraticável, é uma grande massa d'água que desce com a velocidade de uma tromba d'água entre dois paredões. Seria imprudente se aproximar demais desta queda, nós nos contentamos em contemplá-la à distância. À margem esquerda, o Canal não é bom, porém um Pedral levemente inclinado permite passar o barco. O primeiro banco de rochas forma três quedas, três degraus de uma gigantesca escada. Após essas três primeiras etapas, outro banco

também forma três outras quedas muito mais fortes do que as primeiras quedas. Pelas três primeiras quedas, o barco é içado pela margem esquerda, sobre o Pedral inclinado; para os três seguintes a canoa passa pelo Pedral acostado na Ilha dos Maguaris. Levamos o dia todo para transportar o barco e a carga ([89]).

Permaneço o dia todo à jusante da Cachoeira. Esta longa espera no pé da Cachoeira, cercada por pedras quentes sob um araçá cuja folhagem escassa dá uma certa ilusão de estar à sombra, não é muito confortável. No entanto, seria errado dizer que estou mal, saboreei infinitas alegrias. Como fico sozinha por várias horas, me entrego aos meus devaneios e procuro esquecer a triste realidade, rememorando os problemas de minha existência e meu pensamento viaja para longe, muito longe, para a terra dos sonhos. Oh! Belos e doces sonhos que tenho à sombra das goiabeiras selvagens! Tenros e reconfortantes sonhos que nunca jamais alguém irá me proporcionar, sonhos que trazem um pouco de paz para a minha alma amargurada e amenizam as dores que afligem meu coração cansado de tanto sofrimento a este ser que aspira à felicidade suprema!

Nós acampamos a montante da trilha, à margem esquerda, no meio da Cachoeira. Nossa canoa novamente precisou ser calafetada, toda a estopa foi arrancada pelas pedras. Quando a febre ataca uma vítima, ela não a abandona facilmente. Durante toda a noite tive febre e delírios. Ao acordar, de manhã, Esteves, que me velava, propõe-me timidamente que voltemos. Eu lhe fiz entender que jamais deveria repetir tal proposta.

---

[89] Transportar o barco e a carga: portagem. (Hiram Reis)

07.06.1900 – Ainda temos oito Travessões antes de terminar com a Cachoeira da Paciência. Procuramos nosso caminho pelas pedras e acabamos escolhendo uma opção pior ainda que a anterior. Os dois primeiros Travessões à margem esquerda são cruzados à sirga, para o terceiro, devemos aliviar a canoa, o quarto foi passado à sirga, no quinto precisamos descarregar totalmente a canoa [portagem]. O sexto e o sétimo são passados à vara e o oitavo à corda. Estamos sempre à margem esquerda, a margem direita está cheia de pequenas Ilhas, entre as quais correm finos filetes de água. Paramos para almoçar numa pequena Ilha acostada à margem esquerda.

O "*menu*", para variar, é o mesmo de ontem e antes de ontem: é anta. Apesar de minha boa vontade, meu estômago se recusa a se habituar com este alimento. Eu tinha passado, também, duas noites de terríveis febres que justificam a fragilidade de meu estômago. Mas agora a questão torna-se complicada: comer anta ou não comer nada. Estou com tanta fome... decido fumar um cigarro. Este desjejum volátil certamente não me dará indigestão.

Fome! Quantos estômagos neuróticos estariam dispostos a passar fome? Quando eu estava em Paris, nunca soube o que era isso. Agora, posso ensinar, àqueles que desejarem, um meio tão seguro como excelente para chegar a experimentar esta desagradabilíssima sensação de fome: eles só precisam viajar nas regiões desérticas do interior do Pará. No primeiro dia, no primeiro mês, tudo está bem, não há nada para comer na canoa. Mas depois? Depois, o regime de fome faz parte do dia-a-dia. O dia-a-dia é cheio de aventuras, a comida é incerta, aleatória; somos forçados a fazer dois dias de dieta a cada três, não conseguimos pescar nem caçar. A solução é fumar e esquecer quase tudo mirando as nuvens de fumaça que se formam.

Que coisa deliciosa um bom cigarro, quando eu sentia uma fome atroz! Minhas senhoras, vocês que para distrair-se aspiram o cheiro delicioso dos cigarros de "*Barbe du Sultan*", vocês que sopram, graciosamente da ponta de vossos belos lábios, espirais de uma fumaça azul tão doce que seu alegre devaneio se eterniza, vocês estão longe de supor que os pobres viajantes fumam cigarros muito ruins simplesmente para enganar a fome e, apesar de a fumaça ser azul, eles são capazes de enxergar, através dessa diáfana nuvem, apenas o negrume de sua existência.

Cachoeira do Jacaré – Três fortes Travessões nos obrigam a descarregar completamente a canoa; o transporte da bagagem é feito sobre um Pedral no meio do Rio, o barco passa à margem esquerda, em um pequeno Canal próximo à margem.

As colinas flanqueiam ambas as margens, uma colina um pouco maior, que podemos considerar como uma pequena montanha parece bloquear o Rio a montante. Um forte banco de rochas, que se estende por toda a largura do curso d'água, cria um Salto de cerca de 08 m de altura. Passamos as bagagens e fomos acampar na margem esquerda, a montante do Salto, deixando o barco a jusante, amanhã vamos ver por onde se passará.

08.06.1900 – No dia seguinte, no início da manhã, o barco é arrastado sobre o Salto. Pobre canoa! Ela parece uma peneira e precisa ser calafetada novamente. Enquanto Chico e Esteves estão reparando a canoa, eu vou com José cortar ananás, os pequenos abacaxis selvagens, do tamanho de grandes ovos de galinha, azedos e cheios de espinhos. No entanto, acho-os excelentes e faço uma provisão. Atrás de nosso acampamento há um campo.

Estou fazendo a minha coleção e, de repente, vejo Chico chegar sem fôlego; ele veio me advertir de que há pessoas a jusante e a montante dos Travessões de Cachoeira da Paciência e que eles certamente estão vindo até nós. Pessoas em uma canoa! O que isso significa? Os homens que eu deixei, a jusante, estavam muito doentes para serem capazes de empreender uma viagem assim tão rapidamente. Não devem ser os meus homens, e não devem ser índios, porque parecem usar camisas brancas, quem serão? Estou bastante animada.

É que o destino tem sido difícil para mim, e a sucessão de amargas provações que o destino tem-me imposto faz com que minha alma facilmente se emocione. Eu tenho medo das mudanças, porque elas podem trazer consigo uma nova dor. Aquelas pessoas podem me trazer outra decepção. Fui até a praia. O Chico estava enganado. Após uma breve verificação, constatamos que as supostas pessoas são apenas pedras, em que os raios do Sol nascente refletem. E aí está! São apenas pedras, não eram pessoas, por um momento, a agitação tinha tomado conta do meu espírito calejado.

Uma pequena montanha obriga Rio a tomar a direção Norte-Sul, mas logo depois de contornar a montanha, o rumo é alterado para a direção Oeste-Leste. Passamos dois Travessões fortes o suficiente para serem classificados de cachoeiras. Meus marinheiros não são obrigados, desta feita, a descarregar a canoa nem de transportá-la por terra, desdenhosamente chamando esta Cachoeira de Travessões. O Canal está próximo ao Pedral da margem esquerda. Entramos em um Canal estreito por onde flui toda a água do Cuminá. Um grande Pedral está à direita, depois um grande Pedral à esquerda; mais adiante confrontamos uma violenta correnteza, a mais violenta até agora.

Somos obrigados a colocar duas cordas suplementares e nossa “*Joaninha*” avança lentamente com duas cordas à proa e uma na popa. As cordas são confeccionadas de tal maneira que sua grossura diminui pela metade; felizmente são cordas novas. Nós vencemos essa corrente mas temos um mau pressentimento em relação à terrível Cachoeira que está à montante.

Cachoeira do Resplendor – Pequenas Ilhas de contornos imprecisos, uns Pedrais, uma grande Ilha montanhosa, nos levam a acreditar que o Rio se bifurca e que existam grandes cachoeiras mais à frente. Há um fio d’água entre as pedras e também uma torrente enorme, fazendo um barulho semelhante ao de um trovão. Isso é lindo, muito bonito de se ver, mas praticamente impossível de vencer – como passaremos?

Começamos a transportar a bagagem a montante da Cachoeira até a grande praia, no fim da Ilha montanhosa. O descarregamento é feito pelo Pedral próximo da margem esquerda da Ilha. Apesar de se esforçarem, meus marinheiros não conseguem completar o transporte e a noite nos surpreende. Eles estão cansados, esgotados, pois, transportaram cargas durante toda a tarde pisando em pedras quentes, com o Sol em suas cabeças e uma temperatura sufocante. Temo cada momento que venham a tombar de fadiga.

Chegando ao acampamento, eles não querem nem mesmo jantar. Esteves tem febre e sua perna direita está muito inchada, José também tem febre, Chico cai em sua rede, sem trocar as roupas de trabalho, que estão molhadas, pelas roupas de dormir, que estão secas. Eu, porém, preciso trocar a roupa, porque dormir com as roupas molhadas é garantia de ser atacada pela febre no dia seguinte.

Guilhermo está refrescado e sorridente; com o seu riso malvado, ele está lá, zombando de outros. Ele está doente, meus homens também e não estão dispostos a suportar suas piadas. Esteves está zangado, e eu estou aprendendo a lidar com Guilhermo usando de uma excessiva suavidade. Se, na minha frente, ele parece cooperar na labuta comum, pelas costas, a cada momento, ele incita meus marinheiros contra mim dizendo que eles são tolos de trabalhar tão duro, e que seria muito melhor e teriam menos problemas se fossemos mais devagar, então eu desistiria da viagem e que mesmo assim receberiam o seu pagamento. Ele culpa-os por sua obediência, dizendo-lhes que eles são tratados como escravos. Sei que Guilhermo rouba açúcar todos os dias para fazer chibé ([90]). Ele disse que quando não tiver mais comida, ele vai voltar.

Ele é verdadeiramente um homem mau, um indivíduo triste, hipócrita, enganador, mentiroso e ladrão. Ele tem todas as qualidades de um verdadeiro filho de mocambeiro, ele tem todos os vícios que caracterizam um descendente desses traidores covardes. Eu falo com ele severamente; eu já sabia que esses mocambeiros são avessos a qualquer instrução, qualquer melhoria. As almas desses homens, desde que nascem, aprimoram sua velhacaria e malvadeza para sempre. Seus instintos e interesses são os únicos guias; eles não têm a mínima ideia do senso de moralidade universal que eleva o homem. [...]

Durante a noite, uma violenta borrasca nos esmaga: trovão, ventos fortes, chuva pesada, a tempestade está completa.

---

[90] Chibé ou Jacuba: prato típico da culinária amazônica. É uma mistura de farinha de mandioca e água que lhe confere um sabor levemente azedo. A água faz a farinha inchar dando-lhe uma textura semelhante à de um mingau. Pode ser incrementado com sal, açúcar e outros condimentos. (Hiram Reis)

Nossa barraca é quase virada do avesso, tudo é inundado, redes e mosquiteiros. Esteves estava suando, o agasalhamos com todos os cobertores de que dispúnhamos. Felizmente, ele não foi atingido pela chuva. O que eu faria com um marinheiro com pneumonia cuja recuperação exige cuidados especiais e que comprometem nossos projetos? Mas eu e os outros trememos até o raiar do dia; isso foi apenas mais um incidente na nossa expedição.

09.06.1900 – Depois de analisar sucessivamente o Canal da margem direita e o Canal da margem esquerda, optamos pelo primeiro. Por quê? Seria difícil dizer, os saltos eram tão perigosos e numerosos tanto de um lado como do outro. Os seis saltos da Cachoeira nos colocam na obrigação de passar o barco quatro vezes pelo Pedral, na margem direita do Canal; trabalho para um dia inteiro. Ao observar e fotografar o Resplendor, avisto 3 pinturas rupestres que parecem representar cabeças enfeitadas com o acangatara ([91]). O acangatara é um cocar de penas que os índios usam nas suas festas.

Estou completamente só nesta praia deserta desde a manhã até a noite. Oh! Lindo dia! A solidão é agradável! Acho deliciosos estes momentos. Não ser obrigada a falar com meus marinheiros, que podem agir por si próprios! Os eremitas não eram grandes epicuristas ([92]) vivendo no deserto para poder desfrutar mais plenamente da solidão e ter a felicidade de encontrarem-se a si mesmos?
Ao dizer que estou sozinha, estou errada, porque eu

[91] Acangatara: do Tupi – "*acanga*" - cabeça; "*tara*" - enfeite; enfeite de cabeça. (Hiram Reis)

[92] Epicuristas: o filósofo grego Epicuro de Samos pregava a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, com a ausência de sofrimento corporal pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos. (Hiram Reis)

tenho a agradável companhia de um casal de beija-flores. Estas aves são tão belas que não me canso de admirá-las. Seus movimentos são rápidos e graciosos. Elas movem-se com a rapidez do relâmpago para a flor que desejam alcançar e possuem um corpo tão delicado quanto harmonioso que revela a sua presença por uma batida de asas quase imperceptível. É difícil distinguir suas bruscas mudanças de direção que à minha visão mais parecem lanças metálicas projetadas por sua plumagem multicor. Apenas o brilho dos metais e das pedras preciosas podem ser comparados aos reflexos cintilantes destes pequeninos e alegres seres. Às 17h00 horas, a "*Joaninha*" está a montante da Cachoeira Resplendor, o casco do meu pobre barco parece ter sido passado em um ralador, e novamente precisamos calafetá-la com estopas e vedar com breu.

10.06.1900 – Ao dobrarmos a ponta de terra firme, que fica a montante da Praia do Resplendor, avistamos ao longe belos raios luminosos de um branco prateado que matiza o azul celeste. Meus marinheiros não possuem um senso estético capaz de apreciar as belezas da natureza e expressar sua admiração com isso. Este obstáculo tão belo chamado de Cachoeira Grande será, certamente, o mais difícil de atravessar do que todas as demais cachoeiras que encontramos nesta viagem.

Cachoeira Grande – Esta Catarata não tem menos de vinte e um Travessões principais e muitos rápidos. Um de seus é Travessões é um Salto de dez metros de altura. Os quatro primeiros deles foram à sirga e atracamos no Pedral localizado no centro do Rio que é o melhor lugar para se realizar a portagem. Chico e José começaram a descarregar o barco. Enquanto isso, eu vou com Esteves e Guilhermo procurar uma trilha.

Atravessamos a grande Ilha que está no Pedral oposto. Uma Ilha muito curiosa com pedras de 10 a 12 m de altura e uma grande quantidade de buracos, uns poços de 07 a 08 m de profundidade, formando galerias sob a Ilha. Alguns deles não possuem comunicação entre si e, em outros, no entanto, um filete de água atravessa-os.

Temos de caminhar com cuidado, porque basta um momento de desatenção ou falta de jeito para voltar para o acampamento inválidos. Muitas vezes, passando por cima de um dos poços, ouvimos um rosnado baixo que bem conhecemos, acordamos uma sucuriju ([93]) e rapidamente nos afastamos para não perturbar o sono deste animal de respeitáveis dimensões. Precisamos subir escalando enormes pedras; e, então, quando chegamos ao topo das pedras, escorregamos pela pedra lisa que é o meio mais rápido e fácil de se descer um penhasco.

Depois de uma hora e meia de exercício, encarrego meus homens de continuar a exploração e vou esperá-los em uma clareira. Permaneço um longo tempo sobre as pedras em silêncio aguardando seu retorno, quando de repente ouço gritos, chamados frenéticos. É que pouco tempo depois de partir, meus dois marinheiros avistaram pegadas de um tigre ([94]) e acreditaram que ele tivesse me devorado; eles já tinham explorado diversas clareiras e não tinham me achado. [...]

Meus homens descobriram um local onde não teremos a necessidade de carregar a canoa pelas pedras uma única vez. É na margem esquerda do Canal entre a terra firme e a Ilha das Sucurijus.

---

[93] Sucuriju: sucuri-amarela (Eunectes notaeus); sucuri-malhada (E. deschauenseei); sucuri-verde (E. murinus). (Hiram Reis)

[94] Tigre: onça-pintada (Panthera onça). (Hiram Reis)

Voltamos para o almoço no Pedral onde tinham permanecido o Chico e o José. Almoçamos muito rapidamente e, em seguida, nos dirigimos para o Canal da margem esquerda. Acompanho meus marinheiros, assim o trabalho será executado mais rapidamente e sobretudo farei o preguiçoso Guilhermo trabalhar. O melhor caminho é muito ruim. O barco, embora vazio, passa pelos Travessões com grande dificuldade e muito trabalho.

O quinto, sexto, sétimo, oitavo e nono Travessões são passados à sirga. Enquanto estávamos envolvidos na passagem do sétimo Travessão, caiu uma chuva forte durante dez minutos refrescando um pouco a atmosfera. A chuva que caiu sobre o Canal onde estamos produziu um vapor quente, uma nuvem espessa, compacta, que os raios do Sol, logo, dissiparam. A nuvem sobe formando colunas de vapor que desaparecem tão rapidamente como tinham surgido.

O décimo Travessão é um Salto, "*Joaninha*" passa sobre as pedras na margem esquerda. Subimos até o décimo primeiro e décimo segundo Travessão e aqui nós transportamos as bagagens para montante do Pedral. É quase noite, paramos em uma pequena Ilha rochosa no centro deste Pedral.

11.06.1900 – Gastamos toda a manhã para atravessar o décimo terceiro, décimo quarto e décimo quinto Travessões, eles também são saltos. À noite, vamos finalizar com a Cachoeira Grande. O Canal da margem esquerda é entre um Pedral e quatro pequenas Ilhas próximas a ele. Acampamos e calafetamos o barco na Foz do Igarapé Roucouyen.

Concluímos, ao que parece, com as Cachoeiras do Cuminá. Não achamos mais que alguns rápidos ou muito pequenos Travessões.

Meu último par de botas de borracha ficou na Cachoeira Grande, tão gasta que já não protegia mais meus pés e, neste momento, me transformo em uma sapateira. Eu sabia, muito bem que, numa expedição, eu precisava aprender a improvisar, tinha a necessidade fazer um pouco de tudo, mas fazer sapatos é mais difícil do que eu imaginava. Faço boas solas com corda e cubro a parte superior do pé com um pedaço de lona de vela. O resultado final não é nem um pouco elegante, mas vai funcionar e isso é o mais importante. Embora este seja meu oitavo ano de exploração, não considero que tenha me tornado mais primitiva, eu ainda sofro muito de ter de viver sem o mínimo conforto. O que estou dizendo? Sem conforto? Eu simplesmente não tenho as coisas minimamente essenciais. Quando, depois de ter sido privado de tudo por seis meses, o explorador retorna à vida civilizada, onde todos gostam de usufruir das benesses da civilização, um louco frenesi o invade, ele quer usar e abusar de tudo o máximo que puder.

Seu estômago cansado, enfraquecido pelas privações passadas se ressente e sofre, por demais, ao perceber que não tem a mínima capacidade de digerir tudo o que levianamente o explorador devora.

A Boca do Igarapé Roucouyen é muito piscosa. Pescamos dez grandes surubins, perfazendo cerca de 25 kg de peixes. Meus parceiros aproveitam para fazer um festim durante a noite. No deserto, a vida é uma mescla de abundância e escassez. Os peixes ficam mais confinados do que geralmente acreditamos. Nenhum animal gosta de viver isolado: peixes, caças, animais de todos os tipos, reúnem-se em certos pontos que, instintivamente, acham mais agradáveis ou mais propícios à sua sobrevivência tornando assim alguns lugares mais densamente povoados e outros absolutamente desertos.

O ser humano, por sua vez, age de forma similar buscando locais mais salubres e que permitam uma subsistência mais tranquila, paragens onde as águas são mais piscosas, a caça mais abundante, a terra mais fértil, deixando totalmente desertas as regiões onde isso não acontece.

Nos dias de fome, dependemos de nós mesmos, emagrecemos juntos e sem queixas. Nos dias de abundância meus marinheiros alimentam-se todo o tempo. Eles comem ao descarregar o barco, comem remando, comem falando e, à noite, eles se levantam para comer. Mas isto só é permitido a estômagos acostumados, desde a infância, tal sistema não se coaduna com um estômago europeu.

Eu jejuo muito bem, posso passar, facilmente, três ou quatro dias tomando apenas um pouco de chá e, quando chegam os tempos de abundância, meu estômago está intratável, ele se recusa a funcionar e só consigo comer muito pouco.

À noite, recebemos a visita de um jaguar ([95]) que parece ter uma afinidade especial com o Chico. Ele já estava perto da última rede quando Guilhermo, que estava acordado, deu o alarme. O tigre ([96]) já estava longe quando ainda esfregávamos os olhos.

12.06.1900 – A montante do Igarapé Roucouyen, o Cuminá muda para direção Norte-Noroeste. Uma Ilha rochosa, uma grande quantidade de pedras no leito do Rio e dois pequenos Travessões difíceis, sem ser perigosos, e nenhum Canal é o que se nos apresenta.

Meus marinheiros estão felizes com as águas calmas,

---

[95] Jaguar: onça-pintada (Panthera onca). (Hiram Reis)
[96] Tigre: onça-pintada (Panthera onca). (Hiram Reis)

felizes por não haver mais Cachoeiras, felizes por ter um belo e largo Rio, especialmente alegres por terem comido durante toda a noite e ainda termos peixe suficiente para este dia. Eles remam totalmente despreocupados, sob Sol, com as cabeças descobertas, sem camisas e descalços. Eles cantam alegremente suas tristes canções, que de tão melancólicas chegam a ter uma tonalidade alegre, eles estão muito felizes!

Quanto a mim, estou triste sob luz branca do céu azul, minha mente preocupada sofre de uma doença incurável, quando virá a hora derradeira em que a minha alma repousará, será o momento mais agradável para meu ser do que a tenra e doce luz da manhã era para mim no meu lindo céu da França. Como pulsam aqui as fantasias de minha imaginação, mas tenho outras coisas para fazer além da literatura e sentimentalismos. Estou aqui para realizar um levantamento mais preciso e completo quanto possível do Rio Cuminá, subafluente do Amazonas.

Interrompo estes devaneios que dão asas à "*l'imagination est la <u>folle</u> <u>du</u> <u>logis</u>*" ([97]), e meço ângulos, tomo altitudes, vejo longitudes e latitudes, afiro as temperaturas máxima e mínima, avalio a largura do Rio, aproveitando esta bela praia que parece ter sido colocada de propósito pelo Grande Arquiteto do Universo para que eu pudesse tomar as medições referenciais.

Navegamos, à vara, a uma velocidade realmente surpreendente. Guilhermo comenta que é a marcha de um vapor. Seria desejável que, durante toda minha jornada, tivéssemos desfrutado da abundância

---

[97] "*La folle du logis*": "*A rainha da casa*" – Filósofo francês Nicolas Malebranche. (Hiram Reis)

que reinou nestes últimos dias. Na verdade, meus homens já estão se acostumando à navegação fácil e à fartura, e isso não é bom, a alimentação abundante e a navegação fácil podem corromper seu ânimo. Usufruir de coisas boas, durante um longo período, pode vir a contaminar sua rusticidade.

Rio abaixo onde termina a trilha índios Pianacotó há uma grande Ilha, cujo Canal à margem esquerda está completamente obstruído por areia. Certamente permite passagem no inverno, mas agora só há uma praia lamacenta.

Aportamos na margem direita para reconhecer a trilha dos índios. Este caminho é uma senda que vale a pena traçar a rota. Os naturais o usam sem a possibilidade de se perder.

Na entrada da trilha, existem três cabanas, uma nova cujas folhas devem ter sido cortadas há alguns dias; a segunda que deve ter sido construída há um ano e a terceira cuja construção ainda não foi concluída – os prumos ([98]) estão colocados, mas falta-lhe a cobertura de folhas do telhado.

Na cabana nova, encontramos um arco, flechas, tapioca ([99]) de mandioca, uma cesta contendo colares de contas ([100]) azuis e botões de porcelana vermelhos e brancos, uma tanga feminina, sementes secas, fios de algodão bem fiados, sementes de urucu, uma pequena cabaça com um preparado à base de urucu, uma grande cabaça d'água, um vaso tombado sobre uma fogueira. Duas fogueiras, logo duas famílias.

---

[98] Prumos: esteios ou pilares de madeira. (Hiram Reis)
[99] Tapioca: beiju. (Hiram Reis)
[100] Contas: miçangas. (Hiram Reis)

Os índios estavam aqui ontem ou antes de ontem e devem voltar em breve já que deixaram suas tralhas e provisões. Deixo anzóis sobre o arco e cordas e contas na cesta. No porto, contei 7 canoas de casca de Jutaí. Elas estão quebradas e sem condições de uso. Imagino que partiram todos nas canoas em condições de subir o Rio, caso contrário as mulheres teriam ficado na cabana e haveria, no porto, uma canoa em condições de subir o Rio.

Continuamos a jornada, mas não há mais risos ou músicas. Meus marinheiros estão nervosos e falam somente de índios ferozes que vão nos flechar. Eu estou muito absorvida no meu trabalho e pouco lhes presto atenção.

À noite, paramos em uma bela praia onde existem muitos e lindos araçás que são muito bem-vindos. Ando um pouco, pego uma xícara de chá e começo a revelar minhas fotos. Com apenas três chapas à minha disposição, eu preciso executar esse trabalho frequentemente. Seis fotos para revelar para um fotógrafo bem instalado em seu quarto escuro não demanda muito trabalho.

Mas numa exploração, sentada na areia da praia, com água morna que não tenho tempo de filtrar, uma lanterna que não acende, uma câmara escura improvisada sob um pedaço de pano que me sufoca e um vento que sopra de vez em quando, tenho realmente de me esforçar muito para, num momento de mau humor, não jogar tudo no Rio.

13.06.1900 – Ontem à noite, meus homens não dormiram quase nada. Todos estavam ocupados em desmontar suas Winchester e limpar cada peça de suas armas meticulosamente. Durante este trabalho, conversando em voz baixa, eles falavam dos índios. Guilhermo, que é o mais velho de todos, está longe

de ser o mais sensato membro da minha equipe e tenta, constantemente, minar-lhes a moral ([101]). Guilhermo disse-lhes:

– *É certo que os índios vão nos atingir com flechas envenenadas. A "branca" não sabe do perigo, e é por isso que sempre quer ir em frente, é claro que ninguém retornará vivo desta expedição. É melhor aconselhar a Madame a retornar, se ela não quiser morrer.*

Branca é a maneira mais lisonjeira pela qual os nativos nos chamam. Quando dizem "*minha branca*", é que querem, ou pedir desculpas por terem cometido alguma falta ou pedir-nos uma generosa contribuição. Este é o pensamento funesto de um indivíduo que só pensa em interromper, tentar colocar um ponto final a uma jornada que o entedia ou amedronta. Na manhã seguinte, espero em silêncio até que um deles se atreva a me repassar a advertência do Guilhermo. Estou determinada a despachar imediatamente aquele que me fale em voltar. Todos permaneceram quietos. Começamos bem cedo, pelas 05h30.

Às 08h00, chegamos à confluência do Paru e do Murapi, os dois principais afluentes do Cuminá. É curioso notar a facilidade com que os homens se emtregam ao desânimo, sem vontade e energia. Meus pobres e assustados marinheiros lançam olhares preocupados para ambas as margens, o barco é sempre conduzido pelo meio do Rio. Se os índios lançassem uma única flecha eles, provavelmente, se atirariam às águas deixando-me só, abandonada e esquecendo tudo.

Mesmo sabendo que apenas um de nossos rifles é mais letal que todas as flechas, não há argumento

---

[101] Moral: ânimo. (Hiram Reis)

capaz de vencer o medo misturado à superstição. Os primeiros homens tinham medo de bruxas, coisas das quais fazem chacota hoje. Marinheiros equipados com armas sofisticadas valem por uma centena de índios que fugiriam ao constatar que suas flechas são inofensivas frente aos nossos tiros. Além disso, que me importa que estas flechas estejam envenenadas? A morte não é nada terrível, pelo contrário, é um descanso salutar após uma vida agitada e infeliz. Eu entendo, neste momento da minha existência triste o "*dulce refrigerium*" ([102]) a que se referem os mármores fúnebres dos primeiros cristãos em Roma.

[102] Dulce refrigerium: a Igreja Católica chama o Espírito Santo de o "*melhor Consolador*", o "*hóspede mais afetuoso*" e o "*mais suave refrigério*" para a alma perturbada: "*Consolator optime, dulcis hospes animae, dulce refrigerium*" – Sequência do Pentecostes – Veni Sancte Spiritus. (Hiram Reis)

Imagem 29 – Cachoeira do Severino

Imagem 30 – Rocha do Armazém

Imagem 31 – A Rampa

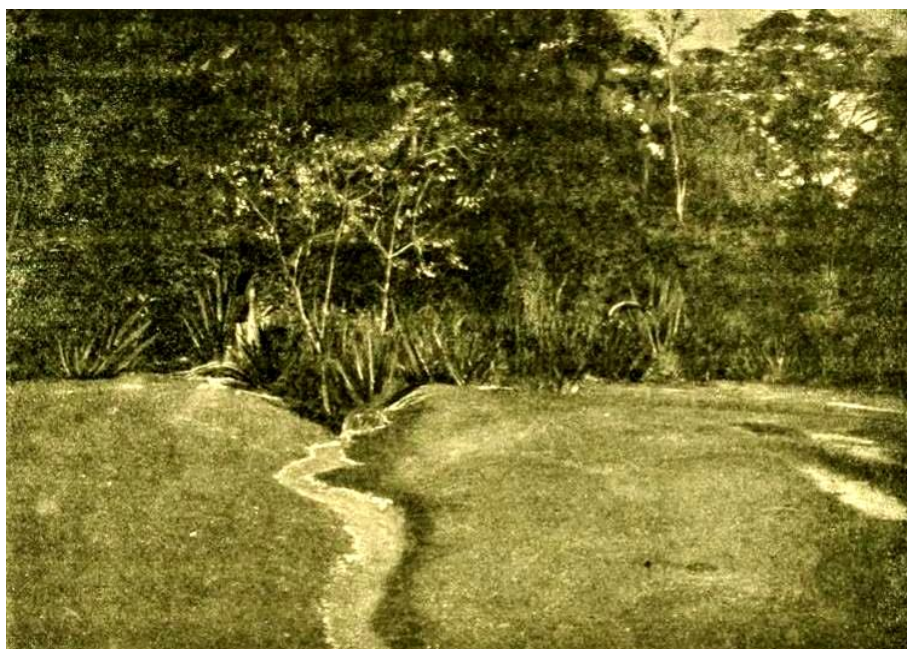



Imagem 32 – A Rampa

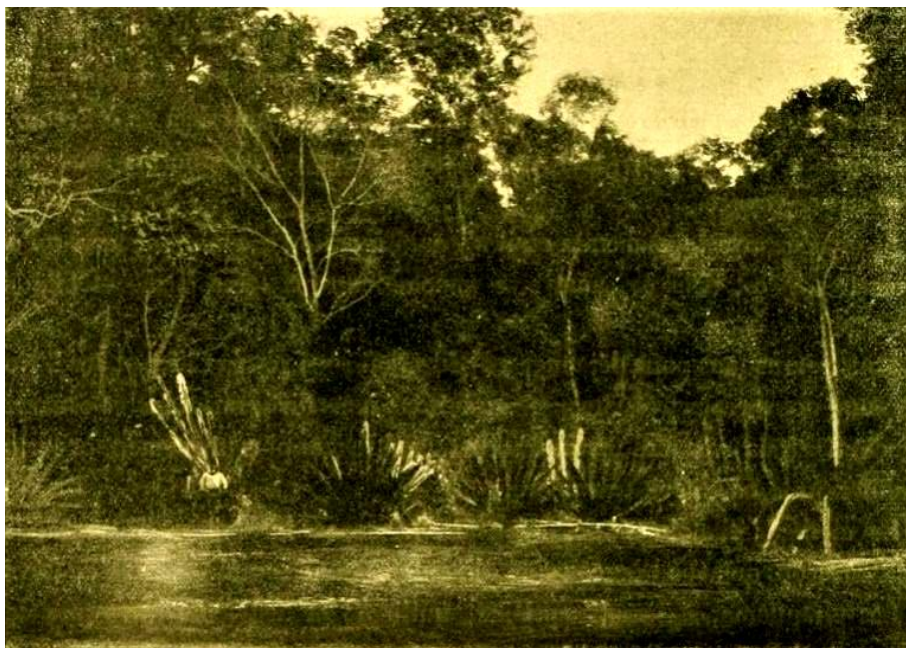



Imagem 33 – Cactus

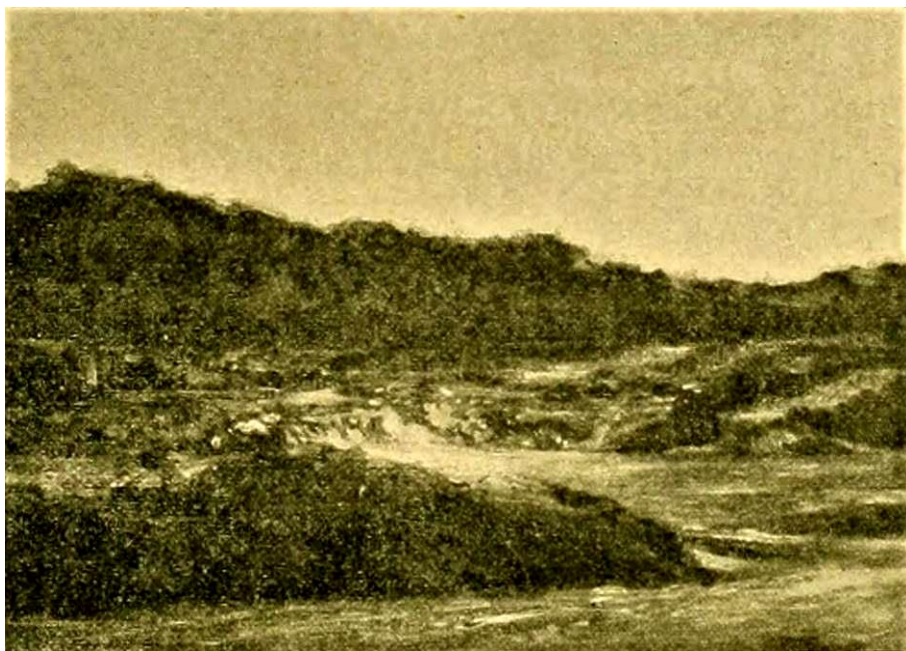



Imagem 34 – Cachoeira do Torino, Margem Direita

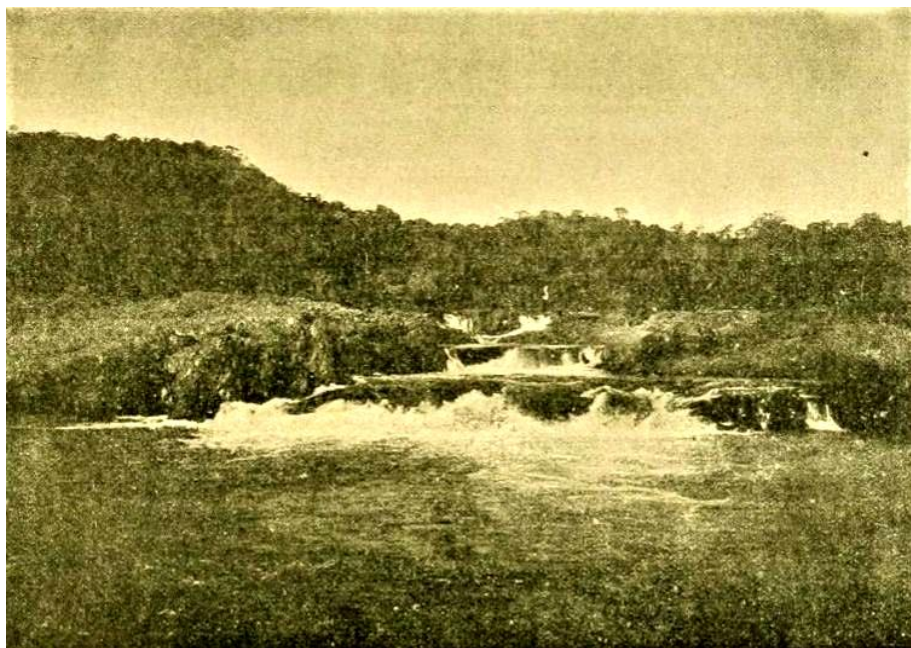



Imagem 35 – Cachoeira da Paciência

CAPÍTULO VI

Rio Paru, Subida e Descida – Pesca Infrutífera – Timbó – Preparações Contra os índios – Igarapé Imarará – Acampamento Indígena – As Mulheres Indígenas – Inventário – Inútil Espera – A Maloca – Tapera Espírito Santo – Cachoeira do Campo Grande – Os Campos – Igarapé S Antônio – Couro de Sucuriju – Efeito Produzido Pelo Campo – Cachoeira do Chico – Morro do Tocantins – Lembranças Deixadas – Um Grande Igarapé – Banho do Tapir – Todos Doentes – Guilhermo e Seus Gemidos – Exercício de Paciência – Jaguar – Cachoeira da Onça – Deixo Chico e Guilhermo – A Montante com Dois Marinheiros – Nenhuma Caça – Fome – Uma Capivara – Esteves Ferido – Retornando ao Acampamento do Chico – A Tristeza do Regresso – O Óleo Acabou – Entre os índios – Boa Caça e Bom Rio

A cerca de um quilômetro além da confluência do Paru e Murapi que vamos subir e descer um após o outro e, em seguida, retornar ao Cuminá, a água do Rio é preta à margem direita e branca à margem esquerda, mas um branco sujo, de uma cor suspeita de que não me anuncia nada de bom. O braço esquerdo poderia bem ser um Rio propício a sezões ([103]).

O Rio Paru, na sua Boca, mede 111 m, possui o fluxo de um grande Rio. Imediatamente a montante, a correnteza é forte e o leito pouco profundo; nós passamos com dificuldade a nossa pequena canoa entre as pedras e nessas pedras encontrei pinturas rupestres. Um pequeno Travessão, que transpomos a vara, é seguido por uma Cachoeira onde precisamos esvaziar a canoa e seguir à sirga.

[103] Sezões: febres – malária. (Hiram Reis)

Guilhermo confessa estar muito ofendido porque não transcrevo imediatamente as informações “*valiosas*” que ele se digna a me dar. Passamos por uma pilha de pedras que emergem numa largura de 03 m em cujo centro existe um mirrado jenipapo. A Ilha, disse-me Guilhermo, é chamada de Ilha Redonda. Madame não vai escrever o nome desta Ilha? Respondo-lhe com um não muito seco, ele olha para os outros, demonstrando estar muito aborrecido e insinua que a Madame realmente não está fazendo um bom trabalho.

Paramos em uma pequena praia, na curva do Rio, mas para todos nossos pecados, neste provável pesqueiro não pescamos nem uma única piranha. Logo encontramos explicação para essa escassez; um pouco a montante, em um acampamento indígena, vemos o timbó pronto para ser jogado na água.

Os índios envenenam os peixes do Paru com timbó, e nós bebemos desta água! O Rio é um pouco mais largo na Boca, ela tem de 150 a 200 m. Alguns morros aparecem na margem direita e depois da confluência o terreno é plano.

Íamos acampar na margem direita, terra firme, o terror, porém, tomou conta de meus homens que preferiram ficar em uma pequena e desconfortável Ilha, de onde os índios não poderiam nos surpreender. Guilhermo torna-se cada vez mais insuportável. Vou despachá-lo?

14.06.1900 – Parece que hoje vamos conhecer a maloca desses terríveis índios. Meus homens estão, de alguma forma, tranquilos porque as armas estão carregadas; as facas, punhais e facões de mato, bem amolados, afiados como navalhas. Estas preparações nem sempre são adequadas, não é raro que acabem causando acidentes.

O civilizado tímido tem medo do arco e das flechas envenenadas, o índio do fuzil; eles se olham com desconfiança; de repente, um movimento insignificante, um gesto mal interpretado é o suficiente para fazer um lado arremessar a flecha e o outro responder com chumbo. Uma boa e pacífica tribo antes da visita do civilizado pode se tornar braba e hostil.

Admito que os meus marinheiros estão prontos para se defender, se necessário, mas recomendo-lhes expressamente a não usar as armas a não ser em último caso e disparar somente a meu sinal. Eles não escondem seu aborrecimento com a minha recomendação. Para tentar fazer com que eu reveja minha decisão eles me pressionam repetindo o eterno refrão:

– *Índio não é gente, é bicho do mato. Índio não é homem, é uma besta selvagem.*

Ao que eu respondo que eles são brutos sim, não há o que contestar, no entanto os índios são melhores e são superiores, tanto do ponto de vista moral como intelectual do que muitos de nós. Eles acham que estou ficando zangada e prometem, rapidamente, que vão fazer o que eu determinar. Deixamos à margem esquerda as duas Bocas do Igarapé Imarará, distantes uma da outra cerca de 800 metros.

Às 07h40, avistamos um acampamento indígena, na margem direita, e vimos três mulheres fugindo para a floresta. A última tinha uma criança nos braços e outra criança que levava pela mão. A pele delas é de um amarelo muito claro, o cabelo cortado como os homens na testa e muito compridos na parte de trás. A última, que melhor pude observar, não usava tanga e seus seios pareciam duas bolsas de tabaco vazias.

Foi uma visão insólita e bastante risível ver estes dois seios, em pânico, como a própria proprietária, saltar no espaço, em seguida, ir bater no peito para saltar novamente. Eu as chamo "*tachi*" [irmã], eu ofereço-lhes contas, espelhos, mas o medo é tão grande que não me escutam e fogem ainda mais rapidamente. Atracamos no lugar de onde as mulheres tinham fugido e encontramos três cabanas quase novas, uma das quais em construção, um enorme moquém ([104]), e oito pequenos e magros cães que latiam desesperadamente e pararam a uma boa distância de nós.

Sobre o moquém um coatá ([105]), dois macacos vermelhos, seis traíras, duas corvinas, dois surubins; debaixo do moquém, um vaso com peixe moqueado e cozido com pimenta: isso é o que posso observar. Removo a panela para que os peixes não queimem durante a ausência das índias. Nas barracas estão espalhados nove arcos, vinte e três flechas, cinco tubos de bambu contendo pontas de flechas envenenadas com curare, uma tanga muito bem feita com pérolas brancas [na parte inferior da tanga uma grega confeccionada com contas azuis], massa de mandioca embalada em folhas de bananeira e uma velha lata de conservas contendo uma tesoura, um pente indígena e um pedaço de espelho.

Eu me acomodo em uma rede, uma rede com cor e odor de urucum e aguardo. Todos os homens, mulheres e crianças, estão escondidos na mata nos observando. Verificando que nossas intenções são pacíficas, talvez eles se mostrem?

---

[104] Moquém: espécie de grade onde se moqueia a carne. Moquear: tornar seco, enxugar; assar a caça ou a pesca com o couro ou escamas em um gradeado de madeira ou diretamente sobre as brasas. Após ser submetido a esse processo, o produto pode ser consumido em até sete dias. (Hiram Reis)

[105] Coatá: macaco aranha (Ateles belzebuth). (Hiram Reis)

Espero. Eu preparo o desjejum e almoço. Estamos ainda à espera e nenhum contato. Caminho um pouco na sua direção e vejo-os fugir. Eu os chamo, na língua "*Ouayana*", em voz alta. Somente o eco responde minhas tentadoras ofertas:

– *Yépé icé cahourou? Icé Aroua? [Amigo, você quer contas? Um espelho?]*

Não sei em que acreditar, talvez eles não compreemdam Ouayana ([106]). Como a irmã Ana ([107]), vejo que eles não virão; por volta das 11h00, decido partir e deixo presentes: contas e anzóis. Ao meio-dia, emcontramos uma capoeira e no final de um longo estirão a morada de índios Pianacotó. Vou falar sobre a minha visita e costumes desses índios Pianacotó mais adiante no Capítulo XI.

Após o encontro com os índios, às 15h30, continuamos nossa jornada Rio acima. Meus homens estão surpresos e não conseguem esconder seu espanto ao me virem falar com índios numa língua indígena que eles desconheciam. Até agora eles ignoravam que eu soubesse falar algumas línguas indígenas e, achando que sou meio bruxa, sua admiração por mim está carregada de uma mescla de respeito e temor.

Acampamos em uma pequena Ilha, em frente à Foz de um Igarapé.Não preciso dizer que a minha equipe não dormiu a noite toda, esperando, a cada instante, ser atacada pelos índios.

[106] Ouayana: Octavie Coudreau tentou comunicar-se com os aborígenes usando o vocabulário descrito na obra "*Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparaï Oyampi, Émérillon*", que tem como um dos autores seu falecido marido Henri Anatole Coudreau. (Hiram Reis)

[107] Irmã Ana (Sœur Anne): personagem do conto infantil "*O Barba Azul*" de Charles Perrault (PERRAULT). A história deste desumano Barba-Azul foi-me apresentada quando eu era ainda uma criança num projetor de imagens caseiro, sem som, tocado à manivela. (Hiram Reis)

15.06.1900 – Deixamos à margem esquerda a Tapera do Espírito Santo, a última instalação dos mocambeiros fugitivos. Guilhermo afirma que ele conhece bem o Igarapé a montante, mas estou cética quanto ao local que ele me mostra, lá se encontram enormes árvores de madeira de lei. Vejo acapus ([108]) cuja madeira é incorruptível e pau d'arco, da família Ebenaceae, com belas flores de um amarelo dourado. Há 25 anos os mocambeiros chegaram a essas regiões e o pau d'arco que aqui encontramos possui dimensões consideráveis cuja idade, certamente, ultrapassa esta cronologia portanto os mesmos não foram trazidos pelos mocambeiros. Mais uma vez, Guillermo está errado. Antes do almoço, avistamos umas várzeas na margem esquerda, em seguida, um campinho, na mesma margem. O Rio se alarga, mede quase 300 m e atinge 400 m de largura na Cachoeira do Campo Grande. Cheguei, finalmente, aos famosos Campos Gerais que motivaram três explorações. É verdade que essas Comissões Exploradoras não realizaram um levantamento preciso e não produziram nenhuma informação relevante.

Cachoeira do Campo Grande – Tem três Travessões com um mínimo de água. O Canal é à margem direita, à margem esquerda, entre a Ilha e a terra firme, o Canal está seco e a transposição foi difícil embora tenhamos passado sem descarregar a canoa. Da Cachoeira do Campo Grande até o Igarapé S. Antônio, o leito do Rio tem três grandes rochas aflorando. Buscamos alegremente nosso caminho de volta. Acampamos na Foz do Igarapé S. Antônio. É nesse Igarapé que o Sr. Couto iniciou sua rota com destino a Óbidos, no Rio Amazonas. Guilhermo disse que a seis horas da Boca deste Igarapé há dois bons barcos que Sr. Couto deixou.

[108] Acapus: Vouacapoua americana Aubl. (Hiram Reis)

Hoje à noite, eu vou para a cama com raiva de mim mesma. Como se não bastasse ter passado um dia inteiro de trabalho ao Sol, passei mais de duas horas coureando uma sucuriju de 2,30 m de comprimento, o que parece não ter valido a pena. Chico viu que eu estava aborrecida, e me prometeu que iria matar uma maior. Bem, mas quando ele vai matar outra? Não sei se vou conseguir outro couro de sucuriju.

16.06.1900 – Navegamos tendo sempre campo, na margem esquerda, e floresta, na margem direita. Na mesma margem direita, um pouco a montante do Igarapé S. Antônio, há uma pintura rupestre. O efeito mágico que tem esses campos nas pessoas é incrível: os marinheiros estão felizes, cantam, não pensam mais nos índios, e, é, em vão, que Guilhermo tente insinuar que é possível que nas nascentes existam índios ferozes – ninguém o escuta. Guilhermo reclamou por dois dias que o dedo mindinho da mão direita está doendo muito, temo que seja um unheiro ([109]).

Passamos uma Cachoeira com um só Travessão. Essa Cachoeira não tem Canal, vamos por onde podemos, cercados por pequenas Ilhas e grandes pedras.

Cachoeira do Chico – A má sorte me acompanha, mas vamos ver quem ganha: o destino que parece estar contra mim ou a minha força e determinação sempre arrojada e tenaz. Nesta Cachoeira, um único pequeno Canal é viável, embora esteja obstruído por galhos. Chico vai abrindo a trilha a facão, que fora assaz afiado na expectativa de uma luta com os índios, e um de seus golpes corta-lhe o segundo dedo do pé direito. [...]

---

[109] Unheiro: panarício – inflamação que se desenvolve ao redor das unhas das mãos ou dos pés, causadas por micro-organismos. (Hiram Reis)

Chico perde uma grande quantidade de sangue. Como a solução de Percloreto de Ferro não estanca a hemorragia, eu coloco Percloreto de Ferro em pó e o sangue é finalmente estancado, mas Chico fica com um pé praticamente inutilizado. Atravessamos esta pequena Cachoeira à sirga e, lentamente, continuamos a nossa jornada com um remo a menos.

Agora, temos campos em ambas as margens do Rio, um belo campo com margens escarpadas que caem abruptamente com uma altura média entre 5 e 6 m. Na margem direita, e a uma pequena distância da margem, se encontra o Morro Tocantins, que deve seu nome ao Dr. Tocantins. Um pequeno monte de 60 m de altura e quase totalmente desmatado.

Ele esculpiu sua sigla **G. T.** [Gonçalves Tocantins, em 1890] em uma pequena árvore – lembrança bem efêmera. É uma tendência normal querer deixar uma marca sua nos lugares por onde se passa, é o homem mortal presunçosamente deixando sinais indeléveis de sua curta estada na Terra.

Aqui, neste Rio, três exploradores antes de mim visitaram esses belos campos. O Padre Nicolino entalhou com um prego a data de sua passagem, abaixo das pinturas rupestres da Cachoeira do Resplendor, mas a água foi apagando progressivamente a data de 1876. O Dr. Tocantins colocou suas iniciais em uma árvore, a árvore está prestes a morrer. Sr. Couto, por sua vez, deu o seu nome a uma Ilha.

E eu, eu deixarei alguma coisa? Acredito, do fundo de meu coração, que é melhor ter humildade, passar despercebida. Para qualquer criatura, tudo passa muito rapidamente. Fazer-se esquecido, esquecer de si mesmo é o ideal da vida. É bom para esquecer a fadiga, o desgosto, a tristeza e o tédio.

17.06.1900 – Guilhermo reclamou a noite toda e esta manhã, sem requerer minha permissão, abs-tém-se do trabalho. Chico pilota a canoa no seu lugar, inicialmente fico com raiva mas, depois de refletir um pouco, decido que a maneira mais prática de resolver o problema será pagar-lhe apenas pelos dias efetivamente trabalhados, vou cortar aquilo que, certamente, mais o "*sensibiliza*" – o dinheiro.

Progredimos, sempre, sob um calor sufocante; dei-xamos vários Igarapés em ambas as margens. O Rio serpenteia suavemente na mesma direção, é inicial-mente estreito, depois se alarga e se estreita nova-mente. Meu olhar vagueia, encantado com a fúlgida paisagem que se descortina diante de mim.

Muitas espécies de borboletas adejam nas pequenas praias ou em torno das árvores em flor. Eu real-mente não sei o que me encanta mais, se o intenso céu azul, o aroma das flores brilhantes ou o colorido das borboletas.

Às 13h00, encontramo-nos na bifurcação do Rio: o braço esquerdo é mais largo e mais poderoso que o da direita. Entramos no braço esquerdo que é muito profundo na Boca; com grandes pedras de 04 a 05 m de comprimento e, como não conseguimos alcançar o fundo [com as varas], vamos a remo. Fizemos apenas 01 km e encontramos o Rio bloqueado por enormes pedras e com pouca água.

Seguindo este caminho, será preciso descarregar a "*Joaninha*" e empurrá-la ou carregá-la sobre as pedras por vários quilômetros. E a seguir teremos mesmo água? Duvido, vamos bater em retirada, prudentemente, com muito cuidado e vamos tentar o Braço da margem direita que tem uma melhor figura e parece-nos levar mais adiante.

As antas daqui nunca viram o homem. O animal se banha tranquilamente, e parece não se preocupar com nossa aproximação, Chico consegue aproximar a popa da canoa, perto o suficiente para golpear-lhe a cabeça com o remo, mas não vamos matá-la, não conseguiríamos levá-la. Acampamos em uma pequena praia à margem direita. Estamos todos doentes ou convalescendo. Chico sofre com seu pé ferido; Guilhermo, de seu panarício. José e Esteves estão esgotados e se queixam de muitas dores.

Eu, de minha parte, estou muito doente, há vários meses e muitíssimo fraca. Esteves e José montam a barraca com movimentos lentos e cansados. Eu sou a enfermeira e tento curar o pé do Chico, fechando a ferida ainda aberta, furo o dedo do Guilhermo, é tudo que posso fazer.

Exausta, eu me atiro para minha rede esquecendo não só do jantar, mas também de acender meu inseparável cigarro. Estou em minha rede e preciso dormir. Isso é impossível com Guilhermo gemendo a meu lado em todos os tons. Quando eu estou prestes a me entregar a um sono reparador e merecido, um: "*Ah! Jesus!*" assustou-me. Chico também se queixou, mas mais discretamente.

18.06.1900 – Não acho que possa trabalhar o dia todo ao Sol. Levanto muito cansada, quebrada, sem energia, sem vontade, sem desejo de viajar hoje. Eu gostaria de ficar aqui, descansar e ... dormir. O Rio continua calmo, acho tudo muito quieto. Preciso de uma grande e complicada Cachoeira. A dificuldade me chicoteia o sangue e me faz esquecer Guilhermo.

Para Guilhermo, que está sempre ao meu lado, gemendo em voz alta – a sua queixa constante exaspera a todos nós. Não conheço um melhor exercício para a paciência que colocar um negro,

próximo a você, gritando em seus ouvidos, em todos os tons baixos e agudos, dia e noite, "*Ah! Jesus!*" – o mais alto que seu tímpano possa suportar. [...] Ah! Guilhermo! Você nunca vai entender a beleza desta filosofia: "*só o silêncio é grande, todo o resto é fraqueza*" ([110]).

Um Igarapé à margem esquerda, quase da mesma largura do Rio, mas com uma corrente d'água praticamente nula. Isso é tudo o que encontramos à tarde. À noite, tivemos uma agradável emoção: um animal atravessou o Rio a uma curta distância a jusante de onde estamos. "*Um veado!*" disse Esteves, e rapidamente voltamos para trás, já esperando um grande assado para o jantar. Oh! decepção!

A alucinação provocada por um estômago vazio é mais traiçoeira do que os olhos. Aproximando-nos, verificamos que nosso veado era, na verdade, um grande jaguar ([111]). No entanto, não é a sua carne que queremos, é o seu couro.

Nós aportamos as embarcações, ao mesmo tempo, há uns 10 m uma da outra. Esteves e José saltaram para a terra rapidamente, mas o jaguar deu um salto prodigioso e desapareceu sem que fôssemos capazes de matá-lo. Gostaria de reencontrar as pessoas que contaram-me histórias de jaguar! Dizem que o jaguar persegue o homem e o ataca antes mesmo que este se aperceba! Não concordo com isso e ele poderia ter-me, pelo menos, deixado seu couro.

Acampamos à frente da Cachoeira da Onça, uma Cachoeira de dois Travessões muito secos que passamos à sirga, o Canal é à margem esquerda.

---

[110] "*Só o silêncio é grande, todo o resto é fraqueza*": Poeta Francês Alfred Victor de Vigny. (Hiram Reis)

[111] Jaguar: onça-pintada. (Hiram Reis)

Não consigo mais ficar de pé, o sono e a fome me atormentam, não há nada para comer e caio inerte em minha rede. Depois de algumas horas insuficientes de sono, acordei bruscamente com um: "*Ah! Jesus!*" estridente, que mais parecia ser o grito de uma pessoa que está sendo assassinada.

Muito aborrecida e com muito sono, levantei rapidamente. Era Guilhermo que, incapaz de dormir, não permite que ninguém mais o faça. Ele parece acreditar que encontrou uma nova maneira de interromper a nossa viagem. Eu não ficaria nada surpresa se ele tivesse intencionalmente planejado me deixar mais doente, privando-me totalmente do sono, eu que já estou tão enfraquecida pela quase absoluta falta de alimentos. E eu que faço curativos no seu dedo quatro ou cinco vezes por dia!

19.06.1900 – Eu peço ao José para afiar meu punhal e deixar a ponta em forma de lanceta ([112]). E agora esse idiota do Guilhermo começa a chorar como uma criança, ele acha que vou sangrá-lo e coloca a mão no pescoço.

– *Não é a sua vida que eu quero, é o seu dedo, vou abri-lo no lugar que o faz sofrer para drenar o sangue ruim, não há outra coisa a fazer.*

Guilhermo disse que, depois do sangramento, a dor aliviou, tanto melhor. Volto para a cama, dizendo-lhe seriamente.

– *Guilhermo, se amanhã o seu dedo não melhorar, vou ter de cortá-lo.*

20.06.1900 – Às 12h00, não aguento mais, estou com muita possessa, estou com muita raiva, minha paciência esgotou-se completamente, e ordeno:

---

[112] Lanceta: instrumento para abrir tumores ou sangrar. (Hiram Reis)

– *Chico, aporte. Esteves e José descarreguem a canoa, e deixem apenas os três sacos com as nossas redes, a máquina fotográfica, farinha para dez dias, nossos rifles e linhas para pescar.*

A ordem é rapidamente executada. Abandono Guilhermo até meu retorno, eu deixo, apenas por caridade, Chico com ele. Eu estou indo com José e Esteves; se estes dois ficarem doentes, continuo a viagem sozinha. A canoa quase vazia e dois homens saudáveis e determinados, são os elementos necessários para se fazer uma viagem rápida.

Meu rosto agastado desanuviou-se. A máscara tensa que o envolvia ficou com Guilhermo, meus nervos se acalmaram, meus marinheiros parecem satisfeitos. Joaninha saltou alegre e rapidamente impulsionada pelos braços dos dois marinheiros cujo ardor é inabalável.

O Rio é mais belo, a luz mais brilhante, o céu mais azul, as margens mais alegres. Minha coragem ressurge, o desgosto que me invadiu e eu não conseguia superar ficou para trás, a jusante, com Guilhermo. Passamos à margem direita. A margem esquerda tem muitas Bocas de Igarapés, o Rio torna-se mais estreito e o campo parece ainda mais bonito, em ambas as margens. Partimos cedo e acampamos tarde. Tudo estaria perfeito se não sofrêssemos muito com a fome. Eu sei que deveria parar para caçar, mas podemos perder um ou dois dias sem certeza de caçar algo, é preferível andar e aguardar.

Geralmente, à noite temos um peixe, é quase sempre uma traíra, magérrima, tão magra que não podemos mais nem ouvir nem falar de traíras. Uma vez ouvimos um bando de queixadas. Meus dois homens foram até a floresta, mas nada encontraram. A fome é um déspota tirânico. Decidimos tentar comer carne de capivara.

Aqui está uma na praia amamentando seu bebê. Eu atiro, mato a capivara e firo o filhote. Esteves sangrou-a e coureou-a. José foi buscar lenha, fez fogo e colocou-a na panela. É uma boa panelada. Por que deveria a carne de capivara ser tão ruim? José não consegue comer enquanto eu e Esteves nos servimos generosamente mas, logo depois da primeira mordida, vomito.

Não vou mais gastar munição com capivaras. José vai à caça e retorna com um iguana. De longe, este animal inofensivo parece muito ruim quando você vê os grandes espinhos que cobrem suas costas. Nosso iguana deve ser um avô de sua família. Depois de ferver uma hora no pote, continua tão duro quanto antes de passar pelo fogo, desisto do almoço e quebro o jejum com um chibé. No almoço, um chibé; no jantar um cigarro, não é raro que isso aconteça comigo.

Sonho com a vida civilizada, aspiro a um conforto que não tenho e, do fundo do meu coração, de uma forma que eu não conhecia antes dessa viagem, cresce uma revolta contra o meu destino. Ao beber meu chibé, lembro-me, infelizmente, de outro desjejum no Pará ([113]), almoço, onde fui convidada por um potentado mimado pela fortuna. Um daqueles para quem a vida reservou sempre o que há de melhor. Ele notou que eu estava comendo pouco e afirmou com convicção:

– *Entendo, minha senhora, que você ainda não se acostumou com a nossa culinária depois de ter sofrido tanto nas suas explorações.*

Seria difícil ser mais cruel. Ah! Meu anfitrião, na residência do qual se come bem, que prazer eu teria

[113] Pará: Belém. (Hiram Reis)

em tê-lo aqui comigo somente por 8 dias. Você ganharia enormemente com isso, pois não teria mais a vontade de fazer comentários sarcásticos aos pobres exploradores dos quais teria a oportunidade de conhecer melhor seu cotidiano. Em um Travessão, Esteves machucou o pé esquerdo e caminha com muita dificuldade. À margem esquerda, há uma pequena e velha capoeira indígena de cinco ou seis anos de idade. O Rio é mais estreito e de pouca água, já é um Igarapé. O Igarapé Sr. João está um pouco a montante, à margem direita, e é de água preta. Em seguida, o Rio é pequeno e seco, com Travessões próximos e de pouca água. Não conseguimos ir mais adiante com nosso barco.

24.06.1900 – Dia de São João, dia de alegria, para os católicos, é também um dia de alegria para mim. Estou fazendo esta viagem e continuo progredindo. Apesar da má sorte que me persegue, apesar dos maus desejos que me acompanham, apesar das previsões sinistras, eu felizmente terminei minha expedição. Alegria do dever cumprido, alegria já efêmera de partir sob as asas do vento do campo com a primeira batida de remo do retorno, eu te saúdo! Às 14h15, estamos de volta à Boca do Igarapé Água Preta onde paramos durante a noite. Esteves pescou três surubins: temos comida para amanhã.

25.06.1900 – Retorno. São 05h30, estamos prontos para partir, uma profunda tristeza invade meu ser. [...] Estes Rios desertos são de uma incrível tranquilidade. Retornamos tão certo como os Madeleine ([114])

[114] Biscoito Madeleine: uma das lendas narra que, nos idos de 1755, o Rei da Polônia Stanislas Leszczyńsk, sogro de Luis XV, encontrava-se em Paris e queria, à noite, um quitute para acompanhar seu café e, como o confeiteiro real não estivesse a postos foi, então, encarregada de preparar uma guloseima que satisfizesse o sofisticado paladar real, uma auxiliar de cozinha, chamada Madeleine Paumier. Madeleine

à Praça de República. Isso é desolador! Eu queria encontrar algo insólito nesta jornada fluvial, não sabia o que exatamente, eram inúmeras as possibilidades, mas eu gostaria de ter encontrado alguma situação real de perigo. Por exemplo, ter enfrentado índios brabos. Uma branca e dois pretos caindo prisioneiros de uma tribo de índios selvagens com fotografias para apoiar a história, teria sido absolutamente dramático, teria certo charme, mas nada aconteceu, absolutamente nada. Descemos do Igarapé Paru ao Rio Cuminá. Meus marinheiros estão deliciados, sua alegria é manifestada por remadas fortes, choros e risos.

Esteves me olha com seus olhos bons e fiéis. Ele não entende por que estou triste, já que fiz minha viagem até onde pretendia. Pergunto-lhe por que está tão feliz.

– *Porque, disse ele, estou feliz de voltar para o meu mundo, não gosto de viver no deserto, e desde que nós avistamos as cabanas indígenas, achei que, a cada momento, iam surgir índios brabos. À noite, eu e José nos revezávamos ao dormir, por isso estamos contentes de voltar.*

E, para me mostrar a sua alegria, ele remou com mais força e deu um grito longo e modulado, um berro selvagem que mataria de ciúmes os índios da mata. Não aportamos para almoçar; o peixe foi defumado durante a noite, não precisamos de fogo. Esteves e José cada um com sua tigela de farinha de mandioca.

---

apelou para uma antiga receita de bolinhos aromatizados da avó e serviu-os à sua Alteza que se encantou com sabor, o perfume e o formato de concha da iguaria. Agradecido, Stanislas batizou os deliciosos bolinhos com o nome de Madeleine. Muito conhecidos na França desde o século XVIII, os bolinhos ganharam repercussão internacional graças à obra "*No Caminho de Swann*" escrita pelo escritor francês Marcel Proust, editada em 1913 pela "*Nouvelle Revue Française*". (Hiram Reis)

Além disso, sobre o banco do barco, que eles nem tiveram o cuidado de lavar, colocam o peixe e sal; eles saboreiam essa mistura de lama, folhas secas, insetos e outros alimentos. Estômagos felizes! Progredimos bem. Chegamos ao acampamento, na Praia Benita, onde tínhamos pernoitado quando subimos o Rio, de modo que as varas da barraca já estão colocadas, não há lenha para cozinhar, falta-nos o essencial, peixe ou carne. Não conseguimos pescar surubins, embora certamente eles estejam por aqui, pois Esteves os pescou, há três dias, neste mesmo lugar; matamos apenas dois jacarés.

26.06.1900 – Continuamos nossa descida mantendo um bom ritmo. Estou surpresa ao ver que estes dois marinheiros, depois de tudo pelo que passaram, ainda possam ter tanta energia. Sonolenta e embalada pelo ritmo cadenciado dos remos que batem na borda da canoa, entorpecida pelo calor escaldante, não sou capaz de apreciar a beleza da natureza que se descortina.

Em vão tento reagir, vejo as coisas de maneira imperfeita. Pequenos cipós enlaçam as árvores de grande porte, como pequenas serpentes que as sufocam. São inúmeras árvores que crescem e se empurram para o leito do Riacho cercadas por tantos e tão diversos tipos de vegetação que estas plantas perenes e fecundas multiplicam-se ao infinito, aproveitando-se tanto do Rio como do solo e me fazem duvidar de que eu esteja no meio de um Rio. A energia prolífica desta natureza é maior do que tudo que podemos supor, a canoa desliza e passa lentamente sobre os galhos que se cruzam e entrecruzam. Ao longe, os topos de espessas e graciosas palmeiras, projetam-se sobre as cores vibrantes do céu equatorial, ao pôr-do-Sol, aludindo-me sutis lembranças muito diversas das de uma viagem de exploração.

Onde estão vocês, doces sonhos que uma vez me mostraram estas florestas virgens de aspecto encantador, com índios esplêndidos, um mundo desconhecido maravilhoso? Tudo isso desvaneceu ao sopro da realidade. E depois de perder a esperança, eu perco as ilusões. Chegamos ao Acampamento do Chico. Deste ponto para montante levamos cinco dias de viagem e para descer, apenas dois.

Na minha chegada, Chico corre, mas Guilhermo nem vem me cumprimentar, sob o falso pretexto de que o dedo ainda dói. Eu vou dar-lhe uma lição de polidez que ele vai se lembrar. Na Idade Média, os países civilizados empregavam técnicas mnemônicas para permitir que as crianças gravassem certos fatos mais facilmente.Guilhermo não é um ser racional, mas vou utilizar o mesmo método. Chiquinho matou uma corça ([115]) durante a minha ausência, e assim que ele nos viu, preparou meu lugar à mesa, toalha de mesa e guardanapo muito brancos, que ele próprio tinha lavado, e me serviu um pernil defumado de suculência incomparável.

Não temos mais óleo, o pouco que eu havia deixado foi usado para calafetar a canoa. Será preciso, de agora em diante, manter a fogueira acesa todas as noites. Nós fabricávamos, com piche, velas disformes que usamos em ocasiões especiais.

27.06.1900 – Partimos com um tempo nublado, nuvens baixas, Sol encoberto e Guilhermo gemendo todo o tempo. Ele se senta no banco da frente e o vento me traz um cheiro nauseabundo que me incomoda tanto que eu sou forçada a mudar de lugar. Tudo neste homem é muito homogêneo, tudo nele é só podridão, sangue ruim, consciência viciada e uma inteligência totalmente voltada para o mal.

---

[115] Corça: veado. (Hiram Reis)

À luz do céu, bem a descoberto, no galho mais alto da árvore mais alta da margem, uma garça com seu longo pescoço e grande bico, apoiada sobre uma das pernas, como uma bola de neve suspensa entre céu azul e a folhagem verde metálica, observa-nos desdenhosamente passando, parecendo ter plena consciência de ser uma das mais belas entre todas as belezas equatoriais.

Minha canoa segue seu curso num ritmo dolente, mantém seu curso firme, deixando para trás as montanhas, a floresta e as praias matosas; ela segue seu curso sem descanso, enfrentando o calor e as chuvas, as brisas e os ventos das tempestades.

Eu amo a minha obediente canoa. Talvez tenhamos um destino comum que talvez venha a ser quebrado antes de concluir nossa tarefa, antes de chegar ao porto!

30.06.1900 – Dormimos a jusante da Cachoeira do Campo Grande. É aqui que nós deixamos esses belos campos perfumados, tão alegres, e saudáveis, com seu fresco e constante vento. Vamos retornar à floresta escura, sem ar, onde se respiram odores acres e fedorentos que evocam a lembrança de uma enorme vala cheia de corpos em decomposição. Almoçamos na Ilha, a montante da maloca. Assim que os índios nos viram, eles nos chamavam gritando em todos os tons possíveis:

– *Yépé! Mamaye!*

Eles não nos dão tempo de terminar a refeição. Depois de embarcar as provisões, continuamos nossa jornada Rio abaixo, sem parar na maloca, onde não temos nenhum desejo de acampar. É bom manter os índios à distância, mesmo sendo nossos amigos, para manter a sua amizade. Eu não esqueço desta sábia precaução. No dia seguinte, de manhã cedo,

vimos três antas e matamos duas. Este Rio, em que eu entrei com cautela, deu-me duas coisas que eu não tinha programado: amizade com os índios Pianacotó, que podiam ter-me flechado num destes dias e uma provisão de carne de anta, que certamente nos adoecerá. Será que não é errado ter preconceito contra pessoas ou as coisas? É necessário cultivar amizades ou ódios? Para se subir na vida é necessário prejudicar o próximo? Sem isso a vida não seria muito melhor de ser desfrutada?

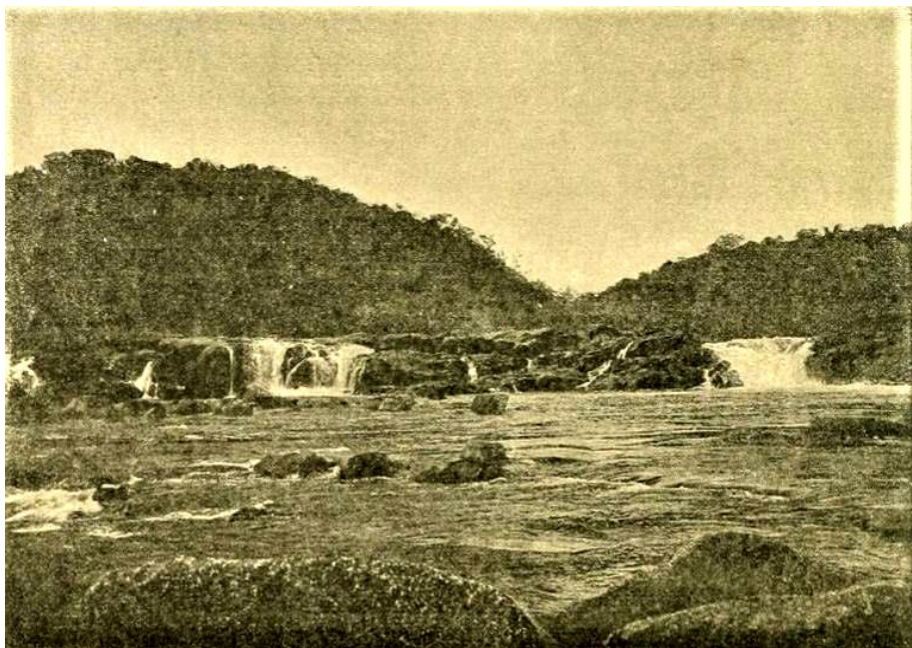



Imagem 36 – Cachoeira do Jacaré

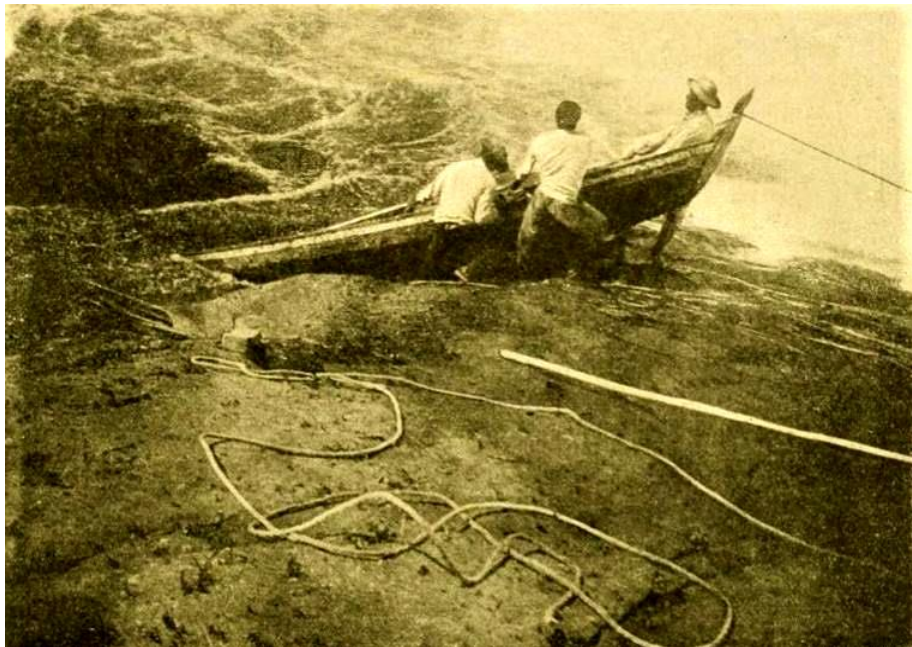



Imagem 37 – Portagem da Joaninha

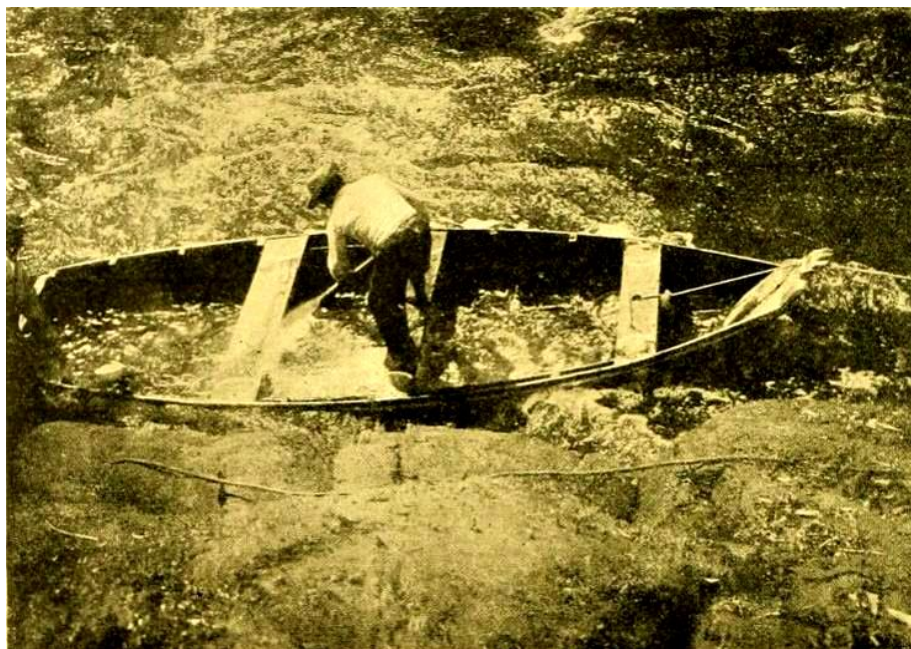



Imagem 38 – Joaninha Naufraga

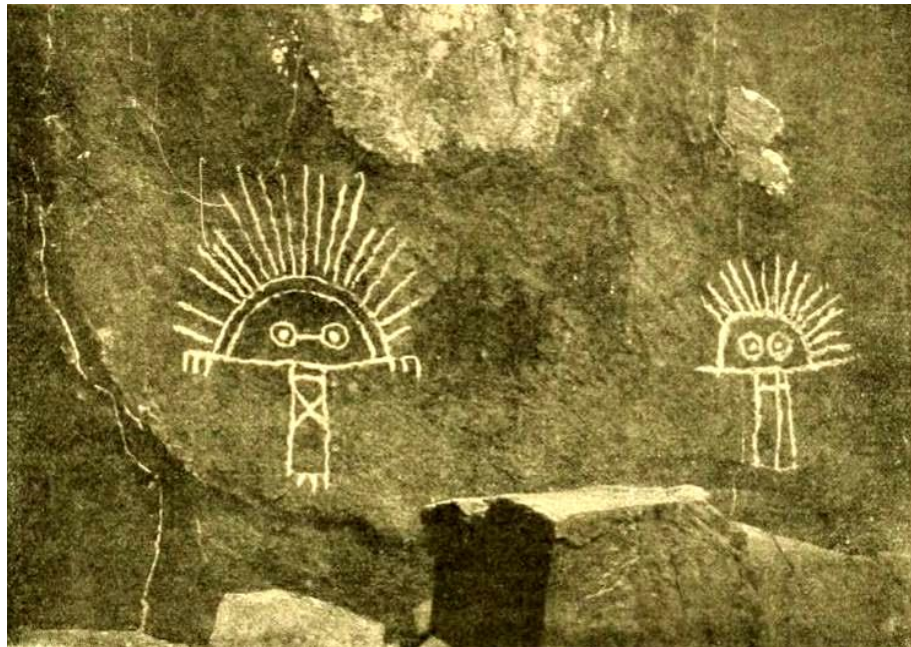



Imagem 39 – Cachoeira do Resplendor, P. Rupestres

Imagem 40 – Cachoeira do Resplendor

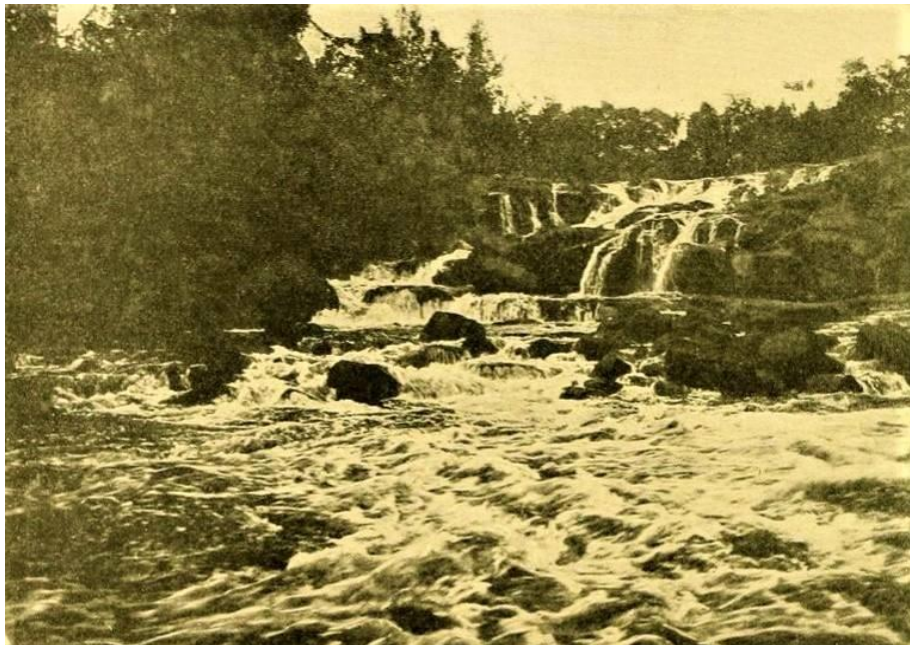



Imagem 41 – Cachoeira da Grande, Canal Central

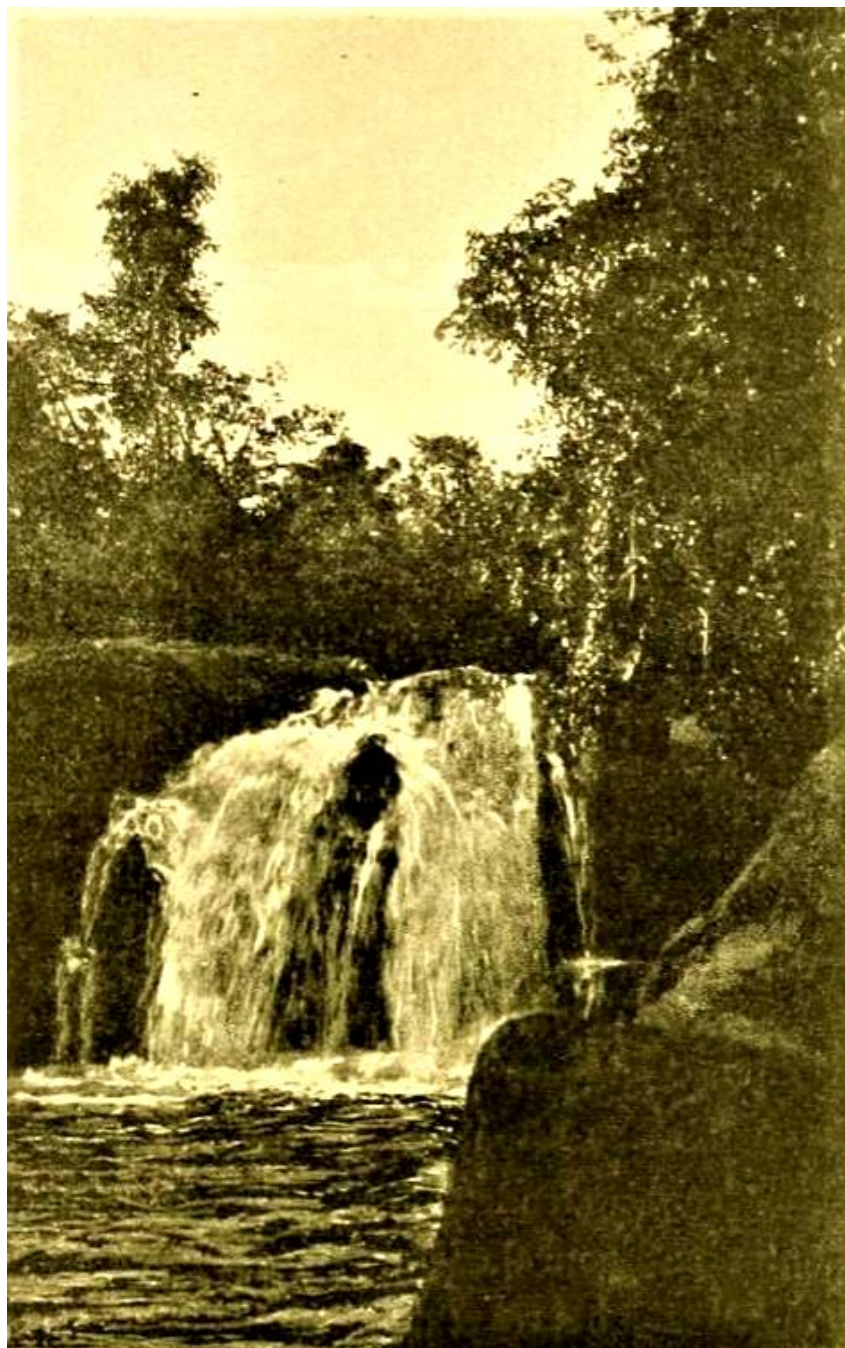



Imagem 42 – Canal da Cachoeira da Grande

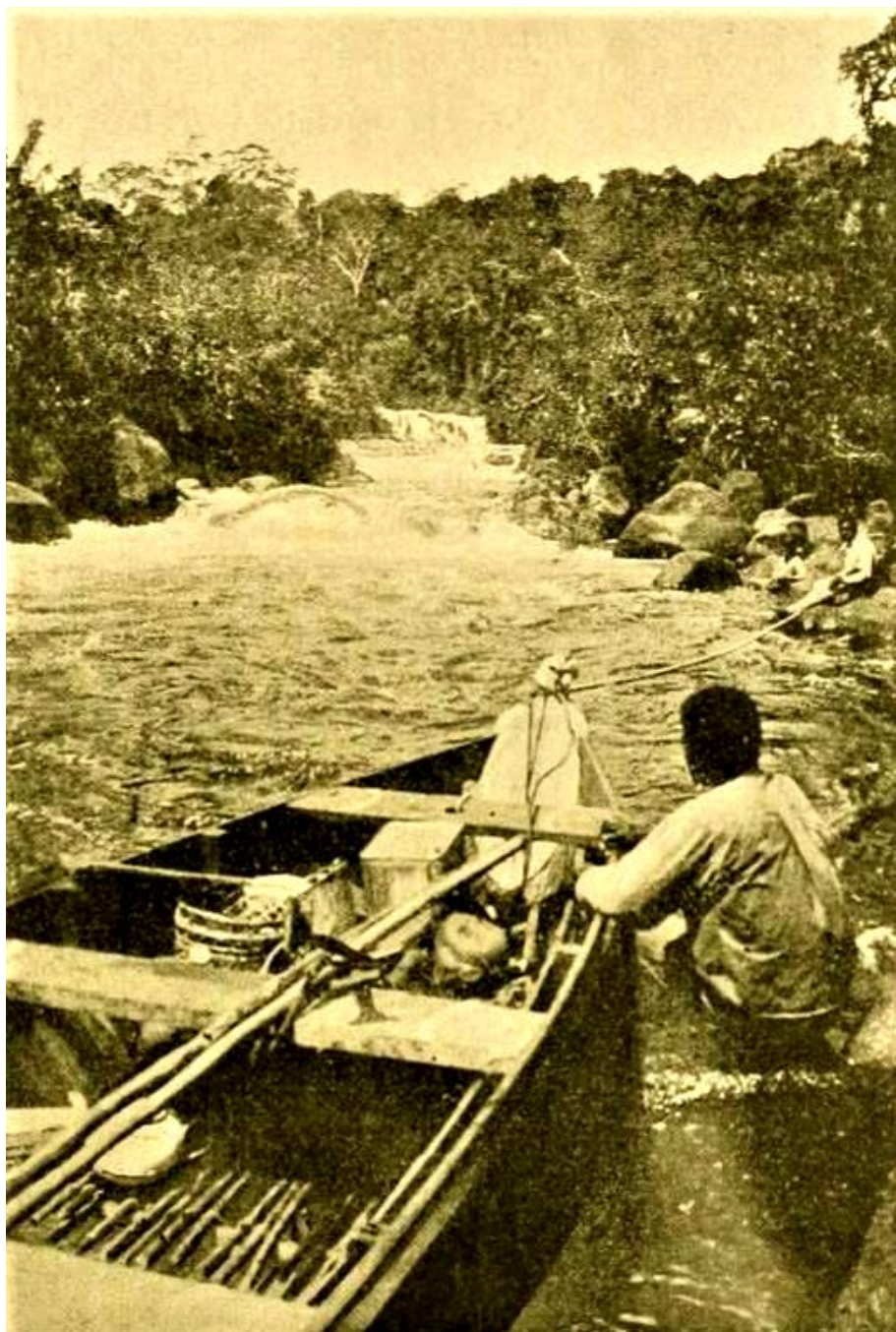



Imagem 43 – Cachoeira Grande, Melhor Trajeto

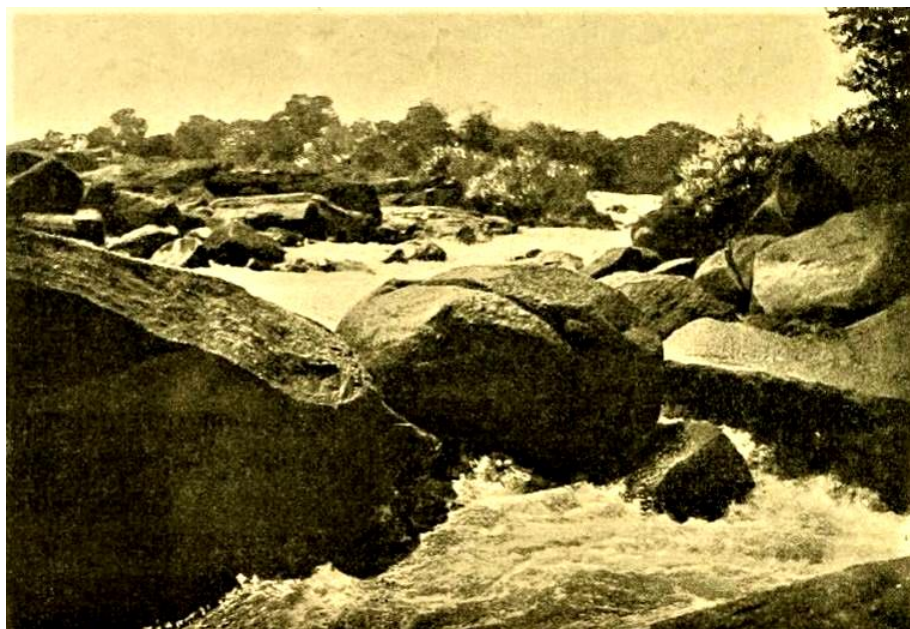



Imagem 44 – Cachoeira Grande, Margem Direita

CAPÍTULO VII

Rio Murapi, Subida e Descida – Largura – Pinturas Rupestres – Uma Cachoeira – Acampamentos Indígenas – Novo Medo da Minha Tripulação – Ideia Genial de Guilhermo – Suas Mentiras Reveladas – Meu Povo Mostra Coragem – Capoeira Indígena – Campo à Margem Esquerda – Cachoeira – Visita Durante um Banho – Um Sinal – Igarapé de Campo Grande – Pinturas Rupestres – Retorno do Igarapé – Em Murapi – Parada – Colina da Bela Vista – Retorno – Os Oyaricoulet – Tristeza – Maneira Adequada de Viajar – O Rio Seca Rapidamente – João e Martinho – Meu Povo Come e Conversa – Confluente

02.07.1900 – Murapi! Sua água escura é de uma bela cor negra que enevoa ainda mais minha alma já tão triste. O Murapi forma-se na margem direita do Cuminá, medindo 102 m em sua Boca. Eu preciso percorrê-lo, para grande desgosto de Guilhermo, que não acreditava que o fizesse, depois de contar suas histórias assustadoras de índios brabos. O Rio Murapi, como o Rio Paru, é quase seco imediatamente a montante da confluência.

À Margem direita, grandes pedras com pinturas rupestres. As margens são baixas e pantanosas: há sempre um pântano de um lado ou do outro; a vegetação, mirrada, é a mesma que a do Cuminá, do Igarapé dos Roucouyene à bifurcação. A Cachoeira em meio a uma Pedral nos obriga a descarregar completamente o barco e passá-lo vazio. À margem direita, a montante da Cachoeira, vemos um acampamento indígena com pelo menos dois anos de existência. Ainda na mesma margem, em um pequeno Igarapé, novas cabanas e um grande moquém com traços de uso recente. Aqui, novamente, os meus marinheiros demonstram estar assustados.

Eles não cantam, não fazem mais nenhum ruído, seus olhos buscam, preocupados, qualquer movimento nas margens, agem como animais caçados, remam suavemente, em voz baixa, porque Guilhermo impregnou seus espíritos com estórias de índios selvagens. Na hora do almoço, paramos em um acampamento indígena, onde há seis cabanas e um moquém e coberto com folhas de palmeira inajá. Meu povo come rapidamente, para deixar este lugar que eles consideram perigoso; falam baixo, demonstram visivelmente sua preocupação, não conseguem esconder sua agitação e Esteves permanece a meu lado. Acho que ele vai me pedir para voltar. Isto seria dessagradável para mim porque ele foi, até agora, o esteio da Expedição, eu teria preferido que fosse outro, Guilhermo, por exemplo. Esteves é um bom menino, melhor, é um bom marinheiro. Ele está diante de mim, olhando-me, e, em seguida, olha para seus companheiros, os pés, as mãos, o céu azul, as barracas indígenas e enfim, muito nervoso, falou:

– *Peço para a Madame não ficar chateada com o que eu vou lhe dizer, mas o Guilhermo comentou que o barco está quase inutilizável e poderia nos deixar no caminho. Como, então, nós iremos regressar, nós estamos tão longe! Madame, é verdade que o barco não vai aguentar?*

– *Esteves, se a nossa canoa se quebrar, há muitas árvores na floresta, faremos uma ubá.*

Como as histórias de índios brabos, absolutamente, não me intimidam, Guilhermo vai, certamente, continuar tentando abortar a missão de outra maneira e eu preciso me prevenir. Suas artimanhas precisam ser frustradas. Seus contos fantásticos não me assombram mas enganam e assustam, facilmente, meus homens fracos de espírito. Vou contra-atacar. Vagarosamente, sem chamar muito a atenção, me aproximo Guilhermo e pergunto:

– *Diga-me, Guilhermo, você já subiu alguma vez o Rio Murapi? Algum de seus parentes já o visitou?*

– *Não, minha senhora; quem mais tem viajado, de todos nós, é o Tio Sant'ana, mas ele só esteve no Paru, os outros parentes não foram além do Poana. Eu mesmo só subi duas vezes o Paru.*

– *Então como é que você sabe que os índios do Murapi são brabos?*

– *Eu sei, Madame, porque os índios Pianacotó me disseram.*

– *Ah, é verdade! Mas como os índios teriam feito isso? Você não fala uma única palavra do dialeto deles, e eles, por sua vez, não entendem o Português. Você é um mentiroso que quer deixar meu pessoal com medo.*

E voltando-me para eles digo:

– *Por acaso vocês estão com medo?*

Eu tinha certeza do efeito que minha pergunta produziria. Cada um queria mostrar que tinha mais coragem do que o seu companheiro, mas, infelizmente, essa coragem é somente da boca para fora. Caso encontremos índios brabos sei que terei de contar comigo mesma. [...] O Rio continua com larguras que variam de 100 a 150 m, às vezes, até 200 m. Três pequenos rápidos, que passamos à sirga, a montante um grande Igarapé com um forte fluxo d'água. Os acampamentos indígenas estão se tornando cada vez mais frequentes. À margem direita, há uma capoeira indígena. Aportamos para tentar colher batatas ou bananas. Há apenas bananas selvagens e um cajueiro sem frutos. Meus marinheiros desembarcaram armados com suas Winchester.

Na margem esquerda, há um Igarapé muito importante, o Igarapé da Traíra, e imediatamente a montante cinco rápidos com um Rio tão seco que não permite a passagem de uma canoa indígena.

06.07.1900 – Às 14h00, nos deparamos com os campos à margem esquerda. Estes campos têm as mesmas características que os do Paru: a mesma vegetação e a mesma aparência; vamos parar um momento e respirar o ar fresco e perfumado. Uma nota alegre – Guilhermo aproximou-se e disse pomposamente:

– *Senhora, os índios me disseram que colocaram fogo no campo.*

Todos riram e Guilhermo, aborrecido, não conseguiu esconder sua surpresa e humilhação. Rimos porque o campo não tinha sido queimado neste ano. De repente, o leito do Rio alarga-se desproporcionalmente com uma corrente muito pequena. Um banco de pedras atravessa o Rio de margem a margem. Procuramos em vão por um caminho viável mas não havia, a água passa sob as pedras. Descarregamos o barco e o içamos muralha acima. Enquanto minha equipe trabalhava na margem esquerda, eu fui me banhar no outro lado Rio, na margem direita. É errado pensar que, navegando sobre as águas, poderíamos banhar-nos à vontade todos os dias, ledo engano. Para isso, é necessário escolher um lugar adequado, um local onde as piranhas não ataquem, onde possamos avistar a aproximação de um jacaré ou de uma sucuriju, onde não haja arraias, onde o fundo do Rio seja de areia e não de lodo.

No local encontrado, você, novo Tartarin ([116]), deve manter a sua arma e a sua faca ao alcance da mão e ficar preparado para receber uma visita inesperada e indesejável.

[116] Tartarin: personagem caricata de um fanfarrão, arrogante e mentiroso protagonista de um clássico da literatura francesa – "*Tartarin de Tarascon*" de Alphonse Daudet, editado em 1872. Tartarin, que vivia sossegado na cidade francesa de Tarascon, era um aficionado por livros de caçadas e colecionava armas. Até que um mal-entendido o obriga a partir para a Argélia para caçar leões. (Hiram Reis)

Fui, então, para um mergulho na margem direita do Rio, estava em roupas de banho, quando leves passos esmagando as folhas secas e galhos me chamaram a atenção. A uns 30 m, vi um jaguar ([117]) se aproximando. Instintivamente, berrei para chamar meus homens e concomitantemente coloquei munição na minha espingarda e, em seguida, aponto, e ... não há mais nada. Errei em gritar, o grito assustou o jaguar. Estou muito chateada, mas, também, como eu iria imaginar que o tigre ([118]) era um covarde! A montante, outra Cachoeira muito forte nos obriga novamente a descarregar o barco para arrastá-lo. Ela tem três Travessões que cruzamos a partir da margem esquerda do Canal. A montante desta Cachoeira, paramos para calafetar nossa Joaninha que começava a fazer muita água.

08.07.1900 – Partimos muito cedo. Quero fazer hoje uma boa jornada, que provavelmente será a última. Não temos mais açúcar e bebemos chá sem ele, embora o chá da Companhia Colonial seja excelente e de delicado sabor, provoca-nos sorrisos; todos fizeram careta ao prová-lo. Vemos três balatas que foram cortadas. Os índios cortam as árvores para alimentar-se de seus doces frutos. O fruto é do tamanho de uma ameixa e possui um sabor muito agradável, que cresce apenas nas pontas dos ramos onde é difícil colhê-los. Quando caem da árvore, eles já estão secos ou podres.

No meio do Rio, há uma grande vara de 05 a 06 m, no topo da qual foi colocado um velho chapéu preto de feltro e um arco quebrado. Grande emoção! Ou seja, ao que parece, um sinal que nos convida a voltar. Meus homens ficam nervosos. Eu rio do medo deles e removo a vara, eles constatam que ela foi

---

[117] Jaguar: onça-pintada. (Hiram Reis)

[118] Tigre: onça-pintada. (Hiram Reis)

cortada há mais de um mês. Este aviso, se realmente é um aviso, portanto, não é para nós, uma vez que há um mês os índios nem ao menos nos conheciam. Todos os meus homens concordam, exceto Guilhermo, é claro, que não percebe o óbvio. Será que ele vai me fazer perder a paciência? Se assim for, vou aplicar-lhe umas chibatadas por sua teimosia, e isto vai corrigir o seu espírito maligno e desenvolver sua compreensão. O Rio se estreita mais e mais, e na hora do almoço já navegávamos em um Igarapé. Por volta das 14h00, o Murapi se divide em dois ramos de 25 a 30 m cada.

Entramos em um Igarapé da margem esquerda. Este é um Igarapé sem importância com uma largura média de 20 m, logo a montante da Foz: nós o batizamos de Igarapé do Campo Grande. A cor de sua água é de um azul intenso, mesmo em um pequeno frasco de vidro, mantém essa cor e não tem sabor desagradável.

À margem esquerda, em uma grande pedra de granito negro noto belas pinturas rupestres, as mais lindas que encontrei desde o início desta jornada. O Igarapé do Campo Grande foi anteriormente visitado ou habitado por índios. Que índios? Quando? Teriam elas uma estreita correlação com as pinturas rupestres encontradas ligeiramente a montante da Foz desses Rios e Igarapés? Mistérios que seriam, de alguma forma, interessantes de se esclarecer se pudéssemos examinar mais algumas pinturas. A duras penas percorremos 10 km, as sucessivas barragens de pedras nos obrigavam, volta e meia, a voltar.

09.09.1900 – Eu vou tentar novamente reconhecer, durante o dia, o Igarapé da margem direita. Voltando à confluência, continuamos a montante neste estreito e sinuoso Riacho.

Eis, então, que o Riacho se alarga por alguns quilômetros, diríamos que se transforma em um pequeno Rio, mas não tarda a retornar ao seu status de Igarapé. Estamos nos movendo muito lentamente, o Rio torna-se muito raso e com um fundo de pequenos seixos. Temos de parar às 15h00, não há como ir mais longe. A alta colina, à margem esquerda, é um belvedere ([119]) de onde se pode avistar o terreno do entorno o mais longe possível.

Subi esse morro, descalça, porque eu não tenho mais sapatos nem material para fazê-los. Os gravetos machucam meus pés, as pedras me fazer tropeçar, as ervas cortam, os insetos me mordem; quando chego ao topo, estou exaurida.

À distância, duas montanhas de uma bela cor azul, de tons de igual intensidade, uma está a 12° a Nordeste, a outra 22° a Nordeste e uma terceira, muito mais distante, a 34° a Noroeste, sua cor é de um azul muito pálido quase cinza.

Ao Norte, Leste, Sul, são apenas campos a perder de vista, o campo levemente ondulado assemelha-se a um mar tranquilo Para Oeste, parece-me que também existem campos, mas eles estão longe, muito longe; a borda da floresta se estende por vários quilômetros Este é o resultado: subir um morro com muita dor para verificar a direção de três montanhas, altitude barométrica e algumas fotografias.

Não estou reclamando, porém, porque muitas vezes acontece que, depois de várias horas de labuta, o resultado obtido não é o esperado Desci, mas não sem antes cair várias vezes, apesar de todas as precauções que tomei, eu estava exausta quando cheguei ao acampamento e já estava escuro Caí logo

[119] Belvedere: terraço de onde se tem uma vista panorâmica.(Hiram Reis)

no sono, adormeci sob a brancura resplandecente do luar deste vasto e tranquilo campo, pensando tristemente que não gosto destes sutis momentos que antecedem o início da noite, horas que dedicávamos, habitualmente, a conversar quando estávamos os dois a sós, horas de doces sonhos, um passado, que nunca mais voltará

10071900 – Acordei surpresa Como nos últimos dias, nem o menor sinal dos Oyaricoulet! Isso é triste Os Oyaricoulet estão longe de ser pacíficos Eles são índios que vivem nas nascentes Oulémari e Aroué, nos campos que se estendem a partir do Alto Tapanahoni ao Alto Trombetas: Eu estou na área em que habitam. Os Oyaricoulet atacam não somente civilizados [em 1888, eles mataram um crioulo da Caiena e feriram outro], mas também a outros índios

Eles fazem visitas frequentes aos Pianacotó aos quais saqueiam as cabanas, queimam as Aldeias e raptam as mulheres Por vários dias fico pensando na tribo Oyaricoulet. Eu sei que fazem trocas com os Iouca e que a linguagem que eles usam é uma mistura de takitaki [dialeto Iouca] e Ouayana. Gostaria também de saber como eu poderia provocar um encontro com eles Bah! Eu vou vê-los? [...] Decidi voltar sem ver os Oyaricoulet

Desde que iniciamos o retorno, o tédio me envolveu por completo, o quadro todo é de uma monotonia desesperadora. Os marinheiros remam suavemente e às vezes param completamente. Guilhermo, lenta e fleumaticamente, tira água da canoa sem parar; os remadores entorpecidos não se dão ao trabalho de desviar das pedras e, de vez em quando, a canoa choca-se contra elas e este choque os acorda, voltam, momentaneamente, a trabalhar mais rápida e atentamente, mas logo em seguida, o seu ardor arrefece novamente

Durante estes longos dias de descida, os dias felizes passados ao lado de meu marido nas solidões das florestas virgens retornam-me ao espírito Os mesmos incidentes, que se reproduzem em condições idênticas, são tantas as feridas que despertam a chaga tão dolorosa que carrego no meu coração.

O Rio seca a uma velocidade impressionante considerando que estamos apenas no início da estação seca No final do verão, só deve ter água aqui quando chove. Um mês mais tarde e eu não teria conseguido subir até as nascentes do Rio. Na descida, uso um artifício muito prático de viajar, como agora já tenho a noção exata da extensão de trecho, comunico aos meus marinheiros:

– *Hoje à noite nós acamparemos em tal lugar*

Eles tentam retardar a marcha, mas logo percebem que não ganham nada com isso porque, se não chegarem ao local determinado durante o dia, terão de navegar à noite. Eles não estão habituados a remar rápido. Nós atingimos, muitas vezes, o objetivo previsto às 15h00 ou 16h00 horas, para montarmos nosso acampamento cedo.

Esta maneira de viajar evita-me muitas contrariedades: quando meus homens estão preguiçosos e remam vagarosamente, eu compenso a qualidade ([120]) pela quantidade ([121]). A água do Rio tem baixado tanto que quando o subimos era um rápido e agora apenas um Travessão, muitas novas corredeiras se formaram.

Após cada Travessão, olhamos ansiosamente para o fundo de nosso barco com medo de que a passagem pelas pedras abra completamente o casco, tendo em

[120] Qualidade: velocidade. (Hiram Reis)
[121] Quantidade: extensão. (Hiram Reis)

vista o desgaste das pranchas de madeira e, é com um suspiro de alívio que constatamos que isso ainda não aconteceu. É uma sorte que ele não esteja fazendo mais água, obrigando-nos a parar para calafetar novamente. Duvido que a "*Joaninha*" possa chegar até o nosso destino final.

13.07.1900 – Matei uma anta e levamos apenas um quarto dela, tendo em vista que precisávamos economizar sal. Entre uma pequena Ilha e a margem direita, à medida que buscávamos o nosso caminho entre as pedras grandes, ouvimos, às 17h00, do outro lado da Ilha, uma descarga de fuzil.

Preocupados e mecanicamente, como de costume, respondemos. Como sempre, acho que algo de ruim possa ter acontecido ou está prestes a ocorrer. Pulamos de alegria quando vimos uma pequena canoa de pescador transportando dois de meus marinheiros, o João e Martinho.

Ao partir da Porteira, onde permaneceu meu barco grande, eu disse que eu pretendia estar de volta em um mês e tinha trazido comida para um mês e meio. Vendo que eu não voltava após o dia previsto, meus dois pacientes, já recuperados, ainda esperaram oito dias, mas então a ansiedade venceu.

Eles imaginavam, todas as noites, que os índios tinham-me flechado e também achavam que eu estava sem víveres. Resolveram então que Antônio ficaria guardando a bagagem enquanto João e Martinho, pilotando um pequeno barco alugado, se juntariam a mim. Eles trouxeram algumas caixas de leite e farinha de mandioca. Há quatro dias que não comiam, não querendo abrir a cesta que tinham preparado para nós. Estou muito impressionada e profundamente comovida com sua prestatividade; embora eu conhecesse algumas de suas boas quali-

dades, eu não acreditava que eles fossem capazes de demonstrar uma dedicação assim tão grande; muitos outros teriam aguardado tranquilamente sem pensar em enfrentar tal sacrifício.

Continuamos o nosso caminho, o pequeno barco é mais rápido do que a "*Joaninha*". Esteves e seu irmão João avançam a uma velocidade impressionante. Chegando ao local do acampamento, eles imediatamente fizeram fogo, porque havia caído uma chuva forte e estávamos todos encharcados. Meus marinheiros comem durante a noite toda. Eles estão felizes, gosto de sua infantilidade. Eu me levantei à 01h00 e José e Martinho ainda estão acordados à beira do fogo jogando cartas: o jogo é a sua paixão.

14.07.1900 – Hoje é feriado nacional na minha terra natal, a bela França. Meus compatriotas estão exultantes e eu daqui, mergulhada nas florestas virgens do Paru, com meu pobre coração mortificado pela distância, expresso meu patriótico afeto. Hoje, vamos dormir no Igarapé dos Roucouyene, é uma jornada longa, meus homens vão ter de se esforçar um pouco mais.

Às 09h00, estamos de volta à confluência dos Rios Paru e Murapi. Está chovendo desde a madrugada e a chuva, desagradável em qualquer país, é aqui, mais ainda, porque cai sem trégua, é desanimador, deprimente, enervante.

Uma onda de desespero tomou conta de mim e me consome. Para me encorajar, repeti baixinho:

– *Os vencedores são os que lutam. Para aliviar os tormentos da vida, nada se compara com a forte determinação de perseguir um ideal, especialmente quando o que o impulsiona e motiva é grandioso e de importância vital.*

Imagem 45 – Um Travessão da Cachoeira Grande

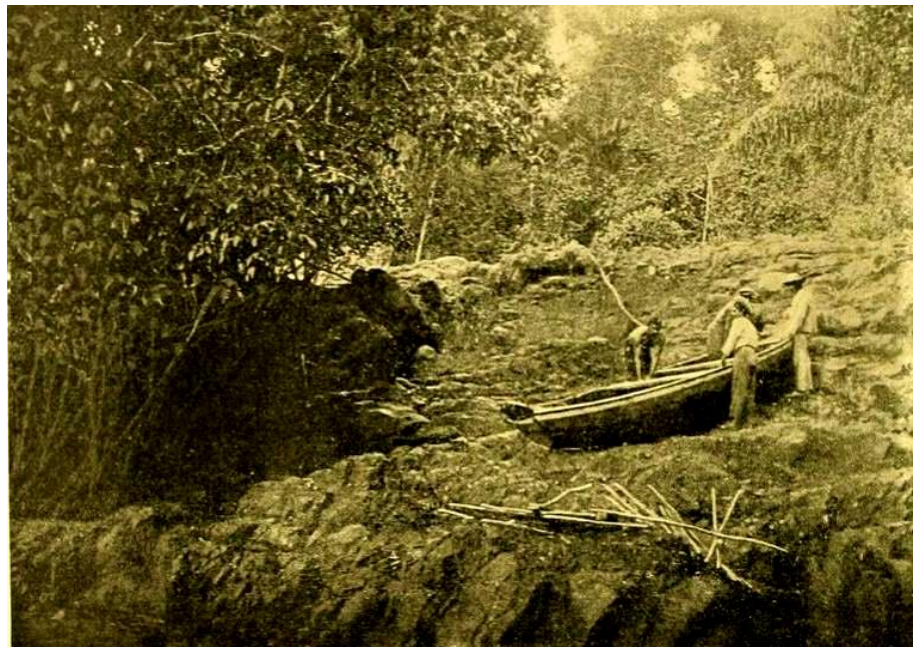



Imagem 46 – Cachoeira Grande, Portagem da Joaninha

Imagem 47 – Morro do Tocantins

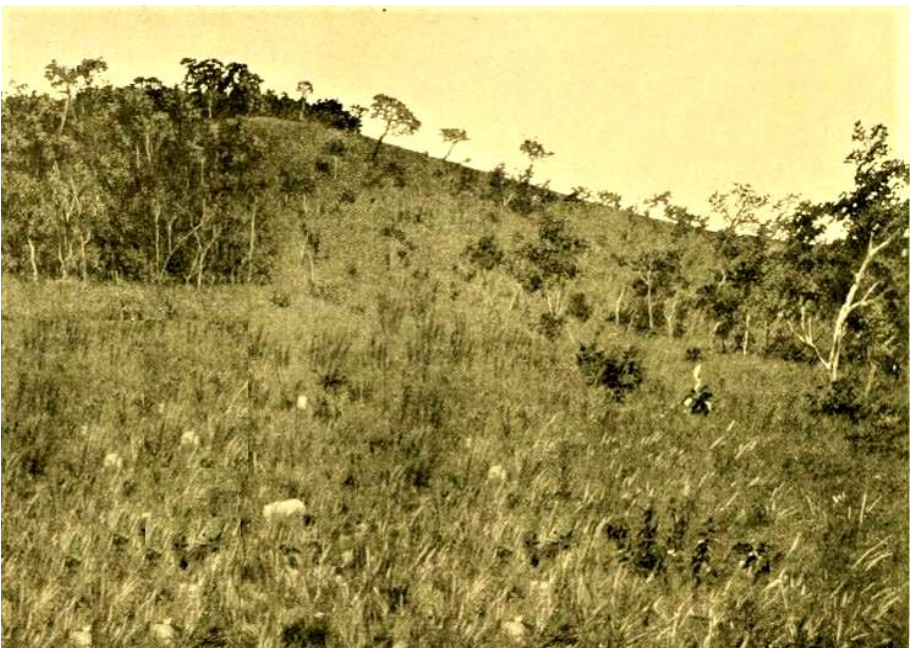



Imagem 48 – Colina à Margem do Rio Paru

Imagem 49 – O Rio Paru visto da Colina

CAPÍTULO VIII

Descida do Cuminá – Dificuldade para Avaliar Distâncias – Igarapé dos Roucouyene – A Chuva – 15 de Julho – No Igarapé dos Roucouyene – A Cruz de Guilhermo – A Cachoeira Grande – A Sucuriju se Aproxima – O Pequeno Barco Afunda – Cachoeira Resplendor – Cachoeira do Jacaré – Cachoeira da Paciência – Dificuldades de Navegação – Igarapé Poana – Histórico – Árvores Caídas – Igarapé das Ubás – Uma Capoeira – A Barricada – Incapacidade de Prosseguir – Triste Retorno – Joaninha Naufraga – Joaninha Restaurada Como Nova – Fome – Descendo as Cachoeiras – Uma Anta – Joaninha Naufraga no Pirarara – Joaninha Naufraga na Cachoeira do Mel – Tripulação Maltrapilha – Guilhermo e João – Ardor e Trabalho – Cachoeira do Inferno – Na Trilha – Antônio Feliz em Nos Ver – Chegada ao Acampamento – Joaninha Naufraga na Cachoeira da Laje Grande – Resignação

Saindo desses pequenos e estreitos Igarapés, o Rio Cuminá parece ser maior do que realmente é. Na margem esquerda, a floresta é fina e frágil, não há uma única árvore de grande porte. Avistamos belas e pequenas palmeiras que são encontradas, geralmente, na vizinhança dos campos. O campo deve estar, provavelmente, logo atrás da orla da floresta, o que eu gostaria de poder comprovar, mas é impossível tendo em vista que o estoque disponível de farinha não me permite tais fantasias.

É difícil avaliar as distâncias percorridas tendo negros como remadores. Se eles estão de bom ou mau humor, se não têm alimentação suficiente ou se comeram demais, se seu jogo de cartas avançou noite a dentro, [...] a velocidade do deslocamento é inconstante. A celeridade varia da lentidão de uma tartaruga para uma voga agitada.

Além disso é necessário considerar a força da chuva, do vento, da correnteza do Rio seco que são estorvos que retardam a progressão do nosso barco. Na noite em que chegamos ao Igarapé dos Roucouyene, tomo rapidamente um copo de chá com leite eu vou me deitar ansiando um sono restaurador até amanhã de manhã. Mas Tupã ([122]) tinha outros planos e, no meio da noite fomos surpreendidos por um trovão seguido de chuva. Em primeiro lugar, uma onda leve, amável e graciosa cai sobre as folhas e na nossa barraca, produzindo um som suave e agradável, em seguida porém, torna-se mais forte e logo se transforma em furiosa tempestade. O vento se lança sobre tudo com uma força incrível, sacudindo, violentamente, nossa barraca, nossos mosquiteiros, a água jorra molhando tudo. É nessas noites escuras e tenebrosas que o Criador oferece à criatura a oportunidade de encontrar-se consigo mesma. Estou tremendo, enregelada, a chuva apagou o fogo, sem luz, sem óleo, sem roupas secas para mudar; tudo está pingando água: roupas, cobertores, redes e mosquiteiros; secos só meus papéis que, como de costume, estão envolvidos em uma capa protetora de borracha. Temos de esperar até o dia raiar para fazer fogo, nenhum de nossos fósforos molhados acendem. A noite é assustadoramente escura, a floresta é de uma negritude ameaçadora, um grande cansaço se apodera de mim e eu me sinto muito infeliz.

15.07.1900 – Dia de Santo Henrique. Este dia de descanso para os meus homens é um dia de luto para mim. Os nossos prazeres são fugazes e as nossas alegrias mentirosas, não há nada mais verdadeiro que nosso sofrimento, a última gota que este coração bebe e mantém-se vivo é uma lágrima.

[122] Tupã: Ente Supremo, cuja voz se fazia ouvir nas tempestades – Tupã-cinunga, ou "*o trovão*", e cujo reflexo luminoso era Tupã-beraba, ou relâmpago. (ORICO)

16.07.1900 – No pequeno barco, com Chico e Guilhermo, entro no Igarapé dos Roucouyene. Guilhermo me disse que havia uma cruz à montante desenhada em uma pedra em uma Cachoeira que ficava a cerca de uma hora da Boca do Igarapé. Uma cruz! Certamente não é uma obra de índios, o Padre Nicolino não passou por lá, então? Aqui estou eu atormentando meu espírito, eu conheço a história dessas regiões, qual a origem desta cruz? Estarei sonhando? Vou tentar achá-la. Passamos a primeira Cachoeira, onde, apesar de uma minuciosa busca, não encontramos a tal cruz. Continuamos, visitamos outras Cachoeiras e rápidos e nada de cruz. Guilhermo concluiu que a cruz não estava mais lá, porque as águas a teriam apagado. Boa! Acho que isso foi mais uma das invencionices de Guilhermo que achou que eu não iria tentar verificar.

Retornamos à Embocadura do Igarapé depois percorrer, em vão, cerca de 25 km. A vegetação que prevalece é bonita nas colinas, tem balata em grande número, mas as margens são formadas por pântanos fedorentos que lançam na atmosfera seus vapores pestilentos. Passei Guilhermo e José para o pequeno barco e trouxe para o meu João e Martinho. Vamos navegar de vento em popa, tenho no meu barco quatro excelentes remadores: João, Esteves, Chico e Martinho. Pois estes meus anciões conhecem meus anseios e identificam minhas reações até pela minha expressão corporal sabendo o momento apropriado para falar ou guardar silêncio.

Às vezes, estes bravos rapazes passam uma manhã inteira sem abrir a boca e eu agradeço o seu esforço tendo em vista de que são, normalmente, muito tagarelas. Descemos a Cachoeira Grande relativamente rápido, passamos direto pela cabeceira dos Travessões, o barco está indo a plena força dos remos de montante para jusante.

Na tumultuada turbulência dos Canais estreitos, é preciso dispor de "*cachoeiristas*" absolutamente especiais para passar sem risco. Guilhermo, tão covarde quanto uma cutia, estende os braços para o céu quando nos enxerga dançando em cima de um redemoinho. Aquele que se intitulou "*modestamente*" capaz de passar sozinho pelas cachoeiras, constata que meus marinheiros é que são Mestres nesta arte e que ele é, na melhor das hipóteses, um aprendiz de "*cachoeirista*". Para cruzar o grande Salto, meus pilotos vão sozinhos à margem esquerda, eu permaneço no Pedral que está no centro do Rio com Guilhermo que se encarregou da cozinha.

Aproveito este momento de pausa para me banhar. Encontrei um bom lugar: é um círculo de pedras com uma Cachoeira de cerca de 4 m de altura, a água cai na forma de uma névoa fina, é maravilhoso e eu teria permanecido lá, por mais tempo, se não recebesse uma intrusa visita, uma Sucuriju que avistei por acaso quando se aproximou de mim.

Confesso a minha vergonha de não brigar com ela, saio da água, enquanto o Sol me seca, e examino o animal que serpenteia satisfeito, livre e atento a tudo: é, sem dúvida, um belo espécime. Meus homens demoram a voltar. Começo a me preocupar quando, às 14h30, eles chegam para o almoço. O atraso foi devido ao naufrágio do barco pequeno, mas nada se perdeu, porque a tripulação mergulhou e conseguiu retirar todos os objetos que estavam a bordo.

Chegamos ao acampamento na praia principal em frente à Cachoeira do Resplendor. Já é hora de calafetar a nossa "*Joaninha*" que está fazendo muita água. Com três bons trabalhadores como João, Chico e Esteves, uma hora depois ela está pronta para sair para a pesca.

Despertamos, no dia seguinte, literalmente congelados, batendo os dentes, o termômetro registrava 19°C e nos acercamos do fogo. As Cachoeiras dão tanto trabalho na descida como na subida. Acompanhamos a margem esquerda tendo em vista que a margem direita é quase seca. Um forte redemoinho, na parte inferior do segundo Travessão, faz Martinho perder o equilíbrio e cair n'água, ele conseguiu emergir duas ou três vezes antes do redemoinho lançá-lo sobre as rochas da margem.

Tudo está bem quando acaba bem ([123]). Martinho passou momentos de terror mas salvou-se perdendo apenas suas calças. Quando um homem cai nas águas em um rebojo, a primeira coisa que faz quando chega ao fundo, dizem meus homens, é a desabotoar as calças para evitar a morte. Tenho de acreditar neles já que falam com a voz da experiência. À jusante do Resplendor, fizemos nova parada. Um homem, com um balde, não é suficiente para retirar a água que entra em nossa canoa; como não temos mais estopas, a calafetamos com trapos e roupas velhas. Depois dessa parada a jusante da Cachoeira do Resplendor, levamos apenas 12 minutos para chegar a montante da Cachoeira do Jacaré. Gosto muito desta maneira de viajar. Acampamos à frente da Cachoeira da Paciência e nosso barco já está a jusante.

Na manhã seguinte, às 05h30, os meus marinheiros partem carregando, cada um, uma carga. Há dias em que eles estão dispostos a trabalhar e outros em que a preguiça deles é enorme. A jusante, calafetamos, novamente, a "*Joaninha*".

---

[123] Tudo está bem quando acaba bem: "*All's Well That Ends Well*" – "*Tout est bien qui finit bien*" – Título de uma peça de teatro de William Shakespeare, baseada em um conto de "*Decameron*", de Giovanni Boccaccio. (Hiram Reis)

Apesar de todos os nossos esforços para melhorar suas condições precisamos manter um homem constantemente empenhado em retirar a água que penetra nas frestas do casco fragilizado. Cruzamos por enormes bancos de pedras que atravessam o Rio de uma margem à outra. Não existe um único Canal e nosso pobre barco precisa ser arrastado pelas pedras. Tememos que ele acabe nos deixando pelo caminho. Foram duros os testes que a ele infligimos nestes riachos secos que acabamos de passar.

É tão escuro quando chegamos ao acampamento que a minha equipe não foi capaz de coletar lenha. Dormimos no escuro até que a Lua surgiu, sua intensa luz prateada substituiu com vantagem uma fogueira. Acordamos com o céu cinzento e chuva leve. Apesar do clima de inverno, partimos e chegamos à hora do almoço à Foz do Igarapé Poana.

Igarapé Poana – Este Igarapé é atualmente o principal foco dos índios Pianacotó e, em breve, será o único. O velho chefe Tamouchi disse que queria se mudar para região dos índios Poana porque, no Rio Paru, a doença vai acabar matando a todos eles. No entanto, os Pianacotó não devem gostar muito do Igarapé Poana que foi fatal para eles há cerca de 25 anos. Este pequeno córrego tem uma história sangrenta. Quando os mocambeiros fugiram das margens do Rio Amazonas, alguns dos que subiram o Rio Cuminá estabeleceram-se no Igarapé de Poana, a poucas horas de viagem de sua Foz. Os recém-chegados começaram a fazer amizade com os índios Pianacotó que, depois muito tempo, acabaram se instalando nessas mesmas paragens. Os negros recém saídos da escravidão, por sua vez, gostavam de possuir seus próprios escravos e os índios Pianacotó pareciam-lhes especialmente indicados para tal. Um desses mocambeiros preparou uma área de cultivo muito grande sem muita dificuldade.

Certa feita, ele entrou na maloca e tomou, pela força, algumas meninas indígenas, tornando-as suas escravas, doces escravas de um mestre feroz e sanguinário. Elas obedeciam sob a ameaça constante de chibatadas e, quando o seu trabalho não rendia o suficiente, o mocambeiro castigava-as com uma barbárie espantosa; ele lhes infligia várias punições que mostravam a monstruosa ferocidade de um primata vingativo, sem inteligência, sem moralidade e sem consciência.

As infelizes, aterrorizadas, lutavam como podiam e, somente quando o trabalho prestado era considerado satisfatório, elas escapavam à desumanidade cruel do bruto que as dominava e que as mandava dormir no chão úmido, com os pés amarrados ao tronco, para que elas não fugissem durante a noite. Os índios, finalmente, se revoltaram com os maus tratos infligidos às mulheres Pianacotó, e pediram ao negro que as deixassem voltar para a maloca. O negro, que perdera totalmente a noção das coisas, disse que não tinha a intenção de entregar suas escravas e recusou. Durante a noite, os índios libertavam as prisioneiras infelizes. O negro repreendia-os e as trazia de volta cada vez que escapavam e, para terminar com esta caça às escravas, os índios furiosos acabaram cortando a cabeça do negro.

Mas a história não terminou por aí. Outros mocambeiros resolveram vingar a morte de seu parente usando de abominável astúcia. Eles visitaram os índios diversas vezes declarando que não os condenavam pela morte do negro cujos atos bárbaros justificavam tal medida. Eles levavam presentes e foram, progressivamente, ganhando a confiança dos índios. Um dia os mocambeiros convidaram os Pianacotó para uma pescaria no grande Rio, os índios aceitaram e foram para lá em grande número de homens, mulheres e crianças.

O local selecionado pelos mocambeiros foi uma pequena Ilha de areia chamada Ilha do Garrafão. Quando estavam todos reunidos, os mocambeiros embarcaram em suas canoas levando as ubás dos índios que só então perceberam que seria impossível escapar. Os mocambeiros atiraram, com grande vantagem, indiscriminadamente, contra os pobres Pianacotó dizimando-os.

Em seguida, desembarcaram para acabarem com os feridos usando seus facões, os cadáveres foram deixados para serem devorados pelos urubus. Após esta "*bela*" conquista, os "*mocambeiros!*" não se sentiam mais seguros e desceram o Rio e foram se estabelecer em S. Antônio, São Miguel. Livramento, Javari, Formigal, Urucuri e Macaco. (COUDREAU)

O escritor Gastão Luís Cruls, em 1928, na sua obra "*A Amazônia que eu vi*", quando subia o Rio Cuminá com o General Rondon, faz menção a este cruel evento:

> ***28.10.1928*** *– Manhã de cerração intensa, com um Sol friacho e desbotado, sobre o céu cinzento. Às oito e tanto, vencida a Correnteza do Coatá, vemos à nossa esquerda a Boca do Igarapé Poana. Dizem que, em outros tempos, até aí chegaram os mocambeiros. Lutas com índios Pianacotó, de que eles se apoderaram de algumas mulheres e contra os quais praticaram outras violências, forçaram-nos, para evitar qualquer represália, ao abandono desses longínquos quilombos, tornando a ponto mais baixo do Rio.*
>
> *Ao tempo da viagem de Madame Coudreau, em 1900, aqueles índios ainda tinham malocas no vale do Poana, conforme lhe disseram outros Membros da aludida tribo, encontrados mais para diante, e disso ela mesma se pode certificar, ao seu regresso, quando entrou pelo dito Igarapé e deles viu indícios recentes, embora não os avistando. (CRULS)*

COUDREAU: E é nesse Igarapé Poana que agora estou procurando índios Pianacotó. Pode muito bem ser que eu viesse a pagar pelo crime dos mocambeiros já que todo homem vestido é um inimigo para eles, vamos nos lembrar, certamente, que a generosidade é um sentimento desconhecido por eles. Subo o Igarapé, ele mede 42 m na sua Foz. Sua profundidade varia, às vezes de apenas 0,10 m de água passando, em seguida, para 05 a 06 m nas fossas.

Encontramos os acampamentos de caça e pesca que são geralmente uma ou duas cabanas mal feitas e sujas. Estes acampamentos parecem ainda estar sendo usados, os Pianacotó provavelmente não estão muito longe. Talvez consigamos encontrá-los amanhã, permaneceremos na área o tempo necessário para conseguir mandioca.

21.07.1900 – Acordamos, neste sábado, tremendo de frio, todo o Poana é frio e úmido, todas as nossas roupas estão úmidas. Eu peço a Esteves para secar minha blusa e minha calça. Entramos obstinadamente no Igarapé Poana.

Não temos mais mandioca. É imperativo que nós encontremos os Pianacotó, caso contrário, vamos passar fome por mais de 20 dias. Encontramos uma grande quantidade de árvores caídas bloqueando o Rio, cortamo-las com um machado, atrasando nossa viagem. Observamos que parte desse trabalho foi feito muito recentemente. Isso anima e encoraja meus homens. Alguns vestígios indígenas colocam-nos em guarda e a cada momento esperamos vê-los surgir.A intervalos, que não ultrapassam os cinco minutos, temos de parar e cortar árvores de grande porte, os meus marinheiros viraram madeireiros. Este riacho apresenta muita dificuldade à navegação com árvores e bancos de areia que bloqueiam o caminho.

Cavamos um Canal no leito do Rio; meus homens esforçam-se com coragem e executam este novo trabalho cavando, com seus remos, um caminho, na areia, para o barco.

22.07.1900 – Tivemos uma agradável surpresa ao acordar: as águas do Igarapé subiram durante a noite e nos permitirão viajar mais rápido. Às 08h00, encontramos, em um pequeno Riacho à margem esquerda, nove canoas indígenas, todas em muito mau estado, e, em seguida, uma trilha, estamos, mais e mais, nos aproximando dos Pianacotó. Seguimos este caminho e depois de 15 minutos de caminhada, chegamos a uma pequena capoeira onde existem alguns pés de cana de açúcar. Procuramos em vão por uma trilha mas, não há nada, nem o mais insignificante sinal. Voltamos tristes para o nosso barco e prosseguimos a montante. Fizemos cerca de 03 km e encontramos outro caminho, à margem direita. Esta nova esperança transformou-se, novamente, em outra decepção. Andamos cerca de 05 km na direção SE.

Chegamos em uma capoeira onde há mandioca, bananas, cajus, abacaxis, batatas, urucum, pimenta, um pouco de tudo, mas em quantidades muito pequenas que não seriam suficientes para a refeição de uma única família. De volta ao nosso barco, navegamos Rio acima cada vez com mais dificuldade. Às 15h00, é impossível avançar e regressamos sem ver os índios e sem encontrar comida. Meus marinheiros só falam em ir saquear a roça que vimos anteriormente e faço uso de minha autoridade para detê-los.

23.07.1900 – Descemos o Igarapé que está completamente seco. Estou muito chateada de não ter contatado os índios Pianacotó porque tenho certeza de que chegamos muito perto deles e eles teriam

sido muito úteis para nós. Quem sabe, escondidos nas margens, eles não tenham acompanhado nossos movimentos? Só posso fazer suposições. Meus marinheiros trabalham com um zelo admirável. Eu teria gostado de sair desse Igarapé hoje mesmo, mas meu plano não é viável: nosso barco faz muita água e o Rio é quase intransitável. Seria insensato e perigoso viajar à noite.

24.07.1900 – Nós finalmente saímos do Poana. Já não era sem tempo, nosso barco já não tem mais condições, ameaça a todo o momento de ir ao fundo. Aportamos tão logo entramos no grande Rio. O barco foi rapidamente descarregado e tão logo os meus homens removeram a última bagagem, a "*Joaninha*" cansada, exausta, sem turbulência, afunda lentamente, as águas a envolvem e, finalmente, vai sentar-se em silêncio, pacificamente no leito do Rio. Só conseguimos enxergar uma massa negra contrastando com a areia dourada do fundo do Rio.

É como a aniquilação de um ser derrotado pelo sofrimento e despedaçado pelo trabalho, desejando um descanso eterno no "*abismo imensurável, sem jamais ter pleiteado uma folga*" ([124]). Imediatamente dou minhas ordens. Esteves, Chico e José vocês vão abater uma balata para fazer as pranchas, Martinho e Guilhermo vão buscar breu e estopa, João vá caçar; eu permaneço no acampamento e monto guarda à nossa bagagem, é preciso ter cuidado.

Quero me assegurar que se os índios estiverem à espreita, não possam fazer uso do elemento surpresa. Acredito que eles estão acoitados nas margens nos observando. Uma primeira balata foi abatida, mas "*travou o vento*".

---

[124] "A*bismo imensurável, sem jamais ter pleiteado uma folga*": Dr. Fausto – Johann W. von Goethe. (Hiram Reis)

Quando uma árvore é cortada, existem algumas precauções que se deve tomar: deve-se primeiro determinar aonde ela deva cair, tomar cuidado para que ela não seja retida por outra árvore, assegurar-se que não esteja envolvida por cipós e que a disposição dos seus galhos não predominem sobre um dos lados. Apesar de todas essas precauções, se no momento da queda a menor rajada de vento ocorrer, a árvore pode se desviar, e aí é um salve-se quem puder. Na queda, se árvore racha até o meio, diz-se, ela "*travou o vento*", não pode ser aproveitada, precisasse começar tudo de novo.

Martinho e Guilhermo voltaram com breu em abundância, João trouxe um mutum e uma cutia que são muito bem-vindos. Hoje é o último dia de farinha, não há mais, acabou, o espetáculo é incrível. Se imaginarmos seis homens alegres em uma praia rochosa, sem farinha, nem carne, a comida reduzida a alguns peixes defumados pelo Martinho e ante a perspectiva de sofrer de fome durante 10 dias, pelo menos, sem que qualquer pensamento amargo venha, por um momento sequer, perturbe a nossa paz de espírito, vamos ter uma ideia da situação.

Nunca pensar no dia seguinte é um dos maiores predicados da raça negra. Como lamento por não ter nada para alimentá-los, Chico me disse rindo que eu não deveria me preocupar, que ele vai remar, Rio abaixo, mesmo sem farinha. Os outros repetem a mesma coisa, fico feliz em ter uma equipe tão valente.

26.07.1900 – às 12h00, "*Joaninha*" totalmente recuperada encara sua saga novamente. Estamos no meio do Rio, quase na estiagem, sob um Sol cáustico, às vezes, desfrutamos de alguma sombra, vinda das margens. Um vento frio me faz tremer, uma brisa gelada vinda das profundezas sombrias da

grande floresta, vento que tresanda os odores pútridos dos lamaçais que infestam as margens, ares de febre ([125]) que me insuflam uma brutal tristeza. Prefiro o Sol com seu infernal calor!

28.07.1900 – Descemos este Rio monótono sem incidentes e sem acidentes, a minha equipe se deita quase sem ter jantado, mesmo assim eles acordam felizes, eles são incríveis. Na Cachoeira Torino, à margem direita, onde tínhamos passado ao subir, está completamente seco. Precisamos seguir o Canal da margem esquerda; este Canal é perigoso, ele parece uma "*montanha-russa*", com um tempero perigoso adicional, fizemos uma descida muito louca. Neste ritmo, nós chegaremos rapidamente ao acampamento a jusante das Cachoeiras onde armazenamos nossos víveres. A Cachoeira da Rampa é atravessada à sirga com a popa à frente. A rampa tem um visual muito bonito porque a água está muito baixa. Apesar disso, eu não acho que deva fotografá-la de novo, estou ficando sem placas fotográficas. Na Cachoeira do Armazém passamos, pela margem esquerda, por um Canal muito bom, agora que as águas baixaram. A jusante da Cachoeira do Armazém, à margem direita, entre as colinas que se estendem ao longo das margens, uma espessa fumaça preocupou-me. Que fumaça será essa? Existem campos além dessas colinas, ou será que os indígenas estão fazendo a coivara ([126])?

---

[125] Malária (maus ares): Giovanni Maria Lancisi, em 1717, verificou que os habitantes dos pântanos eram mais suscetíveis ao mal e resolveu renomear a doença conhecida até então como "*paludismo*" para "*malária*" que tem origem no termo italiano "*mal aire*" ("*mau ar*"). (Hiram Reis)

[126] Coivara: técnica agrícola tradicional na qual se inicia o plantio após a derrubada e queima da mata nativa. Embora Madame Coudreau só levante esta hipótese podemos assegurar que existe outra mais provável que é a da utilização do fogo, pelos Pianocoto (Tirió), responsáveis pela existência de extensas savanas do Norte do Pará ao Sul do

Só posso fazer conjecturas, não tenho meios para me certificar.

A Cachoeira do Severino é sempre assim, não se encontra vestígios d'água no seu Canal. Nada de surpreendente nisso, a água flui sob as enormes pedras há milhares de anos. Os peixes estão contra nós, não conseguimos pescar nenhum e, com isso, a nossa situação se agrava. Meu povo janta castanhas. Quanto a mim, continuo minha dieta; debilitante e prejudicial à saúde de tantas pessoas e à minha própria, esta dieta consiste em tomar todas as noites uma xícara de chá sem açúcar. Pouca coisa, mas você se acostuma. Na Cachoeira do Tracuá, navegamos sempre pelo mesmo Canal, à margem direita, temos de descarregar o barco, a Cachoeira está seca. A montante da Cachoeira da Torre, João matou uma anta.

Suriname. Os Pianocoto (Tirió) têm o costume centenário de incendiar a floresta para facilitar a caçada como relata Oscar Canstatt na sua obra "*Brasil: Terra e Gente (1871)*" e, recentemente, Evaristo Eduardo de Miranda em "*Quando o Amazonas Corria para o Pacífico*":

> CANSTATT: Seu modo de caçar os animais em fuga é bárbaro e só é possível onde não há nenhuma lei protetora das florestas. No tempo seco, sobretudo, quando o Sol tropical torra com seus raios abrasadores os campos e o mato baixo, ateiam-lhe fogo, e emboscam a caça em lugar onde o elemento destruidor não os pode atingir. Aí é fácil abater a caça que, em desabalada fuga, corre para a única vereda salvadora. (CANSTATT)

> MIRANDA: A regressão das florestas e a ampliação dos cerrados devido ao uso do fogo podem ser observadas nitidamente em sequências de imagens de satélite, de vários anos, tiradas de áreas indígenas no Norte do Pará, na região dos Tirió (Pianocoto), próxima da fronteira com o Suriname. Ali, os indígenas promoveram um crescimento anual da área dos cerrados em detrimento da floresta, pelo uso generalizado do fogo em grande escala. Eles alteram a dinâmica vegetal com a promoção de gigantescos incêndios anuais, os maiores de todo o Brasil. Eles propagam-se ao sabor dos ventos alísios do Hemisfério Norte, na direção Nordeste-Sudoeste. (MIRANDA)

Uma grande alegria reina no barco, o meu pessoal, de repente, se torna tagarela, conversam como um alegre bando de papagaios. A Cachoeira da Pirarara reservou-nos uma surpresa desagradável. Seguíamos o mesmo Canal, o barco estava vazio, é claro; mas, apesar de todas as precauções tomadas pelo meu pessoal, o barco bateu violentamente em uma pedra, abrindo a proa e quebrando a borda de bombordo: nossa "*Joaninha*" afundou. Ela foi socorrida imediatamente, fizemo-la flutuar e paramos a jusante da Pirarara. Eu não posso deixar de reiterar a faculdade surpreendente e extraordinária que permite que os meus homens comam de 24 em 24 horas sem se incomodar: seus ventres dobram de volume, já não conseguem abotoar as calças e os cintos estão no último furo. João, Esteves e Chico reparam o barco, José cozinha, Martinho fabrica velas usando as estopas e o breu.

Guilhermo me ajuda carregando a câmera, vou fotografar a Cachoeira do Pirarara. Acho que tenho vocação para a arte da fotografia, desempenho meu papel como uma boa profissional, depois de caminhar por mais de uma hora com os pés descalços sobre pedras quentes para retratar uma Cachoeira é preciso possuir uma chama sagrada. É verdade que essas pedras são belas, divinamente trabalhadas, diria, na verdade porém, mais parecem agulhas quentes, que fizeram meus pés sangrar. Este martírio é justificável quando se está trilhando o desconhecido. Passamos, sem descarregar, a Cachoeira do Prato, mas na Cachoeira do Retiro, meus marinheiros são, novamente, obrigados a realizar uma longa marcha sobre as pedras em brasa. Enquanto eles descarregam e levam o barco para baixo, eu fico no meio do Pedral que mais parece um forno, não há nenhuma árvore para me abrigar, nenhuma cavidade nas pedras que me proporcione uma sombra.

As grandes pedras do Rio são conglomerados, cada pedra é revestida com uma crosta negra que, depois de retirada, a pedra apresenta uma coloração amarelo ocre que se desfaz com facilidade.

A Cachoeira do Varadourozinho é ainda mais difícil de transpor do que na subida, quando nos trouxe muito sofrimento. O caminho que, naquela oportunidade, usamos está seco, procuramos outro. Qual caminho! Entre os bancos de pedras de forma estranha, a canoa passa, algumas vezes por filetes d'água outras vezes por cima dos enormes blocos que bloqueiam completamente o Canal, o casco do nosso barco parece ter sido colocado em um gigantesco ralador. Meu pessoal é admirável, sua resistência supera todas as minhas expectativas. Chico e José têm os pés cortados profundamente e protegem suas feridas com trapos velhos. Eles caminham sobre as pedras afiadas, levando sua carga, como os outros, sem se queixar, sem demonstrar qualquer descontentamento com sua sorte.

Os Travessões do Beliscão e a Cachoeira do São Nicolau são passados sem nenhum acidente, mas na Cachoeira do Mel, onde a baixa das águas foi mais significativa, a "*Joaninha*" afunda novamente. Temos apenas tempo de salvar a câmera e as placas; tudo o mais fica encharcado.

Acampamos em uma Ilha da Cachoeira do Mel, faço uma grande fogueira e todos colocam suas redes, mosquiteiros e cobertores que, agora, é tudo que o temos, para secar. Nossas roupas estão desgastadas, José veste sua última calça, que tem um rasgão nos fundilhos. O Chico não sabe que nome dar ao pano que ele usa para cobrir suas infelizes pernas, muito finas e muito feias. O pobre Chiquinho, que normalmente gasta todo o seu dinheiro em roupas boas, não pode agora pousar de garoto elegante.

Esteves costura três ou quatro vezes por dia seus trapos, e eu estou sem sapatos, sem roupas de baixo, usando roupas que mudaram do preto para o verde, pareço uma vigarista cujos negócios vão de mal a pior.

01.08.1900 – Depois de uma boa jornada, descansamos na frente da Boca do Penecura. Tenho grande dificuldade em deixar este Rio, para trás, sem entrar nele, tenho de abandonar meu desejo de encontrar índios Pianacotó da Poana. Eu estaria disposta a realizar novas aventuras para atingir este meu anseio, mas resolvo abandonar este projeto, a falta de provisões pretere tudo. Ultimamente, Guilhermo não tem falado muito. Durante o dia, ele fica muito perto de mim, o mais próximo que pode; à noite, ele se deita, próximo de minha rede. Eu ainda não havia notado, porque nas horas de folga, meus homens organizam-se como acham melhor e eu não me preocupo onde se instalam de acordo com suas necessidades pessoais. O Guilhermo deve estar com medo e vem refugiar-se perto de mim.

Finalmente descubro a causa de seu terror. João é o capataz. Neste ponto, é verdade, seu trabalho é uma sinecura ([127]), como não há alimentos para distribuir. Isto não significa que sua função o coloque acima dos outros mas como é muito orgulhoso, não admite que seus parceiros o tratem como igual. Guilhermo havia dito que ele não era mais importante do que os demais e que Madame tinha uma consideração especial por todos. João, ferido no seu orgulho, prometeu ensinar-lhe o seu lugar. Esta é a razão porque Guilhermo não se afasta mais de mim, e é, por isso também, que ele guarda absoluto silêncio – desta forma este mal-entendido foi resolvido, pelo menos temporariamente, de maneira pacífica.

---

[127] Sinecura: muito prestígio e pouco trabalho. (Hiram Reis)

Descemos, sem descarregar, a Cachoeira do Cajual, muito forte na subida, agora seca ou quase isso. Meus marinheiros remam com uma energia extraordinária, porque sabem que amanhã terão farinha, tabaco e rum, se chegarem hoje à frente do caminho da Cachoeira do Inferno. Além disso, nada pode detê-los, estão empolgados, voamos, passamos pelos Travessões de Molongo sem vê-los, em seguida, aqueles a montante da Cachoeira do Inferno; eles vão, eles andam, eles correm no Pedral, e às 15h00, estamos em frente da trilha. Sem descanso, eles colocam o pequeno barco em seus ombros e desaparecem correndo pelas profundezas escuras da floresta. Se eu não os segurasse, eles continuariam, apesar da noite, entre as Cachoeiras, onde certamente iriam perecer.

03.08.1900 – Às 06h00, estamos todos prontos. Joaninha vai ficar aqui com as bagagens. Os estropiados irão, por água, no pequeno barco. João vai seguir pelo caminho para preparar a refeição e me enviar sapatos. Esteves, Martinho e eu seguimos a estrada que Guilhermo indicou. Percebi logo que a estrada de Guilhermo não é um caminho, são trilhas de caça que partem em todas as direções. Para pesquisá-las, eu levaria dois dias, e estou com fome, muito fraca e minha comida está a apenas a algumas horas de distância. Coloquei minha bússola no bolso, dizendo: "*Meus filhos, este caminho não é bom!*"

Com suas longas pernas, Martinho vai adiante como batedor ([128]), ele corre como uma lebre, e eu não consigo acompanhá-lo preciso sentar-se para descansar por diversas vezes. Esteves vai na retaguarda.

---

[128] Batedor (esclarecedor, "*point-man*"): vai à frente de um grupo ou patrulha. É responsável por detectar armadilhas ou emboscadas devendo, para isso, estar sempre alerta e em perfeita forma física. (Hiram Reis)

O caminho que estamos seguindo é acidentado: subimos, descemos, passamos por 05 Igarapés, 02 dos quais estão secos. De repente, a nosso lado, ouvimos tiros: é Antônio que me traz os sapatos. Ele comemora, pula, dança, ri, chora, ele começa a comtar um monte de estórias e não consegue concluir uma sequer. Outro Igarapé, é o da Carnaúba e estamos no acampamento. Levamos 04 horas para ir de montante da Cachoeira do Inferno à jusante da Cachoeira do Tronco. O barquinho chega 45 minutos depois de nós. No jantar, todo mundo ataca vorazmente o macarrão, há mais de uma semana que meus homens esperavam por este prato temperado com muita manteiga e muito parmesão, eles estão exultantes.

Assim que Guilhermo terminou de jantar, paguei-o e mandei-o de volta para casa no pequeno barco. Sinto, no momento de sua partida, uma estranha sensação de bem-estar e sentei, aliviada, na minha cadeira, depois dos terríveis 79 dias que eu passei.

04.08.1900 – O meu pessoal volta para buscar a "*Joaninha*", antes do almoço. José fica comigo, ele está com três dedos profundamente cortados e não tem condições de trabalhar. Hoje me entreguei totalmente ao ócio e, como disse Voltaire: "*Que só são verdadeiros os prazeres que atendam às reais necessidades*".

05.08.1900 – Minha equipe voltou, antes do almoço. Eles chegam cabisbaixos e confirmam minha desconfiança. Joaninha está no fundo do Rio, na Cachoeira da Laje Grande com todos os utensílios de cozinha, linhas de pesca, cinco facões de mato, três Winchester e as redes. Eles almoçam e retornam ao local do naufrágio para tentar salvar alguns itens. É sempre irritante naufragar, é, sem dúvida, uma perda econômica significativa para um explorador.

Mas quando o seu trabalho é salvo, ele encara tudo com tranquilidade. Além disso, por que lamentar-se de algo contra o qual nada se pode fazer? Não é melhor recitar, para mim mesma, esta poesia persa:

Você perdeu o controle do mundo?

Não se aflija; Não é nada.

Você conquistou o controle do mundo?

Não se alegre; Não é nada.

Dor e felicidade, tudo passa.

Passa ao nosso lado; Não é nada.

Imagem 50 – Campos de Miritizal

Imagem 51 – Coxilhas no Campo

Imagem 52 – Campos do Rio Paru

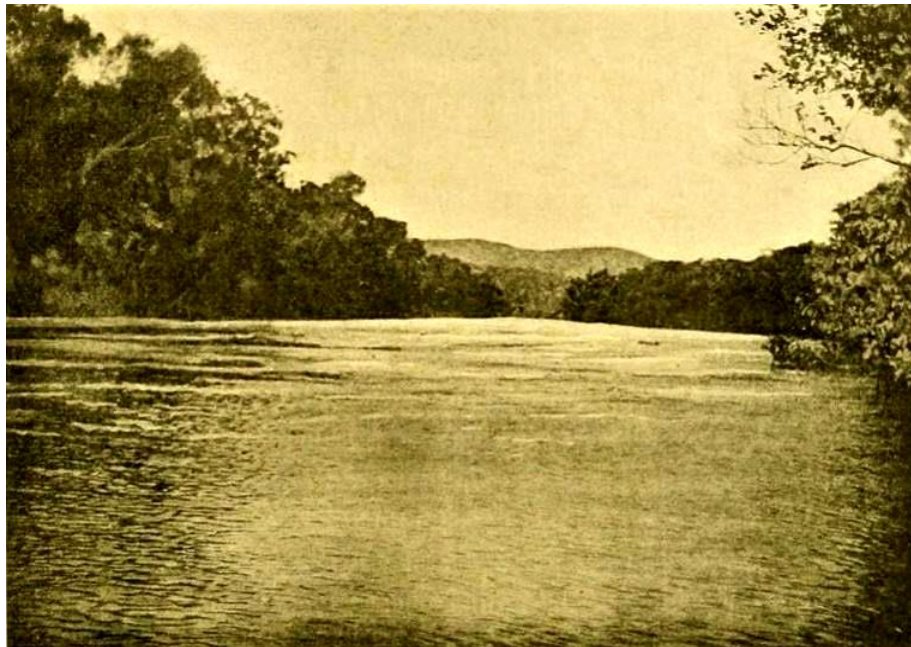



Imagem 53 – Montanhas Cobertas por Herbáceas

Imagem 54 – Campos no Murapi

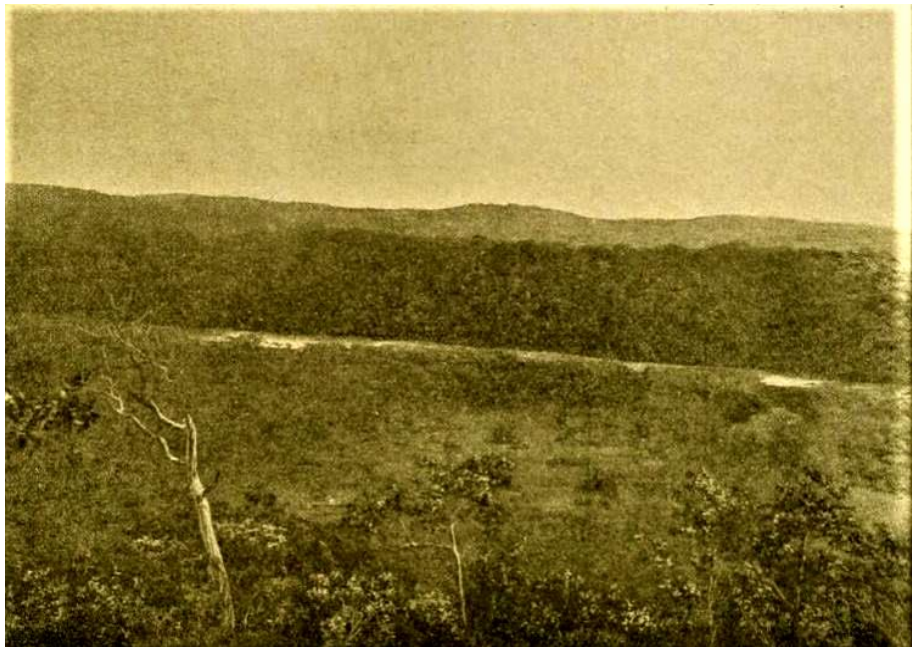



Imagem 55 – Campos da Margem Direita do Murupi

CAPÍTULO IX

Todos Doentes – Saída da Cachoeira do Tronco – Na Casa de Lotário – Informações – Os Pauxi – Furo do Cuminá-mirim – Lago Encantado – Igarapé Ariramba – Subida – Febre – Caça – Retorno do Ariramba – Igarapé Cuminá-mirim – Barragens de Canarana – Persistência da Febre – Os Largos – Retorno para Oriximiná

Este acampamento da Cachoeira Tronco é tão calamitoso para mim nesta viagem de descida, como foi na jornada de montante. Meus marinheiros caem doentes um após o outro. Eu trato de todos, fervo a água, trato das feridas usando uma quantidade surpreendente de ácido carbólico ([129]), ácido bórico ([130]) e iodofórmio ([131]). Eu fazia a assepsia do mal, sangrava, administrava quinino, dosava e administrava a medicação, eu os fazia suar e suava eu mesma.

14.08.1900 – Somente José inspira maiores cuidados, cujo estado ainda é preocupante, os demais embora não estejam totalmente recuperados, têm condições de remar. Deixamos este acampamento insalubre. Progredimos lentamente, muito lentamente, as febres deixaram meu pessoal sem forças, eles fazem o possível. Passamos triste e silenciosamente diante das belas paredes de pedra, as estratificações magníficas coroadas com belos rebentos que se nutriam de uma camada de solo de apenas 10 cm. Esta vegetação maravilhosa, admirável, é uma dádiva do Sol equatorial, cujos raios quentes, temperados pela umidade, longe de serem destrutivos, desencadeiam uma biodiversidade inigualável.

---

[129] Ácido carbólico: utilizado para limpar feridas. (Hiram Reis)
[130] Ácido bórico: utilizado nas infecções por bactérias ou fungos. (Hiram Reis)
[131] Iodofórmio: possui leve poder anticéptico de ação prolongada. (Hiram Reis)

Às 14h00, paramos na casa de Lotário, padrasto do Guilhermo. Eu quero colher algumas informações sobre os índios Pauxi do Penecura. Ele começou a contar uma série de contos inverossímeis, mandei que se calasse e disse:

– *Eu não sou crédula como foi o bom Padre Nicolino, tão leal e tão confiante que nunca suspeitou da falsidade da alma de um mocambeiro. Se você não me disser a verdade, vou dar-lhe imediatamente uma surra.*

Ele me disse, então, que, desde a época da viagem do Padre Nicolino, eles ficaram zangados com os Pauxi, mas não me explica o motivo. Procura esconder alguma história infame, sem dúvida. Os mocambeiros não haviam dito ao Padre Nicolino que haviam guerreado com os Pauxi e acordaram que ele não deveria tomar conhecimento de nada disso e que não permitiriam que ele os conhecesse, o que foi feito.

Lotário diz que os Pauxi são tão numerosos que habitam as nascentes dos Igarapés Água Fria, do Penecura e do Rio Acapu. Antes eles viviam em Óbidos, depois, se estabeleceram às margens do Cuminá e na Foz do Penecura e, mais tarde, sempre fugindo dos civilizados, se retiraram ainda para mais longe. Ele conclui com a seguinte frase:

– *Minha branca, vossa senhoria bem sabe que Índio não é gente.*

Mal consigo resistir ao desejo de esbofetear o velho impostor que ocupa, sem dúvida, como todos os demais mocambeiros, um nível moral e intelectual muito aquém daqueles índios, e ele sim deve ser tratado como uma besta maléfica. Ele me fornece algumas palavras do dialeto Pauxi que transcrevo fielmente, mas com certa reserva, ainda que não me pareçam invencionices:

Água .... Touna.
Céu .... Topeu.
Chuva .... Cono-on.
Criança .... Morire.
Dia .... Oménoro.
Estrela .... Siriké.
Homem .... Tolo.
Lua .... Noune.
Mulher .... Orice.
Noite .... Coco.
Rio .... Touna icouaca.
Sol.. Icire.
Trovão .... Capo. [...]

Se estas palavras são realmente do dialeto dos Pauxi, estes, segundo a teoria de Jung ([132]), fazem parte do tronco Caribe.

Às 16h30, saio de casa de Lotário e vou dormir na casa de Sant'ana que talvez possa me fornecer novas informações. Sant'ana ainda não voltou, parece até que ele me evita. Como na subida, encontro apenas sua esposa. Tive um ataque de febre que durou toda a noite. Embora eu tente tratá-la com desdém, esta criatura desagradável não quer me abandonar e a carrego comigo durante nove dias.

15.08.1900 – Entramos no Furo de Cuminá-mirim que mede cerca de 30 m na Boca, mas alarga-se, quase em seguida, para uma média de 60 a 70 m. À margem esquerda, encontrei uma Foz da mesma largura do Furo, aqui está o Canal por onde escoam as águas do Lago Encantado. Este Lago Encantado, onde ninguém pesca, é povoado por um grande número de peixes-boi, mas todos afirmam que jamais um pescador arpoou um só deles.

---

[132] Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica, propôs e desenvolveu os conceitos dos Arquétipos e do Inconsciente Coletivo. (Hiram Reis)

Os habitantes das proximidades não sabem o que ou quem encantou o Lago e não se atrevem a se aproximar dele, os peixes-boi multiplicam-se com segurança e sem medo de serem perturbados. Uma abertura ampla, sempre na margem esquerda, à primeira vista parecia um caminho importante mas nada mais era do que um pântano fedorento e fechado logo em seguida, pela vegetação, a montante e a jusante. Finalmente, estamos na Foz do Ariramba e Cuminá-mirim.

Ariramba! Um belo nome para um feio Igarapé. O Ariramba ([133]) é o martim-pescador de plumagem brilhante, tão suave, tão limpo e arrumado, com seu duplo colarinho branco e preto. Um atrevido martim-pescador passa e repassa várias vezes pela proa da nossa canoa, pulando de galho em galho, feliz e alegre; com sua voz soando como uma matraca parecendo nos dar as boas-vindas. Mas que importa se a ariramba está alegre! Estamos todos muito tristes sentindo a doença pairar sobre nós, ao navegar em um Igarapé estreito, de margens baixas e alagadiças, de águas sujas e fedorentas cujos aromas acres nos dão uma profunda náusea. Às 16h00, sou obrigada a parar, a febre é mais forte do que a minha força de vontade.

16.08.1900 – Uma noite de descanso é suficiente para me fazer acreditar que recuperei minhas energias exauridas pela longa e extenuante viagem, e estou de volta ao trabalho. O Igarapé continua da mesma maneira, margens pantanosas, pequenas colinas, geralmente formadas por paredes perpendiculares à margem do Rio; nenhuma corrente e a água estagnada. Às 15h00, forço a parada. Meu pessoal me carrega até a rede onde tombo inerte, o Sol parece me provocar vertigens.

---

[133] Ariramba: ave galbuliforme da família Galbulidae. (Hiram Reis)

17.08.1900 – A noite foi ruim para mim, muito ruim. Tive febre e delírios. Esteves e João me vigiaram com extremo cuidado. Eles pensaram que esta manhã eu iria pedir para retornar e grande é o seu espanto quando me ouvem afirmar o contrário. Não sou apenas eu que estou doente, José também foi atacado por uma febre alta, seu pobre rosto pálido me causa muita pena: a visão de um negro pálido não é nada bonita, ela impressiona. Nosso Igarapé, muito estreito ontem, está quase seco, nosso barco não consegue avançar e retornamos.

Guilhermo afirmou que este Igarapé Ariramba, de acordo com Sant'ana, nasce nos campos. O sobrinho de Sant'ana que acompanhou seu tio na viagem, também me havia garantido isso. Não estamos ainda na Latitude da Cachoeira do Tronco onde não há quase nenhuma água. Este Igarapé deve ter as suas nascentes na Serra da Carnaúba. Não podemos contar com as informações desses mocambeiros, eles mentem por necessidade, por prazer.

18.08.1900 – Descemos esse Igarapé com alegria. Gostaríamos de sair dele hoje mas, na hora do almoço, vomito bile ([134]) e tenho febre alta o que me obriga a retornar ao acampamento. Envio todos os homens válidos à caça. Permanece comigo apenas o José gemendo em sua rede. Esteves mata um cervo em um curto espaço de tempo e retorna ao acampamento.

– *Eu supliquei a Nossa Senhora de Nazaré, disse ele, para matar rapidamente uma caça. Agora, meu irmão, pode ir caçar.*

– *Seu irmão? Mas você sabe que ele partiu há muito tempo.*

---

[134] Vomito bile: vômito de coloração esverdeada mostrando que Coudreau não havia ingerido alimento algum anteriormente e que no seu estômago havia somente a produção de bile. (Hiram Reis)

- *Oh, não! Madame, ele estava, escondido na mata, vigiando a senhora.*

Bravos meninos! Sinto-me profundamente tocada por sua terna atenção. O resultado de meio-dia de caça: Esteves – uma corça; Martinho – um jacamim e um mutum; Antônio – um mutum e uma perdiz; João – dois mutuns e duas cotias; Chico – nenhuma caça. Chico não trouxe nenhuma caça mas não se perdeu na floresta, mas Antônio perdeu suas calças.

Para preservá-la, ele tinha estendido as calças em cima de uma árvore caída e, na volta, não conseguindo encontrar a árvore teve de voltar sem elas. Ouvimos gritos ao longe e enviei, rapidamente, um de meus homens em seu auxílio, achando que Antônio estava às voltas com alguma onça mas ele simplesmente queria pedir um par de calças. Demos boas risadas.

19.08.1900 – Nós finalmente deixamos este Igarapé, com seus pântanos e água envenenada. Um suspiro de alívio escapa do nosso peito quando retornamos ao Furo do Cuminá-mirim. Para aqueles que me falam do Ariramba do Rio Cuminá, respondo:

- *Ariramba! Um belo nome para um feio Igarapé.*

Depois de receber o Ariramba, o Furo do Cuminá-mirim se expande e atinge de 80 a 100 m. À margem Esquerda, notei uma extensão lacustre com um pequeno Igarapé ao Norte: este foi invadido pela vegetação. O Furo do Cuminá-mirim é muito sinuoso.

Até esta extensão lacustre flui na direção geral Oeste-Leste; a partir desse ponto, muda para a direção Norte-Sul. Acampamos na Foz do Igarapé Cuminá-mirim em um canto do pantanal onde os carapanãs abundam. Meu dia de folga ontem me fez bem, já não tenho mais febre.

20.08.1900 – Estamos no Igarapé Cuminá-mirim, o mais rico em castanhais e sezões. Os catadores de castanha, que vêm para cá, enriquecem e morrem com uma rapidez assustadora. Desde a Foz, este Igarapé é um vasto pântano, as áreas de terra firme são exceções, vemos castanhais de ambos os lados, mas antes de alcançá-los, percorremos regiões pantanosas que variam de 01 a 03 km.

Passamos a primeira barragem de Canaranas. Grande Deus! O fedor que emana delas! Não navegamos em um Rio, mas em um enorme depósito de lixo.

Encontramos uma segunda barragem, em seguida, uma terceira, uma quarta, depois outra tão longa que não conseguimos enxergar o seu fim. Nunca conseguiremos atravessá-la. Avistamos, acima da represa, um pescador que talvez pudesse nos orientar, aproximei-me dele ansiosamente, pois temo que este pântano não seja o Igarapé Cuminá-mirim e perguntei-lhe:

– *Diga-me, meu amigo, aonde estamos.*

– *"Senhor", você está no Cuminá-mirim.*

– *E há muitas barragens como esta?*

– *Há canaranas até onde eu sei e eu já fui longe.*

– *Muito bem, obrigada. Você quer um copo de rum pela sua informação?*

– *Se não achar que está pagando demais.*

– *Neste barco, não vendemos nada, damos rum ou anzóis para aqueles que nos prestam algum serviço e chibatadas para aqueles que nos enganam.*

– *Ah! Entendo. Vossa senhoria é "engenheiro" do Governo.*

Ele bebe rapidamente e foge. Alguns não gostam dos engenheiros do governo. Eu dou uma risadinha e meus homens também. Na verdade, não creio que eu esteja com um ar tão masculino assim. Encontrei muitas vezes, nestas áreas pantanosas, ninfeáceas muito bonitas, e aqui um dos espécimes mais bonitos que já pude admirar. Com nervuras de um belo rosado, guarnecidas de grandes espinhos, as folhas gigantes da "*Victória Régia*" ([135]) são de 1,91 m de diâmetro; flores, de grande beleza, que vão do branco leitoso ao rosa claro, chegando ao roxo.

Nestes pântanos fedorentos, onde o homem sente que a morte o espera, não existem apenas flores bonitas e coloridas, mas belas aves também. As ciganas ([136]) graciosamente belas dão gritos irritantes, os anus ([137]) de um azul muito escuro, voam curiosos sobre as bordas das matas e na frente do barco e belos pássaros aquáticos ([138]) com corpo marrom e asas amarelas fogem gargalhando e batendo as asas produzindo um efeito admirável.

Estamos de volta à Foz do Igarapé Cuminá-mirim e Furo do mesmo nome. O Furo se expande, é agora um belo Canal com grandes capoeiras e pequeninas cabanas de onde as pessoas fogem quando nos aproximamos. À margem esquerda, o Igarapé do Carará que, apesar de ser muito pequeno, tem uma grande Foz. Com antigas capoeiras muito próximas, os habitantes fizeram campos. Ou seja, limparam novamente as capoeiras para que nelas não crescessem mais árvores, mas eles não plantam pasto e aguardam que cresça naturalmente.

[135] Victória Régia: assim batizada em homenagem à Rainha Victoria, da Inglaterra, hoje renomeada para "*Victoria Amazônica*". (Hiram Reis)
[136] Ciganas: Opisthocomus hoazin. (Hiram Reis)
[137] Anus: Crotophaga ani. (Hiram Reis)
[138] Pássaros aquáticos: jaçanãs (Jacana jaçanã). (Hiram Reis)

Para preparar um campo, eles apenas limpam o local e Deus provê o resto. Quando digo a eles que devemos semear os campos para obter boas pastagens, eles me olham de través pensando que estou caçoando deles. Em ambas as margens aparecem grandes extensões de campo conhecidas como "*Largos*". O Largo da Fortaleza se estende para além de 03 km, o do Campo Alegre é bem menor. Depois, ainda em ambas as margens, após uma orla inevitavelmente pantanosa, existem castanhais em quantidade.

Curiosas e temíveis ariranhas aproximam-se de nosso barco parecendo querer nos insultar com seu riso sinistro e aborrecer com seus gritos fortes e estridentes.

21.08.1900 – Apesar da febre nunca me abandonar, quero seguir em frente; mas, por volta das 09h00, quando fica mais quente, tive uma vertigem. Sem o apoio de Esteves, eu teria caído na água. Permanecemos neste local até o dia seguinte.

22.08.1900 – Como não tenho condições de me deslocar sozinha, Esteves me acompanhou até o barco e me acomodou sob o toldo. Já me sinto um pouco melhor. Um amplo estuário, na margem direita, parece ser o Canal de vazante do Campo Largo Alegre. Em seguida, 2 grandes Ilhas e o Largo do Cuminá. O Largo é enorme e, parece maior ainda, porque suas margens pantanosas são tomadas pelas canaranas, sem uma única árvore. O terreno é plano, na margem direita até os limites do Igarapé Matapi e na esquerda até os confins do Largo do Salgado. Uma vez que há um pouco de vento, nós levamos mais de uma hora para atravessar o Largo de Cuminá e finalmente chegamos no Cuminá Grande. Domino minha fraqueza para realizar o levantamento do Canal à margem direita da Ilha Moçambique.

Esse esforço é o derradeiro, não consigo fazer mais nada e ao chegar à casa do Bernardo, estou completamente fatigada. Oh! A febre! Estado terrível que nos deixa o corpo e a mente alquebrados, privando-nos de toda a energia, aniquilando-nos o ânimo! Oh! febre! Um estado terrível que aniquila seu corpo e sua mente, que acaba com toda a sua energia, que destgrói sua vontade! Não somos mais nós mesmos, somos apena uma coisa.

23.08.1900 – Tendo deixado a casa de Bernardo às 06h00, paramos novamente às 09h00, porque eu não consigo mais suportar o balanço do barco. Meus marinheiros acercam-se de minha rede e choram; para que eu me recupere, eles prometem velas e missas a Nossa Senhora de Nazaré.

Eu não tenho medo, tenho apenas uma tristeza plena de confusos pesares ao rememorar os tempos passados que jamais voltarão e concluo que o destino é irônico na sua crueldade.

24.08.1900 – Oriximiná.

07.09.1900 – Finalmente Pará. Pará! Isto quer dizer que, finalmente, terei no Pará uma estada encantadora. Não, eu me abandonarei, como na viagem, aos meus "*Blue Devils*" ([139]). Sofrerei ainda mais porque não vou ter uma vida tão ativa, estarei com meu amor-próprio abalado, meus aborrecimentos, vou considerar como importantes as coisas mais insignificantes, levo tudo isso muito a sério. Então, eu não aspiro nada mais do que retornar novamente às florestas virgens e desertas do interior do estado do Pará. [...]

[139] "*Blue Devils*": cigarros. (Hiram Reis)

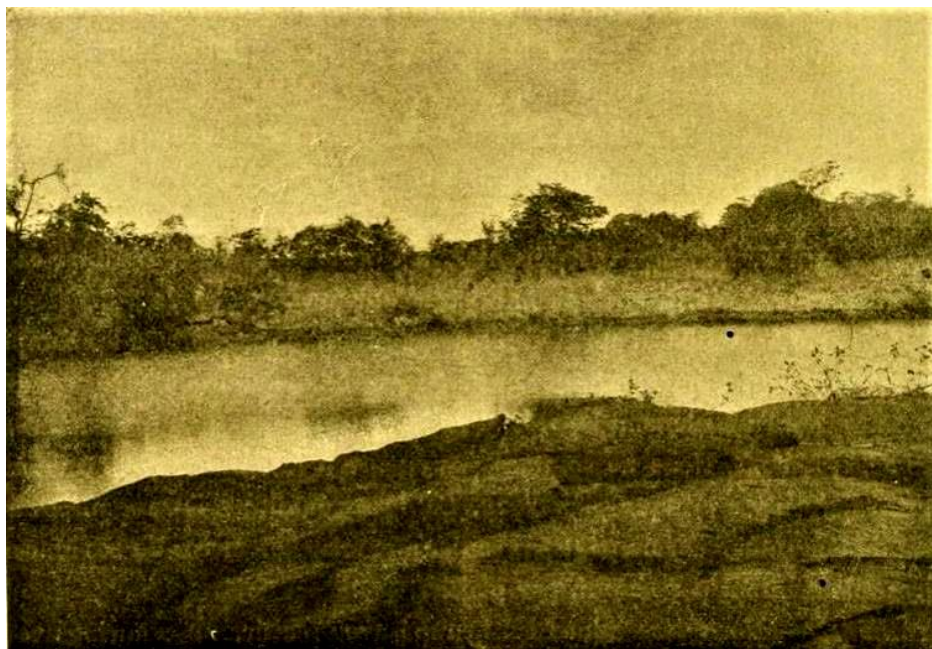



Imagem 56 – Campo

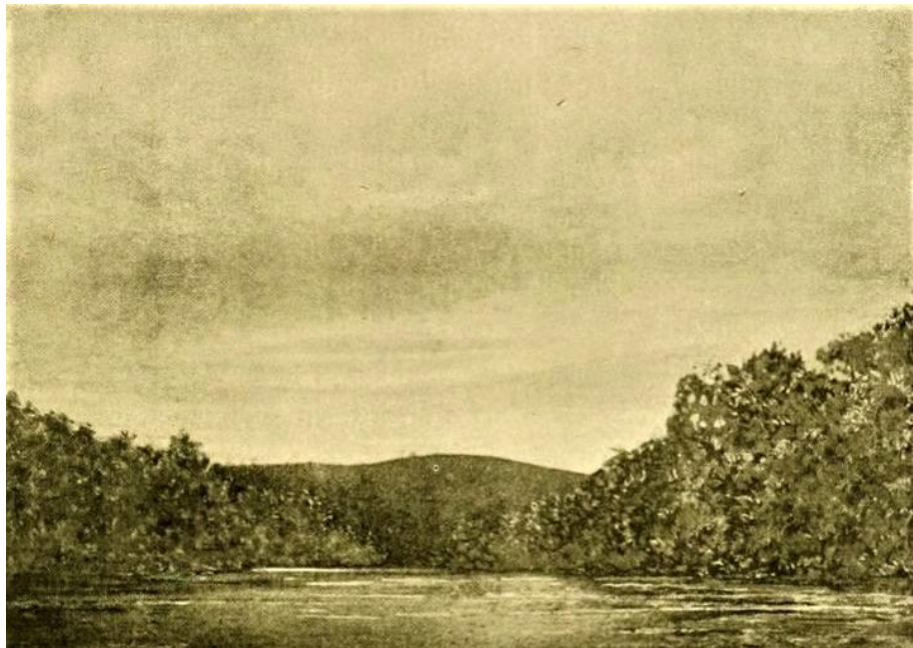



Imagem 57 – Colinas no Murupi

Imagem 58 – Pianocotó Tamouchi

Imagem 59 – Pianocotó

Imagem 60 – Pianocotó

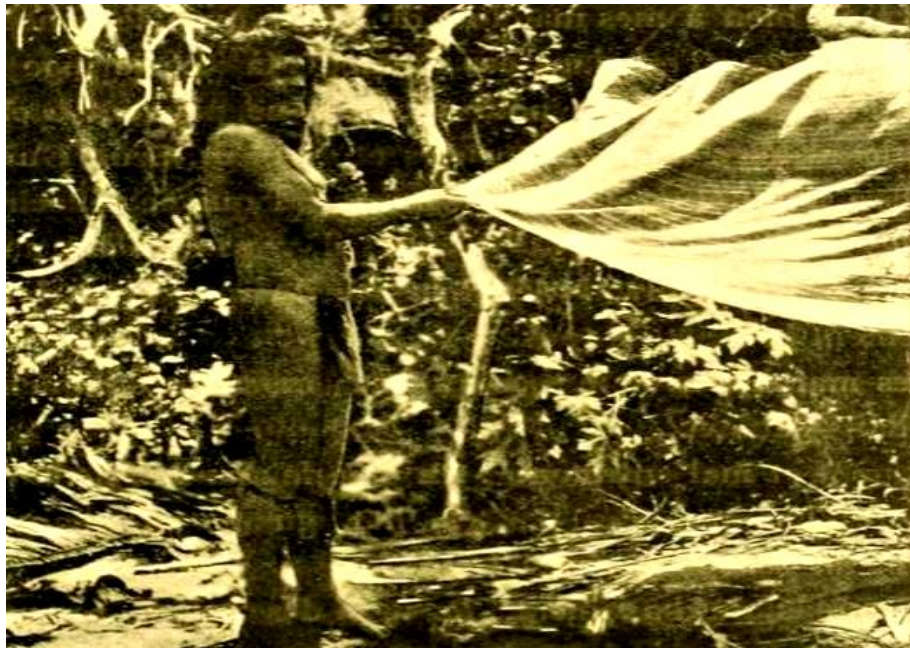



Imagem 61 – Pianocotó

Imagem 62 – Pianocotó

Imagem 63 – Ubás Pianocotó

Imagem 64 – Chico Procurando Suas Calças

Imagem 65 – Barragem no Cuminá-mirim

Imagem 66 – Cuminá-mirim

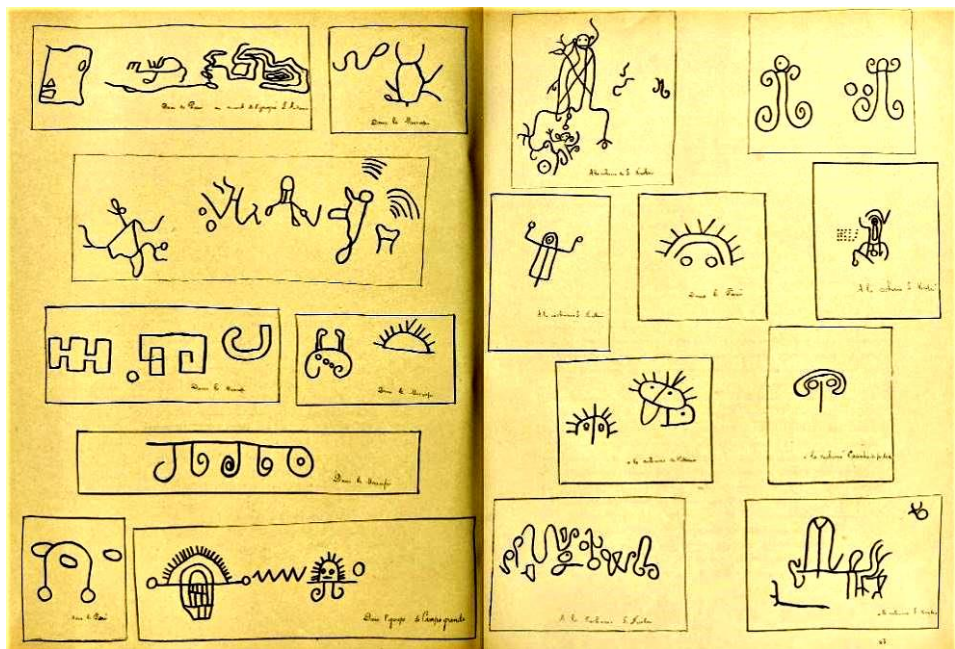



Imagem 67 – Inscrições Rupestres do Cuminá

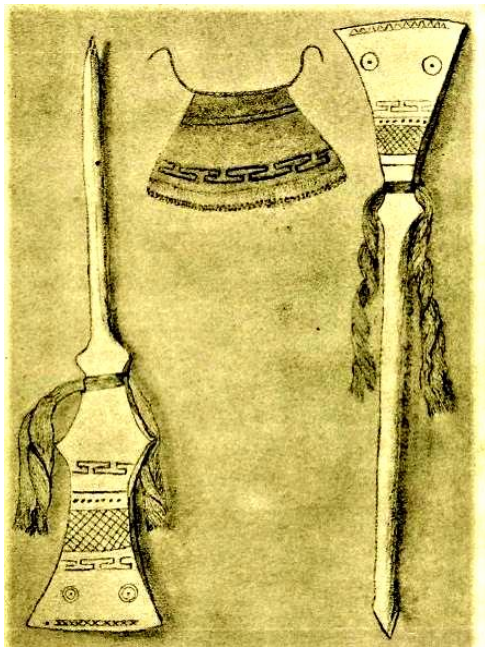



Imagem 68 – Tacapes e Tanga dos Pianocotó

APPENDICE

COORDONNÉES

Confluent du Cuminá	Latitude	1° 45′ 29″ S.
— —	Longitude	58° 29′ 42″ O. Paris.
Confluent de la Poanna	Latitude	9′ N.
— —	Longitude	58° 57′ 2″ O. Paris.
Point extrême atteint dans la Poanna	Latitude	17′ 30″ N.
— — —	Longitude	59° 7′ 27″ O. Paris.
Confluent du Parú et du Murapi	Latitude	35′ 30″ N.
— — —	Longitude	58° 35′ 43″ O. Paris.
Campo Grande du Parú	Latitude	49′ 40″ N.
— —	Longitude	58° 29′ 40″ O. Paris.
Morro do Tocantins	Latitude	56′ 20″ N.
— —	Longitude	58° 29′ 51″ O. Paris.
Point extrême atteint dans le Parú	Latitude	1° 28′ 54″ N.
— — —	Longitude	58° 36′ 20″ O. Paris.
Campo du Murapi	Latitude	59′ 9″ N.
— —	Longitude	58° 50′ 50″ O. Paris.
Point extrême atteint dans le Murapi	Latitude	1° 19′ 10″ N.
— — —	Longitude	50° 51′ 2″ O. Paris.

Imagem 69 – Coordenadas do Cuminá

ALTITUDES

D'après un baromètre altimétrique Naudet, un baromètre altimétrique Boucart et un baromètre enregistreur Richard frères.

Cachoeira Tronço	21	mètres.
Cachoeira da Lage Grande	27	—
Amont de la Cachoeira do Inferno	65	—
Ilha do Mocaco	72	—
Ilha do Mel.	75	—
Amont de la Cachoeira S. Nicolaú	87	—
Amont de la Cachoeira Varadourosinho	105	—
Amont de la Cachoeira do Retiro.	115	—
Amont de la Cachoeira Pirarara	130	—
Amont de la Cachoeira Tracuá	142	—
Cachoeira da Rampa.	150	—
Cachoeira do Torino	167	—
Tapéra Santa-Anna	170	—
Cachoeira do Taxi.	176	—
Premier campement indien	180	—
Confluent de l'igarapé Poanna.	182	—
Amont du sentier à la cachoeira Pacienciá.	195	—
Amont de la Cachoeira Jacaré.	210	—
Amont de la Cachoeira Resplendor.	230	—
Cachoeira Grande (en amont de Salto)	245	—
Amont Cachoeira Grande.	255	—
Igarapé des Roucouyennes	255	—
Confluent du Parú et du Murapi	260	—
Amont de la maloca piánocotó	264	—
Igarapé S. Antonio	270	—
Campement de Chico.	275	—
Praio Bonita	287	—
Igarapé d'Agua preta.	295	—
Igarapé da Trahira	270	—
Igarapé do Campo Grande	275	—
Point extrême atteint dans le Murapi.	285	—
En haut du Morro.	390	—

Imagem 70 – Altitudes na Região do Cuminá

Imagem 71 – Rio Cuminá n° 1

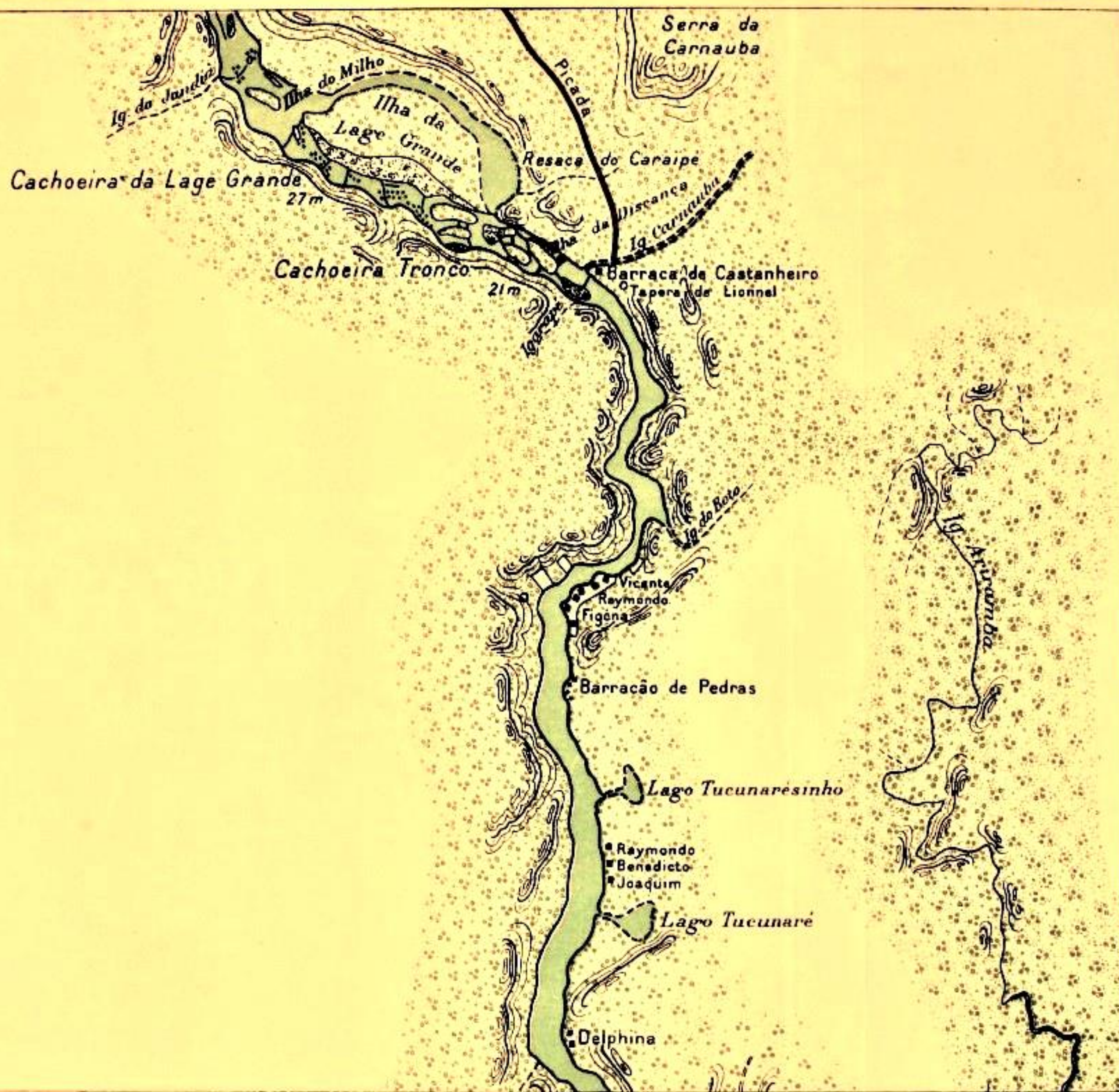



Imagem 72 – Rio Cuminá n° 2

Imagem 73 – Rio Cuminá n° 3

Imagem 74 – Rio Cuminá n° 4

Imagem 75 – Rio Cuminá n° 5

Imagem 76 – Rio Cuminá n° 6

Rio Cuminá. — N° 7

30'S. 30'S.

Cachoeira do Torino

150 m.

Cachoeira da Rampa

Cachoeira Armazem

Cachoeira do Séverino

RIO CUMINÁ

Cachoeira da Tracuá

142

I. da Tracuá

Cachoeira do Bréo Branco

Ponta do Bréo Branco

Cachoeira da Casinha de pedras

Cachoeira da Torre

Ilha das Gallinhas

130 m

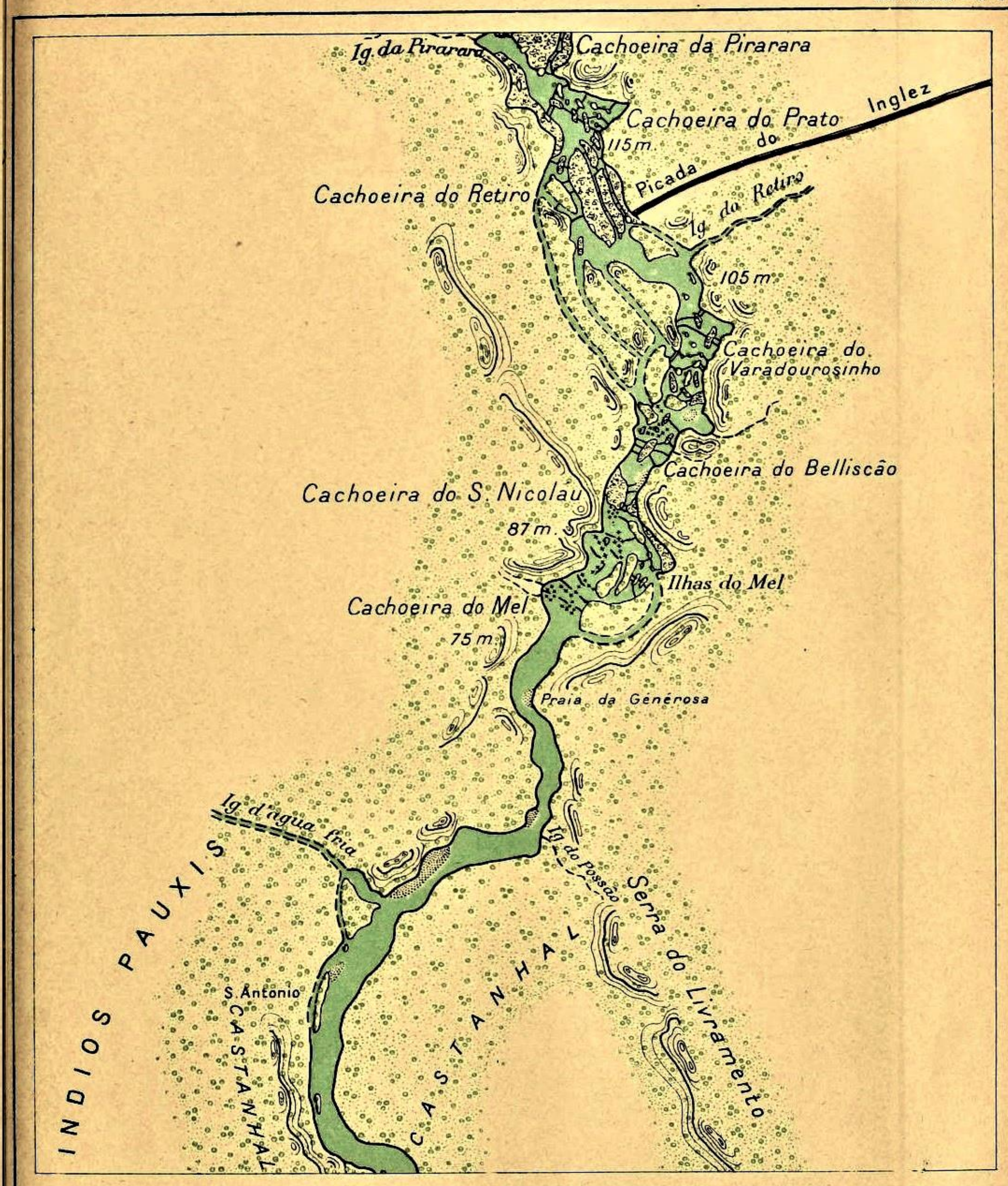
Cachoeira da Pirarara

Université Nouvelle. — Institut géographique de Bruxelles.

Imagem 77 – Rio Cuminá n° 7

Imagem 78 – Rio Cuminá n° 8

Imagem 79 – Rio Cuminá n° 9

Imagem 80 – Rio Cuminá n° 10

Imagem 83 – Rio Cuminá n° 13

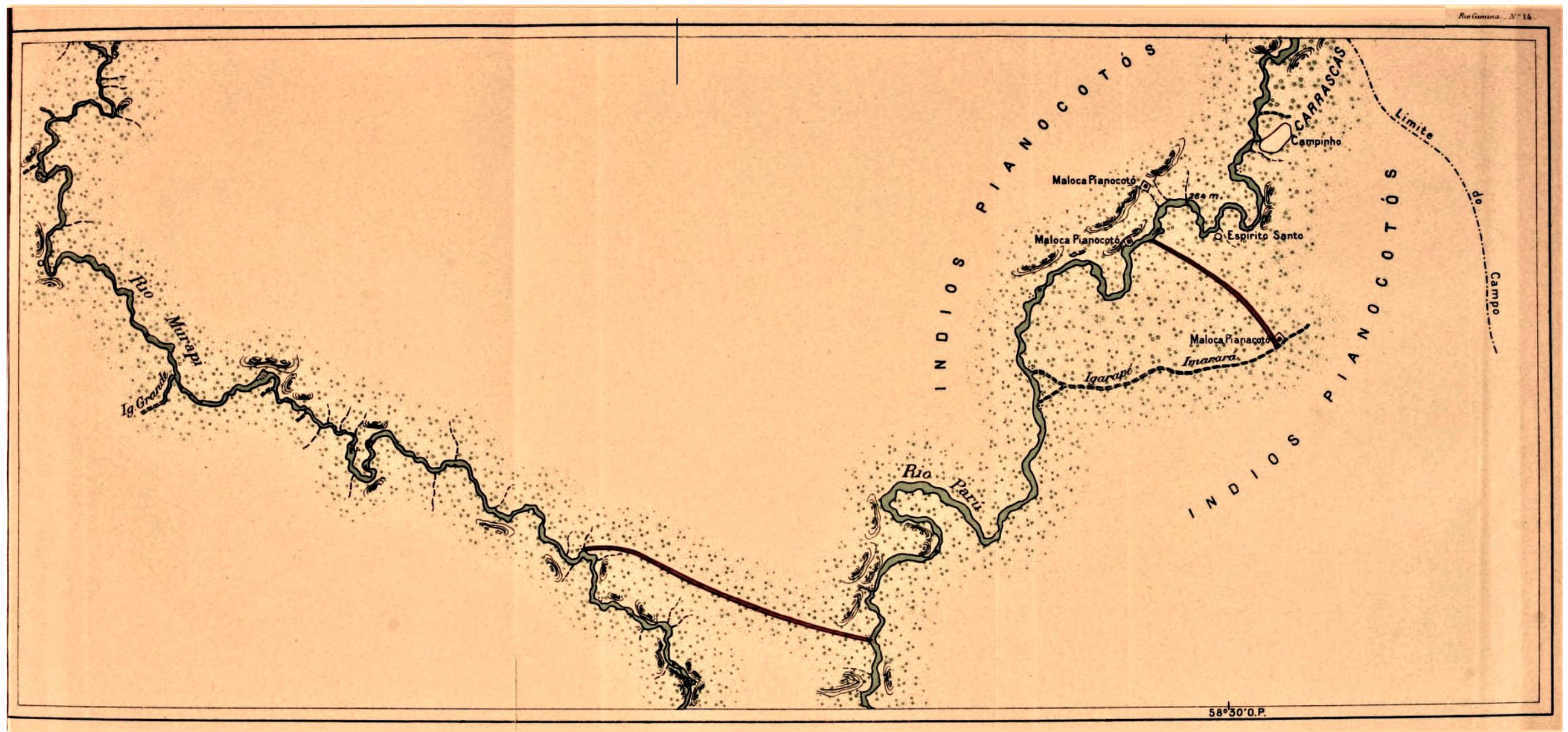



Imagem 84 – Rio Cuminá n° 14

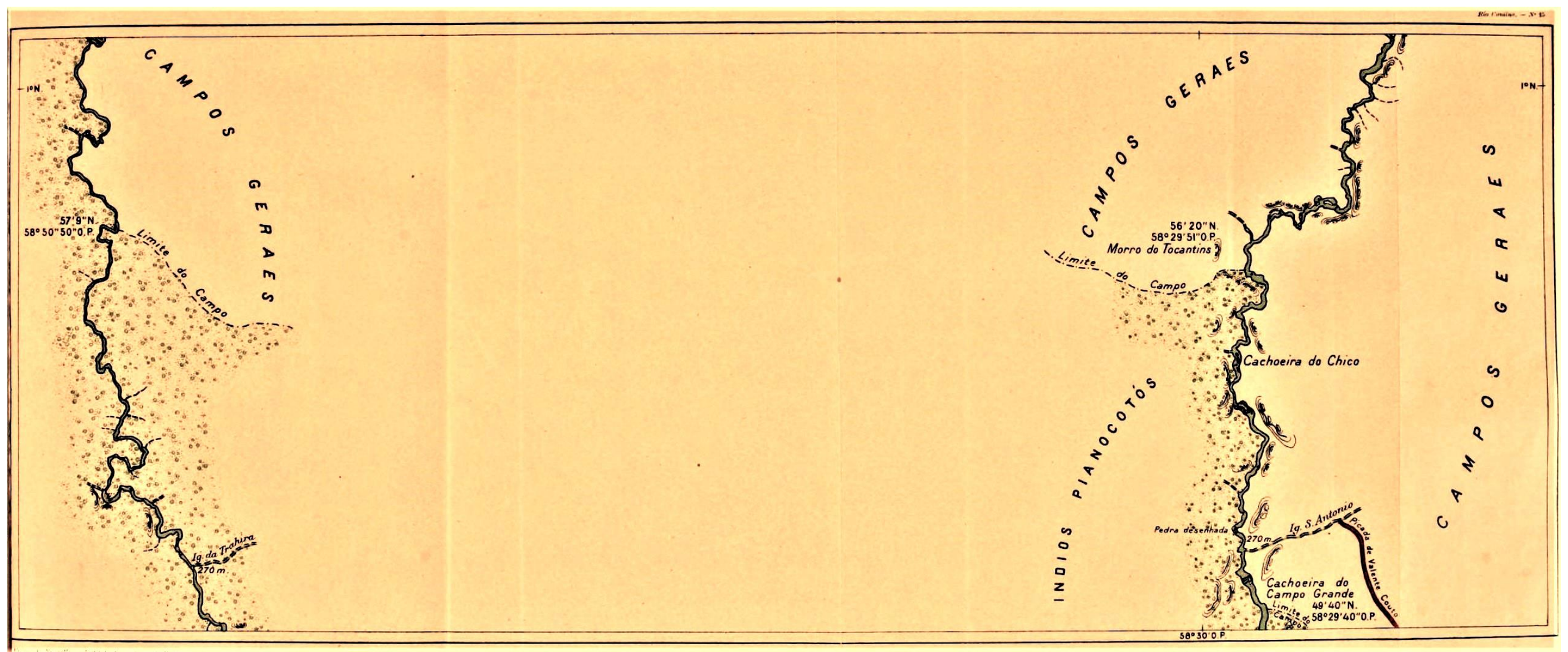



Imagem 85 – Rio Cuminá n° 15

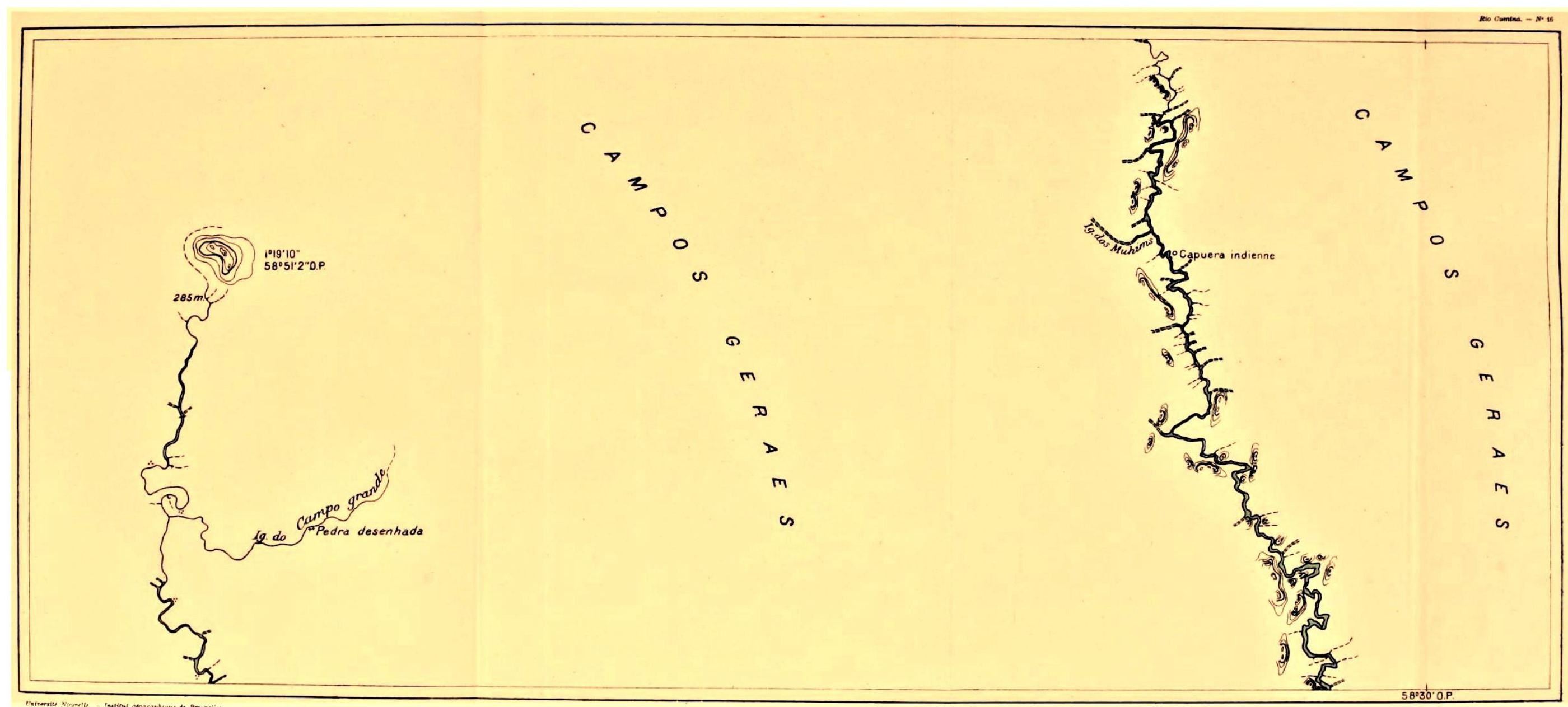



Imagem 86 – Rio Cuminá n° 16

Imagem 87 – Rio Cuminá n° 17

Imagem 88 – Rio Cuminá n° 18

Imagem 89 – Marie Octavie Coudreau

Saudação a Palmares
(Castro Alves)

[...] — Salve! Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
– Aos urros da cachoeira –
Sabes bater e lutar...
Salve! – nos cerros erguido –
Ninho, onde em sonho atrevido,
Dorme o condor... e o bandido,
A liberdade... e o jaguar!

As Expedições e a Mídia

A Província, N° 255

Recife, PE – Sábado, 09.11.1901

Pará

Às 6 horas da tarde de 14 de outubro, chegou à cidade de Faro a exploradora Madame Coudreau, depois de fazer a travessia, por terra, da zona entre os Rios Mapuera e Jamundá. Acompanharam-na apenas 3 homens, numa frágil embarcação por ela mandada construir para o seu transporte desde o Salto Grande, no Jamundá, até Faro. Madame Coudreau tencionava seguir até Trombetas, a 16 do mesmo mês, na lancha subvencionada de "*Reis & Pinheiro*", afim de reunir-se ao resto do pessoal à sua espera no Rio Mapuera. A viúva do denodado Coudreau achava-se com o espírito muito abatido e o corpo bastante cansado, porém estava satisfeitíssima com o resultado da exploração, visto haver encontrado numerosos seringais inexplorados. O Sr. Dr. Gaspar Costa, Juiz de Direito em Faro, proporcionou os possíveis recursos à madame Coudreau. (A PROVÍNCIA, N° 255)

Pacotilha, N° 176

São Luís, MA – Segunda-feira, 27.07.1903

As Questões Comerciais

***A BALATA**: – Uma indústria nova –*
As suas vantagens – Os seus mercados –
O Maranhão deve aproveitar esta riqueza natural –
A constituição de um sindicato.

O Maranhão, como de resto o Brasil, é fértil em recursos naturais. As suas riquezas, por esses sertões afora, estão quase todos por aproveitar. Descontem as terras do litoral e as margens dos Rios que correm pelo interior e reconhecerão que tudo o mais repousa intacto, sem nunca ter sentido as pegadas humanas, nem haver observado qualquer tentativa de arroteamento ou colheita.

Surge agora, para o comércio do Norte, uma nova e rendosa indústria, cuja matéria prima abunda nas matas maranhenses. Os ingleses denominaram balata esse produto, que se constitui com o leite da maçarandubeira. A Guiana Inglesa exporta este artigo há cerca de 30 anos. Mas nestas regiões só há pouco tempo se houve notícia de semelhante fonte comercial. Deve-se esta descoberta aos esforços da temerária Madame Coudreau, uma verdadeira virago, que muito concorreu para as futurosas consequências das viagens de seu marido, o francês Henri Coudreau, que esteve largos anos ao serviço do governo do Pará.

As qualidades da balata são similares às da guttapercha o as suas aplicações são, por esta razão, idênticas. Os ingleses dão à árvore que aqui se conhece por maçarandubeira os nomes de Mimusops balata, Mimusops elegans e Mimusops especiosa.

Esta complicação botânica resume-se, como dissemos, numa classificação nacional – a maçaranduba, da qual só fazem também indestrutíveis varapaus, destinados a varejar as costas do próximo. E, além desta virtude pouco evangélica, quando o leite seca, a madeira destas árvores serviçais ainda se emprega, por bom preço, em construções. Vê-se que a maçarandubeira é quase uma espécie da Cornucópia da lenda! As suas propriedades, sólidas e variadas, são miraculosas. [...] (PACOTILHA, N° 176)

O Paiz, n° 16.042

Rio de Janeiro, RJ – Sexta-feira, 21.09.1928

A Expedição Rondon Pretende Atingir a Guiana Holandesa pelo Curso do Rio Trombetas

Para isso Tenciona Alcançar os Campos Gerais Segundo Roteiro do Padre Nicolino – Informações Sobre esse Sacerdote de Origem Índia, já Falecido

Telegramas do Pará transmitem-nos a notícia de que o General Rondon, buscando a zona fronteiriça com a Guiana Holandesa, pelo curso do, Rio Trombetas, tenciona efetuar um reconhecimento na região dos famosos Campos Gerais da Guiana Brasileira, seguindo o roteiro do Padre Nicolino.

A propósito dessa informação, julgamos oportuno informar aos nossos leitores sobre a personalidade hoje quase lendária desse sacerdote de pura raça aborígene, que foi o primeiro civilizado a divisar a imensidade das savanas Setentrionais.

Sobre o Padre Nicolino pouco se tem escrito. Assim, o que dele sabemos nos foi transmitido pela tradição, o que equivale dizer, meio envolto já por uma atmosfera de lenda.

Quando governava a arquidiocese do Pará essa figura inesquecível de prelado varonil que foi D. Antônio de Macedo Costa, deram-lhe certa vez um indiozinho do Alto Trombetas, ao qual o bondoso Príncipe da Igreja deu uma sólida educação, a princípio no Pará mesmo, e mais tarde no Colégio Pio-Americano, de Roma, onde, por fim, recebeu ordens.

Esse índio era o Padre Nicolino, que mais tarde deveria ligar para sempre o seu nome às entradas para os Campos Gerais.

No decurso dos seus estudos eclesiásticos naquele famoso estabelecimento, conta-se que o jovem seminarista encontrou entre as páginas amarelecidas de um antigo "*in-fólio*" ([140]) sobre as missões na Amazônia, um roteiro da viagem aos campos intérminos da Guiana, justamente pelo curso do Rio sobre cujas margens nascera.

Após a sua ordenação, o Padre Nicolino permaneceu ainda por algum tempo na Europa, embarcando-se depois para o seu Estado natal, onde foi escolhido para vigário da freguesia de Óbidos.

Ali chegando, com uma cópia do velho roteiro, a sua preocupação constante era a catequese dos seus irmãos de tribo e a penetração dos Campos Gerais. Mas a isso se opunha a existência, nas margens do Alto Trombetas, de antigas aglomerações de escravos negros fugidos das fazendas, vivendo em "*mocambos*", com a mesma selvageria, ou ainda mais requintada, com que viviam nos imundos pagos da Guiné.

Os mocambeiros pérfidos e brutais, sem nenhuma espécie de comércio com os civilizados, a quem odiavam de morte, eram o empecilho mais difícil de transpor.

Mas [é aqui que os fatos começam a misturar-se com a lenda] o Padre Nicolino não desanimou. Apesar da educação esmerada a da disciplina férrea do claustro, dentro do sacerdote dormia um selvagem.

---

[140] In-fólio: diz-se de um livro em que cada folha de impressão é dobrada em duas. (Hiram Reis)

E um belo dia, resoluto, o Padre embrenhou-se sozinho na selva, rumo da sua tribo e dos Campos Gerais. Correram os tempos até que voltou novamente a Óbidos. Conseguira fazer-se amigo dos mocambeiros, visitara a sua gente, mas não lograra atingir as famosas savanas.

Tempos depois tornou à tentativa, conseguindo desta vez, com o auxílio dos mocambeiros e dos seus irmãos das selvas, alcançar a grande orla terminal das florestas, e contemplar extasiado os campos sem fim, destinados pela natureza a abrigar e sustentar um dia os maiores rebanhos do mundo.

Alguns meses mais tarde, o Padre Nicolino regressou a Óbidos, continuando a sua missão de pastor de almas. Sentia, porém, a irresistível fascinação das brenhas e a nostalgia da solidão. Abrigava em seu peito a esperança de trazer ao aprisco do catolicismo grande parte daqueles entes errantes que lhe eram tão caros.

E um dia, depois de longos preparativos, lá se foi outra vez o Padre Nicolino para a sua terceira excursão. Em Óbidos todos apreciavam o Vigário, e esperavam ansiosamente o seu regresso. Toda a vez que o Padre voltava das suas viagens, trazia sempre novidades de sumo interesse, principalmente naquele tempo, em que as comunicações com a capital eram difíceis.

Passaram-se os meses, os anos e Padre Nicolino nunca mais voltou. E no ânimo de todos começou a avolumar-se a suspeita de que o sacerdote, dominado pelo atavismo insofreável, abandonara a batina para viver a vida livre e incerta dos selvagens, em comunhão com os seus irmãos de tribo, nas ínvias selvas da Guiana.

Entre outros, a crença era que o Padre Nicolino morrera atacado pelo paludismo ou assaltado por alguma serpente venenosa, no decurso da sua missão de fé. Esta última é a versão mais aceitável. E assim o Padre Nicolino foi o primeiro civilizado a atingir os Campos Gerais, essas famosas savanas que são o "*El-Dorado*" dos fazendeiros do Baixo Amazonas, e por onde o General Rondon vai agora embrenhar-se, conforme rezam os telegramas, rumo da cordilheira de Tumucumaque. (O PAIZ, N° 16.042)

O Paiz, n° 16.181

Rio de Janeiro, RJ – Quinta-feira, 07.02.1929

Curiosa Viagem em Pleno Seio do Tumucumaque

Os Trabalhos da Inspeção de Fronteiras,
Chefiada pelo General Rondon,
na Nova Faixa com a Guiana Holandesa

Da nossa prezada colega "*Folha do Norte*" de Belém do Pará, transcrevemos, com a devida vênia, a interessante e oportuna entrevista que lhe concedeu, a 21 de janeiro último, o Dr. Gastão Cruls, representante junto à Inspeção das Fronteiras do Departamento Nacional de Saúde Pública:

Soubemos trasanteontem encontrar-se nesta capital, de volta de sua missão junto à Inspetoria de Fronteiras, chefiada pelo grande sertanista brasileiro General Cândido Rondon, o Dr. Gastão Cruls, ilustre escritor e cientista patrício, chefe da seção de botânica do Museu Nacional.

Tivemos então curiosidade, no interesse de bem informar o público, de conhecer algo mais detalhado, pelo depoimento pessoal de um competente membro dessa importante Expedição, sobre a obra realizada pela inspeção e da qual já temos dado algumas notícias aos nossos leitores. Procuramos, pois, o Dr. Gastão Cruls no Grande Hotel, onde o sabíamos hospedado e tivemos a fortuna de encontrá-lo. Não se fez de rogado ao nosso objetivo o nosso ilustrado compatriota, que, com essa proverbial gentileza dos homens de letras, foi logo desfiando a interessantíssima descrição que se vai ler nas nossas respostas às nossas breves perguntas e observações dialogais. Desejaríamos saber as impressões da sua viagem, se pretende escrever algum livro a respeito.

"*Deixemos de lado a minha literatura, ao menos por um momento, e vamos tratar de coisas que devem interessar mais de perto a todos os paraenses.*

A Expedição que tive a honra de acompanhar e que se destinava à inspeção da nossa faixa de fronteira com a Guiana Holandesa, foi das mais curiosas e instrutivas e teve o melhor êxito possível. Aliás, outra coisa não era de esperar, uma vez que a sua chefia estava confiada a um homem da envergadura do General Rondon, afeito a esse gênero de cometimentos e talhado a triunfar das mais árduas Missões.

Estou mesmo certo que só às suas qualidades de endurance e dedicação à causa pública se deve o não haver fracassado a nossa entrada, pelo desconhecido Rio Cuminá acima, até às suas cabeceiras, já na serra Tumucumaque. Falo em 'entrada pelo desconhecido' sem qualquer laivo de exagero, pois ao território agora alcançado pela Inspeção de Fronteiras jamais chegara o pé do civilizado!

E é por assim dizer um Brasil novo, um pequeno Brasil, é verdade, mas que enriquece o Estado do Pará de vastos e belíssimos campos.

Não resta dúvida que esses mesmos campos já haviam sido divisados pelos exploradores que nos precederam, mas estes, por circunstâncias várias, chegaram apenas ao seu início e não puderam ajuizar com segurança da sua extensão e ótima qualidade, o que agora foi feito. O único motivo por que pesava tanto mistério sobre o vale do Cuminá são as inúmeras cachoeiras e os pedrais infindos que acidentam o seu curso, tornando-o um dos nossos Rios de mais dificultoso acesso.

É corrente que deve ser apavorante canal no inverno, enquanto que ao tempo da estiagem, justamente quando o percorremos, se remora ([141]) de águas represadas e escassas, entre imensos blocos de grande e estirados bancos de areia, não dando calado às mais rasas embarcações. O curso do Rio Cuminá, também conhecido por Erepecuru, na opinião do General Rondon, pode ser dividido em três zonas, assim discriminadas:

> *O Baixo Cuminá, desde a sua Foz, no Trombetas, até à Cachoeira do Breu. Já nesse trecho o seu leito apresenta várias cachoeiras de impossível transposição por água, motivo por que foram feitos alguns varadouros pelos que se dedicam à exploração da castanha, uma das riquezas da região.*
>
> *O Médio Cuminá, da Cachoeira do Breu à Foz do Murapiche, onde o Cuminá passa a ser impropriamente conhecido por Paru. É trecho também muito acidentado e no qual, para não falar em outras, quatro grandes cachoeiras, abrangidas sob o nome de Paciência, forçam os viajantes a um penoso trabalho de arrastamento das canoas por pedrada irregular e agressiva.*
>
> *O Alto Cuminá, da Foz da Murapiche às suas cabeceiras, já na serra Tumucumaque. É essa zona dos campos. Aí a floresta marginal vai rareando e, por vezes, o Rio corre apenas entre altas barrancas de tabatinga.*

---

[141] Remora: algo que estorva ou obsta o movimento. (Hiram Reis)

> *Se nesse trecho são menores as cachoeiras, o Rio, por mais estreito, tem amiúde a sua luz obstruída por árvores que se debruçam às suas margens ou paus rolados e galharada seca que lhe atravancam inteiramente o álveo.*

Façamos agora referência aos outros viajantes que já se aventuraram por águas do Cuminá.

> *Ao que nos consta, o primeiro civilizado que subiu o mesmo Rio foi, em 1876, o Padre Nicolino José de Souza, então Vigário de Óbidos, e que queria tentar a catequese e descida dos índios que aí habitavam. Esse sacerdote, que por três vezes pervagou pela mesma região, da primeira conseguiu alcançar o Rio Paru e verificar a existência dos campos. Não foi, entretanto, muito além de um outeiro relvoso, hoje conhecido sob o nome de Morro Tocantins e que dista de Óbidos uns 495 quilômetros. As suas duas ulteriores viagens, de 1877 e 1882, não lograram o mesmo êxito.*
>
> *Já então ambas visavam a abertura de uma estrada que permitisse mais fácil acesso aos campos, por maneira a ali ser estabelecido um centro de indústria pastoril, segundo desejo de fazendeiros e pessoas gradas de Óbidos, que para isso se dispuseram a amparar a iniciativa do Padre. Infelizmente, como já disse, nenhuma dessas viagens surtiu efeito.*
>
> *Em 1877, o Padre Nicolino fez várias incursões pelo mato, nas imediações da Boca do Urucuyana e, da terceira vez, a morte, surpreendeu-o quando ainda no Igarapé da Água Fria.*
>
> *Sob a forma de diário, em que anotava os principais eventos das suas viagens, o Padre Nicolino deixou um pequeno caderno, escrito do próprio punho, hoje propriedade do Coronel Marcos Nunes, residente em Óbidos, e atualmente em mãos do Coronel Rondon, que me facultou a sua leitura. Desse roteiro, uma parte foi publicada pela Revista de Estudos Paraenses.*

Em 1891, o engenheiro Gonçalves Tocantins, comissionado, pelo Dr. Justo Chermont, então Governador deste Estado, dirigiu uma Expedição ao Rio Cuminá e confirmou a existência dos campos, embora não indo além, ou até não alcançando mesmo o ponto atingido pelo Padre.

Muitos anos, mais tarde, por volta de 1901, a exploradora francesa O. Coudreau, num gesto de arrojo digno dos maiores aplausos, prosseguindo os trabalhos de seu marido, o engenheiro Henry Coudreau, que falecera, pouco antes, numa outra Expedição, adentrou-se pelo leito do Cuminá, na companhia de alguns caboclos, e, assim, pode chegar a 1°28' de Latitude Norte, isto é, à Boca de um Igarapé, a que deu o nome de S. João. Esse Igarapé, que pudemos reconhecer agora, fica bem acima do Morro Tocantins. Acerca dessa Expedição, a Sr.ª Coudreau publicou um trabalho, bastante divulgado, que tem por título "Voyage au Cuminá".

Bem mais recentemente, em fins de 1925, o Dr. Picanço Diniz, com quem fizemos tão boa amizade agora e que vem prestando relevantes serviços à nossa Comissão, na companhia do Dr. Avelino de Oliveira, transpor o Baixo Cuminá e foi ter aos campos, chegando também até o Morro Tocantins.

Houve, ainda, outra Expedição, cuja data não posso precisar, a do Dr. Vicente Chermont de Miranda, mas essa não pode ser levada a cabo, pois o mesmo senhor, tendo sofrido um naufrágio, em que perdeu bagagem e provisões de boca, se viu forçado a retroceder.

Como se pode concluir agora, de todos esses expedicionários, quem maior distância percorreu, subindo o Cuminá, foi a Sr.ª O. Coudreau, que se afastou uns 505 quilômetros de Óbidos". [...] (O PAIZ, N° 16.181)

Rondon e Cruls no Rio Cuminá (1928)

Recebo carta amiga contando a morte de Gastão CRULS [...] Imagino a saudade com que todos estão recordando aqueles convites para a Rua Amado Vervo, na pequena casa decorada com lembranças da viagem ao Amazonas, o sorriso enternecido à lembrança de suas brincadeiras, que tinham um perfume de meninice, de primeiro-de-abril antigo – os presentinhos anônimos, os cartões disparatados que deixavam risonhos e intrigados os seus destinatários. (QUEIROZ, 1959)

Louis Ferdinand Cruls

O astrônomo Louis Ferdinand Cruls nasceu na Província de Brabante, Bélgica. Serviu no Exército belga como Engenheiro Militar de 1869 a 1872. Em 1874, participou da viagem inaugural do paquete "*Orénoque*" rumo ao Brasil e, em 1875, publicou um trabalho sobre métodos de repetição e reiteração para leitura de ângulos. O reconhecimento pela excelência do seu trabalho permitiu que fosse admitido como Adjunto no Imperial Observatório do Rio de Janeiro. Seis anos depois assumiu o cargo de Diretor do Observatório.

No Observatório, de que era Diretor o Dr. Louis Cruls, praticava, à mesma ocasião, meu companheiro na jornada de 15 de novembro, Tasso Fragoso, e ambos fomos trabalhar sob a direção do astrônomo Dr. Morize. (RONDON)

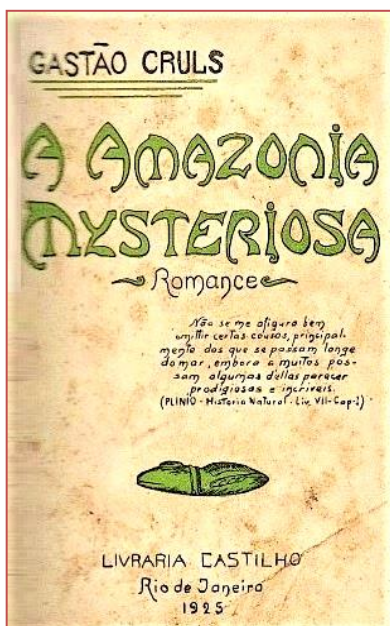
Rondon teve seu primeiro contato com os Cruls em 1890, quando foi designado pelo Chefe da "*Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia*", Major Gomes Carneiro, para aperfeiçoar a prática de observações astronômicas no Observatório Nacional, antigo Imperial Observatório – denominação alterada após a Proclamação da República.

Em 1892, Cruls chefiou a Expedição científica denominada "*Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*". A Comissão, conhecida como "*Missão Cruls*", tinha como meta estudar a orologia – ciência da formação das montanhas, condições climáticas e higiênicas, natureza do terreno, qualidade e quantidade de água e uma série de outros quesitos da área do Planalto Central, onde seria construída a futura capital do país, Brasília.

Gastão Luiz Cruls

O médico sanitarista, geógrafo, astrônomo e romancista Gastão Cruls, filho do *Dr. Louis Cruls,* nasceu no antigo Observatório Astronômico do Morro do Castelo, na Cidade do Rio de Janeiro, em 04.05.1888, e nela faleceu a 07.06.1959.

Iniciou seus estudos no Colégio Rush. Com a transferência da família Cruls para Petrópolis, foi matriculado no Ginásio Fluminense que ao encerrar suas atividades, obrigou-o a continuar os estudos no Colégio São Vicente de Paulo (CSVP). Retornando ao Rio de Janeiro, conclui o secundário no Colégio Pedro II.

Formou-se em Medicina em 1910, especializando-se em Medicina Sanitária. Gastão Cruls estudou Medicina por vontade própria mas, logo depois de formado, teve dificuldade em se adaptar às atividades profissionais e foi se afastando progressivamente de procedimentos que o levassem a manter contato com pacientes.Sob o pseudônimo de Sérgio Espínola, começou a escrever seus primeiros contos nos idos de 1914, que mais tarde condensou em um único volume, editado em 1920, chamado "*Coivara*".

A obra, porém, que lhe deu maior renome foi "*A Amazônia Misteriosa*", em 1925 e, graças ao sucesso alcançado, a partir de 1926 dedicou-se exclusivamente à literatura. "*A Amazônia Misteriosa*" foi baseada nas mitológicas Amazonas, e transformada em filme em 2005, com o título de "*Um Lobisomem na Amazônia*". A sua obra tinha como cenário a região Norte do país, ainda desconhecida pessoalmente pelo autor. Em 1928, Cruls resolveu conhecê-la pessoalmente acompanhando a Expedição do General Rondon, que, nos anos de 1928 e 1929, subiu o Rio Cuminá até os campos do Tumucumaque. A viagem iniciou a 13.09.1928 e Cruls retornou após ter chegado aos campos situados ao Sul da Cordilheira do Tumucumaque, seguindo o conselho de Rondon, enquanto o General e sua equipe continuaram até chegar às próprias Cordilheiras. O livro "*A Amazônia que eu vi*" é fruto dessa épica jornada que Cruls relata na forma de um Diário de Viagem. O relato de Cruls, ao contrário dos demais viajantes que o antecederam, não possuía nenhum interesse econômico, e os outros integrantes da equipe, por sua vez, se encarregavam dos objetivos científicos, sua função na Expedição era simplesmente de ser o seu "*cronista*". Cruls demonstra, diferentemente dos pesquisadores estrangeiros, um profundo respeito pela cultura regional, reportando curiosidades e interessantes informações colhidas junto aos membros mais humildes da Expedição.

A Nomeação de Rondon

A 15.01.1927, recebia Rondon o seguinte ofício do Gen Chefe do Departamento do Pessoal da Guerra:

> *N° 36 – Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1927.*
>
> *Ao Exm° Sr. General-de-Divisão, Cândido Mariano da Silva Rondon*
>
> *Do Chefe do Departamento do Pessoal da Guerra.*
>
> *Sr. General,*
>
> *Comunico a V. Exª que o Sr. Ministro, por Aviso n° 9 de 8 do corrente, declara que vos nomeou para proceder à minuciosa inspeção das fronteiras do país, para estudar as condições de seu povoamento e segurança. Outrossim, declara que ora providencia para que, pelo Estado Maior do Exército, sejam organizadas as respectivas instruções.*
>
> *Saúde e Fraternidade*
>
> *(a) Gen E. Pamplona.*

Início da "*Campanha*"

> **RONDON:** Era desejo do Presidente Washington Luiz que a inspeção ficasse concluída até o fim do seu Governo. O Ministro da Guerra, General Nestor Sezefredo dos Passos, daria todo o seu apoio, proporcionar-me-ia todos os recursos e o Estado Maior do Exército baixaria as devidas instruções. Para organizar a Comissão, mobilizei meus antigos companheiros de sertão, os veteranos da Comissão Telegráfica. Só a 1° de junho pude instalar a sede da "*Inspeção Fronteiras*" em uma sala do Instituto dos Surdos Mudos (no RJ) e iniciar a campanha. Emprego a palavra "*campanha*" para destacar as fases do programa a realizar – significa "*rumo ao campo*", isto é, ao sertão ou à fronteira e se traduz nas expedições organizadas cada ano, de acordo com as Diretorias do Estado Maior do Exército e com os

recursos ou verbas orçamentárias de que podia dispor. E o lema dessas campanhas era sempre: "*Vencer, até o impossível!*"

Tracei o plano de iniciar a inspeção pelo Norte, dividindo o trabalho em dois setores de ação: o das fronteiras do Estado do Pará, com três turmas, e o das fronteiras do Amazonas com cinco. A 17 de agosto, embarcava eu no Prudente de Moraes. A Capitania do Porto permitiu a saída do paquete em péssimas condições e levou-nos arrastando-nos, porque a maior parte do tempo só funcionava uma das caldeiras. Nos portos, iam elas sendo reparadas e, em Belém, onde só chegamos a 3 de setembro, aproveitei nova pausa forçada para visitar a primeira seção da Estrada de Ferro de Bragança. No trem especial de inspeção seguiu conosco, entre outros, o Dr. Gastão Cruls. A 7 de setembro, ancorávamos em Óbidos, onde o Major Polidoro Barbosa e o Tenente Adriano Silveira, da turma da Guiana Holandesa, vieram-me informar sobre os serviços que lhes haviam sido confiados. (RONDON)

13 de setembro de 1928

RONDON: A 13, saíamos de Óbidos para a fronteira holandesa, penetrando no Trombetas pelo furo Maria Teresa. Tomei a penetração pelo Trombetas e seu afluente da margem esquerda, o Cuminá, como eixo principal da exploração, rumo aos afamados Campos Gerais – pela primeira vez descobertos pelo Padre Nicolino e que a exploração de Madame Coudreau levou até as proximidades da fronteira – cerca de 150 quilômetros aquém da nascente do Cuminá.

Era a Cordilheira Tumucumaque, divisa com a Guiana Holandesa, considerada inacessível pelo lado brasileiro. *Em vista de suas dificuldades, tomei a mim a chefia dessa Expedição*. (RONDON)

CRULS: A partida estava marcada para as treze horas, quando a "*Amazonina*" largou da ponte, começando a subir o Amazonas. Daqui até a primeira Cachoeira do Erepecuru, teremos o relativo conforto de uma alvarenga ([142]), que é rebocada pela lancha a gasolina. O Amazonas, defronte a Óbidos, experimenta a maior angústia ([143]) do seu percurso: grossas águas que se afundam a mais de cem metros, mas não abarcam dois quilômetros de largura. [...] Logo de início, a uma curva, deixamos para trás o casario de Óbidos, antemurado por uma barranca de arenito, que desce a prumo sobre o Rio. Contudo, a escarpa é passageira, e não tarda que o capim venha coser-se à fímbria d'água numa fofa e risonha alcatifa ([144]) ondeante aos olhos da viração, e de onde exsurgem ([145]) aningas ([146]) de largas folhas envernizadas. (CRULS)

14 de setembro de 1928

RONDON: A 14, largou nossa embarcação para o acampamento do Tronco, início das cachoeiras do Cuminá – e dos embaraços que se sucederiam em série ininterrupta. Penetramos no Rio: cachoeiras e, com elas, obstáculos a crescer, de tal forma, que resolvi modificar a organização da Expedição, reduzindo a bagagem ao menor volume possível e mandando regressar a Manaus a lancha "*Amazonina*", a Alvarenga e os batelões que não podíamos utilizar, ficando no porto duas embarcações apenas. Mandei, ao mesmo tempo, que o Tenente França voltasse a Óbidos, para trazer mais mantimentos, uma vez que a demora seria maior do que supuséramos inicialmente.

---

[142] Alvarenga: lanchão. (Hiram Reis)
[143] Angústia: angustura, passagem estreita, garganta. (Hiram Reis)
[144] Alcatifa: tapeçaria. (Hiram Reis)
[145] Exsurgem: erguem-se. (Hiram Reis)
[146] Aningas: aroídeas, planta herbácea que cresce na água. (Hiram Reis)

O impaludismo grassara de modo assustador no Baixo Trombetas – invadindo o acampamento de vanguarda – e a viagem se tornava cada vez mais penosa. Sucediam-se as cachoeiras – Tronco, Laje Grande, Jundiá, Caldeirão, Patinho, Martinho, Inferno, esta com cerca de 50 metros. Recolheu-se, então, ao RJ, o Major Polidoro que também caíra com impaludismo. (RONDON)

CRULS: Já vamos Rio acima quando o Sol aparece sobre a crista do arvoredo à margem direita. O Trombetas, em face a Oriximiná, tem a sua maior largura, embora disfarçada por muitas Ilhas que se dispõem ao fio da corrente. Aí ele se acresce de águas do Nhamundá, que lhe envia um braço robusto. Como se vê, não devemos andar longe do Reino das Amazonas, pois foi à Foz desse último Rio que as lendárias guerreiras atacaram a Orellana e os de sua comitiva: "*Aquí dimos de golpe en la buena tierra y señorío de las Amazonas*", diz Frei Gaspar de Carvajal, o cronista da viagem, que conheceu de perto a força das nossas Icamiabas, recebendo na ilharga ([147]) um valente flechaço.

Seja real ou fictícia a remota existência da decantada ginecocracia pátria, o fato é que é nesta zona que se encontram os famosos amuletos, servindo de insígnia à mesma tribo, e que têm dado motivo a tantas controvérsias. Na verdade, sobretudo à margem Setentrional do Amazonas e, principalmente, da costa do Paru às cercanias do Jamundá devem-se quase todas as pedras verdes até hoje conhecidas, conforme assinala Barboza Rodrigues, num dos seus trabalhos sobre o assunto. Ainda em Belém, confirmou-me essa asserção o Dr. Carlos Estevão de Oliveira, autor de memória ainda inédita sobre o mesmo tema e em mãos de quem [com que inveja o

[147] Na ilharga: no flanco. (Hiram Reis)

escrevo!] pude admirar dois dos mais belos muiraquitãs que já tenho visto. São eles duas peças zoomórficas, ambas representando rãs, abertas no mais puro jade, e em tudo iguais a uma que é reproduzida nas páginas de Barboza Rodrigues e eu aproveitei para ilustrar a capa da minha "*Amazônia Misteriosa*", nas suas primeiras edições. Tornam-se mais escassas as habitações à beira-Rio. Em compensação, pululam as ciganas, agarradas aos galhos das oiranas ([148]) e assustadiças à nossa passagem.

É pena que sejam tão malcheirosas essas aves, que não deixam de ser curiosas, no sarapintado das suas penas, a lembrarem, de fato, a garridice ([149]) com que se entrouxam as filhas da Boêmia. Antes das dez horas, rompemos a Barra do Cuminá, larga Enseada onde as águas são recebidas pelo Trombetas. Este segue então para Oeste, enquanto a nossa Alvarenga faz-se de proa para a direita, buscando a Bacia daquele que iremos conhecer até as nascentes. [...] O baixo Cuminá é um dédalo ([150]) desnorteante, semeado de Lagos e Ilhas [...]. (CRULS)

16 de setembro de 1928

RONDON: A 16 de setembro, atingimos a Cachoeira do Mel. Era o início da segunda série de grandes tropeços da navegação do Cuminá. A largura do Rio, de 400 m, acima da Cachoeira do Inferno, reduzira-se a 200 m, na do Mel, onde fizemos acampamento. Pena é que se tivesse retirado o Major Polidoro, pois todos os doentes vinham entrando em convalescença. Prosseguia a viagem, penosamente. O calor era causticante. Dentro da canoa, com Sol a pino, chegamos a suportar a temperatura de 42°C. (RONDON)

[148] Oiranas: arbusto, semelhante ao salgueiro. (Hiram Reis)
[149] Garridice: o coquetismo, apuro excessivo no trajar. (Hiram Reis)
[150] Dédalo: labirinto. (Hiram Reis)

CRULS: Travei hoje conhecimento direto com as águas do Cuminá. Sendo o primeiro, o banho não podia deixar de ser dos mais cautelosos. É que se não via nada de atemorizante, tinha a cabeça povoada de bichos horrendos: venenosas arraias de ferrão em riste, famélicas piranhas, traiçoeiros candirus, poraquês eletrizantes, e até qualquer enorme sucuriju que, ao menor descuido, me transformasse em almôndega, no arrocho dos seus anéis. Assim, foi banho quase que de praia, apenas com o tempo bastante para rápidos mergulhos. (CRULS)

18 de setembro de 1928

CRULS: Essa cerâmica de Santarém tem grandes pontos de contato com a proveniente da América Central, e os etnógrafos voltam a cogitar de possíveis incursões, em longínquas eras, através dos Andes, de povos do Iucatã ou Anauaque até os plainos da Amazônia. Se me reportei aos preciosos achados do Sr. Nimuendaju, é porque o material trazido do Trombetas pelo Dr. Barbosa de Faria, cacos de vasos, fragmentos de figuras, bocados de ídolos, pelo relevo do elemento decorativo, não deixam também de ter relação com aqueles. Toda a região do Trombetas parece ser riquíssima desses vestígios de civilizações extintas e com nome de "*terra preta*" são apontados os locais, alguns trabalhados pelo Dr. Barbosa, em que se podem fazer escavações na quase certeza de encontrar "*caretas*" ([151]). É esta a denominação curiosa que aí dão aos restos da cerâmica indígena, mas que na sua simplicidade traduz bem a principal característica de tais trabalhos, isto é, a sua riqueza na simbolização esculturada.

---

[151] Caretas: vasos, em forma de taça, a parte superior é ligada à inferior por três cariátides antropomorfas. (Hiram Reis)

Mas entre tudo o que foi colecionado pelo nosso companheiro, releva mencionar certa peça de argila branca e bem polida, talvez uma ânfora ou urna cinerária, tendo às faces, num belo modelado, cabeças que não deixam de lembrar estilizações egípcias. (CRULS)

19 de setembro de 1928

CRULS: O General convidou-nos hoje para uma visita ao Barracão dos Porcos, ponto terminal do varadouro, de onde devemos partir dentro de alguns dias. [...] Graças a essa excursão, pisei hoje, pela primeira vez, a floresta amazônica. (CRULS)

20 de setembro de 1928

CRULS: Neste ponto em que nos achamos acampados, já parou, em fins de 1849, o botânico Richard Spruce, que iniciou a sua longa e proveitosa viagem de estudos à Amazônia, fazendo uma incursão pelo Trombetas e chegando até aqui. (CRULS)

25 de setembro de 1928

CRULS: Pelas 09h00, Pedro Maravilha aproa a canoa do General para o sítio do Lautério. É uma tapera abandonada num socalco de barranca à margem direita, onde, em outros tempos, morou o mocambeiro que lhe deu o nome. Esse preto já aí habitava quando o Padre Nicolino subiu pela primeira vez o Rio, em 1876. Foi, mesmo tendo o seu rancho por base de operações, que ele penetrou baldadamente ([152]) por alguns Igarapés das cercanias, entre os quais o Penecura, no afã de procurar os índios da região, de que contava fazer a catequese e o descimento.

---

[152] Baldadamente: sem êxito. (Hiram Reis)

Hoje, do que foi o sítio do Lautério, nada mais resta, a não ser alguns mamoeiros, que continuam a frutificar, para gáudio da bicharada, ou dos raros exploradores que por aqui passem, como o nosso grupo que dos seus frutos fez farta provisão. (CRULS)

28 de setembro de 1928

RONDON: Telegrafava-me Boanerges, a 28.09.1928:

> *Fiz excursão Cerro Cucuí, cuja altitude determinei – 480 metros. Tiramos panorama, fotografamos marcos fronteira Venezuela. Turma Cassiquiare se reunirá à minha no Içana. Vou fazer Piquiê. Combinei Dr. Glycon encontro Cachoeira Tunuí, no Içana, devendo ele me esperar se eu, até sua chegada, não tiver ainda regressado do alto Cuiari. Desci hoje Cucuí, tendo ali despachado minha turma naturalista destino alto Cassiquiare.*
>
> *Estou Boca Rio Xiê que subirei amanhã, levantando até seus formadores Tuapori e Canhocandela. Este Rio é habitado somente parte baixa, muito aquém citados afluentes. Vou subir Xiê motogodile. Dentro 7 dias estarei sua Foz Rio Negro para subir Içana. Além deste Rio vou levantar seu afluente Cuiari que é linha fronteira até suas cabeceiras. Retrocedendo, prosseguirei Içana até fronteira para descer e subir outro afluente Aiari donde passarei para Uaupés pelo varadouro existente.*
>
> *Subirei este Rio até a Foz Querari, extremo fronteira – Descendo Uaupés até Embocadura seu afluente Papori que subirei também por ser linha de fronteira. Se dispuser tempo levantarei também Rio Tiquirê, afluente Uaupés muito Povoado.*

Cooperaram com o Capitão Boanerges o botânico Dr. Filipe Lusterlbourg e o geólogo Dr. Glycon de Paiva Teixeira do Ministério da Agricultura – na fronteira com a Colômbia e a Venezuela. Já havia o Dr. Lusterlbourg colaborado na campanha de 1927 ao Rio Diabo que é a fronteira com a Guiana Inglesa.

Com a estação rádio que conduzíamos e instalávamos nos acampamentos, ia recebendo e transmitindo despachos – Rio, Belém e Óbidos. *Podia assim atender às administrações da Comissão Telegráfica*, *do Serviço de Proteção aos Índios e das turmas da Inspeção de Fronteiras*.

Essa madrugada senti frio e andei à procura de agasalho. Nessa ocasião ouvi a cantoria dos guaribas. Aliás, parece que estes macacos não dormem. Não acordo uma só vez sem que os encontre em lúgubre e infindável responso ([153]). (RONDON)

CRULS: O Gertum, ontem à noite, travou conhecimento com uma tocandira, das mais famosas formigas daqui, não só pelo tamanho, como pelos terríveis efeitos de sua picada. Tão depressa ele foi mordido, em um dos dedos, sentiu logo dormência em todo o braço e, pouco depois, tinha o gânglio axilar a reagir. Contudo, foi sempre mais benigna essa reação do que aquela sofrida por Spruce que, vítima do mesmo acidente, se sentiu mal por várias horas, com febre alta e vômitos repetidos. É verdade que o naturalista inglês foi atacado por muitas delas. E dizer-se que, em muitas tribos indígenas, se faz da picada dessas formigas uma prova de resistência física, exigida aos rapazes que se queriam emancipar.

Há mesmo quem afirme ser de uso entre os ritos matrimoniais dos Urucuyanas, fecharem-se hermeticamente os noivos numa rede cheia das mesmas formigas. Assim, os dois jovens, no afã de se livrarem de tão incômodos hóspedes, rápido também se libertavam de qualquer constrangimento ou gesto de pudor que, acaso, os separasse em semelhante conjuntura. (CRULS)

---

[153] Responso: palavras pronunciadas ou cantadas nos ofícios da Igreja Católica, alternadamente por uma ou mais vozes de uma parte, e pelo coro de outra parte. (Hiram Reis)

30 de setembro de 1928

CRULS: O Sampaio fez hoje importante descoberta... arqueológica. Das suas frequentes excursões botânicas pelos arredores do acampamento, voltou trazendo um salto Luiz XV e uma travessa de celuloide. Espanto de todos nós e muitas conjecturas a respeito. A quem se poderiam atribuir tais pertences da exclusiva indumentária feminina? Afora as índias, desde logo afastadas de qualquer cogitação, ao que nos conste, apenas duas mulheres já se perderam por estas alturas: Madame Coudreau, a valente exploradora francesa, e Martinha, a tal preta que acompanhou a Expedição Diniz ([154]), servindo-lhe de interprete junto aos silvícolas. Ainda que muito saibamos a respeito da faceirice das francesas, não será ao pé de Madame Coudreau que ajustaremos o sapato de salto alto, pela razão muito simples de que, ao tempo da sua viagem, ainda não existia o varadouro de que nos vamos servir agora, e ela teve de seguir sempre pelo Rio, através das cachoeiras, sem fazer pouso neste ponto. Ademais, retratos seus, como aquele que ilustra o livro "*Voyage au Trombetas*", dão-na masculinizada durante as expedições, quando vestia largas pantalonas ([155]) e se enfiava em botas reúnas. Resta, portanto, Martinha. E por que não aceitar que a preta do Erepecuru seja em tudo igual às suas irmãs cariocas, que "*aberinjelam*" o rosto com camadas de carmim e, acompanhando a moda do "*ton sur ton*", só usam meias cor de carne? [...]

---

[154] Expedição Diniz: Dr. José Picanço Diniz, organizador e chefe da comitiva; engenheiro Avelino Ignácio de Oliveira, geólogo adido; Francisco Thomé, auxiliar deste; Martinha, mulher intérprete ou "*língua*" da expedição, a fim de acamaradá-la com os índios Pinacotós, moradores da região; Pedro Maravilha e Manoelzinho, pilotos cachoeiristas; Rufino, Carlos e Alfaita, proeiros; Ernesto, Orberto, Francisco Barrozo e Manoel Rufino, remeiros. (OLIVEIRA, 1842)

[155] Pantalonas: calças compridas de boca larga. (Hiram Reis)

O Dr. Diniz, José Picanço Diniz, advogado inteligente e culto, é hoje figura principal na zona que percorremos. Desde Belém, habituamo-nos a ouvir repetidamente o seu nome, como a pessoa que melhor conhece esta região e de cujos conselhos e préstimos muito teremos que beneficiar. Enfarado da política, em que militou por muito tempo, chegando mesmo a situações de relevância, há alguns anos estabeleceu-se às margens do Cuminá, para dedicar-se sobretudo à exploração da castanha, em abundância nas suas matas. De espírito lúcido e ânimo empreendedor, as suas vistas se haviam de voltar desde logo, entretanto, para os famosos campos gerais, descobertos pelo Padre Nicolino, em 1876, e justamente a montante da sua propriedade, mas já nos altos do Rio.

O aproveitamento desses campos, como solução ao difícil problema da pecuária no Pará, tem preocupado o Governo Estadual, que já os fez visitar por mais de um expedicionário, todos acordes na excelência das suas pastagens, ainda que de penoso alcance, dada a impraticabilidade do Rio. Far-se-ia preciso uma estrada de rodagem, que aos mesmos conduzisse, através da floresta. Foi também por conhecê-los e ajuizar das suas possibilidades que, em fins de 1925, até eles se abalançou o Dr. Picanço Diniz, mas então por conta própria e fazendo uma viagem para a qual teve por companheiro o Dr. Avelino de Oliveira, geólogo do Ministério da Agricultura. Como se vê, estamos diante de um homem precioso e que já conhece boa parte do trajeto que deveremos percorrer, até atingir a fronteira. Vejamos o que ele nos diz com relação ao Rio e às suas tão faladas cachoeiras. (CRULS)

3 de outubro de 1928

CRULS: Quando apanho um dos nossos caboclos a jeito, dou de língua e tudo faço para que ele fale desembaraçadamente. Assim vou colhendo dados sobre esta região, de que eles são senhores, uma vez que a sua maioria todos os anos vem por aqui, na ocasião da colheita da castanha. (CRULS)

4 de outubro de 1928

CRULS: Terminada a leitura do terceiro e último volume do Stedman, o General emprestou-me um precioso caderninho, que lhe foi dado em Óbidos, e onde o Padre José Nicolino de Souza anotou dia a dia, do próprio punho, os trâmites das suas três viagens ao Cuminá Grande. Tratando-se de um original em grande parte inédito, é obra verdadeiramente valiosa e tem para nós um interesse todo particular, uma vez que, durante largo trecho da nossa jornada, servir-nos-á de roteiro. Em Belém, por bondade do Dr. Carlos Estevão, eu havia conseguido uma cópia da parte inicial desse mesmo diário, cuja publicação fora começada pela Revista de Estudos Paraenses, em 1894. Na mesma ocasião, aquele amigo deu-me também o traslado de certo artigo do engenheiro Gonçalves Tocantins, igualmente inserto na aludida revista e onde obtenho alguns dados biográficos acerca do Padre Nicolino.

Sei, assim, que ele nasceu na Cidade de Faro, em 1836, de procedência humilde e tendo por mãe uma índia. Desejando votar-se à carreira eclesiástica, fez estudos em Óbidos, e foi mandado, mais tarde à França, onde completou o estudo teologal ([156]) nos seminários de Seriguex e Aire.

[156] Teologal: que tem Deus por objeto. (Hiram Reis)

De volta ao Pará, já ordenado presbítero, começou por lecionar no seminário e, depois, foi Vigário de Monte Alegre e Óbidos. Consta que, durante a sua estada na França, teve oportunidade de ler o trabalho de um Missionário que cruzara grande parte da América do Sul e aludia aos campos existentes na vertente Meridional da Cordilheira Tumucumaque.

Daí, a primeira ideia das suas viagens, entretanto, só levadas a efeito muito mais tarde quando, já em Óbidos, soube que mocambeiros, residentes no Cuminá, confirmavam a realidade dos tais campos, pois que alguns deles até lá já haviam ido, na companhia dos silvícolas. Pode-se dizer que o Padre Nicolino foi o primeiro explorador do Rio Cuminá. Na verdade, antes dele – para não falar em Spruce, que apenas atingiu a Cachoeira do Tronco – houve a viagem de certo Tomás Antônio d'Aquino.

A ele se reporta Francisco Caldas de Araújo Brusque, antigo Presidente do Pará, no seu relatório de 01.09.1862, à Assembleia Legislativa da Província, em tópico relativo aos índios do Trombetas:

> *Segundo o testemunho de um explorador de nome Tomás Antônio d'Aquino, que na suposição de encontrar riquezas naquele Rio, subiu pelo seu principal ramo denominado Cuminá até encontrar as cachoeiras, e deste ponto em diante, seguiu caminho por terra por espaço de 13 dias consecutivos [...]*

Como se vê, é uma vaga referência pela qual não se consegue saber quem era esse tal Aquino, nem em que ano realizou a sua exploração. Parece, entretanto, que não o conduz nenhum intuito patriótico, como ao Padre, que desejava ajuizar não só da valia daqueles campos, como promover a catequese e descimento do gentio da região. Ao sacerdote paraense devem-se três viagens ao Rio que vamos agora percorrer.

A primeira, e mais importante, foi realizada em 1876, quando ele, subindo o Cuminá e entrando pelo Paru, chegou até os almejados campos, pouco acima de um outeiro, que tem hoje o nome de morro Tocantins. As duas ulteriores viagens, de 1877 e 1882, não lograram o mesmo êxito.

Já então, ambas visavam à abertura de uma estrada que permitisse mais fácil acesso aos campos, por maneira a aí ser estabelecido um centro de indústria pastoril, segundo desejo de fazendeiros e outras pessoas gradas ([157]) de Óbidos, que para isso se dispuseram a auxiliar a iniciativa do Padre. Infelizmente, como já disse, nenhuma dessas viagens surtiu efeito. Em 1877, o Padre Nicolino limitou-se a várias incursões pelo mato, nas imediações do Urucuiana, Rio situado logo acima das grandes cachoeiras e, da terceira vez, a morte surpreendeu-o em ponto ainda mais baixo, quando entrara pelo vale do Igarapé da Sumaúma.

Aproveitemos a oportunidade para dizer alguma coisa acerca de outros perlustradores ([158]) da região. Alguns anos após o Padre, isto é, e fins de 1893, o engenheiro Gonçalves Tocantins, dando cumprimento à incumbência que lhe fora confiada pelo Governo do Pará, atingiu o morro que hoje tem o seu nome e, confirmando plenamente o valor dos Campos Gerais do Cuminá, mais uma vez chamou a atenção dos poderes públicos para a necessidade de uma estrada que os ligasse a Óbidos.

Foi para estudar o traçado dessa estrada que, em 1894, teve lugar a Expedição chefiada pelo Tenente Lourenço Valente do Couto, também em missão do Governo Estadual. Depois de fazer um reconhecimento dos campos até ponto superior ao alcançado

---

[157] Gradas: importantes. (Hiram Reis)
[158] Perlustradores: exploradores. (Hiram Reis)

pelos seus predecessores, pois no dizer do Sr. João Sales, que lhe foi companheiro de viagem, Valente ainda subiu o Rio por 4 dias depois de transposto o Morro Tocantins – essa Expedição, tornando mais abaixo, adentrou-se pelo mato, visando ganhar Óbidos através de uma picada aberta na floresta.
Foi aí o início de uma tormentosa e acidentada travessia em que, por quase cinco meses, Valente do Couto e seus companheiros, baldos ([159]) de recursos, se viram perdidos em plena selva e tiveram de arrostar ([160]) os maiores perigos e privações.

A exploradora Otília ([161]) Coudreau foi a quarta visitante do Cuminá. Por morte do seu marido, o engenheiro Henri Coudreau, que firmara contrato com o Governo paraense, a fim de estudar os principais Rios da Guiana Brasileira, dos quais já havia percorrido vários, aquela senhora quis tomar a si a ultimação de seus trabalhos e, assim, em 1900, <u>subiu o Rio Cuminá até distância nunca atingida por ninguém</u>, uma vez que chegou a quase cem quilômetros acima do Morro ([162]). Dessa Expedição, a valorosa exploradora francesa deixou-nos bom relato no seu livro "*Voyage au Cuminá*". Passaram-se cinco lustros ([163]) sem que essa região voltasse a despertar curiosidade de novos viajantes. Assim, é de 1925 a Expedição dos Drs. Picanço Diniz e Avelino de Oliveira, a que já me reportei anteriormente e da qual resultou acurado estudo da geologia local, por parte do segundo desses senhores. Faz-se necessário mencionar ainda a malograda Expedição do Dr. Vicente Chermont de Miranda, cuja data não posso precisar, mas que, talvez, haja precedido a de Gonçalves Tocantins.

---

[159] Baldos: carentes. (Hiram Reis)
[160] Arrostar: enfrentar. (Hiram Reis)
[161] Otília: Otille. (Hiram Reis)
[162] Morro: Morro Tocantins. (Hiram Reis)
[163] Cinco lustros: cinco períodos de cinco anos = 25 anos. (Hiram Reis)

O Dr. Chermont, quando a meio da viagem, teve a infelicidade de sofrer sério naufrágio, que o pôs à míngua de recursos, forçando-o destarte a não levar avante o seu projetado alcance dos campos. (CRULS)

6 de outubro de 1928

RONDON: A 6 de outubro, pregou-nos o Dr. Cruls um bom susto: após o jantar, sentiu-se mal e recolheu-se à barraca. Piorando, chamou o Professor Sampaio, seu companheiro de rancho, que acudiu, assim como todos nós. Encontramo-lo deitado no chão e, quando o recostamos, expeliu golfadas de sangue. Felizmente o médico, Dr. Gertun, aplicou-lhe logo injeções que detiveram a hemorragia e o fizeram melhorar, a ponto de já estar acendendo um cigarro quando o deixamos, para repousar. (RONDON)

CRULS: De manhã, com o Sampaio e Benjamim, fiz uma incursão, de canoa, pelo Igarapé que deságua à outra margem do Rio, defronte de nosso acampamento. É um curso estreito e tem agora o leito muito atravancado de bancos de areias e paus caídos, razão por que não pudemos penetrá-lo muito. Contudo, o Sampaio fez boa provisão de plantas. (CRULS)

7 de outubro de 1928

RONDON: No dia seguinte, partimos para o novo acampamento, o do Breu, o Dr. Cruls com o Dr. Sampaio e o médico. Lá nos demoraríamos, podendo ele, assim, observar a dieta rigorosa que lhe fora prescrita. Dr. Cruls recuperava-se sensivelmente, firmando a sua resolução de nos acompanhar. Cuidamos de melhorar o acampamento, onde nos deteríamos para organizar a marcha para cima. (RONDON)

CRULS: Durante todo esse percurso, o terreno, apenas bombeante ou ligeiramente colinoso ([164]), é sempre suave; mas, não raro, esbarrávamos com grossas árvores derrubadas que se tornava necessário transpor ou contornar. Pensei não poder seguir hoje para adiante. A noite passada, tive também a minha rebordosa ([165]), não sei se provocada por exagero das doses de quinino com que procuro evitar o impaludismo. Vejo-me, ao deitar-me, sério embaraço gástrico, acompanhado de vômitos e grande mal-estar, aliás, tudo já prenunciado durante o dia, quando não me sentia bem. Felizmente, amanheci relativamente disposto e não foi com sacrifício que cheguei até o Pirarara. (CRULS)

09 de outubro de 1928

CRULS: Verificando a maneira pela qual os nossos homens fazem o transporte da carga, certifico-me mais uma vez de quão funda e de todos os instantes é ainda a influência indígena sobre os hábitos que observo. Nenhum deles carrega à cabeça [seria um absurdo, na mata]; mas, sim, fazendo fardos que ajeitam às costas e tem por ponto de sustentação não só as alças de sarrapilha ([166]), corda ou qualquer embira, que passam aos ombros, como também uma larga faixa, ainda da mesma matéria, que lhes cinge a fronte. Como se vê, processo perfeitamente igual ao de que se servem os índios para transportar os seus panacus ([167]). Aliás, já na habilidade manual, que é inerente a todos eles e a respeito da qual citei antes o nosso carpinteiro, como poderia ainda citar os que vi trançando esteiras com folhas de palmeiras, em todos, eu dizia, trai-se a próxima ligação com o silvícola, por excelência o nosso "*homo faber*".

---

[164] Colinoso: que tem muitas colinas. (Hiram Reis)
[165] Rebordosa: doença grave. (Hiram Reis)
[166] Sarrapilha: pano com a textura dos sacos de estopa. (Hiram Reis)
[167] Panacus: cestos grandes. (Hiram Reis)

Apoio em mais um fato o que venho expondo. Quando em Óbidos, tive oportunidade de adquirir, no Mercado da Cidade, uma pequena peneira que era modelo de graça e perfeição, pelo engenho com que fora tecida. Pois bem.Vejo agora, percorrendo as páginas de Crevaux, cujo livro data de 1883, a figura de certa urupema ([168]), que ele conseguira dos índios da Guiana e que é exatamente igual àquelas que se vendem hoje em Óbidos e são provavelmente feitas por qualquer caboclo. (CRULS)

10 de outubro de 1928

CRULS: Além das castanheiras, que se alteiam por todos os lados, temos, logo às portas do acampamento, 2 ou 3 cumaruzeiros ([169]), a árvore que fornece o cumaru ou fava-tonca, também de delicadíssima fragrância, e muito empregada na indústria da perfumaria. Depois da castanha, e emparelhando, talvez, com o óleo da copaíba, é esse um dos principais produtos do comércio da região, e com todos eles já negociavam os mocambeiros há longos anos. O cumaru é a semente de um pequeno fruto que, como o ouriço da castanha, só se colhe quando, já maduro, vem espontaneamente ao chão, onde é catado. Isto se dá de outubro a novembro. A gente daqui consegue o seu óleo pilando as sementes, espremendo a massa resultante no tipiti ([170]). Obtém-se o óleo da copaíba por meio de um furo feito a pua ou trado no tronco das árvores.

---

[168] Urupema: peneira grosseira, destinada passar a massa da mandioca ralada, peneirar o milho, o arroz, a farinha etc. (Hiram Reis)

[169] Cumaruzeiro (Dipteryx odorata): árvore de grande porte (atingindo mais de 30 m), madeira resistente e durável. Produz favas acinzentadas ou pretas com um suave cheiro de baunilha. É usada, há séculos, por possuir propriedades medicinais sendo empregada no tratamento da asma, bronquite, coqueluche, ameba, derrame, espasmos, otite, resfriado, tosse e úlcera bucal. (Hiram Reis)

[170] Tipiti: cesto cilíndrico de palha usado para espremer as sementes. (Hiram Reis)

Daí a expressão, muito usada aqui, de "*tradar*" a copaibeira ([171]). [...] Tendo-se, porém o cuidado de colocar uma bucha no orifício que serviu de escoadouro do líquido, pode-se voltar à mesma planta dois meses depois, para recolher uma outra porção, embora em quantidade menor. As árvores são sangradas de ano em ano. (CRULS)

14 de outubro de 1928

CRULS: Procurando reconciliação com o meu amigo Monteiro Lobato, no que diz respeito ao seu américa-nismo "à *outrance*" ([172]), leio, na tradução que lhe devemos, o "*Hoje e Amanhã*", de Henry Ford. Justa-mente agora, faz-se grande grita, sobretudo em Belém, contra as concessões de terras, feitas ao milionário americano, às margens do Tapajós. Não sei em que base foram assinados tais contratos, nem tenho em grande simpatia as baforadas de auto-mática que com o nome de civilização nos chegam dos EUA; mas não vejo como se há de combater uma possível imigração ianque quando, anualmente, continuamos a receber muitos milhares de portugue-ses, na maioria analfabetos. [...] (CRULS)

21 de outubro de 1928

RONDON: A 21 de outubro partíamos. Depois de grande azáfama, tomou a monção rumo da fronteira, fazendo vanguarda a canoa capitânia. Eram 10 embarcações, conduzindo algumas delas uma tonela-da que era preciso, às vezes, descarregar completa-mente, para vencer as corredeiras, de degrau em degrau.

---

[171] Copaibeira (Copaifera langsdorffii): o óleo-resina pode ser utilizado, "*in natura*" como combustível para motores diesel e na medicina popular como anticéptico, cicatrizante, expectorante, diurético, laxativo, esti-mulante, emoliente e tônico. É a maior fonte natural conhecida de cariofileno, importante antiinflamatório. (Hiram Reis)

[172] À outrance: excessivo. (Hiram Reis)

Alargou-se o Rio atingindo 800 m. E o seu leito era uma só pedreira, sobre a qual iam os carregadores pulando, com pesados volumes ao ombro, podendo qualquer descuido dar lugar a irremediável desastre. 05h30 levamos para transpor a corredeira Tracuá! E assim prosseguimos. Depois de vencer numerosas corredeiras, deparou-se-nos uma muralha de quartzo diorítico a atravessar o Rio de lado a lado, formando Cachoeira belíssima porém dificílima de transpor – então, mais uma vez: canoas aliviadas de suas cargas transportadas a ombro, embarcações guindadas por meio de cabos ([173]). (RONDON)

CRULS: Para que maior nos fosse o dia, almoçamos antes de partir e, às dez e pouco, as canoas, atopetadas de carga e bagagens, sobre as quais nos encarrapitávamos da melhor maneira possível, ganhavam o largo. Somos ao todo cinquenta e oito pessoas, divididas por dez canoas, entre outras um batelão ([174]) maior, que vai superlotado e leva muito material. [...] Não há tempo para conhecer o valor dos remadores. Apenas com alguns minutos de percurso, surge o primeiro obstáculo. É a correnteza do Bate-canela, em que uma ou outra canoa, das mais pesadas, precisa ser puxada a cabo. Como o Rio é um enorme atravancado de pedras, saltamos sobre algumas destas e vamos aos pulos, de pedrouço ([175]) em pedrouço, acompanhando o trabalho dos nossos homens, que já estão muitos dentro d'água, e se afainam na propulsão dos barcos. Mas isso é apenas um ensaio para o que nos espera pouco depois, quando chegamos ao Tracuá, a primeira Cachoeira. Aí, faz-se preciso baldear toda a carga. Embora sejam muitos os canais, todos são maus, e as canoas só lograrão transpô-los estando vazias.

---

[173] Por meio de cabos: sirga. (Hiram Reis)
[174] Batelão: canoa curta e larga. (Hiram Reis)
[175] Pedrouço: montão de pedras. (Hiram Reis)

E lá se vai o pessoal, em longa fieira sobre o lajedo ([176]), arcando ao peso dos fardos. O Rio tem neste trecho o seu leito totalmente coalhado de blocos de granito, da mais variada forma e dimensão, e só com constantes movimentos de ginástica, aos agachos e espichamentos, se conseguem alguns passos para diante. E já estamos sob o inclemente Sol do meio-dia! Felizmente, há bastante vegetação na grande Ilha do Tracuá e, à sua orla, conseguimos sítio sombreiro onde aguardar que as canoas atinjam novo ponto para reembarque. Um propício café com leite, que a todos dessedenta ([177]), prepara-nos para os novos transes da tarde, em que, por mais 3 vezes, temos de abandonar as canoas e andar batendo o pedregal, até que, já às dezoito e tanto, bastante fatigados, alcançamos, por fim, a Ilha do Santo Sacrifício, onde pousaremos. Nesta Ilha, também acampou o Padre Nicolino e, nas páginas do seu diário, louvou-se o General para dar-lhe aquela designação:

> *No dia seguinte, domingo, e 8 do mês, aí passamos, tendo ouvido o Santo Sacrifício da Missa, às 9 horas.*

O Tracuá, cujo nome provém de uma formiga, é mais um conjunto de pancadas, travessões e corredeiras do que mesmo uma Cachoeira, pelo menos agora, na época da seca. (CRULS)

25 de outubro de 1928

CRULS: Ricardo, o nosso piloto, não desdiz a sua fama de bom mateiro e, a cada passo, dá-nos informes sobre as plantas que mais nos interessam. Aqui, é uma manaiara ([178]) com a copa pintalgada de róseo; ali, uma guaxinguba ([179]) com ramalhetes

---

[176] Lajedo: laje muito extensa. (Hiram Reis)
[177] Dessedenta: mata a sede. (Hiram Reis)
[178] Manaiara: Campsiandra Laurifolia. (Hiram Reis)
[179] Guaxinguba: Ficus Anthelminthica. (Hiram Reis)

dourados à ponta dos ramos; acolá, um tororó de frutinhas miúdas, usadas no anzol, como isca aos tambaquis. Mais adiante, além de um renque de pacovas sororocas ([180]), há um catauari ([181]), cujo fruto, quando cai n'água, igualmente atrai os peixes. Aprendo também que a carapanaúba ([182]), de tronco linheiro ([183]), dá bons cabos para machado, que a itaúba é das melhores madeiras para a construção de canoas, e que o marupá e o marrãozeiro são excelentes ripeiras. Graças às suas lições, vou mesmo a ponto de distinguir o tenteiro da guaxinguba, ambos de floração amarela. É que no último, a inflorescência se reúne num único pedúnculo, ereto, ao passo que no tenteiro este se esgalha em várias ramificações. Mas os conhecimentos do Ricardo não ficam nisso e ele, esquecido, talvez, de que fala a médicos, preconiza: as folhas do tarumazeiro dão um chá muito bom nas icterícias; do suco do jutaí, que é travoso, faz-se xarope contra as catarreiras; o cozimento da casca da manaiara serve para lavar feridas; a casca da carapanaúba, também muito amargosa, é que nem quinino, para as febres. (CRULS)

26 de outubro de 1928

RONDON: A 26, transpúnhamos a linha do Equador – dias e noites com a mesma duração, surgindo subitamente, sem crepúsculo. (RONDON)

CRULS: À hora do almoço, confirma-se a existência da balata, outra riqueza desta região. Há dois dias, o General vinha observando que, ao lado das maçarandubas, abundantes nas duas margens, repetiam-se também outras árvores, com muitas características da preciosa sapotácea.

---

[180] Pacovas sororocas: Phenakospermum guyanense. (Hiram Reis)
[181] Catauari: Crataeva benthami. (Hiram Reis)
[182] Carapanaúba: Aspidosperma nitidum. (Hiram Reis)
[183] Linheiro: reto. (Hiram Reis)

É preciso dizer que a balata e a maçaranduba andam sempre juntas e são primas-irmãs. (CRULS)

27 de outubro de 1928

CRULS: Devemos ter dormido ontem sob o Equador. Não houve festas. Aliás, ao contrário do banho de que não se livram os neófitos à sua passagem sobre o bojo dos grandes transatlânticos, "*le tour de force*" ([184]) aqui seria que os mesmos, se acaso os há, se obstinassem em passar o dia em seco, sem que ao menos, uma só vez, molhassem os pés. (CRULS)

28 de outubro de 1928

RONDON: A 28, abordáramos a célebre Ilha do Garrafão onde mocambeiros haviam trucidado índios. Fora isso represália pela morte de um mocambeiro. Os Pianacotó, por sua vez, mataram este em defesa de índias que ele escravizava [...] (RONDON)

CRULS: Ao tempo da viagem de Madame Coudreau, em 1900, aqueles índios ainda tinham malocas no vale do Poana, conforme lhe disseram outros membros da aludida tribo, encontrados mais para adiante, e disso ela mesma se pode certificar, ao seu regresso, quando entrou pelo dito Igarapé e deles viu indícios recentes, embora não os avistando. (CRULS)

29 de outubro de 1928

RONDON: A 29, nova série de corredeiras. O Rio transformara-se em pedreira, o leito era vazio, em degraus sucessivos, até atingir 20 metros sobre o nível que trazíamos. Parecia impossível levar a cabo nossa empresa.

[184] Le tour de force: a proeza. (Hiram Reis)

Mas não esmorecíamos e íamos alando ([185]) as canoas a cabo, guindando-as, às vezes, sobre escadas que aí se construíam. É que nos empolgava um grande ideal! Depois de dois dias de luta Rio acima, foi preciso reparar as canoas avariadas pelo arrastamento sobre as pedras. E assim prosseguíamos, lutando com as maiores dificuldades. Era uma verdadeira epopeia. (RONDON)

CRULS: Logo de saída, mata-se a primeira anta. A nossa canoa retarda-se na colheita de plantas e ainda estamos longe quando se ouvem os tiros que a prostram. Chego, porém, a tempo de ver esquartejar o animal e, no meio da sangueira, aproveito a oportunidade para aumentar de mais alguns exemplares a minha coleção de carrapatos, destinada a um amigo do Rio. Afigurou-se-me enorme o tapir, mas objetaram-me que há maiores, principalmente entres os de pelagem rosilha. Este é preto. O General recomendou que não lhe desprezassem o couro, bom alimento para os cachorros, que vão também passando as suas privações. Soube, depois, que o assobio dessa anta, revelador da sua presença no ponto em que foi abatida, se sucedeu aos gritos de um gavião-pinhé, voando nas adjacências.

Contou-me o General ser muito frequente essa coincidência, tida pelos índios como um apelo daquele animal para que o rapineiro lhe venha catar os carrapatos. O tapir responde aos guinchos do gavião, indicando o sítio em que se acha e onde se deita preguiçosamente, à espera que a ave baixe das alturas e a venha libertar dos incômodos parasitas. Saiu-lhe mal, entretanto, a prova de hoje, pois que eu também a despojei dos carrapatos, mas já depois de morta. (CRULS)

---

[185] Alando: conduzindo. (Hiram Reis)

03 de novembro de 1928

CRULS: Apenas com 40 minutos de percurso, começamos a fraldejar ([186]) a penhasqueira ([187]) do Resplendor e não leva muito estamos defronte das inscrições rupestres que serviram à designação da Cachoeira. São quatro desenhos, de dimensões iguais, provavelmente com qualquer significação simbólica, que se repetem de espaço a espaço, sobre um paredão de granito. Como se vê de uma das nossas gravuras, há uma esquematização humana no lineamento dessas figuras, cujas cabeças se encimam de uma série de raios em semicírculo. Madame Coudreau enxerga, em tal diadema ou resplendor, a representação de um acangatara ([188]) indígena e não será para desprezar a sua comparação. O curioso é que, com ligeiras variantes essas figuras aparecem em outros petróglifos da Guiana, conforme me certifico no livro de "*Im Thurn: Among the Indians of Gui*ana". Assim, há no Rio Corentine, à jusante da Cachoeira Uanitoba, certa pedra lavrada cujo desenho é muito parecido com os que vemos aqui. Apenas, afasta-os a diferença de tamanho. O do território inglês mede mais de quatro metros de comprimento enquanto os nossos não vão além de cinco largos palmos. (CRULS)

09 de novembro de 1928

RONDON: Até aqui viajávamos com tempo excelente, mas a 9 caiu chuva torrencial. Tremenda tempestade, como em geral as daquela zona, com ronco mugir de trovões e raios a flamejar em espirais de fogo. Não se prolongou muito, felizmente a noite foi deliciosa. (RONDON)

---

[186] Fraldejar: costear a encosta. (Hiram Reis)
[187] Penhasqueira: série de penhascos. (Hiram Reis)
[188] Acangatara: cocar de penas usado pelos índios em seus rituais. (Hiram Reis)

CRULS: O Padre Nicolino e os de sua comitiva, quando chegaram a este ponto do Rio, foram todos acometidos de desarranjo intestinal e ele, que também constatara o emprego do citado cipó ([189]) pelos silvícolas, creditou a doença ao efeito do mesmo tóxico, que seria absorvido com a água bebida. (CRULS)

10 de novembro de 1928

RONDON: À margem direita do Rio, um morro e, na sua base, uma capoeira com pés de algodão carregados de capuchos abertos. Duas canoas de lasca de jatobá indicavam um porto onde paramos para examinar o caminho visível no barranco. Tomamos um trilho que nos conduziu a uma roça, depois de caminharmos cerca de 800 m para o interior. Era dos Tiriós. A plantação de mandioca e cana, com muitos cajueiros em frente, era bastante extensa. No meio erguia-se a maloca dos moradores do lugar, um rancho de forma cônica, semelhante aos dos índios Nhambiquaras, com uma única porta de 1 m de altura e 80 cm de largura. Na frente dessa maloca, dois ranchos abertos, de duas águas, completavam o conjunto da pequena Aldeia. Ninguém foi visto. Entretanto, ali estavam os sinais de terem seus habitantes deixado naquele momento o terreiro. Havia, nos ranchos abertos, beijus, massa de mandioca, peneiras, pilões, balaios, tipitis, bancos de madeira, flechas e arcos. Nos jiraus, cabaças de todos os tamanhos e feitios. Espalhados pelo chão, cajus, cará, mandioca, mamão, batata, bananas, cana, talos de palmeiras e muitos objetos usuais na vida indígena. No rancho cônico havia 7 redes armadas. Pendurados nas paredes sobre os jiraus, arcos, flechas, cabaças, pacarás e grande quantidade de objetos de uso doméstico. No terreiro, galinhas e sinais da existência de cães, nenhum papagaio nem arara.

---

[189] Cipó: timbó. (Hiram Reis)

Como não víssemos nenhum Índio, apesar de repetirmos palavras que lhes fizessem compreender a disposição amigável com que ali estávamos, retiramo-nos eu e meu filho Benjamim, os únicos a nos adiantarmos para lhes falar. No meio da entrada da porta da maloca cônica fincamos o facão que havíamos levado de presente aos novos amigos. Tínhamos certeza de estarem eles vendo e apreciando nosso movimento, no seu terreiro. Retornamos às canoas e íamos continuar a viagem, quando ouvimos gritos no barranco: eram os índios que retribuíam nosso gesto de amizade, a visita que acabávamos de fazer à sua Aldeia. Carregados de bananas e beijus vinham ao porto para nos demonstrar que eram acessíveis ao nosso carinho. Desembarcamos novamente para lhes falar, mas se retiraram deixando, no caminho, um cacho de bananas. Repetimos, então, as mesmas palavras com que havíamos entrado na Aldeia:

– *Camai ité auri cunaru isoi nênechê – Espere lá, eu quero falar com você.*

– *Aquiché amoro uiá – Você está vendo que eu sou seu amigo.*

Animaram-se, então, dois índios e uma índia, a sair do mato, visivelmente nervosos. Tremiam ao falar conosco. Abraçamo-los convidando-os a se aproximarem das canoas para melhor ver a monção. O que mais os impressionou foram os nossos cães – talvez nunca tivessem visto nenhuns assim tão grandes. Mandei desencaixotar machados, facões e pano vermelho para presenteá-los. Quis, porém, fazê-lo na sua Aldeia e por isso levei-os até lá. Receberam, com agrado, e agora confiantes, tudo quanto lhes oferecemos: para cada um, um machado, um terçado e um pedaço de pano vermelho. O Dr. Cruls ofereceu-lhes miçangas. Outros companheiros, tesouras e espelhos.

Acompanharam-nos depois até o Porto, onde nos despedimos, – dando-lhes ainda latas vazias, que foram acolhidas com vivo interesse. Quiseram saber quando voltaríamos. Marcamos-lhes três luas para o nosso regresso. Era nosso primeiro encontro com esses índios que sabíamos serem do grupo Pianacotó ([190]). Eram fortes, sadios, bem conformados. Impressionaram-nos agradavelmente, mais ainda, pelo seu natural afetuoso. A desconfiança que manifestaram inicialmente provinha, por certo, da traição dos negros fugidos e das crueldades por eles praticadas na época dos quilombos. Prosseguimos, depois de cordiais despedidas. Enquanto se transpunha nova cabeceira, penetrei sozinho cerca de meia légua para o Nascente, a fim de explorar os belíssimos campos que se estendiam para Norte, Este e Sul, a perder de vista. No meu regresso à beira do Rio, correram os meus cães um veado campeiro, prova indubitável da extensão dos campos. O Cuminá só era habitado até a Cachoeira do Tronco. Percorríamos, pois, trechos completamente desconhecidos. (RONDON)

CRULS: Por volta das 08h30, à margem direita, no sopé de uma barranca, que se diria bastante trilhada, foram vistas mais duas ou três ubás. Tudo indicava que estivesse ali a entrada para algum aldeamento e o General decidiu saltar. Acompanhavam-no o Benjamin e o Maravilha, enquanto nós outros, obedecendo às recomendações do Chefe, ficávamos ainda embarcados, guardando mesmo certa distância do pequeno Porto onde foi abicar a sua canoa. Escoado algum tempo de angustiosa espera, acreditamos fracassado o intento de contato com os índios, porque os nossos companheiros regressaram sem ter visto um só deles, embora não lhes restassem dúvidas de ser ali mesmo uma das malocas, pois que haviam chegado até as suas habitações.

---

[190] Pianacotó: Tirió. (Hiram Reis)

Os silvícolas, mais uma vez, deviam ter fugido à aproximação dos visitantes, que em vão chamaram por eles e acabaram deixando-lhes alguns presentes. Quando, já desanimados, reencetávamos a marcha, alguns gritos surpreenderam-nos e, em pouco, dois vultos se entremostravam a medo, protegidos pelos esgalhos da barranca. Tornou atrás a canoa do General e foi então melhor sucedida. Os índios, provavelmente ainda cheios de temor, haviam voltado à maloca, mas aí foram ter de novo o General e o Benjamin que, finalmente, acabaram por vê-los.

Não levou muito que o Benjamin, no intuito de fazer-lhes novas dádivas, viesse até à beira do Rio e pedisse a aproximação da canoa que transportava o caixote contendo machados. Como essa era justamente a nossa, o General distinguiu-nos a mim e ao Sampaio, com um convite para que descêssemos por alguns momentos. Seria impossível tornar o oferecimento extensivo a todos. Entre tantos estranhos, os índios ficariam muito assustados. Foi assim que, pela primeira vez, vi alguns dos nossos aborígines, vivendo ainda da maneira a mais primitiva, quase como os devem ter encontrado, 4 séculos atrás, os primeiros navegadores.

Infelizmente, eram poucos: 3 homens e 1 mulher velha. Sem dúvida, ali mesmo, existiriam outros componentes do grupo, a julgar pelo número das redes suspensas na casa grande, e esses que nos apareciam seriam apenas os mais resolutos. Aliás, mulheres e crianças, em tais ocasiões, quase sempre são postas ao abrigo do olhar estrangeiro e, por certo, antes do nosso desembarque, houvera tempo bastante para que esses e outros elementos buscassem refúgio na mata. Tive excelente impressão dos tipos que nos rodeavam, sobretudo dos homens. Como já disse, a mulher era velha e algo adiposa.

Afora o pequeno retalho de pano que lhes protegia o sexo, todos estavam inteiramente nus e, pintados de urucu, da cabeça aos pés, tinham extraordinária semelhança com figuras egípcias. Para isso contribuíam, além do colorido artificial, bem vermelho da pele, não só os traços fisionômicos, de olhos achinados e malares ligeiramente salientes, como também os cabelos pretos e luzidios, renteados em franja sobre o meio da testa e descendo até os ombros. Os homens, embora não muito altos, eram de bela compleição, com certo entono ([191]) do porte e musculatura harmoniosamente desenvolvida. Dos 3, um acusaria 40 anos, no máximo, enquanto os outros eram bem mais jovens, talvez rapazes de 20 e poucos. A índia, à guisa de tanga, trazia um trapo encarnado pendente sobre o baixo ventre. Os homens, porém, usavam o calimbé ([192]), ou rabo, faixa que, quando aberta, tem a forma de um T, cujo ramo longitudinal volteia o períneo e, já nas costas, de novo vai passar sob a cintura, para pender, por vezes, numa ponta, de onde aquele nome de rabo que lhe dão os habitantes do Rio Branco e Oiapoque. Esse traje, se assim me posso exprimir falando de indumentária tão estrita, é peculiar aos índios da Guiana e talvez lhes viesse do contato com os escravos fugidos. André Gide, reportando-se aos negros do Congo, descreve o mesmo encacho ([193]).

Quando o Sampaio e eu galgamos o talude, foi para cair logo em terreno bem roçado, onde, ladeando uma pista estreita, se viam árvores frutíferas e outras plantas cultivadas. Mais para diante, já em trecho de mato, esse caminho cortava uma grande área circular e bem limpa, talvez um centro de reuniões e festas, e só depois ia ter ao local das habitações, novo pedaço bem ensolarado.

---

[191] Certo entono: certa altivez. (Hiram Reis)
[192] Calimbé: espécie de tanga. (Hiram Reis)
[193] Encacho: tanga. (Hiram Reis)

A maloca era constituída por uma casa grande, arredondada, toda coberta de palha, e por 2 outros ranchos ou tapiris, de proporções avantajadas. Foi nas suas imediações que nos demoramos mais tempo, distribuindo presentes e recebendo em troca algumas comezainas ([194]). O intérprete fez-nos imensa falta e embora déssemos de língua reciprocamente, só a mímica nos tirava de embaraço e permitia ligeiro entendimento com os silvícolas. Achei curiosíssima a maneira por que eles falam, sempre muito apressadamente e emitindo sílabas bem escandidas ([195]). Essa linguagem picadinha, reunida à fixidez das suas fisionomias, ainda lhes imprime maior caráter ao tipo francamente asiático. Aliás, todos eles pareciam extremamente nervosos com a nossa presença e talvez não os víssemos tais como se apresentam na realidade. Deixamo-los radiantes com as nossas dádivas: muitos metros de chitão vermelho para futuros rabos, machados, facões, enfiados de contas, caixas de fósforos, anzóis, tesouras. Em retribuição, tornamos às canoas mastigando beijus e carregados das suas oferendas: cachos de bananas, mamões, toletes de cana e dois cestinhos contendo farinha de mandioca. Os beijus, primitivamente grandes rodelas com mais de um metro de circunferência, se já não tinham aspecto muito limpo e convidativo, tornavam-se ainda menos apetecíveis depois que a india, para melhor distribuição dos seus bocados por todos nós, tomava os vastos círculos entre as mãos e, trazendo-os ao encontro do corpo, partia-os com um empino da barriga.

De regresso, mais uma vez pudoemos admirar as suas roças, com plantas de algodão arbóreo, cajueiros ainda em fruto e cheirosos ananazes. [...]

[194] Comezainas: Comezaina ou Comezana, s. f. (*comer*, des. *zana*), t. famil., banquetaço, comida abundante e pouco delicada. (CONSTÂNCIO)

[195] Escandidas: palavras pronunciadas sílaba a sílaba. (Hiram Reis)

Tornando aos nossos Pianacotós, acredito que se entre eles ainda viemos encontrar alguns padrões nítidos do que foi a bela raça americana, deve-se isso tão só à situação de relativo isolamento em que até hoje se mantém a mesma tribo, habitando região nada acessível, e apenas perlustrada de raro em raro por um ou outro expedicionário.

O urucu é das matérias corantes mais em voga entre os indígenas, não só do Brasil como de outros pontos da América do Sul, e várias são as hipóteses feitas para explicar o hábito, muito frequente entre eles, de se pintarem, da cabeça aos pés, com a bela tinta vermelha que lhes fornece o invólucro das sementes daquela planta. Como não é raro que à mesma eles associem um óleo vegetal ou gordura animal, e também qualquer substancia aromática, como a almécega ([196]), houve quem pensasse que, por meio desse revestimento cutâneo, eles se precavessem ([197]) contra a picada de mosquitos e outros insetos. Crevaux, que a respeito interrogou um Índio do Japurá, ouviu deste que com tal induto ([198]) ele visava se conservar quente, isto é, resguardava-se das oscilações da temperatura ambiente.

Para o Dr. F. Tripot, viajante da Guiana Francesa em 1907, o urucu, pela sua cor vermelha, deve proteger a pele contra os ardores do Sol e destarte os indígenas, por simples intuição, usam o produto corante que, propondo-se a tal fim, lhes seria aconselhado pelos físicos e químicos mais avisados. Diz ainda o mesmo autor que, tendo-se avistado com numerosos indígenas, jamais encontrou algum que apresentasse cicatrizes de varíola e, como esta doença é das que mais os atacam após o contato

[196] Almécega: resina da aroeira. (Hiram Reis)
[197] Precatassem: precavessem. (Hiram Reis)
[198] Induto: revestimento. (Hiram Reis)

com o civilizado, ele conjectura que, ao induto de urucu, atuando propiciamente como em tais casos acontece com a luz vermelha, talvez se deva a falta de estigmatização por aquela febre eruptiva, uma vez que, sem dúvida, um ou outro dos silvícolas por ele observados, haveria de ter sofrido o seu acometimento. A menos que a doença, por extremamente virulenta, conduzisse sempre a um êxito letal, o que não é para acreditar.

Em abono desse ponto de vista do médico francês, informou-me o Dr. Sinval Lins que, em certas localidades do interior de Minas, visando à proteção da pele dos variolosos, há a prática de se pintarem os mesmos com urucu. Tudo isso, que se mantinha até agora em plenos domínios do empirismo, vem de ser confirmado por curiosíssimas e ainda inéditas pesquisas do Professor Álvaro Ozório de Almeida, que assim se podem resumir:

> *A pele pintada de urucú, ainda que em camada muito fina, fica perfeitamente protegida dos raios químicos solares, de tal modo que, mesmo uma aplicação de raios ultravioleta, capazes de queimar completamente o tegumento cutâneo, deixa intata a zona recoberta por aquela matéria corante.*
>
> *Além disso, experiências feitas com um termômetro cujo bulbo é untado de urucú e depois exposto ao Sol, mostram que a sua temperatura, quando muito, excede de um grau à de um termômetro prateado, colocado ao seu lado; equanto um termômetro enegrecido e também na mesma situação, pode marcar mais 20°C que os dois primeiros.*
>
> *É que o urucú, preservando dos raios químicos, não se aquece ao Sol, como acontece com as superfícies enegrecidas Em suma: o Índio nu, mas pintado de urucu, quando sob a ação dos raios solares, acha-se aproximadamente nas mesmas condições de um homem que, também nu, estivesse à sombra.* (CRULS)

A jornada foi hoje das mais apraziveis. Além do encontro com os índios, o rio, por muito tempo, escolheu caminho e só derivava as suas àguas por sítios encantadores, onde frondejavam peúvas diademadas de roxo e havia a sombra das itaubaranas insulares. Para a tarde, porém, renovam-se os aspectos. À margem esquerda, torna-se cada vez mais rala a vegetação justafluvial ([199]) e em pouco surge uma barranca de tabatinga, cortada quase a pique sobre o rio. Por aí, buscando terra, vemos as primeiras manchas de rechã ([200]). Na verdade, mais uma raleira ([201]) de campinarana do que mesmo o campo propriamente dito. Todavia, este não deve estar longe e é com ansiedade que o esperamos. Faz-se pouso às dezesete horas, junto do Igarapé Santo Antônio. O terreno .ainda é sujo e antes que possamos dispor as nossas redes, o pessoal abre uma tonsura ([202]) no carrascal ([203]) de vegetação enrediça ([204]) e garranchenta ([205]). (CRULS)

11 de novembro de 1928

CRULS: À falta do rádio, o subconsciente leva-me ao convívio da familia e dos amigos. Esta ·noite, sonhei que havia dado um pulo até o Rio, para saber como iam os meus e dar-lhes noticías minhas. Um trem, abeirado do Cuminá, permittia-me essa prodigiosa viagem, feita em poucas horas, e com regresso ainda a tempo de alcançar o General e demais companheiros, esperando-me num dos nossos acampamentos.

---

[199] Justafluvial: ciliar, adjacente às margens de um rio. (Hiram Reis)
[200] Rechã: área de terra plana e elevada. (Hiram Reis)
[201] Raleira: clareira. (Hiram Reis)
[202] Tonsura: corte arredondado dos cabelos no topo da cabeça, usado por clérigos. (Hiram Reis)
[203] Carrascal: vegetação constituída de arbustos duros entrelaçados. (Hiram Reis)
[204] Enrediça: que se enreda ou emaranha facilmente. (Hiram Reis)
[205] Garrachenta: que tem arbustos tortuosos. (Hiram Reis)

Tanto hontem à tarde como, hoje, bem cedo, ouvimos cantar as aracuãs, sentinelas avançadas dos campos. [...]

Às nove horas, temos a grande alegria de pisar os tão falados campos do Cuminá. Agora sim, não é mais o carrascal de ontem, mas uma linda planura relvejante, e da qual o olhar se estira pelo horizonte a fora, vendo ao longe a lomba de graciosas colinas ou as palmas dos buritizais, que esfarfalham ([206]) à viração do Norte. Depois de dias e mais dias de canoa, continuamente emparedados pela floresta, que nos cerca por todos os lados, sempre opressiva e avassaladora, é um verdadeiro desafogo respirar na campina, entre perspectivas sorridentes e batidos de chapa ([207]) pelo Sol. Foi essa a sensação que todos experimentamos hoje que também se apoderou de quantos já se perderam por aqui, a começar pelo Padre e indo até a Expedição mais recente, que é a dos Drs. Diniz e Avelino de Oliveira. Nem se furtou a igual contentamento o Tenente Goeje, quando, em 1906, penetrando pelo interior da Guiana Holandesa, depois de atravessar a floresta de Tumucumaque, caiu nas lhanuras do território brasileiro. Maior ainda do que a nossa foi, porém, a alegria do General, que aqui veio rever a flora dos chapadões de Matto Grosso e a cada passo apontava plantas muito suas conhecidas. [...]

Há indícios de que esses campos foram queimados não há muito, talvez menos de dois meses, e aqui, nestas alturas, só aos índios pode ser imputado tal trabalho. Só reembarcamos às 14h00 e em ponto um pouco além daquele em que apearamos pela manhã. Com isso, ficamos livres da Cachoeira do Chico, onde os barcos tiveram de ser puxados a cabo.

---

[206] Esfarfalham: desabrocham. (Hiram Reis)
[207] De chapa: de frente, de forma direta; em cheio. (Hiram Reis).

Por volta das 16h00, foi vista uma onça que descansava no meio do rio, espichada numa pedra. Mal nos presentiu, porém, arrojou-se n'água e lá se foi em busca da margem direita, onde o General, seguido da canzoada ([208]), procurou-a depois. Infelizmente, mediara muito tempo entre o instante da sua fuga e o aportamento da canoa e ·assim redundou improfícuo o esforço do caçador.

À tarde, novamente em pouso de campo, completa-se o trabalho dos índios, chegando um fósforo ao capim seco. É aspecto ainda inédito, que não cesso de admirar. Das palhas em que se atiçara, o fogo ganha a macega e em pouco já vai longe, lambendo as pastagens ardidas, crepitando em labaredas altas, desfazendo-se em bulcões ([209]) de fumo. É incrivel a velocidade com que se espalha, essa verdadeira nódoa ignescente, que varre os plainos, galga morros, desce pelas encostas e nada a fadiga na sua faina destruidora. Quando nos deitamos, noite fechada, ainda nos rodeia um semicírculo flamívomo ([210]) e há, ao longe, clarões que nos fazem pensar em próximas cidades nababescamente iluminadas. (CRULS)

12 de novembro de 1928

CRULS: À hora da partida, nas cercanias do acampamento, o General mostra-me novos vegetais que se encontram nos campos do Sul: o *catipé* ou *pimenteira*, a *caroba do campo*, o *sobro* e a *gritadeira*. A passagem do fogo de ontem foi tão rápida que, embora haja no chão espessa toalha de cinzas, todas essas plantas mal tiveram tempo de sentir os seus efeitos e apenas·apresentam os caules ligeiramente chamuscados. [...]

[208] Canzoada: agrupamento ou matilha de cães. (Hiram Reis)
[209] Bulcões: massa espessa de vapores. (Hiram Reis)
[210] Flamívomo: que expele chamas. (Hiram Reis)

Por quase todo o dia, volta a espessar-se a tarja de mato às duas beiras do rio. É que à nossa direita deve estar a tal ilha que, por muito extensa e tediosa, foi chamada pelo Padre de Ilha Grande do Aborrecimento. Passou-nos despercebido o ponto em que a mesma se inicia e é de acreditar que a boca do paraná-mirim tenha sido invadida por vegetação. Como o matagal dessa ilha é extremamente pujante, sentimos a impressão de costear terra firme, quando, de fato, a verdadeira margem esquerda deve estar bem afastada e também há de ser campo. [...] A mata, mais fechada dos dois lados, proporciona-nos novas peúvas ([211]) em flôr. Chamo-as assim conservando-lhes o nome do Sul. O Ricardo diz-me, porém, que essa árvore é aqui mais conhecida por parapará. Quando a pestana justa-fluvial faz-se mais rala, anunciando o campo próximo surgem os tenteiros ([212]) de sementes muito rubras ou, então, são morcegueiras ([213]) que se debruçam sobre a corrente, tentando-nos com frutos muito semelhantes às mangas, mas que, malgrado nosso, não se comem.

Quase às quinze horas, divisa-se ao longe um outeiro relvoso que, pela sua situação, à margem direita, deve ser o Morro Tocantins, onde ainda contamos chegar hoje. Os nossos canoeiros têm olhos de lince e nada lhes escapa, nem mesmo o que se passa debaixo d'água. Hoje, ao aviso de um deles, o Vicente jogou-se ao rio e, desaparecendo num mergulho rápido, em pouco surgia de mão alçada trazendo um tracajá. A despeito dos elogios que fazem à·carne desse quelônio, ainda não pudemos aproveitar um só deles. Todos trazem um desagradável gosto a desinfetante, talvez por motivo de qualquer planta com que se alimentem por aqui.

[211] Peúva: Ipê-Rosa (Tabebuia avellanedae). (Hiram Reis)
[212] Tenteiro: Ormosia excelsa ocorre amplamente em igapós ao longo dos rios. (Hiram Reis)
[213] Morcegueiras: Andira retusa ou Andira inermis. (Hiram Reis)

Pela primeira vez à tarde, temos indício de campo à margem direita. De repente, esmoita-se ([214]) a bordura de vegetação e aparece uma barranca alta e desnuda, quase a prumo sobre o rio. Também, não leva muito, defrontamos com o Igarapé das Borboletas, já à falda do Morro Tocantins. É por esse afluente que embicam as nossas canoas, uma vez que em nenhum dos lados o Parú oferece bom local para pouso. (CRULS)

13 de novembro de 1928

CRULS: Dormimos à margem do Igarapé das Borboletas, mas quase à sua barra e junto de uma cascatinha que nos proporcionou agradável banho ontem à tarde. À força de repeti-los sem qualquer acidente, nem mesmo a simples presença de algum bicho que nos puzesse em sobresalto, esses banhos são um dos melhores momentos .da viagem, principalmente quando a eles vamos já ao entardecer, depois da longa soalheira ([215]) nas canoas.

Infelizmente, dada à redução da nossa bagagem, não é para todos os dias o bem estar completo de mudar de roupa e sentir sobre o corpo o contato de algumas peças bem lavadas. Mas o caqui ([216]) atende a tudo e, aparentemente, estamos sempre limpos.

Logo pela manhã, fomos conhecer o Morro Tocantins. Seguimos a pé, pelo campo, e ao fim de alguns minutos haviamos chegado à sua cumeada. O morrote, com uns sessenta metros de altura, nada teria de extraordináario se aqui não fosse o término de algumas das Expedições que se fizeram à região, como as de Gonçalves Tocatins e dos Drs. Picanço Diniz e Avelino de Oliveira.

[214] Esmoita-se: desaparecem as moitas ou os arvoredos. (Hiram Reis)
[215] Soalheira: exposição total aos raios solares. (Hiram Reis)
[216] Caqui: uniforme. (Hiram Reis)

O Padre Nicolino assinala-o também no seu diário, mas sem a indicação de qualquer nome, pois esse, por que é conhecido agora, provém justamente de uma homenagem ao já aludido engenheiro Tocantins, que o visitou em 1893. Tanto o Padre Nicolino como Madame Coudreau não se detiveram ao atingir este ponto. O primeiro, subindo mais alguns quilômetros de rio, chegou a outros três outeiros, agrupados nas cercanias da margem esquerda. Madame Coudreau distanciou-se muito mais e foi a três ou quatro quilômetros acima de um riacho, situado à margem direita, e a que deu o nome de Igarapé da Água Preta.

É belo o panorama que se descortina do alto do Morro Tocantins, de onde já se pode bem ajuizar do valor e extensão dos campos que nos rodeiam. À nossa frente, de Este para Oeste, justamente entre os leitos do Parú e Marapi, desenvolve-se magnífica planície, de intermina alcatifa verde, apenas salpicada aqui e ali pelas touças dos miritizais, que lhe garantem a excelência das aguadas. [...]

Quando descíamos o morro, vimos chegar ao acampamento a canoa, que saíra pela manhã, em busca de José Cândido e Joaquim Rosa, extraviados ontem, por ocasião de uma caçada. O tino de José Cândido, excelente mateiro, não nos trouxe maiores apreensões, e eles aí estão prontos para outra, apenas com uma noite mal dormida no mato. O alimento sobejara-lhes na carne de três caititus mortos ontem, e dos quais nos trouxeram alguns quartos bem gordos.

Já almoçados, prosseguimos derrota pouco depois das onze e, as dezessete, saltávamos numa prainha, à margem direita. Foi pouco interessante o percurso de hoje, que seria de todo monótono se não fôra a caçada de uma anta, abatida pelo Benjamin. [...] (CRULS)

14 de novembro de 1928

CRULS: À hora em que nos levantamos, ainda fulgem astros na arqueadura do céu e o General mostra-me a Estrela Polar, que ora vejo pela primeira vez, mas é ainda o mesmo magnífico fanal ([217]) que, por muitos séculos, conduziu os fenícios até o mar mediterrâneo.

Às onze horas saltamos sobre umas pedras à margem esquerda, em ponto que não deve estar longe dos três outeiros onde o·Padre Nicolino deu por finda a sua primeira viagem. Enquanto se espera o almoço, alguns dos nossos homens aproveitam para pescar e, em pouco, é grande a provisão de piranhas e mataus. As piranhas, apenas abertas ao meio e assadas a fogo lento, num espeto, são extremamente saborosas e já aprendi com o General a saborear-lhes as bochechas, que outra coisa não devem ser senão os seus possantes músculos mastigadores. [...]

Vamos dormir à boca de outro contribuinte do Parú. Fica-lhe à margem esquerda e Madame Coudreau inscreve-o no seu mapa com a denominação de Igarapé Grande; mas como já existem outros afluentes de designação idêntica, o General dá-lhe o nome da própria exploradora franceza. Assim, doravante, ele ficará conhecido por *Igarapé Ottilia Coudreau*. [...] Com espanto nosso, depois de tão belos campos, caimos hoje em pleno charravascal ([218]) e não foi pequeno o trabalho para conseguir uma área onde pudessem ser esticadas as redes. (CRULS)

[217] Fanal: sinal luminoso que orientava os navegantes. (Hiram Reis)

[218] Charravascal: chavascal, vegetação formada por plantas lenhosas de até quatro metros, muito unidas, formando uma mata quase impenetrável e que lembra a caatinga. (Hiram Reis)

15 de novembro de 1928

RONDON: Comemorado de modo original o 39° aniversário da Proclamação da República, o eternamente glorioso 15 de novembro – um punhado de brasileiros a varar aquelas paragens, rumo à fronteira da Pátria, até onde nem mesmo portugueses haviam penetrado, glória que pertencia ao Governo que tomara tal iniciativa.Caçada interessante – à moda dos índios – fez o Dr. Gertun. Ouviu o pio do Gavião Pinhé ([219]) pedindo a senha à anta que repousava ao Sol e não tardou a responder por fortes assovios. Continuavam os dois amigos a se entender mas, antes que a anta recebesse a visita do pinhé, descobrira-a o caçador deitada, à espera que o seu bom amigo a viesse aliviar dos carrapatos rodoleiros ([220]) que a atormentavam, saciando ao mesmo tempo a sua fome. Tiro certeiro interrompeu o diálogo e as esperanças dos dois amigos da floresta. (RONDON)

CRULS: Em comemoração à data de hoje, o General pensava dar descanso ao pessoal. O nosso pouso era, porém, tão acanhado, que ele julgou mais acertado prosseguir a marcha até que se nos deparasse qualquer local para acampamento mais confortável.

[219] Gavião Pinhé (Milvago chimachima): ave da ordem Falconiformes, da família dos falconídeos, que ocorre da América Central ao norte do Uruguai e da Argentina e em todo o Brasil. Possui cerca de 40 cm de comprimento, dorso marrom-escuro, cabeça, pescoço e partes inferiores branco-amarelados, face nua e alaranjada, asas longas, com nítida mancha branca, e cauda longa. Alimenta-se de carrapatos e bernes, além de lagartas e insetos. É conhecido também como gavião-carrapateiro, papa-bicheira, gavião-pinhé, pinhé, pinhém, chimango, chimango-branco, chimango-carrapateiro e chimango-do-campo. (Hiram Reis)

[220] Carrapatos rodoleiros: Amblyomma cayennense, da família dos Ixodídeos. (Hiram Reis)

É seu desejo aproveitar-se dessa parada para reorganizar os serviços. Como o consumo de víveres vem diminuindo dia a dia a nossa carga, já não temos necessidade de tantas canoas e algumas vão voltar ao Breu para serem carregadas de novos gêneros e virem depois ao nosso encontro.

Deste modo, não só teremos garantido um suprimento que já se nos antolha indispensável, como, pela supressão de muitas bocas, o que ainda nos resta, e não é muito, poderá prover por maior tempo ao sustento dos que ficam. As decisões do General são sempre prontas e, assim que encontramos um pouso mais propício, situado à margem direita, onde desembarcamos às dez horas [...]. (CRULS)

O Paiz, n° 16.120

Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 08.12.1928

O Sr. Presidente da República Recebeu o Seguinte Radiograma, Procedente de Óbidos

Cabeceira principal, do Rio Cuminá, 15 de novembro – Tenho a honra de congratular-me com V. Exª pela comemoração da grande e gloriosa data de 15 de novembro, 39° aniversário da proclamação da República. Viajamos a 537 quilômetros Norte Óbidos próximo faixa fronteira, que devemos atingir dentro uma semana. Temos encontrado sérias dificuldades transposição Cachoeiras, uma das quais, a de "*Paciência*", nos consumiu oito dias de insanos trabalhos. Alcançamos ontem a Boca do Rio S. João, ponto mais alto atingido por Mme Coudreau, viajante que mais próximo chegou da fronteira com a Guiana Holandesa, dentro do Brasil.

Viajamos hoje parte totalmente desconhecida nunca atingida nem pelos portugueses. Gozamos excelente saúde. Estado sanitário da Expedição muito bom. Descobrimos neste Rio grande Balatal desconhecido até hoje do Governo do Pará, riqueza extrativa de grande alcance comercial, que facilitará o povoamento do Cumurá, acima Lago Salgado. Além, Balatal, Castanhal, o Rio conta riqueza seus grandes campos encerram, economicamente, aproveitável tão logo se abra estrada de rodagem que ligará Guiana e Óbidos à fronteira, atenção governo pelo seu excelente clima, apesar de estar situado próximo ao Equador, tempe ratura máxima observada à sombra 30°, mínima 19°. Os campos são semelhantes aos do planalto, cuja flora e fauna serão muito iguais, o que nos causa admiração; os índios Pianacotó que encontramos são robustos e nenhum sintoma de moléstia indicam; mantém relações comerciais com gente da Guiana Holandesa. Negros ou índios, alegres, a julgar pelos objetos encontrados em sua maloca, proveniente do comércio da Guiana. Marchamos para a frente, animados pela grandeza nossa Pátria. Saudações – General Rondon. (O PAIZ, N° 16.120)

16 de novembro de 1928

CRULS: Só proseguimos viagem às 14h30, depois de haver descido, pouco antes, o comboio chefiado pelo Maravilha. Entre os que partiram, estavam o Lourenço e o Pedro e, para substituí-los, vieram tomar lugar, na nossa canoa, o Romualdo Alfaia e, novamente, o Fortes. Ao Romualdo vai ser doravante confiado o serviço de cozinha, pois que de lá se foi também o Manoel, um rapazola empalemado ([221]), que jamais conheceu os escrúpulos de Vatel ([222]), do

[221] Empalemado: empalamado, cheio de mazelas ou edemas. (Hiram Reis)
[222] François Vatel: célebre cozinheiro francês. (Hiram Reis)

contrário ter-se-ia suicidado, desde o dia em que nos fez a primeira refeição. Quase ás 17h00, depara-se-nos um ribeirão à margem esquerda. É afluente de vulto e, em largura, quase compete com o Parú, medindo aqui uns 60 me. Contudo, ainda vive no anonimato. O General dá-lhe, porém, o nome de·*Igarapé 15 de Novembro*, visto que a ele teríamos chegado ontem, se não fôra a nossa parada tão cedo. (CRULS)

17 de novembro de 1928

CRULS: De manhã, acompanho o Benjamin e Major Reis que, metidos numa canoinha, vão conhecer melhor o leito do *15 de Novembro*. Andamos uns 3 km, até que um pedral nos dificulta a passagem. Às suas margens, de um lado e outro, uma vez vencida a orla de mato, surge um charravascal nada convidativo. Provavelmente, o campo começa mais longe. De volta, após o almoço com os demais companheiros, partimos todos ao meio dia.

Durante o trajeto da tarde, tivemos algumas corredeiras e travessões bem cacetes, sobretudo porque, às suas vizinhanças, fazem-se mais frequentes os insuportáveis piuns. É ainda um charravascal que nos recebe para o pouso da noite. Todavia, já se notam no terreno algumas clareiras, a indicar, talvez, a proximidade dos campos, conforme pondera o General. [...] (CRULS)

18 de novembro de 1928

CRULS: Até que enfim atingimos novamente os campos. E que campos! Surpreendemo-los ao saltar na Cachoeira da Onça, onde era preciso aliviar a carga das canoas. Galgando a barranca da margem esquerda, caimos logo na planura verdejante, que pouco além se eriça em graciosa colina. Para esta nos dirigimos por entre árvores já conhecidas, como

caimbés ([223]), vinháticos e perobas do cerrado, o pau-terra... [...] Muito mais ao fundo, porém, já perdida na névoa azulina, ondula uma faixa de serranias. Durante esse trajeto, o Benjamin abate uma codorniz, de plumagem pedrez e porte franzino, em tudo igual às que se encontram nos campos do rio Branco e da Venezuela e que são bem diferentes das do Sul. Pouco acima da Cachoeira da Onça, o campo vem morrer á beira d'água, numa acolhedora bordura de praia e é aí que fizemos o nosso almoço, um almoço bastante alegre, em que todos mostram ânimo bem diverso daquele que tínhamos horas atraz. É que ontem, à tarde, quando chegamos ao horrivel cerradão, que nos dera abrigo para a noite, viera-nos o receio de que os campos não fossem o que esperávamos e daqui por diante nos ameaçassem as supliciantes marchas no charravascal. Felizmente, parece que o perigo está afastado. O terreno complaina-se limpo à nossa frente e, até a fronteira, creio que não teremos mais do que o tapiz ([224]) esmeraldino das planuras, apenas entrecorridas de cabeceiras, onde os miritizais flabelam ([225]) as suas palmas, e empoladas aqui e ali por uma ou outra collina ervecida.

Pelas horas da tarde, o campo acompanha-nos, renteando ([226]) a margem esquerda do rio, e a ele, por várias vezes, chegamos um fósforo, que não se atarda em levantar altas labaredas. Assim, viaja-se sempre entre rolos de fumo e ao escurecer, quando portamos para dormir, já nos espera uma larga área toda em cinza. Ao seu fundo, está um morrote, também escalvado e pronto a receber o mastro em que, amanhã, tremulará a nossa bandeira. [...] (CRULS)

---

[223] Caimbé: Coussapoa asperifólia. (Hiram Reis)
[224] Tapiz: tapete. (Hiram Reis)
[225] Flabelam: abanam. (Hiram Reis)
[226] Renteando: passar rente, próximo a. (Hiram Reis)

19 de novembro de 1928

RONDON: Sobre o campo das Maxalalagás ([227]), erguia-se um belo morro, com a forma de carapaça de jaboti – no seu cimo é que levantamos um mastro onde, ao meio-dia de 19, hasteamos a Bandeira Nacional, acompanhando, em tão longínquas paragens, a emoção cívica que, nos corações brasileiros desperta essa data. Saudando nosso amado Pavilhão que, nessas paragens tremulava pela primeira vez, contemplamos o vasto horizonte da fronteira que até então se havia conservado fechada. Ao local onde haviam aportado as canoas, a 400 km da Cachoeira do Tronco, demos o nome de *Porto da Festa da Bandeira*. Os campos onde nos achávamos eram parecidos com os do Planalto Central – chamavam-se Campos Gerais do Planalto do Norte, ou da Cordilheira Tumucumaque. Pareceu-me conveniente assinalar com um mastro um ponto da margem direita do Rio, onde começava a faixa limítrofe.

Pouco acima desse ponto, começamos a penetrar na grande saliência da fronteira que entrava pela Guiana Holandesa, formando uma pronunciada hérnia geográfica, onde nascia o Cuminá. Na largura dessa faixa, era essa zona despovoada de índios. Por outro lado, tudo levava a acreditar que seria território onde nunca pisara civilizado, o que explicava o desconhecimento em que estava o Governo de tão interessante zona do território nacional. Nosso vizinho tinha, entretanto, perfeita ciência das raias do seu território, pelos exploradores e viajantes ilustres que haviam atingido a Cordilheira. O brasileiro, malgrado o sangue português e Índio que lhe corria nas veias, não se preocupara em explorar o seu País. Com a República é que apareceram as tentativas mais sérias nesse sentido.

[227] Maxalalagás: saracura do chapadão. (Hiram Reis)

Concluiria a nossa Expedição o conhecimento da periferia da Nação, ficando apenas por explorar certas mesopotâmias compreendidas entre os grandes Rios a serem descobertos. Prosseguíamos vemcendo as dificuldades que o Rio apresentava à navegação e realizando trabalhos de exploração. Eram tão grandes essas dificuldades que resolvi formar uma base central de operações no Campo das Colônias, para nela apoiar o reconhecimento da Cordilheira e da Linha da Fronteira. Cumpria, entretanto, averiguar os obstáculos que as cachoeiras oporiam à nossa marcha.

Assim, enquanto se organizava o acampamento da futura base, fui com meu filho fazer um levantamento, Rio acima, na menor canoa, seguida pela da mira. Trabalhávamos com afinco, quando principiou a chover, o que vinha causar sérios transtornos ao nosso pouso ao relento. Galgávamos, para fugir à umidade, uma colina de 30 m, preparando uma fogueira. O fogo é o grande amigo dessas ocasiões. Por isso é que o homem primitivo viu nele "*Agni*", o deus da barba de ouro, o amigo, o protetor desvelado, que lhe tornava a noite em dia, que o aquecia com seu hálito quente e caricioso. Junto à fogueira, fazendo da macega colchão, conciliamos sono reparador que o cansaço e a falta de alimento haviam preparado. (RONDON)

CRULS: O General resolveu dar descanso ao pessoal e, assim, só partiremos amanhã. Por duas vezes, prestou-se continência à bandeira, galgando morrote a que já aludi, e onde nosso pavilhão foi hasteado desde cedo. A formatura de hoje teve aspecto mais solene. É que por toda a nossa gente foram distribuídos ternos novos de mescla azul ou brim riscadinho. Aliâs, a medida era urgentissima. Muitos já andavam semi-nús e, em pouco, concorreriam com os índios. [...]

Dormindo sobre o solo, não dispensamos os mosquiteiros, que armados sobre as nossas cobertas e vistos de longe, tomam o aspecto de dous jazigos muito brancos. [...] (CRULS)

20 de novembro de 1928

RONDON: No dia seguinte, antes de descer da colina, esquadrinhamos os arredores desse observatório improvisado, voltando ao acampamento ricos de dados para os nossos trabalhos. Mas encontramos, em caminho, companheiros ansiosos que vinham ao nosso encalço, sabendo que não tínhamos recursos. E seguimos juntos para o acampamento onde nos esperava lauto jantar de fígado de jaboti, prato apreciadíssimo no Norte. (RONDON)

CRULS: 13° pela madrugada! Já é frio para quem dorme ao tempo e contando com os grandes calores da Amazônia quase não trouxe agasalhos. Cada vez mais lamento a falta do pijama de lã, recambiado para Óbidos. Se o tivesse aqui, não estaria agora, todas as noites, a catar quanto trapo encontro no saco, para com eles forrar a minha rede.

O rio vai ficando cada vez mais raso e hoje já houve ocasião em que foi necessário espedregar-lhe ([228]) o leito, para conseguir passagem às canoas. Por vezes, renteamos ([229]) as margens,·de canal sempre mais fundo, mas aí há também o entrave dos paus caídos ou mesmo de ramas que se debruçam sobre a corrente e é preciso cortar. Em compensação, por quase todo o dia, tivemos campo bem limpo dos dois lados, onde a ribanceira, não raro, descia a prumo sobre o rio, sem qualquer laivo do anteparo arborizado.

[228] Espedregar-lhe: retirar as pedras. (Hiram Reis)
[229] Renteamos: passávamos rente. (Hiram Reis)

Surgiram também os primeiros veados campeiros: dois que a cachorrada perseguiu até que um deles fosse alcançado pelo *Duque*. Ávidos de carne fresca, saboreamos-lhe o churrasco ao almoço. Pela manhã, fizemos ligeiros reconhecimentos de um afluente à margem direita e um braço morto à esquerda. Ficaram sendo chamados *Ribeirão de Oeste* e *Sacado de Este*. Têm sido raros os nossos encontros com cobras. Nos campos, até agora, ainda não vimos uma só cascavel. Hoje, porém, mostrou-se a primeira sucurijú, de respeitavel tamanho, enrodilhada sobre um lagedo, a meio do rio. Foi visada pelo Benjamin, mas, embora ferida, ainda teve forças para escorregar até a água. (CRULS)

21 de novembro de 1928

CRULS: Dormimos, ontem, novamente, ao clarão de imenso brazeiro. Ao deitarmo-nos o fogo ia em linha unida pelo campo afora, numa tarja de labaredas que devia ter uns três quilômetros de extensão. [...]

O General considera esses campos de Tumucumaque como o Planalto do Norte ou Planalto Equinocial, em contraposição ao Planalto Central do Brasil. Como acontece com este último, o seu terreno também não é salitrado, mas isso em nada estorvará a indústria pastoril que aqui se há de desenvolver, em grande escala, mais cedo ou mais tarde.Para tanto, apenas será preciso fácil via de acesso à região, naturalmente uma estrada de rodagem que, partindo do Norte de Óbidos, passe pelos campos do Ariramba e do Urucuyana, onde o gado já encontrará bons sítios de repouso. Aliás a necessidade dessa estrada, cujo comprimento total talvez não exceda de quatrocentos quilômetros, já se vem fazendo sentir desde que o Padre Nicolino certificou-se da existência dos campos, e outro não foi o motivo da viagem de Valente do Couto, a quem o Governo do Pará confiara a missão de estudar-lhe o traçado.

Uma curiosidade desta região é que nela se reúnem elementos da flora e da fauna tanto dos campos do Sul como dos do Rio Branco ([230]). Assim, aqui medram o sobro ([231]) e o catipé, duas árvores frequentes nos chapadões de Mato Grosso, mas que não existem no Norte. Em compensação, as codornizes que aqui se avistam, são as mesmas que voam no Rio Branco e campos da Venezuela. Por outro lado, as floras se aproximam e, como em Mato Grosso, vicejam aqui o capotão, a lixeira, a maria-preta e a semana. Apenas variam as designações que lhes dá o vulgo. A lixeira de lá é o caimbé daqui; a semana do Sul é o merixi do Norte; o merici acaule é a orelha de veado dos campos do Rio Branco. (CRULS)

22 de novembro de 1928

CRULS: Ontem, à tarde, quando perlongavamos o olhar pelo horízonte, vimos mais de quatro léguas de campo inteiramente pelado. Na opinião do General, essa queimada deve ser a consequência de algum contra-fogo ateado·pelos Índios, talvez em resposta ao nosso. Mais tarde, por informação dos Rangús, o General soube que os silvícolas que mais frequentam estes campos são os Pianás, de proveniência Tirió, como aqueles, e cujas aldeias ficam às margens do Ribeirão Acahé, que é afluente do Parú e contraverte águas com o Sipariuini.

Logo pela manhã, ficou para·traz o *Igarapé da Água Preta* e às quatorze e trinta, um outro se assinala, também contribuinte da margem direita, chamado pelo General de *Igarapé de Noroeste*. Pode-se dizer que aquele igarapé está à igual distância deste último e do Igarapé S. João, por cuja barra passamos ontem.

[230] Rio Branco: Roraima. (Hiram Reis)
[231] Sobro: Quercus súber L. (Hiram Reis)

Só hoje iniciamos viagem por zona inteiramente desconhecida, e da qual seremos os primeiros exploradores, pois, como já tive oportunidade de referir, Madame Coudreau não ultrapassou de muito a boca do *Igarapé da Água Preta*. É impossivel deixar de ter uma profunda admiração por essa denodada mulher que, proseguindo os trabalhos de seu marido, e apenas na companhia de quatro ou cinco canoeiros broncos, se arrojou até aqui, dando cabal desempenho à missão que lhe fora confiada pelo Governo do Pará. Por quase todo o dia a viagem foi bastante penosa. O rio está muito raso e há muita pedra à mostra. [...] (CRULS)

23 de novembro de 1928

CRULS: O rio é sempre estreito e raso, mas sucedem-se os riachos e filetes d'água às suas duas margens. Nas escassas árvores ribeirinhas, onde continuam frequentes os tenteiros, esvoaçam pombas *Santa Cruz*. Não sei se é qualquer guloseima que as atrai ou se andam em período de nidificação. [...] Vamos dormir à margem direita, junto de um regato que será o *Igarapé da Triangulação*. É que daqui o General pretende fazer algumas observações, medindo as distâncias que nos separam dos contrafortes vizinhos. Um dos mais próximos, em parte revestido de vegetação, também situado nesta margem, é dos maiores e, por isso, vem sendo conhecido por Morro Grande. *Morro Grande do Cemitério* foi o seu nome ulterior, depois que o General o visitou mais tarde e nele encontrou cacos de louça e outros vestígios de antigo aldeiamento indígena. [...] (CRULS)

24 de novembro de 1928

CRULS: Há tambem um grupo da nossa gente que logo de manhãzinha se ocupa de bater a macega, abrindo um pique que nos conduza até pequena colina próxima, de onde, horas depois, temos excelente

vista sobre os primeiros contrafortes de Tumucumaque, abroquelados em linha unida no horizonte longínquo. É ainda desse cimo que o General e o Bemjamin fazem as suas observações, realizando a projetada triangulação. A cordilheira de Tumucumaque entronca-se ao grande Sistema Parima ou Sistema Guianense e as suas vertentes separam águas que vão de um lado ao Amazonas e de outro ao Atlântico Norte. Fronteira setentrional do Estado do Pará, com uma direção Leste-Oeste, ela nos separa da Guiana Holandesa e parte da Guiana Francesa.

Até hoje paira um grande mistério em torno da palavra Tumucumaque, talvez de origem Aruaque, mas com resonância Quichua, lembrando o nome de alguns imperadores incaicos. Segundo Gabriel Marcel, que já se preoccupou com o mesmo assunto, esse nome é desconhecido dos indígenas e nas primeiras cartas da região aparece grafado de diversas maneiras, como: *Tumunucuraque*, *Tumucuraque*, *Tumucurague* e *Tumucurake*. Só em 1842, pode-se ler pela primeira vez o nome *Cadeia Tumuc Humac* no ABREGÉ DE GEOGRAPHIE UNIVERSELLE, de Malte Brun e, no ano seguinte, na reedição das NOTICES OFFICIELLES SUR LES COLONIES FRANÇAISES.

No PLANO GERAL de Antonio Pires da Silva Pontes e Ricardo Franco de Almeida Serra, que é de 1798, os Tumucumaque ainda figuram com os dizeres: "*Montes que medeiam entre o Orinoco e o Amazonas e formam as cabeceiras do Rio Branco e outros que deságuam e são braços do Rio Negro*".

Para Crevaux, um dos exploradores da região, o nome *Tumuc Humac* ou *Cumuc Humac* prendese à palavra *mucú-mucú*, pela qual é conhecida entre os aborígnes a palmeira bacada. Coudreau contesta essa asserção e diz que a palavra *mucúmucú* é de proveniência criola.

Os selvicolas têm outros nomes para a mesma palmeira, que é chamada *ariqui* entre os Urucuyanas e *pinô* entre os Oyampis. O Dr. F. Tripot, que percorreu a Guiana Franceza em 1907, dá à palavra origem igual à de Creveaux. Apenas ele não precisa que planta seja o *mucú-mucú* e limita-se a dizer: "*vegetal de dois a três metros de altura, amigo dos lugares húmidos e que cresce em abundância nessas paragens*".

Já consignei, esteiado em Gabriel Maroel, cujas fontes de informação devem ser exclusivamente os viajantes franceses, que os nativos não chamam Tumucumaque ao maciço de serras em que vivem. Confirma-se essa opinião do lado da Guiana Holandesa e também do território brasileiro. O explorador Goeje, que em 1906 penetrou pela possessão neerlandesa e alcançou a vertente Meridional do Tumucumaque, diz no seu relatório que nenhum dos indígenas com quem esteve, e aos quais interpelou sobre o assunto, conhecia a palavra Tumucumaque. Por seu lado, o General, mais tarde, quando atingiu a cordilheira e tratou com os Rangús, ouviu deles a mesma resposta. Esses indios têm nomes especiais para cada um dos muitos espigões que formam a Cordilheira de Tumucumaque, mas não usam qualquer expressão que abranja genericamente os elos da grande Cadeia..[...] À tarde, depois de umas três horas de remos acima, saltamos num belo campo, então à margem esquerda, que parece ter sido queimado não há muito tempo. (CRULS)

25 de novembro de 1928

CRULS: O General resolveu ensaiar a primeira marcha a pé. As canoas, aliviadas do nosso peso, talvez consigam vencer com mais facilidade os muitos emtraves do rio, cada vez mais raso e já com uma largura que não vai além de cincoenta metros.

O General e o Benjamin, seguidos de dois ou três homens, que se incumbirão da corrente, vão continuar a medição do rio e acamparão à sua margem. Eu parto na companhia do Reis e do Gertum. [...]

Foi boa a marcha da manhã. Dos três igarapés que cortavam o nosso caminho, apenas um, maior, forçou-nos ao recurso das canoas. Felizmente, estas não estavam longe e levaram-nos, num, instante, à outra margem. Daí, já sem outro acidente, sempre abeirados do rio, seguimos para diante, até que às onze horas, em local de moitas mais gasalhosas ([232]), buscamos pouso para o rancho.

O percurso da tarde ainda foi feito por terra. O Reis juntou-se ao grupo do General e eu andei só com o Gertum. Por volta das duas horas, entretanto, de novo estávamos todos reunidos, para a passagem de certa caatinga do igapó, de mato muito embaraçado e aspecto sombrio e tenebroso. Ao seu fim, livrando-nos de um tremedal, mais uma vez saltamos nas canoas, que nos depuseram pouco acima, já em campo limpo. Ainda então, distanciei-me com o Gerlum, mas, às dezesseis horas, fomos ter ao rio, facilmente vadeável até uma ilhota, onde ficamos à espera do comboio. Este não apareceu logo e houve tempo para nos refrescarmos nas águas do Parú. [...] (CRULS)

26 de novembro de 1928

CRULS: De um lado e outro, mas principalmente à margem direita, tivemos hoje vários sacados e certos trechos que devem ser inundados na época das chuvas. Estão em flor as ingazeiras e algumas trazem os galhos afrouxelados de plumilhas brancas, até a proximidade das canoas.

---

[232] Gasalhosas: acolhedoras. (Hiram Reis)

Vemos também, logo acima das ribanceiras, reboladas de angicos, que emaranham as suas frondes, escassamente guarnecidas. O pouso da tarde é uma chapada magnífica, cujos verdes confinam ao longe com o azul esmaecido do céu, onde a lua vem surgindo enorme. (CRULS)

27 de novembro de 1928

CRULS: Por manhãzinha, ao saudar o General, ele teve esta frase, que me sensibilizou: "*Hoje, lembrei-me muito de seu pai. Houve um eclipse total da Lua, que durou até às cinco horas*". Na verdade, quando saltei da rede, em vez do luar com que nos deitáramos ontem, notei certa opacidade na atmosfera e, observando o céu, vi que a Lua, quase inteiramente velada, mostrava apenas um crescente claro.

Viajem muito má. Por todo o dia as canoas rascaram o fundo, coalhado de pedrouços. De um ou outro ponto mais alto, percebe-se bem a faixa da cordilheira, por vezes toucada de nuvens, que lhe escondem os visos mais elevados. É ainda um excelente campo o nosso pouso de dormida. Aliás, deve ser apenas a continuação daquele em que estivemos ontem e ficava também à margem esquerda. Aqui, porém, há um maior número de colinas, todas bem relvosas, formando aprazíveis convales ([233]).(CRULS)

28 de novembro de 1928

CRULS: o·General, Benjamin e alguns homens partiram, pela manhã, nas duas canoas menores, afim de estudarem as condições do rio para diante. Só depois desse reconhecimento é que ficará resolvido se ainda continuaremos por água ou se será melhor marcharmos a pé pelos campos, até atingir a cordilheira.[...]

[233] Convale: planícies entre pequenas colinas. (Hiram Reis)

São quase dezoito horas e com surpresa nossa o General e o Benjamin não regressaram. Desde a hora do almoço que os esperamos, uma vez que eles partiram desprevenidos e a não ser o recurso da caça ou pesca, devem estar até agora sem qualquer alimento. Já temos feito várias conjecturas a respeito dessa demora e uma delas é a de que hajam encontrado os Índios e tenham ido visitá-los. Por aqui devem viver os *Langoe*, mencionados na carta holandesa e com aldeiamentos na base da cordilheira. Ontem, observando o horizonte, o General viu alguns rolos de fumo que, talvez, partissem das malocas desse gentio. É possível tambem que ele e o Benjamin se entusiasmassem com o serviço e resolvessem adiantar o levantamento do rio. Agora, já noite, não creio que eles possam regressar. Ficou combinado que amanhã, bem cedo, o José Cândido e o Cenobilino partirão a pé, buscando encontra-los e levando alguns recursos de boca. (CRULS)

29 de novembro de 1928

CRULS: Passamos o dia bem aflitos. Vimos novamente chegar a hora do almoço sem que aparecessem os companheiros anciosamente esperados. Nessa anciedade vamos até a tarde quando, para gáudio de todos, surgem José Cândido e Cenobilino com a boa nova de que haviam encontrado os ausentes, aos quais nada ocorrera e que já vinham também a caminho do acampamento.

De fato, menos de meia hora depois, regosijavamonos com a presença do General e Benjamin, perfeitamente dispostos e nada arrependidos do churrasco sem sal e da noite mal dormida. Com isso ficara-lhes na caderneta mais um alentado trecho de levantamento do rio, aliás nada favorável ao nosso itinerário, tanto que, daqui por diante, ao menos nos primeiros quilômetros, deveremos andar a pé. (CRULS)

30 de novembro de 1928

CRULS: Parece que só partiremos depois de amanhã. O General decidiu que se faça aqui uma base de operações, com depósito de mercadorias, e onde permanecerá parte da nossa gente. Para diante só seguirão três canoas das menores e há ordens para que cada um reduza o mais possível a sua bagagem. Quanto à minha, já está quintessenciada num unico saco, mas não é sem grande pesar que abro mão do meu "*nécessaire*". [...] (CRULS)

1 de dezembro de 1928

CRULS: Até agora estávamos acampados à beira do rio, mas hoje vamos passar mais para cima, já em pleno campo, onde foi batida uma larga área e vai ser construído o depósito para os nossos gêneros. [...] Este acampamento ficará com o nome de *Base das Colinas* e num dos seus morrotes vai ser implantado um marco de madeira com as iniciais I. F. [Inspeção de Fronteiras], gravadas a fogo. (CRULS)

2 de dezembro de 1928

CRULS: Nova marcha através dos campos, da Base das Colinas até aqui, um morrote à margem direita, onde chegamos por volta das 13h00. Para ganhar este lado do rio, esperamos pelo avanço das canoas, que subiram quase vazias. Parte da carga veio às costas de alguns homens, que nos acompanharam pelo campo.

Foi sobre este outeiro que dormiram o General e o Benjamin, naquele dia em que não tornaram ao acampamento. O nosso grupo está agora reduzido a 21 pessoas. Além do estado-maior, 9 remadores, 3 em cada canoa, e 5 carregadores. Hoje, para facilitar a jornada, almoçamos antes de partir, – às 05h30!

Deste cerro, com uns trinta metros de altura, há perfeito descortino da Serrania de Tumucumaque, embora ainda não se perceba se os seus espigões são revestidos de floresta ou pastagens. Antes da cintura de montanhas, avulta um pico granítico e escalvado, que pela sua configuração lembra o nosso Pão de Açúcar e assim vem sendo chamado, desde a primeira vez em que o vimos, faz alguns dias. Daqui, porém, a sua vista está um pouco prejudicada porque, antes dele existe, também na margem esquerda, outro comoro, este todo relvoso, e que, baixo e elíptico, se escarrapacha sobre o solo, como se fora uma grande tartaruga. Aqui também vai ser implantado um marco e o morrote ficará conhecido por *Morro do 3° Marco*. Já aludi ao segundo, assinalando a Base das Colinas. O primeiro foi fixado no Morro da Triangulação. Quase não trouxemos alimentos e doravante é preciso contar com os recursos da pesca e caça. Hoje conseguimos quatro jabotis, um pato e duas ou três piranhas. Às dezoito horas, passam a festo das nossas cabeças uns vinte ou trinta passarões. Vão em grupo unido e procuram, talvez, o quiriri de algum lago solitário. (CRULS)

3 de dezembro de 1928

CRULS: Devíamos viajar de canoa, mas à última hora, como os carregadores continuariam a pé, eu e o Gertum resolvemos acompanhá-los. Antes da partida, ficou combinado que o encontro de todos se daria no morro da "*tartaruga*". [...] Buscando dispensar o auxílio das canoas, saltamos sobre o pedral de uma cachoeirinha e por ele fomos na esperança de que assim, quase a pés enxutos, lográssemos escalar a outra barranca. Mas surgiu-nos ao fim da travessia uma "*mair molle*" d'água, de difícil vadeação sem que nos molhássemos muito, achámos preferível esperar os companheiros. [...]

À aproximação da canoa em que viajavam o General e Benjamin tivemos passagem para a margem esquerda e partimos em direitura à "*tartaruga*", logo à nossa frente. O campo que cruzamos, então, era dos mais belos que já temos visto. [...]

O General e demais companheiros também vieram ter aí e depois de atenta inspeção da serra fronteiriça, tornamos todos à beira do rio. onde nos esperava o almoço.

À tarde, viajei junto do Sampaio, numa das canoinhas. O trajeto foi curto e não andamos mais de duas horas até fazer pouso à margem esquerda. O rio é sempre acidentado e de espaço a espaço emcontramos travessões e pedras barrando-o de lado a lado. Valem-nos estas comportas naturais, que represam as suas águas em compartimentos quase estanques, onde as canoas encontram calado.

Conforme verificamos ainda há pouco, subindo a uma colina não longe do nosso pouso, o Pão de Açúcar levanta-se em pleno campo e fica situado muito antes da cordilheira. Está, portanto, em território brasileiro e é por isso que não foi assinalado no mapa holandês. Daqui também se vê muito bem, ainda mais para o Norte, o Awalali, que figura na mesma carta com a altitude de quinhentos e noventa metros. Antes de estarem armadas todas as barracas, fomos surpreendidos por forte aguaceiro. Felizmente, o Reis já tinha o seu toldo levantado e deu-nos agasalho por algum tempo.

O nosso estado sanitário, desde que atingimos os campos, vem sendo muito bom. Ninguém mais adoeceu e os próprios impaludados deixaram de ter acessos. É verdade que aqui é mínimo o número de anofelídios e esses não encontram em que se infectar. (CRULS)

4 de dezembro de 1928

CRULS: Ainda hoje fizemos mais um percurso de canoa, até às dez horas, quando pousamos à margem esquerda. O rio, que nos trechos mais largos não alcança quinze metros, voltou a ter forte pestana às duas margens, e as árvores não raro confundem as ramarias, formando um verdadeiro docel de verdura sobre as nossas cabeças. [...]

Aqui, onde estamos, há indícios de que os índios já pararam. Alguns paus, ainda em pé, traem um tapiri desfeito. Nos campos, os carregadores encontraram também várias árvores cortadas por eles, para a retirada do mel. A canoa em que viajamos agora não tem grande estabilidade e os remadores dizem que ela é "*espreiteira*" ([234]). Por outro lado, de casco bastante avariado, vem fazendo muita água, e é preciso estar constantemente a esvaziá-la. Creio que ainda passaremos aqui o dia de amanhã. O General está com desejo de fazer um reconhecimento até o *Pão de Açúcar*, agora bem à frente do nosso acampamento e do qual não nos devem separar muitos quilômetros. (CRULS)

5 e 6 de dezembro de 1928

RONDON: A 5, enquanto esperávamos o regresso dos homens que eu despachara, em busca de três de nossos cães que se haviam extraviado, resolvemos ver de perto o nosso *Pão de Açúcar*, pico que vínhamos observando de longe. Às 7, partia a pequena caravana – eu, o médico, o cronista, o topógrafo em busca do grande monólito que calculávamos poder atingir com uma hora de marcha mas, quanto mais andávamos, mais distante nos parecia o gigante de granito – curiosa ilusão de ótica.

---

[234] Espreiteira: instável, sem estabilidade. (Hiram Reis)

Chegamos mortos de sede – mas em vão varamos de um lado para outro o buritizal de uma cabeceira; inutilmente tentamos furar uma cacimba e tivemos de voltar a uma poça de água de chuva, na rocha da orla da cabeceira, para beber, apesar dos detritos de toda espécie que aí se continham.

Embora com a sede ainda mais aguçada, cumpria não perder tempo. Era penosíssima a ascensão. Resolveu o médico ficar deitado na pedra da base, à nossa espera. Diante dessa resolução, propus a subida por outro ponto mais acessível. Enquanto isso, o topógrafo, Benjamim, como mais moço e mais ágil, prosseguia por um curioso processo: subia sentado, de costas para o cume, com movimentos conjugados de pernas e braços.

Seguia com os companheiros e quando, depois de 2 horas de inauditos esforços, atingimos o cume, já o Benjamin havia inscrito o seu nome e a data do feito, e se preparava para descer. Deitamo-nos sobre a pedra quente, para dar tempo ao coração de retomar o seu ritmo, antes de iniciar nossas observações.

Descemos, depois, acossados pela sede. Tudo o que encontramos foi um pouco de água de chuva, dentro das dobras das folhas de piteiras aí existentes – isso nos permitiu um melhor respirar. Ao anoitecer, atingimos o Paru e pusemo-nos a beber tão sofregamente que foi necessário pousar na macega, incapazes como ficamos de qualquer esforço. (RONDON)

CRULS: Vou resumir agora o que foi a nossa tormentosa excursão ao *Pão de Açúcar*, da qual só tornamos hoje, às dez horas da manhã, cansadíssimos e esfomeados. [...] o General resolvera ficar aqui por mais um dia, a fim de visitar aquele pico, de onde deveria obter excelente vista sobre a Cordilheira.

Para fugir às tediosas e intermináveis horas de estagnação no acampamento, o Gertum e eu assentamos de fazer o mesmo passeio e, às sete horas, um pouco antes do General e do Benjamin, que logo a seguir nos vieram alcançar, pusemo-nos em marcha, através dos campos. De tal modo enganam as distâncias que o *Pão de Açúcar* nos parecia, então, a 3 ou 4 km, e eu e o meu companheiro seguimos na certeza de que, quando muito, às 12h00, poderíamos estar de volta. Tanto assim que partimos inteiramente desprevenidos de qualquer provisão de boca e nem mesmo o seu cantil, que nunca o abandona, foi lembrado pelo Gertum. Não tardou, entretanto, que nos apercebêssemos de quanto era grande a nossa ilusão. Já havíamos andado umas boas duas horas e o *Pão de Açúcar*, sempre à nossa frente, ainda não mudara de aspecto e parecia tão longe como quando deixáramos o acampamento. E, assim, lá se foram mais outras 2 horas; ainda a passo acelerado, quase sempre por terreno suave e limpo; mas, algumas vezes, atufados nas macegas, rompendo por brocotós e minhocais, ou ainda transpondo cerros de solo pedregoso e híspido ([235]). Se minutos antes do meio-dia tínhamos atingido a falda do bloco de granito, ainda nos foi preciso varar o espesso Capão de Mato que o circunda, e onde baldadamente andamos à procura de qualquer nascente ou veio d'água que nos dessedentasse. Durante todo o percurso, não encontráramos uma só cabeceira e há muito já trazíamos a boca grossa e seca. Apenas, à entrada daquele mato, um providencial lajedo escavado guardava, de mistura com folhas mortas e outros detritos orgânicos, um pouco de água de qualquer chuva recente, e sobre ele nos acurvamos sôfregos, mais para refrescar os lábios do que mesmo para mitigar a sede, pois para tanto não dava o que ali se nos oferecia como uma dádiva divina.

---

[235] Híspido: duro. (Hiram Reis)

Agora, restava escalar o alcantil...

A rocha, com aclives de 45° a 55°, surgia-nos escalvejada ([236]) e escorregadia e por todo ponto de apoio nada mais víamos do que mesquinhas touças de ervas esturricadas e uma ou outra piteira, de longas folhas agressivas que, aqui e ali, muito espacejadamente, lhe mordiam a superfície.

Contudo, foi a custo dessa vegetação de ramas urticantes e caules espinescentes que, aos agachos e recuaços, ferindo as mãos e rasgando as roupas, logramos gatinhar-lhe a lombada. Muitas vezes, cosidos à pedra e já a certa altura da penhasqueira, tivemos de retroceder caminho, pois diante de nós a escarpa novamente se apresentava desnuda e era preciso ir em busca de outras crostas de capim seco ou esgalhos de sarça bravia onde fincar os dedos, manter um pé ou escorar os joelhos, até que avançássemos mais alguns palmos.

O Benjamin, de botinas grampeadas, tinha melhores pegadas sobre o granito resvaladiço e assim pôde vencê-lo por onde o General, o Gertum e eu vimos baldadas algumas tentativas. Eram quase 14h00, quando, exaustos e banhados em suor, atingimos o alto do pico, magnífico belvedere ([237]) sobre a Cordilheira que estadeava ([238]) à nossa vista a sua extensa cadeia de montanhas.

Com exceção de alguns morros de Este, talvez as cabeceiras do Paru de Almeirim, apenas ervecidos, toda a serrania é em floresta, – uma fechada e portentosa floresta que se inicia ainda no plano, não longe da base do *Pão de Açúcar* e, logo a seguir, ganha os primeiros contrafortes e reveste todos os outros espigões.

---

[236] Escalvejada: sem vegetação. (Hiram Reis)
[237] Belvedere: mirante. (Hiram Reis)
[238] Estadeava: ostentava. (Hiram Reis)

Ao alto do pico, há uma pequena coroa de vegetação xerófila ([239]) e foi à sua sombra, bafejados por agradável brisa, que nos refizemos um pouco da árdua escalada, embora na aridez circunjacente não víssemos amostra de gota d'água com que suavizar a nossa sede cada vez mais ardente. Só nos demoramos por aí o espaço de alguns minutos, mas era de igual modo difícil a descida do respaldo clivoso ([240]), do qual não nos livramos antes das 15h30 e por onde, sempre aos escorregões, andamos novamente em luta com os caules espinhosos e as folhas farpantes. [...] (CRULS)

7 de dezembro de 1928

RONDON: Prosseguíamos, vencendo tropeços, labirintos de canaletes. O Rio estava tão atravancado de paus caídos que tomei a resolução de concluir o levantamento por terra e pela orla da mata, até o fim dos campos gerais. Ficou assentado o regresso do Prof. Sampaio e do Dr. Cruls. Nada mais adiantariam no conhecimento do vale do Cuminá e da faixa da fronteira do gigantesco despontamento do *Pão de Açúcar* sobre o Planalto. Acompanhar-nos-iam, porém, até nova ascensão do Pão de Açúcar. (RONDON)

CRULS: À hora do jantar, o General expõe-nos nova organização, que lhe parece urgente dar ao serviço. Escassos como vêm sendo os recursos de caça e pesca, é impossível pensar em levar até a fronteira um grupo tão numeroso como ainda somos, principalmente porque, daqui por diante, já não se poderá ter mais o auxílio das canoas e tanto o material como as provisões de boca terão de ser levados às costas dos carregadores. Por outro lado, a marcha na cordilheira vai ser das mais penosas, uma vez que se trata de espessa floresta, exigindo a abertura de

[239] Xerófila: plantas de climas secos. (Hiram Reis)
[240] Clivoso: escarpado. (Hiram Reis)

uma picada. Por tudo isso, é ideia sua que do Pão de Açúcar para cima, apenas sigam ele, o Benjamin e quatro a cinco homens, – o mínimo indispensável à boa realização do serviço. Deste modo, nós outros, os restantes, deveremos regressar à Base das Colinas, onde ainda temos uma pequena reserva de gêneros e mais fácil será a nossa estada.

Conforme observou o General, com o alcance do Pão de Açúcar, a bem dizer está concluída a Inspeção de Fronteiras, que visa apenas o estudo das condições locais, sob o ponto de vista militar e nada tem com a demarcação de limites, afeta a outra Comissão.

Ele, entretanto, não se contenta com o que já foi feito e quer chegar até pontos mais afastados, que lhe permitam conhecer de vista não só as cabeceiras do Cuminá, na linha de fronteira propriamente dita, como ainda a Leste e a Oeste, fazer respectivamente o reconhecimento das cabeceiras do Paru de Almeirim e do Trombetas. (CRULS)

8 de dezembro de 1928 - 241

CRULS: O rio não nos permitiu mais de duas horas de percurso e, ás oito e trinta, ante uma infindável e desanimadora série de paus caídos, que lhe atravancavam o leito, saltamos à margem esquerda, sempre no campo. Já antes havíamos encontrado muitos outros entraves à navegação e não foram poucas as vezes em que nos vimos forçados a parar para meter o machado em grossos e vigorosos troncos. Agora, daqui por diante, creio que não mais usaremos as canoas, a não ser para a descida.

É verdade que estamos muito perto do *Pão de Açúcar* e deste ponto até à sua base, para onde deveremos seguir amanhã, julgo que não há nem a metade do caminho que fizemos no outro dia.

Ficou hoje decidido que o Sampaio e eu regressaremos da Base das Colinas, diretamente a Óbidos. O Sampaio tem justificado receio de que o seu material botânico, precariamente acondicionado, venha a ressentir-se de tão prolongada demora e, pelo que me diz respeito, vários motivos me dão pressa em tornar ao Rio. Aliás, uma vez que para nós está finda a expedição e daqui por diante nada mais iríamos fazer do que aguardar, talvez por um longo mês, que os nossos companheiros finalizassem o seu serviço, muito melhor será conseguir essa antecipação da volta. [...] (CRULS)

9 de dezembro de 1928

CRULS: Pela manhã, após o indefectível prato de aveia, pusemo-nos em marcha para o *Pão de Açúcar*. O trajeto foi hoje muito suave. Para atingi-lo, e apenas até a sua base; a distância era muito menor. A nossa bagagem ainda foi mais reduzida e, agora, até dos toldos abrimos mão. As barracas ficaram mesmo armadas no pouso por nós deixado, que vem sendo conhecido por *Base das Canoas*.

Mal chegamos aqui, o General mandou logo abrir três cacimbas no solo do capão de mato a·que já aludi e que fica abeirado da falda da montanha. Só assim conseguiremos água neste ponto, bastante afastado do rio, conforme pudemos verificar no outro dia. [...] (CRULS)

10 de dezembro de 1928

RONDON: Tivemos, ao chegar à base deste, o cuidado de cavar dois poços no leito da cabeceira, o que nos proporcionou abundância de água. Dei-lhe o nome de cabeceira Rica, pela abundância de caça e profusão de palmeiras. Dr. Sampaio não pode subir. Seu coração privou-o do prazer de galgar o mirante da Inspeção de Fronteiras [...]

Às 15h00, levantamos a Bandeira na divisa, sobre pico que tomou o nome oficial de Ricardo Franco, como homenagem a esse heroico demarcador de fronteiras. Em frente à guarda de honra da Bandeira e do meu Estado Maior, justifiquei, em rememoração histórica, os motivos que me levaram a dar esse nome ao pico, e o de Silva Pontes a um monte fronteiro. O Dr. Gastão Cruls pronunciou, então, palavras de entusiasmo e de esperança no futuro da Pátria, caracterizando os feitos concretizados nesta magnífica síntese patriótica. A corneta tocou "*marcha batida*" e os expedicionários fizeram continência ao símbolo da Pátria. Era a primeira vez que nessa região, a 686 quilômetros de Óbidos, pisavam brasileiros. Foi gravada no granito do Pico Ricardo Franco a seguinte inscrição:

Inspeção de Fronteiras General Rondon.

Viva o Brasil 10.12.1928 – Pico Ricardo Franco.

Depois, observações, fotografias. (RONDON)

CRULS: Eis-nos novamente sobre o . Pão de Açúcar. Hoje, porém, bem mais fácil foi o seu acesso. Além de estarmos repousados, os carregadores, que subiram na frente, amarraram longas cordas em um ou outro ponto e, assim, não tivemos de andar continuamente a braços com os cardos e espinheiros bravos. [...]

Às quinze horas, foi levantada a Bandeira Nacional e o General congratulou-se com todos pelo êxito da expedição. Por proposta sua, este pico será chamado, doravante, *Pico Ricardo Franco*, em memória de Ricardo Franco de Almeida Serra, o valoroso Capitão Engenheiro que com uma vida já por muitos títulos ilustre, ainda mais se celebrizou na heroica defesa do Forte Coimbra, em 1801, contra o ataque dos espanhóis.

O Awalali, da carta holandesa, como ainda se acha em território nacional, passará a ter o nome de *Silva Pontes*, outro notável engenheiro, Antonio Pires da Silva Pontes, que ao·lado de Ricardo Franco, em fins do século XVIII, trabalhou na demarcação das nossas fronteiras. O Sampaio, por ligeiramente indisposto, à última hora não pôde subir conosco e, à tarde, eu tornei ao acampamento da base, afim de não deixá-lo só. O General e demais companheiros vão dormir no alto do Pico. Amanhã, pela manhã, eles pretendem abrir, na pedra, uma inscrição que assinale a nossa passagem por aqui. [...] (CRULS)

11 de dezembro de 1928

CRULS: A adaptação ao meio...Ontem, quando desci do Pico, encontrei o Sampaio sob um legítimo tapiri indígena. É que estamos sem tolda e receando chuva, ele pediu ao Ricardo que lhe protegesse a rede com uma cobertura de folhas de palmeira. Achei boa a ideia e hoje vou tratar de fazer a mesma cousa sobre a minha. [...] (CRULS)

12 de dezembro de 1928

CRULS: Parte do nosso dia ainda foi bastante dessaborido ([241]), pois só às dezesseis horas tornaram da montanha o General e demais companheiros. Como sempre, quem surgiu à frente do grupo, ereto, garboso, firme, foi o General. É incrível a energia desse homem, de ânimo intemente ([242]) e forças inexauríveis ([243]).

---

[241] Dessaborido: carente de sabor, insulso, insípido. (Hiram Reis)
[242] Intemente: corajoso, sem temor. (Hiram Reis)
[243] Inexauríveis: inesgotáveis, infindáveis, perenes. (Hiram Reis)

Se só o conheci agora, quando já lhe encanecem os cabelos e vão longe os primeiros feitos que lhe deram renome, ainda encontro o mesmo impávido soldado, o mesmo intrépido sertanista, que há tanto tempo vinha fazendo a minha admiração. E é essa mesma uma das maiores satisfações que levo desta viajem. Quando, a pesar nosso, já tantos ídolos se esboroaram a nossos pés, é ainda um consolo ter a certeza de que há sempre um ou outro nicho em que as figuras se mantêm intactas e para as quais ainda poderemos alçar os olhos.

Foi esta a inscrição que ficou lavrada sobre a pedra, bem ao alto do Pico Ricardo Franco:

INSPECÇÃO DE FRONTEIRAS

10-12-1928

GENERAL RONDON

VIVA O BRASIL

PICO RICARDO FRANCO

O General disse-me que do alto do alcantil observou novamente alguns rolos de fumo que devem partir do aldeamento dos Langoe. De acordo com o mapa holandês, essas malocas devem ficar na encosta da Cordilheira, a uns nove quilômetros do Pico e 41° Noroeste. Conforme mais tarde apurou o General, que com eles travou relações, esses índios pertencem à grande nação *Tirió* (*Trio* e *Drio* de alguns autores) e o nome *Rangú* (*Langoe* da expedição holandesa de Goeje), é apenas o de um chefe que deu nome ao aldeamento.

Os Tiriós habitam extensa faixa da Cordilheira Tumucumaque, justamente na zona fronteiriça e, disseminados em vários grupos, tanto ocupam o território nacional como as Guianas Francesa e Holandesa. No mapa ,holandês, já referido, de 1913, há o assinalamento de mais as seguintes aldeias, todas sem dúvida pertencentes à mesma nação Tirió: *Alamoikee*, *Papai*, *Anapi*, *Soeli*, *Pakomale* e *Sikima*. Com exceção da primeira, ainda em território nacional, as demais .estão situadas na vertente Setentrional dos Tumucumaque. O General, pôr intermédio dos Rangús, também obteve o nome de outros grupos da mesma família linguística, como sejam: *Maruá*, *Caianan*, *Majoli*, *Santé*, *Maicampi*, *Apotiqui*, *Pontutú* e *Popocai*. Durante o seu tempo de contato com os Rangús, o General pode reunir um pequeno vocabulário desses índios que, mais tarde, achei interessante comparar com outro, coligido por Crevaux, entre os Tiriós. Embora muito resumido seja este último, não foram poucas as palavras iguais ou quase iguais que encontrei para um mesmo significado. Senão vejamos:

	Rangú	**Tirió**
Faca	Cachipará	Chipará
Rede	Oueitapi	Oitaqui
Fumo	Tico	Touica
Água	Tunã	Tuna
Casa	Pacorô	Pacalo
Olho	Enurú	Yenuru
Sol	Uei	Ouei
Barriga	Giuacú	Uacu
Anta	Pai	Pai

Nota curiosa: Entre os Rangús o General conheceu um casal de índios Caianans, habitantes da Guiana, que ali se achavam de visita aos seus irmãos brasileiros. O Índio dizia-se Tuxaua da sua tribo e, falando um pouco de francês, gabava-se de ter estado em Caiena e Paramaribo. Aqui, junto ao *Pico Ricardo Franco*, estamos a 687 quilômetros de Óbidos e são estas as coordenadas geográficas: Latittude 02°17’59” Norte e Longitude 55°56’47” a Oeste de Greenwich. (CRULS)

13 de dezembro de 1928

RONDON: A 13, dando por findos os seus trabalhos, partiam o Prof. Sampaio e o Dr. Cruls. Como última lembrança desses queridos companheiros, tiramos fotografias de grupos. Despediram-se, então, levando nossos melhores votos de regresso, sem acidentes, ao lar e à sociedade. (RONDON)

CRULS: Há pouco, ficou decidido que o Gertum prosseguirá para diante, acompanhando o General até a fronteira. Assim, só o Reis descerá conosco. A este pouso, da base do pico, foi dado o nome de *Cabeceira Rica*. (CRULS)

22 de dezembro de 1928

CRULS: Olho para todos esses sítios como quem se despede e faz um derradeiro adeus. Mas quem sabe lá? Se no início deste ano alguém me houvesse vaticinado vir finalizá-lo nos limites da Guiana Holandesa, isso se me afiguraria o maior dos absurdos. E, no entanto, aqui estou. Quando eu decidi esta viagem, não foram poucas as vozes que me clamaram:– “*Mas que loucura! O que é que você vai fazer no Norte? Você não tem medo das febres?*”.

Era-me difícil responder, mesmo porque muita gente ignora a existência de certas criaturas que já nasceram roídas pelo tédio e em cuja alma se pode ler o "*Quosque eadem?*" de Sêneca ([244]). (CRULS)

29 a 31 de dezembro de 1928

RONDON: Ficou assentado o levantamento da cabeceira 29 de dezembro, até sua confluência com o Parumá e deste até bem embaixo, para se formar ideia exata da direção do vale. [...] A 29, atingíamos a fronteira – a 741 km de Óbidos e, a 31, terminaríamos o reconhecimento da grande penetração, desvendando o mistério que encobria esses lindes da nossa fronteira com a Guiana Holandesa, considerados inacessíveis. (RONDON)

1° de janeiro de 1929

RONDON: Lavramos um marco de acapu ([245]) e duas testemunhas, para assinalar a fronteira – marco de descoberta e identificação. Foi ele fincado no dia 01.01.1929 – dia em que todos os povos comemoram a fraternidade, para a qual tendem os humanos; comemorávamo-nos ao mesmo tempo a conclusão dos nossos delicados trabalhos neste setor. Levantaram-se as Bandeiras confraternizadas do Brasil e da Guiana Holandesa. Ao lado do marco, na face voltada para a vertente brasileira, foi enterrada uma garrafa contendo a ata de identificação e

---

[244] Quosque eadem (Quê! Sempre as mesmas coisas?): Sêneca exprimia, com exatidão, a opinião que grassava entre os entediados pessimistas do seu tempo quando escreveu: "*Há-os que, saciados de fazer e de ver sempre as mesmas coisas, tomam à vida não ódio mas tédio. É o estado a que nos leva a filosofia, quando dizemos: Quê! Sempre as mesmas coisas? (Quosque eadem) Acordar, dormir, estar saciado, ter fome, sentir frio, ter calor; nenhuma coisa tem fim, antes todas se sucedem eternamente no mundo umas às outras; fogem agora para logo se seguirem*". (Hiram Reis)

[245] Acapu: Vouacapoua americana Aubl. (Hiram Reis)

posse da fronteira, encerrada numa sobrecarta grande timbrada com o título da Inspeção, moedas diversas, balas de revólver e de espingarda. Às 13h00, descíamos, depois de arriar a Bandeira Brasileira. Deixamos a Holandesa no mastro em homenagem à gloriosa Nação amiga, tendo executado nosso programa. (RONDON)

11 de janeiro de 1929

CRULS: 15horas – Duas coisas nos fazem saltar em Oriximiná: conseguir um pouco de pão, de que andamos saudosíssimos, e visitar a Igreja em que jazem os restos do Padre Nicolino. Esta está em ruínas e já não é mais a ermida que, no dizer de Gonçalves Tocantins, "*se avista de longe como uma bonina*" ([246]). Contudo, chegamos até os seus escombros e, sob um altar velho, abaixando-nos com grande dificuldade, podemos divisar uma lápide de cuja inscrição só conseguimos ler o Sousa. Quase às 19h00, já em águas do Amazonas, bate-me fortemente o coração, quando vejo, a certa distância, um pontilhado de luzes, que nascem à beira d'água e sobem tremulando pela encosta. É Óbidos, a Cidade que ainda há 4 meses me parecia tão humilde e pequenina e agora avulta aos meus olhos como um grande centro de civilização. (CRULS)

11 a 14 de janeiro de 1929

RONDON: Atravessáramos floresta de grande porte, semelhante à da cumeada da Cordilheira e divisor do Paru com o Parumá, galgáramos picos de cota maior de 500 m, corrêramos a cumeada da Serra Paxeu, a cavaleiro, 400 m, deste Rio.

---

[246] Bonina: diz Manoel de Faria e Sousa: "*em português Bonina é uma flor pequena, e tão delicada, que com pouco manuseio perde sua beleza, é composta de branco, e vermelho, duas cores próprias do rosto de una dama*". (BLUTEAU)

Cuidei de pagar o serviço dos índios que nos haviam servido de guias, presenteando-os com facas, facões, miçangas e machados. Ao tuxaua ofereci meu canivete de mato. Dei-lhes também sabão, sal e todas as latas vazias em que conduzíramos mantimentos. Despedimo-nos, então, desses bons amigos. Rumamos para a base central de Campo de Colinas. Desde quando aí dormíramos, Benjamim e eu formáramos o projeto de utilizar o excelente observatório que era aquele morro.

Do seu pico cruzaríamos visadas azimutais, com os pontos salientes do planalto e da Cordilheira, para um levantamento topográfico de interseções. Chegara o momento. Para lá partimos. Subida penosa porque tínhamos os pés em mísero estado, pela falta de calçado, destruído pela chuva e pelos atoleiros.

Executamos o trabalho fotográfico e de levantamento que nos propuséramos e concluímos o exame da faixa fronteiriça. Era, assim, possível completar a configuração topográfica da cordilheira, dentro dos lindes que estudáramos. Colhemos elementos etnográficos – pedaços de urnas funerárias e louças – que me pareceram de grande valor. (RONDON)

15 de janeiro de 1929

RONDON: Às 11h00 do dia 15, voltávamos à base central de Campo de Colinas, após 45 dias, com a inspeção e o grande reconhecimento completamente executados. Segundo as instruções que eu deixara, fora o acampamento muito melhorado, tendo sido construídos ranchos e depósitos. Ficava aí o testemunho da ação do Governo Federal numa fronteira completamente desconhecida. Dei, então, por terminado o serviço da inspeção, organizando a retirada para Óbidos, base reguladora. (RONDON)

16 de janeiro de 1929

RONDON: A 16 de janeiro, deixávamos a fronteira que identificáramos e da qual tomáramos posse, em nome do Governo Federal. Fizemos pouso em Campo do Monduricão, à espera dos batelões que deveriam chegar para o serviço de transporte.

Como chovia! Aliás, não havia noite sem chuva na floresta. Pela muita umidade que se condensava com o frio noturno, costumávamos dizer que "*a floresta chora à noite*". (RONDON)

17 a 26 de janeiro de 1929

RONDON: A viagem prosseguia, lentamente, sendo necessário parar, com frequência, para reparar as canoas avariadas. Em "*Duas Canoas*", estavam índios à nossa espera. Fomos à sua Aldeia – onde nos receberam com alegria – negociar mantimentos de que carecíamos e deixar brindes. Também visitamos três outras aldeias, todas de índios Pianacotó, colhendo elementos etnográficos. Criavam cães que iam negociar com os pretos Boschs, na Guiana, trocando-os por objetos de que necessitavam. Tinham com eles muito cuidado, nutrindo-os bem, preservando-os, em cercados, do "*pulex penetrans*" [bicho de pé] e, quando caçavam, carregavam-nos ao ir e ao voltar, para que se não esfalfassem ([247]). (RONDON)

27 de janeiro de 1929

RONDON: Continuamos, depois, vencendo os mesmos obstáculos da subida, e a 27 tivemos de nos deter, para cuidar dos impaludados e para transmitir telegramas! (RONDON)

---

[247] Esfalfassem: cansassem. (Hiram Reis)

11 de fevereiro de 1929

RONDON: Prosseguimos para, depois de inúmeros tropeços, inclusive a perda do meu fiel cão Tauser, chegar a Óbidos a 11.02.1929. Aí, na visita ao Ginásio Obidense, o seu Diretor, Professor Marcos Nunes, ofereceu-me o Diário do Padre Nicolino, que me havia emprestado como fonte de informações sobre parte da Zona percorrida. Aguardavam a minha chegada meu Chefe de Estado Maior, Major Boanerges, meu Ajudante de Ordens, o Contador, o etnógrafo. [...] (RONDON)

17 de fevereiro de 1929

RONDON: A 17, embarcávamos no *Duque de Caxias*, para a viagem de regresso. Recebera o paquete ordem de alterar o itinerário de modo a passar em Gurupá. Íamos fotografar e filmar as ruínas do Forte em que repousara Antônio Raposo de sua arrancada do Tietê aos Andes e ao Pacífico. (RONDON)

O Paiz, n° 16.181

Rio de Janeiro, RJ – Quinta-feira, 07.02.1929

Curiosa Viagem em Pleno Seio do Tumucumaque

Da nossa prezada colega Folha do Norte, de Belem do Pará, transcrevemos, com a devida venia, a interessante e oportuna entrevista que lhe concedeu, a 21 de janeiro último, o Dr. Gastão Cruls, representante junto à Inspeção das Fronteiras do Departamento Nacional de Saude Pública [...]

ANNO XLV

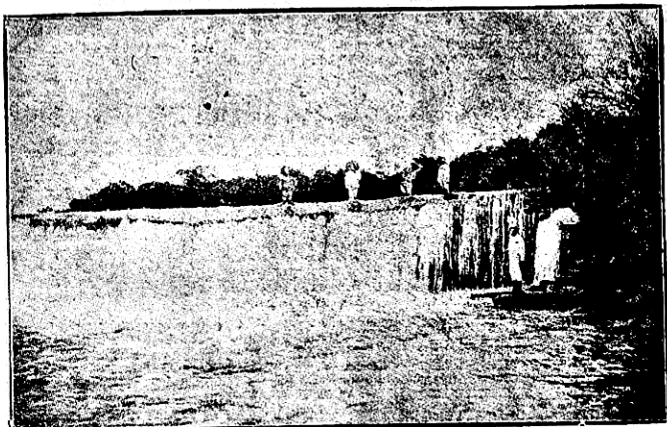
O PAIZ

Director - ALVES DE SOUZA

ASSIGNATURAS — N. 16.181

Fundado em 1 de outubro de 1884 — RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 1929 — Jornal independente, politico, literario e noticioso

CURIOSA VIAGEM EM PLENO SEIO DO TUMUC-HUMAC

OS TRABALHOS DA INSPECÇÃO DE FRONTEIRAS, CHEFIADA PELO GENERAL RONDON, NA NOVA FAIXA COM A GUYANA HOLLANDEZA

PARÁ — CACHOEIRA "PORTEIRA" NO BAIXO CUMINÁ, TAMBEM CHAMADO EREPECURÚ

Da nossa prezada collega *Folha do Norte*, de Belem do Pará, transcrevemos, com a devida venia, a interessante e opportuna entrevista que lhe concedeu, a 21 de janeiro ultimo, o Dr. Gastão Cruls, representante junto á Inspecção das Fronteiras do Departamento Nacional de Saude Publica:

"Soubemos trás-ante-hontem encontrar-se nesta capital, de volta de sua missão junto á Inspectoria de Fronteiras, chefiada pelo grande sertanista brasileiro general Candido Rondon, o Dr. Gastão Cruls, illustre escriptor e scientista patricio, chefe da secção de botanica do Museu Nacional.

Tivemos então curiosidade, no interesse de bem informar o publico, de conhecer algo mais detalhado, pelo depoimento pessoal de um competente membro dessa importante expedição, sobre a obra realizada reservava tanto mysterio sobre o valle do Cuminá são as innumeras cachoeiras e os pedraes infindos que accidentam o seu curso, tornando-o um dos nossos rios de mais difficultoso accesso. E' corrente que deve ser apavorante caudal no inverno, emquanto que no tempo da estiagem, justamente quando o percorrêmos, se remora de aguas represadas e estrassas, entre immensos blócos de granito e estirados bancos de areia, não dando vazão ás mais rasas embarcações.

O curso do rio Cuminá, tambem conhecido por Erepecurú, na opinião do general Rondon, póde ser dividido em tres zonas, assim discriminadas:

O baixo Cuminá, desde a sua foz, no Trombetas, até á cachoeira do Breu. Já nesse trecho o seu leito apresenta varias cachoeiras de impossivel transposição por agua, motivo por que foram feitos alguns varadouros pelos que se dedicam á exploração da castanha, uma das riquezas da região.

O médio Cuminá, da cachoeira do Breu á foz do Murapiche, onde o Cuminá passa a ser impropriamente conhecido por Parú. E' trecho tambem muito accidentado e no qual, sem não falar em outras, quatro grandes cachoeiras, abrangidas sob o nome de Paciencia, forçam os viajantes a um penoso trabalho de arrastamento das canoas por pedraria irregular e aggressiva.

O alto Cuminá, da foz do Murapiche ás suas cabeceiras, já na serra Tumuc Humac. E' essa zona dos campos. Ahi a floresta marginal vai rareando e, por vezes, o rio corre apenas entre altas barrancas de tabatinga. Se nesse trecho são menores as cachoeiras, o rio, por mais estreito, tem amiude a sua luz obstruida por arvores que se debruçam das suas margens ou páos rolados e galhardia secca que lhe atravancam inteiramente o alveo.

Façamos agora referencia aos outros viajantes que já se aventuraram por aguas do Cuminá.

(Continúa na 4ª pagina.)

Imagem 90 – O Paiz, n° 16.181, 07.02.1929

"Falemos, agora, da nossa viagem:

A Inspeção de Fronteiras partiu de Óbidos a 13 de setembro, subindo o Trombetas e entrando, depois, pelo Cuminá em um batelão comboiado por uma lancha, que nos foi deixar nas imediações da 'Cachoeira do Tronco', a primeira que embaraça o curso do Cuminá.

Trabalhavam ao lado do General Rondon, fazendo parte do seu Estado maior, o Major Polydoro C. Barbosa, distinto engenheiro militar; o Major Luiz Thomaz Reis, incumbido da documentação cinematográfica da viagem; o Dr. Benjamin Rondon, engenheiro civil; o Dr. João Barbosa de Faria, a quem se acham afetos os estudos etnográficos, e o Dr. José Carlos Gertum, médico militar da Missão. Logo de início, deixaram de prosseguir conosco, regressando mesmo da 'Cachoeira do Tronco', o Major Polydoro Barbosa, por motivo de saúde, e o Dr. João Barbosa de Faria, por haver sido designado pelo General Rondon, a fim de fazer estudo dos silvícolas que habitam o vale dos Rios Cachorro e Trombetas. Além desses membros, seguiram, como adidos à Inspeção, o Professor A. J. de Sampaio, chefe da seção de botânica do Museu Nacional, e quem tem o prazer de lhe dar estas informações, como representante do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Pode dizer-se que a nossa Expedição começou verdadeiramente a partir do acampamento do Breu, eu 21 de outubro. Até essa data, por motivo de longas e penosas marchas, em que toda a carga precisava ser conduzida a ombros até os postos mais avançados, vimo-nos forçados a altas mais demoradas, como, no 'Tronco', no 'Mel' e mesmo no próprio Breu, e com as quais consumimos aproximadamente um mês. A partir do Breu, entretanto, e ainda que sempre lutando com o empecilho das grandes cachoeiras, a viagem prosseguiu com toda a regularidade, Rio Cuminá acima, em longas jornadas, até que atingíssemos a região dos campos, onde, a 27.11.1928, o General resolveu estabelecer nova base para reorganização dos serviços, uma vez que o Rio, dia a dia, mais estreito e mais seco, não mais permitia a subida das canoas e era preciso iniciar a marcha a pé.

Observe-se, de passagem, que nem sempre é fácil o andar nos campos. Não raro, o seu terreno se acidenta de 'minhocais' ([248]) e 'brocotós' ([249]), que obrigam o viandante a verdadeira ginástica de pernas. Isso para não falar no solo de canga de ferro e quartzo leitosos das colinas, no qual se eriçam as esdrúxulas 'barbas de bode'. Desses acidentes do terreno se precatam ([250]) os índios usando sandálias de buriti, conforme uma que foi encontrada pelo Dr. Benjamin Rondon. Quando atingimos o acampamento acima mencionado já estávamos a 658 quilômetros de Óbidos, muito além do Morro Tocantins, e, de certas elevações colinosas, que nos serviam à maneira de mirantes, divisavam-se, não muito longe, os contrafortes de Tumucumaque. Entre essas montanhas, despertou logo a nossa curiosidade, pela bizarria da sua conformação, certo bloco de granito, que em tudo se assemelhava ao Pão de Açúcar da baía de Guanabara. Um Pão de Açúcar perdido entre a planície verde e sem ondas que lhe franjassem o sopé esmeraldino. Foi para ele que nos dirigimos, dias depois, entremeando pequenos e trabalhosos percursos de canoa com longas e repetidas marchas a pé, mas através de lindos campos, que não cessávamos de louvar e admirar.

A 10 de dezembro, seguido de todo o seu estado-maior, o General acampava no viso ([251]) dessa montanha, e, em solenidade de indelével recordação para quantos a assistiram, fazia tremular o pavilhão nacional nas lindes da nossa fronteira com a Guiana Holandesa.

---

[248] Minhocais: terrenos que, na seca, adquirem muita dureza e na estação chuvosa, formam atoleiros perigosos. (Hiram Reis)
[249] Brocotó ou borocotó: terreno escabroso obstruído por pedras. (Hiram Reis)
[250] Precatam: previnem. (Hiram Reis)
[251] Viso: alto. (Hiram Reis)

Em vibrante discurso, repassado de patriotismo, e cultuando a memória do um português ilustre, que, ao tempo do Brasil colônia, muito se bateu pela integridade do nosso território, o General propôs, então, que a essa montanha fosse dado o nome de Pico Ricardo Franco.

> *O Pico Ricardo Franco é de difícil acesso e não foi sem desmedido esforço que conseguimos galgá-lo. Ele tem uns duzentos e poucos metros de altura [quinhentos e muitos sobre o nível do mar] e as suas vertentes, com um aclive de 45 a 55 graus, são quase desnudas e extremamente escorregadias. Por todo o ponto de apoio para a sua escalada, feita entre agachos ([252]) incômodos e arrastamentos incríveis, tínhamos a agressividade de uma vegetação xerófila, ponteada de caules espinhosos, hastes farpadas e folhas urticantes...*
>
> *Contudo, se não fosse o auxílio dos mandacarus e faveleiras, a que nos agarrávamos com todas as forças, talvez lá não houvéssemos chegado. Mas para tanto sacrifício a compensação de um grande panorama.*
>
> *Do Pico Ricardo Franco, magnífico belvedere sobranceando a fronteira, o olhar circunvaga por toda a serrania de Tumucumaque, a menos de 30 quilômetros e já então em plena linha de fronteira, onde as águas do Cuminá devem contraverter com a do Tapanahoni, Rio da Guiana Holandesa.*
>
> *É preciso observar que eu já agora digo 'linha' de fronteira e não 'faixa' de fronteira, dentro da qual já nos achávamos há muitos dias, 'linha' de fronteira é a linde propriamente dita. 'Faixa' de fronteira é o território, sob a jurisdição do Governo Federal, compreendido entre aquela mesma linha e outra que lhe corresse paralelamente a 60 quilômetros de distância, para dentro do território nacional".* (O PAIZ, N° 16.181)

---

[252] Agachos: cócoras. (Hiram Reis)

O Paiz, n° 16.182

Rio de Janeiro, RJ – Sexta-feira, 08.02.1929

Curiosa Viagem em Pleno Seio do Tumucumaque

[...] *"Outro ponto a observar é que a Inspeção de Fronteiras, como o seu nome está a indicar, visa apenas o estudo das condições locais, sob o ponto de vista militar, e nada tem com a demarcação de limites, serviço afeto a outra comissão e que ainda deverá ser executado na região por nós agora percorrida.*

Por tudo isso, com o alcance do Pico Ricardo Franco, poder-se-ia dar por concluído o Serviço da Inspeção de Fronteiras, se o General Rondou não fosse um geógrafo apaixonado e não quisesse levar adiante o seu estudo da região. Desta arte, ele delineou outras incursões até pontos mais afastados, que lhe permitissem conhecer de visu ([253]), não só as cabeceiras do Cuminá, como, ainda, a Leste, as nascentes do Pará, e, a Oeste, as do Trombetas.

Essas avançadas, entretanto, só poderiam ser feitas à custa de muitos sacrifícios e por um reduzidíssimo grupo de expedicionários, dadas as dificuldades do terreno, a exigir picadas na floresta virgem e o transporte de toda a carga às costas de carregadores. Foi então que ele decidiu que grande parte da Comissão tornasse à última base do aprovisionamento e que o professor Sampaio e eu, que já havíamos concluído os nossos trabalhos, regressássemos de vez ao Rio".

---

[253] Conhecer de visu: conhecer pessoalmente. (Hiram Reis)

Gerente Romeu Ribeiro — S. A. O PAIZ — Séde social Avenida Rio Branco, 128 — RIO DE JANEIRO

ANNO XLV

O PAIZ

Director — ALVES DE SOUZA

ASSIGNATURAS — BRASIL — Anno — Semestre — Trimestre — EXTERIOR — Anno — Semestre — Numero avulso 200 réis

N. 16.182

Fundado em 1 de outubro de 1884

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 1929

Jornal independente, politico, literario e noticioso

CURIOSA VIAGEM EM PLENO SEIO DO TUMUC-HUMAC

OS TRABALHOS DA INSPECÇÃO DE FRONTEIRAS, CHEFIADA PELO GENERAL RONDON, NA NOVA FAIXA COM A GUYANA HOLLANDEZA

PAIZAGENS DA REGIAO DO RIO NHAMUNDA

Imagem 91 – O Paiz, n° 16.182, 08.02.1929

Ao General, durante essas derradeiras sortidas, acompanhariam apenas a seu filho Dr. Benjamin Rondon e o Dr. Carlos Gertum, médico da missão. Esquecia-me dizer que no Pico Ricardo Franco foi gravada na pedra, a buril, a seguinte inscrição:

Inspeção de Fronteiras – 10.12.1928 – General Rondon – Viva o Brasil! – Pico Ricardo Franco

– Se o senhor me pudesse adiantar qualquer coisa a respeito dos campos...

"Os campos, como já disse, baseado nas valiosas opiniões do General Rondon e do professor A. J. de Sampaio, pois que não tenho competência para tanto, são os melhores possíveis, ricos de belas forragens e fadados a um grande desenvolvimento da indústria pastoril no Estado do Pará. Diz o General Rondon que eles são superiores aos outros que o Pará já possui, tanto em Marajó, como no Araguari e no Uassá, do Oiapoque.

Os campos de Tumucumaque começam nas proximidades do Igarapé Santo Antônio e devem abranger uma área de uns quarenta mil quilômetros quadrados, em terreno elevado, de 300, 400 e mesmo 500 metros de altura, de solo sílicoargiloso e clima ameno e saudável, batido por ventos que sopram do Norte. Eles se devem prolongar até os campos do Rio Branco, mas já então em terreno mais baixo e deles separados pela Serra da Lua,

A sua topografia aproxima-se muito dos campos do Triângulo Mineiro, isto é, são campos também 'dobrados', com pequenos outeiros e elevações suaves e alguns cerrados e chavascais às margens do Rio. Há também, espalhados pela sua grande área, propícios capões de mato, com lindos palmitais, em tudo favoráveis aos futuros roçados e plantios.

Nas vazantes cabeceiras existem elegantes buritizais, que alteiam as suas palmas, quebrando a monotonia da paisagem campesina. Os campos de Tumucumaque, que se prolongam, uniformes, até as cordilheiras fronteiriças, são considerados pelo General Rondon o Planalto do Norte, em contraposição aos do Planalto Central do Brasil, cuja demarcação foi feita por meu pai. Como esses, eles não são salitrados, mas isso não estorvará em nada o desenvolvimento da indústria pecuária, que ali há de se desenvolver, e intensamente, mais dia menos dia.

Para tanto, apenas bastará uma fácil via de acesso aos mesmos, naturalmente uma estrada de rodagem que, partindo de Óbidos, passe pelos campos do Ariramba e do Urucuyana, onde o gado já encontrará bons sítios de repouso. É pela abertura dessa estrada, de grande interesse para a defesa da fronteira que o General Rondon se vai interessar junto ao Governo Federal e da qual muitos benefícios auferirá a rica zona conducente aos campos e onde existem produtos não despiciendos ([254]), como a castanha e a balata, para não falar nas madeiras, fibras têxteis e matérias oleaginosas.

O curioso nos campos de Tumucumaque é que neles se reúnem elementos da flora e da fauna, tanto dos campos do Sul como dos do Rio Branco. Assim, ali medram e 'sobro' e o 'caripé', duas árvores frequentes nos campos de Mato Grosso, mas que não existem no Norte. Em compensação, as codornizes que lá se avistam, são as mesmas que voam no Rio Branco e campos da Venezuela. Por outro lado, em muitos pontos, as floras se aproximam e, como em 'Mato Grosso', vicejam nos campos de Tumucumaque o 'capotão', a 'lixeira', a 'Maria preta' e a 'semana'. Apenas variam as designações que lhes dá o vulgo. A 'lixeira' de lá é o 'caimbé' daqui, a 'semana' do Sul é o 'merixi' ([255]) do Norte, o 'morici acaule' é a 'orelha do veado' dos campos do Rio Branco.

É bem de ver que eu que desconheço Mato Grosso e o Planalto Central, e só lhe posso dar essas informações, por haver trabalhado ao lado do General Rondon, um profundo e atilado conhecedor das nossas coisas e cuja palestra é sempre uma lição cheia de proveitosos ensinamentos".

---

[254] Não despiciendos: que não devem ser desprezados. (Hiram Reis)
[255] Merixi ou murici: Byrsonima crassifólia. (Hiram Reis

– E acerca dos indígenas da região?

"Das poucas tribos que ali habitam até a minha partida, apenas tínhamos tido ligeiro contato com os Pianacotó, que se aldeiam às margens do Cuminá. São índios pacíficos e que não se mostraram muito arredios ao nosso primeiro contato, já nas proximidades da cordilheira, a 9 km do Pico Ricardo Franco, vivem os Langoes, que parecem estar em contato com os holandeses e dos quais o General ainda esperava se aproximar. Esses índios ou mesmo os Pianacotó, andam pelas zonas dos campos, pois da sua passagem encontramos vários vestígios, entre os quais a queima recente em alguns pontos".

– E quanto ao estado sanitário de missão? Contam tanta coisa má a respeito dos afluentes do Trombetas...

"É verdade. O Trombetas e mesmo o Cuminá não gozam de boa fama. São mesmo citadas, intimidando os seus visitantes, as célebres 'febres do enrola', em que os doentes, quando atacados pelo impaludismo, tiritam no fundo das suas redes, sem ânimo para mais nada. Pois, apesar de tudo isso, o estado sanitário da Inspeção foi o melhor possível. Se, na parte baixa, do Rio, tivemos um ou outro caso de malária, quase todos foram novos surtos em indivíduos já portadores de infecções antigas, e esses mesmos de forma benigna e debelados prontamente pela medicação enérgica.

Não resta dúvida que ao alcançarmos os campos o clima é ameno e dos mais saudáveis e estávamos ao abrigo da contaminação palustre. Não vacilo, entretanto, em dizer que o êxito sanitário da missão se deveu, em grande parte, à proficiência e solicitude com que o Dr. Carlos Gertum, um distintíssimo colega, que muito honra o corpo de saúde do exército, se desvelou pela saúde dos membros da Expedição.

Do pitoresco dessa viagem, belos e imprevistos aspectos naturais, curiosos exemplares da sua flora e fauna, há de dizer a copiosa documentação cinematográfica de que será portador o Major Luiz Thomaz Reis, um apaixonado e competente conhecedor da sua arte, conforme, ainda há poucos meses, a sociedade paraense teve oportunidade de julgar, vendo passar, num dos seus teatros, lindo filme relativo ao Oiapoque e Nordeste do Rio Branco, atingindo Roraima.

Convém salientar que o Dr. Benjamin Rondon, além dos seus encargos na seção de telefotografia, depois da ausência do Major Polydoro Barbosa, tomou também a si o levantamento topográfico do Rio, desdobrando-se destarte em múltiplas atividades.

Esse jovem engenheiro, cheio de iniciativa e energia, tem a alma de um verdadeiro sertanista e é já um grande conhecedor do nosso 'hinterland', não desmentindo assim o vigoroso sangue que traz nas veias. A flora e a etnografia da região hão de ser muito bem conhecidas dentro de breve tempo, pois que o professor Sampaio e o Dr. Barbosa de Faria muito trabalharam e trazem vasto material de estudo.

Para terminar, escusado é dizer que sempre reinou a maior cordialidade entre os membros da comissão e que de todos guardo a mais grata das recordações.

Presto também um preito de admiração ao caboclo paraense, com quem tive longo convívio, podendo assim apreciar a sua grande resistência ao trabalho e bela docilidade de índole. Em um ou outro encontrei mesmo indivíduos de perfeita compleição física e que poderiam servir de ilustração às páginas que Euclides da Cunha escreveu sob o título de 'Um clima caluniado' e se acham no seu livro – 'À margem da história'".

– E, afinal, o senhor não me falou nos seu projetos literários...

"Como já lhe disse e repito, não sei ainda o que vou escrever acerca dessa viagem. É que já tenho um livro a respeito da Amazônia, a tarefa não é fácil. Um escritor precisa renovar-se e nunca repetir-se Só depois de chegado ao Rio e haver coligido todas as minhas notas é que pensarei sobre esse assunto.

No momento, estou como aquele pescador de um dos muitos apólogos que Oscar Wilde ([256]) gostava de improvisar, para deleite de seus companheiros de mesa, entre um gole de licor e a fumaça loura de um bom cigarro".

– E, diante da nossa hesitação, o Dr. Gastão Cruls prosseguiu:

"Não conhece? É a história de certo pescador que nunca voltava do seu trabalho sem que tivesse coisas espantosas a contar aos seus companheiros, que o ouviam maravilhados. De uma feita, ele emcontrara sereias de tranças de ouro e olhos transparentes que o embalavam com suaves canções. De outro, vira a própria Anfitrite ([257]) irrompendo do seio das ondas, numa concha de nácar. E Netuno, que lhe surgira imponente, de longas barbas brancas... E mais golfinhos... E mais nereidas...

Mas, um dia, e quando ele menos esperava, viu mesmo tudo isso e, pela primeira vez, ao tornar à praia, não soube o que contar aos seus companheiros. Pois eu estou como esse pescador. Também vi a Amazônia que sonhara e agora já não sei o que hei de dizer a seu respeito".

---

[256] Oscar Wilde: escritor, poeta e dramaturgo britânico de origem irlandesa. (Hiram Reis)

[257] Anfitrite: na mitologia grega, era uma nereida, filha da ninfa Dóris e de Nereu, esposa de Posídon e deusa dos mares. (Hiram Reis)

– Encantador o apólogo, Dr., mas a conclusão visa – encobrir a modéstia de um escritor em quem não falta poder para a descritiva do cenário grandioso e dos quadros maravilhosos que lhe terão ferido os olhos do corpo e os do espírito. E como estivesse satisfeita a nossa curiosidade pelo nosso ilustre e gentil interlocutor, apenas lhe pedimos licença para reproduzir ainda no nosso jornal as lindas e patrióticas palavras que pronunciara por ocasião do hasteamento da nossa bandeira no Pico Ricardo Franco e às quais aludira no decorrer da interessantíssima palestra que mantivemos. Não a recusou o Dr. Gastão Cruls, e eis aqui essa síntese inspirada:

"Batido pelo vento e panejando altivamente sobre este cimo granítico, em boa hora denominado Pico Ricardo Franco, ao nosso pavilhão assistem sobejos motivos de ufania. É que, pela primeira vez, por iniciativa do Governo Federal e graças trepidez e à abnegação do General Rondon, ele se ostenta sobre um Brasil novo e totalmente desconhecido ainda mesmo de seus filhos. São os meus votos, e estou certo de que de todos os presentes, para que a brisa que percorre estes virentes ([258]) e magníficos campos, e que até então fremia apenas entre as palmas dos buritizais, possa, dentro de breve tempo acariciar, não um, mas muitos outros pavilhões como este, portadores de "Ordem e Progresso", que acusem a presença do homem na posse e no amanho ([259]) de mais este trato de riquíssimas terras pertencentes ao Estado do Pará, e com que nos dotou a farta e dadivosa natureza brasileira.

– *Viva o Brasil!*
– *Viva o General Rondon!*
– *Viva a Expedição a Tumucumaque!"* (O PAIZ, N° 16.182)

[258] Virentes: viçosos. (Hiram Reis)
[259] Amanho: cultivo. (Hiram Reis)

O Paiz, n° 16.209

Rio de Janeiro, RJ – Quinta-feira, 07.03.1929

Nas Serras do Tumucumaque

Fala a "O Paiz" o General Rondon

À simples vista de um mapa do Pará, constata-se imediatamente que a escassa população do Estado acha-se distribuída quase que exclusivamente, e de maneira muito irregular, pelas margens do Amazonas e dos seus grandes afluentes. Com efeito, entre os Rios que lhe são tributários de uma ou de outra margem, demoram grandes tratos de terras inteiramente desabitadas, e por onde apenas perambulam as tribos erradias ou os civilizados em busca dos produtos que a flora lhes proporciona sem muito trabalho.

Na Guiana Brasileira, porém, isto é, no território compreendido entre a margem esquerda do Amazonas e a cordilheira de Tumucumaque, a penetração pelo curso dos Rios não foi tão profunda como na região diametralmente oposta, ou aquela por onde correm os Rios Tocantins, Xingu e Tapajós, pelo motivo muito simples que os Rios da Guiana Brasileira não possuem, como aqueles, grandes extensões francamente navegáveis, em virtude do sistema orográfico guiano vir morrer quase na margem do Amazonas, atravancando de cachoeiras os cursos d'água.

Em consequência disso, a penetração para o Norte tem sido mais lenta, restando ainda uma grande superfície por explorar.

Têm sido poucos, relativamente, os cientistas que palmilharam aquela região imensa, e que dali trouxeram grande quantidade de material e observações científicas que hoje enriquecem as coleções e estudos de inúmeros museus nacionais e estrangeiros. Todos os que penetraram e estudaram a Guiana Brasileira são unânimes em proclamar a excelência da posição e a riqueza incomensurável daquelas plagas longínquas e abandonadas.

Ontem, com a chegada a esta capital do ilustre sertanista General Cândido Rondon, que regressa de uma viagem de inspeção às nossas fronteiras com a Guiana Holandesa, e que teve a oportunidade de atravessar no sentido de Sul a Norte os legendários Campos Gerais, julgamos interessante ouvi-lo acerca do que viu e do que aquela zona pode representar para a economia do Pará e do Brasil.

Para isso fomos encontrá-lo a bordo do "*Duque de Caxias*", onde, pelo grande número de pessoas que o foram receber, nem pensamos em entrevistá-lo, preferindo ouvi-lo mais tarde em sua residência, à Rua Marques de São Vicente.

Assim, dirigimo-nos às primeiras horas da tarde para aquele belo recanto da cidade, onde a vegetação exuberante ameniza sensivelmente o calor destas tardes de verão. Recebidos com a gentileza que caracteriza o General Rondon, entretivemos uma longa palestra acerca desta última viagem à cordilheira de Tumucumaque, durante a qual S. Exª teve oportunidade de atravessar a região dos Campos Gerais, a Canaã dos criadores do Baixo Amazonas.

– General, perguntamos, quais são as suas impressões acerca dos Campos Gerais?

"Volto desta viagem à Guiana Brasileira, simplesmente maravilhado por tudo quanto vi de belo, de grandioso e de rico naquela região privilegiada.

Durante esta viagem de inspeção às fronteiras com a Guiana Inglesa, num percurso de 741 km, desde Óbidos até a Cordilheira de Tumucumaque, tive ocasião de atravessar os famosos Campos Gerais da Guiana Brasileira, descobertos há mais de meio século pelo Padre Nicolino, o precursor das intrépidas entradas para os sertões do Norte do Amazonas. O Pará dispõe, ao Norte do Estado, de campos magníficos, com todos os requisitos exigidos para o estabelecimento de uma indústria pastoril verdadeiramente grandiosa".

– Em que condições V. Exª levou a termo a sua Expedição?

"Nas melhores possíveis, apesar dos obstáculos naturais a todas as viagens dessa natureza. Deixando a cidade de Óbidos, seguimos para o Norte pelos cursos dos Rios Trombetas e Cuminá, fazendo exatamente o mesmo caminho do Padre Nicolino, até alcançarmos a orla dos Campos Gerais, a cerca de 500 quilômetros de Óbidos. De toda a minha viagem, o que maior interesse me despertou foram os campos, pelo muito, muito mesmo, que representam para a prosperidade do Pará e grandeza do Brasil. Por esse motivo, insisto particularmente neste ponto e hei de fazer esforços para que o Governo Federal lance as suas vistas mais, demoradamente para as savanas da Guiana.

Os Campos Gerais, que de agora em diante devemos denominar os 'Campos do Padre Nicolino', como homenagem justíssima a esse intrépido desbravador da Guiana, estendem-se de Sul a Norte, desde o Rio Urucuriana, afluente do Cuminá, até a Cordilheira de Tumucumaque, e de Leste a Oeste, desde o Rio a que chamamos impropriamente de Paru [explicarei mais tarde porque], até além do Trombetas, numa superfície que avalio em cerca de 50.000 km^2.

Esses campos imensos estão situados em um planalto de 500 metros de altitude e gozam de um clima admirável. Basta dizer-lhe, que, percorrendo-os, não soubemos o que foi calor, pois o planalto é constantemente varrido pela brisa de N. E., que sopra incessantemente refrescando a atmosfera.

A temperatura mínima que ali verificamos [note-se bem que estávamos bem próximo do Equador], foi a de 11°, imagine que um dos meus auxiliares, que é gaúcho, não suportou a dormida em rede por causa do frio...

Os Campos do Padre Nicolino são o que se pode desejar de melhor para a indústria pastoril, desde o clima benigno, às magníficas aguadas, a ausência completa de mosquitos, até as pastagens, que são tenras e excelentes. O botânico da Comissão realizou estudos sobre as gramíneas ali encontradas, e entre as leguminosas verificamos a existência da zornia, cognominada alfafa brasileira. Esparsos pela vastidão infinita dos campos, como oásis hospitaleiros no meio do deserto verde, os buritizais acenam de longe, dando com as suas palmas verdes as boas-vindas ao viajante extasiado diante de tanta grandeza. Esses buritizais, que são em número infinito, constituem magníficas aguadas que muito breve serão os pontos de concentração dos grandes rebanhos paraenses".

– O General acha que os Campos do Padre Nicolino são suscetíveis de utilização imediata?

"Perfeitamente, o aproveitamento deles depende única e exclusivamente da abertura, já não digo de uma estrada de rodagem, mas até mesmo de uma estrada de tropa até a orla da mata com os campos".

– E qual é a distância de Óbidos, por exemplo, até os campos?

"Nós viajamos mais de 500 quilômetros para atingi-los, mas isso porque seguimos todas as tortuosidades do Trombetas e do Cuminá. Uma estrada de rodagem, porém, partindo de Óbidos para o Norte, quase em linha reta, alcançará os campos com menos de 400 quilômetros de percurso. Essa estrada, como já disse, é de capital importância para integrar definitivamente essa grande região no concerto econômico nacional, e por isso vou expor minuciosamente ao Governo Federal a conveniência da sua construção".

– V. Exª falou há pouco do Rio Paru, dizendo ser esse nome dado impropriamente àquele curso d'água.

"Perfeitamente, os índios que habitam as florestas e os campos da Guiana Brasileira não conhecem por esse nome o Rio ao qual chamamos Paru. O Rio Paru é um dos dois braços em que o Cuminá se divide antes de atingir a cordilheira. Com efeito, o Cuminá é formado por dois Rios, um que corre de N.E., e se chama Paru, e outro que vem de N.N.O., chamado Marapi. Assim sendo, há uma confusão de nomes entre os Rios Paru [o formador do Cuminá], e o Ocômucü, que é o que nós conhecemos como Paru, e que desemboca perto da cidade de Almeirim".

– A propósito de índios: o General encontrou muitas tribos nesse percurso?

"Na floresta guianense, antes de atingirmos os Campos do Padre Nicolino, encontramos os Pianás, Caranans, Tiriós e Rangus, que vivem nas matas e fazem incursões até os campos. Nos campos, propriamente, só entramos em contato com os Pianacotó, que habitam as cabeceiras do Rio. Cuminá. São índios dóceis, robustos, sãos e bem proporcionados, vendo-se claramente neles a influência do clima".

– São numerosos esses índios?

"Não tenho dados suficientes para calcular-lhes o número, mas parece-me que são bastante numerosos. Mas onde existe ainda uma grande quantidade de índios é nas florestas da Guiana Holandesa".

– Quais foram as outras riquezas naturais que chamaram a atenção de V. Exª?

"O Pará tem uma riqueza florestal inesgotável. A floresta guianense que medeia entre o curso do Amazonas e os Campos, guarda em seu âmbito uma riqueza colossal. Sem falar nas madeiras de construção e ficando só nos produtos da flora, temos uma infinidade deles. A balata verdadeira, por exemplo, que só era encontrada nas matas do Rio Branco, e cuja existência na Guiana já fora anunciada por Mme Coudreau, nós agora a encontramos, e mandei extrair uma amostra com a qual presenteei ao Governador do Estado, Dr. Eurico Valle, como uma lembrança da Guiana. Mas isso tudo é secundário. O que é primordial e necessário é a abertura da estrada que há de levar a civilização às plagas remotas dos Campos do Padre Nicolino".

– Com estas palavras encerrei a entrevista, agradecendo ao ilustre brasileiro pela fidalguia da acolhida. Os leitores veem, pelas palavras autorizadas que aí ficam, o grande valor dos Campos do Padre Nicolino, o quanto alies representam para a grandeza do Pará e do Brasil. Consoante as expressões do General Rondon, esses campos são superiores aos melhores do Planalto Central, pela excelência do clima, nela uniformidade do terreno levemente ondeado e pela riqueza das pastagens, tenras e uniformes, sem o obstáculo dos carrascais dos outros campos. Esses campos, disse-nos o General Rondon ao despedirmo-nos, são o Pará novo. (O PAIZ, N° 16.209)

O Paiz, n° 16.273

Rio de Janeiro, RJ – Sexta-feira, 10.05.1929

A Inspeção das Fronteiras

Relatório apresentado pelo General Cândido Rondon ao Ministro da Guerra

Por se tratar de um documento cujo significação intrínseca e cujo valor, como testemunho a respeito das condições das divisas Setentrionais do Brasil é insuperável, inserimos abaixo, na íntegra, o relatório submetido ao exame do Ministro da Guerra pelo General, Cândido Rondon, Chefe, do Serviço de Inspeção de Fronteiras. Ei-lo:

[...] "A Inspeção de Fronteiras, cumprindo seu programa, retomou seus trabalhos, na segunda campanha, partindo da Guiana Holandesa para o Noroeste, correndo as linhas da Venezuela, Colômbia, Peru, e Norte da Bolívia. Para examinar a imensidade das terras compreendidas naquelas linhas estremenhas foi preciso adotar método consentâneo ao serviço a realizar dentro do tempo restrito. Forçoso seria dividir os trabalhos para adequada, execução simultânea, Único meio de produzir muito em diminuto tempo. Foram as fronteiras divididas em seis setores. O primeiro, correspondente à Guiana Holandesa, foi confiado ao Major Polydoro Barbosa, que adoecendo foi substituído pelo próprio inspetor, auxiliado pelo engenheiro Benjamin Rondon, telefotógrafo desde logo incumbido do serviço topográfico. [...]

Partindo, das bases de operações, Óbidos e Manaus, foram os setores atacados conjuntamente. O primeiro, pelo Rio das Trombetas e seu afluente Cuminá. [...]

No primeiro, foram executados 819 km de levantamento a fim de estudar a fronteira até então desconhecida. Para execução dessa Inspeção foi preciso montar uma Expedição de exploração mediante um grande reconhecimento topográfico. Esse reconhecimento pesquisou a faixa da fronteira, diretamente até às nascentes do Rio Cuminá pelas cabeceiras Paru, Curipini e Comareu-uini. Por interseções azimutes e telefotográficas, tomadas de grandes alturas, nas faixas laterais das bacias do Ocômocu e Trombetas. Os índios Tiriós e Rangus dão o nome de Ocômocu ao Rio que deságua no Amazonas banhando a cidade de Almeirim. Denominam Paru a cabeceira principal do Cuminá. Referido reconhecimento deu conta do levantamento deste Rio pelas duas cabeceiras setentrionais, contravertentes dos Rios Parumá e Paxeu, galhos do Rio guianense Tapanaôni, em que foram amarradas as extremidades do levantamento geral.

Partindo de Óbidos até a cumeada da Cordilheira Tumucumaque, a primeira turma caminhou 741 quilômetros. Destes, 526 já tinham sido percorridos por alguns viajantes, sendo os últimos Mme Coudreau, Dr. José Diniz e o geólogo Avelino de Oliveira. Mme Coudreau foi quem mais se aproximou da faixa da fronteira em 1900. Antes destes, e pela primeira vez, o caçador de riquezas Thomaz Antônio de Aquino, em 1862, penetrara o Cuminá até às suas primeiras cachoeiras e dali, por terra, até as malocas dos índios, possivelmente Pianacotó. Seguiu-se em fins de 1876, o Padre José Nicolino Pereira de Souza, que empreendeu a exploração do Cuminá com, fins religiosos para o descimento dos índios do Alto para o Baixo Rio, na intenção de catequese. Em princípio de 1877, o Padre Nicolino descobriu a boca dos campos, penetrando neles cerca de dez léguas, a partir do Ponto em que esses campos se aproximam da margem do Rio.

Depois do Padre surgiram outros viajantes com intuitos industriais sobre o aproveitamento da riqueza pastoril. O engenheiro Vicente Chermont de Miranda, que não logrou seu intento por naufrágio nas cachoeiras. O engenheiro Gonçalves Tocantins, que em 1890, alcançou a entrada dos campos, chegando até ao morro, que tomou seu nome. O Tenente Lourenço Valente do Couto, que em 1895 chegou ao mesmo morro. Resolvendo voltar pelo divisor, entre o Cuminá e o Curuá, extraviou-se com seus companheiros no interior da floresta, onde quase pereceram.

Por fim o Dr. José Diniz, ativo industrial, que explora os castanhais do Cununá e Trombetas, acompanhado pelo geólogo Avelino Ignácio de Oliveira, subiu aquele Rio até a Foz do Ribeirão das Borboletas, onde acampou fronteiro ao Morro do Tocantins. Esta exploração teve duplo fim. O Dr. Diniz vem batalhando pela abertura de uma estrada que de acesso aos campos, onde acredita poder inaugurar a criação de gado em grande escala, desenvolvendo a que mantém nos banhados do Lago Salgado, sede da sua exploração industrial de castanha. Tinha empenho em conhecer a extensão e qualidade dos campos, o que infelizmente não conseguiu. Por outro lado mantinha a crença lendária das grandes riquezas do Rio das Trombetas. Convidou o geólogo Avelino para estudar o leito do Rio, em que batearam, sem nenhum sucesso. Das cachoeiras para cima o Rio corre em terreno arqueano sem o aluvião aurífero encontrado no vale do Oiapoque.

A partir de Óbidos os exploradores do Cuminá se escalonaram em distância, na seguinte ordem: Thomaz Antonio de Aquino chegou até às malocas dos índios que se distinguem pelas pulseiras feitas de talo de palmeira, que trazem no braço e acima dos tornozelos.

Façamos aqui uma breve consideração sobre Thomaz Antonio de Aquino o primeiro expedicionário a adentrar ao rio Cuminá, em 1862, conforme podemos verificar no "*Relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província do Pará na Primeira Sessão da XIII Legislatura pelo Exm° Sr. Presidente da Província Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque em 1° de setembro de 1862*" e repercutido no livro "*Pinsonia, ou, a elevação do território septentrional da Provincia do Grão-Para à cathegoria de Província com essa denominação*...", obra apresentada aos membros da Commissão de Estatistica da Câmara dos Deputados com os devidos esclarecimentos por parte do autor Cândido Mendes de Almeida e publicado, no Rio de Janeiro pela Typographia de João Paulo Hildebrandt em 1873.

ÍNDIOS SELVAGENS

> ***Município de Óbidos.–*** *Não há aldeias de Índios neste munícipio, nem consta a existência de malocas em lugar sabido.*
>
> *Asseguram-me, porém, algumas informações recebidas, que existe no rio Trombetas grande número de Índios selvagens, que vagueiam nas matas acima das cachoeiras daquele rio.*
>
> *Usando o testemunho de um explorador de nome Thomaz Antonio de Aquino, que na suposição de encontrar riquezas naquelle rio subiu pelo seu principal ramo denominado Canmiuá até encontrar as cachoeiras, e deste ponto em diante seguiu caminho por terra por espaço de 13 dias consecutivos; encontrou nesta paragem uma grande tribo selvagem de cor quase branca, e semelhante ao tipo que nesta Provincia se chama vulgarmente mameluco.*

RELATORIO
APRESENTADO
A' ASSEMBLEA LEGISLATIVA
DA
PROVINCIA DO PARÁ
PRIMEIRA SESSÃO
DA
XIII LEGISLATURA
PELO EXM.º SENR. PRESIDENTE DA PROVINCIA
DR. FRANCISCO CARLOS DE ARAUJO BRUSQUE
EM 1.º DE SETEMBRO DE 1862.
PARA'.
IMPRESSO NA TYP. DE FREDERICO CARLOS RHOSSARD,
Travessa de S. Matheus caza n.º 24.
1862.

PINSONIA
OU
A ELEVAÇÃO DO TERRITORIO SEPTENTRIONAL DA PROVINCIA
DO
GRÃO-PARÁ
Á
CATHEGORIA
DE
PROVINCIA
COM ESSA DENOMINAÇÃO.
PROJECTO, DEFEZA, E ESCLARECIMENTOS
CO-ORDENADOS
POR
Candido Mendes de Almeida
RIO DE JANEIRO.
Nova Typographia de João Paulo Hildebrandt
1873

Imagem 92 – Relatório, 1862 e Pinsonia, 1873

Refere este indivíduo, que os homens desta tribo usavam apenas um cinto de embira trançada, e compridos os cabelos do meio da cabeça para trás, tendo por adorno uma delicada trança de palha nos delgados dos braços e das pernas. As mulheres estavam seminuas, tendo apenas uma grossa faixa pendente da cintura, adornada de missangas e pequenos guizos, enfeites estes que denotam ter tido seguramente esta tribo alguma comunicação com homens civilizados, que lhes forneceram esses adornos, e são por certo os Holandeses.

Afirma ainda aquele explorador ter conseguido saber destes Indígenas, que naqueles desertos outras tribos existem,– para nós desconhecidas. Tenho por verdadeiras estas notícias, confirmadas também por alguns escravos, que, tendo fugido da companhia de seus senhores, foram expulsos daquela longínqua localidade, onde foram ocultar-se, pelas hordas selvagens, que ali apareceram, referindo em seu regresso à Obidos estes mesmos fatos. (CÂNDIDO)

O engenheiro Tocantins, Tenente Valente do Couto, Dr. Diniz e geólogo Avelino alcançaram a Barra do Ribeirão das Borboletas, defronte do Morro Tocantins – no quilômetro 496. O Padre Nicolino atingiu os Três Outeiros, no quilômetro 519, Mme Coudreau, o quilômetro 526 na Barra do Ribeirão S. João. Da Foz deste Ribeirão para cima era totalmente desconhecido. Foram 215 quilômetros de sertão virgem percorridos até às nascentes do Rio explorado, com irradiação para os quadrantes Nordeste e Noroeste, que constituíram propriamente a novidade do grande reconhecimento. Para sua execução muito nos valeu o desinteressado auxílio do Dr. José Diniz, pondo à nossa disposição, oito batelões, que reforçaram a nossa frota, poupando-nos perda de tempo e aumento de despesas. Dos viajantes que haviam precedido a Inspeção de fronteiras só Mme Coudreau e o geólogo Avelino agiram como geógrafos. Todos os outros levaram na subida do Rio outros intuitos". (O PAIZ, N° 16.273)

O Paiz, n° 16.274

Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 11.05.1929

A Inspeção das Fronteiras

[...] "A turma da Guiana Holandesa teve oportunidade de travar relações com os índios das tribos Pianacotó, Rangús e Tiriós do lado do Brasil e Caianans da Guiana. Na Aldeia Ocôimã dos índios Rangus encontramos um casal de índios Caianans, guianenses, em visita aos seus irmãos brasileiros. Era Tuchaua da tribo o índio. Inteligente e vivo apresentou-se-nos dizendo:

- *Moi Coronel; pas capitaine. Connais bien Cayenne; Paramaribo aussi*.

Este feliz acaso foi-nos de grande alcance. Tínhamos na mão a chave, que desde então nos permitiu entender a linguagem dos Rangus. Em menos de uma semana *éramos senhores da confiança dos nossos novos amigos, que muito nos serviram, esclarecendo-nos o labirinto das fronteiras até o Rio Tapanaoni.*

Além das três tribos com as quais travamos conhecimento, tivemos notícia da existência dos Tunaianas no vale do Ribeirão da Praia; de índios do Trombetas, que aparecem no Ribeirão Poana; índios Manás e Caranans, que vivem, na Cordilheira do lado brasileiro. Os que habitam a faixa fronteiriça da Guiana são conhecidos pelos nomes Maruá, Caianan, Papai, Anapi, Chuli, Paco-male, Chiquima, Majoli, Santé, Maicampi, Apotíqui, Pontutú, Popocai e outros. Todos os índios das duas fronteiras são Caribes.

De boa índole, estão habituados a conviver com civilizados, possivelmente – os negros da Guiana. Não fugiram no nosso aparecimento. Ao contrário, visitaram-nos, estabelecendo conosco, desde logo, relações comerciais. Vendiam-nos seus mantimentos a troco de ferramentas de mato, pano e missangas. Nas suas malocas vimos ferramentas e utensílios domésticos da indústria holandesa.

Os índios guianenses comerciam com os Rangus e Pianacotó levando da Guiana ferramentas e utensílios domésticos obtidos dos negros Boschs para trocarem com seus irmãos brasileiros por objetos de sua indústria, entre os quais o cão representa mercadoria de alto valor. Os Pianacotó criam seus cães com carinho especial! Para evitar que estes apanhem bicho-de-pé [Pulex penetrans L.], são mantidos em jiraus desde pequenos, dentro de suas malocas. As cadelas têm seus filhinhos em cercados suspensos.

Habituam-se a esse viver, que nunca pernoitam no chão. Sobem para dormir. Os Índios têm pelo cão cuidado especial. Quando vão à caça carregam-no. Só o soltam no rasto, da caça. Após a caçada é o mesmo processo. O animal goza do privilégio de voltar à casa no ombro do caçador.

Os índios que encontramos são robustos; de mediana estatura. Pelas medidas que tomamos encontramos altura média de um metro e 58 centímetros; tronco, 88 centímetros; peso calculado, 68 quilos. De cor vermelho claro, são bem feitos de corpo. Usam cabelos compridos, homens e mulheres, aparados na testa. Os homens cobrem-se com tiras de pano, cruzadas entre as pernas, amarradas em remate na cintura, deixando cair a ponta à guisa de rabo. As mulheres com um retângulo, também de pano, ou construído de contas miúdas de missanga, munido nas extremidades superiores de cordão com que amarram ao corpo.

Mutilam-se, furando as orelhas e o nariz. Sua tatuagem é feita com tinta de jenipapo. Como os índios em geral, exceção do Bororo primitivo, alimentam-se da mandioca, sob diversas formas beijus, farinha; empregando-a também nas bebidas fermentadas. Além da mandioca cultivam o cará, batata doce, cana de açúcar, milho, ananás, caju, mamão, banana.

Para seus tecidos rudimentares e fabrico de redes plantam o algodão. Do coroá ([260]) extraem finíssimas fibras. Sua louça é rudimentar. Entretanto, trançam com habilidade peneiras, cestos, pacarás e abanos com broto da palmeira, geralmente da babaçu e de uma muito parecida com esta por eles chamada – Cui.

---

[260] Coroá: gravatá (Neoglaziovia variegata). (Hiram Reis)

São asseados. Tomam banho muitas vezes durante o dia. Para tirarem o urucum do corpo ou qualquer outro óleo com que untam-se empregam a casca de um cipó chamado – Curaiuê. É o sabão vegetal por excelência.

Vestígios arqueológicos e petróglifos encontrados ao longo do Cuminá até a Cordilheira, indicam existência antiga de outras tribos, de outros povos possivelmente mais adiantados que os índios atuais. Dominaram eles os vales e os tampos.

O planalto do Tumucumaque estende-se entre o Rio Ocomocü a Este e o Trombetas a Oeste. Da Cordilheira para o Sul até o paralelo da Barra do Rio Urucuriana, afluente da margem esquerda do Cuminá. É o planalto equinocial, de flora e fauna iguais às do Planalto Central, de que deram notícias ao Padre Nicolino os jesuítas de Aire, referindo-se a um Roteiro de viagem empreendida do vale do Orenoco ao Prata, Seriam os índios os informantes dos Frades.

Sua altitude varia de 300 a 500 metros. A temperatura oscila entre 13° e 34°C. à sombra. Sobe a mais de 40°, ao Sol. Batido permanentemente pelo vento Este-Nordeste, nele o calor do dia é amenizado por essa brisa. À noite chega a fazer frio.

Presta-se à criação de gado em grande escala. Suas forrageiras são iguais, às de Mato Grosso e Goiás. Nelas predominam os Panicum, Andropogon, Paspalum, Sporobolus, Axonopus, Mesosetum, Hetoropogon, Leptocoryphium, Trachipogon, Penicetum, etc., etc., além da multiplicidade de ciperaceas. Entre as gramíneas vivem as leguminosas Zornia e Indigofera pascuorum.

Em futuro próximo será um dos mais ambicionados centros do Pará, tão próximo fica ele de Óbidos. Dali surgirá uma população forte, sadia, para contrastar com a planície amazônica, onde o impaludismo atrofia as melhores disposições orgânicas. A indústria pastoril nascerá com essa população no dia que for aberta uma estrada para aquela fronteira a partir de Óbidos.

A fronteira guianense é o antagonismo da faixa brasileira. Deste lado é um planalto imenso, de flora campestre, formando um belo quadro da fisionomia topográfica caracterizada por ondulações leves, salpicado de colinas, cortado por toda parte de extensas linhas de buritizais.

A Cordilheira emoldura o grande quadro com seus recortes flexuosos de tonalidade de cores que a mata e o campo produzem, conforme a vestimenta que a serrania adquire da flora que a cobre. Do lado oposto são altas montanhas, embaçadas em vales profundos, cobertos de flora tropical gigantesca, onde as essências das mais originais do mundo vegetal tiveram nascimento. Às montanhas, sucede o planalto, à flora guianense, os campos, a estes a planície amazônica. É a região que a turma do 1° Setor descobriu e dela tomou posse". (O PAIZ, N° 16.274)

O Paiz, n° 16.275

Rio de Janeiro, RJ – Domingo, 12.05.1929

A Inspeção das Fronteiras

[...] *"Sua flora foi estudada pelo Prof. Sampaio, botânico do Museu Nacional, completando assim o estudo iniciado pelo seu colega Duck, do Jardim Botânico, no vale inferior. Seu clima pelo climatologista Dr. Gastão Cruls. Ambos acompanharam a turma da Guiana Holandesa, – o primeiro como naturalista; o segundo para estudar as moléstias tropicais da fronteira na qualidade de Inspetor da Saúde Pública.*

Sendo o Dr. Cruls escritor inspirado nos mistérios da nossa natureza, terá encontrado assunto para dotar a letra nacional de outro primoroso livro sobre a Amazônia, onde seu venerando pai empregou o seu saber e os seus melhores esforços patrióticos em serviço da nossa fronteira e no qual contraiu moléstia de que veio a falecer. O, filho nesta excursão mostrou-se digno da bravura do pai, portando-se com raro entusiasmo no desbravar os sertões equatoriais em que revelou educação esportiva de alta escola, nos mais arriscados lances a que se atirou.

O Prof. Sampaio se revelou digno discípulo de Auguste de Saint-Hilaire no recolher os segredos vegetais encerrados na sua infloração e nos seus dispositivos biológicos em que a vida se apresenta pujante nos gigantes da floresta; delicada, viçosa, nos representantes minúsculos, que medram nas profundezas das grotas e dos vales e nas grimpas das montanhas por entre gretas de rochas em decomposição.

Além da verificação que fizemos da existência dos campos e seu, prolongamento até ao sopé da Cordilheira, apuramos igualmente o que Madame Coudreau, no seu livro "Voyage au Cuminá", havia deixado consignado a respeito da existência da Mimusops Balata no vale do Rio por ela explorado. A árvore da Balata foi vista no Cuminá desde a Barra do Igarapé Grande, pouco acima da "Cachoeira do Inferno", até a Cordilheira.

NAS SERRAS DO TUMUC-HUMAC

FALA A «O PAIZ» O GENERAL RONDON

GENERAL RONDON

Imagem 93 – O Paiz, n° 16.209, 07.03.1929

Na "Cachoeira do Caju-açu" e nos arredores da Aldeia dos índios Rangus, vale do Ribeirão Ocõoimã, essa essência existe em grandes associações. Em muitos trechos do Cuminá as árvores da Balata enfileiram-se, formando alamedas naturais. Pode-se afirmar ser o vale do Cuminá a região da Amazônia, que hoje possui a maior riqueza da goma que essa árvore produz. É de supor que a distribuição desse vegetal tenha alcançado o vale Curuá, não sendo de duvidar que ele existia nas cabeceiras do Trombetas, ponto de ligação com as florestas do Monte Unitao e Serra da Lua, onde assinalamos a existência abundante da Balata, explorada por brasileiros e guianenses ingleses". [...] (O PAIZ, N° 16.275)

Para os que Virão
(Thiago de Mello)

Como sei pouco, e sou pouco,
Faço o pouco que me cabe
Me dando por inteiro.
Sabendo que não vou ver
O homem que quero ser.

Já sofri o suficiente
Para não enganar a ninguém:
Principalmente aos que sofrem
Na própria vida, a garra
Da opressão, e nem sabem.

Não tenho o Sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular - foi deixando,
devagar, sofridamente
de ser, para transformar-se
- muito mais sofridamente -
na primeira e profunda pessoa do plural.

Não importa que doa: é tempo
de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar o verbo amar.

É tempo sobretudo
de deixar de ser apenas
a solitária vanguarda
de nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
[Dura no peito, arde a límpida
verdade dos nossos erros]
Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,
e saber serão, lutando.

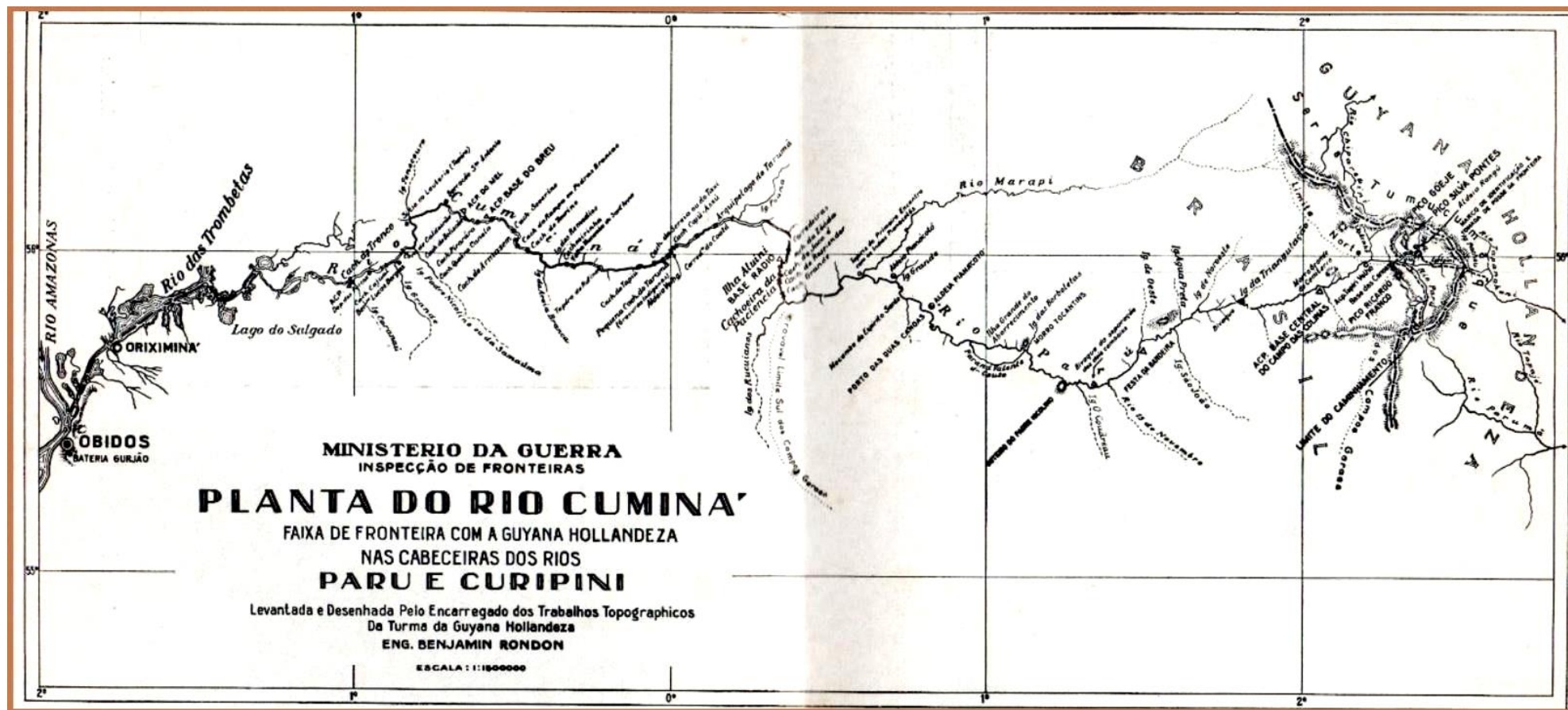



Imagem 94 – Planta do rio Cuminá

EXPEDIÇÃO AO RIO CUMINÁ (FOTOGRAFIAS DO DR. GASTÃO CRULS)

Cortesia dos Caros Amigos
Cel Vet Antônio Ferreira Sobrinho ([261])
e
ST Cav Álvaro Luiz dos Santos Alves ([262])

[261] Coronel Veterano Antônio Ferreira Sobrinho: Graduado em Ciências Militares na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), 1971. Mestrado em Ciências Militares na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO),1982. Doutorado em Ciências Militares na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), 1986. Pós-Graduado Lato Sensu em História Militar na Universidade Federal do Estado do Rio de JANEIRO (UNIRIO), 2008. É membro efetivo da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), da Asociación Cultural Mandu'Ara do Paraguai e sócio emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

[262] ST Cav Álvaro Luiz dos Santos Alves: Turma de Cavalaria da Escola de Sargentos das Armas de 1993. Graduado em História e em Gestão de Segurança Privada. Mestrado em História do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira. Pós-Graduado Lato Sensu em Gestão de Sistemas Integrados QSMS pela Universidade Estácio de Sá. Membro da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB). Sócio Aspirante do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Coordenador de Estágios do Projeto da Comissão Luso-Brasileira para a Salvaguarda do Patrimônio Documental. Membro do Grupo de Pesquisas de História Militar e Fronteiras da Universidade Salgado de Oliveira. Ganhador do Prêmio Literário Franklin Dória 2022 e Guia de Turismo Cadastrado no Ministério do Turismo.

Imagem 95 – Fotografia n° 1

Imagem 96 – Fotografia n° 2

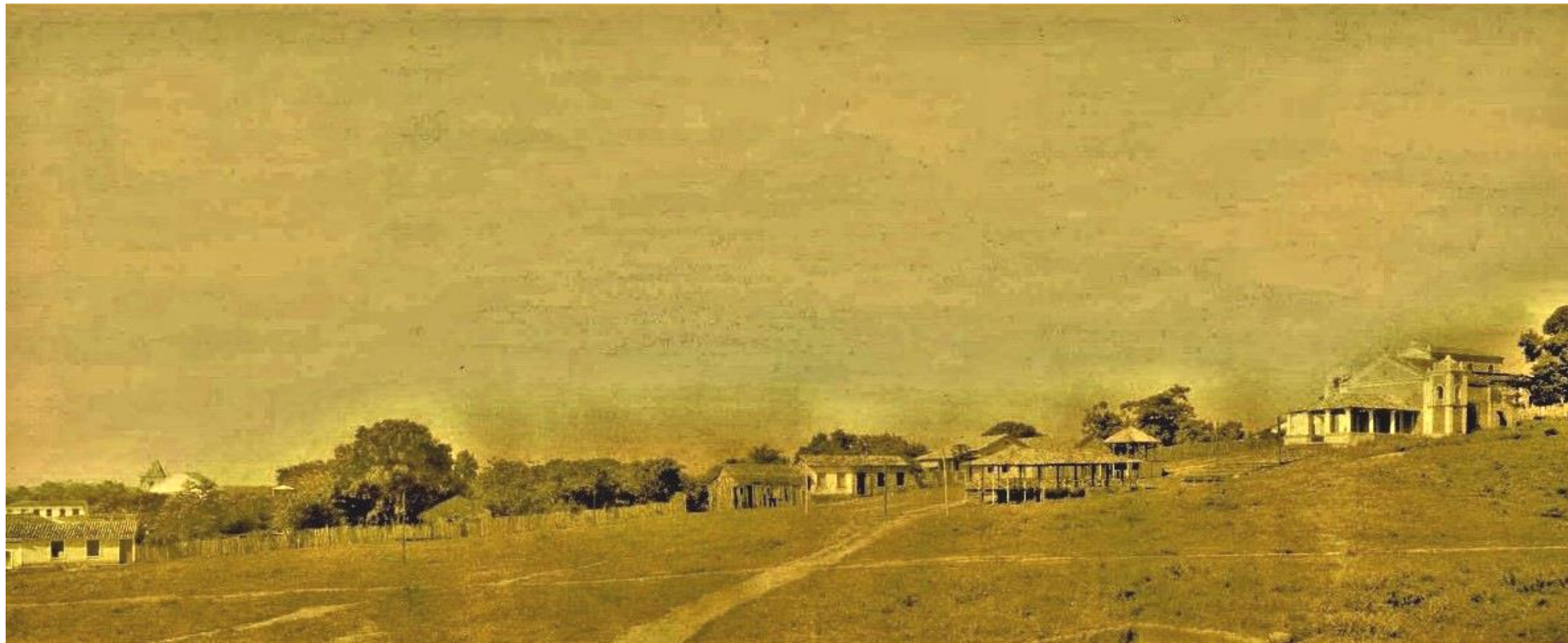



Imagem 97 – Fotografia n° 3

Imagem 98 – Fotografia n° 4

Imagem 99 – Fotografia n° 5

Imagem 100 – Fotografia n° 6

Imagem 101 – Fotografia n° 7

Imagem 102 – Fotografia n° 8

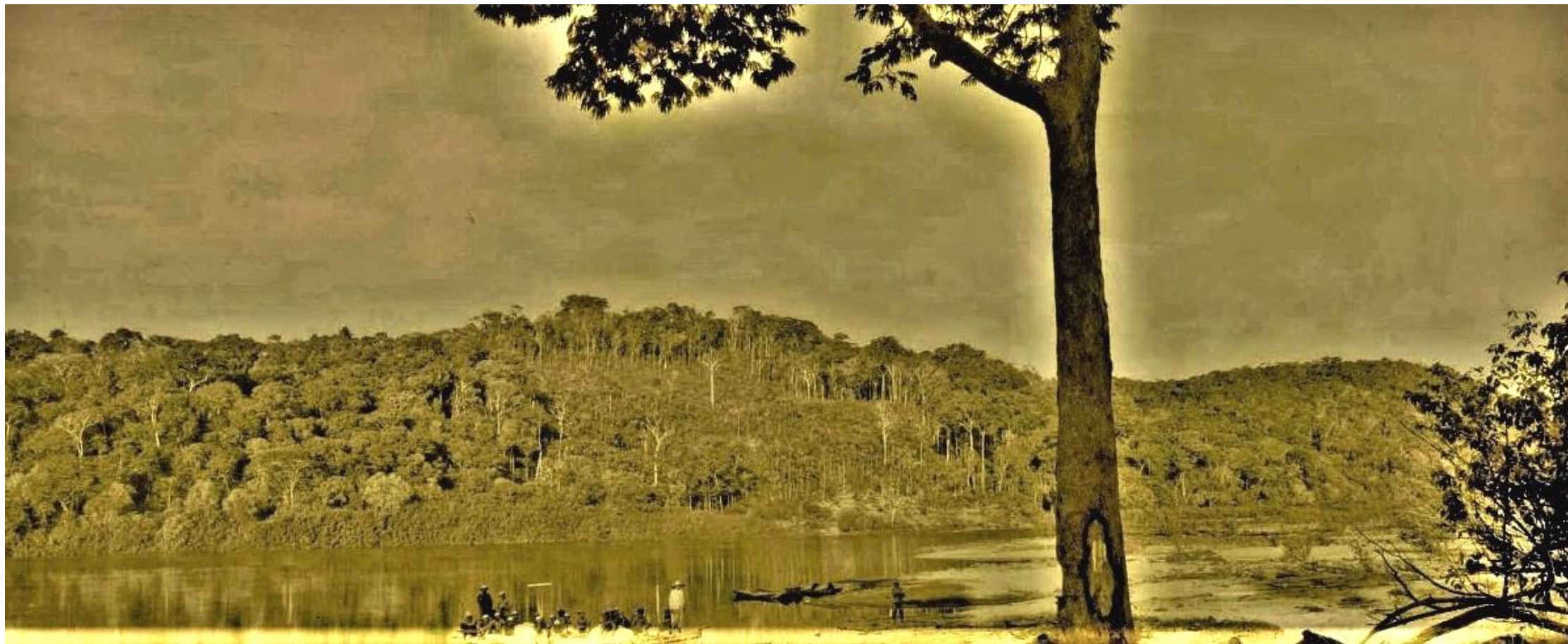



Imagem 103 – Fotografia n° 9

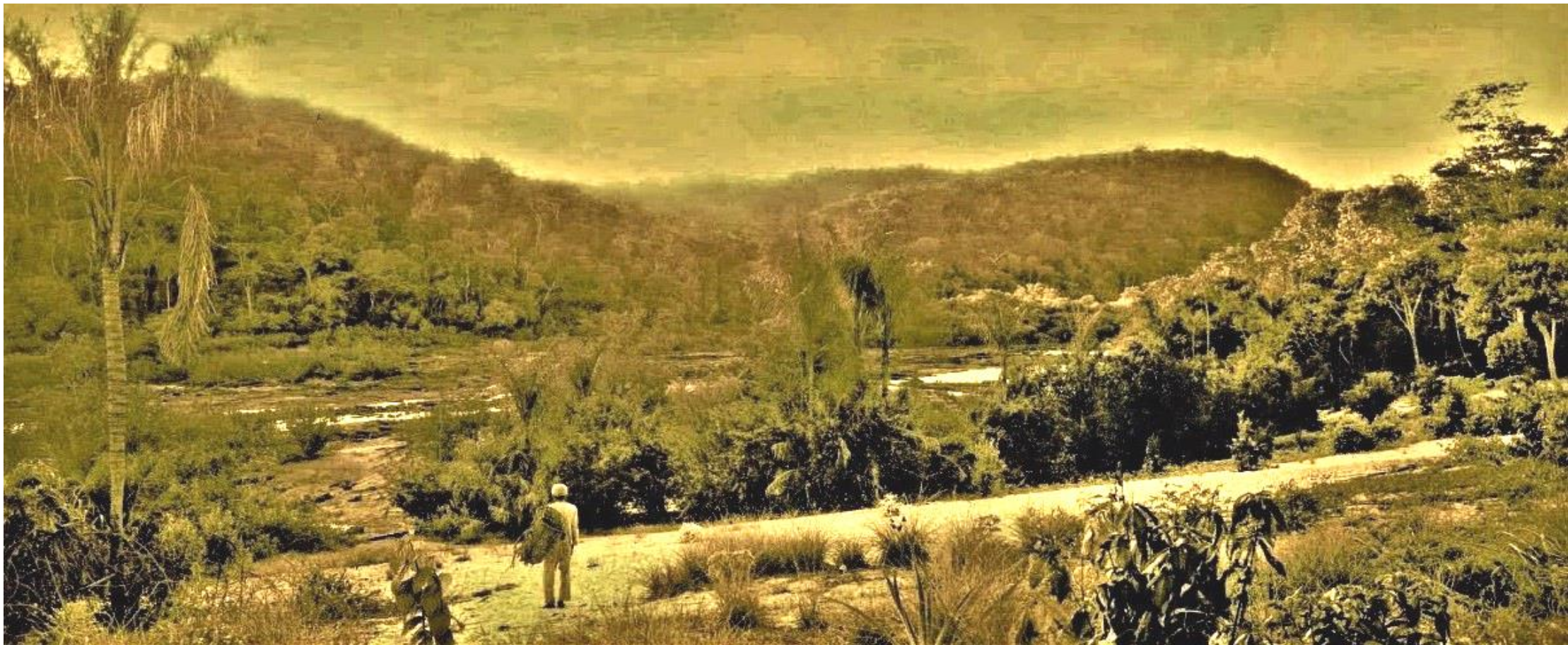



Imagem 104 – Fotografia n° 10

Imagem 105 – Fotografia n° 11

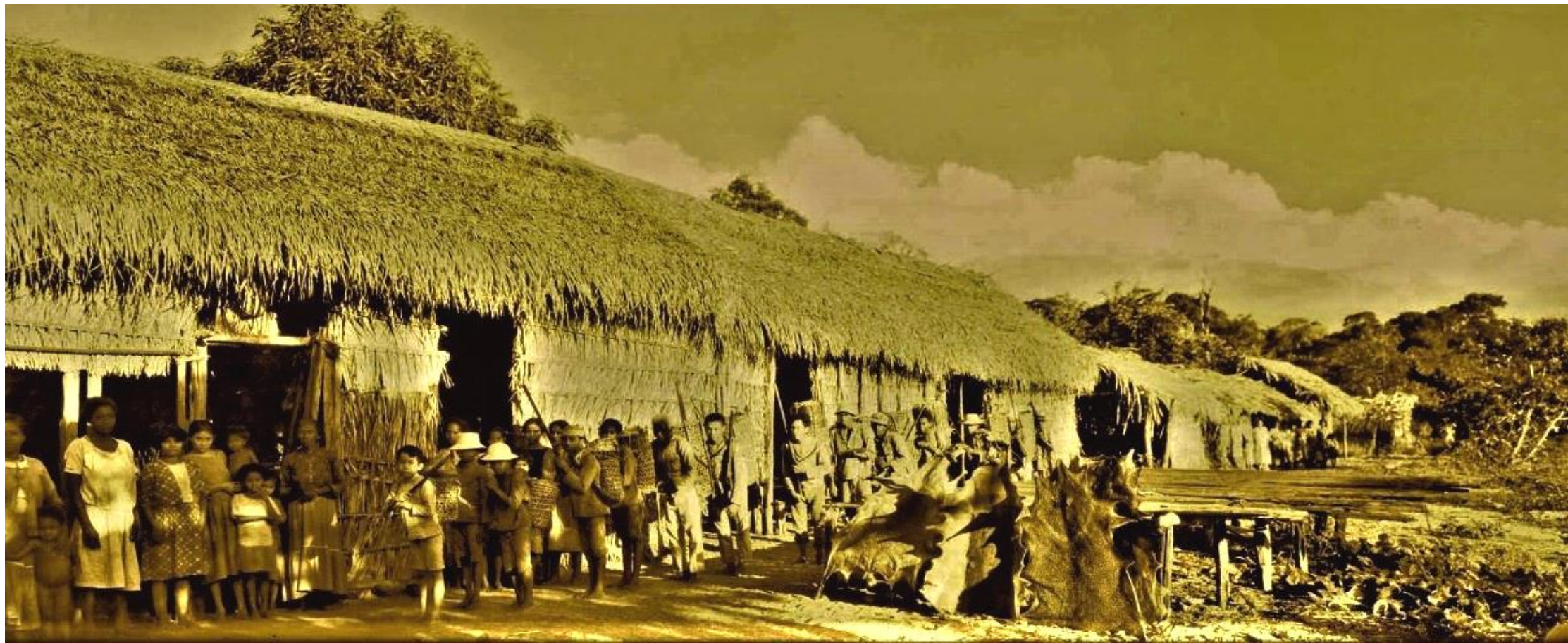



Imagem 106 – Fotografia n° 12

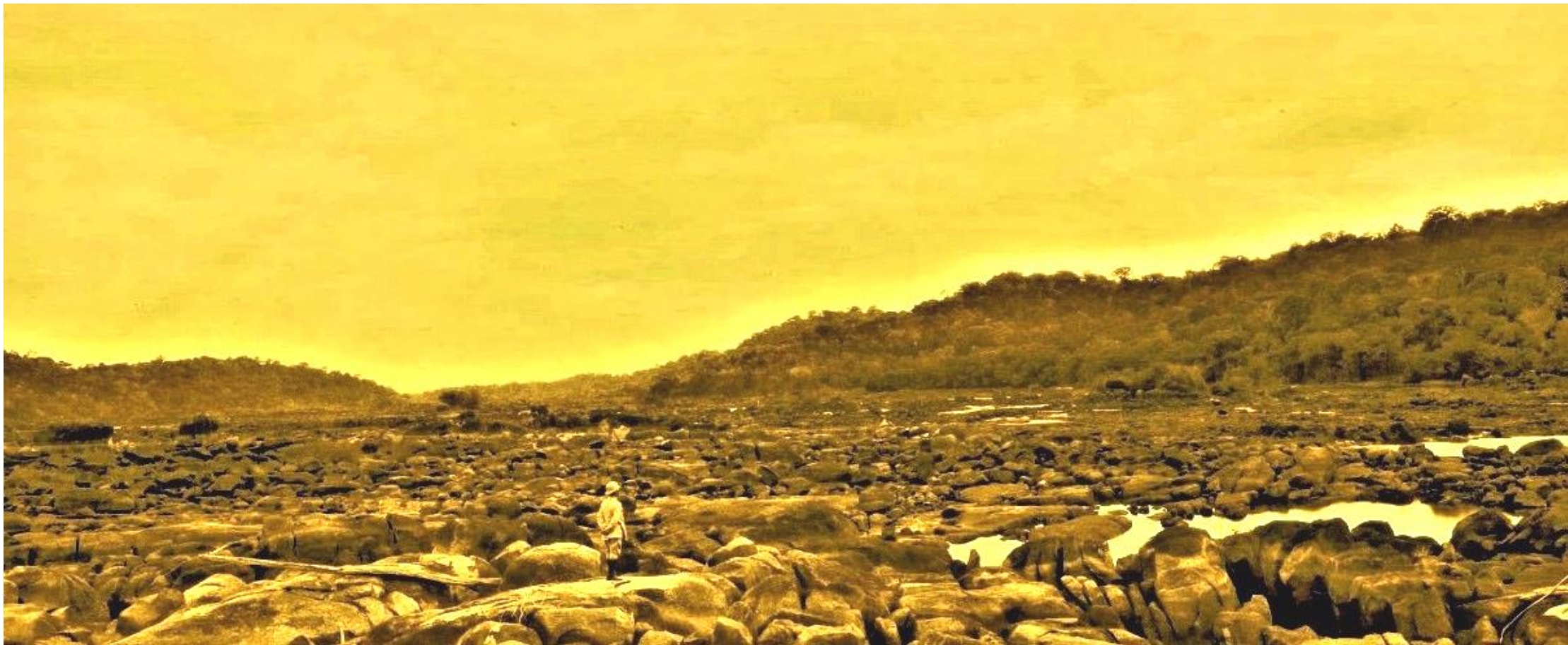



Imagem 107 – Fotografia n° 13

Imagem 108 – Fotografia n° 14

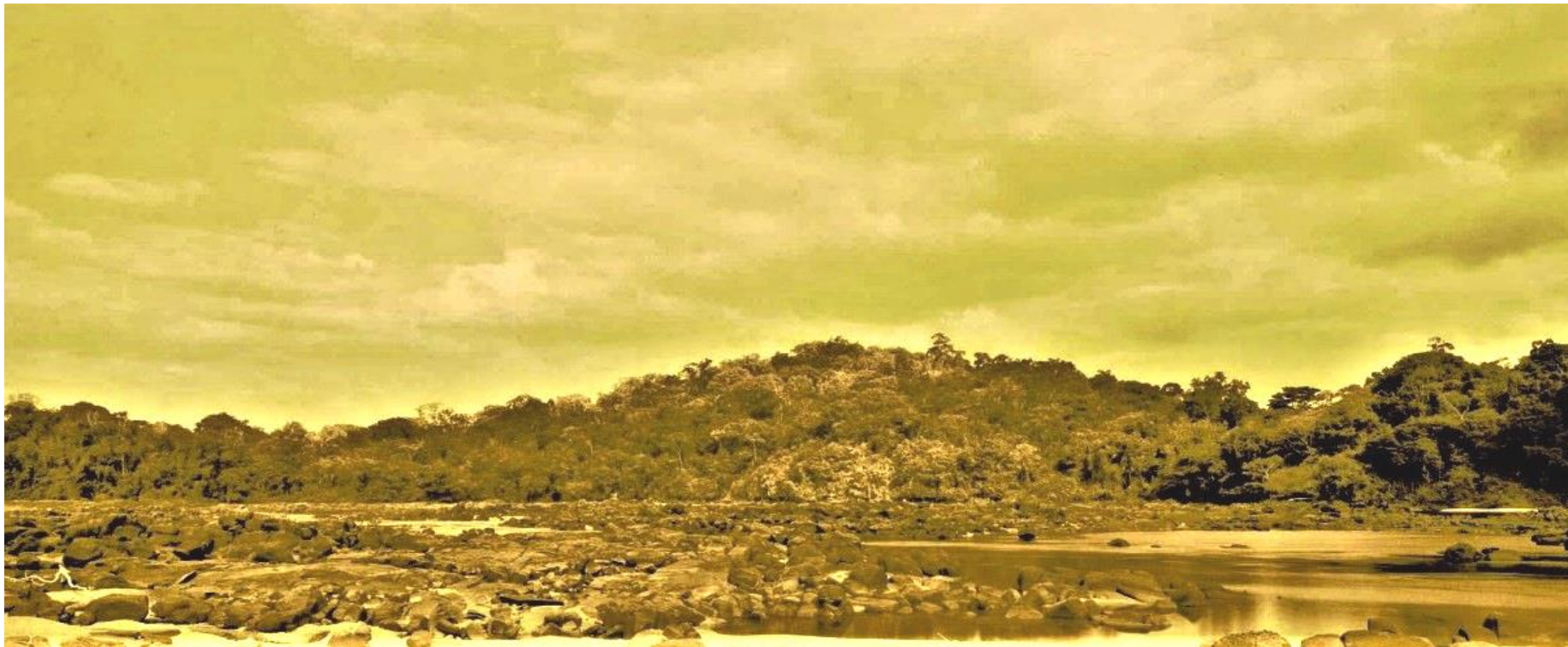



Imagem 109 – Fotografia n° 15

Imagem 110 – Fotografia n° 16

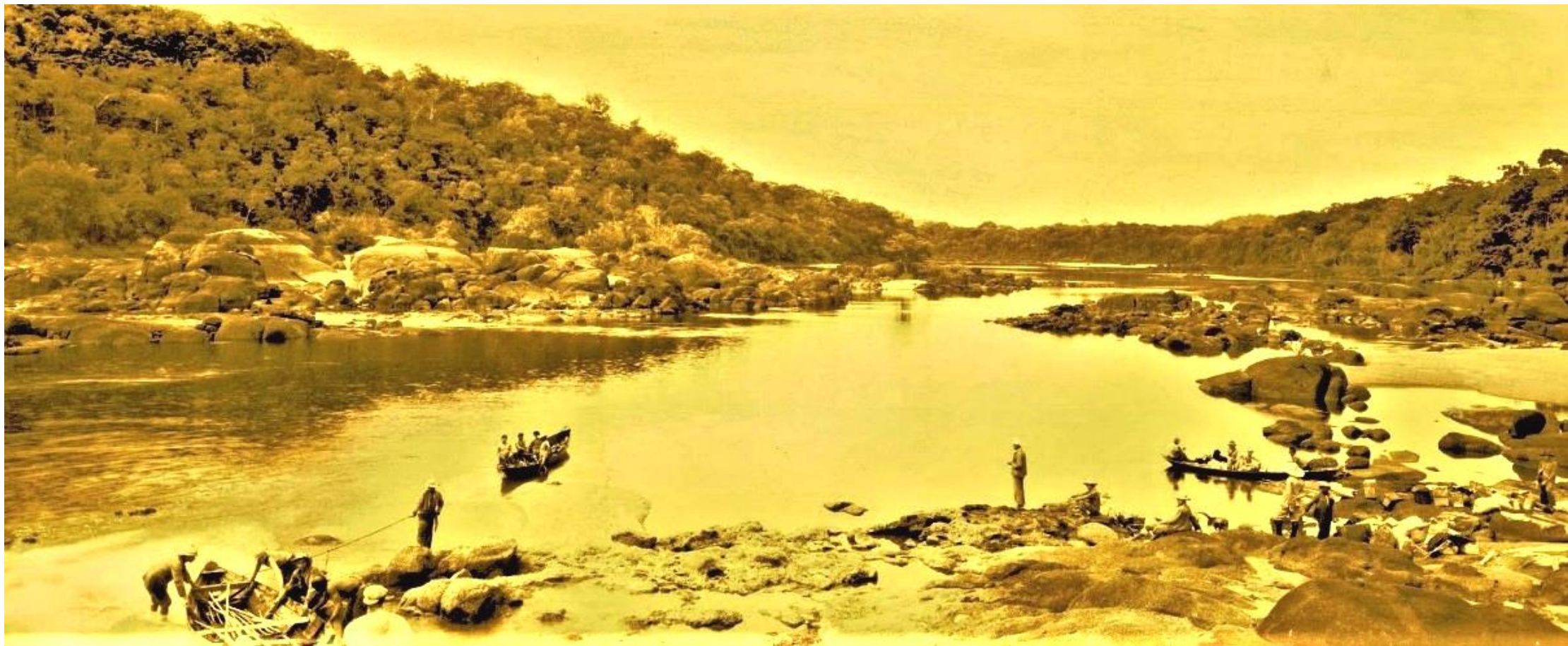



Imagem 111 – Fotografia n° 17

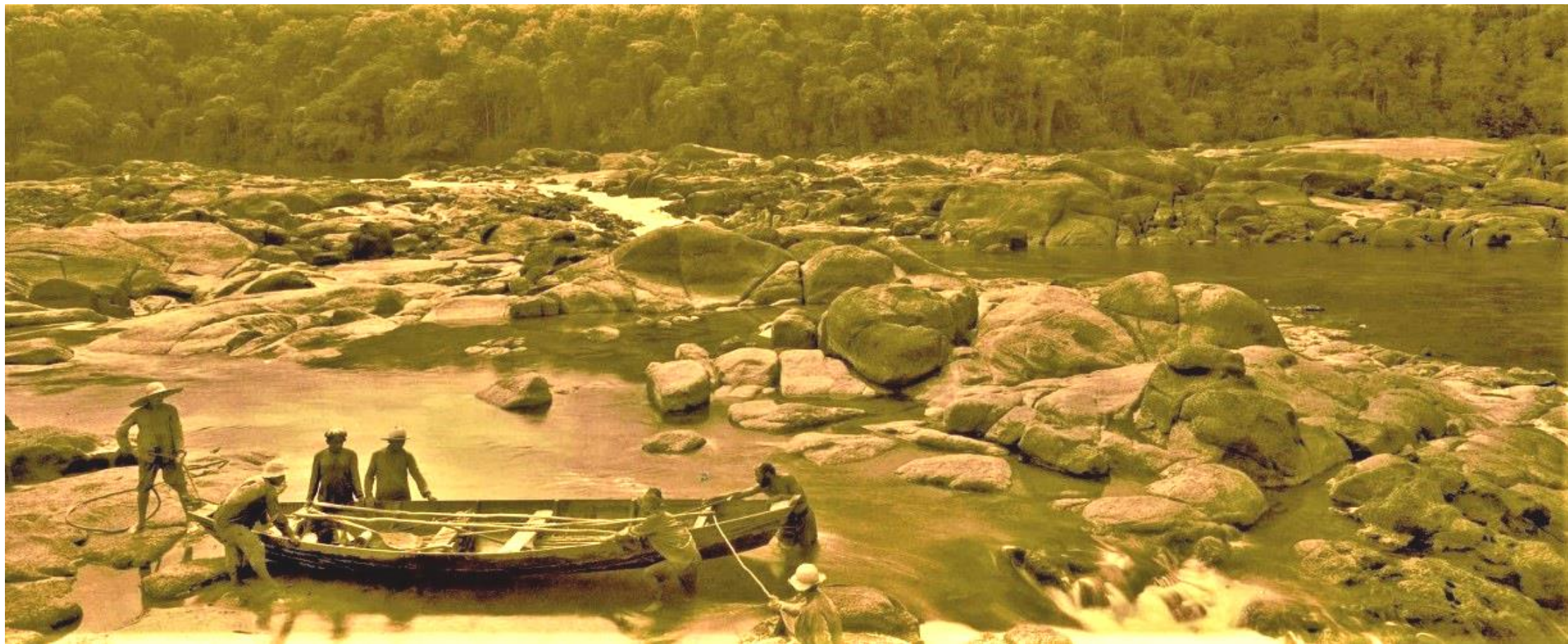



Imagem 112 – Fotografia n° 18

Imagem 113 – Fotografia n° 19

Imagem 114 – Fotografia n° 20

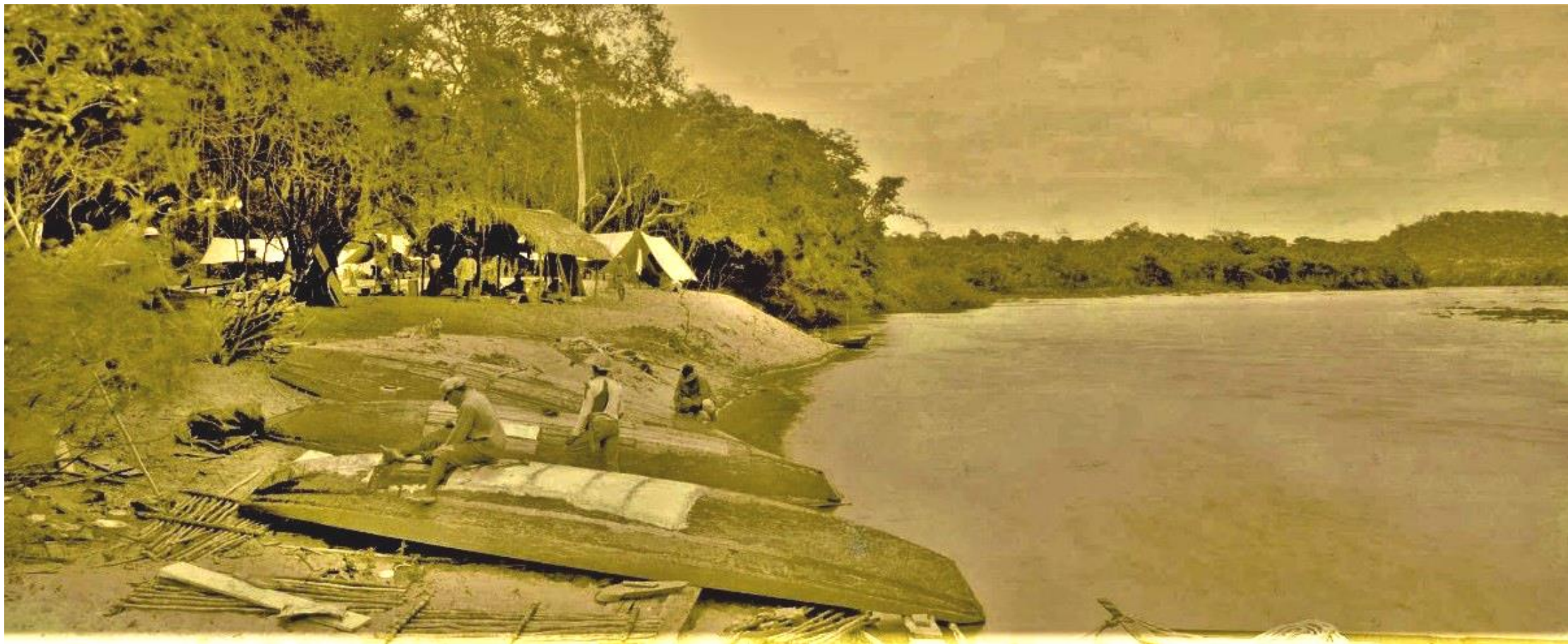



Imagem 115 – Fotografia n° 21

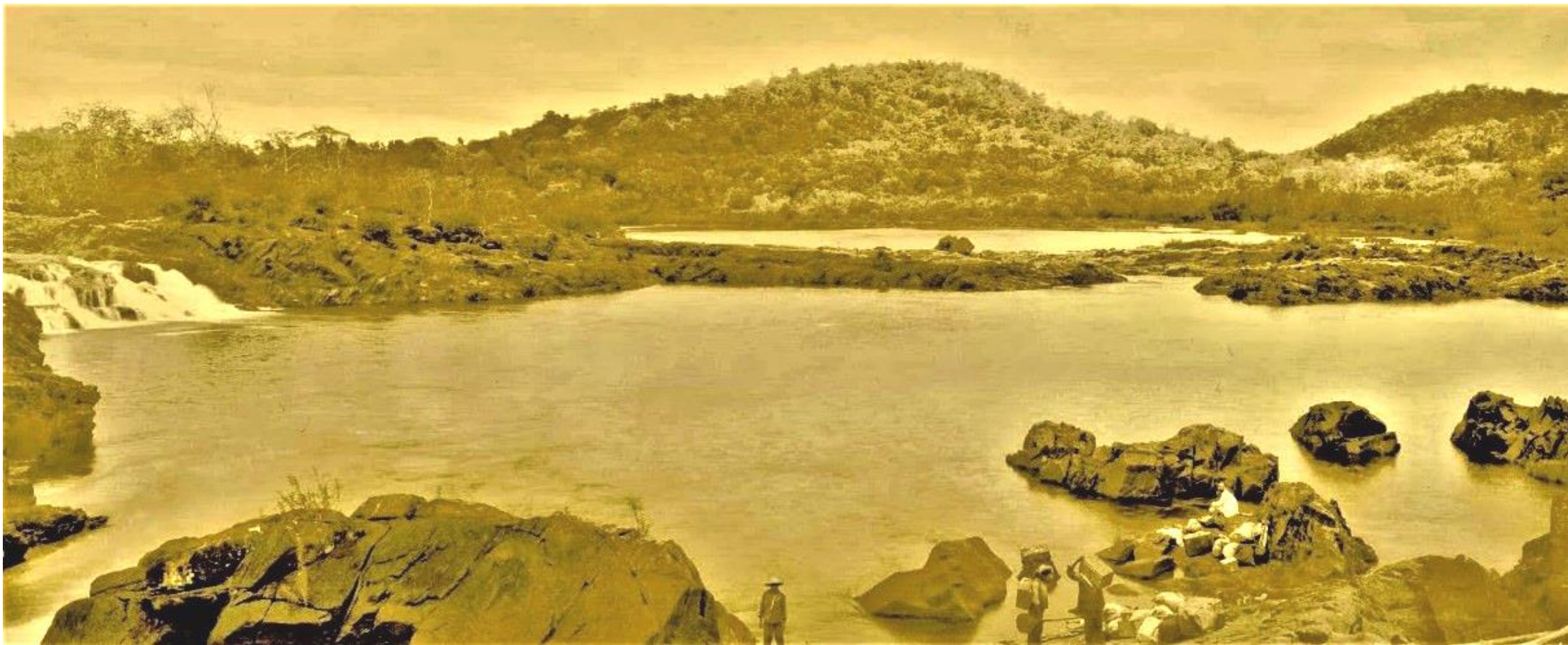



Imagem 116 – Fotografia n° 22

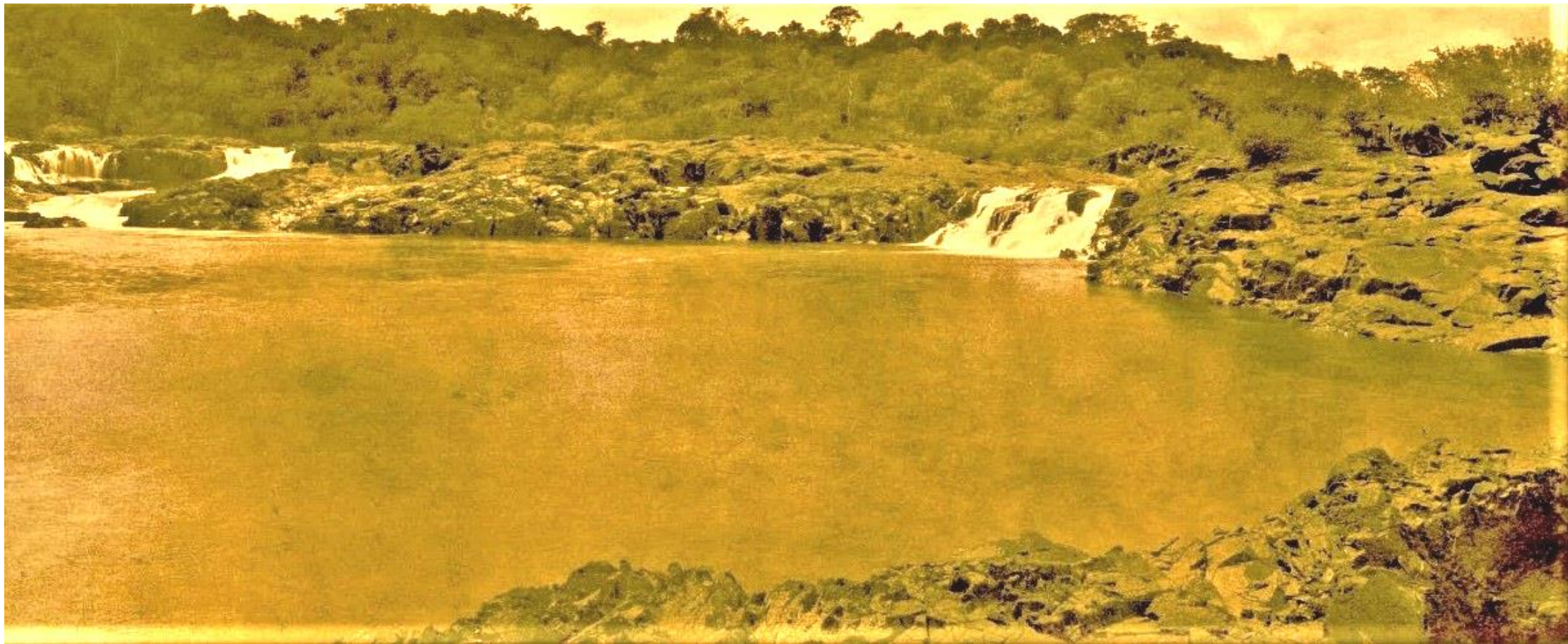



Imagem 117 – Fotografia n° 23

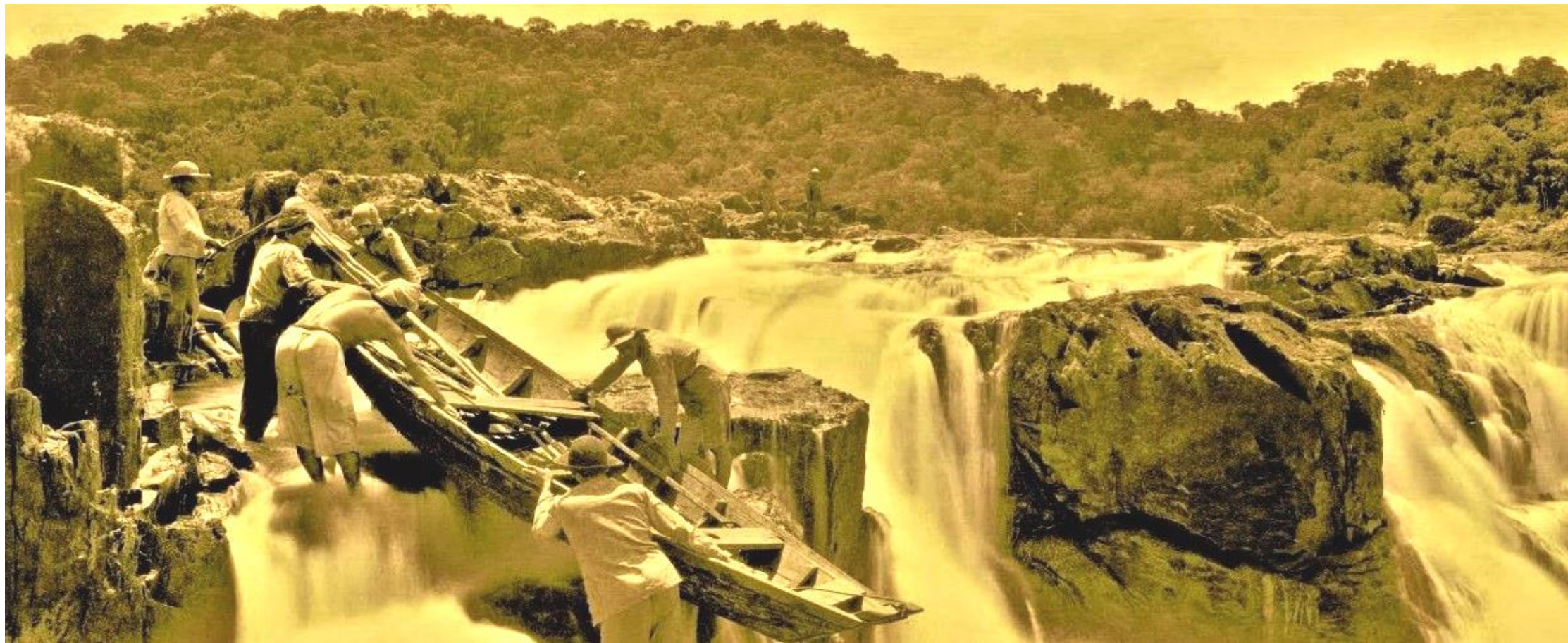



Imagem 118 – Fotografia n° 24

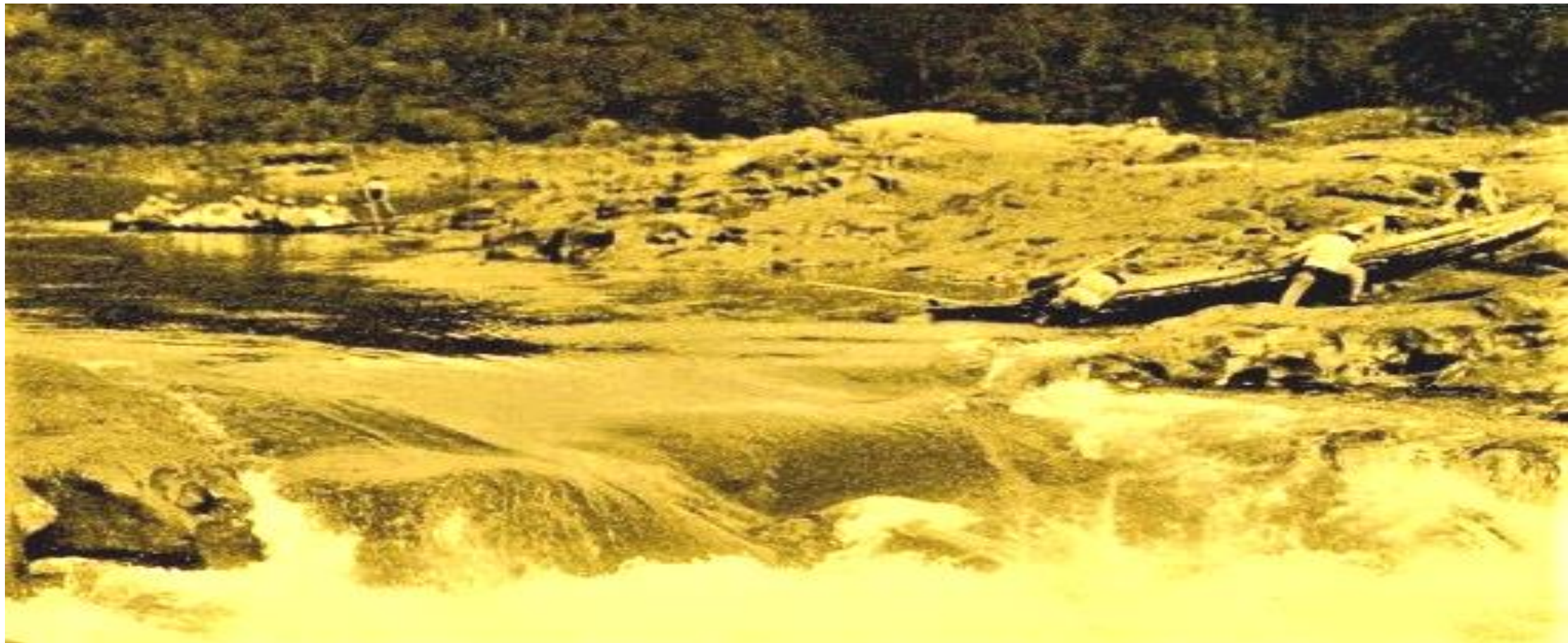



Imagem 119 – Fotografia n° 25

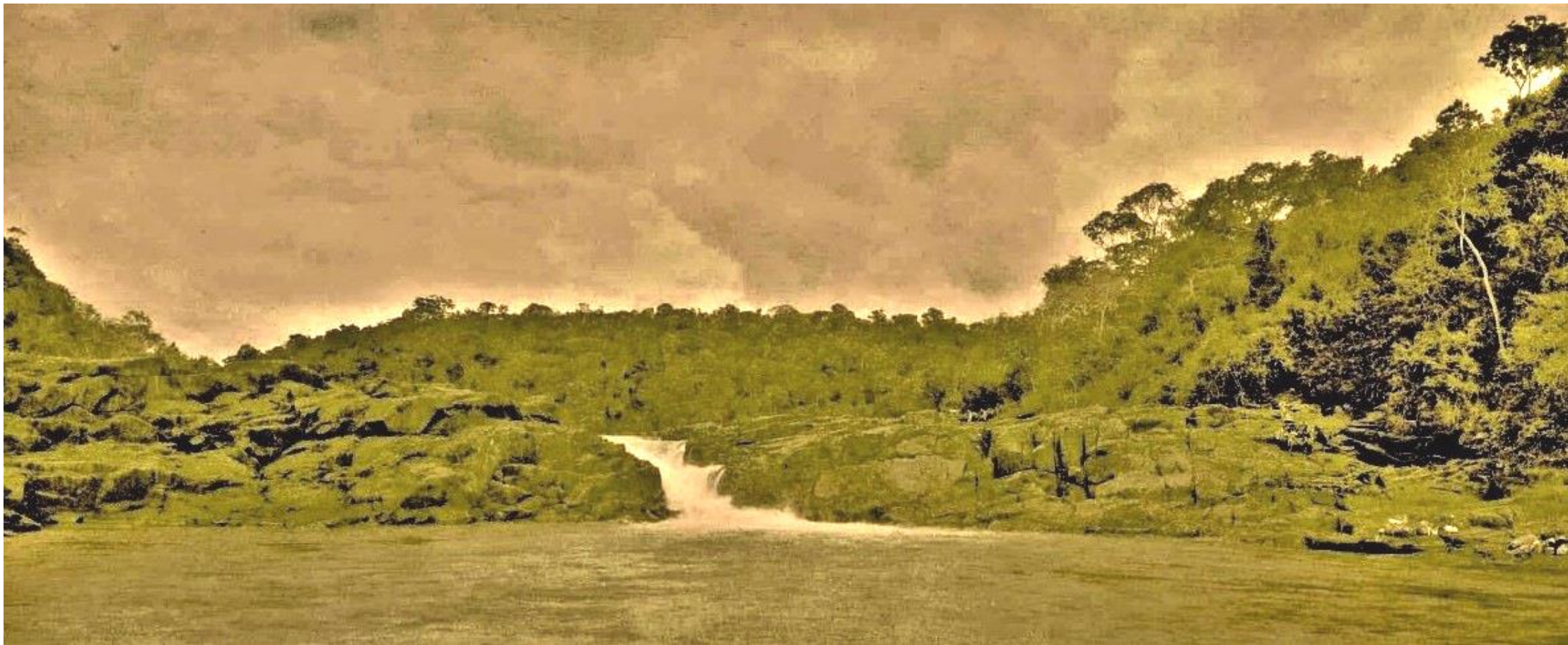



Imagem 120 – Fotografia n° 26

Imagem 121 – Fotografia n° 27

Imagem 122 – Fotografia n° 28

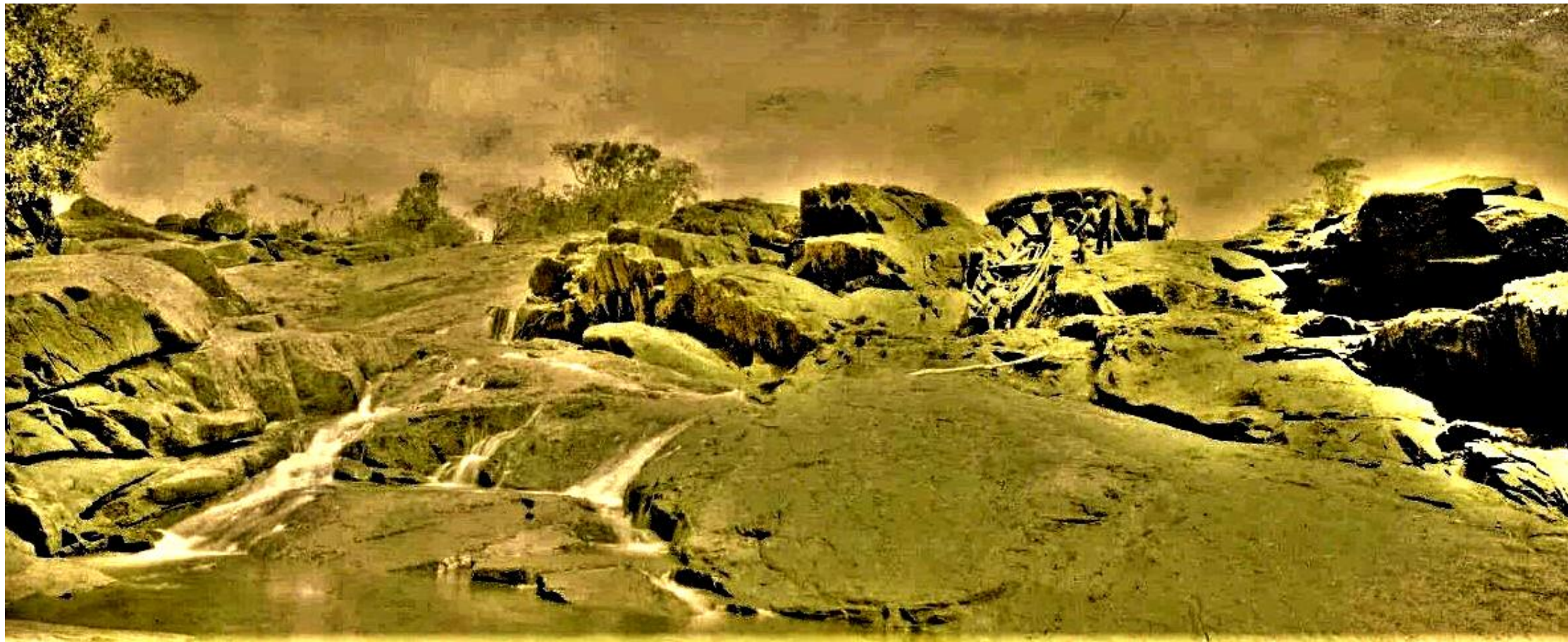



Imagem 123 – Fotografia n° 29

Imagem 124 – Fotografia n° 30

Imagem 125 – Região do Cuminá (IBGE)

Imagem 126 – Rio Trombetas, PA

Imagem 127 – Igreja N. Senhora de S. Ana – Óbidos

Imagem 128 – Óbidos, PA

Imagem 129 – Óbidos, PA

Imagem 130 – F. do Gurjão, S. da Escama, Óbidos, PA

Imagem 131 – Petróglifos da Serra da Escama

Mapa 1: Oriximiná /Óbidos/Alenquer/Santarém

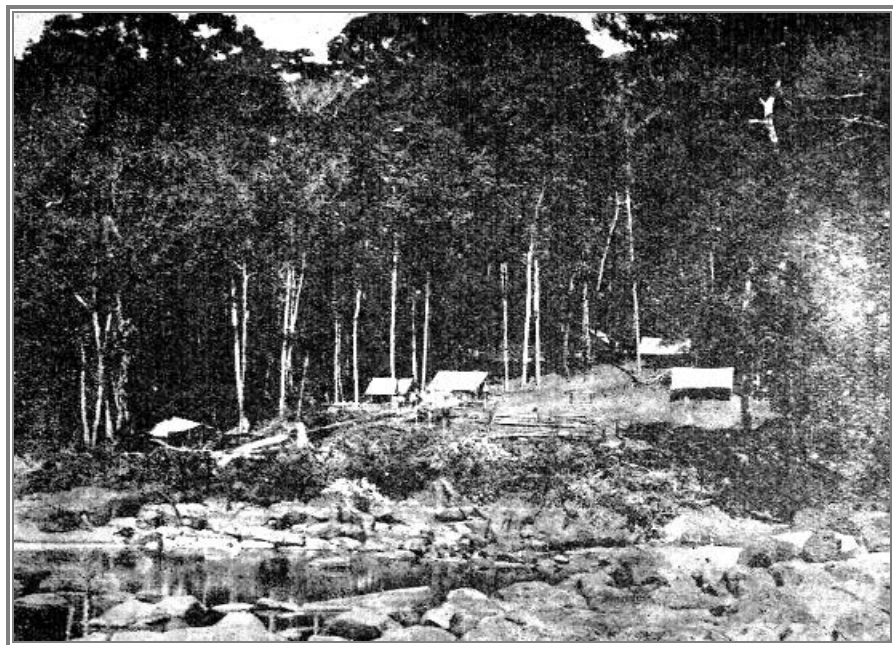



Imagem 132 – Acampamento do Breu (G. Cruls)

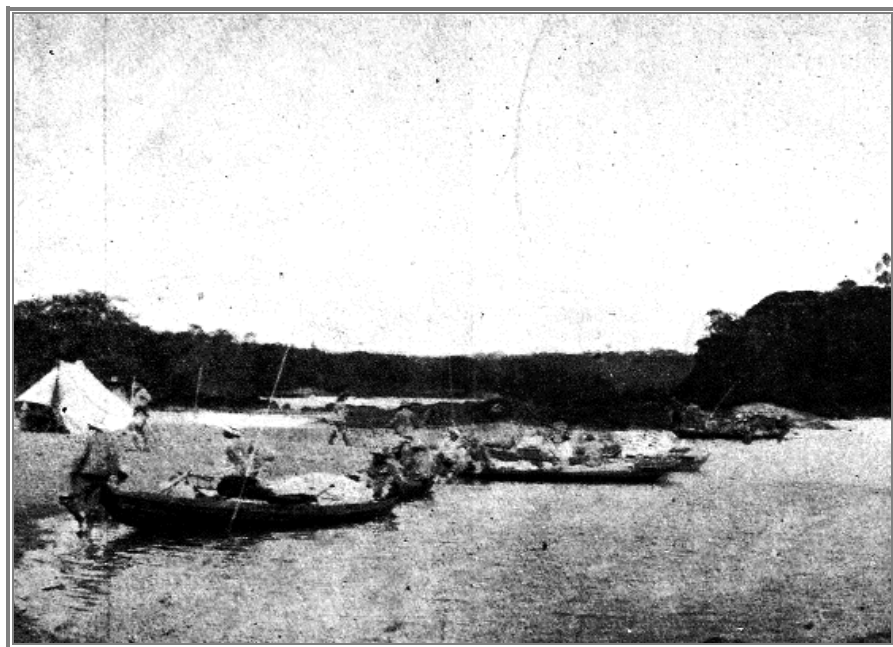



Imagem 133 – Organizando um Bivaque (G. Cruls)

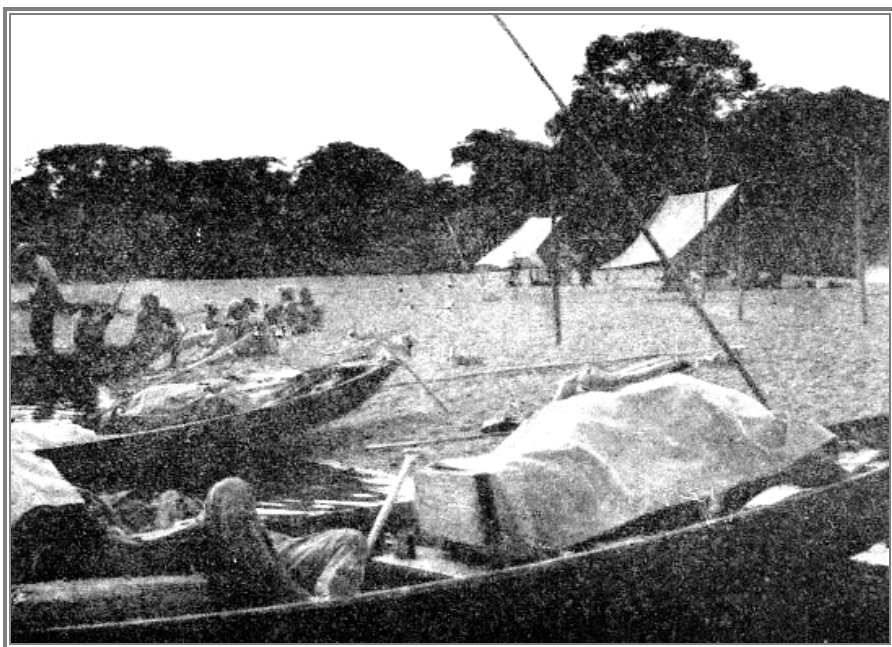



Imagem 134 – Bivaque de Tarumã (G. Cruls)

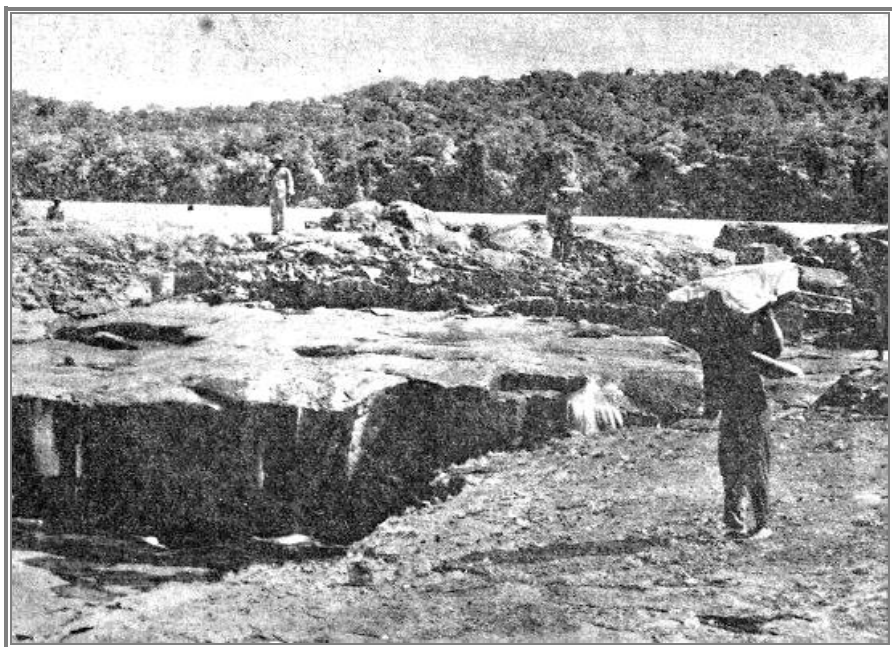



Imagem 135 – Cachoeira do Resplendor (G. Cruls)

Imagem 136 – Cachoeira do Jacaré (G. Cruls)

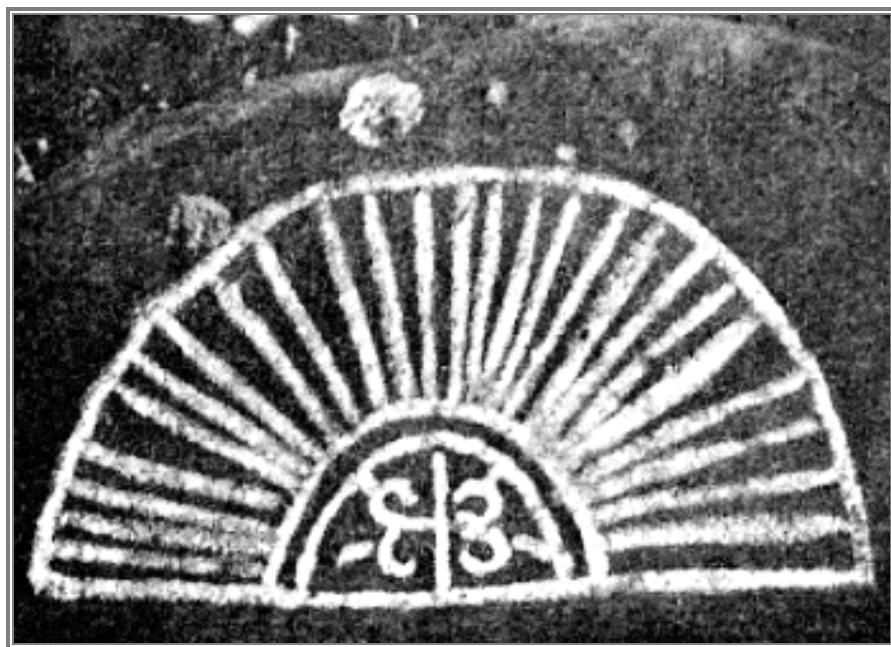



Imagem 137 – Cachoeira do Jacaré (G. Cruls)

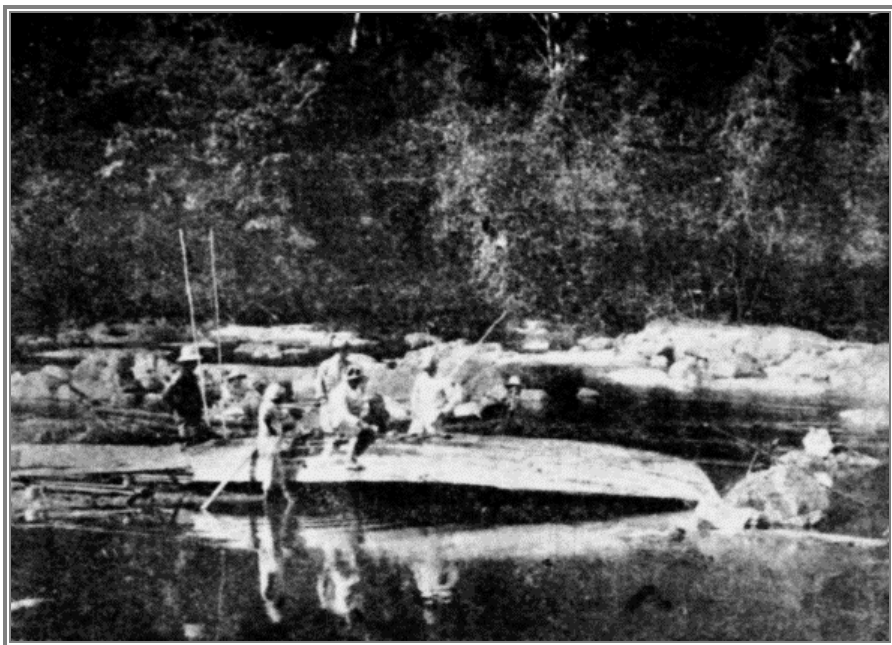



Imagem 138 – Conserto de uma canoa (G. Cruls)

Imagem 130 – Pico Ricardo Franco (G. Cruls)

Imagem 140 – Maloca Pianacotó (G. Cruls)

Imagem 141 – Índios Pianacotó (G. Cruls)

Imagem 142 – Tuxaua Pianacotó (G. Cruls)

Imagem 143 – Índios Tirió – Aldeia Rangú (G. Cruls)

A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque

(Gastão Cruls)

(Prefácio de Roquette-Pinto)

[...] Nós, seus leitores e admiradores, entendemos que com este livro, Gastão Cruls, além de servir de modo honesto à cultura brasiliana, ainda por cima pagou a dívida contida na "letra promissória" que foi a "Amazônia Misteriosa".

Pagou regiamente.

Nas páginas deste livro corre o mesmo estilo pessoal, puro e gracioso, ar retórico, bem humorado, sempre emotivo, que caracteriza o feitio artístico do escritor.

A evocação é, por vezes, magistral; sempre interessante. É livro bem vivido que, por isso mesmo, a gente pega e não deixa senão na última página.

Há nele toda uma vibração comedida, mas indisfarçável. O autor é discreto em tudo.

Poucas vezes um homem de letras aparece assim, tão igual a si mesmo. Buffon, ainda neste caso, acertou...

Quero dizer que este é um livro sincero, como é sincera toda a obra de Gastão Cruls. Sendo assim, embora gênero diverso, este volume não será considerado irmão espúrio dos outros lindos trabalhos do autor de "Coivara".

É a grande impressão que me deixou o livro. Há, porém, nele um traço que desejo salientar particularmente: a erudição científica que o autor soube polvilhar nas suas notas de maneira realmente feliz.

Quanta cousa a gente aprende sem esforço, nestas páginas soberbas! [...]

Partida para Óbidos

Os grandes blocos de arenito ferruginoso do ponto mais alto da Serra estão gravados com inscrições e desenhos indígenas. Acredita-se em Óbidos que o cume da Serra da Escama foi um cemitério de caciques indígenas, o que aliás denunciam as inscrições ali existentes. (KATZER)

Partida para Óbidos (17.01.2011)

Partimos, somente às 05h30, de Oriximiná já que os 45 km que separavam as duas cidades poderiam ser facilmente vencidos na parte da manhã. Depois de pouco mais de uma hora de navegação, o horizonte começou a clarear lentamente permitindo que se divisasse o contorno das margens do Trombetas. Logo em seguida, consegui visualizar, depois de uma suave curva à esquerda, as elevações, com mais de 100 metros de altura, características de Óbidos com a Serra da Escama ao fundo.

Óbidos é conhecida como a mais portuguesa das cidades do Estado do Pará, a "*Garganta do Rio Amazonas*" ou ainda a "*Fivela do Rio*". Edificada à margem esquerda do Rio Amazonas a uma distância de 1.100 km de Belém por via fluvial. A população, em torno dos 47 mil habitantes, concentra-se, na sua maioria, na sede do Município de 26.826 km². Óbidos teve sua origem vinculada ao Forte erguido em 1697, criando-se o Município em 1755, em homenagem à Vila portuguesa de mesmo nome.

Apelamos mais uma vez para os amigos da PM do Pará que prontamente nos atenderam na pessoa do Capitão PM Flávio Antônio Pires MACIEL. Graças ao Cap Maciel, estabelecemos contato com os irmãos maçons da Loja Força e Harmonia n° 19, Oriente de Óbidos.

Depois de sermos apresentados ao venerável Antônio Sales Guimarães Cardoso, o Cap Maciel nos levou até a Secretaria de Cultura, instalada no antigo prédio do Quartel de Artilharia do Exército. A edificação, concluída em 1909, foi tombada, em 1998, como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. O Secretário da Cultura e compositor Sr. Eduardo Dias concedeu-nos uma entrevista relatando a origem da Cidade e mostrou-nos as belas instalações de sua Secretaria. O Cap Maciel colocou à nossa disposição o Cabo da PM Risonaldo Leão da ROCHA para que ele nos mostrasse as belas construções de origem portuguesa e as características ladeiras de Óbidos.

Óbidos – Defesa Gurjão (18.01.2011)

No dia seguinte, guiados pelo Cabo Rocha, subimos a Serra da Escama para conhecer a Fortaleza do Gurjão com suas quatro peças de Artilharia de Campanha e Paiol. Nos idos de 1902, foi nomeada uma Comissão para estudar a defesa do Baixo Amazonas. A Comissão recomendou que fosse construído um Forte no alto da Serra da Escama onde se deveriam instalar três baterias: uma de dois canhões de grosso calibre, tiro rápido; uma de quatro canhões de médio calibre, tiro rápido; e uma de obuseiros de grosso calibre. A responsabilidade pela construção coube ao Major de Engenheiros Manoel Luiz de Melo Nunes e, em 1909, estavam concluídos o Quartel do 4° Grupo de Artilharia de Costa e o Forte. Após a revolução de 1924, passou a se denominar 8ª Bateria Independente de Artilharia de Costa. Os antigos canhões Krupp, da Serra da Escama, foram utilizados durante a Revolução Constitucionalista de 1932 pelos revoltosos para artilhar a embarcação Jaguaribe, abalroada e afundada na Batalha de Itacoatiara pelo vapor legalista Ingá (vide Amazonas I).

A “*Bateria da Escama*” foi artilhada, mais tarde, com quatro canhões Vickers Armstrong Modelo XIX. O Modelo XIX era um canhão empregado pela Artilharia de Costa calibre 152,4 mm – fabricado na Inglaterra pela empresa Vickers Armstrong, em 1918, e comprado dos EUA pelo Exército Brasileiro em 1940. Após a 2ª Guerra Mundial, foi transformado em Companhia de Infantaria e, depois, em Tiro de Guerra que permaneceu em atividade até o ano de 1967, quando foi extinto.

Forte Gurjão

O nome do complexo defensivo que se debruça sobre o estreito de Óbidos é uma justa homenagem ao grande herói paraense General Gurjão. Hilário Maximiano Antunes Gurjão nasceu em Belém, Pará, no dia 21.02.1820. Era Comandante da 17ª Brigada, na Guerra da Tríplice Aliança, quando Caxias determinou que a ponte sobre o Arroio Itororó fosse defendida a qualquer preço. Os combatentes brasileiros estavam em menor número e grande parte de seus comandantes, fora de combate ou mortos. Depois de diversas tentativas frustradas, veio uma nova ordem para tomar a ponte sob intenso fogo inimigo. O General Gurjão, verificando a hesitação das tropas, tomou à dianteira e bradou “*vejam como morre um General brasileiro!*”. Os soldados, motivados pelo corajoso General, avançam e conquistam a ponte. Gurjão é mortalmente ferido e não resiste aos ferimentos vindo a falecer a 17.01.1869. Além do Forte do Gurjão, a Serra da Escama é conhecida pelas suas inscrições rupestres.

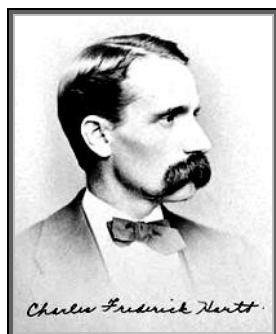



Imagem 144 – Charles Frederick Hartt

Inscrições Rupestres da Serra da Escama

[...] os desenhos foram achados em sete pedras no cume da Serra da Escama, a cerca de 400 braças da Cidade de Óbidos. (HART)

Nas proximidades dos canhões, existem interessantes inscrições rupestres há muito reportadas por pesquisadores. Os primeiros relatos foram feitos, no século XIX, pelo Geólogo Charles Frederick Hart que veio ao Brasil pela primeira vez em 1865, aqui permanecendo até 1867, sob a direção de Agassiz, e que, nos anos 1870 e 1871, visitou o Pará onde registrou a existência de vários sítios com pinturas e inscrições rupestres. As observações de Hart foram apresentadas, em 1871, no artigo intitulado "*Brazilian Rocks Inscriptions*". O Geólogo e Geógrafo norte-americano, naturalizado brasileiro, Orville Adalbert Derby, em 1898, assim se referiu às inscrições:

A Leste da povoação [Óbidos] existe um morro isolado, coberto de matas, com cerca de 50 m de altura, denominado Serra da Escama. A superfície é coberta de grandes massas de grês ferruginoso grosseiro em muitos dos quais estão gravadas imagens grosseiras parecidas com as que encontramos nas rochas do Ererê e outras áreas. (DERBY)

O naturalista francês Paul Lecointe, no seu livro "*L'Amazonie Brésilienne*", editado em 1922, comenta:

> *Na Serra da Escama, no entorno do atual Forte, se encontram grandes pedras com gravuras bizarras, entre as quais se podia distinguir imagens grosseiras do Sol. Nenhuma escavação foi feita, portanto diversas analogias com os cemitérios Incas permitem fazer interessantes descobertas arqueológicas. (LECOINTE)*

O Geólogo brasileiro Odorico Rodrigues de Albuquerque, do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, pesquisou as formações carboníferas da Bacia Amazônica, nos anos de 1918 e 1919, fazendo o seguinte registro em 1922:

> *Na esperança de que as escavações para as obras de Fortificação da Serra da Escama nos permitissem observar algo da estrutura da Serra, fizemos ali uma excursão, que infelizmente, pelo completo acabamento das obras, nada pude revelar. Apenas ali encontramos uns blocos de arenito em forma de laje, dois dos quais, com inscrições indígenas, se inclinavam com outros, concordantemente, para Nordeste, mas com aparência de terem sido desmontados pelo desmoronamento das rochas sotopostas ([263]). Não sabemos o valor que podem ter estas inscrições, que tanto podem ser simples garatujas indígenas, como também podem conter futuras contribuições para a história dos primeiros habitantes da Amazônia que, em muitos pontos, deixaram evidentes sinais de sua superior cultura sobre o aborígine moderno, como se vê pela pequena coleção de muiraquitãs de feições budistas [amuletos] do Sr. Barão de Solimões, em Óbidos, e das coleções cerâmicas que se acham em nossos museus.*

[263] Sotopostas: das camadas inferiores. (Hiram Reis)

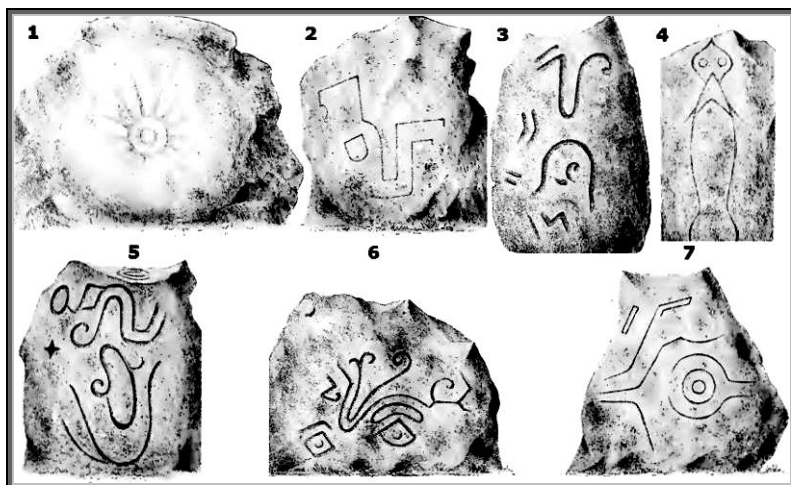



Imagem 145 – Inscrições da Serra da Escama, PA

Oxalá que estudiosos destes assuntos, como o Coronel Bernardo Azevedo da Silva Ramos, Diretor do Instituto Histórico de Manaus, cujos trabalhos, ainda inéditos, prometem sensacionais revelações, venham nos despertar mais carinho por tais monumentos que estão sendo destruídos por nosso menosprezo. Assim, por exemplo, estas inscrições da Serra da Escama, ou Óbidos, brevemente terão sua autenticidade comprometida, porque os soldados da guarnição do Forte escrevem com o sabre nomes nas superfícies disponíveis das lajes.

Até a pouco estas inscrições eram respeitadas e mesmo, referia-me o Sr. Barão de Solimões, que certa vez teve que impedir que um viajante inglês as conduzisse para a Inglaterra, e não vejo motivo para que agora não se continue a guardá-las com o mesmo carinho. (ALBUQUERQUE)

Óbidos

Óbidos, noutro tempo Pauxis, nome dos índios para cujo estabelecimento teve princípio, Vila considerável, situada numa colina com alguma regularidade, e uma grande Praça no centro, junto à Embocadura Oriental do Rio das Trombetas, com espaçosa vista para o Amazonas, cujas águas nesta paragem correm todas por um Canal de oitocentas e sessenta e nove braças de largura (1.590 m); mas de tal profundeza, que tendo sido várias vezes sondado, não se lhe achou fundo. Tem uma magnífica Igreja paroquial dedicada a Sant'ana. Fica dezesseis léguas ao poente de Alenquer. Seus habitantes recolhem diversidade de víveres, algodão, e grande quantidade de cacau, que é um dos mais bem reputados da capital. (CASAL)

Origem do Nome

Ao contrário do que se possa pensar, o nome "*Óbidos*" não deriva, absolutamente, como afirmam alguns autores desavisados, da parônima "*óbitos*" ([264]), mas sim do termo latino "*oppidum*", que significa "*Cidadela*", "*Cidade Fortificada*".

Óbidos Lusitana

A homônima portuguesa da Óbidos brasileira possui um notável conjunto arquitetônico protegido pelas muralhas do seu castelo, cuja origem alguns historiadores atribuem aos romanos. A área fortificada se estende por uma área de 14,5 hectares. Seu Festival do Chocolate e belezas naturais alcançaram fama internacional, atraindo milhares de turistas anualmente.

---

[264] Parônimo: palavra que, embora apresente forma semelhante na grafia e na pronúncia, possui significado diferente, provocando, por vezes, confusão. (Hiram Reis)

Sua excelente localização junto ao mar e proximidade da Lagoa de Óbidos despertou interesse de diversos povos ao longo dos séculos, entre eles Romanos, Árabes e Visigodos. A criação da Vila, que remonta ao século I, teve origem na Cidade de "*Eburobrittium*" – metrópole romana, próxima a atual Vila de Óbidos e que escavações arqueológicas, ainda em andamento, deixaram parcialmente a descoberto.

Os portugueses conquistaram Óbidos, dos Mouros, em 1148, que recebeu a primeira Carta Foral ([265]) em 1195, sob o reinado de D. Sancho I. Nesta Cidade existe, ainda hoje, um belo complexo turístico, às margens da Lagoa de Óbidos, conhecido como Conselho das Caldas da Rainha em homenagem à rainha Dona Leonor que aí permanecia longas temporadas. No dia 16.02.2007, o castelo da Cidade recebeu o diploma de candidata como uma das sete maravilhas de Portugal.

Histórico

Óbidos é uma das cidades paraenses tidas como "*irmã*" da lusitana Vila de Óbidos. Além da herança do nome, a Cidade de Óbidos do Pará herdou tradições dos colonizadores portugueses. As ruas estreitas e ladeiras acentuadas, as mercearias de esquina e os amplos sobrados e casarios, que datam dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, são alguns dos retratos de Portugal em plena Amazônia. A Cidade, localizada na "*garganta*" do Amazonas, possui monumentos que contam um pouco da história da Cidade, fundada nos idos de 1697.

---

[265] Carta Foral: diploma, também designado por Foral, concedido pelo Rei ou por um senhor laico ou eclesiástico, a um determinado local, dotando-o de autoridade legítima na regulação da vida coletiva da população. (Hiram Reis)

Secretário de Cultura do Município de Óbidos

Entrevista com o Secretário de Cultura do Município de Óbidos Sr. Eduardo Dias:

O dado mais importante do surgimento da Cidade de Óbidos é o acidente geográfico do Rio Amazonas, a parte mais estreita e mais profunda, a famosa garganta do Rio Amazonas, internacionalmente conhecida. Os primeiros navegadores da Amazônia, Francisco de Orellana e Pedro Teixeira, fizeram anotações nos seus diários dessa Embocadura, foram eles que indicaram à Coroa da necessidade de se construir uma Fortaleza para garantir a segurança, a hegemonia portuguesa. Naquela época, tanto os portugueses como os espanhóis disputavam a região. Os portugueses chegaram em 1687, e um cidadão chamado Manoel da Mota Falcão foi designado pelo Rei para fazer o Forte, mas ele faleceu antes de concluir a obra e seu filho, Comandante Manoel da Mota Siqueira, a terminou 10 anos depois. Com o Forte, tem início a história de Óbidos. Em 1754, é que o Francisco Xavier de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, eleva o povoamento a categoria de Vila, a Vila de Pauxis que é o nome primitivo, mais tarde quando ela foi elevada a categoria de Cidade, em 1854, é que foi denominada de Óbidos.

A Cidade tem, na sua essência, a base militar; nesse período, aqui sempre teve a Guarda Nacional, o Exército Imperial sempre esteve aqui presente, mas somente em 1909 o Governo Federal criou esse complexo militar e mais uma Bateria a céu aberto, na Serra da Escama, com os canhões ingleses, um excelente ponto de defesa e também de fiscalização.

É assim que Óbidos vem pautando a sua vida econômica, cultural. O Exército é muito importante na formação cultural e social do povo de Óbidos.

Segundo o escritor Ildefonso Guimarães, ele diz que Exército era a grande universidade do caboclo da Amazônia, o Exército era o grande caminho para as pessoas chegarem até General, nós tivemos Generais que saíram daqui do Quartel de Óbidos.

O Quartel teve muita participação na questão política brasileira, aqui o Tenente Barata foi preso, em 1924, e aqui aconteceu o famoso episódio de 1932, que foi relatado no livro "Dias Recurvos, Anatomia de uma Rebelião" do escritor Idelfonso Guimarães.

Marcos Históricos Obidenses

4° Grupo de Artilharia de Costa (4° GACos)

Inaugurado em 1909, destinou-se ao então 4° Batalhão de Artilharia de Posição, onde serviu o Tenente Leônidas Cardoso, pai do Presidente Fernando Henrique Cardoso, após o Movimento do "*Tenentismo*". Ildefonso Guimarães conta uma hilária história que aconteceu nas instalações do 4° GACos.

Houve um tempo, na história militar de Óbidos, que a Cidade era guarnecida por um Grupo de Artilharia [4° GACos], o que corresponde na arma de infantaria a uma Companhia. A unidade, por ser isolada, era comandada por um oficial-superior [Major] e entre outros serviços internos tinha o de Carpintaria. Chefiava na época esse serviço um 1° Sargento muito bonachão e estimado, cujo nome-de-guerra era Paixão.

Certa vez, em tempo de inspeção de saúde semestral da tropa, o Sargento Paixão recebeu uma ordem do comando para fazer apresentar à Enfermaria Regimental [ER], a fim de submeter-se à mencionada inspeção, o pessoal do Serviço de Carpintaria, inclusive ele, Chefe da Oficina.

Na data aprazada, Paixão reuniu o seu pessoal e o mandou apresentar-se, comandado pelo Cabo carpinteiro, ao Serviço de Saúde. Ele não foi.

Dois dias passados, o Sargenteante da Unidade enviou um Soldado para informar-lhe que devia apresentar-se no Gabinete do Comando, pois o Major Comandante, em pessoa, queria lhe falar.

Paixão imediatamente desfez-se do macacão de trabalho, uniformizou-se devidamente e subiu à casa das ordens para se apresentar ao Comandante. No gabinete, depois de despachar alguns papéis, o Major o encarou por baixo dos óculos e lhe perguntou:

– Sargento Paixão, qual foi a ordem que o senhor recebeu sobre a inspeção de saúde do pessoal da Carpintaria?

– A ordem que eu recebi, seu Major, foi pra mandar se apresentar na ER todo o pessoal da Carpintaria... inclusive eu! – Respondeu serenamente Paixão.

– Certo, Sargento. – redarguiu o Major – E o que o senhor tem por inclusive?

– Inclusive, seu Major, é eu mandar o pessoal e eu ficar.

– Muito bem, Sargento Paixão! – retornou escarninho o Major – Então o senhor vá se apresentar ao Inferior de Dia ([266]), e diga-lhe que, de minha ordem, o senhor fica detido no quartel por oito dias, para aprender o que é inclusive!... ([267]) (GUIMARÃES)

---

[266] Inferior-de-dia era, naquele tempo, era como se designava o Sargento-de-dia à guarnição, que auxiliava ou substituía o Oficial-de-dia em seus impedimentos. (Hiram Reis)

[267] Certamente o Sargento Paixão confundiu o termo "*inclusive*" com "*exclusive*" (exceto, menos). (Hiram Reis)

Manifestações Culturais

"Carnapauxis" ou "Mascarado Fobó"

O carnaval animado de Óbidos começou no início do século XX, com as famílias tradicionais da Cidade. Influenciadas pelos colonizadores portugueses, elas realizavam os "entrudos" – batalha entre famílias munidas de fuligem de panela, farinha de trigo e tinta para "atacar" os brincantes. A brincadeira durou até 1918, quando a diversão das famílias foi substituída pelas festas carnavalescas. Apareceram os grandes bailes e os blocos. O primeiro, chamado de "Os Espanadores", era formado só por militares. Surgiram também os cordões carnavalescos e os mascarados, que se fantasiavam para falar mal dos políticos e pessoas importantes da Cidade.

Em 1927, o carnaval ganhou uma nova cara, com o surgimento dos clubes. O "Amazônia Clube", frequentado pelas famílias tradicionais da terra, foi o primeiro deles. Lá, aconteciam grandes e luxuosos bailes carnavalescos. Enquanto isso, nas ruas, grandes blocos surgiam, todos embalados ao som das "orquestras musicais".

No final da década de 70, uma crise político-econômica atingiu o Município e o empolgante carnaval desapareceu. Por quase 20 anos, os clubes e as ruas da Cidade ficaram sem marchinhas, mascarados, fantasias. O retorno só aconteceu em 1997. Com a ajuda da Prefeitura, os antigos carnavais voltaram às ruas de Óbidos.

A tradição fez ressurgir os blocos de mascarados, que hoje animam o carnaval e atraem milhares de pessoas de diferentes regiões do Estado e até mesmo de outras capitais brasileiras, que chegam a comparar o carnaval de Óbidos ao de Olinda, em Pernambuco. [...] (Fonte: PARATUR)

José Monteiro de Noronha (1768)

58. *Entre o sítio de Parycatyba e a Vila de Óbidos na mesma margem Austral, se acha a boca de um Lago Grande chamado das Campinas, em distância de légua e meia do sítio sobredito, pelo qual podem navegar canoas grandes, e sair muito acima da Fortaleza de Pauxis, tendo prático capaz.* (NORONHA)

Manuel Aires de Casal (1817)

Óbidos, noutro tempo Pauxis, nome dos índios para cujo estabelecimento teve princípio, Vila considerável, situada numa colina com alguma regularidade, e uma grande Praça no centro, junto à Embocadura Oriental do Rio das Trombetas, com espaçosa vista para o Amazonas, cujas águas nesta paragem correm todas por um Canal de oitocentas e sessenta e nove braças de largura ([268]); mas de tal profundeza, que tendo sido várias vezes sondado, não se lhe achou fundo. (CASAL)

Spix e Martius (1819)

O estreito do Rio, sem Ilhas, diante do qual nos achávamos, chamado na língua geral, Pauxis, forma, como segundo pongo ([269]) do gigantesco Amazonas, um notável ponto geográfico. A sua largura foi determinada trigonometricamente pela Comissão Portuguesa de limites, em 869 braças ([270]). (SPIX & MARTIUS)

---

[268] Oitocentas e sessenta e nove braças de largura: 1.589 metros. (Hiram Reis)

[269] Pongo: trecho de um Rio, apertado entre montes talhados a pique. (Hiram Reis)

[270] 869 braças: La Condamine avalia em "*905 toezas*" – 1.7642 metros. (Hiram Reis)

Henry Walter Bates (1859)

Quando desci o Rio em 1859, um engenheiro militar alemão, a serviço do Governo brasileiro, disse-me ter encontrado camadas calcárias incrustadas de conchas marinhas ([271]) interestratificadas com a argila. (BATES)

---

[271] Conchas marinhas: Bates refere ter ouvido dizer que foram encontradas em Óbidos camadas calcárias contendo conchas marinhas e interestratificadas com argilas; mas não examinou ele mesmo esses extratos. As conchas de Óbidos não são marinhas, são "*Unios*" de água doce muito semelhantes a Avicula, Solen e Arca. Conchas como essas pseudomarinhas me foram trazidas das cercanias de Santarém, na margem oposta à de Óbidos, e facilmente as reconheci como realmente o são, isto é, como conchas de água doce da família das Náiades. Eu próprio recolhi exemplares dessas conchas nas camadas argilosas das margens do Solimões, próximo a Tefé, e poderia tê-las tomado por fósseis daquela formação se não soubesse a que ponto as Náiades se enterram na vasa. A sua semelhança com os gêneros marinhos acima referidos é muito notável e o erro em que se caiu sobre o seu caráter zoológico real é tão natural como o que faz os ictiólogos do passado e mesmo viajantes contemporâneos confundirem certos peixes d'água doce do alto Amazonas e do gênero Pterophyllum Heckel com um gênero marinho, Platax. (AGASSIZ)

O gênero Pterophyllum foi descrito, pela primeira vez, em 1823, por Lichtenstein como Zeus "*scalaris*". Como já existia um animal com este nome, Heckel propôs, em 1840, a alteração do gênero para Pterophyllum. São conhecidas 4 espécies: a Pterophyllum "*scalare*" (Acará-Bandeira) é um dos mais populares peixes de água doce do mundo. (Hiram Reis)

Morada dos Deuses

Alenquer, Vila considerável, abastada e bem situada sobre o desaguadouro central do Lago Surubiu, quatro léguas longe do Amazonas, e treze ao Norte de Santarém. É terra infestada do mosquito carapanã: a sua Matriz demanda a Santo Antônio. Seus habitantes cultivam mandioca, milho, arroz, tabaco, e ótimo cacau, sua principal riqueza. A carne de gado, que se cria no seu contorno, é deliciosa. (CASAL)

Na noite de 18, eu e o Teixeira participamos de uma ágape oferecida pelos gentis Ir∴ da Loja Força e Harmonia n° 19 do Oriente de Óbidos. Recolhemo-nos cedo, tendo em vista que a jornada fluvial começaria antes do alvorecer.

Partida para Alenquer (19/20.01.2011)

Partimos às 05h30, do dia 19; como ainda estava muito escuro, liguei minha lanterna de cabeça e parti, colado à margem esquerda, imprimindo um ritmo forte, rumo ao Paraná-mirim de Óbidos. Depois de remar 20 km, durante duas horas, avistei meu primeiro ponto de referência: a ponta Oeste da Ilha do Meio. Continuei remando próximo à margem direita e adentrei pelo Paraná do Piaba, mantendo a média dos 11 km/h. Cheguei ao destino programado, a 46 km de Óbidos, por volta das 10h20 e decidi continuar remando para encurtar a jornada do dia seguinte, prevista para 56 km. Chamei a equipe de apoio pelo rádio e informei minha decisão de continuar remando até o meio-dia quando escolheríamos um local adequado para aportar o Piquiatuba. As águas calmas e espelhadas, a brisa suave e fresca e a chuva fina e refrescante anunciavam que nossa estada na Morada dos Deuses seria bastante agradável. Por volta das 11h40, aportei concluindo um trajeto de 61 km, na Comunidade Centro Comercial.

Partimos às 05h30, do dia vinte, rumo a Alenquer. O trajeto era curto, de aproximadamente 40 km e decidi remar sem paradas, somente ingerindo água e frutas em curtas paradas sem aportar. A chegada em Alenquer, às 10h00, teve apoio da mídia local e uma recepção sem precedentes pelos Ir∴ da Loja Fraternidade Alenquerense, capitaneados pelo Venerável Emanoel Lopes Bentes, do Presidente da Câmara de Vereadores e do Prefeito Interino.

Visita à Morada dos Deuses (21.01.2011)

Conforme acordado no dia anterior, foi colocado um micro-ônibus à nossa disposição a partir das oito horas para visitar a Morada dos Deuses, mas a chuva que havia caído a noite inteira, e até o momento da partida não dera trégua, obrigou-nos a transferir a saída para as 13h00. Acompanhados pelo filho do dono da propriedade, o Irmão Maçom Márcio Monteiro, finalmente chegamos à Morada dos Deuses. O nome não poderia ser mais adequado, as magníficas formações de arenito impressionam pela diversidade de formas, impregnando o local de uma profunda energia telúrica e um forte apelo místico convidando à meditação e à contemplação das belas obras de arte moldadas, pessoalmente, pelas mãos do Grande Arquiteto do Universo.

Grandes monólitos de pedra quadrangulares dispostos horizontalmente lembram túmulos de antigos deuses. A explicação de alguns especialistas para as curiosas esculturas naturais seria a de que a região fora antes um Rio caudaloso que, paciente e esmeradamente, esculpira as curiosas formações. Mesmo concordando com essa explicação seja a verdadeira, o fato é que as águas nada mais foram do que um fluído pincel nas mãos do Supremo Arquiteto.

Reflexões na Rota Alenquer

As longas e solitárias marchas fluviais nos remetem à meditação. A distância e a falta de comunicação nos afastam, por vezes, da realidade e do dia-a-dia daqueles que nos são mais caros. Somente ontem fiquei sabendo do falecimento de minha querida prima Jussara Pacheco de Campos vítima de um cruel e mortal câncer que a perseguia há anos. Desde o início, ela lutou corajosamente sem demonstrar, jamais, qualquer temor em relação ao mal que a acometia.

Recebi, recentemente, a correspondência indignada de um caro amigo canoísta, denunciando que participou de uma fraude, patrocinada por uma equipe de TV. As Federações Amazonense e Paraense de canoagem e pseudos desportistas participaram da malfadada "*I Expedição de Caiaque Manaus-Belém*".

A famigerada trupe forjava a suposta descida do Amazonas emperiquitada no barco de apoio e só embarcavam nos caiaques ao se aproximar das Comunidades e reembarcavam no BM tão logo as ultrapassavam. Meu amigo, um verdadeiro desportista, indignado com o procedimento antiesportivo e antiético abandonou os farsantes em Santarém. Reproduzo seu e-mail:

> *No final de abril/início de maio, "embarcado" na "canoa furada" do Evaldo Malato, fizemos Manaus / Santarém. No início, a programação foi seguida à risca; depois disso, a equipe de TV da AmazonSat deslumbrou o Malato e passamos, todos, a ser figurantes da programação de TV e de um documentário "mentiroso". Remar? Última forma! Navegar no barco de apoio e desembarcar 15 min antes de chegar às povoações, assim simulando remadas de 100 km.*

Essa mentira, patrocinada pela mídia local, fez-me recordar o da jornalista presa no Paraná por envolvimento com traficantes e que obtinha informações privilegiadas sobre o local onde seriam encontradas as vítimas da quadrilha. A jornalista Maritania Forlin, da Rede Independência de Comunicação (RIC), da Rede Record do Paraná, ao ser presa, negou qualquer tipo de participação no tráfico e que apenas mantinha relacionamento amoroso com Gilmar Tenório Cavalcanti, chefe do bando, também preso.

As gravações de áudio, feitas pelos investigadores comprovaram o envolvimento de Maritania. A mentalidade vigente de que os fins justificam os meios parece estar cada vez mais presente no comportamento das pessoas.

Imagem 146 – Alenquer, PA

Imagem 147 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 148 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 149 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 150 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 151 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 152 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 153 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 154 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Imagem 155 – Morada dos Deuses – Alenquer, PA

Árvore Funesta - I
(Múcio Teixeira)

I

Da árvore fatal da minha vida,
Que eu vi tão cedo rebentar em flor
Deitou-se à sombra a Musa, enlanguescida,
E sonhou, sem dormir, sonhos de amor!

E da árvore em flor por entre as franças ([272])
Suspiravam as brisas dos sertões:
Chegavam, a voar, as esperanças...
Pousavam, a cantar, as ilusões!...

II

Mas o vento espalhou pelos caminhos
Os aromas e sons... De cada flor
Rebentou um espinho: e dos espinhos
Brotou um fruto venenoso – a dor!
E da árvore, então, por entre as franças
Sibilavam, crescentes, os tufões:
Voavam, a fugir, as esperanças...
Caiam, a tremer, as ilusões!...

---

[272] Franças: ramos mais altos de uma árvore. (Hiram Reis)

Alenquer

Histórico (IBGE)

Para apresentar dados históricos deste município impõe-se a consulta do "Município de Alenquer", do Senador Fulgêncio Simões, em cuja obra com autoridade é largamente o assunto estudado. Diz ele que:

> *O território do município de Alenquer constituiu nos primitivos tempos da colonização amazônica, uma das zonas de catequese dos capuchos da piedade, que, provavelmente nos fins do século XVII, se estabeleceram à margem do Rio Curuá, pouco acima da sua foz, atraindo e concentrando nesse local os índios da região, alguns, como a tribo dos Barés ou Abarés, eram ali aldeados, e dando à aldeia a denominação de Arcozellos, que é a de uma localidade portuguesa, donde talvez fosse natural o chefe ou algum dos ditos capuchinhos. As dificuldades de comunicação, aumentadas no tempo de verão pela deficiência de água nos dois estreitos canais da Boca do Rio Curuá, aliados à endemia de sezões ali reinantes e que, com o povoamento e o desenvolvimento vão desaparecendo, determinaram a mudança da sede dos capuchinhos para o local sadio e farto onde, com o auxílio de índios do Rio Trombetas, fundaram a aldeia de Surubiu, hoje a próspera cidade de Alenquer. A denominação de Surubiu, dada à nova Aldeia vem do fato de ficar à margem do então Rio Surubiu, atualmente Igarapé de Alenquer, na confluência com o Igarapé, Itacarará, que despeja nele suas águas.*
>
> *Foi no ano de 1758 que teve lugar a criação do município, pelo fato da elevação da aldeia de Surubiu à categoria de vila, concorrendo para isso*

o seguinte acontecimento: tendo de seguir até o Rio Negro a fim de conferenciar com o plenipotenciário espanhol sobre a demarcação de limites das terras das coroas de Portugal e Espanha, o governador Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado aproveitou a viagem para visitar as povoações ribeirinhas e assim poder dar conscienciosa execução à Carta Régia de 6 de junho de 1775, pela qual lhe foram outorgados poderes para elevar à categoria de vila as povoações que julgasse em condições de a merecer. Coube então à aldeia de Surubiu a honra de receber o predicamento de vila com a denominação de Alenquer, em 1758, quando o benemérito governador efetuou a aludida viagem ao Rio Negro. (IBGE)

Relatos Pretéritos – Alenquer

José Monteiro de Noronha (1768)

Na margem Setentrional do Amazonas [entre Pauxis e Tapajós], deságuam três Rios reciprocamente comunicados por canais, dos quais o mais inferior é quase fronteiro ao Rio Tapajós; e do meio ao sítio de Paricatiba, ao qual chamam Surubiu, aonde quatro léguas por ele acima está situada a Vila de Alenquer. (NORONHA)

Santarém

Partida para Santarém (21/22.01.2011)

Voltamos por volta das 17h00 da Morada dos Deuses, embarquei no caiaque e remei uns 15 km até anoitecer – a distância até Santarém era de 85 km, muito longa para ser vencida até o início da tarde. Pernoitamos em um local infestado de carapanãs.

Programei a saída para as 05h00 mas, como acordei mais cedo, preocupado com a longa jornada que se avizinhava, acabei partindo por volta das 04h35. Era um trecho diferente do programado, os atalhos pelas lagoas infestadas de canaranas impediriam minha progressão e tive de adotar o trajeto normal das embarcações. Sem referência alguma, eu naveguei na esteira do Piquiatuba, não tendo noção das distâncias a serem enfrentadas. Partimos, inicialmente, rumo Leste, afastando-nos cada vez mais de nosso objetivo até que, finalmente, rumamos para o Sul até encontrar o Braço Setentrional do Amazonas que depois de uma grande curva voltada para o Sudoeste, apontou diretamente para Santarém.

Somente a uns 30 km de distância, quando as nuvens se dissiparam, é que pude avistar a Serra de Piquiatuba. O efeito foi instantâneo: ganhei novo ânimo e imprimi um ritmo mais forte já que agora tinha a noção exata do meu destino. Eu tinha avisado ao Coronel Aguinaldo da Silva Ribeiro, Comandante do 8° Batalhão de Engenharia de Construção (8° BEC), que nossa chegada seria por volta das 15h00 mas, como tinha navegado à noite, pedi ao Sargento Barroso para comunicar que chegaríamos mais cedo, por volta das 13h00.

Próximo a Santarém, aportamos para aguardar que os repórteres, oficiais e familiares do Batalhão embarcassem na Balsa Rondon (embarcação do 8° BEC) e se deslocassem para acompanhar nossa chegada. Aproveitei para tomar um banho, colocar a camiseta do Grupo Fluvial do 8° BEC e o boné de minha turma da AMAN, cedido pelo Coronel Carlos José Sampaio Malan. Alertados de que a Rondon estava a caminho, reiniciamos a navegação. Foi uma recepção apoteótica, além de meu grande amigo Aguinaldo, seus oficiais e familiares, as equipes de reportagem da Bandeirantes, Globo e Record aguardavam-nos para as entrevistas. No Batalhão, depois do banho, fomos brindados com diversos "*mimos*" e um especial que muito me emocionou, uma placa com o brasão do 8° BECnst e miniaturas de um trator e de um caiaque confeccionados especialmente para aquela ocasião.

Comentei com o Aguinaldo meu desejo de visitar o Rio Tapajós e o Rio Cupari ao que ele de pronto autorizou. Quero deixar, mais uma vez, registrado meu agradecimento ao meu ex-Cadete 44 – Aguinaldo e a seus subordinados pelo apoio fundamental para que a 3ª Fase da jornada do Desafiando o Rio-Mar fosse coroada de êxito e com muito conforto e segurança.

Operação Tapajós – Fordlândia

Há mais pessoas que desistem,
do que pessoas que fracassam! (Henry Ford)

Nosso Bom Amigo

Nos idos de 1980 e 1981, tive a rara honra e o feliz privilégio de comandar um pelotão de Cadetes de Engenharia da AMAN. Eram 28 jovens entusiastas de todas as origens, matizes, ideários, formação e, aos poucos, fomos, juntos, formando um grupo solidário e competente que mais tarde iria prestar relevantes serviços ao Exército Brasileiro e à nossa querida nação. Recebi, com muito orgulho, no ano de sua Declaração de Aspirantes, em 1982, uma bela homenagem materializada em uma das páginas da Revista Agulhas Negras em que eles me chamavam de "*Bom Amigo*" e diziam ter sido eu um amálgama que unira aquelas tão distintas criaturas em prol de um único propósito – trabalhar incessantemente pela construção de um país mais justo e perfeito. Emoldurei a página e a trato, desde então, como um troféu, um galardão que me serve de inspiração e estímulo sempre que vivencio momentos difíceis na minha vida.

Carta Aberta

Anos depois, posso dizer com orgulho que as 28 sementes lançadas, caíram em terra fértil e hoje, através de correspondência eletrônica ou correio, recebo seu apoio ao Projeto Aventura Desafiando o Rio-Mar e a mim, em particular, das mais diversas formas. Alcançamos um resultado de 100% de sucesso em um grupo deixaria qualquer Gerente de Recursos Humanos extremamente satisfeito.

Nos idos de 1986, estes jovens oficiais foram capazes de entender a Carta Aberta, devidamente identificada e assinada, que eu, então Capitão Comandante do Curso de Engenharia do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA) enviei à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), RJ, endereçada ao então Ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves, criticando sua administração que se preocupava exclusivamente com instalações físicas e equipamentos, esquecendo que a peça fundamental que move os Exércitos é o Homem. Enviei, também, uma cópia a alguns de meus ex-Cadetes explicando minhas motivações e solicitando que acompanhassem à distância o desenrolar dos fatos. Não pedia, absolutamente, apoio nem solidariedade, muito menos que imitassem minha atitude.

Primeiro a Instituição

Sempre afirmei a todos que privam de minha amizade, que a secular Instituição Militar a que pertenço era muito mais importante que minha carreira, não me importava em absoluto com o que aconteceria comigo e sim que medidas saneadoras fossem implantadas pelo alto escalão, o que finalmente ocorreu, embora algumas autoridades tenham afirmado, aleivosa e categoricamente que as mesmas, desde há muito, faziam parte de seu planejamento. A motivação de meu protesto não foi econômica ou midiática eu pretendia apenas mostrar aos nossos superiores que a tropa ia mal e que precisava, sim, ser mais bem equipada, adestrada, mas, fundamentalmente, valorizada. Achava eu, na época, que os jovens capitães da EsAO fossem capazes de se manifestar corajosamente e alterar os rumos da política preconizada pelo Ministro Leônidas – ledo engano.

Os tempos eram outros e, infelizmente, o idealismo e o desprendimento de outrora fora substituído pelo pragmatismo e pelo carreirismo. Os resultados de minha desdita foram uma transferência para Aquidauna, MS, e vinte e dois dias de prisão. Guardo com carinho minha única punição como Oficial do Exército Brasileiro.

Considero-a um elogio posto que o próprio Comandante do CPOR/PA assim se referiu em Boletim Interno: "*Ainda que movido por elevados ideais...*". Até hoje agradeço a Deus os felizes momentos decorrentes do fato que permitiram estabelecer novas amizades, robustecer antigas, além de ser estimulado por empresários locais a me tornar canoísta profissional e posteriormente, graças a isso, sagrar-me campeão mato-grossense de canoagem, em 1989.

Comandante Aguinaldo

Hoje a maioria de meus antigos Cadetes já está na reserva, em funções chaves da administração militar ou ainda no comando de OM. É o caso do meu ex-Cadete 44 – Aguinaldo, companheiro de trabalho no 9° Batalhão de Engenharia de Combate, Aquidauana, MS, e hoje Comandante do 8° Batalhão de Engenharia de Construção. Apenas para ilustrar o prestígio e o apreço que a Força Terrestre tem pelo Coronel Aguinaldo, basta dizer que ele comanda uma das Unidades Militares mais importantes do Exército Brasileiro, sem possuir o curso da Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME), fato extremamente raro na atualidade. Graças à sua liderança e competência profissional incontestáveis, ainda que tenha assumido um Comando em situação extremamente difícil, conseguiu imprimir novos rumos à sua administração, atingindo todos os

objetivos propostos além de ganhar a confiança das comunidades que orbitam na sua área de atuação. Graças a este dileto amigo e ao General Lauro, Comandante do 2° Grupamento de Engenharia (2° Gpt E), cumprimos mais esta etapa do Projeto com muito sucesso e com a importante e necessária cobertura da mídia Santarena.

Viagem à Fordlândia (25.01.2011)

A chegada dos americanos ao Tapajós causou uma verdadeira revolução em todo o Rio. Aqueles homens muito brancos, louros, de olhos azuis, falando uma língua diferente era a mesma coisa que a Terra fosse invadida por seres de outro planeta. (FRANCO)

Partimos às cinco horas, do dia 25 de janeiro, no Barco Piquiatuba, com destino a Fordlândia (03°49’47,3” S / 55°30’02” O), 196 km de distância subindo o Rio Tapajós. As belas praias de Maracanã, Ponta de Pedras, Alter do Chão, Araria, Carapanari, Jutuba, Maria José, Pajuçara, Ponta do Cururu e Salvação ainda não tinham sido tragadas pela cheia e proporcionavam um belo espetáculo.

A viagem transcorreu sem novidades nas belas águas espelhadas de um, momentaneamente, plácido Tapajós. Depois de navegar aproximadamente 165 km, aportamos em Aveiro (03°36’23,3” S / 55°19’55,5” O), antiga Aldeia de índios Munducurus, oriundos do alto Tapajós (“*Tapajós-Tapera*”), por volta das 14h00 horas. O Padre Sidney Augusto Canto, que nos acompanhava, tentou localizar um guia que nos levasse, depois de visitarmos Fordlândia, ao Rio Cupari e ao famoso Convento (Fábrica ou Igreja) citado pelo Padre João Daniel no seu “*Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*”, editado pela primeira vez em 1820.

Feitos os devidos acertos, rumamos para Fordlândia onde aportamos por volta das 18h00, depois de passar pela foz do Rio Cupari (Curiparà), quinze quilômetros a montante de Aveiro, a meio caminho da Cidade de Ford. Fizemos uma rápida visita às antigas instalações e antes de retornar ao Piquiatuba, conhecemos Guilherme Lisboa, ex-funcionário da Receita Estadual, que gentilmente nos levou até sua casa onde passamos alguns descontraídos momentos.

O Guilherme deixou sua camioneta à disposição do Sargento Barroso para que pudéssemos conhecer parte do Projeto que Ford tentou, sem sucesso, implantar na Amazônia.

No dia seguinte, a chuva continuava sem dar trégua. Aproveitamos a camioneta do Guilherme, pilotada pelo Sargento Barroso e nos dirigimos diretamente à Vila Americana onde se situavam as casas dos administradores, e que possuía, na época, jardins bem cuidados, belos gramados para a prática do golfe, quadras de tênis, piscina, campos de futebol, clube e cinema.Depois da Vila Americana, percorremos as demais instalações observando o descaso do poder público com as sólidas instalações que poderiam ser preservadas e transformar-se em fonte de renda para o Município de Aveiro.

Para que os leitores possam ter uma ideia da nossa emoção em percorrer o cenário hoje totalmente degradado de alamedas outrora vicejantes e entender a importância da implantação do Mega Projeto de Ford na Amazônia, em meados da década de vinte do século passado, vamos fazer uma pequena digressão histórica, a respeito, em um dos capítulos do livro "*Navegando o Tapajós*" ainda aguardando edição.

O Gigante de Pedra
(Gonçalves Dias)

Gigante orgulhoso, de fero ([273]) semblante,
Num leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios somente puderam fundir.

Dormido atalaia ([274]) no cerro empinado
Devera cuidoso, sanhudo ([275]) velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E à aurora, que surge, não há de acordar!

Com os braços no peito cruzados nervosos,
Mais alto que as nuvens, os céus a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos ([276]),
Seus pés sobranceiros ([277]) se elevam do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultam imensos: só Deus poderá
Rebelde lançá-lo dos montes erguidos,
Curvados ao peso, que sobre lhe está.

E o céu, e as estrelas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões ([278]),
E o branco sudário são névoas algentes ([279]),
E o crepe, que o cobre, são negros bulcões ([280]).

Da noite, que surge, no manto fagueiro ([281])
Quis Deus que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do Sol no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moisés. [...]

---

[273] Fero: feroz. (Hiram Reis)
[274] Atalaia: guarita. (Hiram Reis)
[275] Sanhudo: alteroso. (Hiram Reis)
[276] Fragosos: penhascosos. (Hiram Reis)
[277] Sobranceiros: altivos. (Hiram Reis)
[278] Brandões: fachos. (Hiram Reis)
[279] Algentes: gélidas. (Hiram Reis)
[280] Negros bulcões: nimbus. (Hiram Reis)
[281] Fagueiro: bonançoso. (Hiram Reis)

Imagem 156 – Encontro das águas Tapajós/Amazonas

Imagem 157 – Santarém, PA

Imagem 158 – Entrevista à Imprensa – Santarém, PA

Imagem 159 – Autor, Cel Aguinaldo, Gp Flu 8° BEC

Imagem 160 – Terminal da Cargill – Santarém, PA

Imagem 161 – ONG Holandesa – Rio Tapajós, PA

Imagem 162 – Alter do Chão – Rio Tapajós, PA

Imagem 163 – Alter do Chão – Rio Tapajós, PA

Imagem 164 – Alter do Chão – Rio Tapajós, PA

Imagem 165 – Rio Tapajós, PA

Imagem 166 – Fordlândia, PA

Imagem 167 – Fordlândia, PA

Imagem 168 – Fordlândia, PA

Imagem 169 – Fordlândia, PA

Imagem 170 – BR 163, PA

Imagem 171 – Rio Cupari, PA

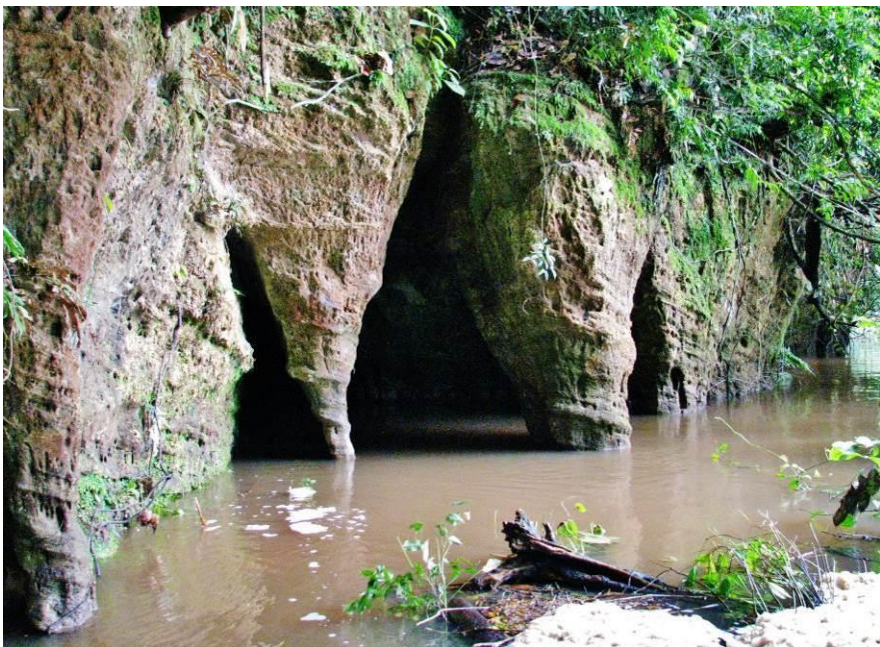



Imagem 172 – Berço da Humanidade – Rio Cupari, PA

Imagem 173 – Berço da Humanidade – Rio Cupari, PA

Viagem
(Paulo César Pinheiro)

Oh tristeza, me desculpe
Estou de malas prontas
Hoje a poesia veio ao meu encontro
Já raiou o dia, vamos viajar
Vamos indo de carona
Na garupa leve do vento macio
Que vem caminhando
Desde muito longe, lá do fim do mar.

Vamos visitar a estrela da manhã raiada
Que pensei perdida pela madrugada
Mas que vai escondida
Querendo brincar
Senta nesta nuvem clara
Minha poesia, anda, se prepara
Traz uma cantiga
Vamos espalhando música no ar.

Olha quantas aves brancas
Minha poesia, dançam nossa valsa
Pelo céu que um dia
Fez todo bordado de raios de Sol
Oh poesia, me ajude
Vou colher avencas, lírios, rosas dálias
Pelos campos verdes
Que você batiza de jardins-do-céu.

Mas pode ficar tranquila, minha poesia
Pois nós voltaremos numa estrela-guia
Num clarão de Lua quando serenar.

Ou talvez até, quem sabe
Nós só voltaremos no cavalo baio
O alazão da noite
Cujo nome é raio, raio de Lua.

Operação Tapajós – Berço da Humanidade

A Amazônia de hoje é o inacreditável lugar onde
parecem de mãos dadas a fantasia e o real;
o épico e o impossível; a epopeia e a lenda.
(Ministro José Francisco Moura Cavalcanti, 10.03.1974)

BR 163 (31.01.2011)

Resolvi fazer um reconhecimento prévio acompanhando o TC Pastor na sua inspeção diária à BR-163, que se estende da sede do 8° BEC, em Santarém, até o Britador, situado na BR-230 – Transamazônica. Partimos às 10h00, e, no britador, por volta das 14h00, o Soldado Flávio Vianna de Almeida informou que conhecia as tais cavernas e me preparei para planejar uma nova incursão às mesmas.

Percorrendo o trecho, pude ver orgulhoso o trabalho anônimo dos nossos Batalhões de Engenharia. As chuvas torrenciais exigiam medidas drásticas para manter o tráfego de uma estrada extremamente importante, construída sob as condições mais adversas. Infelizmente, caminhões pesados passam, sem qualquer controle, pelas barreiras das coniventes e omissas autoridades rodoviárias, danificando o leito da estrada ainda em construção. Volta e meia alguns amigos, mal informados, me perguntam se a Engenharia não estaria sendo desviada de suas reais funções e, por isso, sou obrigado a tecer algumas considerações.

Engenharia Militar Brasileira

Os serviços maiores e missões mais importantes
São na guerra confiadas a nossa grande energia
(Canção do Engenheiro – Letra: Jonas Corrêa Filho
– Música: Valmirina Ramos Corrêa)

A primeira civilização a contar com elementos totalmente dedicados à Engenharia Militar foi, provavelmente, a Romana, cujas Legiões contavam com um Corpo de Engenheiros conhecidos como "*architecti*". O advento da pólvora e a invenção do canhão deram um grande impulso à Engenharia, que teve de adequar suas fortificações para fazer frente ao poder das novas armas.

Desde o Brasil Colônia, os Engenheiros Militares absorveram e aprimoraram a arte portuguesa de planejar e construir Fortificações, edificações e acessos. Os testemunhos das obras realizadas pela Engenharia Militar Luso-brasileira, solidamente construídos e estrategicamente localizados, ainda fazem parte de nossa paisagem como bastiões de nossas fronteiras marítimas e terrestres.

Naqueles tempos, ser Engenheiro pressupunha ser, obrigatoriamente, Oficial do Exército, já que o ensino regular de Engenharia estava ligado à vertente militar. Em 1792, foi criada a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, uma das primeiras escolas de Engenharia do mundo, embrião do Instituto Militar de Engenharia (IME) e da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na Real Academia é que se começou a estender o acesso de civis aos conhecimentos técnicos de Engenharia resultando, em 1874, na separação do ensino civil do militar, só então surgindo a Engenharia Civil.

Na primeira metade do século XX, o Brasil experimentou acelerado processo de desenvolvimento que concorreu para a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN); o primeiro curso de Engenharia Aeronáutica do País, a construção do

Tronco Principal Sul (TPS) e, nas décadas seguintes se implantou um dos mais modernos Sistemas de Telecomunicações do mundo com o concurso efetivo e fundamental dos engenheiros egressos do IME, que foi também pioneiro nos cursos de Energia Nuclear e da Computação.

Os Governos Militares, numa visão estratégica voltada para o futuro, dedicaram uma atenção, muito especial, à integração da Amazônia, transferindo para aqueles longínquos rincões o grosso da Engenharia de Construção. Rodovias foram projetadas e implantadas com determinação e heroísmo pelos soldados engenheiros.

Nos dias de hoje, como nos de ontem, a Engenharia Militar responde com oportunidade e alta qualidade aos desafios que se lhe são propostos para atender aos reclames do desenvolvimento nacional. Aqueles que condenam o emprego da Engenharia Militar Brasileira em obras viárias ignoram sua história e sua missão que é, em tempo de paz, colaborar com o desenvolvimento Nacional, construindo estradas de rodagem, ferrovias, pontes, açudes, barragens, poços artesianos e inúmeras outras obras que se fizerem necessárias.

A Engenharia Militar é empregada, no Brasil, em obras de infraestrutura desde a vinda do Imperador Dom João VI, no início do século XIX, atuando, mormente, em regiões distantes e inóspitas, onde a iniciativa privada não considera o empreendimento economicamente viável. A Lei Complementar n° 97, de 09.06.1999, regulamenta a cooperação das Forças Armadas com o desenvolvimento nacional e defesa civil.

II – Cooperar com órgãos públicos federais, estaduais e municipais e, excepcionalmente, com empresas privadas, na execução de obras e serviços de engenharia, sendo os recursos advindos do órgão solicitante;

Em 06.01.2003, o então Ministro da Defesa, José Viegas Filho, firmou com o Ministério dos Transportes, um acordo para o Exército construir, recuperar e duplicar rodovias federais, além de fiscalizar as obras executadas por empreiteiras privadas. Essas atividades, além de serem vitais para o desenvolvimento nacional são, também, fundamentais para o adestramento dos militares de Engenharia do Exército Brasileiro.

PAC do Exército

Fonte: Guilherme Queiroz

A corporação se transforma na maior construtora do País ao deslocar 11 mil militares para tocar 80 obras, num valor de R$ 2 bilhões.

Uma sofisticada pavimentadora de concreto trabalha na restauração da BR-101, na divisa entre a Paraíba e Pernambuco. Importada da Alemanha por R$ 4 milhões, chama a atenção pela lataria camuflada. Ela pertence ao Exército, a "construtora" encarregada da obra e, nos últimos anos, um dos mais importantes braços executores do Programa de Aceleração do Crescimento [PAC]. O Governo tem delegado à farda verde-oliva uma parcela expressiva das obras federais, num portfólio que se destaca não só pelo valor, mas por sua relevância para a infraestrutura nacional. São canteiros distribuídos em rodovias, portos e aeroportos, com orçamento superior a R$ 2 bilhões.

Muitas não saíam do papel, em grande parte, devido a irregularidades constatadas pelo Tribunal de Contas da União [TCU]. Para evitar atrasos, o Exército emprega todos os 11 mil homens de sua Diretoria de Obras e Construção em cerca de 80 projetos. "O Exército é hoje a maior empreiteira do País", reclama João Alberto Ribeiro, Presidente da Associação Nacional das Empresas de Obras Rodoviárias.

A bronca é natural. Poucas construtoras no País têm hoje uma carteira de projetos como a executada – sem licitação – pelos Batalhões do Exército. No PAC, há 2.989 quilômetros de rodovias federais sob reparos, em construção ou restauração, com gastos previstos em R$ 2 bilhões. Destes, 745 quilômetros – ou R$ 1,8 bilhão – estão a cargo da corporação.

Isso equivale a 16% do orçamento do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes neste ano. Os militares refutam as críticas de concorrência desleal. "Não estamos aqui para competir com a iniciativa privada. Apenas participamos do esforço do Governo para diminuir as diferenças regionais e, ao mesmo tempo, ser instrumento do Estado para regular um mercado em conflito", disse à DINHEIRO o General de Divisão Jorge Ernesto Pinto Fraxe, Diretor de Obras e Cooperação do Exército [DOC].

A primeira missão nessa estratégia foi a reforma de três trechos da BR 101, principal rodovia costeira do País. É um bolo de R$ 1 bilhão que as empreiteiras disputaram, mas não saborearam, por conta das sucessivas disputas judiciais. O Governo repetiu a dose em estradas paralisadas havia anos sob acusação de irregularidades ou problemas ambientais.

Casos da BR 163, conhecida como Cuiabá-Santarém e da BR 319, entre Porto Velho e Manaus, construída em 1974, mas que, abandonada pelas autoridades, foi absorvida pela Floresta Amazônica. "Faremos da BR 319 a primeira rodovia verde", disse à DINHEIRO o Ministro dos Transportes, Paulo Sérgio Passos. Para as empresas de transporte, a recuperação da deteriorada malha rodoviária brasileira é motivo de comemoração. [...]

O esforço é maior nos aeroportos. A Infraero entregou aos militares as obras de restauração de uma das pistas de pouso e do pátio de aeronaves do Aeroporto Internacional de Guarulhos, avaliadas em R$ 43 milhões, depois de dois anos de paralisação por determinação do TCU. Suspensos por desvio de recursos, os projetos dos aeroportos de Vitória e Goiânia também podem ser concluídos pelo Exército. "A transferência era absolutamente indispensável para retomarmos o nosso cronograma operacional", explica Jaime Parreira, diretor de obras da Infraero. (QUEIROZ, 2010)

BR 163 (01/02.02.2011)

Acompanhei, novamente, o TC Pastor na sua jornada e pernoitei em Rurópolis, no Hotel Presidente Médici, que contou na sua inauguração com a presença do próprio Presidente.

O belo hotel que teve sua época áurea durante a construção da Transamazônica foi, há pouco mais de uma década, entregue aos ladrões e depredadores, até que a Prefeitura de Rurópolis resolveu recuperá-lo. As instalações se encontravam em péssimas condições, portas, janelas e todo o mobiliário tinham sido roubados.

A restauração, oportuna e necessária, do belo patrimônio foi mal feita e a antiga construção perdeu muito de seu antigo esplendor. As instalações, embora simples, são confortáveis, dispondo de ar-condicionado, TV e frigobar.

De manhã cedo, guiados pelo Soldado Vianna, partimos de Rurópolis rumo ao km 77 da BR-230. A estrada apresenta perfeitas condições de tráfego e os motoristas abusam da velocidade. Ao chegarmos ao km 77 avistamos uma pequena placa manuscrita, à direita, que anunciava "*Cavernas*", seguimos a placa e avistamos, em seguida, o senhor José Frederico Henn, desobstruindo um bueiro na estrada de acesso à sua propriedade. Conversamos com o Henn, um simpático colono e um dos pioneiros a chegar a estas plagas, em 18.10.1972, trazendo a esposa e dois filhos, vindo de Santa Cruz, RS. Henn confirmou a existência das cavernas e disse que havia doado a área à Prelazia de Itaituba que ali realizava seus encontros religiosos, mas que estávamos autorizados a entrar. A estrada permite acesso de veículos até as proximidades do Rio e à trilha que conduz às cavernas localizadas à direita das construções da Prelazia está coberta de brita fina para diminuir os riscos de tombos.

Berço da Humanidade

É grande de cento e tantos palmos no comprimento; e todas as mais medidas de largura, e altura são proporcionadas segundo as regras da arte [...]. Tem seu portal, corpo de Igreja, Capela-mor com seu arco; e de cada parte do arco uma grande pedra por modo de dois Altares colaterais, como hoje se costuma em muitas Igrejas; dentro do arco, e Capela-mor tem uma porta para um lado, para serventia da sacristia. (DANIEL)

Chegamos, sem dificuldade, ao nosso objetivo cuja conformação lembrava a descrição do Padre Daniel. Embora o conjunto esteja parcialmente coberto pelas águas, pode-se entrar, em qualquer época, no salão de jusante cuja altura inicial, de mais de quatro metros, vai diminuindo à medida que se progride no estreito e curvo corredor de aproximadamente 12 m de comprimento. Não pude explorar o complexo mais alto e mais profundo, de montante, tendo em vista que as águas, na altura do meu peito, bloqueavam o extenso túnel que, como o outro apresentava uma suave curva para a direita. Eu estava emocionado, havíamos, finalmente, chegado ao "*Berço da Humanidade*" (04°09'32,8" S / 55°25' O).

Gostaria de explorar o túnel maior, no verão, onde, segundo Henn, já tinham encontrado um pequeno jacaré e uma paca no seu interior, infelizmente minhas atividades escolares não me permitiam. Henn informou também que ninguém tinha conseguido encontrar o fim do referido túnel. A calha do Tapajós é rica em cavernas, mas essa em especial despertara meu interesse graças ao relato do Padre Daniel e a dificuldade de se determinar sua exata localização, tendo em vista as vagas referências disponíveis.

Lendas da Origem da Humanidade

Inúmeras lendas indígenas tratam da questão da origem do ser humano, seja brotando de buracos, expelidos pela Cobra-Grande, feridas de trovão, frutas lançadas n'água, Canoas gigantescas, enfim uma infinidade delas. Essa mereceu minha atenção por se tratar de um relato do afamado cronista e se encontrar nas proximidades de Santarém, nosso destino final nesta 3ª fase do Projeto Desafiando o Rio-Mar.

Entre os mais Rios e Ribeiras que recolhe o Tapajós é um o Rio Cuparí, a pouca mais distância de três dias e meio de viagem da banda de Leste no alegre sítio chamado Santa Cruz; é célebre este Rio, mais que pelas suas riquezas, de muito cravo, por uma grande lapa feita, e talhada por modo de uma grande "Igreja", ou "Templo", que bem mostra foi obra de arte ou prodígio da natureza. [...]

A tradição, ou fábula, que de pais a filhos corre nos índios [Mundurukus], é que ali moraram, e viveram nossos primeiros pais, de quem todos descendem, brancos e índios; porém que os índios descendem dos que se serviam pela porta, que corresponde às suas Aldeias, e que por isso saíram diferentes na cor aos brancos, que descendem dos que tinham saído pela porta correspondente à Foz, ou Boca do Rio. (DANIEL)

Um dia, diz a lenda Munduruku, os homens apareceram sobre a terra. Ora, os primeiros homens que os animais das florestas viram por entre as selvas e as savanas foram os que fundaram a Maloca de Acuparí. Certo dia, entre os homens da Maloca de Acuparí, surgiu Caru-Sacaebê, o Grande Ser. […]

Em seguida, olhando para as plumas que plantara em redor da Aldeia, ergueu a mão de um horizonte ao outro. A este apelo, moveram-se as montanhas, e o terreno onde se localizava a antiga Maloca tornou-se uma enorme caverna. […]

Aí, como Pompeu, bateu com o pé no chão. Uma larga fenda se abriu. O velho Caru dela tirou um casal de todas as raças: um de Munduruku, um de índios [porque os Munduruku não pertencem à mesma raça que os índios, mas são de uma essência superior], um casal de brancos e um de negros. (COUDREAU, 1940)

Memória da Esperança
(Thiago de Mello)

Na fogueira do que faço
Por amor me queimo inteiro.

Mas simultâneo renasço
Para ser barro do sonho
E artesão do que serei.

Do tempo que me devora
Me nasce a fome de ser.

Minha força vem da frágil
Flor ferida que se entreabre
Resgatada pelo orvalho
Da vida que já vivi.

Qual a flama que darei
Para acender o caminho
Da criança que vai chegar?
Não sei. Mas sei que já dança,
Canção de luz e sombra,
Na memória da esperança.

A. M. Gonçalves Tocantins – Mundurucus (1875)

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XL

Rio de Janeiro, RJ – 1877 – 2ª Parte

Tribo Mundurucu

I

Viagem às Aldeias Centrais dos Mundurucus, Situadas no Vale do Alto Tapajós. Itinerário de Belém, Capital da Província do Pará, até essas Aldeias. Cenas da Vida Selvagem

A 18 de junho de 1875 parti de Belém, com destino ao Alto Tapajós. A viagem de Belém a Santarém pelo Rio Amazonas, e de Santarém à Itaitúba pelo Tapajós, é feita em cinco dias, em um dos grandes vapores da companhia do Amazonas. Em Itaitúba embarquei em uma pequena canoa, tripulada por oito índios, quase todos da tribo Maués, e penetrei pelas cachoeiras do Alto Tapajós.

Com dez dias de viagem cheguei à Missão do Bacabal, que o Governo Imperial mandou fundar, e que foi efetivamente fundada à margem direita do Tapajós em 23 de fevereiro de 1872 por Frei Antonino e por Frei Pelino de Castrovalva. Esta missão contém cerca de quinhentos índios da tribo Mundurucu. O missionário Frei Pelino, único que então aí se achava, pois que o seu companheiro já se havia retirado do Bacabal, cedeu-me para intérprete

um índio Mundurucu, que, além do seu dialeto, também compreende e fala as línguas portuguesa e tupi. Continuei minha viagem pelo Tapajós acima, e com cinco dias, a contar da Missão do Bacabal, cheguei à Foz do Rio Caderery, afluente, pelo lado direito, do mesmo Tapajós. Aí devia eu encontrar, segundo se me havia dito, um audaz sertanejo, que conhece o caminho que leva às Aldeias Centrais. Infelizmente, porém, não o encontrei. Ninguém de minha tripulação conhecia ao menos o curso do Rio Caderery.

Estava eu embaraçado, por falta de guias e de informações, quando vimos por acaso aparecerem na praia dois selvagens Mundurucus. Perguntamos-lhes, por intermédio do intérprete, que tempo nos seria necessário para chegarmos às fontes do Caderery. O mais idoso dos dois selvagens respondeu pelo seguinte sinal: com o dedo indicador apontou para o nascente, descreveu uma semicircunferência na direção do curso aparente do Sol até o poente, acompanhando este movimento com o olhar, gestos e vozes expressivas, e repetiu pausada e distintamente seis vezes a mesma mímica de tal sorte, que, antes que o intérprete o houvesse traduzido, já eu compreendera que o selvagem queria dizer que seriam necessários seis dias.

Disse-nos mais que, às cabeceiras do Caderery, encontraríamos outros índios, que nos poderiam guiar até a Aldeia de Necodemos, de onde ele e seu companheiro vinham. Este nome de Necodemos, que os Mundurucus deram a uma de suas principais Aldeias, impressionou-me, pois é o apelido do judeu generoso e compassivo, que fez modestas honras fúnebres a Cristo, dando-lhe um lençol para amortalhar-lhe o cadáver e um sepulcro para o guardar. Porque deram os Mundurucus este nome à sua Aldeia não o sei dizer.

Presumo que a identidade de nome nada mais seja do que o efeito do mero acaso. Como quer que seja, resolvi-me a procurar a Aldeia de Necodemos de preferência a qualquer outra. Alguns guerreiros dessa Aldeia, segundo referiu ainda o mesmo informante, tinham chegado, poucos dias antes, de uma guerra, e conservavam duas cabeças de inimigos mumificadas, colares de dentes humanos e outros troféus. E não tive de arrepender-me dessa preferência, porque em Necodemos fui bem recebido; e encontrei mais viva do que em outra qualquer parte a tradição da gênesis Mundurucu, que considera justamente esta Maloca ou Aldeia como o berço do gênero humano.

Segui pelo Caderery acima. Rio singular! Todos os dias tínhamos de passar à força de braços nossa ligeira embarcação por cima de bancos do areia. Aqui confirmei a opinião que havia formado de que o Caderery, assim como o Araguaia, Juruena, Mamoré, e outros afluentes superiores que alimentam os grandes tributários meridionais do Amazonas, tais como o Tocantins, o Tapajós, o Madeira e outros, se esgotariam totalmente durante o verão, ficando os álveos a seco se não fossem as cachoeiras do curso médio, que servem de comportas a tão impetuosa corrente. O declive geral do curso médio desses grandes afluentes do Amazonas, que descem do Planalto Central, é maior do que convém para constituir um curso d'água nas condições normais de um Rio. Enfim, ao amanhecer do sexto dia calculado pelo índio, encontramos uma árvore atravessada sobre o Rio, em forma de ponte, e à margem uma tosca cabana. Não havia pessoa alguma. Tocamos buzina para chamar à fala o proprietário da cabana, que devia achar-se caçando nas matas vizinhas. Não aparecendo ninguém, seguimos viagem, deixando eu alguns insignificantes presentes para anunciar a passagem de pessoa amiga.

Julguei dever proceder deste modo lembrando-me que o Capitão-tenente Soares Pinto fora atacado e morto pelos selvagens por haver destruído pontes que eles haviam lançado sobre o Rio. Ora, não se pode fazer esta navegação sem destruir as pontes, e nem sempre é possível restaurá-las. Por isso, todas vezes que eu não podia colocá-las de novo sobre os mesmos lugares, pois que ainda encontramos nesse dia mais quatro pontes, deixava presentes para de alguma sorte compensar o prejuízo que causava ao selvagem. No fim desse dia tornou-se o Rio totalmente inavegável. Era-nos impossível levar nossa canoa mais adiante. Felizmente, nesta apertada conjuntura, encontramos outra ponte sobre o Rio e uma cabana à margem; tocamos buzina com persistência, e vimos por fim aparecer um velho índio, acompanhado de uma índia, que teria trinta anos de idade, e cinco crianças menores, uma das quais ainda de peito. Chegaram em seguida dois robustos rapazes.

Escusado é dizer que todos os índios que encontramos nessas alturas, homens e mulheres, velhos, moços e crianças, estavam inteiramente nus. Facilmente reconhecemos que esta família pertencia à tribo Mundurucu, porque a moça, os rapazes e o velho, estavam todos pintados no rosto, no peito e em todo o corpo, com os losangos e outras figuras caracterestícas da tribo. O velho Mundurucu, maior seguramente de setenta anos e já quase surdo, recebeu-nos com indiferença, assim como os dois rapazes. A moça e as crianças pareciam transidas de susto e de espanto. Aqui pousamos e passamos a noite.

II

Trajeto de Cabeceira do Caderery à Aldeia de Nicodemos nas Campinas

Na madrugada do dia seguinte, por um estreito e tortuoso trilho, partindo da cabeceira do Caderery,

onde deixamos nossa canoa, embrenhamo-nos por estas matas seculares, cujos troncos carcomidos parecem ainda cobertos das vasas ([282]) de um dilúvio universal. Um dos dois rapazes servia-nos de guia. Não havíamos caminhado muito, quando ouvimos latir da cães, e logo depois encontramos um lindo rapaz de 16 a 17 anos de idade. Ao avistar-nos não manifestou a menor surpresa, pelo contrário sua fisionomia risonha exprimiu alegria infantil. Parecia que já nos esperava e que éramos amigos de longa data, pois ele tomou logo a dianteira de nossa caravana, e guiou-nos à sua cabana situada à beira do caminho, na margem de um lindo Regato. A cabana era coberta e cercada de folhas de palmeira, dez cães gordos anunciavam que aí reinava a abundância.

Sobre os madeiros do teto estavam suspensas dez redes, arcos, flechas, cuias e outros objetos. O rapaz ofereceu-nos uma cuia cheia de frutos da palmeira muriti ([283]), mostrava os maiores desejos de nos obsequiar, e declarou-se pronto a nos acompanhar até Necodemos se seu pai consentisse. Tocamos buzina para chamar o pai, e após uma hora de espera, vendo que ninguém acudia ao chamado, resolvi seguir adiante, e segui efetivamente, deixando com pesar este simpático selvagem que em sua cabana me recebera com tamanha alegria. À tarde, tendo atravessado a mata, caminhando sempre a pé, saímos em uma vasta campina, e avistamos sobre o cume de uma colina a Maloca ou Aldeia Absenanty. O que, porém, eu achava singular é que fazíamos esses encontros quando menos esperávamos, pois nunca consegui do guia que dissesse de antemão o caminho que devíamos seguir, nem quais as habitações que devíamos encontrar.

[282] Vasas: lodo. (Hiram Reis)
[283] Buriti: Mauricia vinifera (M. flexuosa). (Hiram Reis)

A Aldeia de Absenanty estava em construção, constava ainda apenas de uma vasta casa nova, com o teto coberto de palha, o qual consistia em um simples lanço baixo para o lado do poente e elevado para o lado do nascente. Não encontramos pessoa alguma nesta casa, mas um crescido número de redes, arcos e flechas, que vimos suspensos do teto, indicava que era ela habitada por várias famílias. O fogo eslava aceso, como de costume, tocamos buzina para chamar os donos da casa. Não tardou muito, que apareceu com ares de desconfiado um rapaz de formas esbeltas, trazendo à mão uma criança de menor idade, que estava muito assustada e agitada. Esse rapaz teria cerca de vinte anos de idade, a pintura do rosto ainda não estava concluída, continha apenas losangos, na parte que consiste em uma camada unida de tinta negra, usada pela tribo, ainda não estava feita. Estes traços, com uma regularidade toda geométrica e com cores frescas e vivas, sobressaindo sobre a tez ainda com o viço da mocidade, davam à fisionomia do selvagem certa graça bastante original.

Quando estava para anoitecer disseram-me que algumas mulheres, crianças e homens, que vinham das mata circunvizinhas recolhendo-se à maloca, háviam parado junto a um Ribeiro vizinho, e hesitavam em vir para casa, porque nós aí estávamos. À vista disto levantei acampamento, e fui pousar uma milha distante, deixando o intérprete para passar a noite em Absenanty e convencer aquela gente desconfiada de que não tínhamos o menor propósito de lhe fazer mal. Continuamos nossa viagem na madrugada do dia seguinte, atravessando sucessivamente matas e campinas. Ao atravessar uma destas matas vi um dos quadros mais tocantes da vida selvagem. Encontrei junto a um desses numerosos Regatos que correm em todos os sentidos, e que constituem as fontes do Caderery, uma jovem família.

O chefe não tinha mais de dezoito anos, e sua companheira não tinha mais de quinze ou dezesseis, e já trazia nos braços uma criança de poucos meses. Estavam acompanhados por uma índia idosa. O jovem casal não tinha ainda o rosto nem o peito pintado com as tintas indeléveis da tribo, mas a moça, que saia do banho no Regato, havia pintado as faces com tinta de urucu, que lhe dava a graça infantil. Esse interessante casal, ao vernos passar, deu mostras visíveis de surpresa e de susto. Cansado, e com pressa de chegar ao termo da viagem, nem mesmo me foi possível deter-me alguns minutos para dirigir palavras de simpatia a esses pobre selvagens, mêsmo porque na ocasião não se achava presente o intérprete. Uma toalha ao menos desejava eu oferecer para amparar dos raios ardentes do Sol aquelas duas crianças, mãe e filho, que tinham de atravessar vastas campinas desabrigadas, mas nossa gente, aliás insubordinada, como são os índios Maués, apenas levava o estrito necessário para nossa subsistência. Esboçamos com tudo aqui este tocante quadro para mover a simpatia pelos míseros selvagens, sobre os quais pesam grandes infortúnios.

III

Chego à Aldeia de Necodemos. Os Mundurucus me Oferecem Agasalho e Hospitalidade

Após cinco dias de incessante caminhar, a contar do ponto onde havíamos deixado a canoa, à cabeceira do Caderery, avistamos, enfim, ao longe, uma coluna de fumo, que se erguia da maloca de Necodemos. À tarde vi-me quase perdido nos trilhos que conduzem ao aldeamento. Os índios Maués que me acompanhavam, o próprio guia e o intérprete, seguindo adiante, me haviam deixado atrás, com dois companheiros, e tinham já chegado à maloca, enquanto eu ainda procurava a custo acertar o caminho, guiando-

me apenas pelo som de uma buzina que ouvia tocar diante de mim. Era um índio Mundurucu de Necodemos, que viera generosamente a meu encontro, e tocava seu instrumento justamente para guiar-me. Grande foi minha satisfação quando, já quase noite, encontrei este selvagem, que teria de trinta e cinco a quarenta anos de idade, e era baixo, gordo, escuro e feio, mas tão alegre e tão risonho que parecia uma criança. Cheguei a Necodemos às 7 horas da noite. Realizava, enfim, um dos maiores desejos que sempre tive, isto é, ver uma tribo selvagem em seu estado primitivo, exatamente como deverá estar antes da descoberta do Brasil, vivendo a lei da natureza, sem contato algum de ideia com outros povos, que lhe alterasse as crenças e tradições.

Pensadores há, que não admitindo as tradições bíblicas, entendem que o gênero humano começou sua peregrinação sobre a terra partindo das trevas, e deste estado de nudez e selvageria, que eu via diante de mim, para, guiado pela luz da razão e pela providência, elevar-se até o atual estado de civilização. Esta doutrina é mais consoladora do que a que representa o homem decaído de um paraíso de luz e de bem-aventurança, decaído por ligeiras faltas que não cometera, até o extremo de miséria em que jazem estes infelizes selvagens.

Quando cheguei, estavam de pé no terreiro cerca de oitenta robustos Mundurucus, que me esperavam e me receberam com mostras de não dissimulada curiosidade. Para mim não era menos curioso o aspecto destes homens, pintados todos com desenhos tão idênticos, que pareciam guerreiros vestidos de rigoroso uniforme. Dezenas de fogueiras, que ardiam no terreiro, davam a este quadro um aspeto sinistro, lançando reflexos sobre estes largos peitos nus, cor de bronze.

Cumprimentei-os, dando-lhes a boa noite com uma das poucas palavras da língua, que eu havia para este fim estudado – "*Chipate*". Todos me responderam – "*Chipate*". [...] Dirigi-me em seguida para uma das extremidades da vasta casa, onde habitam os homens somente, e aí fixei o meu aposento. Os Mundurucus, que tinham para este lado as suas redes, e cuja vizinhança me poderiam incomodar, cederam-me graciosamente o lugar, levando-as para outro lado. Devo deixar bem patente a generosa hospitalidade que recebi em Necodemos, tanto mais de surpreender, quanto procedia de bárbaros, inteiramente estranhos a nosso trato social. Tudo foi posto à minha disposição, nada fizeram que pudesse enfadar-me ou contrariar-me.

Velhos e moços fizeram um círculo em torno de mim. Não havia ali uma só mulher nem mesmo criança do sexo feminino. No extenso casarão, onde me alojei, situado no meio da Aldeia e chamado "*ekçá*" só são admitidos homens.

Minha visita foi uma festa para os selvagens admiravam com curiosidade tudo quanto viam, a vela de espermacete ([284]) que acendi, o relógio, a mala de viagem, a carteira, tudo examinavam, passando de mão em mão no meio de ruidosas gargalhadas Assim levamos até meia-noite, os Mundurucus apreciavam muito esta diversão, única em sua vida, quando menos o esperavam. Por fim disse-lhes que estava cansado, e eles me responderam: "*Pois então dorme*". E imediatamente cada um retirou-se para sua rede, dizendo-me: "*Até amanhã Cuia dhé*". Mas estes bárbaros tem o costume de tocar buzina durante toda a noite no seu quartel ou "*ekçá*".

---

[284] Espermacete: substância cerosa de cor clara produzida pelos cachalotes num órgão, denominado "*melão*", localizado na cabeça do cetáceo, à frente do espiráculo. (Hiram Reis)

Parece um sinal de alerta. Ora um, ora outro, que na ocasião desperta, tira-se de seus cuidados, lança mão da buzina, que tem sempre suspensa ao teto sobre a rede, e leva a tocá-la durante o tempo que lhe parece. Após este, outro faz o mesmo. E esta música monótona e tristonha ecoa lugubremente pelas matas circunvizinhas. É gosto puramente selvagem.

IV

Um Mundurucu me faz Presente da Cabeça Mumificada de uma Moça da Tribo Paritintin, e Conta-me Como e Porque Matara Esta Moça

Um destes bárbaros, de vinte e cinco a trinta anos de idade, expansivo e desembaraçado, orador verboso, no dia seguinte me fez presente da cabeça mumificada de uma moça da tribo Parintintin. Esta cabeça, que se acha atualmente no Museu Nacional, conserva sua abundante cabeleira, na frente está raspada, como se fora à navalha. Assim, a fronte parece prolongar-se sobre a cabeça até quase o meio, no centro dessa fronte artificial destaca-se uma mecha circular de cabelos negros. Trazia um ornato de penas de brilhantes cores. Deverá ser de uma moça da moda em sua tribo, que foi morta em guerra. Mas aqui devo observar que os Mundurucu fazem frequentes guerras a outros gentios seus inimigos, com o fim precisamente de aprisionar mulheres moças e crianças, e não de matá-las. Matam sim os homens, cujas cabeças conservam como troféus. Quando se preparam para estas correrias dizem francamente: "*Eu vou porque preciso de uma mulher para me casar, ou preciso de um pequeno para filho de minha mulher*". Qualquer guerreiro Mundurucu devia, pois, ter o maior empenho de aprisionar, e não de matar uma rapariga como aquela, cuja cabeça me era oferecida.

Imagem 174 – Cabeça de Jovem Parintintin Mumificada

Com efeito disse-me o bárbaro que só por engano a matara no ardor do combate, que lhe não permitira distinguir o sexo. Ela saia correndo da cabana, que ele e seus companheiros haviam surpreendido pela madrugada, e ele lançara-se atrás dela e a atravessara pelas costas com a sua formidável taquara. Quando a reconheceu mulher e moça teve pesar. Contudo cortou-lhe a cabeça, extraiu-lhe o cérebro, expô-la à fumaça de lenha verde até mumificá-la. É singular, porém, a extrema ternura com que o bárbaro tratava a cabeça de sua inimiga. Entre as tribos Mundurucu o Parintintin reina, desde longos anos, ódio de morte, e fazem-se guerras de extermínio. Mas este Mundurucu estava como louco pela cabeça Parintintin. Não a deixava um só momento. Quando chegou a ocasião de eu retirar-me de Necodemos, como adiante direi, ele, bem como doze outros índios, acompanhou-me durante oito dias de viagem, através das matas, até as cabeceiras do Caderery.

Durante este trajeto, quando se aproximava a noite e tínhamos de pousar, o índio fincava em terra, junto à sua rede, uma haste que trazia expressamente para isto, e sobre ela suspendia a cabeça, como em um cabide, cobrindo-a cuidadosamente com uma toalha que eu lhe havia dado. Ao amanhecer, seu primeiro olhar era para ela, punha-a sobre o colo, penteava-lhe com os dedos os longos cabelos e acariciava-a, como se fosse uma filha querida. Só me fez entrega desta relíquia no último momento, quando eu já estava embarcado para descer o Caderery, e nesta ocasião disse ainda: "*Mas eu a queria para mim!*" Também eu lhe tinha feito presente de uma espingarda de dois canos, de pólvora, chumbo e outros objetos. Assim mesmo nos acompanhou com a vista até a canoa desaparecer pelo Rio abaixo.

Em Necodemos havia ainda outra cabeça mumificada. Feita de um guerreiro Parintintin. O Mundurucu que a possuía, já bastante idoso, não quis mostrar-me nem conversava sobre ela. Também eu não insisti. Alguns traziam colares de dentes de inimigos mortos por eles. Vi meninos que o meu intérprete me disse serem prisioneiros da última guerra. Os da Aldeia não tocaram sequer neste assunto, receavam talvez que lhes quiséssemos tomar os seus prisioneiros.

V

Gênesis Mundurucu. Crenças e Tradições. Aparição de "Caru-Sacaebê". Ingratidão dos habitantes de Acupary. Castigo. Necodemos Berço do Gênero Humano

Pareceu-me ver neste povo singular, traços de uma civilização antiga. Os Mundurucus vivem em república fortemente organizada. De longa data movem guerra a seus inimigos e, quando bem lhes parece, fulminam sentenças de morte contra os feiticeiros,

têm uma gênesis própria e possuem crenças e tradições que vão passando de geração em geração. Não será este povo, pensava eu, oriundo dos Quíchuas ou dos Aymaras, que, descendo dos Andes, se fixaram sobre estas vertentes? Por isto investiguei com a mais detida atenção as tradições, interrogando repetidas vezes os mais antigos da maloca, para que me dissessem, se seus avós não vieram de terras longínquas e elevadas, que demoram do lado onde o Sol se esconde todas as noites? Mas eles me respondiam invariavelmente que não, que os primeiros homens que apareceram sobre a terra fundaram a maloca de Acupary. Caru-Sacaebê apareceu entre eles e lhes ensinou a caçar, até então só havia caça inferior; Caru-Sacaebê fez aparecer caça maior. Não teve pai nem mãe, teve um filho de nome Carutau e um companheiro de nome Rayru, que o reconhecia por mestre.

Um dia Cara-Sacaebê, foi infeliz na caça. Voltou a Acupary, e mandou seu filho Carutau que fosse pedir alguma ave, inhambu ou perdiz, aos caçadores, que as tinham morto em abundância. Os caçadores, porém, recusaram, e por escárnio atiraram a Carutau as pernas das aves, dizendo: "*Teu pai também é bom caçador*". Três vezes Caru-Sacaebê repetiu o pedido e três vezes os caçadores recusaram. Então Caru-Sacaebê colheu as penas que eles haviam atirado por escárnio a Carutau, e fincou-as uma por uma em torno da maloca. E súbito, com um gesto, converteu em porcos bravios todos os habitantes de Acupary, homens e mulheres, velhos, moços e crianças. Estes animas vorazes iam esbravejando estremalhar-se e dispersar-se, quando Caru-Sacaebê, com outro gesto, transformou as penas em elevados morros. Junto da atual maloca de Acupary existe com efeito uma vasta caverna. Dizem os Mundurucus que ainda hoje se ouvem ali grunhidos de porcos selvagens e acentos de agonia.

Outros afirmam que à entrada da caverna encontram-se ornatos de mulheres, como braceletes feitos de ouriço de castanha, e outros vestígios da tremenda catástrofe. Os Mundurucus não ousam penetrar na caverna de Acupary. Então Caru-Sacaebê retirou-se acompanhado de Rayru, único que sobreviveu ao desastre de Acupary. Chegando ao lugar, onde está Necodemos, bateu com o pé na terra, e de uma larga fenda que se abriu tirou um casal de Mundurucus, um de casal brancos, um de índios e um de pretos. O casal de Mundurucus Caru-Sacaebê pintou pela mêsma forma por que ele próprio estava pintado, e foi o princípio da Maloca de Necodemos e o tronco da tribo, que se tornou numerosa e pujante, a ponto de fazer estremecer a terra quando marchava para a guerra. Os brancos, os índios e os pretos, dispersaram-se e foram povoar outras terras.

Em Necodemos Caru-Sacaebê preparou um campo, semeou-o, e quando caíram as primeiras chuvas brotou a mandioca, o milho, a batata, o cará, o algodão, e outras plantas alimentícias e medicinais. Ensinou a construir fornos e a preparar a farinha. Fez uma pequena estátua de madeira, animou-a e chamou-a Hanhu-Acauâte, que foi seu segundo filho. Para servir de mãe a Hanhu-Acauâte, Caru-Sacaebê adotou por companheira uma donzela da tribo, chamada Chicridhá. Cresceu Hanhu-Acauâte, mas algumas mulheres iludiram a vigilância de Chicridhá e abusaram da inocência de Hanhu-Acauâte. Caru-Sacaebê converteu Hanhu-Acauâte em anta, e Chicridhá e as mulheres culpadas em peixes. Necodemos estava já poderosa e forte. Caru-Sacaebê traçou sobre um rochedo elevado, entre Acupary e Necodemos, os caracteres simbólicos, que ainda hoje se vêm nos morros de Areucrê. Fez com que Rayru fosse arrebatado, pelas nuvens, e desapareceu de Necodemos, seguindo o curso do Tapajós, à margem esquerda do qual, em altura onde não pode

chegar a mão do homem, traçou também os caracteres da barranca de Cantagalo. E desde então nunca mais se soube para onde fora. Os Mundurucu guardam fielmente memória de seus feitos, e pintam-se rigorosamente a si, suas mulheres e filhos, pela mesma forma por que Caru-Sacaebê era pintado.

VI

Aparecimento do Cão em Necodemos. Lenda

Entre todos os povos o cão é considerado como amigo fiel. Os Mundurucus, selvagens caçadores, o tem em suas lendas por oriundo de uma donzela da própria tribo com um guerreiro desconhecido, que aparecera na Maloca e desaparecera sem que alguém nunca soubesse quem era, de onde tinha vindo nem para onda fora. Era um "*deus ignotus*".

O caso deu-se do modo seguinte. Depois que Caru-Sacaebê desaparecera, os Mundurucus de Necodemos continuaram a caçar, devassando em todos os sentidos os campos e as florestas. Um dia, que estavam na caça, apareceu na Maloca um guerreiro desconhecido, chamado Caru-Pitubê. Dirigiu-se para o "*ekçá*", deitou-se em uma "*hamaca*", tirou do teto uma buzina e começou a tocar de modo desusado. Uma donzela da Maloca, de nome Iracheru, acudiu ao chamado e ofereceu "*dahu*" ao guerreiro em sinal de boa hospitalidade. Caru-Pitubê chegara quase ao anoitecer. Não havia ninguém mais em Necodemos. Ao amanhecer do dia seguinte Caru-Pitubê disse à donzela: "*Darás a luz seres que farão o espanto dos guerreiros da tua tribo. Não os mates*". E desapareceu.

Grande foi com efeito em Necodemos o terror, o espanto e a indignação, quando viram Iracheru dar a luz a um casal de cães. Os irmãos de Iracheru e sua própria mãe foram os primeiros em proferir contra

ela sentença de morte Mas Iracheru, quando os algozes se aproximavam para matá-la, a ela e a seus tenros filhos, rápida como a ema, desapareceu nos bosques, arrebatando em seus braços trêmulos os frutos de seus misteriosos amores.

Errante pela floresta Iracheru pousou, enfim, exausta de cansaço junto à fonte de um límpido regato. Não tardou, porém, que a jovem mãe visse crescidos os filhos que a tanto custo amamentara, aquecendo-os à noite em seus seios ardentes.

Por fim, os viu já percorrendo as matas e os campos, caçando, e trazendo inhambus e perdizes, e então Iracheru viveu no seio da abundância. À noite seus filhos eram-lhe formidáveis guardas, que velavam sem cessar pelos seus dias. As próprias onças se afastavam medrosas.

Um dia Iracheru dirigiu-se a Necodemos e contou estas maravilhas. Iracheru bem sabia que, se os guerreiros de Necodemos não revogassem a sentença de morte, só ela morreria, seus filhos punham-se facilmente fora do alcance dos algozes. Se, porém, a revogassem, a tribo Mundurucu seria a senhora dos campos e das florestas, seria vencedora de todas as outras tribos, dominaria sem rivais. Mas os filhos de Iracheru foram recebidos com geral aplauso, a tribo inteira os reconheceu como próprios filhos.

O Mundurucu, com efeito, tratam o cão verdadeiramente como filho, as mulheres os amamentam quando recém nascidos em seus próprios seios, e lhes dão agasalho em suas "*hamacas*", ao lado dos próprios filhos, como se fossem nascidos do mesmo ventre. Quando morre um cão é largamente pranteado e seu corpo cuidadosamente dado à sepultura, pois teriam por impiedade abandoná-lo à voracidade dos corvos.

VII

Fama Antiga dos Mundurucus. Recordações Históricas

O caudaloso Tapajós em cujo vale estão situadas as aldeias dos Mundurucus, há apenas 130 anos foi descoberto, pois somente, em 1748, desceu por ele de Mato Grosso até o Pará o mineiro João de Sousa de Azevedo, trazendo sessenta e quatro oitavas de ouro, extraído do afluente, que denominou Rio das Três Barras.

Em 1817, Ayres de Cazal, dividindo em sua "*Corographia Brasílica*" a Província do Pará em quatro grandes Comarcas, naturalmente limitadas pelos quatro grandes afluentes do Amazonas, o Tocantins, o Xingu, o Tapajós e o Madeira, deu o nome de Mundurucania, naturalmente porque era aí preponderante a tribo Mundurucu, àquela que foi compreendida entre o Tapajós, pelo lado do Nascente, o Madeira pelo lado do Poente, ao Norte pelo Amazonas e ao Sul pelo Juruena. Descrevendo a Mundurucania, diz aquele autor que, à exceção de alguns pedaços sobre as margens dos Rios que a limitam, tudo o mais estava dominado por várias nações selvagens, das quais as mais conhecidas eram os Jumas, os Maués, os Pamas, os Parintintins, os Muras, os Andirás, os Araras e os Mundurucus que dão o nome ao país.

Diz ainda Ayres de Cazal:

> *Os Mundurucus que costumam tingir o corpo de negro com jenipapo, são numerosos, apessoados, guerreiros e temidos de todas as outras nações, que lhes dão o apelido de Pay-quicé, que significa Corta-cabeça, porque costumam cortá-la a todo inimigo que lhes cai em poder, e sabem embalsamá-las, de sorte que se conservam largos anos com o mesmo aspecto do momento em que foram cortadas*.

Ornam as suas toscas e mesquinhas cabanas com esses horrendos troféus. Aquele que mostra dez está habilitado para poder ser eleito chefe da horda. Conhecem a virtude de vários vegetais, com cujo uso curam algumas moléstias perigosas. Quase todas as hordas Mundurucus estão hoje nossas aliadas e algumas já cristãs.

A desumanidade dos que ainda vagueiam pelos matos, porquanto não dão quartel à sexo nem à idade, tem obrigado grande parte das outras nações a refugiarem-se junto das povoações dos cristãos, onde, à sua sombra e de paz, vivem seguros daqueles desalmados inimigos. Os valorosos Mundurucus são periecos ([285]) dos Macassares, das Ilhas Célebres, que passam pelos mais esforçados dentre os povos do grande arquipélago Oriental.

VIII

Situação Atual das Aldeias Centrais das Campinas. Desaparecimento das Hordas do Vale do Tapajós

Pois toda essa grande população selvagem, que, segundo refere Ayres de Cazal, ainda há sessenta anos vagava pelo território da Mundurucania, não aparece mais por essas regiões. Veem-se no Baixo Tapajós os índios batizados, oriundos dos antigos selvagens, e no Alto Tapajós apenas se encontra a Maloca Maués, denominada do Acará, e outra Maloca do Apiacás, que mantém relações de mesquinho comércio com os raros sertanejos que por ali penetram. Além destas duas Malocas aparecem também de quando em quando, às margens do Tapajós ou de seus afluentes, levas de Parintintins, mas não se fixam em parte alguma, porque os Mundurucus lhes movem perseguição implacável e sem tréguas.

[285] Perieco: que habitam o mesmo paralelo geográfico, mas em meridiano oposto. (Hiram Reis)

Note-se que os Maués e os Apiacás também já foram em outros tempos muito perseguidos e batidos pelos Mundurucus, que só os deixaram em paz depois que estabeleceram relações com os cristãos. Os Maués já não pintam o rosto, os Apiacás têm apenas um traço negro-azul, que, partindo do ângulo exterior de cada olho e descendo até a barba, muito se parece com um sulco de lágrima. Convêm também notar que as Aldeias Centrais dos Mundurucus, designadas no Alto Tapajós pela denominação de Maloca das Campinas, não estão situadas no território a que Ayres de Cazal deu o nome de Mundurucania. Estão no território que este geógrafo chamou Tapajônia, entre o Tapajós e o Xingu, e próximas às fontes dos afluentes Orientais do Tapajós, de nomes Rios das Tropas [que os Mundurucus chamam Pitunzy], do Crepury, Caderery, Cabetutum e Cururu. Eu encontrei em minha excursão grande número de Riachos, fontes do Caderery, afluentes do Tapajós. Se caminhasse alguns dias mais no mesmo rumo que levava, além de Necodemos, encontraria certamente as fontes dos tributários do Xingu.

IX

Guerras dos Mundurucus. Modo de as Fazer. Fim Destas Guerras

Já dissemos que as guerras destes bárbaros não têm outro fim senão fazer cativas mulheres moças e crianças do ambos os sexos. Os cativos, porém, são tratados na tribo sem diferença dos Mundurucus natos. São pintados com os mesmos arabescos de cores indeléveis, a mulher encontra logo marido, e o menor encontra pai adotivo, que quase sempre é o próprio índio que o aprisionou. Quando se fazem os preparativos para estas excursões, a irmã, mãe ou qualquer parente do guerreiro lhe faz encomenda de uma criança, dizendo: "*Traze-me um menino para meu filho*".

As principais vítimas dos Mundurucus são os Parintintins, porque, além do interesse de fazer cativos, o ódio mortal, que existe de longa data entre estas duas tribos, também serve de móvel para frequentes ataques. Tanto que consta que uma leva de Parintintins aparece em alguma parte, imediatamente os Mundurucus marcham-lhes ao encalço. Para com as outras tribos, porém, não me consta que haja este ódio inveterado. Entre os Mundurucus corre o boato, provavelmente inexato, de que, quando um deles cai prisioneiro dos Parintintins, estes o devoram vivo, às dentadas, "*como se fossem onças e nós veados*", dizem eles. Inexato ou não, este conto contribui para acender ainda mais o desejo de vingança. Isto, a que temos chamado guerras, em geral são simples correrias. Quando chega o verão certo número de Mundurucus combinam entre si, preparam seus arcos, flechas, buzinas, provisões, e põem-se em marcha.

Sempre, que é possível, cada guerreiro é acompanhado pela mulher ou por uma irmã. O ofício desta vivandeira, que às vezes não tem mais de 15 a 16 anos, consiste em armar a rede do guerreiro nos ramos das árvores, preparar para ele a castanha, transportar qualquer carga, ajudar a preparar a cabeça do inimigo e a trazer os cativos, enfim, ela encarrega-se de tudo quanto é necessário, a fim de deixá-lo inteiramente desembaraçado para o ataque. Assim, vão caçando tranquilamente, de sorte que nestas correrias, consomem muitas semanas e mesmo meses. À noite reúnem-se para pousar. Se encontram alguma trilha na espessura do mato, ou outro qualquer vestígio que indique a passagem de um ser humano, eles o estudam com tino e cautela admirável. Se percebem uma cabana ou uma Aldeia, fazem o reconhecimento no maior silêncio possível, e marcham com tal destreza, que não se ouve nem o ruído da folha seca que esmagam debaixo dos pés. Parece que andam sobre espesso tapete.

Cercam a cabana e esperam em silêncio a madrugada toda. Então, com longa haste, cuja extremidade está impregnada de breu inflamado, lançam-lhe fogo e postam-se de emboscada à porta. Despertando em sobressalto, os sitiados soltam logo este grito terrível: Mundurucus! Os homens que, perturbados, pretendem romper o cerco são logo traspassados por tremendos chuços. As crianças, conhecendo que estão sob a taquara inimiga, rendem-se ao cativeiro. As mulheres quase sempre resistem, lutam e só são feitas prisioneiras à viva força. E então, os Mundurucus se põem em retirada à marcha dobrada. As cabeças inimigas são cortadas e preparadas às pressas. Quando sentem ou receiam que são perseguidos caminham dia e noite. À noite guiam-se com archotes feitos de fragmentos de uma madeira resinosa, a que chamam "*ouiehique-taque*", e que os índios do Baixo Tapajós conhecem pela denominação de pau candeia. Esta madeira, estando seca, inflama-se facilmente, dando labaredas quando o índio corre com ela na mão. Quase sempre estas excursões são tão longas, que as provisões se acabam, e por fim os índios sustentam-se de castanhas em falta de farinha e de batatas. Sofrem longas privações, alguns voltam magros. Afirma-se que todos os anos os Mundurucus fazem destas correrias e sempre trazem cativos. Uma índia muito idosa, provavelmente oriunda da interessante tribo dos Tapajós, que deu nome ao Rio, hoje extinta, referiu-me que em sua mocidade mais de uma vez os Mundurucus desciam pelas margens do Alto e Baixo Tapajós, batendo cruelmente as muitas malocas que então existiam, cortando cabeças dos inimigos e causando imenso terror por toda esta extensa região. A tradição bem averiguada também registra o caso de terem estes bárbaros chegado até a Foz do Tapajós, e posto em sítio a fortaleza que os portugueses fundaram no aldeamento cristão dos índios Tapajós, hoje florescente cidade de Santarém.

X

Notícias de Algumas Tribos Indígenas a Quem os Mundurucus Fazem Guerra e que Andam Errantes Pelo Vale do Alto Xingu e para as Fronteiras do Mato Grosso

Dizem os Mundurucus que ainda encontram muitas hordas gentílicas nas extensas regiões que percorrem, e que para o lado do Nascente corre um Rio largo, caudaloso, encachoeirado, a que chamam Caruntunzy, cujas margens são povoadas de muito gentio. Deve ser o Alto Xingu que é realmente um dos maiores afluentes do Amazonas e um daqueles que mais próximos se acham da capital do Pará. Seu curso superior é entretanto ainda inteiramente desconhecido.

Em 1842, o Príncipe real da Prússia, Adalberto, acompanhado do Conde Oriolo e do Conde de Bismark, seguiu de Belém do Pará em canoa, percorreu o curso inferior do Xingu até as primeiras cachoeiras, e as malocas dos índios Jurunas. Foram estes cavalheiros, creio eu, que deram o primeiro esboço para o traço do Baixo Xingu. Entretanto o curso superior é até hoje desconhecido. [...]

XI

Aparece nas Molocas um Mundurucu Elegantemente Vestido, que diz ter sido Batizado no Rio do Janeiro

Era natural que eu convidasse os Mundurucus a virem partilhar conosco das vantagens da vida social, e sobretudo a mandarem seus filhos para serem convenientemente educados, e depois voltarem às Malocas sabendo construir casas, arcos, fornos, e outros objetos que lhes seriam de grande utilidade. Procurava por todos os meios convencê-los de que

entre nós encontrariam amigos dedicados, quando me responderam que Teiu Burubê lhes havia dito que S. M. o Imperador era amigo dos Mundurucus. Teiu Burubê era um Mundurucu que desaparecera das Aldeias há muitos anos, e após longa ausência regressara. Apresentou-se na Maloca de Cabroá elegantemente vestido à nossa moda. Os parentes o receberam com extrema satisfação. Então contou que se batizara no Rio de Janeiro, que se ficara chamando Martinho de Alcântara, o que S. M. o Imperador lhe servira de padrinho e de protetor. Encontrou, na Maloca de Cabroá, parentes, e particularmente uma irmã, que o tratou com extrema dedicação. Quando deixou a Aldeia natal, ainda muito moço, fora acompanhado por um irmão, e ambos desceram pelo Rio Canumá. Este Mundurucu descrevia com vivas cores as vantagens da vida civilizada, sem contudo mover os seus parentes a abandonarem a vida selvagem.

Por fim estranhou a mudança do regímen e caiu doente de violentas febres. Dizendo-se na maloca que estava enfeitiçado por causa dos vestidos que possuía, a irmã, indignada, reuniu-os no terreiro e lançou-lhes fogo. Convalescendo, ainda em maiores privações se achou, pois estava nu. Por fim, faleceu, a irmã, que o não abandonara um só momento, enterrou-o embaixo de sua própria rede. [...]

XIII

Maloca de Nicodemos.
Disposição das Malocas dos Mundurucus

Necodemos está situada sobre uma colina, no meio de uma vasta campina, pouco distante das matas. No centro da Maloca está o "*ekçá*" ou o quartel dos guerreiros. O "*ekçá*" consiste em uma longa casa, de cerca de 100 m de comprimento, coberta de palha, e em toda sua extensão aberta para o Nascente.

Imagem 175 – Gravações na Barranca do Cantagalo

Nesta situação está perfeitamente ventilada, e isenta da invasão dos carapanãs e de outros mosquitos insuportáveis, que constituem o suplício dos que vivem no meio das matas ou margem dos Rios. Os raios do Sol ao nascer penetram livremente e debelam o frio da madrugada, que aí é muito intenso. No "*ekçá*" morara somente os homens válidos, os guerreiros e seus filhos maiores de oito anos. Cada guerreiro arma no "*ekçá*" sua rede no lugar que bem lhe parece.

No terreiro, também para o Nascente estão três linhas de esteios unidos por travessas, onde os guerreiros armam suas redes nas belas noites de verão. Suspenso ao teto do "*ekçá*", sobre a rede tem o guerreiro à mão tudo quanto possui – arcos, flechas, tacape e buzina. Todos dormem em redes tecidas de fios de algodão e tão pequenas que é preciso estar imóvel para não cair no chão. O algodão é plantado pela índia, o fio e a rede por ela fabricados. No "*ekçá*", por entre as redes dos guerreiros, ardem muitas fogueiras durante a noite. Em torno do "*ekçá*" estão as casas das mulheres, onde também habitam as crianças de ambos os sexos, os velhos decrépitos e os doentes.

Em Necodemos estas casas são em número de cinco, bastante vastas, construídas com mais cuidado, mais altas, fechadas por todos os lados, tendo por entrada uma abertura apenas, e às vezes duas. Não tem divisão alguma interior: é toda comum, mas cada mãe de família, com suas crianças, seus velhos decrépitos o seus doentes, tomam conta de um lado da casa, e aí armam suas redes. Junto delas estão seus utensílios, a saber: balaios, teares, paneiros, etc. No meio da casa estão um ou dois fornos de fabricar farinha, não são mais do que toscas pedras, mais ou menos planas, colocadas sobre outras pedras. Por baixo do forno arde a fogueira. Nas casas das mulheres os guerreiros podem entrar quando lhes parece, mas as mulheres nunca penetram no "*ekçá*". Nessas casas das mulheres eles guardam os objetos mais preciosos, tais como ornatos de penas, colares de dentes humanos, cabeças inimigas, etc.

Todas as vezes que tive ocasião de entrar nestas casas encontrei sempre as mulheres trabalhando, umas teciam a rede, outras fabricavam farinha, outras moqueavam caças, outras coziam, outras preparavam mingau de bananas, etc. Nunca aí fui sem que me oferecessem alguma coisa para comer, ora batata cozida, ora mingau de bananas. Uma índia risonha e alegre, com o rosto todo pintado de urucu além de suas pinturas de costume, ofereceu-me uma enorme lagarta que trazia sobre o dedo. Era uma lagarta repugnante, que se contraia e alongava convulsivamente, e a índia queria por força passá-la para minha mão, dizendo-me que era para comer: "*Cobi-cobi*".

XIV

Caracteres Simbólicos Traçados na Barranca de Cantagalo, à Margem do Alto Tapajós, e nos Morros de Areu-crê entre Acupary e Necodemos

À margem esquerda do Alto Tapajós no lugar conhecido pela denominação de Cantagalo, veem-se desenhadas sobre a superfície de um Morro de cerca de cem metros de altura cortado a prumo pelo Rio, quinze figuras. Elas ali estão de tempo imemorial. Os mais antigos sertanejos, que tem penetrado pelo Alto Tapajós, e os mais idosos Mundurucus, já as encontraram tais quais estão, mas não lhes conhecem a significação. São de cor vermelha-escura, como de ocre, e estão cerca de oito metros acima do nível máximo das águas no tempo das cheias do inverno. Hoje seria impossível a um homem traçá-las naquela altura, ainda mesmo com o auxílio de andaimes, pois, à base do morro, o Rio forma uma espécie de enseada, onde a corrente é violenta, sobretudo na época em que o nível do Rio chega à sua maior elevação.

Não farei conjetura alguma sobre a origem nem sobre a significação destes caracteres. Apenas lembrarei que Humboldt encontrou também, às margens do Orenoco, nas mesmas circunstâncias e em altura inacessível à mão do homem, caracteres deste gênero. Este ilustre sábio é de opinião, se bem me recordo, que o nível das águas do Orenoco em épocas anteriores, muito remotas, elevou-se a altura muito maior do que atualmente. Penso que se poderá fazer aplicação aos caracteres do Alto Tapajós das mesmas deduções estabelecidas pelo ilustre sábio alemão em relação aos que encontrou no Orenoco.

Eu tirei o esboço no Alto Tapajós desses caracteres, não sei se simbólicos. Mostrando-os aos Mundurucus de Necodemos e de Samaúma [Aiká] todos eles me disseram que também nos morros de Areucrê, no meio dos campos que se estendem entre Acupary e Necodemos, existem caracteres deste gênero, mais numerosos. Eu não tive ocasião de os ver.

A tradição Munducuru refere que Caru-Sacaebê, depois de ter destruído a Maloca de Acupary, para punir a ingratidão de seus habitantes, viera fundar a de Necodemos, que se tornara por este modo o berço do gênero humano. Então traçou estes caracteres entre as duas Aldeias para deixar um monumento que relembrasse este fato memorável, diz a tradição. Depois que Caru-Sacaebê deixou Necodemos forte e opulenta, desceu, seguindo o curso do Tapajós, à cuja margem deixou ainda novos caracteres para trazer mais viva entre os Mundurucus a memória de seus feitos e de sua passagem entre eles.

XV

Os Mundurucus Fulminam Pena de Morte Contra os Feiticeiros. Alguns casos mais Recentes da Aplicação desta pena

Ainda nos princípios do século atual a legislação portuguesa aplicava o suplício de fogueira nas praças públicas contra os infelizes que a credulidade e superstição da época acusavam de feiticeiros. Muitos outros povos, senão todos, tem dado à história o triste espetáculo desta aberração da razão humana. Os Mundurucus são muito aferrados a este erro fatal, o feiticeiro entre eles é irrevogavelmente punido de morte, mas é este o único caso a que aplicam esta pena. O missionário de Bacabal, Frei Pelino de Castrovalvas, no Relatório que apresentou à presidência do Pará, a 18.08.1876, refere o caso de que tratam os tópicos seguintes:

> *Primeiro que tudo V. Exª deve saber que um dos meus maiores empenhos, nos cinco anos do apostolado nesta missão, tem sido apagar na cabeça dos índios inveteradas superstições, especialmente aquelas que mais diretamente se opunham à religião e ao bem-estar da sociedade. Ora, uma das maiores superstições com que tenho tido de lutar tem sido a do feitiço.*

O que não tenho dito, o que não tenho feito para arrancar dos corações deles tão perniciosa superstição? E quantas mortes não tem estes feito com estes errôneos princípios antes da fundação da missão? Contando, quando já pensava tê-los persuadido a detestar tão abominável vício, eis que um dia, que lhes falta o missionário, reproduzem os mesmos fatos. V. Exª está ciente de que no ano passado eu desci a esta capital para tratar de alguns negócios da missão. Ora bem, nesse tempo, que eu faltei adoeceram e morreram nessa missão várias pessoas.

Eis uns índios a gritar: É feitiço, é feitiço! É preciso matar os feiticeiros. Ele nos querem matar a todos, é preciso matá-los!

Designaram quatro moços da missão para serem imolados como feiticeiros. Encontraram um chamado Ismael, os outros, avisados a tempo, evadiram-se, e depois do meu regresso voltaram à Missão. O rapaz foi morto com dois tiros de espingarda, acabando-o com pancadas na cabeça. Foram executores Silvano da Silva e outro rapaz [hoje defunto].

Foi mandante o Capitão José da Gama, que pela volta do meio-dia, do dia em que ele mandou matar o Ismael [o qual se achava da parte oposta à Missão, além do Rio, no meio do mato], vendo que os seus enviados, que mandara de manhã, não voltavam, impaciente disse:

Esta gente não presta para matar gente, vou eu!

Mas, quando ele chegou achou a vítima, que já estava sacrificada. Satisfeitos, voltaram, deixando o cadáver aos Urubus, sem lhe darem enterro.

Este capitão José da Gama de quem fala o Padre missionário, foi Cacique de um antigo aldeamento que existia à margem do Tapajós, e veio com toda sua gente para a Missão do Bacabal. Seu nome indígena é Mari-Baxi, o Padre missionário o deixava sempre governando a Missão, quando tinha de retirar-se por algum tempo.

É um índio enérgico e resoluto, e já antes da fundação da Missão havia imolado vários de seus companheiros acusados de feiticeiros, um dos quais foi seu próprio irmão, que ele lançou no meio das cachoeiras com uma pedra ao pescoço. Se Mari-Baxi, ou José da Gama, ainda comete atos destes em uma missão que está sob a vigilância do governo, faça-se ideia do que não farão os outros Caciques das Aldeias Centrais. Este fato deu-se em 1875, quando eu me achava além da Missão do Bacabal, visitando as Aldeias das Campinas, quando regressei, demorei-me dois dias naquela Missão, de cuja direção se achava então encarregado o mesmo José da Gama, durante a ausência do missionário, que havia seguido para a capital.

Aquele Cacique me recebeu com muitas provas de atenção e de amizade, mas nada absolutamente me disse sobre o crime que acabava de cometer. Ele, assim como os outros seus cúmplices, guardaram o mais inviolável segredo sobre este assunto. O próprio missionário que aí chegou após alguns dias da minha passagem pela missão veio a ter conhecimento destes fatos muito depois.

Por essa mesma época ocorreu também em uma das Aldeias das Campinas o seguinte fato. Várias índias foram banhar-se em um Regato próximo da Aldeia, ao regressarem cada uma delas trazia na cabeça uma cabaça de água para sua casa. Quando menos esperavam saem-lhes ao encontro quatro Mundurucus, e lançando mão de uma dessas pobres raparigas, de cerca do dezoito anos de idade, a transpassam com suas formidáveis taquaras. As companheiras pararam um momento e lançaram involuntariamente a vista para este, lúgubre espetáculo, mas os algozes lhes disseram: "*Sigam seu caminho, é uma feiticeira*". O cadáver da moça índia aí ficou no caminho durante todo este dia.

No dia seguinte lançaram-no sobre uma fogueira e o reduziram a cinzas. Outro caso: à margem do Tapajós, em casa de um sertanejo existe uma índia Mundurucu, toda pintada, de seus vinte anos de idade, é pagã, mas tem o nome cristão de Sebastiana, já fala um pouco o português e é muito expansiva. Ela conta que sua família residia na Aldeia de Curucupi. Grassando ali febres de mau caráter, algumas pessoas sucumbiram. Sucedeu que sua mãe encarregou-se do tratamento de alguns desses doentes. Um dia, chegando a velha índia do seu trabalho do campo, uma pessoa de sua íntima amizade disse-lhe em segredo: "*Olha que o teu doente morreu, dizem já que és feiticeira*". Sem perda de tempo a índia toma uma resolução, de acordo com seu marido. Abandonam a Aldeia de noite mesmo, levando consigo duas filhas e um filho, todos três ainda de menor idade. Com efeito, durante toda noite e durante o dia seguinte, enquanto fugiam, ouviram o latir dos cães dos algozes que lhes vinham no encalço.

Esta pobre família, após vários dias de bom caminhar pelos matos, saiu enfim, às margens do Tapajós e nunca mais voltou a Curucupi, nem à outra qualquer maloca. Diz Sebastiana que o principal motor do motim, que ia dando em resultado a morte de sua mãe, acha-se atualmente na Missão do Bacabal. Esta mesma índia referiu-me outro caso não menos triste, que sucedeu por ocasião das mesmas febres. Poucos dias antes da fuga de sua família, havia ela e algumas de suas companheiras chegado a Acupary, vindo de outra Aldeia vizinha. Ainda nessa tarde fizeram em comum a refeição no terreiro da casa. Pela madrugada, porém, ela foi despertada em sobressalto por um grito de desespero e de agonia que ouviu junto a si. Logo após viu dois Mundurucus passarem junto à sua rede, andando quase de rastros o cadáver de sua companheira, em cujo peito

haviam cravado a lâmina aguda da taquara, terminando este horrível sacrifício estrangulando a mísera em sua própria rede. O cadáver, nu e ensanguentado amanheceu no meio do terreiro, e aí ficou exposto até à tarde. Todos passavam junto a ele em silêncio e sem murmurar.

Há muitos outros casos destes, pois são infelizmente ainda frequentes as execuções por motivo de feitiço. Dizem que no tempo, que esteve entre eles Caru-Sacaebê, nunca houve feitiço nem feiticeiros. Também todo código criminal dos Mundurucus reduz-se a isto. Não consta que um Mundurucu tenha jamais sido morto por outro, a não ser por motivo de feitiço. Manifesta-se entre dois destes índios, habitantes da mesma Aldeia, ódio violento, o que raríssimas vezes sucede, um dos dois inimigos não faz mais do que desatar a sua rede, dirigir-se a qualquer das outras Aldeias que bem lhe parece, e nela escolher um lugar no "*ekça*", e aí ficar residindo pelo tempo que bem lhe apraz.

XVI

Sentimento de Sociabilidade entre os Mundurucus. A Família. A Pintura característica da tribo

É notável o pronunciado espírito de sociabilidade, ou antes de nacionalidade, que, ligando fortemente entre si os indivíduos e as Aldeias desta tribo, tem conservado naqueles desertos fora do contato e da influência de nossa civilização, ousarei dizer, a autonomia da República Mundurucu. Que os Quíchuas sobre os Andes, apascentando suas ricas manadas de lhamas e de alpacas, e cultivando em grande cópia a balata, originária dessas montanhas, tenham podido reunir-se em grandes centros de população e constituir uma poderosa monarquia, não admira.

Povo agricultor e pastor, possuía os elementos necessários para viver no seio da abastança, desenvolvendo pelo impulso da vida social suas qualidades intelectuais e morais. Mas os Mundurucus são agricultores e caçadores. Sua mesquinha lavoura não lhes pode fornecer abundantes recursos. A caça, mesmo nessas planícies de rica fauna, nunca pode abastecer regularmente um grande centro de população. À medida que a caça vai se tornando rara, os caçadores se vem na necessidade de ir cada vez mais longe para encontrá-la. O gosto e a necessidade da caça, em vez de reunir os homens, tende ao contrário a isolá-los cada vez mais, pois só pelo isolamento podem evitar a concorrência nesse tráfico, do qual dependem essencialmente os seus meios de existência.

Não é outro o motivo que leva as famílias das Aldeias Mundurucus a dispersarem-se durante o verão. Como já tive ocasião de referir, em minha excursão, encontrei algumas destas famílias em cabanas situadas no meio das matas ou à margem do Caderery. Entretanto, apesar de tudo, a tribo conserva-se fortemente unida, posto que dividida em vinte Aldeias. Não existe, é certo, um centro de governo civil ou religioso, ao qual todas essas Aldeias prestem obediência, mas os laços morais, que vinculam entre si todas elas e todos os indivíduos da tribo, são tão fortes, que tem resistido durante o longo curso de sua existência a todas as causas de dissolução. O casamento entre eles consiste em um simples acordo entre os nubentes e suas famílias, e não é revestido de caráter ou fórmula alguma religiosa. Sucede às vezes que um Mundurucu toma por noiva uma menina ainda de menor idade, de acordo com a família dela, e trata-a então como sua futura esposa, fornece-lhe caça e outros meios de subsistência até que ela chegue à puberdade para realizar o casamento.

Desde o momento do acordo a noiva é por todos como tal respeitada, e ninguém ousa disputá-la àquele que está destinado a ser um dia seu marido. O casamento, uma vez celebrado, constitui um forte laço de união entre os dois esposos. A poligamia não está em uso nesta tribo, e não raras se dão cenas de ciúme. As mulheres, nas Aldeias, apesar de sobre-carregadas com trabalho, são por todos tratadas com certo recato, nem lhes é permitido entrar no "*ekçá*" do quartel dos guerreiros. Não obstante andarem inteiramente nuas, elas evitam cuidadosamente posições que possam parecer indecentes, a tal ponto que ninguém nota quando elas atravessam certos períodos melindrosos peculiares a seu sexo.

A propósito de zelos e de ciúmes, referirei um caso, porque entendo que estes fatos observados pintam mais ao vivo do que qualquer descrição em termos gerais os usos, costumes e sentimentos de um povo. A índia Sebastiana, de quem já falei anteriormente, era casada em Acupary. Um dia chega-se a ela um rapaz e diz-lhe:

> *Deixa o teu marido, que não é bom caçador, e vem comigo para outra Aldeia*.

Neste momento justamente aparece o marido, que, dirigindo-se para ela, lhe pergunta: "*O que o seu interlocutor lhe havia dito?*" A índia, embaraçada, não sabia o que responder, o marido lança mão de um arco e a castiga severamente. Entretanto este casal viveu sempre unido, amando-se um ao outro, até que a desgraça, que ameaçou a mãe de Sebastiana, a obrigou a deixar o marido, fugindo de Acupary. As famílias são muito unidas, tanto os pais como as mães são extremosos pelos filhos, e são rapazes de arrostar os maiores perigos para ampará-los e protegê-los. Eu vi nas grandes casas das Aldeias algumas crianças doentes serem tratadas com muito desvelo e solicitude.

Quando um Mundurucu refere-se a outro indivíduo de sua tribo, emprega sempre esta frase – um nosso parente para distingui-lo de outro qualquer indivíduo de tribo diferente. Quando por acaso se encontram esses bárbaros longe de suas Aldeias, no meio das florestas ou à margem dos Rios, facilmente se reconhecem pelas pinturas ou tatuagens uniformes, e característicos da tribo. A pintura dos Mundurucus é coisa notável. São desenhos traçados com extrema habilidade por mão de artista consumado. No rosto e no peito são grande número de losangos perfeitamente desenhados. Na parte posterior do corpo são linhas paralelas, tiradas desde o pescoço de alto a baixo até quase os calcanhares, os seios, as nádegas e as partes sexuais das mulheres, são pintadas com desenhos de fantasia, mas uniformes para o mesmo sexo. Tanto os homens, como as mulheres, tiram grande vaidade deste singular ornamento. A operação da pintura é dolorosíssima. Começa quando a criança atinge a idade de oito anos. Corno é natural, a criança não se presta voluntariamente ao suplício, mas é tomada à força, lançada ao chão e privada de todo movimento. Então o pintor, armado de agudo dente de cutia, vai traçando os desenhos sobre o corpo da criança, que chega a verter sangue. Sobre os traços aplicam o suco do jenipapo, que constitui uma tinta indelével. Essas feridas, abertas à força, inflamam-se ordinariamente, às vezes sobrevêm febres. Por isso a operação é feita de preferência no inverno por ser menos intensa nesta estação a ação do calor. O trabalho é lento, deixam-se as primeiras feridas cicatrizar para continuar a operação. Por isso a pintura só fica completa quando o indivíduo se aproxima dos vinte anos de idade, tão morosa é ela. Parece, pois, isto uma espécie de batismo de sangue – um laço social – um vínculo consagrado, que, como sólidos elos de uma cadeia, prende entre si lodos os membros da tribo.

É o traço de união íntima, cuja origem remonta a Caru-Sacaebê, conforme refere a tradição. Todo o corpo do Mundurucu é integralmente tomado por estes desenhos. E impossível que outro qualquer povo os faça mais extensos e mais perfeitos. [...]

XVII

[...] Modo do Enterramento

[...] Quando morre um destes selvagens os parentes cavam uma sepultura embaixo da própria rede, a sepultura tem a forma de um cilindro a eixo vertical, sobre ela descem o cadáver, acomodando-o na mesma posição em que se acha o feto no ventre materno, ocupando a cabeça a posição mais elevada. É a posição de cócoras, a mesma que usavam os Quíchuas e os egípcios. Deitam junto com o cadáver alguns objetos que foram do seu uso quando em vida, tais como armas, ornatos de penas, etc.

O meu intérprete era um índio inteligente, e falava, além do seu dialeto Mundurucu, as línguas portuguesa e tupi. Ele me traduzia em dialeto Mundurucu sem hesitar as seguintes frases: "*Tenho saudades de minha mãe*" [...] "*Tenho saudades de meu filho*" [...] "*Minha alma vai para o céu*" [...].

Este conhecimento dos astros, posto que ainda muito limitado, estas crenças de uma vida futura sem as perturbações de odiosas superstições, esse poder de conceber e exprimir ideias abstratas, e os sentimentos mais puros e mais suaves do coração humano, como sejam saudades de mãe e de filho, me causavam surpresa da parte de um povo, que sempre foi considerado como um dos mais bárbaros e mais ferozes do vale do Amazonas. Presumo que os Munducurus, se não trouxeram essas ideias e conhecimentos de algumas das raças civilizadas do planalto dos Andes, ao menos tem vivido durante séculos, da

mesma forma que ainda vivem hoje os que habitam as Aldeias das campinas, isto é, em centros tão populosos, quanto o podem ser os dos selvagens, que vivem de caça e dos exíguos recursos de uma lavoura rudimentar. Estas Aldeias, em contínuas comunicações entre si, conservam os mesmos usos e costumes.

A pintura dos Mundurucus outra coisa não é senão, como já disse acima, um batismo de sangue, que imprime caráter indelével – um laço sagrado, que estreita entre si em comunhão fraternal todos os membros da numerosa e pujante tribo. Entretanto me abstenho de tirar conclusões de qualquer natureza que seja. O meu propósito é observar escrupulosamente os fatos e descrevê-los com fidelidade. Talvez que sobre este ligeiro esboço, que faço da vida de uma tribo selvagem, medite algum destes espíritos superiores, que se preocupam do destino da humanidade e dos problemas da vida humana. A estes pertence perscrutar os arcanos da Providência, indagar qual o ponto de partida que tiveram os povos em sua peregrinação sobre a terra, quais os trilhos que têm percorrido e quais os destinos que lhes são reservados. (RIHGB, N° 40)

Mirando o Futuro sem Olvidar o Passado

Weir ensinou o pessoal a fazer enxertos da forma correta. Mas o verdadeiro problema, disse o patologista, era que a Fordlândia não tinha espécimes seguros de onde tirar enxertos. Assim Edsel concordou com o pedido de Weir de viajar ao Sudeste da Ásia, para Sumatra e Malásia, a fim de encontrar espécimes garantidos. Weir partiu, em junho de 1933, e obteve rapidamente 2.046 troncos enxertados de uma seleção garantida de árvores de alto rendimento. Embalados em serragem esterilizada, eles deixaram Cingapura no fim de dezembro, cruzaram o oceano Índico, passaram pelo Canal de Suez no início de 1934, atravessaram o Mediterrâneo e o Atlântico e subiram o Amazonas. (GRANDIM).

Belterra

Somente em 1932, depois do fracasso da baixa produtividade em Fordlândia, a companhia decidiu contratar um especialista no cultivo de borracha, o botânico James R. Weir, que havia trabalhado na American Rubber Mission. James reportou, em seu relatório inicial, uma série de omissões em aspectos elementares de gestão agrícola, e sugeriu como medida de urgência a importação do Sudeste Asiático, de clones de alta produtividade garantida.

Weir sugeriu a troca da área de Fordlândia por uma nova área, de 281 mil hectares, a 48 quilômetros de Santarém que, além de permitir a navegação regular de navios de grande calado durante todo o ano, o terreno era melhor drenado, mais ventilado e menos úmido – condições menos favoráveis à propagação do "*Mal-das-folhas*". A localização parecia perfeita e Ford denominou o local de "*Bela Terra*", mais tarde conhecido como "*Belterra*".

Belterra era uma “*Cidade americana no coração da Amazônia*”, com hospitais, escolas e casas de madeira, no estilo americano. Ford havia aprendido com Fordlândia e, agora, mesmo a Vila Americana onde residiam os altos funcionários foi construída de madeira, as construções faraônicas que no projeto anterior abrigaram o refeitório, a casa de força e fábrica, foram substituídas por instalações bem mais modestas.

A massa de operários que lá era recrutada dentre os ribeirinhos não afeitos à rigidez do regime do trabalho e à disciplina impostos pelos capatazes de Ford foi suprida, em grande parte, por trabalhadores braçais oriundos do sertão nordestino, que fugiam da Grande Seca de 1929. Seis anos depois de ter implantado a Fordlândia, a Companhia Ford tentava, novamente, produzir borracha na Amazônia Brasileira.

Em 1934, chegaram os 53 clones selecionados por Weir mas, apesar da melhor localização, salubridade e seleção das mudas, o seringal também foi atacado pelo “*Mal das Folhas*”. Mas a utilização de práticas de manejo, seleção de sementes, emprego de mudas mais resistentes, enxertia de copa e controle com fungicidas, permitiram que o seringal passasse a conviver com o Microcyclus.

Belterra de 1938 a 1940 foi um dos maiores produtores de seringa do mundo. Com o final da 2ª Guerra Mundial, e a consequente importação da borracha do Sudeste Asiático, a grande incidência de doenças nos seringais e, principalmente, a descoberta da borracha sintética contribuíram para a decadência do projeto e a Companhia Ford “*abandonou o sonho*”.

A "*Cidade americana*" foi transformada, então, em Estabelecimento Rural do Tapajós (ERT), sob a jurisdição do Ministério da Agricultura e, somente em 1997, conseguiu sua emancipação.

Visita a Belterra (03.02.2011)

Agendamos uma visita a Belterra onde fomos gentilmente recebidos pelo senhor Valdemar Sanches da Silva, Chefe de Gabinete do Prefeito Geraldo Irineu Pastana de Oliveira. Valdemar discorreu, com entusiasmo, sobre a história e os projetos que estão em andamento na sua Cidade. Diferente do descaso e da omissão verificada pelos políticos de Aveiro em relação à Fordlândia, a Prefeitura de Belterra partiu corajosamente na busca de parceiros para recuperar seu patrimônio e sua história. Acompanhados pelo Chefe de Gabinete, passeamos pela Cidade e conhecemos a oficina – que ainda utiliza máquinas da década de 30, do século passado, recuperadas pelos zelosos funcionários da Prefeitura.

Conhecemos a Casa Um, a Vila Americana, a Vila Mensalista e a Vila Operária. Infelizmente poucas são as casas que mantêm seus jardins bem cuidados como nos tempos áureos da borracha e, infelizmente, todas exibem cercas em seus terrenos, cercas que não existiam na época do Projeto de Ford.

Curiosamente, na gigantesca Caixa D'água de metal ainda existe o mesmo apito que tocava e ainda toca nas mesmas horas do longínquo pretérito em memória de um sonho americano que não vingou. A Casa Um, localizada na estrada 02, tem uma vista privilegiada do Rio Tapajós, possui ampla varanda, grande salão e várias dependências.

Existem, ainda, no local, utensílios originais deixados pelos americanos. Esta casa foi projetada para servir de residência a Henry Ford quando ele visitasse Belterra, o que nunca aconteceu. A Vila Americana era residência dos funcionários do primeiro escalão da Companhia Ford.

A Vila Mensalista era residência dos funcionários do segundo escalão da Companhia que recebiam seus pagamentos mensalmente, daí a origem do nome da Vila. As residências são menores que as da Vila Americana.

A Vila Operária era restrita aos funcionários do terceiro escalão, formada por carpinteiros, mecânicos, motoristas e outros. Estes operários eram pagos quinzenalmente. As casas eram bem mais simples e não possuíam varandas. Passamos pelo Hospital, necrotério e encerramos nossa visita no Centro de Memória de Belterra.

Visita ao Centro de Memória de Belterra

Encontramos no Centro de Memória o Professor Osenildo Maranhão, agente de atendimento, filho de seringueiros da Companhia Ford que nos apresentou entusiasmado os projetos e o acervo do Centro.

A instalação servia, antigamente, de residência para os médicos do "*Hospital Henry Ford*" e foi o primeiro prédio histórico restaurado pelo Projeto "*Muiraquitan Brasil*", fruto da parceria com o Instituto Butantan e a OSCIP (Organização de Sociedade Civil de Interesse Público) Ama Brasil. O Centro localiza-se na Vila Americana n° 108, Bosque das Seringueiras.

Pesquisadores do Butantan, em conjunto com o IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional], trabalham de forma intensa na reconstrução do acervo histórico desta Cidade, e este Centro serve de apoio ao trabalho de pesquisa e possibilita o acesso às informações para os moradores e estudantes da região.
(Otávio A. Mercadante – Diretor do Instituto Butantan)

O Centro, inaugurado em 01.05.2010, tem a missão de incentivar e divulgar pesquisas sobre a história do Município, através de projetos e ações educativas destinados à valorização do patrimônio e da memória local. Para atingir esse objetivo, o Centro recolhe, cataloga, preserva e disponibiliza acervos históricos adquiridos para consulta pública.

O Projeto é bastante amplo e pretende mudar, parcialmente, a face da Cidade, fazendo-a retornar ao seu antigo visual. É uma missão árdua que tem o Prefeito Pastana e seus colaboradores pela frente, mas que, certamente, se for concretizada, trará muitos benefícios para seus moradores.

É um exemplo louvável e que deve ser imitado por administradores de todos os níveis de Governo e em todas as regiões do país. Um país que não cultua o seu passado, que não valoriza suas origens, que não é capaz de aprender com os acertos e os erros pretéritos certamente não merece, nem será capaz de empreender uma marcha segura para o futuro.

Homens Gigantes
(Demétrios Haidos / Geandro Pantoja / Nairo Queiroz)

Nasceram do fundo das águas
Douradas ao Sol Ingo Kongre Yang Ierê.

Toda nação clamava
Aos gigantes guerreiros Kaiapó
Viviam no fundo das águas
Remotas escuras sob a proteção.

Ameaçados de morte da maligna rapina
Devoradora dos seus ancestrais
Com suas malditas garras
Douradas ao Sol.

Lutar para viver no grande Rio Kocati
Irão vencer hodiernos Kaiapó
Maléfica rapina morrerá na ponta
Dos ossos dos heróis.

Hodiernos Kaiapó.

Soprarão o amontoado de penas
Da maldita águia espalhando
Por todas as direções ao vento.

Transformando em todas as espécies
Da fauna de pássaros que vão alçar
Um canto novo pelo ar.

Imagem 176 – Belterra, PA

Imagem 177 – Prefeitura de Belterra, PA

Imagem 178 – Belterra, PA

Imagem 179 – Belterra, PA

Imagem 180 – Belterra, PA

Imagem 181 – Belterra, PA

Imagem 182 – Belterra, PA

Imagem 183 – Belterra, PA

Santarém de Antanho

Gaspar de Carvajal (1542)

A primeira referência histórica que se tem de Santarém foi o contato que teve a Expedição de Orellana, em 1542, com os índios Tupaiús ou Tapajós. O grande senhor Nurandaluguaburabara, citado pelo dominicano Frei Gaspar de Carvajal era, provavelmente, o chefe dos Tupaiús. Relata Carvajal:

> *Continuamos pelejando dessa maneira desde que amanheceu até depois das dez horas, porque não nos deixaram descansar, uma vez que cada hora havia mais gente, tanto que o Rio estava coalhado de pirogas, já que estávamos numa terra muito povoada de um grande senhor que se chamava Nurandaluguaburabara.*
>
> *Havia sobre a barranca uma verdadeira multidão olhando a guacábara ([286]). À medida que íamos seguindo, iam apertando o cerco, tanto que já se haviam aproximado dos arcabuzes, que foram disparados para que aquelas pessoas endiabradas nos deixassem em paz. O alferes matou a dois índios com um só tiro; pelo medo do estrondo, muitos entraram na água, dos quais nenhum escapou, porque todos se mataram, jogando-se das canoas; o outro foi disparado por um "biscaio" chamado Perucho.*
>
> *Este fato foi digno de se ver, uma vez que, por causa disso, os índios nos deixaram tranquilos e escaparam sem socorrer os que estavam na água: nenhum deles, como já disse, conseguiu se livrar.* (CARVAJAL)

[286] Guacábara: batalha, escaramuça, combate. (Hiram Reis)

Cristóbal de Acuña (1639)

A obra de Acuña é mais sóbria e lógica do que a de Carvajal. Acuña, ao contrário de Carvajal, jamais afirmou ter avistado as lendárias Amazonas e muito menos acreditou nos seres e histórias fantásticas relatadas pelos nativos.

Acuña, nos capítulos abaixo, faz uma crítica contundente aos métodos abusivos utilizados pelos portugueses para escravizar os índios Tapajós.

LXXIV – Rio e Nação dos Tapajós

[...] São estes Tapajós, gente de brio, muito temidos pelas nações circunvizinhas porque usam um tipo de veneno em suas flechas, que apenas tirando sangue tiram, sem remédio, também sua vida. E, devido a isso, os próprios portugueses recearam por muito tempo seu contato, desejando conseguir por bem sua amizade.

Nunca conseguiram totalmente tal coisa, porque obrigavam, com isso, os nativos a abandonarem seu espaço natural e virem morar entre os índios já pacificados, coisa que sentem muito estes Tapajós.

No entanto, em suas terras, recebiam com grande hospitalidade aos nossos, como pudemos experimentá-lo alojados em uma de suas aldeias de mais de quinhentas famílias, onde durante todo o dia não cessaram de vir trocar galinhas, patos, redes, pescado, farinha, frutas e outras coisas, com tanta confiança, que mulheres e crianças não se afastaram de nós propondo que, se os deixássemos em suas terras, com muito prazer poderiam vir os portugueses a povoá-las, que os receberiam e serviriam em paz por toda a vida.

LXXV – A Opressão que Fizeram os Portugueses

Não foram suficientes os humildes oferecimentos destes Tapajós para pessoas tão interessadas, como são as que estão envolvidas nestas conquistas e que só enfrentam dificuldades com a cobiça de escravos que esperam aprisionar, para que fossem acatados ou pelo menos levados em consideração e conveniência. Ao contrário, suspeitando que esta nação tinha muitos escravos a seu serviço, trataram de mover-lhes, com toda a força, dura guerra, acusando-os de rebeldes. Sobre tal guerra estavam tratando quando chegamos de nossa jornada ao Forte do Desterro ([287]), onde se reunia gente para tão desumana ação.

E apesar de que, por todos os meios que pude, procurei, senão impedi-la, pelo menos suspendê-la até que houvesse nova ordem de Sua Majestade, o Sargento-Mor do Estado, Cabo e chefe de todos, que era Bento Maciel, filho do Governador, que me deu sua palavra de que não prosseguiria seu intento até receber um aviso de seu pai. Tão logo virei as costas, juntando a maior quantidade de gente que pôde, numa lancha com oito peças de artilharia e outras embarcações menores, o Sargento ofereceu-lhes dura guerra, se não quisessem boa paz.

Esta admitiram-na logo os nativos, de boa vontade, como sempre a tinham oferecido, dispostos a fazer tudo o que quisessem de suas pessoas. Ordenaram-lhes os portugueses que entregassem todas as flechas envenenadas que tinham, que era o que mais se podia recear, o que os miseráveis obedeceram prontamente.

---

[287] Forte do Desterro: fortificação erguida, em 1623, por Bento Maciel Parente, à margem direita da Foz do Rio Uacarapy, afluente da margem esquerda do Rio Amazonas. (Hiram Reis)

E, vendo-os tão desarmados, os portugueses tomaram grande quantidade deles e encerraram-nos em um curral forte com suficiente guarda, soltando então os índios amigos que traziam, que para fazer o mal cada um é um diabo solto. Em breve espaço de tempo, saquearam toda a Aldeia, sem deixar coisa que não destruíssem, aproveitando-se, conforme me contou quem o viu, das filhas e esposas dos presos aflitos diante de seus próprios olhos. E faziam coisas que, garantiu-me esta pessoa que é bem antiga naquelas conquistas, para não vê-las, não só deixaria de comprar escravos, como também daria de graça os que possuía. Não parou aqui a crueldade dos portugueses que, como iam envolvidos na cobiça de escravos, não ficariam satisfeitos até verem-se senhores deles. Ameaçavam os índios encurralados e assustados, atemorizando-os de novo com sua força, para que oferecessem escravos, assegurando-lhes que, com isso, não apenas ficariam livres, mas também seriam seus amigos, carregados de ferramentas e tecido de algodão que lhes dariam por eles.

[...] Ofereceram mil escravos e foram buscá-los mas, com o alvoroço da terra, os índios tinham se reunido e procurado um refúgio e, não podendo juntar mais que duzentos, entregaram-nos. Com a promessa de que entregariam os restantes, os portugueses deixaram livres, dessa forma, os que, por assim verem-se, ofereceram seus próprios filhos como escravos, como muitas vezes tem sucedido. Despacharam todos estes escravos ao Maranhão e Pará, que eu vi com meus próprios olhos e, saboreando a vitória, preparam logo outra Expedição maior para outra nação mais adentro do Rio das Amazonas, onde as crueldades serão, sem dúvida, de cor branca, que sem dúvida é prata, do qual lavraram, em tempos remotos, machados e facas, mas que, vendo não ser de proveito porque se quebravam, não fizeram mais caso dele. (ACUÑA)

Mauricio de Heriarte (1662)

Até esta Província chegam naus de alto bordo, e por este Rio dos Tapajós vão quatro jornadas a resgatar madeiras, redes, urucus, e pedras verdes, que os índios chamam buraquitãs [antes baraquitãs [288]] e os estrangeiros do Norte estimam muito; e comumente se diz que estas pedras se lavram, neste Rio dos Tapajós, de um barro verde, que se cria debaixo da água, e debaixo dela fazem contas redondas e compridas, vasos para beber, assentos, pássaros, rãs e outras figuras; e, tirando-o feito debaixo da água, ao ar, se endurece o tal barro de tal maneira que fica convertido em mui duríssima pedra verde; e é o melhor contrato destes índios e deles mui estimado. (HERIARTE)

Charles-Marie de La Condamine (1743)

É entre os Tapajós que se acham hoje, mais facilmente, dessas pedras verdes, conhecidas pelo nome de pedras das Amazonas, cuja origem se ignora, e que foram tão procuradas outrora, por causa da virtude que se lhes atribuía, para curar a "pedra" a cólica nefrítica, e a epilepsia. Houve um tratado impresso sob a denominação de Pedra Divina. A verdade é que elas não diferem, nem na cor nem na dureza, do jade Oriental: resistem à lima, e ninguém imagina por qual artifício os antigos americanos a talhavam, e lhes davam diversas configurações de animais. Foi, sem dúvida, o que deu lugar a uma fábula digna de refutar-se. Acreditou-se muito a sério que tal pedra não era mais que o limo do Rio, ao qual se dava a forma requerida, petrificando-o quando era tirado ainda fresco, e que adquiria ao ar esta dureza extrema. (CONDAMINE)

---

[288] Buraquitãs: muiraquitãs. (Hiram Reis)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Distinguem-se aqui certas mulheres pela indústria, com que fazem boas esteiras de palhinha fina e pacarás, os quais são uns pequenos baús de folhetas de madeira leve cobertas por dentro e por fora de palha do grelo de inajá tecida e pintada de diversas cores, cujo matiz é donoso ([289]). (BAENA, 2004)

Richard Spruce (1851)

Já falei, anteriormente, do pico cônico que constitui o ponto culminante da Serra de Irurá, e que à distância, lembra o formato de um pequeno vulcão. Fica a 6 km de Santarém, no rumo 37°SW. Suponho que seu cume fique a cerca de 90 m acima do nível do Tapajós. Esse pico é semeado de escórias, daquele tipo que descrevi, mas seu topo é convexo, sem qualquer semelhança com uma cratera vulcânica.

Atrás dele se divisa uma sequência de morros também juncados de blocos semelhantes, entremeados de buracos que nada têm a ver com crateras, não havendo traquito ([290]), basalto ou rocha vulcânica de qualquer espécie ao lado daqueles blocos semelhantes a matacões. (SPRUCE)

[289] Donoso: gracioso. (Hiram Reis)

[290] Traquito: rocha magmática extrusiva, rica em feldspato alcalino. (Hiram Reis)

Santarém

Santarém, Município do Estado do Pará, conhecido como a "*Pérola do Tapajós*", está situada na microrregião do Médio Amazonas, a 36 m de altitude, na confluência dos Rios Amazonas e Tapajós. O clima é quente e úmido, temperatura média anual varia de 25° a 28°C e uma precipitação pluviométrica em torno de 1.920 mm. As temperaturas mais elevadas ocorrem no período de junho a novembro e o de maior precipitação pluviométrica de dezembro a maio.

Origem do Nome de Santarém

Narra Paulo Rodrigues dos Santos, no seu livro Tupaiulândia:

> *Santarém, da qual Mendonça Furtado tirou o nome para substituir o da nossa antiga Aldeia dos Tapajós, é uma velhíssima e heroica Cidade da Lusitânia, cuja história se perde na névoa dos tempos fabulosos da Mitologia. Cerca de 1141 anos antes de Cristo, 2863 da criação do Mundo, segundo a Bíblia, um desses lendários Reis, misto de pastor-caçador-guerreiro, chamado Abidis, filho de Ulisses e de Calíope, encantado com a região onde teria feito excelentes caçadas, decidiu fazer naquele local uma cidade magnífica e Capital do seu reino.*
>
> *Mandou, pois, construir uma famosa povoação que cercou de muros com suas torres, e lhe deu o nome de Esca-Abidis que significa "sustento ou manjar de Abidis". Novecentos anos depois, a povoação se chamava ou "Scalabis". Ao tempo de Júlio César e da invasão da Península Ibérica pelos romanos, a velha "Escalabis" passou a colônia romana, sob o nome de "Escalabicastro", que significa "Fortaleza de Escalabis".*

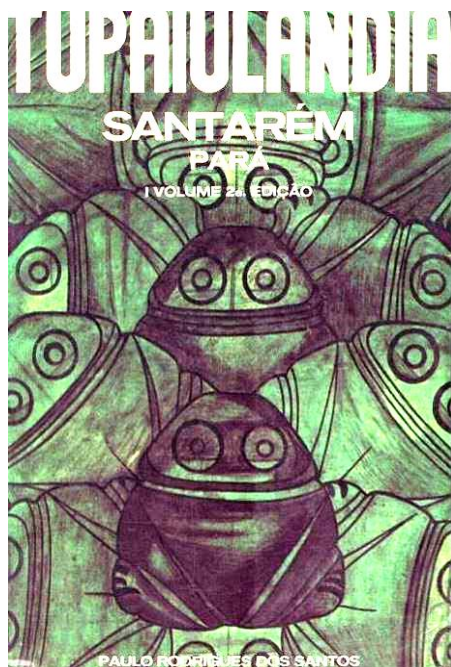



Imagem 184 – Tupaiulândia

Em 418 da era de Cristo, sob o domínio dos Alanos, foi-lhe restituído o antigo nome de "Escalabis", de onde os primitivos habitantes da Santarém portuguesa se denominaram "escalabitanos". Mais ou menos no ano de 650, passou a ser denominada "Santairene" ou "Sanctaherenae", do velho latim, em virtude de uma lenda que passamos a contar, e da qual há várias versões e "romances", todas, porém, concordando no final:

> *Nesses longínquos tempos havia, na Lusitânia, uma florescente Cidade chamada Nabância, da qual tirou o nome o Rio Nabão que, reunido ao Zézere, vai desaguar no Tejo. Em Nabância, viviam Ermígio e sua esposa Eugênia, dois nobres Godos que tinham uma filha, Irene ou Iria, formosíssima e casta menina, cheia de virtudes peregrinas que mais lhe realçavam a beleza. Desde criança, fora destinada ao claustro e residia em convento próximo, onde era educada por duas tias, freiras também, Júlia e Casta.*

> *Certo fidalgo de maus instintos, chamado Tribaldo, filho de Castinaldo e Cácia, viu a moça Irene por emtre as grades do claustro e, perdidamente enamorado, pediu-a em casamento, sendo repelido, pois a menina se hávia votado ao serviço de Deus. O rapaz, então, com o auxílio de serviçais, conseguiu narcotizar a moça e raptou-a; porém, enquanto fugia, desfeita a ação do narcótico, foi mais uma vez desenganado nas suas pretensões, pelo que, enfurecido, a degolou, atirando ao Rio o corpo da jovem Irene. A corrente do Nabão levou o corpo ao Tejo, que o depôs à margem da Cidade de "Escalabis", onde, diz a lenda, os anjos lhe construíram um belo túmulo de alabastro. A notícia do martírio da virgem Irene e do milagre do túmulo correu, célere, pela Lusitânia, e de toda parte veio gente para ver o local onde repousavam os restos mortais da jovem mártir.*

Em 653, o Rei Godo Receswintho, que era católico, tomou aos Alanos a Cidade de "Escalabis" e lhe mudou o nome para "Santa Irene", que facilmente se corrompeu na atual "Santarém". Tem a velha Santarém lusitana a honra de guardar em seu seio os restos mortais do descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral, que ali faleceu, pobre e ignorado do mundo, mais ou menos em 1520. Sobre o assunto, diz a Enciclopédia Brasileira Mérito, à página 139 do quarto volume:

> *Foi um brasileiro, o erudito historiador Varnhagem, Visconde de Porto Seguro, quem encontrou na sacristia do Convento da Graça, na Capela do Senhor da Vida, em Santarém, a sepultura do descobridor do Brasil, de que não havia memória escrita ou tradicional. É sepultura rasa, com uma lousa simples de treze palmos e a inscrição comprobatória.*

Interessantes os caminhos desta vida: Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e um brasileiro foi descobrir os seus restos mortais na sua própria pátria, mais de três séculos depois! (SANTOS)

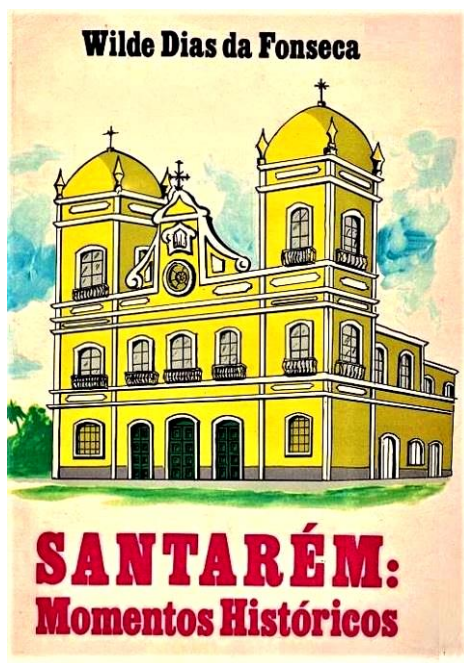



Imagem 185 – Santarém: Momentos Históricos

Histórico

Wilde Dias da Fonseca, no seu livro Santarém: Momentos Históricos, reporta-nos:

> O primeiro relato de Santarém, em 1542, foi feito pelo monge dominicano Frei Gaspar de Carvajal, cronista da Expedição de Francisco Orellana. Em 1626, chegam os primeiros colonos à região e tem início a povoação de Santarém que foi marcada, desde o início, pela luta de terras entre índios e brancos.
>
> Em 22.06.1661, o Padre João Felipe Bettendorff funda Santarém, construindo a capela de Nossa Senhora da Conceição. Em 1697, foi inaugurada a "*Fortaleza do Tapajós*", numa colina próxima ao Rio Tapajós. Conhecida como a Aldeia dos

Tapajós, foi elevada à categoria de Vila, em 14.03.1758, pelo Governador da Província do Grão Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, com o nome de Santarém. Em 24.10.1848, foi elevada a categoria de Cidade. (FONSECA)

Cantar de Andarilho
(Alencar e Silva)

Não tenho pátria
determinada
nem tenho pressa
nesta jornada:

só esta sede
que têm meus olhos
de ver e ver

e este incontido
impulso de asas
sobre meus pés.

Minhas sandálias
cobrindo o mundo
que descobriram
pé ante pé,
minhas sandálias
vão-se ficando
pelos caminhos
de minha fé.

Arde em meu rosto
o Sol de todos
os continentes.

Todos os ventos
já visitaram
minhas narinas.
Todas as águas
já circularam
dentro de mim.

Em minha fala
todas as falas
se misturaram.

E nos meus olhos
os céus mais vários
se despejaram.

Não tenho Pátria
determinada
nem tenho pressa
nesta jornada:

só esta sede
que têm meus olhos
de ver e ver

e este incontido
impulso de asas
sobre meus pés.

Oratório do Círio de Nazaré
(João de Jesus Paes Loureiro)

O Círio vai passando como um Rio.
Rio de anjos e brinquedos de miriti.
Como um Rio
E sua multidão de ondas caminhantes.
Como um Rio.
O Círio vai passando como um Rio.
Passa a Barca dos Marujos.
Passa a Barca dos Milagres.
Passa a Barca dos Arcanjos.
Passa a Barca das Girandas.
Piracema da fé na rua que é Rio!
Passa a Barca da Berlinda
Periantã de lírios
Arcano a navegar à flor das almas…
O Círio vai passando como um Rio.
A correnteza de um Rio
Com alma e devoção.
Rio de sílabas velozes.
Sonoro Rio
E seus cardumes de canções.
Um Rio de ondas submarinas,
Pleno de naves aves velas e velames.
Um Rio devoto
Navegado pela fé,
Peixe a navegar por entre a correnteza. [...]

Hamza ou Alter do Chão?

Isso representa um volume de água de 86 mil quilômetros cúbicos. Se comparado com o Guarani, por exemplo, ele tem em torno de 45 mil quilômetros cúbicos. (Milton Mata)

Não existe outro lugar, no planeta Terra, onde o manancial de águas subterrâneas seja tão abundante quanto o Aquífero de Alter do Chão. O imenso Lago de água potável se estende sob a igualmente gigantesca Bacia do Rio Amazonas. Alter do Chão ocupa, a partir de agora, o lugar daquele que era então o maior Aquífero do mundo – o Guarani – que se estende pela Argentina, Paraguai e Uruguai.

A capacidade de Alter do Chão ainda não foi devidamente estabelecida, mas dados preliminares apontam para uma área de 437.500 km² e uma espessura média de 545 metros com um volume estimado de 86 mil km³ de água doce, suficiente para abastecer 100 vezes toda a população mundial.

Aquífero Alter do Chão ou Grande Amazônia

Pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apresentaram, no dia 16.05.2010, um estudo apontando o Aquífero Alter do Chão como o de maior volume de água potável do mundo. O Grupo de Pesquisa em Recursos Hídricos da UFPA é integrado pelos professores Francisco Matos, André Montenegro e ainda pelos pesquisadores Milton Matta (UFPA), Mário Ribeiro (UFPA) e Itabaraci Nazareno (Universidade Federal do Ceará – UFC). A reserva subterrânea está localizada no subsolo dos Estados do Amazonas, Pará e Amapá. O Aquífero de Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água potável que o Aquífero Guarani.

Uma grande vantagem do Aquífero de Alter sobre o Guarani é que este último está sob a rocha enquanto o da Amazônia em terreno arenoso. A chuva penetra com facilidade no solo e a areia funciona como filtro natural. Perfurar o solo arenoso é fácil e barato. Levantamentos futuros poderão determinar que o Aquífero é ainda maior do que o estimado inicialmente. O geólogo da UFPA Milton MATTA afirma:

> *Os estudos que temos são preliminares, mas há indicativos suficientes para dizer que se trata do maior aquífero do mundo, já que está sob a maior Bacia hidrográfica do mundo, que é a do Amazonas /Solimões. O que nos resta agora é convencer toda a cadeia científica do que estamos falando.* (MATTA)

O nome de Aquífero Alter do Chão pode vir a ser alterado tendo em vista ser homônimo de um dos lugares turísticos mais importantes do Estado do Pará, o que provoca enganos quanto à sua localização.

> *Estamos propondo que passe a se chamar Aquífero Grande Amazônia e assim teria uma visibilidade comercial mais interessante.* (MATTA)

A segunda etapa do levantamento pretende inspecionar poços já existentes na região do aquífero.

> *Pretendemos avaliar o potencial de vazão. Dessa maneira teremos como mensurar a capacidade de abastecimento da reserva e calcular a melhor forma de exploração da água, de maneira que o meio ambiente não seja comprometido.* (MATTA)

Marco Antônio Oliveira, do Serviço Geológico do Brasil, afirma que a magnitude de um Aquífero é proporcional ao tamanho de sua Bacia Hidrográfica.

O Aquífero Alter do Chão abastece de água mais de 40% da cidade de Manaus, são dez mil poços particulares e 130 da rede pública. O abastecimento de outras cidades do Estado do Amazonas é bombeado, na sua totalidade, da reserva subterrânea. A cidade de São Paulo baseia 30% de seu abastecimento nas águas do Aquífero Guarani. Marco Antônio OLIVEIRA disse que a reserva de água, no entorno de Manaus, está muito contaminada.

> *É onde o aquífero aflora e também onde a coleta de esgoto é insuficiente. Ainda é alto o volume de emissão de esgoto "in natura" nos Igarapés da região.* (OLIVEIRA)

Marco Antônio Oliveira faz uma ressalva sobre a exploração comercial da água no Aquífero Alter do Chão ressaltando a necessidade de se construir um planejamento estratégico de âmbito nacional.

> *A água dessa reserva é potável, o que demanda menos tratamento químico. Por outro lado, a médio e longo prazo, a exploração mais interessante é da água dos Rios, pois a recuperação desta reserva é mais rápida. A vazão do Rio Amazonas é de 200 mil m³/segundo. É muita água. Já nas reservas subterrâneas, a recarga é muito mais lenta*. (OLIVEIRA)

O Superintendente do Serviço Geológico do Brasil enfatiza a qualidade da água extraída do Aquífero Alter do Chão.

> *A região amazônica é menos habitada e por isso menos poluente. No Guarani, há um problema sério de flúor, metais pesados e inseticidas usados na agricultura. A formação rochosa é diferente e filtra menos a água da superfície. No Alter do Chão as rochas são mais arenosas, o que permite uma filtragem da recarga de água na reserva subterrânea*. (OLIVEIRA)

Rio Hamza

Pesquisadores do Observatório Nacional divulgaram, em agosto de 2011, uma nova teoria, no 12° Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Geofísica, no Rio de Janeiro, que revela indícios da existência não de um aquífero, mas de um Rio subterrâneo correndo sob a Bacia do Rio Amazonas, desde os Andes até o Oceano Atlântico, a uma profundidade que pode chegar aos 4 mil metros, cujas águas avançam, em direção ao Atlântico, a uma velocidade aproximada de 10 a 100 metros por ano.

Valiya Mannathal Hamza

O doutor Hamza nasceu na Índia, no dia 15.06.1941, mora no Brasil há trinta e sete anos e há dezesseis trabalha como geofísico do Observatório Nacional. O indiano naturalizado brasileiro foi selecionado pela Sociedade Geológica Americana (GSA), como um dos melhores revisores de artigos científicos, em 2009. A Revista Litosfera, por sua vez, o considera como um dos cinco melhores revisores do mundo, o único brasileiro a fazer parte da seleta lista. A GSA, fundada em 1888, tem mais de 22.000 membros em 97 países e é líder em Geociência avançada.

Hamza possui graduação em Física – Universidade de Kerala (1962), mestrado em Física Aplicada – Universidade de Kerala (1964) e doutorado em Geofísica – University of Western Ontário (1973). Teve atuação como Professor do IAG-USP, Pesquisador do IPT, Secretário da Comissão Internacional de Fluxo Térmico – IHFC e membro do Comitê Executivo da Associação Internacional da Sismologia e Física do Interior da Terra – IASPEI.

Eleito, em 2007, como Representante Sul-Americano na Comissão Internacional de Fluxo Térmico IHFC. Possui ampla experiência na área de Geociências, com destaque nas áreas de Geotermia e Fluxo Térmico, atuando principalmente nos seguintes setores: fluxo geotérmico, energia geotérmica, recursos geotermais, tectonofísica, mudanças climáticas recentes, geofísica ambiental, sismicidade, propriedades térmicas de materiais geológicos, ensino superior. Ministrou mais de 30 cursos de pós-graduação em Geofísica. Atualmente, é responsável pelo Laboratório de Geotermia da Coordenação de Geofísica do Observatório Nacional no Rio de Janeiro. É consultor de quatro revistas internacionais e publicou mais que 100 trabalhos científicos.

Rio Hamza

A linha de água permanece subterrânea desde sua nascente, só que não tão distante da superfície. Tanto que temos relatos de povoados daquele país, instalados na região de Cuzco, que utilizam este Rio para agricultura. Eles sabem desse fluxo debaixo de terrenos áridos e por isso fazem escavações para poços ou mesmo plantações.
(Valiya Mannathal Hamza).

A pesquisa faz parte do trabalho de doutorado da geofísica Elizabeth Tavares Pimentel, orientada pelo Doutor Valiya Mannathal Hamza. Elizabeth Pimentel é coordenadora do curso de Ciências: Matemática e Física do Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente de Humaitá, AM.

A temperatura no solo é de 24 graus Celsius constantes. Entretanto, quando ocorre a entrada da água, há uma queda de até 5 graus Celsius. Foi a partir deste ponto que começamos a desenvolver nosso estudo. Este pode ser o maior Rio subterrâneo do mundo. (Valiya Mannathal Hamza)

Os cientistas analisaram as informações térmicas de 241 poços perfurados, na década de 1970 e 1980, pela PETROBRAS. A metodologia baseia-se na identificação de sutis variações de temperatura decorrentes dos movimentos de fluídos em meios porosos. Graças às informações fornecidas pela PETROBRAS, os cientistas concluíram que a água cai na vertical até os 2.000 m de profundidade e depois se torna quase horizontal em profundidades maiores.

Vamos continuar nossa pesquisa porque nossa Base de Dados precisa ser melhorada. A partir de setembro, vamos buscar informações sobre a temperatura no interior terrestre em Manaus e em Rondônia. Assim vamos determinar a velocidade exata do curso da água.
(Valiya Mannathal Hamza)

Enquanto a largura do Amazonas varia de 1,6 até 50 km, na área pesquisada, o Hamza varia de 200 a 400 km. A velocidade da água no Rio Amazonas varia de 0,1 a 2 m/s e as águas do Hamza avançam, no máximo, 100 m por ano. Embora esse valor possa ser considerado pequeno em relação à formidável vazão do Amazonas, ele indica a existência de um sistema hidraulico subterrâneo sem precedentes. Para que se possa aquilatar a importância deste sistema, basta lembrar que sua vazão subterrânea (3,1 mil m³/s) é superior à vazão média do Rio São Francisco (2,7 mil m³/s).

Aquífero?

A água do Hamza segue até 150 km dentro do Atlântico e diminui os níveis de salinidade do mar. É possível identificar este fenômeno devido aos sedimentos que são encontrados na água, característicos de água doce, além da vida marinha existente, com peixes que não sobreviveriam em ambiente de água salgada. (Valiya Mannathal Hamza)

O doutor Hamza afirma categoricamente:

Não é um aquífero, que é uma reserva de água sem movimentação. Nós percebemos movimentação de água, ainda que lenta, pelos sedimentos. (HAMZA)

Discordo, frontalmente, da afirmação do Dr. Valiya Mannathal Hamza no que se refere à baixa salinidade observada na Foz do Amazonas. Esta não deve ser creditada ao Hamza mas, fundamentalmente, à vazão do formidável Amazonas que lhe é sessenta e cinco vezes maior. Pouco mais de um ano depois de o Grupo de Pesquisa em Recursos Hídricos da UFPA ter apresentado a tese do Aquífero Alter do Chão, surge a nova e revolucionária teoria do Rio Hamza. Em ambos os casos, é necessário um planejamento estratégico para a exploração comercial dessas águas.

Rio Amazonas
(Elson Farias)

Rio, lavras tua gula,
comedor de terra e espuma,
trazes os teus peixes todos,
sol ardente sobre lâmina.

Manhã clara consumada,
hereditária da chuva,
água tranqüila na cuia
do verão que te saúda.

Noite nova sobre as árvores,
sombras nos ombros da lua,
os duendes antigos vivos,
mulher deitada na grama.

Não és um rio caduco,
mas uma fera atiçada.
Contra a fome te concentras
como o fixo olhar da garça.

Sonho Domado
(Thiago de Mello)

Sei que é preciso sonhar.

Campo sem orvalho, seca
A frente de quem não sonha.

Quem não sonha o azul do voo
Perde seu poder de pássaro.

A realidade da relva
Cresce em sonho no sereno
Para não ser relva apenas,
Mas a relva que se sonha.

Não vinga o sonho da folha
Se não crescer incrustado
No sonho que se fez árvore.

Sonhar, mas sem deixar nunca
Que o Sol do sonho se arraste
Pelas campinas do vento.

É sonhar, mas cavalgando
O sonho e inventando o chão
Para o sonho florescer.

Marcos Históricos Santarenos

Fazenda Taperinha

Situada 80 km à Leste de Santarém, é acessível por via fluvial. De Santarém, navega-se pelo Rio Amazonas até a entrada do Lago Maicá, percorrendo toda a extensão até chegar no Paraná Ayayá, onde a fazenda está situada. Recanto natural e monumento histórico-científico, a fazenda pertenceu ao Barão de Santarém, Antônio Pinto Guimarães, no século XIX, que se associou ao imigrante americano Romulus J. Rhome. Sob a administração de Rhome, que passou a residir no local com sua família, a propriedade progrediu significativamente, destacando-se dentre as existentes no Município. Fronteira à casa ficava o engenho, com moinhos movidos a vapor, novidade na época. Foi na Taperinha que se construiu o primeiro barco a vapor na Amazônia, que recebeu o mesmo nome da Fazenda.

O Sr. Rhome se dedicou a fazer pesquisas arqueológicas e, ao que se sabe, foi o primeiro a interessar-se por esse tipo de atividade em Santarém. Ele colecionava as estranhas figuras de barro que encontrava ou mandava desenterrar no sítio, como cabeças de urubu, galos com crista e barbela, machados de pedra, etc. e várias urnas exoticamente ornamentadas que continham ossos humanos calcinados. A coleção Rhome foi incorporada ao Museu do Rio de Janeiro, por intermédio do Professor americano Charles Frederic Hartt que percorreu a região em viagens de estudo. Em 1882, morreu o Barão de Santarém. No ano seguinte, a sociedade entre o Barão e o Sr. Rhome é desfeita, sendo que os herdeiros do Barão ficaram com o domínio da metade do engenho que pertencia ao Sr. Rhome, bem como os escravos da propriedade.

No ano de 1917, veio se estabelecer na propriedade o cientista alemão Godofredo Hagmann, onde instalou e administrou, juntamente com sua esposa Júlia Hagmann e, posteriormente, por sua filha Érica, a primeira estação meteorológica da Amazônia, cujo funcionamento se estendeu até a década de 70. À casa principal, com grandes salas, quartos e cozinha, o Sr. Hagmann anexou uma biblioteca. Os sambaquis encontrados no local são bastante extensos e apresentam até 6,5 m de espessura. Associadas aos depósitos de sambaquis ocorrem peças de cerâmica, cuja datação, efetuada pela pesquisadora Anna Curtenius Roosevelt, do Field Museum of Chicago, revelou idades aproximadas de 8.000 anos, constituindo-se em uma das mais importantes descobertas arqueológicas da Amazônia, uma vez que representa a cerâmica mais antiga já encontrada nas Américas. A propriedade pertence hoje aos descendentes do Sr. Hagmann. (www.santarem.pa.gov.br)

Serra de Piquiatuba

Com 158 metros de altura, localiza-se ao Sul da Cidade, estabelecendo uma delimitação física entre a área urbana e a zona rural do planalto. No alto desta Serra, fica instalado o 8° BEC do EB e o seu núcleo residencial militar. Do mirante tem-se uma vista aérea parcial da Cidade. (www.santarem.pa.gov.br)

Área de Proteção Ambiental Alter-do-Chão

A Área de Proteção Ambiental de Alter-do-Chão tem por objetivo ordenar a ocupação das terras de modo a promover a proteção da diversidade biológica, dos recursos hídricos, do patrimônio natural, com vistas a assegurar o caráter sustentável da ação antrópica ([291]) na região. (www.santarem.pa.gov.br)

291 Antrópica: humana. (Hiram Reis)

Fortaleza do Tapajós

Sobre o cimo de uma ribanceira de pedra na aba do Rio à direita da Vila, ainda existem os remanescentes de uma Fortaleza de figura quadrangular, elevada em 1697 à custa de Manoel da Motta de Siqueira o qual, em retribuição desta despesa, foi agraciado com o Governo vitalício da mesma Fortaleza. (BAENA, 2004)

Cabeça de Ponte

Promanou esta Fortificação da mesma ideia de pôr em defesa o Amazonas contra a invasão de inimigos, especialmente dos franceses. (Artur Viana)

O desenvolvimento da Aldeia de Nossa Senhora da Conceição dos Tapajós, no século XVII, despertou a cobiça dos inimigos da Coroa Portuguesa tendo em vista sua importância estratégica. A Aldeia servia de *"cabeça de ponte"* para apoiar as incursões portuguesas na Hinterlândia Amazônica. A construção da Fortaleza do Tapajós fazia parte de um grande projeto defensivo e ofensivo que estabelecia posições fortificadas, casas-fortes, Fortalezas, acampamentos devidamente equipados que visavam conter as ameaças de invasão e consolidar o domínio lusitano na região.

Francisco da Motta Falcão

Morador do Pará e homem de personalidade na sociedade local, sertanista, [...] tivera atuação sucessória, como Delegado de Gomes Freire. Acompanhando o Capitão-General, que viera realizar a pacificação ou enfrentar o movimento pelos meios violentos, Falcão desembarcara antes de qualquer outra autoridade para sentir as reações do ambiente revolucionário.

Entrara em contato com os moradores e verificara que nada havia a temer. Gomes Freire viera para a terra depois, sem encontrar resistências. Falcão mostrara-se mediador hábil. Sua passagem pelo sertanismo regional foi a passagem de todos quantos tinham de enfrentar a adversidade e os perigos do interior. E, seguramente, ao contato com a realidade dura que fora observando e estudando é que se propusera aquela empresa, realmente oportuna, útil aos interesses reinóis e que o propunham como um colono ágil, objetivo, realístico, colono que servia a S. Majestade sem deixar de cuidar dos problemas de sua própria fazenda. (REIS, 1935)

Alvará Régio de 15.12.1684

O Alvará determinava que Falcão deveria concluir, às suas expensas, num prazo de quatro anos, a construção das Fortalezas do Tapajós, do Rio Urubu, do Rio Madeira e Boca do Rio Negro conforme as plantas elaboradas pelo engenheiro Pedro de Azevedo Carneiro, com a melhor técnica possível e respeitadas as contingências locais, de pedra e barro. As autoridades contribuiriam com sessenta índios e dez cavaleiros. Em troca, Falcão seria nomeado Comandante da Praça Militar, cujo cargo poderia ser transferido hereditariamente aos seus descendentes.

Projeto e Localização

O local, como de costume, estava localizado em uma das partes mais altas da região, precisamente no *"outeiro"* escolhido pelo Padre Antônio Vieira para ser sede da Missão e que o Padre João Felipe Bettendorf, em 1661, mandara roçar e demarcar para ali construir a Igreja e residência dos missionários.

O projeto da Fortaleza era em forma de quadrilátero com 48 metros de lado e um baluarte em cada vértice. No centro, estava localizado um paiol, alojamento para a tropa e a cadeia. As muralhas de taipa e pilão ([292]) possuíam seteiras para os mosquetões e peças de artilharia.

Pequeno Histórico

Francisco faleceu antes de ver a obra concluída e seu filho, Manoel da Motta de Siqueira, designado por ele como seu sucessor para os favores reais, deu continuidade às obras. Siqueira inaugurou-a oficialmente, em 1697, embora a Fortaleza não estivesse concluída, a cerimônia foi presidida pelo Capitão-General Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho que inspecionava as Fortalezas da região. Lendas locais dizem que uma das muralhas começou a desmoronar depois de ser atingida por salvas de artilharia.

> *Foi em 1749 que começou a mostrar ruínas nos ângulos e na cortina da parte do Rio. A mesma Fortaleza, posto que pela elevação do sítio dominasse a passagem do Rio, não podia atalhar nela a navegação proibida, porque o sistema de canhoneiras não permitia às peças de artilharia fazer os tiros por baixo do horizonte pelos ângulos que o declive da montanha exigia e, deste modo, aquela Fortaleza não era chave capaz de fechar aquele estreito do Amazonas não só a todo o arrojo interno, perturbador da ordem, mas ainda a qualquer projeto de invasão estrangeira*. (BAENA, 2004)

---

[292] Taipa e pilão: após a preparação das formas, com madeira robusta, eram colocados em seu interior, por camadas, lascas de madeira de lei, barro, cal, saibro, pedras miúdas e cascalho e socados até completar a forma. (Hiram Reis)

Em 1762, Domingos Sambucetti foi encarregado de examiná-la e reconstruí-la. A construção foi executada à base de pedra e cal, material de boa solidez e resistência, foi aumentada sua artilharia e o paiol. Infelizmente, sem contar com uma manutenção adequada, com o passar dos anos começou novamente a ruir. Em 1795, o Capitão-General D. Francisco de Souza Coutinho apresentou um minucioso relatório ao Ministro dos Negócios da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em que dizia textualmente:

> *Ponho de parte tudo o que respeito a Fortaleza de Gurupá, de Paru, de Santarém, de Óbidos e do Rio Negro porque considero como inúteis e só próprias para dividir as forças.*

No final do século XVIII, a Fortaleza do Tapajós ameaçava desabar. Foi então que o Governador Francisco de Sousa Coutinho determinou sua restauração, em 18.03.1803, mas, nada de concreto foi feito.

> *Nos dias da cabanagem [1835], os homens que tratavam de organizar a resistência na Vila de Santarém, contra a esperada incursão dos cabanos, instituíram um Corpo Provisório de artilharia que contava com três peças de bronze, calibre 2, retiradas da Fortaleza e adaptadas em reparos. Eram as únicas existentes em Santarém*. (SANTOS)

> *Ao encerrar-se o período português na Amazônia, a Fortaleza não apresentava mais qualquer sentido militar – era ruína histórica [...] voltava-se em 1867 à carga: por uma ordem especial do Ministério da Guerra, o Capitão de Engenheiros Luiz Antônio de Souza Pitanga marchou para Santarém e ali empreendeu a tarefa de fortificar de novo a Cidade, tarefa improfícua que devia ficar por concluir definitivamente*. (REIS, 1979)

Quando o Governador Imperial mandou o engenheiro, Capitão Pitanga, tratar da reconstrução do Forte, no mesmo ano, 1867, enviou seis peças de artilharia, calibre 6, com as respectivas palamentas, para serem colocadas na Fortaleza. Os serviços de reconstrução, porém, como os novos canhões, ficaram em meio caminho. (SANTOS)

Hoje encontramos pares desses canhões na Praça do Centenário, Aeroporto e Sede da Sudam.

Dentro de poucos anos a Fortificação, abandonada de vez, desfazia-se em escombros. Depois tiraram-lhes os canhões, precipitaram-nos pelas ladeiras da colina abaixo, para um terreno particular. (REIS, 1979)

Abandonado pelos poderes públicos, o velho baluarte, bem como as abas e arredores do outeiro, todo o conjunto considerado propriamente do Ministério da Guerra, foi sendo ocupado por particulares que, sem protesto ou reclamação de ninguém, iam se apossando das terras, construindo barracas e casas até mesmo no recinto das muralhas arruinadas. Em setembro de 1908, o 2° Tenente do Exército, Fileto de Oliveira Pimentel, filho de Santarém, denunciou e pediu providências ao Major de Engenheiros Comandante da Fortaleza de Óbidos [...] mas tudo ficou em nada. Mais ou menos em 1926, apareceu em Santarém um cidadão [...]

Comprou uma casinha situada ao lado das velhas muralhas, as benfeitorias, é claro, que logo mandou demolir e construir em seu lugar uma bela vivenda para sua moradia, a qual, pouco depois, foi vendida ao Governo do Estado [Interventoria Magalhães Barata] que mandou aumentar e adaptar o prédio para ali funcionar o Grupo Escolar, atual Grupo Frei Ambrósio. (SANTOS)

O descaso e a ignorância pulverizaram tudo. A Fortaleza sucumbiu sem jamais ter cumprido sua missão. Não existe qualquer traço remanescente da Fortaleza, apenas a Praça Frei Ambrósio que representa um marco histórico importante e permite uma visão privilegiada da Foz do Tapajós.

Theatro Victória

Chovia dinheiro em Manaus, na alucinação do "ouro negro", e numerosas empresas teatrais, às vezes de renome mundial, passavam por Santarém. [...] O Victória contava, então com dezessete camarotes, sendo um oficial, cento e quarenta e duas cadeiras numeradas na plateia, e cerca de cento e oitenta gerais. (SANTOS)

As Primeiras Sementes

Nos idos de 1855, os comerciantes e artistas dramáticos Antônio Maximiano da Costa e sua esposa Carolina Helpídia da Costa conseguiram que o Presidente da Província Henrique de Beaurepaire Rohan editasse a Lei n° 289, de 03.10.1856, concedendo-lhes duas loterias cujo produto deveria ser aplicado na edificação de um Teatro na Cidade de Santarém. A loteria redundou num completo fracasso e o casal, desiludido, abandonou o projeto e partiu para outras plagas.

Alunos do Colégio Conceição, no período de 1875 a 1878, fundaram o "*Teatro Conceição*". O educandário cerrou suas portas em 1878, e com ele o teatro dos alunos. O objetivo inicial de um jovem grupo de artistas amadores, em 1894, era arrecadar fundos, através de suas apresentações teatrais, para a construção de um Hospital de Caridade em Santarém.

Realizaram alguns espetáculos mas as dificuldades encontradas e o retorno financeiro muito abaixo do esperado desanimaram o grupo que preferiu entregar o numerário já apurado para as obras da Matriz e da Igreja de São Sebastião. A semente, porém, fora lançada em terra fértil e a magia do palco havia contagiado a mocidade santarena.

No dia 15.01.1895, o "*Clube Dramático Santareno*" foi fundado por artistas amadores apoiados por alguns cidadãos de destaque da comunidade. Foi eleito para Presidente da Comissão de Obras o entusiasta e próspero comerciante português Manoel Gomes Veludo.

Veludo, vez por outra, participava, como comediante, das exibições teatrais e encaminhou, imediatamente, uma petição à Câmara Municipal solicitando um terreno para a construção de um Teatro.

A Câmara Municipal, no dia 20.01.1895, em sessão extraordinária, aprovou por unanimidade, a concessão, por aforamento, de um "*terreno entre as Ruas da Alegria e 22 de junho, junto à casa do Comendador Joaquim Honório da Silva Rebêlo, medindo 64 palmos de frente por 120 de fundo, para ali ser construído o Teatro que o Clube Dramático pretende edificar nesta Cidade*".

O terreno estava localizado na principal Praça de Santarém, a Praça da República (atualmente Praça Rodrigues dos Santos). Seus idealizadores, sem contar com qualquer tipo de apoio das autoridades municipais, contavam apenas com as doações de contribuintes, sócios amadores e o dinheiro arrecadado nos espetáculos que passaram a ser apresentados no "*Teatro Caridade*" e, depois, no "*Teatro Provisório*".

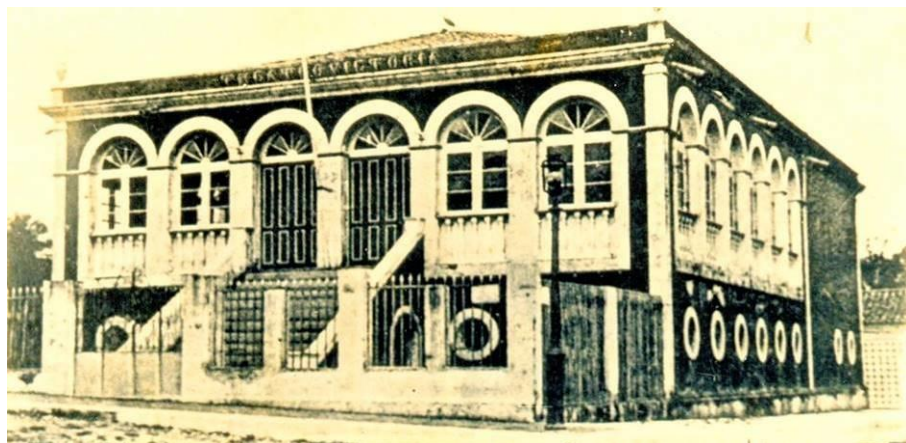



Imagem 186 – Theatro Victória, Santarém, PA

Lançamento da "Pedra Fundamental"

A planta do "*Theatro Victória*" foi projetada pelo engenheiro francês Maurice Blaise, Professor de Desenho da Escola Normal do Pará, e previa uma lotação de 500 espectadores. No domingo, de 05.05.1895, foi realizada a solenidade do lançamento da "*Pedra Fundamental*", no dia 14 de agosto era levantada a cumeeira.

> *Apesar da escassez de recursos, o "Clube Dramático Santareno" recusou a subvenção de seis contos, votada pela Assembleia Estadual, em 1896 – Governo Lauro Sodré – sob a alegação de que estando a obra quase terminada, era vergonha ou insulto para os sócios do Clube a exigência do Governo para tornar efetivo o auxílio votado. Queria a Lei que fossem apresentados o documento de posse do terreno, a planta da obra, seu orçamento [...]. Os "Dramáticos" tomaram a exigência como desaforo; era uma desconsideração essa confiança lançada contra a sua honorabilidade. Parecia que a Assembleia duvidava que a obra estivesse realmente em construção, quando lhe faltavam, apenas, retoques internos, separação das frisas e camarotes, pintura e mobiliário.*

Esse o pretexto da recusa, mas, no fundo, era o dedo sectário de alguns políticos da terra, aborrecidos porque o projeto havia sido apresentado e defendido pelos adversários... (SANTOS)

Foi inaugurado, a 28.06.1896, contando com as presenças ilustres do Governador e do Deputado Adriano Miranda. A casa de espetáculos foi batizada, inicialmente, de "*Teatro 15 de Janeiro*" em referência à data de fundação do "*Clube Dramático Santareno*", em 15.01.1895, mas teve seu nome modificado, logo depois, para "*Theatro Victória*". Poucos anos depois, o "*Clube Dramático*" encerrou suas atividades e entregou o Teatro à Intendência Municipal. Foi a fase áurea do Victória que, durante algum tempo, proporcionou momentos de arte, cultura e alegria aos santarenos.

O primeiro grande revés ocorreu em 1912, quando a Companhia Portuguesa de Operetas e Comédias, depois de encenar alguns espetáculos no Teatro, foi dizimada pela epidemia de febre amarela que se alastrou na Cidade. A partir de então, o Victória passou a funcionar também como cinema (mudo), concertos, conferências, etc. Em 1917, na administração do intendente Dr. Oscar Barreto, o "*Theatro Victória*" foi restaurado e ganhou nova pintura, novos cenários e mobiliário. Nesse mesmo ano, foi fundado o Grupo Cênico do "*Tapajós Futebol Clube*" cuja estreia, na noite de 15.11.1917, contou com a presença do Senador Antônio de Souza Castro.

Em 1925, o Intendente Joaquim Braga e, em 1933, o Prefeito Ildefonso Almeida realizaram obras de restauração do Teatro sem promover alterações na sua arquitetura original. O Teatro, neste período, tinha sido transformado em salão de bailes, escola, salão de

banquetes, hospedaria e depósito de juta que acabou provocando o desabamento do tablado da plateia além de ameaçar a estrutura do prédio.

Em 1956, serviu de acantonamento para um contingente de paraquedistas militares, comandado pelo Coronel Santa Rosa, com a missão de debelar a revolta liderada pelo Major Haroldo Veloso na Base de Jacaré-Acanga.

O Prefeito Armando Lages Nadler (1955 a 1959), considerando o prédio muito pequeno para uma casa de espetáculos, resolveu aproveitá-lo como Biblioteca Pública até que as goteiras resultantes da falta de conservação acabaram por transformá-lo em albergue.

Em 1965, foi novamente reformado, perdendo totalmente suas formas originais, passando a ser utilizado como Câmara Municipal e, atualmente, Secretaria Municipal de Educação e Desporto. Mais que uma casa de espetáculos, mais que uma obra arquitetônica, o "*Theatro Victória*" representa a força, a energia e a determinação do povo santareno na busca de um ideal.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição

No dia 22.06.1661, o Padre João Felipe Bettendorff fundou a Aldeia de Nossa Senhora da Conceição dos Tapajós (Santarém) com a construção, de taipa, da Capela de Nossa Senhora da Conceição. A primeira Igreja foi edificada no Largo do Pelourinho, na época, centro da Aldeia. Em 1698, outra Igreja foi erguida, em local próximo ao da primitiva que ruíra, pelo Missionário João Maria Gorsoni com a ajuda do Capitão Manoel da Motta de Siqueira que, na época, estava empenhado na construção da Fortaleza do Tapajós.

Imagem 187 – Igreja N. S. da Conceição, Santarém, PA

Em 1756, o Governador da Província do Grão Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, comandando uma missão em viagem para Iquitos, no Peru, fez uma parada em Santarém. Acompanhava a missão o Arquiteto italiano Antônio Landi que, visitando a capela, apresentou algumas sugestões em relação à estrutura do templo. O antigo sítio do templo, localizado na Praça Rodrigues dos Santos, é ocupado atualmente pela "*Padaria Vitória*", em frente à Câmara Municipal. No ano de 1761, centenário da construção da Igreja e da fundação de Santarém, iniciou-se em um novo local, a construção de uma nova Igreja Matriz com duas torres laterais, mais baixas do que as atuais, situada na Praça Monsenhor José Gregório, centro da Cidade de Santarém. Na tarde do dia 25.03.1851, logo após o toque da "*Ave Maria*", a torre esquerda desmoronou. A outra torre foi posta abaixo e construídos dois "*gigantes*" laterais para reforçar as abaladas paredes.

Em 1876, a matriz ameaçava, novamente, ruir. As obras se arrastaram vagarosamente, no mesmo ritmo em que eram arrecadadas as contribuições dos fiéis. No dia 08.05.1880, foi instalada no alto da Igreja, a nova cruz de ferro, o Altar-mor foi concluído, no dia 17.05.1880 e somente no dia 24.09.1881, foi considerada concluída. Em 1895, foi executada a reforma do forro e vitrais nas janelas laterais e frontispício e, em 21.06.1965, foram iniciados trabalhos de recuperação de maior vulto que incluíam a demolição das colunas, altares, etc.

Águas Procelosas de Martius

Dentro em minh'alma, bendizia eu o século futuro, que verá o mais majestoso caudal da terra, habitado por homens livres e felizes, e dei as mais ardentes graças ao Ente todo de amor, que me havia guiado através de tantos perigos, protegendo-me acima e dentro desse Rio, a cujas águas amarelas de novo me entreguei. (SPIX & MARTIUS)

É curioso Martius não reportar o incidente na sua obra "*Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*". A menção só é feita na chapa de ferro que acompanha o Crucifixo doado à Igreja Matriz de Santarém. Nele Von Martius relata que escapou de morrer num naufrágio, no dia 18.09.1819, "*junto à Vila de Santarém*". Fato interessante, pois, quando sofreu semelhante experiência na Costa de Amatari, próximo à Itacoatiara ele a relata com detalhes.

> *Infelizmente, o céu num instante todo se toldou de nuvens negras; as ondas do Rio empinaram-se e sobreveio o tufão, acompanhado de pavorosos trovões. Dentro de três minutos, o dia claro tornara-se noite tão profunda, que só ao clarão dos relâmpagos reconhecíamos as margens; e, embora tivéssemos a*

fortuna de enrolar de novo as velas apenas armadas, a ventania, acompanhada de chuva, nos tocava Rio acima com a rapidez de uma flecha de modo que em poucos minutos fizemos quase meia légua. Conseguimos, finalmente, por a canoa a salvo na margem, e também vimos, com regozijo, chegar a montaria ilesa de estragos, passado o temporal; a não ser uma verga partida, só lamentamos a perda de alguns papagaios, os quais naquela confusão foram atirados do convés ao Rio. (SPIX & MARTIUS – Costa de Amatari – Itacoatiara, AM)

O Crucifixo de Von Martius

O Cavalleiro Carlos Fred. Phil. de Martius, membro da Academia R. das Ciências de Munich, fazendo de 1817 a 1820 de ordem de Maximiliano José, Rei da Baviera, uma viagem scientifica pelo Brazil, e tendo sido aos 18 de setembro de 1819 salvo por misericórdia divina do furor das ondas do Amazonas, junto à Villa de Santarém, mandou, como monumento de sua pia gratidão ao todo poderoso, erigir este crucifixo nesta Igreja de nossa Senhora da Conceição, no ano de 1846.
(Gravação na chapa de ferro que identifica o Crucifixo)

Como sinal de agradecimento ao Supremo Arquiteto do Universo por ter sobrevivido ao um naufrágio no Rio Amazonas, Von Martius ofertou, à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, um crucifixo de ferro fundido, dourado, com um metro e sessenta e dois centímetros de altura. O crucifixo, fundido em 1846, é uma réplica perfeita de uma das obras do escultor, gravador e pintor Albrecht Dürer (1471-1528) de Nuremberg. Os olhos do Cristo de Martius fitam os céus procurando o Pai, os músculos do pescoço retesados pelo esforço e os lábios doridos, queimados pelo vinagre, deixam escapar sua súplica "*Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?*".

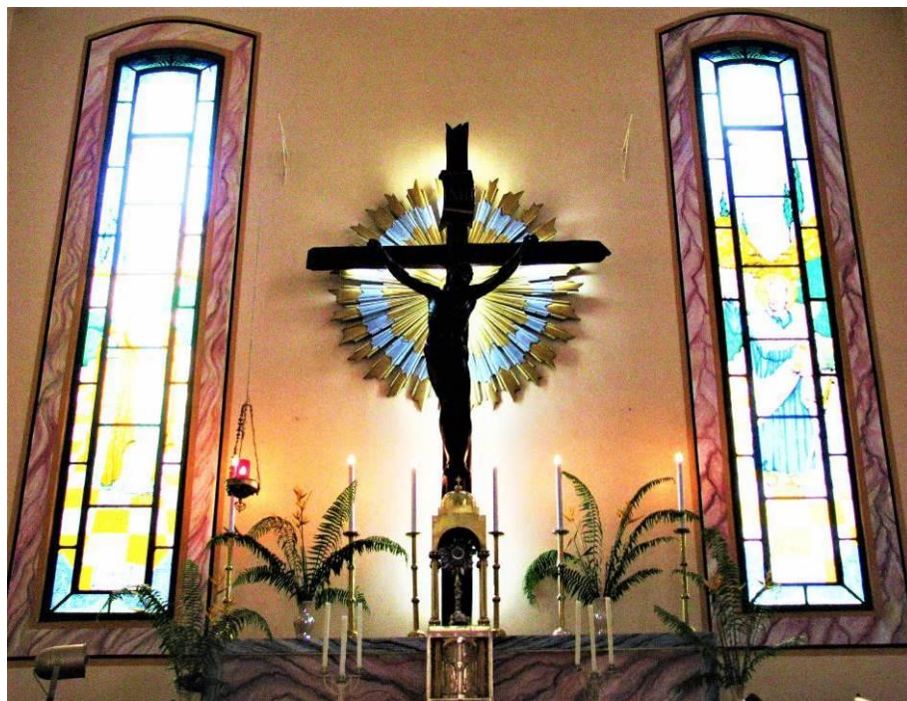



Imagem 188 – Crucifixo de Von Martius, Santarém, PA

A imagem do Cristo crucificado impregnada de profunda angústia e expiação física e moral, emociona, desperta os mais nobres sentimentos e convida à reflexão. Certamente essa era a intenção de Von Martius conforme relata o escritor Paulo Rodrigues dos Santos, no seu Tupaiulândia:

> *Foi a imagem enviada ao Pará aos cuidados do Cônsul alemão na Província, que se incumbira do transporte e entrega ao Vigário da Santarém. Compreende-se que seria difícil vir o crucifixo já armado, pelo tamanho que teria a cruz e o volume que faria para as embarcações da época. Assim, Martius remeteu apenas a estátua e a lâmina com a inscrição comprobatória do seu voto, dentro de um único caixão. Nem se pode admitir que para o Brasil, Pátria de belas e excelentes madeiras, o naturalista enviasse uma cruz confeccionada com madeira europeia.*

Depois de longo estágio na alfândega de Belém, aguardando transporte, foi finalmente a grande e pesada caixa embarcada num dos barcos a vela que faziam tráfego entre Santarém e a capital, e descarregada no Porto Mocorongo em fins de 1848 ou princípios de 49, consignada ao Vigário local. [...]

O volume foi conduzido à Igreja, e na sacristia aberta a caixa, foram encontradas a bela imagem de Jesus e a chapa com a inscrição em relevo. [...] Enquanto isso, a linda imagem de Cristo continuava no seu caixote de pinho, por falta de uma cruz que todos lhe negavam! [...] Finalmente, em princípios de 1851, cônego Fernandes foi a Belém e consegui interessar o Presidente da Província, Fausto A. de Aguiar, que lhe prometeu fazer incluir no orçamento quantia para a obra prevista. [...]

Tratou-se logo de outro problema: onde colocar a imagem? Uns queriam vê-la na atual capela de Bom Jesus, à entrada do templo; outros preferiam que fosse erigida num dos altares laterais da nave, onde aliás, já se encontrava outro Crucificado, quase em tamanho natural, porém de madeira ou massa, colocado por trás da imagem de Nossa Senhora das Dores, no altar hoje considerado do Rosário. Estavam as coisas neste pé, aguardando-se somente a verba que iria ser votada – como, realmente, o foi – quando, a 26.03.1851, surgiu, de súbito, grave imprevisto que causou desolação geral: uma das torres da Matriz ruiu fragorosamente, quase destruindo a parede da frente e danificando as outras. [...] Os reparos que se faziam, então, na Igreja de Santarém, só ficaram terminados, mais ou menos, em 1868, segundo relatório do Presidente da Província, José Bento Figueiredo, de 1869, e é provável que somente então fosse o Crucificado de Martius colocado no seu altar. (SANTOS)

O Dr. Cézar Augusto Marques publicou, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, ano de 1888, Tomo 51, páginas 73 a 78, um artigo denominado "*Naufrágio de Martius no Rio Amazonas*" que fazemos questão de reproduzir.

O Naufrágio de Martius no Rio Amazonas

Corria o ano de 1856.

Ocupava então eu lugar no corpo de saúde do Exército, e em abril voltava da capital da Província do Amazonas, extremamente fatigado por serviços prestados em minha profissão a grande número de doentes, nessa época tão calamitosa, porque reinava pela primeira vez a epidemia do "cholera-morbus" no Brasil.

Quando o pequeno vapor Tabatinga fundeou em frente à cidade de Santarém, já na Província do Pará, apressei-me a saltar, e fui logo, já levado por sentimentos religiosos e já por curiosidade, visitar a Igreja matriz, classificada, por Milliet de Saint-Adolphe no seu "Dicionário Histórico e Geográfico do Brasil", como um dos mais belos templos dessa Província.

Estava esta Igreja passando por grandes consertos, e no meio de densa nuvem de pó e de caliça, e do barulho das enxós, das serras, dos machados e dos martelos, ali estive por mais de duas horas examinando tudo quanto se podia ver.

O acaso fez-me encontrar em um canto da sacristia uma riquíssima imagem do Senhor Crucificado, de ferro fundido e dourado, com oito palmos de comprimento embrulhado em paninho verde muito sujo e roto em vários lugares, como que indicando a sua antiguidade.

Depois de algum tempo de surpresa e de dor ao ver tanta impiedade, ou descuido, examinei a imagem e reconheci a beleza da obra, e a inteligência e a perícia do artista. Quando perguntei a um pedreiro como ali estava aquela imagem, ele mostrou-me uma lamina de ferro, também muito coberta de pó, onde li e copiei em meu álbum de viagem esta inscrição: [...] Nesta lápide se lê ter o nosso sábio consócio, o grande naturalista Martius, mandado erigir essa imagem. Não tinha sido até então ereta. Ainda estava encerrada no caixão, que a trouxe até aí, faltando tão somente a tampa, que foi despregada sem dúvida para saber-se o conteúdo.

Parece-me, que as piedosas intenções de Martius não foram cumpridas, sendo hoje impossível o saber-se se por descuido do seu correspondente, ou se por motivos superiores aos seus desejos. Felizmente aí estava uma imagem de ferro fundido, em ponto grande, um soberbo monumento, "que tem voz, que fala do passado", uma estátua, que atesta um fato histórico, não contado pelos biógrafos de Martius em diversos tempos e várias línguas, que pude consultar.

Entretinha eu então estreitas relações de amizade com o Dr. Alexandre Magno de Castilho, que em Lisboa publicava com muita aceitação, anualmente, um livrinho com o nome de "Almanaque de lembranças". Comuniquei-lhe este fato e publicou ele um artigo, que escrevi, o qual foi depois reproduzido, quando dei à luz, em 1862, o 1° volume do "Almanaque Histórico de Lembranças Brasileiras". Apenas chegado ao Pará o livrinho do Castilho, este fato, tão simples, foi encarado pela política de maneira inesperada. A imprensa adversária ao reverendo Vigário o reproduziu, e profligou ([293]) muito este

[293] Profligou: censurou. (Hiram Reis)

sacerdote por ter em sua Igreja como que atirada ao desprezo tal imagem! Depois de uma discussão longa e irritante os espíritos calmos se convenceram, que se o monumento não estava erguido em lugar próprio, a culpa não era do Vigário, e sim da falta de meios, que sempre acabrunha ([294]) esses sacerdotes especialmente nos sertões.

Pouco tempo depois, a Assembleia Provincial decretou quantia bastante para se construir um calvário, e erguer-se a cruz, onde se colocou o piedoso voto do nosso consócio, que considero como um dos melhores monumentos, que neste gênero possui o Brasil.

Ficamos assim sabendo, que o nosso venerando consócio quase encontra por túmulo as águas soberbas do majestoso Amazonas; que este sábio alemão, que em pouco menos de três anos de afadigosas viagens, e atrevidas excursões por São Paulo, Minas e Bahia, Pernambuco, Piauí e Amazonas percorreu cerca de 1.400 milhas no Sul do Brasil.

Que subiu majestosas e imensas serras, e que no Norte admirou os maiores Rios do mundo, que recolheu várias e preciosas coleções, que estudou o homem civilizado e homem selvagem, o cidadão e o Índio. Que apreciou os prodígios da nossa riqueza mineral; que compreendeu a assombrosa torrente de pássaros, de tesouros, e de privilégios naturais, tinha espírito forte, ânimo mais forte, e vontade fortíssima para todas as fadigas do corpo e da alma, não se envergonhando porém [como agora é moda] de confessar o imenso poder da Divina Providência, de ajoelhar-se perante ela, de agradecer-lhe os seus benefícios e de atestar até as gerações vindouras as suas crenças religiosas.

---

[294] Acabrunha: mortifica. (Hiram Reis)

Tudo quanto se disser ou escrever a respeito de Martius nos interessa, porque a sua vinda para o Brasil liga-se a outro fato histórico, pois foi em 1816, por ocasião do venturoso casamento da Arquiduquesa a Sra. D. Leopoldina da Áustria com o Príncipe Real o Sr. D. Pedro, depois primeiro Imperador do Brasil.

Que os governos da Áustria e da Baviera, como que para assinalar pelo lado científico tão auspicioso enlace, resolveram mandar a esta parte da América, que em breve tornaria Império independente e livre, dois naturalistas bávaros, Spix como zoologista e Martius como botânico, e assim estudou ele as plantas do nosso país, e escreveu a sua "Flora Brasileira". Que na Europa teve por protetores Fernando I da Áustria e o Rei Luiz I da Baviera, e no Novo Mundo S. M. o Sr. D. Pedro II, o protetor incansável de belas e úteis empresas, a quem o Brasil tudo e nós especialmente muitíssimo devemos, porque este Instituto tem sempre sido amparado pela sua generosa proteção, sempre iluminado pelo seu esplêndido talento, guiado pelos seus sábios conselhos, e aquecido pela sua valiosa estima e notável consideração.

Finalmente tudo quanto soubermos ou escrevermos a respeito de Martius muito nos deve interessar, pois foi ele mais do que Humboldt, foi o Colombo do Brasil; pelo berço, alemão, pelo sangue, italiano. Martius é nosso pela cabeça, é nosso pelo coração; Martius é brasileiro pela ciência e pelo amor; jovem, ardente, sensível, sagaz o consciencioso observador, amou o Brasil tanto, que até à sua morte sempre se recordou da nossa pátria, sempre serviu à nossa terra durante 50 anos de suas relações, e para ele o título de brasileiro era sempre chave segura, que lhe abria o coração.

Já que muitas plantas e animais descritos cientificamente pela primeira vez receberam, em várias partes do mundo como classificação, o seu venerando nome, já que na Nova Islândia uma montanha vaidosa ousou chamar-se Monte Martius já que por ocasião da sua festa jubilaria em 30.03.1864 foi, em sua honra cunhada uma medalha com a inscrição: "Palmarum patri dant lustra decem tibi palmam. In palmis resurges" ([295]).

Já que, infelizmente não podemos gravar o seu nome em monumentos de bronze, que desafiem o poder do que somos brasileiros, nós que somos modestos porém do tempo, nós sinceros cultores da história Pátria, nós que nos gloriamos com a saudosa recordação de que foi nosso consócio, curvemo-nos, e ajoelhemo-nos no santuário da nossa alma, e entre preces à Divina Providência gravemos nas páginas da nossa Revista este fato de sua vida tão trabalhosa, para rendermos graças à Divina Providência pela conservação de existência tão útil, tão necessária e quase indispensável, e por esta forma damos à saudosa memória do nosso falecido consócio mais uma prova do quanto o estimávamos, e ainda uma vez pagamos

[...] ao gênio um tributo merecido,
Que a gratidão nos inspira:

Fraco tributo, mas nascido d'alma.

(Domingos José Gonçalves de Magalhães – Suspiros poéticos – X – O Gênio e a Música – Florença, 20.11.1834)

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1887.

Dr. Cesar Augusto Marques. (MARQUES)

[295] "*Palmarum patri dant lustra decem tibi palmam. In palmis resurges*": A ti, pai das palmeiras dez lustros (50 anos) dão a palma. Ressurgirás nas palmeiras. (Hiram Reis)

O Círio da Padroeira

Nem sempre as festas da Padroeira, Senhora da Conceição, começaram pelo Círio, ou antes, pela trasladação da véspera. Durante anos, a festividade principal da terra constava somente das novenas, iniciadas impreterivelmente a 28 de novembro, mesmo que fosse um dia útil, e iam até 6 de dezembro; depois, as vésperas, a 7, e finalmente, o Dia da festa, 8 de dezembro que fechava com a grande Procissão.

Ninguém pensava em Círio. Nos primeiros tempos da República, surgiu uma romaria a que chamavam "Círio da Bandeira", que se compunha de uma bandeira com a efígie da Santa, alguns estandartes, confrarias, povo e banda musical que percorriam as principais ruas, recolhendo-se à Matriz. Era o sinal de que, na noite seguinte, teria começo o novenário. Esses "Círios da Bandeira" saíam da Capela de São Sebastião, e em 1896, como a Igreja estivesse em consertos, saiu da Casa da Câmara. Foi somente a partir de 1919, inclusive, que, sendo Intendente Municipal o Dr. Manuel Waldomiro Rodrigues dos Santos, foi instituído o uso da Trasladação e Círio, como início da festa da Padroeira, tal qual se fazia em Belém na festa de Nazaré. O costume pegou e já constitui tradição. (SANTOS)

A festa de Nossa Senhora da Conceição inicia no sábado, véspera do Círio, quando a imagem da Virgem, em procissão, é levada da Igreja Matriz para a Igreja de São Sebastião, de onde a romaria parte na manhã de domingo. Desde o primeiro Círio, realizado em 29.11.1919, a romaria foi atraindo um número cada vez maior de fiéis. Há mais de nove décadas, o círio percorre cerca de dez quilômetros, durante mais de 3 horas, as principais Ruas e Avenidas da Cidade.

O evento congrega católicos das mais diversas comunidades do Baixo Amazonas. O encerramento das comemorações, no dia 08 de dezembro, dia da Festa de Nossa Senhora da Conceição, culmina com uma tradicional queima de fogos. Meu caro amigo Padre Sidney Augusto Canto faz o seguinte comentário a respeito do primeiro Círio de Nossa Senhora da Conceição:

> *Foi realizado em 28.11.1919, numa manhã de domingo. Um dia antes [27 de novembro] foi realizada a transladação. Foi assim que o jornal "A CIDADE" noticiou o primeiro Círio na sua edição de 1919:*
>
>> *Realizou-se ontem, pela manhã, com a concorrência e a pompa que era de esperar, o Círio da Imaculada – imponente manifestação de devotado amor que o povo de Santarém dedica ao culto de Maria. Iniciando, neste ano, a tradicional festividade, o Círio revestiu-se de uma singeleza espiritualizada, mui solene e muito significativa, emoldurado, para melhor realce, pelo brilho difuso de uma linda manhã santarense de luz gloriosa e belo Sol. Tendo saído da Capela de São Sebastião, para onde fora a imagem em procissão no dia anterior à noite – percorreu as principais ruas da Cidade, sempre na melhor ordem, aumentando gradativamente de vulto aquele imponente estuário humano, em meio ao qual se destacava a linda imagem da Padroeira em sua berlinda artisticamente ornamentada, sendo de notar a coroa de "sempre vivas do campo", naturais, admirável trabalho de uma piedosa filha de Maria.*
>>
>> *Ao entrar o Círio na Catedral, a aglomeração de gente era enorme, reinando, entretanto, a melhor ordem e a mais completa satisfação*. (Sidney Augusto Canto)

Imagem 189 – C. Cultural João Fona, Santarém, PA

Centro Cultural João Fona

O prédio, projetado pelo Major Engenheiro Pereira Sales, começou a ser construído em 1853, foi concluído em 1867 e inaugurado no ano seguinte. É uma bela construção no estilo colonial brasileiro que sofreu pequenas alterações em 1926, determinadas pelo Coronel Joaquim Braga, Intendente Municipal. No prédio, localizado na Praça Barão de Santarém, centro da Cidade, funcionou o Fórum de Justiça de Santarém, o Presídio, a Intendência Municipal, a Prefeitura Municipal e, atualmente, funciona o Centro Cultural João Fona e a Academia de Letras e de Artes de Santarém. O acervo do Centro é composto de cerâmicas tapajônicas, uma herança das populações indígenas que habitaram a região em tempos pretéritos, objetos históricos da Câmara de Santarém do início do século passado e recebeu, recentemente, o esqueleto de uma Baleia-minke (Balaenoptera acutorostrata), mais conhecida como baleia anã, que, perdida, encalhou no dia 14.11.2007, num banco de areia do Rio Tapajós.

Imagem 190 – Laurimar dos Santos Leal

Entrevista Laurimar dos Santos Leal

Depois de me identificar como pesquisador, fui levado até os aposentos onde se encontrava o Mestre Laurimar Leal. O grande Mestre das artes santareno, conhecido nacional e internacionalmente, despertou para as artes aos nove anos. O jovem artista juntava cerâmica e procurava reproduzir, em casa, as obras expostas na Catedral. Com o passar do tempo, foi aprendendo sozinho, mas confessa, com certa humildade que, mesmo sendo autodidata, recebeu influências de outros artistas.

Homem de múltiplos talentos, oriundo de uma família de músicos, Laurimar é ceramista, escultor e pintor. Migrou ainda jovem para o Rio de Janeiro onde sobreviveu como artista de rua e voltou à sua terra atendendo a um pedido do então Prefeito de Santarém, Everaldo Martins, onde se dedicou, de corpo e alma, à cultura, ao teatro e ao folclore da região.

Suas obras estão expostas em Santarém, Manaus, São Paulo, Rio de Janeiro, Portugal, França, Espanha e Japão, locais onde coleciona inúmeras homenagens e títulos. Foi responsável pela pintura do interior da Igreja Matriz e pela restauração de várias peças sacras, além da galeria de Prefeitos exposta no Centro Cultural João Fona. Hoje, aos 72 anos de idade, o artista, cujo talento encanta a todos que conhecem sua arte e é motivo de orgulho para todos os santarenos que viram brotar de suas mãos a própria história de Santarém, está cego. Mas com uma força invulgar e uma alegria contagiante, ele mesmo afirma:

> *A gente está sempre aprendendo, por exemplo, agora eu tenho uma aula, uma lição para aprender a viver sem enxergar com o olho da cara, só com este (o terceiro olho).*

Laurimar me presenteou com uma pequena, mas muito agradável e bem humorada entrevista que reproduzo parcialmente.

> *O meu nome é Laurimar dos Santos Leal, o meu dos Santos é emprestado porque a minha família foi escrava da família Rodrigues dos Santos, aqui em Santarém, pelo lado da minha mãe; e o Leal é da parte dos comerciantes judeus que vieram lá do Marrocos; essa é a minha origem, minha ascendência é exatamente essa. Nasci no dia 24.07.1939, e, desde os 9 anos de idade, sempre trabalhei com o lado artístico, mexendo com cerâmica Santarém, pinturas, esculturas. Em Santarém, minhas obras podem ser admiradas nas Praças, nos monumentos e no interior das Igrejas. Sempre trabalhei fazendo o que gosto, o que quero, para quem gosto, para quem quero; se não quero trabalhar para aquela pessoa, eu digo: olha, não dá.*

É por isso que me dizem que o meu trabalho é bom, é porque o faço por prazer. Meu lema de vida é: quem não vive para servir, não serve para viver – isso é o que eu uso como lema, pois eu sempre servi e acho que só vou parar de servir materialmente as pessoas quando eu morrer. Muito obrigado! (Laurimar dos Santos Leal)

Baleia Mink

Há pouco mais de 3 anos, uma Baleia-minke encalhou num banco de areia nas margens do Rio Tapajós, Município de Belterra. A baleia Minke, uma das menores espécies de baleias do mundo, foi encontrada por moradores da Comunidade de Piquiatuba. Apesar de todos os esforços de voluntários e IBAMA para desencalhá-la, o animal foi encontrado boiando, na manhã do dia 16, na Comunidade de S. José, no Rio Arapiuns. Os técnicos não sabem até hoje os motivos que levaram o animal ao óbito. Estas baleias costumam viver em pequenos grupos e, eventualmente, sozinhas. São encontradas em todos os oceanos, nas áreas oceânicas ou costeiras aonde chegam a penetrar em Baías e Estuários de águas rasas. No verão, buscam os Polos para se alimentar e, no inverno, migram para regiões mais quentes para acasalar-se ou criar os filhotes.

Museu de Arte Sacra da Diocese de Santarém

Fomos convidados pelo P. Sidney A. Canto a visitar o Museu sobre o qual retirei breves e interessantes informações do Livro do Centenário da Diocese de Santarém. O Museu está localizado na Travessa Siqueira Campos, n° 439, anexo à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. O local é climatizado e dispõe de um acervo de mais de 330 peças, entre imagens, documentos, indumentárias e pinturas.

Imagem 191 – Baleia Mink, Santarém, PA

O Museu de Arte Sacra da Diocese de Santarém faz parte do complexo da Catedral de Nossa Senhora da Conceição. O prédio foi construído no século XIX e serviu de residência de Domingos Veloso, antes de ser adquirido pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Do edifício original, apenas a fachada está mantida.

Em 2002, a Diocese de Santarém, em vista das comemorações do seu Centenário, decidiu transformar o andar térreo, onde funcionava o Salão Paroquial, em um Museu. Dom Lino Vombommel, Bispo de Santarém, foi o idealizador. Considerada a nova residência da Cultura Religiosa Santarena, o Museu de História e Arte Sacra foi inaugurado no dia 22.06.2003, por ocasião do 342° aniversário de Santarém e do encerramento do IV Congresso Eucarístico Diocesano.

Imagem 192 – Quadro de Laurimar dos Santos Leal

Imagem 193 – Placa de Von Martius, Santarém, PA

O Museu possui um dos acervos mais diversificados da Região Norte. São imagens sacras, objetos de culto, documentos, indumentárias, pinturas, além de um bom acervo fotográfico que nos remete ao passado da Igreja Católica e do Município de Santarém [...] (Livro do Centenário da Diocese de Santarém)

A Procela de Von Martius

De todas as peças, a que mais chamou minha atenção foi uma pintura do amigo Laurimar Leal em que ele, usando apenas os dedos, em menos de seis horas, retratou a tempestade enfrentada por Martius junto à Vila de Santarém. Chama atenção o fato de a Igreja Matriz consagrada a Nossa Senhora da Conceição, abrigar, hoje, no seu Altar-mor o crucifixo doado por Martius e não a imagem da própria virgem.

Tempestade no Tapajós

No regresso de nossa missão no Tapajós, quando visitamos Fordlândia e tentamos, infrutiferamente, encontrar o "*Berço da Humanidade*", no Rio Cupari, enfrentamos a fúria dos ventos e das águas do Tapajós. A violenta tempestade, felizmente, estava alinhada com nossa proa e não oferecia muita resistência ao vento. O Barco a motor Piquiatuba corcoveava indômito e valente, enfrentando a procela como a nau Argo, do distante pretérito, rumo ao Velocino de Ouro. Lembrei-me prontamente, neste dia, de Martius e do quadro do Mestre Laurimar.

Minas do Rei Salomão?

O que não é mais possível contestar com legítimos fundamentos é que estamos na América em presença de vestígios de uma civilização antiga muito superior à das populações que aqui encontramos. [...] O selvagem que os portugueses encontraram aqui não poderia ter sido o autor dessa infinidade de objetos exumados dos cemitérios antigos de alguns dos sambaquis e das aldeias ou malocas soterradas: ídolos, instrumentos, artefatos de uso doméstico, adornos, etc. (RAMOS)

Origem das Inscrições Rupestres Americanas

Antes de iniciar a descida do Amazonas, de Manaus até Santarém fui presenteado pelo caro amigo e mestre Altino Berthier Brasil com uma cópia do livro original "*Inscripções e Tradições da América Pré-histórica*", editado em 1929, do Professor, arqueologista e pesquisador amazonense Coronel Bernardo Azevedo da Silva Ramos, membro do Instituto Geográfico e Histórico do Estado do Amazonas, além de uma série de instituições de pesquisa nacionais e estrangeiras.

Fiquei fascinado com o presente já que as inscrições que eu observara no Solimões e seus afluentes e, principalmente na Foz do Jaú, afluente do Rio Negro, haviam despertado minha atenção.

No Rio Amazonas, esse tipo de pinturas e petróglifos podem ser encontrados nos Rios Abonari, Amazonas, Jau, Madeira, Negro, Paru, Urubu e nas localidades de Itacoatiara, Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Prainha e outros tantos sítios que não pude observar em virtude das cheias. Ao regressar de minha jornada, iniciei avidamente a leitura da obra de Bernardo Ramos, hoje considerada muito rara.

Imagem 194 – Inscrições e Tradições da América...

O pesquisador assegurava que muitas das inscrições rupestres encontradas na América tratavam-se de "*escritas primitivas*", comparando-as com as letras de alfabetos conhecidos, propondo, depois de uma ampla análise das inscrições rupestres encontradas em todo o continente americano, que elas teriam sido realizadas por fenícios e gregos, vinculando, portanto, a antiguidade brasileira à antiguidade do Oriente Médio e da Grécia.

A obra de Bernardo Ramos baseava-se na controvertida publicação de Don Enrique Onffroy de Thoron. No seu livro "*Antiguidade da Navegação do Oceano. Viagens dos Navios de Salomão ao Rio das Amazonas, Ophir, Tarschich e Parvaim*", de 1869, traduzido e publicado em português, em Manaus, em 1876, Thoron defendia que os navios do Rei Salomão já haviam singrado as águas do portentoso Rio-Mar e que o país de Ophir, que abastecia de ouro o suntuoso monarca, localizava-se na Bacia superior do Amazonas.

O Rei Salomão no Rio das Amazonas

O jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e livros infanto-juvenis, Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho, nasceu em Pirapemas, Maranhão, no dia 23.01.1884. Filho de Manuel Viriato Correia Baima e de Raimunda N. Silva Baima, cursou o primário e secundário em São Luís do Maranhão. Aos 16 anos de idade escreveu seus primeiros contos e poesias. Em Recife, frequentou a Faculdade de Direito por três anos e transferiu-se para o Rio de Janeiro com a justificativa de concluir o curso na metrópole. Em 1903, lançou seu primeiro livro de contos – Minaretes. Iniciou sua carreira jornalística na Gazeta de Notícias.

Viriato Correia aproveitou alguns de seus artigos divulgados na imprensa em muitas de suas obras de ficção. Teve muito sucesso no campo da narrativa histórica. Escreveu perto de 30 peças teatrais que focalizam ambientes sertanejos e urbanos. Foi Deputado Estadual no Maranhão, em 1911, e Deputado Federal em 1927 e 1930 e eleito em julho de 1938 para a Cadeira n° 32, da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10.04.1967.

Transcrevemos de seu livro – "*Histórias da Nossa História (1921)*" o capítulo intitulado "*O Rei Salomão no Rio das Amazonas*" onde ele faz uma crítica contundente às teorias defendidas por Enrique Onffroy de Thoron no seu livro "*Antiguidade da navegação do oceano: viagens dos navios de Salomão ao Rio das Amazonas, Ophir, Tardschisch e Parvaim (1869)*". Relata-nos, com extraordinária lucidez, Viriato Correia:

> *Das teses que se tem escrito sobre a antiguidade do Brasil, a mais audaciosa, a mais estranha, é certamente aquela de Thoron. A tentativa é de uma intrepidez simplesmente assustadora. Thoron arroja-se a provar estas coisas extravagantes:*
>
> > *Que os navios de Salomão, do grande Rei Salomão, o da Bíblia, sulcaram muitas vezes as águas do Amazonas; que o lendário e maravilhoso país de Ofir, de onde o Rei sábio tirou o imenso ouro que o tornou o monarca mais suntuoso da terra, estava colocado na vertente do Amazonas, banhada pelo Rio Japurá; que a região de Parvaim não é outra senão a Bacia Superior do Amazonas, no território Oriental do Peru; que o rico país do Tarschisch, de que tanto falam os livros sagrados, também era na Amazônia e, finalmente, que as madeiras, empregadas no magnífico templo do grande Rei, eram madeiras brasileiras.*
>
> *A não serem os estudiosos de história, quase ninguém conhece, no Brasil, a originalíssima monografia de Thoron. Publicada pela primeira vez em Gênova, no Jornal Geográfico "O Globo", em 1869, teve em Manaus uma edição portuguesa, em folheto, em 1876. Está completamente esquecida. E é interessantíssima. Não é só a audácia das teses que impressiona. É, principalmente, o tom de sinceridade, o cunho de alta cultura e alta convicção que ressalta dos argumentos. Para chegar à afirmação de que o Brasil era conhecido na mais recuada antiguidade, de Thoron começa por procurar convencer que*

a América era familiar dos povos antigos. Não lhe é difícil esta coisa. Os Diálogos de Platão são claros. Através de Sólon e Critias, o filósofo indica a posição da famosa Atlântida; em seguida, aponta por trás da Atlântida numerosas Ilhas, que só podem ser as Antilhas de hoje. Atrás destas, diz Platão, está a "grande terra firme". "O que acaba de ser designado como terra firme [fala Platão pela boca de Critias] é um verdadeiro continente". E mais: "atrás da terra firme está o grande mar".

> – *É ou não é a indicação da América com o Grande Oceano Pacífico atrás? pergunta de Thoron, triunfalmente.*

Parece claro, claríssimo. Não é só em Platão que se arrima. Povo, com ancianidade igual à sua, os Egípcios só conheciam os Frígios. Teopompo, poeta e historiador grego, narra que Sileno, 1329 anos antes de nossa era, ensinou a Midas, Rei da Frígia que, além, longe da Ásia, Europa e da Líbia [África] que são, propriamente falando, Ilhas, existia o "verdadeiro e único continente", de imensa extensão, chamado Meropio, habitado pelos Meropios e governado por Mérope, filha de Atlas, Rei da Líbia. Atlas, no egípcio-líbio, quer dizer "do país", "nascido no país", posto que ele fosse descendente dos Atlantes, assim como os seus súditos estabelecidos na Líbia.

Ora, na língua Quíchua ou dos Antis da América equatorial, que de Thoron mostra conhecer profundamente, anti significa "altos vales"; Atlantes – "pais de altos vales". Anti é justamente o nome dos Andes da América equatorial e, as suas povoações, ainda hoje, têm o nome de Antis. Sileno descreve Meropio com vastas cidades, grandes animais, muito ouro e muita prata. Semelhante descrição, conclui de Thoron, só pode ser da América. As provas que ele apresenta são muitas e aqui não caberiam. Deodoro da Sicília relata:

> *Está distante da Líbia muitos dias de navegação e situada ao Ocidente. Seu solo é fértil e de grande beleza e regado de Rios navegáveis. Veem-se ali casas suntuosas. A região é montanhosa e coberta de arvoredos espessos e árvores frutíferas de toda a espécie. A caça é abundante, o ar é de tal modo temperado que as frutas das árvores e outros produtos ali brotam fartamente todo o ano.*

Entra pelos olhos. Rios navegáveis só possuem os continentes; edifícios suntuosos, – é sabido que a América os possui desde a mais remota antiguidade. E Deodoro diz como a região por ele descrita foi descoberta: os Fenícios iam explorar o litoral situado além das colunas de Hércules, mas tempestades violentas os levaram muito longe do oceano, até as plagas da terra distante. Os Carios ou Cares estiveram na América e estabeleceram até uma dinastia em Quito. Plutarco conta que o continente de Mérope fora visitado por Hércules, numa Expedição que fez para o Oeste, e que seus companheiros ali apuraram a língua grega que começava a adulterar-se. O próprio Plutarco é de opinião que as origens gregas estão na América.

De Thoron, conhecedor exímio da língua Quíchua ou dos Antis da América Equatorial, descobriu que esta língua contém centenas de palavras gregas. Mais ainda: as divindades pelágicas, gregas e romanas, têm seus nomes e suas etimologias exatas no Quíchua. O estudo da mitologia e o estudo dos astros eram idênticos na Ásia, Europa e América; a vestimenta e atributos sacerdotais iguais ou quase iguais aos que se veem nos monumentos egípcios e, por fim, a circuncisão usava-se igualmente no Egito, na América e entre os Hebreus. Nos Paralipomenos, livro 2°, cap. 3°, vers. 6°, conta-se que "Salomão adornou a sua casa com o ouro de Parvaim". Onde fica Parvaim? Na Bacia superior do Amazonas, no território Oriental do Peru, assegura Thoron.

Os argumentos são interessantes. <u>Parvaim</u> é a pronúncia alterada de <u>Paruim</u>. No antigo alfabeto latino, confundia-se o <u>v</u> com o <u>u</u>; o <u>iod</u>, que é a vogal <u>i</u>, muitas vezes se lê com a pronúncia <u>ai</u> no hebraico. Mas, no texto hebraico, o ouro de <u>Paruim</u> está escrito <u>Zab</u>-<u>Paruim</u>; em grego dos Setenta, igualmente <u>Paruim</u>. Terminação "<u>im</u>" indica o plural hebraico; vem acrescentada a <u>Paru</u> porque efetivamente existem na Bacia superior do Amazonas, no território Oriental do Peru, dois Rios auríferos, um com o nome de Paru e outro com o de Apu-Paru, "o rico Paru". Esses Rios juntam-se em 10°30' de Latitude Meridional e despejam-se depois no Ucaiali, um dos grandes afluentes do Amazonas.

Os Rios de nome Paru fazem justamente um plural e dão o <u>Paru</u>-<u>im</u> dos Hebreus. E mais: os Rios Paru e Apu-Paru descem da Província de Carabaia, a mais aurífera do Peru. Ai está achada a rica região de <u>Parvaim</u>. Quando David morreu, deixou a Salomão, para a construção do templo, 7.000 talentos de prata e 3.000 de ouro de Ofir. Onde ficava Ofir? Muitos escavadores de coisas antigas colocaram-no na Arábia, na Índia, no Ceilão, em Sumatra, Bornéu, na costa Oriental da África, etc. Não pode ser. E não pode ser, além de muitas outras razões, por esta razão séria: porque os navios de Salomão, de ida e volta a Ofir, gastavam três anos.

Para determinar a situação de Ofir, Thoron escava a significação da palavra. No Capítulo 10, Livro I dos Reis, versículo 2, o nome está escrito em hebraico de dois modos – <u>A</u>p<u>ir</u> e <u>A</u>yp<u>ir</u> e, no Capítulo 9, versículo 28, assim se escreve – <u>A</u>yp<u>ira</u>. Esta última forma acusativa de <u>A</u>yp<u>ir</u> tornou-se um nominativo. <u>Aypira</u> não é senão o nome mal pronunciado de Japurá, grande afluente do Amazonas ou Solimões, grita o americanista, corajosamente. Onffroy de Thoron é um filólogo profundíssimo.

O seu conhecimento do Quíchua, língua que ainda hoje se fala na Bacia Superior do Amazonas, é sólido. As suas deduções são tiradas com o apoio da filologia. Aypira é Japurá em consequência de uma permuta de letras, tais como: em Quíchua yura "folhagem" faz em vasco urya; "baso", em Quíchua, é kirau e, em chaldaico, kiura, etc. etc. [...] Assim, pelos exemplos de permutas e de substituições de vogais, que não alteram a significação das palavras, nada se opõe a que – Aypira da Bíblia – tenha vindo do nome do Rio Japurá. Encantadoramente simples. E procura solidificar a afirmativa. A palavra Yapura compõe-se de y, que em Quíchua é "água", e de apura que é o nome de Apira ou Apir – "água ou Rio Apir ou de Ofir". Apesar da distância de 2.880 anos, a palavra não sofreu senão a alteração de uma vogal – Yapurá em lugar de Yapira! Esse vocábulo é legitimamente Quíchua, e os mineiros de toda a cordilheira dos Andes, e da Bacia Superior do Amazonas, têm o nome de Apir ou de Apiri; e em alguns lugares, de Yapiri, Apir ou apiri referem-se aos mineiros, enquanto Aypir, Aypira ou Yapura indicam que eles trabalham na água em que se faz a lavagem do ouro.

Só? Não! No mapa de Samuel Fritz, na margem esquerda do Yapurá, aparece uma montanha que La Condamine diz conter prodigiosa quantidade de ouro. Dela desce o Rio "del oro", cujo nome indígena é ikiari. Ikir, em hebraico, é "precioso" e iari "Rio" – o "Rio Precioso". O Rio desemboca no Yumaguari. Ora, yuma, "ouro nativo", é palavra indígena unida aos dois vocábulos hebraicos gu "centro" e ari "cavidade". Yumaguary – significa, pois, – "cavidade centro do ouro nativo". E mais: o Yapurá tem um afluente aurífero chamado Masai ou Masahy. Masai é palavra formada do hebraico massar "rico" e de i "água" em Quíchua. Masai – "água rica". Os hebreus davam o nome de masaroth aos tesouros consagrados.

E Onffroy de Thoron conclui, depois de várias deduções, que a magnífica região de Ofir está situada no território colombiano e brasileiro, num triângulo formado: de uma parte, pelas montanhas de Papayan e de Cundinamarca, até o Lago Yumaguari e de outra parte pelo Rio Ikiari, até a montanha aurífera de onde este desce, e pelo Rio Yapura. Está explicada assim a longa ausência de três anos dos navios de Salomão, quando em busca do ouro de Ofir. É que eles seguiam para longe, estacionavam demoradamente no Rio que tinha o nome do grande Rei.

E que Rio era esse? O Amazonas de hoje. Desde a Foz do Ucayali até a Foz do Negro, o Amazonas tem o nome de Solimões. E de Thoron afirma, com uma convicção impressionante, – Solimões é o nome viciado de Salomão, dado ao Rio pelas frotas do Rei sábio. Em hebraico, Salomão é Solina e em árabe Soliman. A Oeste do Pará, dizem as crônicas dos primeiros dias do Brasil, havia uma imensa tribo com o nome de Soliman, que era a do Rio. Daí fizeram os portugueses Solimão, porque costumam mudar o n final na vogal o. Ao que parece, Ofir foi depois abandonado pelos navios de Salomão. As várias viagens trienais, com exceção de uma, referem-se a Tarschisch. De Thoron conclui pelo abandono.

E a explicação é curiosíssima. O Yapurá tem Embocaduras mal definidas, que se obstruem facilmente com os troncos trazidos pelas águas. Isso devia causar aos marinheiros de Salomão grandes aborrecimentos e enorme confusão, quando se tinham que internar naquele dédalo de Ilhas e canais. E não era só isso. O Rio era, como ainda é, insalubre, o que devia aterrorizar os marinheiros. E mais ainda: explorando, mais para o Oeste, o Amazonas, os Hebreus e os Fenícios encontraram ouro mais fino, clima melhor e navegação mais cômoda.

Aproximando-se dos Antis, povo meio civilizado e laborioso, podiam deles tirar bom proveito e abastecimento para os seus navios. O livro dos Reis diz: *"Uma vez, de três em três anos, os navios vinham de Tarschisch, trazendo ouro, prata, marfim, monos e pavões"*. De Thoron decompõe a palavra Tarschisch. A etimologia é encontrada na língua Quíchua – tari *"descobrir"* e chichiy *"colher ouro miúdo"*. Tarschisch – *"lugar em que se descobre e colhe ouro miúdo"*. *"Para ir a Tarschisch, o profeta Jonas embarcou em Joppe [Java]"*, diz a Bíblia ([296]). É evidente que era para empreender a navegação do Atlântico pois, caso contrário, embarcaria no mar Vermelho.

Para uns, Tarschisch é Tarso, Cidade de Sicília; para outros, Cartago e para outros Gades. Impossível. Nenhum desses lugares produziu ouro, nem prata, nem pedras preciosas, nem monos, nem pavões. Não pode ser a África, como querem alguns, pois também não existem pavões na África. É ainda da filologia que se serve de Thoron.

Almug, a madeira de que falam os livros sagrados, vem do hebraico ala "madeira dura e consagrada" e do termo Quíchua "mucki odorífero". Almug – "madeira dura de bom cheiro". Foi com ela, segundo a Bíblia, que Salomão construiu as colunas do templo de Jerusalém. Algum, a outra madeira falada, tem, no hebraico, o plural em algumim. A etimologia está no hebraico – ala "madeira" e no Quíchua humu "curva", ou ainda nos vocábulos Quíchua alli "bom", kumu "curva". Almug é "madeira curva" ou de "boa curva". Almug foi empregada nos pilares e algum nos arcos e nas abóbadas do templo. Simplicíssimo!

[296] Os servos de Hiram e de Salomão, que trouxeram ouro de Ofir, conduziram algum e pedras preciosas. E também a frota de Hiram, que trouxe o ouro de Ofir, importou grande quantidade de árvores almug e pedras preciosas. (Livro dos Reis)

A frota de Tarschisch levou também "pavões" – tuki, cujo plural é tukum. A palavra é Quíchua. "Tuki" vem do Quíchua "inchado de orgulho, orgulhoso". Os pavões e os perus são aves inchadas de orgulho ou simplesmente tukum "as orgulhosas", como lhes chama a Bíblia.

"Mono" – kap e kapim tira a sua etimologia do Quíchua kap – "agarrar fortemente com a mão", o que é muito próprio dos macacos. Há um confluente do Amazonas denominado Kapim [Rio dos Macacos]. A palavra "marfim" é designada na Bíblia pelos nomes de Schanabim e de Karnot-schan. A origem está no tipo falado na Bacia amazônica. "Dente" é, no tupi, schan, shaina, shene e sahn. Porém schan é hebraico, o que de alguma maneira mostra que os Hebreus estiveram no Brasil.

Na América havia elefantes; foram encontradas seis variedades de elefantes fósseis. No tempo de Salomão, é possível que eles vivessem. A monografia de Onffroy de Thoron é curiosíssima. Pelo menos forte impressão ela nos deixa. Pelo menos faz pensar. Quando mais não seja – diverte. (CORRÊA, 1920)

Reinos Desaparecidos Povos Condenados

Autor de inúmeros livros e estudos publicados em revistas especializadas, nacionais, e estrangeiras, Aurélio M. G. de Abreu é hoje uma referência na arqueologia, tão negligenciada pelo Estado e pelas Universidades brasileiras. Graças a ele e alguns poucos abnegados que os estudos arqueológicos não se dissiparam nas brumas do tempo. Na sua obra "*Reinos Desaparecidos, Povos Condenados*" os leitores são envolvidos por uma leitura que desperta a emoção e o instinto de aventura, além de estimular a reflexão sobre a origem e o destino da humanidade. Narra Abreu:

Um dos trágicos exemplos do que seria a interpretação da simbologia em rochedos e cavernas do Brasil resultou numa obra em dois grossos volumes, onde o autor [Coronel Bernardo Azevedo da Silva Ramos], após um magnífico trabalho de levantamento de centenas de inscrições em diversos Estados do Brasil, perde-se inteiramente ao tentar decifrar cada inscrição, decompondo arbitrariamente os sinais encontrados e apresentando traduções que não conseguem convencer em nenhum momento. Na opinião daquele autor, as inscrições seriam gregas, e em sua maioria constituiriam sentenças piedosas de louvação aos deuses do Olimpo. A obra em questão, hoje não muito fácil de ser obtida, intitula-se "Inscripções e Tradições da América Pré-histórica".

Seu valor real consiste na apresentação de petró-glifos situados em locais de difícil acesso, e mesmo de inscrições que foram destruídas pelo vandalismo de curiosos despreparados. Após a publicação da obra, o ataque dos donos da ciência, que não tiveram a capacidade de reconhecer os méritos das pesquisas do autor, foi tão forte que poucos se atreveram a voltar ao assunto. O último a fazê-lo, o aventureiro Marcel Homet, contribuiu ainda mais para que o assunto se tornasse tabu. Mas haveria alguma hipótese que explicasse, dentro da lógica científica, que os símbolos existentes foram uma forma de escrita?

Ou seria melhor que aceitássemos a assertiva oficial de que tais desenhos representavam apenas pas-satempo de índios ociosos [que, à falta de coisa melhor, compraziam-se em desenhar rabiscos sem sentido nos lugares mais inusitados?]. Não concordamos com a ideia de que os sinais eram resultado de ociosidade [já que, para realizar algumas dessas inscrições, seus autores fizeram esforços terríveis, pendurando-se em pontos de difícil

acesso, correndo perigo de acidentar-se], e não adotando a teoria de influências de culturas vindas do outro lado do Atlântico, apresento alguns dados que poderão constituir resposta ao enigma que as inscrições encerram.

Alguns autores do passado sempre tiveram na justa medida a possibilidade de que o Brasil houvesse possuído, em alguma época, uma cultura superior, cujos vestígios materiais seriam as cerâmicas encontradas em alguns pontos do território brasileiro, como as louças funerárias da Ilha de Marajó. Suas inscrições mais elaboradas seriam a maior prova da existência dessa cultura, que teria decaído, por razões desconhecidas, séculos antes da chegada dos europeus. Devido à tremenda extensão do território brasileiro, coberto pela floresta tropical, seria possível que existissem ruínas das antigas cidades em pontos ainda não atingidos pelo homem branco. Em auxilio de tal hipótese, poderíamos citar as persistentes informações da existência de cidades abandonadas no interior de Mato Grosso e da Amazônia. Existe mesmo um Manuscrito [Documento 512 [297]] de um bandeirante, hoje na Biblioteca Nacional, que informa o achado de uma Cidade de Pedra, onde foram copiadas inscrições, também constantes do referido Manuscrito, e até mesmo objetos de metal e restos de mineração próximos das ruínas. Lamentavelmente, como ainda não apareceram provas da existência de tal Cidade – muito embora centenas de pesquisadores tenham trilhado a região onde ela estaria situada – não é possível aceitarmos sua existência como coisa certa. Assim, por este lado ficamos apenas dentro do estrito rol das hipóteses que, embora fascinantes, não podem ser consideradas à luz da ciência.

[297] Manuscrito ou Documento 512: reproduzi, no livro Descendo o Negro (Tomo II), o Manuscrito 512 na íntegra. (Hiram Reis)

A hipótese de que grupos de indígenas americanos, conhecedores de escrita, tivessem tido algum contato com tribos brasileiras nunca foi levada em conta por autor nacional, pelo menos ao que eu saiba. Mas a verdade é que tal possibilidade não seria tão remota como poderia ser julgada, já que sabemos que os Maias, que possuíam um complexo sistema de escritura, tinham o hábito de emigrar constantemente, erigindo cidades em pontos escondidos pela floresta tropical. Mesmo em nosso país, existe uma tribo, autodenominada Maia, que talvez seja uma ramificação daquele grupo centro-americano. À primeira vista, tal assertiva parece totalmente absurda. Por que um povo tão adiantado como os Maias teria atingido o Brasil, vindo de tão longe? E como filiar os "glifos" dos silvícolas à altamente elaborada escrita Maia, de vez que aquele povo tinha livros, cuidadosamente encadernados, feitos em peles de animais ou com uma espécie de papel, obtido da casca de árvores, coisa que os índios brasileiros jamais fizeram?

Na verdade, a vinda para o Brasil não estaria fora das possibilidades dos povos da América Central, que tanto poderiam ter vindo por terra – e existem muitos sinais de migrações, detectáveis na Nicarágua, Panamá, Colômbia e Venezuela – como por mar, utilizando embarcações a partir de Honduras – o que explicaria a existência de ídolos de pedra, encontrados na região amazônica, que não parecem ter sido de confecção local. Outro ponto de apoio seria a adoração dos muiraquitãs, pequenos ídolos de jadeíta, pedra especialmente apreciada pelos povos da América Central. Quanto aos livros, somente utilizados nas culturas dos Maias, Astecas e Toltecas, existe a grande possibilidade de que nichos brasileiros os tivessem possuído. Seriam encadernados em madeira dura e teriam suas folhas fabricadas com o papel obtido de cascas de árvores.

Absurdo? Talvez; mas a verdade é que existem citações antigas de que indígenas da atual Paraíba, descobertos pelos jesuítas no final do século XVI, utilizavam em seus rituais livros feitos por eles, com a casca de uma determinada árvore da região.

Segundo os jesuítas, os caracteres teriam sido ensinados pelo Diabo, e por tal motivo aqueles religiosos cuidaram de destruir os livros malditos, bem como coibiram a difusão do conhecimento ali contido. Esta tradição foi recolhida por diversos autores, sendo citada na obra do historiador inglês Robert Southey [História do Brasil, 1862]:

> *Não eram charlatães ordinários os cabeças desta tentativa; estabeleceram escolas à imitação dos colégios da Companhia, e afirmam os Jesuítas que da casca d'uma certa árvore faziam eles livros como que encadernados em taboinhas de madeira delgada, e que em caracteres desconhecidos continham umas escrituras que o diabo lhes ensinara. Talvez isto queira dizer que, sabendo o que eram livros, pretendiam inculcar no ler e escrever conhecimentos que não possuíam. Até aqui tudo era imitação dos Portugueses, mas era para extermínio destes que haviam aqueles atrevidos impostores organizado o seu extraordinário sistema de embuste. (SOUTHEY)*

Ainda sobre este assunto, o Padre Simão de Vasconcelos, no livro Crônica da Companhia de Jesus, edição de 1663, cita que na Paraíba existia uma forma de escrita muito antiga, e que diversas palavras estavam gravadas em um penedo, na entrada da Cidade da Paraíba. Segundo aquele autor, os índios tinham feito tais inscrições por "inspiração demoníaca". Existe excessiva coincidência com o que os Maias realizavam para que tudo isto seja fruto de mero acidente. Mas se autores do passado falaram deste assunto, por que ele permanece desconhecido dos estudantes atuais?

Como foi possível a um escritor inglês nascido no século XVIII obter fontes que nós não conhecemos? Por que o cronista, nascido no Brasil, Rocha Pita escreveu sobre este assunto como se tocasse em brasas? Será que a conspiração que procura demonstrar ser o silvícola brasileiro um dos povos mais atrasados do planeta já existia naquela época? Perguntas de difícil resposta. E não foi por acaso que, quando o Coronel Percy Fawcett e o então Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Professor Alberto Childe, localizaram certos vasos muito antigos [que resultaram na publicação de um artigo assinado por Childe, em 1922, no número referente ao 69° ano da "Revista de Sciências", mostrando que nos vasos havia uma forma avançada de escrita], o assunto foi logo abafado.

A propósito, lanço um desafio aos leitores para que obtenham um exemplar daquele número, mesmo que seja para tirar uma fotocópia. Isto é quase impossível, já que as grandes bibliotecas nacionais não possuem justamente aquele referido número. Todavia, tanto o Coronel Fawcett quanto o Professor Childe sempre afirmaram que aqueles vasos constituíam uma prova insofismável da existência de uma escrita indígena pré-colombiana no Brasil.

Esta é a história. Se os livros de cascas de árvores existiram em nosso país, foram tomados os devidos cuidados para que, à semelhança do que sucedeu com os livros Maias, fossem todos destruídos. Dos Maias restaram quatro livros, hoje em poder de importantes museus da Europa.

Aqui, ninguém pode afiançar se eles existiram de fato. Existe apenas um rumor de que poderia haver um exemplar, de posse de um segmento da Igreja Católica, em um dos Estados do Nordeste. Como comprovar tal informação?

Dos vasos com inscrições, sabe-se que os citados no artigo de 1922 pertencem à coleção do Museu Nacional. Mas eles não estão em exposição, e a permissão para examiná-los é coisa das mais difíceis, para não dizermos impossível. Restaram apenas os desenhos publicados no artigo hoje esquecido. Exagero? Sensacionalismo? Os dados estão todos aqui e podem ser comprovados. E mais: garanto que qualquer resposta dificilmente será encontrada no futuro. E a cada dia torna-se mais problemática a obtenção de respostas às questões relativas ao passado do Brasil antes da chegada de Cabral. (ABREU)

Conclusão

Um não menos interessante misto de caracteres em linear e figurativo, profusamente gravados uns e pintados outros, sobre as escarpas das montanhas e rudes blocos de pedras, dispostos caprichosamente pela natureza, nas vastas regiões do Continente Americano e mesmo sobre várias regiões do globo, vem de séculos, suscitando, como no precedente caso, a mesma apreensão e controvérsias. Consideram-se esses caracteres "comezinhos", "fenômenos naturais", "meras diversões do selvagem", "letras do diabo", etc. Demandam eles, entretanto, conveniente interpretação paleográfica, compatível ao atual progresso. (RAMOS)

Ao analisarmos a obra de Bernardo Azevedo da Silva Ramos, temos de considerar o contexto histórico vigente, no século XVII, na "*Terra Brasilis*". Naqueles tempos, ao mesmo tempo em que a literatura procurava valorizar o indígena como nobre e digno ancestral da nação, os homens de ciência tentavam, já há algum tempo, a todo custo, associar suas origens aos ancestrais gregos ou fenícios, investindo na busca de achados arqueológicos nacionais que comprovassem nossa matriz cultural eurocêntrica.

A vinculação a uma origem comum aos povos mais desenvolvidos, na época, buscava, definitivamente, eliminar uma pretensa inferioridade histórica do Brasil frente ao continente europeu.

Após a Independência do Brasil, em 1822, a qualquer preço, era necessário e urgente se construir uma identidade nacional forte para o novo país. Em 1838, foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), formado por intelectuais que pretendiam estabelecer as bases históricas da nação. A primeira Revista do Instituto, lançada no ano de 1839, deixa evidente a intenção de identificar as origens remotas da civilização americana nos mesmos moldes europeus. A Revista publicou o "*Documento 512*", datado de 1754, que reportava a descoberta de uma Cidade perdida no interior da Bahia e a reprodução das inscrições lá encontradas.

O valor da obra de Ramos não está calcado na sua teoria, mas sim no impressionante acervo coletado em lugares de difícil acesso preservando para a posteridade estas peculiares inscrições, propiciando pesquisas científicas sérias independentemente das ações de inescrupulosos depredadores.

Ao contrário do que defende Ramos, não há como negar a autenticidade das inscrições rupestres e da cerâmica pré-histórica como obra do homem aborígene, testemunhas patentes de uma cultura extinta. O autor não levou em conta nem mesmo a cultura pré-colombiana que tanto impressionou os invasores espanhóis tentando decifrar sua escrita como caracteres gregos, numa vã tentativa de interpretar a cultura americana dentro de um contexto familiar aos europeus.

De volta à Realidade

Minha Missão Autoatribuída, meu Desafio é um misto de sonho e fantasia, de solidariedade e aprendizado, de fascínio e puro encantamento. Ao concluir cada fase, porém, minha Vida, meu Cotidiano, arrasta-me com suas garras impregnadas da mais crua realidade onde tento, em vão, manter a razão, a esperança e a fé.
(Hiram Reis e Silva).

Retorno a Porto Alegre (06.02.2011)

A convite do caro amigo Coronel Lúcio Flávio, fui até a casa de seu filho, Capitão Luciano Flávio, almoçar antes de voltar a Porto Alegre. Infelizmente, preso ao horário, pouco pude desfrutar do convívio dos queridos amigos. Logo tivemos de partir para o caótico aeroporto de Santarém, caracterizado pela desordem, minúscula sala de espera, atraso e falta de cuidado no transporte da bagagem por parte da Gol Linhas Aéreas. Saímos com um atraso de mais de uma hora e as bagagens encharcadas.

Em Manaus, não foi diferente e o resultado foi que chegamos a São Paulo depois das vinte e duas horas, perdendo à conexão para Porto Alegre, com saída prevista para as 21h45, além de novo transtorno com as bagagens e informações desencontradas. Fomos informados por uma funcionária da Gol que deveríamos aguardar uma Van que nos levaria até o Hotel Dobly. Na verdade, era o Hotel Bristol Dobly Category e só não perdemos a Van porque o atento motorista veio nos procurar. A única ocorrência boa da viagem, vale a pena salientar, foi o tratamento profissional e impecável que tivemos por parte dos funcionários do Hotel Bristol Dobly.

O resultado final do imbróglio foi que perdi meu primeiro dia de aula no Colégio Militar de Porto Alegre graças a incompetência da Gol Linhas Aéreas "*Inteligentes*".

Reflexões (07/08.02.2011)

Uma travessia. Uma aventura. Não sabemos bem. Talvez apenas um homem comum tentando entender aquilo que é humano, mas tão doloroso. Talvez uma perda tentando se transformar em vida. Quem sabe um encontro consigo, com seu passado. Quem sabe uma tentativa de reunir forças para seguir uma viagem solitária muito mais difícil que o solitário desafio contra o Rio-Mar. (Silvana Schuler Pineda)

Meus alunos e alguns conhecidos, mal informados, me perguntam quando será minha última jornada náutica e eu respondo, sem pestanejar, quando meu corpo físico estiver repousando definitivamente no sepulcro, mas afirmo, também, que minha alma "*Argonauta*", rompendo os grilhões do tempo e do espaço, continuará esquadrinhando outros horizontes, outras eras, outros entes. Minhas jornadas pelos amazônicos caudais fazem-me esquecer, ainda que temporariamente, de minhas dores e de minhas perdas infindas, permitem que eu olvide, por instantes, de minha impotência, de minha incapacidade de dar um maior conforto à esposa enferma, de poder pagar os estudos dos filhos ou estender-lhes a mão quando mais precisam.

Ao "*Desafiar o Rio-Mar*", sou envolvido, arrebatado pelo místico encantamento das águas e dos ventos que afastam momentaneamente as sombrias brumas que me acompanham, desde o fatídico 08.01.2004, quando uma funesta AVC vitimou minha esposa.

Os reflexos psicológicos que a doença de um familiar acarreta, e o consequente comprometimento das finanças, exercem uma pressão sem precedentes na estrutura familiar. Graças ao Grande Arquiteto do Universo, temos conseguido sobreviver, aos trancos e barrancos, rolando dívidas impagáveis e suprimindo tudo aquilo que pode ser considerado dispensável. Isso posto, alguns leitores estarão se perguntando se os custos do "*Projeto Aventura Desafiando o Rio-Mar*" não seriam supérfluos e eu respondo que o Projeto só existe e só sobrevive graças à contribuição espontânea de amigos distribuídos por todo o país que fazem doações que variam de R$ 50,00 a R$ 2.000,00. Eu não teria, jamais, nas atuais circunstâncias, condições de levá-lo adiante sem o apoio destes amigos. Por isso, agradeço sensibilizado, novamente, a cada um de vocês que contribuíram com passagens, numerário ou material para que cumpríssemos nosso Projeto de Soberania.

É impressionante que a Legislação Brasileira, tão permissiva com políticos e apaniguados, não preveja a isenção do Imposto de Renda para os contribuintes que tenham altos custos médicos com seus dependentes. Não peço para o Estado arcar com as despesas de quatro enfermeiras, fisioterapeuta, fonoaudióloga, dieta, remédios, fraldas geriátricas, transporte especial e outros itens mas, apenas, isentar-me do imposto de renda já que essa irreversível situação agrava-se dia a dia podendo vir no futuro comprometer a sobrevivência de minha querida esposa.

Ansiedade
(Henedina Hugo Rodrigues)

Quando eu for para longe...
Quando puder navegar pelos mares tão mansos e azuis,
Quando eu puder voar pela amplidão dos céus,
Sem rumo, ao léu, ao vogar das correntes sussurantes,
Ou ao estrépito da tempestade bravia...
Como serei feliz!

Como serei feliz em poder libertar-me,
Romper os laços destas correntes que me prendem,
Me tolhem,
Me seguram com vigor...

Poder partir, sem lembranças,
Sem ninguém, a ninguém ver,
Caminhar sem destino vendo apenas a natureza,
Que beleza!

Quando eu puder libertar ao menos o pensamento
Para ter o coração tão livre como o vento.
Aí, eu viverei,
Eu serei feliz

Porque nada terei, nem serei
O peso de todas as coisas vãs,
Que me tolhem, me prendem, me acorrentam
fazendo-me sentir a minha vida inteira
o verme que sou, vegetando na poeira!...

Bibliografia

A PROVÍNCIA, N° 255. ***Pará*** *– Brasil – Recife, PE – A Província, n° 255, 09.11.1901.*

A REPÚBLICA, N° 156. Brasil – ***Ourem*** *– Rio de Janeiro, RJ – A República, 29.08.1890, n° 156.*

A REPÚBLICA, N° 182. ***Exploração do Trombetas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A República, 01.10.1890, n° 182.*

A REPÚBLICA, N° 192. ***Os Últimos dias do Padre José Nicolino de Souza*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A República, 12.10.1890, n° 192.*

A REPÚBLICA, N° 256. ***Os Últimos dias do Padre José Nicolino de Souza*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A República, 30.12.1890, n° 256.*

ABREU, Aurélio M. G. ***Reinos Desaparecidos Povos Condenados*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Hemus, 1986.*

AC, N° 274. ***Óbito Notável*** *– Brasil – Belém, PA – A Constituição, n° 274, 14.12.1882.*

ACUÑA, Christóbal de. ***Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*** *– Espanha – Madrid – Ed. García, 1891.*

AGASSIZ, Luís e Elizabeth Cary. ***Viagem ao Brasil (1865 – 1866)*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2000.*

ALBUQUERQUE, Odorico Rodrigues de. ***Reconhecimentos Geológicos no Vale do Amazonas (Campanhas de 1918 e 1919)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1922.*

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. ***Ensaio Chorographico do Pará (1839)*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2004.*

BATES, Henry Walter. ***Um Naturalista no Rio Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1979.*

BLAKE, Sacramento. ***Dicionário Bibliográfico Brasileiro – Tomo I*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Nacional, 1883.*

BLUTEAU, D. Raphael. ***Vocabulario Portuguez & Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico...*** *– Portugal – Coimbra – Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.*

CANSTATT, Oscar. ***Brasil: Terra e Gente (1871)*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2002.*

CARVAJAL, Gaspar de. ***Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*** *– Espanha – Madri – Consejería de Educación – Embajada de España – Editorial Scritta, 1992.*

CASAL, Manoel Ayres de. ***Corografia Brasílica ou Relação Histórico Geográfica do Reino do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Régia, 1817.*

CONDAMINE, Charles-Marie de La. ***Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2000.*

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. ***Novo Diccionário Crítico e Etymológico da Língua Portugueza*** *– França – Paris – Officina Typográphica de CASIMIR, 1836.*

CORRÊA, Viriato. ***Histórias da Nossa História*** *– Brasil – São Paulo, SP – Monteiro Lobato & Cia., 1920.*

COUDREAU, Henri Anatole. ***Viagem ao Tapajós*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1940.*

COUDREAU, Marie Octavie. ***Voyage au Cuminá*** *– França – Paris – A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1901.*

CRULS, Gastão Luís. ***A Amazônia que eu vi*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1938.*

DANIEL, João. ***Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora da Biblioteca Nacional, 1976.*

DDB, N° 276. ***Uma Grande Injustiça*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Belém, n° 276, 08.12.1882.*

DERBY, Orville Adalbert. ***O Rio Trombetas*** *– Brasil – Belém, PA – Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de História Natural e Etnografia, 1898.*

FONSECA, Wilde Dias da. ***Santarém: Momentos Históricos*** *– Brasil – Santarém, PA – Gráfica Tiagão, 1996.*

FRANCO, E. ***O Tapajós que eu vi*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora ICBS, 1998.*

GRANDIM, Greg. ***Fordlândia: Ascensão e Queda da Cidade Esquecida de Henry Ford na Selva*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Rocco, 2010.*

GUIMARÃES, Ildefonso. ***Os Dias Recurvos: Anatomia de uma Rebelião*** *– Brasil – Belém, PA – Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1984.*

HARTT, Charles Frederick. ***Inscrições em Rochedos do Brasil*** *– Brasil – Recife, PE – Revista do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco, 1895.*

HERIARTE, Maurício de. ***Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas (1662–1667)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Melhoramentos, 1946.*

KATZER, Friedrich. ***Geologia do Estado do Pará*** *– Brasil – Belém, PA – Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de História Natural e Etnografia, 1933.*

LECOINTE, Paul. ***L'Amazonie Brésilienne*** *– França – Paris – A. Challamel, 1922.*

MARQUES, Cézar Augusto. ***Naufrágio de Martius*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Tomo 51, 1888.*

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. ***Quando o Amazonas Corria para o Pacífico*** *– Brasil – Petrópolis, RJ – Editora Vozes, 2007.*

NOGUEIRA, Batista Caetano de Almeida. ***Ecos d'alma - Poesias Coligidas pelo Poeta Macambúzio*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Wentworth Press, 2019.*

NORONHA, José Monteiro de. ***Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 2006.*

O PAIZ, N° 16.042. ***A Expedição Rondon Pretende Atingir a Guiana Holandeza pelo Curso do Rio Trombetas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, 21.09.1928, n° 16.042.*

O PAIZ, N° 16.120. ***O Sr. Presidente da República Recebeu o Seguinte Radiograma, Procedente de Óbidos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, 08.12.1928, n° 16.120.*

O PAIZ, N° 16.181. ***Curiosa Viagem em Pleno Seio do Tumucumaque*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, 07.02.1929, n° 16.181.*

O PAIZ, N° 16.182. ***Curiosa Viagem em Pleno Seio do Tumucumaque*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, 08.02.1929, n° 16.182.*

O PAIZ, N° 16.209. ***Nas Serras do Tumucumaque*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 16.209, 07.03.1929.*

O PAIZ, N° 16.273. ***A Inspeção das Fronteiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 16.273, 10.05.1929.*

O PAIZ, N° 16.274. ***A Inspeção das Fronteiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 16.274, 11.05.1929*

O PAIZ, N° 16.275. ***A Inspeção das Fronteiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 16.275, 12.05.1929*

OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. ***Qual era a Condição Social do Sexo Feminino entre os Indígenas do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal de Historia e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico Geográfico – N° 14, julho de 1842.*

ORICO, Osvaldo. ***Mitos Ameríndios e Crendices Amazônicas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Civilização Brasileira, 1975.*

PACOTILHA, N° 176. ***As Questões Comerciais*** *– Brasil – São Luís, MA – Pacotilha, n° 176, 27.07.1903.*

PEREIRA, Edithe. ***Arte Rupestre na Amazônia: Pará*** *– Brasil – São Paulo, SP – UNESP, 2004.*

PERRAULT, Charles. ***O Barba-Azul*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia das Letrinhas, 2009.*

QUEIROZ, Guilherme. ***PAC do Exército*** *– Brasil – São Paulo, SP – ISTO É DINHEIRO, Edição n° 669, 30.07.2010.*

QUEIROZ, Rachel de. ***Gastão, por Rachel de Queiroz*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista O Cruzeiro, 29.08.1959.*

RAMOS, Bernardo de Azevedo da Silva. ***Inscrições e Tradições da América Pré-histórica, Vol 1*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1930.*

REIS, Arthur Cezar Ferreira Reis. ***Manaus e Outras Vilas*** *– Brasil – Manaus, AM – Tipografia Fênix, 1935.*

REIS, Arthur Cezar Ferreira Reis. ***Santarém: seu Desenvolvimento Histórico*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Civilização Brasileira, 1979.*

RODES, Apolonio de. ***Las Argonáuticas*** *– Espanha, Madri – Editora Manuel Pérez Lopes, 1991.*

RONDON, Marechal Cândido Mariano da Silva. ***Índios do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora do Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos índios, 1955.*

RIHGB, N° 40. ***Exploração do Rio Trombetas e seus Afluentes*** *– Brasil – Belém, PA – Revista do Instittuto Histórico e Geográfico Brasileiro, n° 40, 2ª Parte – Tipografia do Diário Oficial, 1891.*

RSGRJ, 1891. ***Importantes informações prestadas pelo Sr. engenheiro A. M. Gonçalves Tocantins ao Sr. Governador do Estado do Pará...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, 1° Boletim, Tomo VII, 1891.*

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. ***Tupaiulândia*** *– Brasil – Santarém, PA – Gráfica e Editora Tiagão, 1999.*

SOUSA, Padre Nicolino José Rodrigues de. ***Diário das Três Viagens*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1946.*

SOUTHEY Robert. ***História do Brazil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria de B. L. GARNIER, 1862.*

SPIX & MARTIUS, Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius. ***Viagem pelo Brasil (1817–1820)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições Melhoramentos, 1968.*

SPRUCE, Richard. ***Notas de um Botânico na Amazônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 2006.*

THORON, Enrique Onffroy de. ***Antiguidade da Navegação do Oceano. Viagens dos Navios de Salomão ao Rio das Amazonas, Ophir, Tarschich e Parvaim, 1869*** *– Brasil – Belém, PA – Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará, Tomo IV, 1904.*

*TOCANTINS, Gonçalves****. Exploração do Rio Trombetas e seus Afluentes*** *– Brasil – Belém, PA – Tipografia do Diário Oficial, 1891.*

TOCANTINS, Gonçalves. ***Rio Cuminá: Recordações*** *– Brasil – Belém, PA – Diário Oficial do Pará, 1894.*

Dai-me uma Alma Transposta de Argonauta – II
(Fernando Pessoa)

[...] Capitães, contramestres — todos nautas
Da descoberta infiel de cada dia ó
Acaso vos chamou de ignotas flautas
A vaga e impossível melodia.
Acaso o vosso ouvido ouvia
Qualquer coisa do Mar sem ser o Mar
Sereias só de ouvir e não de achar?

Quem atrás de intérminos oceanos
Vos chamou à distância como [?] quem
Sabe que há nos corações humanos
Não só uma ânsia natural de bem
Mas, mais vaga, mais subtil também,
Uma coisa que quer o som do Mar
E o estar longe de tudo e não parar.

Se assim é, e se vós e o Mar imenso
Sois qualquer coisa, vós por o sentir
E o Mar por o ser, disto que penso;
Se no fundo ignorado do existir
Há mais alma que a que pode vir
À tona vã de nós, como à do Mar,
Fazei me livre, enfim, de o ignorar.

Dai-me uma alma transposta de argonauta,
Fazei que eu tenha, como o capitão
Ou o contramestre, ouvidos para a flauta
Que chama ao longe o nosso coração,
Fazei-me ouvir, como a um perdão,
Numa reminiscência de ensinar,
O antigo português que fala o Mar!

Árvore Funesta - II
(Múcio Teixeira)

III

E da árvore à sombra, nas devesas ([298]),
Sonhava a Musa – exposta às tempestades:
Voavam, assustadas, as tristezas...
Pousavam, silenciosas, as saudades!...

Caiu mais tarde o temporal medonho,
A árvore esfolhou-se... De tal sorte
Passou a Musa, sempre entregue ao sonho,
Do ermo da vida à solidão da morte!

IV

Ó mulheres, que andais pelas devesas,
Ó moças, que cismais nas soledades:
Passai, – que aí só pousam as tristezas...
Fugi, – que aí pernoitam as saudades!

– Jaz, agora, sem folhas e sem flores,
Mas sempre erguido, o tronco solitário,
Que foi outrora o ninho dos amores
Do coração do moço visionário!

V

Como grupos travessos de crianças
Que apedrejam as aves dos sertões,
A intriga – afugentou-me as esperanças...
A inveja – espavoriu-me as ilusões!...

---

[298] Devesas: matas, arvoredos. (Hiram Reis)

Devemos possuir uma força armada capaz de oferecer uma ameaça a qualquer aventura militar, capaz de dissuadir, se não pela possibilidade de vitória, pela capacidade de tornar caro, pesado, o ônus da aventura militar.

Como conceituou o General Beaufre, nos anos 60, capaz de convencer aqueles que nos ameacem, que pagarão caro, em vidas humanas e em recursos logísticos, à decisão de intervir.

Assim estaremos, pela dissuasão estratégica, garantindo a nossa soberania, e evitando [é bem possível] o confronto armado.

(Gen-Div Carlos de Meira Mattos)